Renata Udler Cromberg

O amor que ousa dizer seu nome
Sabina Spielrein – pioneira da psicanálise

Tese para obtenção do grau de doutor

Departamento de Psicologia Social e do Trabalho
Instituto de Psicologia
Universidade de São Paulo

Orientador: Nelson da Silva Jr

São Paulo

2008

Renata Udler Cromberg

O amor que ousa dizer seu nome
Sabina Spielrein – pioneira da psicanálise

Tese para obtenção do grau de doutor

Departamento de Psicologia Social e do Trabalho
Instituto de Psicologia
Universidade de São Paulo

Orientador: Nelson da Silva Jr

São Paulo

2008

Renata Udler Cromberg
O amor que ousa dizer seu nome
Sabina Spielrein – pioneira da psicanálise

Tese para obtenção do grau de doutor
Departamento de Psicologia Social e do Trabalho
Instituto de Psicologia
Universidade de São Paulo
Orientador: Nelson da Silva Jr
São Paulo
2008

Banca Examinadora

Data de aprovação:

MARILENA CHAUÍ

ZELIA RAMOZZI CHIAROTTINO

RENATO MEZAN

FLAVIO CARVALHO FERRAZ

A Luís Carlos Menezes
com amor

à vida
à psicanálise
às flores selvagens

A Nelson da Silva Junior
que me acolheu amorosamente
do princípio ao fim, sustentando
a verdade da abertura,
o que fez dele
parceiro certo,
parteiro
de minhas idéias, histórias e fantasias teóricas

A
Carla Tennenbaum
Roberta Tennenbaum
Julia Cromberg Teixeira

pelo amor, alegria e apoio
sempre presentes
nas nossas
vidas

A minha avó, **Dora Kojuchnik Udler** (*in memoriam*), que atravessou os mares por um amor que a salvou. Agora entendo a sua dor pela tragédia stalinista que fez desaparecer sua família.

A meu avô, **Selman Udler** (*in memoriam*), pela abertura constante de seu imenso sorriso que até hoje me convida à vida e por ter trazido todos à esta terra *brasilis* que desde tão cedo me ensinou a amar com sua gratidão.

A minha mãe, **Maria Udler Cromberg** (*in memoriam*) e a meu pai, **Salvador Cromberg** (*in memoriam*), que me transmitiram força de vida e amor ao pensamento e são agora presenças amorosas que me visitam.

A **Ita Zaguer Kronberg Krasilchik** (*in memoriam*) que era cega na Bessarábia e voltou a enxergar no Brasil. A **Herman Kronberg** (*in memoriam*), avô austríaco que não conheci e **David Krasilchik** (*in memoriam*), avô de pura ternura.

A meu irmão **Valter Udler Cromberg**, pelo apoio incondicional com que expressa seu afeto, quando eu mais preciso. A minha cunhada **Maria Cláudia Marzolla Cromberg**, pela sustentação de seu olhar amoroso. A Marcel e Marina, pelo seu carinho.

A **Monica Udler Cromberg** e **Silvio Queiroz**, por muitas coisas, mas sobretudo pela alegria de conviver com a **Aninha**.

Aos **Muroch**.

A **Ivone de Jesus**, que me ensinou o que é cidadania feminina.

A **Vania Veras da Cruz**, minha “filha” do Ceará.

A **Maria Aparecida da Silva**, **Gabriel Pessoa da Silva**, **Irene Maria de Lima Santos** e **Silvia Oliveira da Silva**, cujo afeto está presente no apoio cotidiano.

A **Ronald Tennenbaum** e **Francisco Elinaldo Teixeira**, pais amorosos e que fizeram parte do meu percurso.

A **Elisabeth Goldfarb** (*in memoriam*) e **Neucy Akagi Jordão**, amigas queridas para sempre.

A **Rosa Ferreira da Silva** (*in memoriam*) que cuidou de todos com tanto amor.

A **Fernando de Novaes Oliveira**, “genro” de quem já gosto tanto.

AGRADECIMENTOS

A **Renato Mezan**, amigo de tantos anos, presença fundamental para que eu desse a forma final à minha Sabina e escolhesse apenas uma tese, ele que é um pioneiro e ensinou a tantos a enveredar pela história da psicanálise.

A **Paulo Cesar Endo**, amigo com quem alcei vôos em outros mundos e que me apontou o lugar de aterrizar no centro da minha tese, quando eu precisava terminar.

A **Decio Gurfinkel**, a força de nossa amizade e do compartilhamento do amor pelas idéias e conceitos clínicos, não o impediu de me apontar, com delicadeza, os obstáculos e sugerir saídas de impasses.

A **Flávio Carvalho Ferraz**, pelo lúcido apoio e pela nossa sólida amizade, imprescindível para mim, nos bons e nos maus momentos.

A **Tales Ab'Saber**, amigo que sempre encontra o lugar preciso onde a carne se faz texto, e lá sustenta a minha criação.

A **Mara Selaibe**, **Noemi Moritz Kon** e **Zina Filler**, amigas rendeiras de muitas tecituras, amantes da língua, primeiras leitoras, pela maneira como se fizeram presentes de forma inabalável no final, com a sinceridade de seus apontamentos.

A **Maria de Lourdes Caleiro Costa**, que emprestou sua inteligência, cultura e amor à música do texto para me ajudar em trechos prolixos da minha escrita.

A **Marilena Chauí**, que me ensinou a pensar de maneira livre e, portanto, múltipla e amorosa.

A **Silvia Leonor Alonso**, com carinho e gratidão, por ter sido matriz da psicanálise

A **Regina (Raíssa) Schnaiderman**, russa feita brasileira, com quem participei juntamente com os psicanalistas da sua e da minha geração da criação e fundação do **Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae**.

A **Cristina Parada Franch** que acreditou, apoiou e organizou a apresentação inicial de Sabina Spielrein de uma maneira que muito me honrou e aos meus **amigos e colegas do Departamento**, que sempre manifestaram interesse e apoio pelo meu trabalho de tese.

A **Zelia Ramozzi-Chiarottino** e **Maria Luisa Sandoval Schmidt**, pela ousadia amiga de acreditar que eu poderia dar um salto, defendendo com contundência a minha passagem direta do mestrado para o doutorado.

A **Chaim Samuel Katz** pela sua sabedoria amiga e pela generosidade de um convite importante para a tecitura da tese. À **Formação Freudiana** do Rio de Janeiro, pelo interesse e carinho com que acolheram meu trabalho.

A **Aline Gurfinkel**, pelo incentivo constante de sua amizade.

A **Maria Helena Fernandes**, **Paula Fransciquetti** e **Janete Frochtengarten**, pela força do seu apoio.

À **Elisabeth Márton**, pela confiança com que disponibilizou seu filme *Meu nome era Sabina Spielrein* e a permissão para sua tradução em legendas em língua portuguesa. A **Marcio Giovanetti** que o emprestou a primeira vez que o assisti.

Ao grupo **orientações@ yahoo.com.br** (**Lívia**, **Marcelo**, **Susana**, **Daniel**, **Gláucia**, **Clarissa**, **Flávia**, **Taís**, **Heloísa**, **Sérgio** e **Domenico**) cujos encontros em presença e virtuais criaram a presença cúmplice necessária para os longos anos de aprendizagem e pesquisa, com muitas risadas e trocas.

A **Cleusa Maria Abreu** e **Cristina Sawaia**, que desejaram se aproximar junto comigo do estudo da obra de Sabina Spielrein, num grupo de estudos formado em 2003.

Aos **meus alunos de 2003**, nos cursos de psicanálise **do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e da Faculdade de Saúde Pública** que compartilharam da inclusão inaugural de Sabina Spielrein, nos cursos que ministrei sobre teoria psicanalítica.

A **Renata Mundt**, que se dispôs com alegria ao trabalho insano de revisão da tese para se apropriar de um percurso para a tradução do alemão da obra de Sabina Spielrein.

A **Cecília, Nalva, Clarice, Ronaldo e Aída** secretárias do Instituto de Psicologia da USP, que deram todo apoio de maneira gentil e atenciosa.

A **Miriam Chinalli** pelo incentivo à tradução da obra de Sabina Spielrein.

A **todos os meus amigos** que me apoiaram com seu interesse e torcida.

Talvez seja possível perceber este tempo não linear do desenvolvimento conceitual analítico e seu profundo compromisso com a alma de quem faz o trabalho, o fato de que nosso saber surge de um corpo e de um ser histórico vivo, e sempre retorna também a ele. O inconsciente que pode ser pensado tem seu trabalho regulado por suas próprias regras e tempo, mas marca a dicção de cada analista com a particularidade de cada ser envolvido em sua própria pesquisa, bem como com os termos universais que surgem do trabalho. Assim o histórico e contingente, a vida psíquica própria de um analista, chega a tocar o universal, a formulação cultural da psicanálise.

Tales M. Ab'Saber **O sonhar restaurado**, p.247

RESUMO

A análise dos documentos encontrados no início dos anos setenta e nomeados como *Dossiê Spielrein*, que trouxeram a tona a psicanalista, Sabina Spielrein, por meio do seu diário e da sua correspondência com Freud e Jung, bem como seus escritos principais, permite afirmar que ela foi a visionária e introdutora do conceito de pulsão de morte em psicanálise. Isto se deu no seu texto de 1911, *A destruição como causa do devir* (SPIELREIN,1981a), apresentado em novembro, na Sociedade Psicanalítica de Viena, da qual ela foi a segunda mulher a se filiar. A análise deste texto permite localizar a origem do conceito de pulsão de morte em Sabina Spielrein, ligada ao percurso freudiano e à ruptura entre Jung e Freud. Além disso, a ausência de seu nome por seis décadas das obras fundamentais da história da psicanálise aponta para um soterramento histórico que precisa ser compreendido. O escrito *princeps* visionário de Sabina Spielrein foi seguido de escritos importantes, principalmente de *As origens das palavras infantis Papai e Mamãe* (1922), (SPIELREIN,1981b) lido no VI Congresso Internacional de Psicanálise, o mesmo em que Freud leu *Mais além do Princípio do prazer*, em 1920, e *Algumas analogias entre o pensamento da criança, o do afásico e o pensamento subconsciente* (1923) (SPIELREIN,2002a), que esboçam uma teoria psicanalítica da origem e do desenvolvimento da linguagem nas crianças e da formação do símbolo. Trabalhou com Jean Piaget no Instituto Rousseau, entre 1920-1923. Foi sua analista e ambos pertenceram à Sociedade Suíça de Psicanálise. Piaget leu seu trabalho *O pensamento simbólico e o pensamento da criança* no VII Congresso Internacional de Psicanálise, em 1922. Podemos afirmar o pioneirismo destas idéias e de um solo comum entre os dois na discussão das questões sobre a formação do pensamento e da linguagem. Sabina Spielrein, em suas pesquisas e seus escritos, participa das reflexões sobre a aquisição da linguagem e do pensamento pela criança e acaba pondo em contato as questões sobre a emergência da linguagem e do pensamento simbólico em Freud e Piaget. Ela teve um papel central na introdução à psicanálise a Jean Piaget e na apresentação da obra deste a Vigotsky.

A verdade, que vem à tona da análise de seus três principais textos e de algumas observações feitas em seu diário e suas cartas é que Sabina Spielrein é uma teórica inovadora em psicanálise e uma pioneira em vários sentidos: primeira analista mulher de crianças, primeira a escrever sobre esquizofrenia usando este termo, primeira a escrever uma tese sobre psicanálise em uma universidade, primeira, junto com Stekel, a pensar e formular o componente destrutivo da pulsão e a presença de uma força além do princípio do prazer, que busca o desprazer. Uma original teórica, pois, embora partindo sempre de imagens, pois para ela, o pensamento parte sempre de imagens, não fica nelas. Trabalha com argumentos, desenvolve raciocínios e avança hipóteses metapsicológicas.

Palavras chaves: pulsão de morte, Sabina Spielrein, destruição, linguagem, angústia, feminino

SUMMARY

The analysis of the documents found at early seventy years and named Spielrein Dossiê made emerge Sabina Spielrein by her diary, her letters and her writings. It enable us to affirm that she was the visionary and introducer of the concept of death drive in psychoanalysis. This happened with her 1911's essay "Destruction as the cause of coming into being", presented on november, at Wien Psychoanalytical Society. She was the second woman which filiated on it. The origin of the death drive concept in Sabina Spielrein is connected with Freud conceptual way and the cut between Freud and Jung. There is an historical sink that must be understood. Her others important writings were "The origin of the child's words Papa and Mama" (1922) (SPIELREIN,1981b) and "Some analogies between the thought of the child, that of the afasic and subconscious thought" (1923). (SPIELREIN,2002a) which design a psychoanalytic theory of the origin and the development of child language and the symbol formation. She worked with Jean Piaget, at the Rousseau Institute, between 1920-1923, she was his analyst and both belonged to Switzerland Psychoanalytical Society. Piaget red his work "Symbolical thinking, child thinking" at VII International Congress, in 1922. We can affirm the pioneer form of this ideas and a common ground for the discussion of this questions about thinking and language formation. She was the central person on psychoanalysis introduction to Piaget and to show his writings to Vigotsky.

The truth is that she was a theoretical innovator and a forgotten pioneer in many senses. First child analyst, first to write esquizofrenia word in an essay, first to write a psychoanalytical university thesis, first to formulate the destructive component of the drive and the presence of a beyond pleasure force that seeks for displeasure. She formules meta psychological hypothesis through imagetical thinking in an original way.

Key words: death drive, Sabina Spielrein, destruction, language, anguish, feminility

Periódicos de Psicanálise até 1930:

Jarbuch - Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen

(Anais de pesquisas psicanalíticas e psicopatológicas) – primeira revista oficial do movimento psicanalítico, antes da criação da IPV, futura IPA, criada por Freud e Bleuler em 1909, deixou de existir após o conflito de Freud com Jung

Imago – (Revista para aplicação da psicanálise às ciências do espírito) – Revista criada por Freud, em 1912 e dirigida por ele com Sachs e Rank. O título foi tomado de empréstimo ao romance publicado em 1906 pelo escritor suíço Carl Spitteler, Prêmio Nobel de literatura de 1919. Teve tamanha repercussão no meio analítico que originou um conceito.

IZP - Internationale ärztliche Zeitschrift für Psychoanalyse – criada em 1913. Em 1939, fundiu-se com a Imago para dar origem à

IZP- Imago - Internationaler Zeitschrift für Psychoanalyse und Imago, que deixaria de ser publicada em 1940.

IJP - International Journal of Psycho-analysis – criado em 1920 por Ernst Jones, em 1941 se torna o órgão oficial da IPA.

Sumário

VOLUME I

I – INTRODUÇÃO –O PIONEIRISMO DE SABINA SPIELREIN	p. 1
II – A OBRA DE SABINA SPIELREIN.....	p. 169
III - ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ESQUECIMENTO DA OBRA	
DE SABINA SPIELREIN.....	p. 263
IV – CONCLUSÃO.....	p. 348
REFERÊNCIAS.....	p. 368

VOLUME II

I - APÊNDICES

APENDICE A – A ARQUEOLOGIA DA RUÍNA COMO MÉTODO

**APÊNDICE B - ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM: FREUD, SAUSSURRE,
JAKOBSON E LACAN**

II - ANEXOS

**ANEXO A – A DESTRUIÇÃO COMO CAUSA DO DEVIR – TRADUÇÃO
PARCIAL LIVRE**

ANEXO B - DIE DESTRUKTION ALS URSACHE DES WERDENS

ANEXO C – LA DESTRUCTION COMME CAUSE DU DEVENIR

**ANEXO D – DIE ENTSEHUNG DER KINDLICHEN WORTE PAPA UND
MAMA**

ANEXO E – LA GENÈSE DES MOTS ENFANTINS PAPA ET MAMAN

**ANEXO F - QUELQUES ANALOGIES ENTRE LA PENSEE DE L'ENFANT
CELLE DE L'APHASIQUE ET LA PENSEE SUBCONSCIENTE
EINIGE ANALOGIEN ZWISCHEN DEM DENKEN DES
KINDES, DES APHASIKERSN UND DEM NTERBEWUSSTEN
DENKEN**

I - INTRODUÇÃO – O PIONEIRISMO DE SABINA SPIELREIN

O ACHADO ARQUEOLÓGICO

Entre 1974 e 1976, o italiano Aldo Carotenuto, professor e psicanalista junguiano, em suas aulas na Universidade de Roma, em grupos de estudos sobre a correspondência entre Jung e Freud e em seu livro *Sentido e conteúdo da psicologia analítica* (CAROTENUTO, 1977), já havia suspeitado da importância de Sabina Spielrein para a vida pessoal e para a criação intelectual de Jung. Apoiado na leitura de alguns trechos da obra de Jung e em passagens do livro *Recordações, sonhos e reflexões* (JUNG, 2006), Carotenuto intuiu algo do fundamental que teria se passado na experiência transferencial e contra-transferencial entre Jung e Sabina, presente como o caso clínico descrito pelo psicanalista já na quarta carta da extensa correspondência com Freud. Em seu livro, Carotenuto escreve: “o caso [de Sabina Spielrein] é exemplar, na medida em que evidencia o choque de Jung com a imagem da anima, um choque que, provavelmente deve ter influenciado todas as suas teorias a respeito” (CAROTENUTO, 1977, p.10). O livro foi lido por um colega especializado no pensamento de Claparède, Carlo Trombetta, que em suas pesquisas históricas sobre o mesmo já se deparara com o nome de Sabina. Este mencionou o livro ao Prof. George De Morsier, de Genebra, que conservou na memória a referência ao caso de Jung e Sabina. Em outubro de 1977, De Morsier informou a Trombetta que nos porões do Palais Wilson, em Genebra, a velha sede do Instituto de Psicologia, haviam sido encontrados alguns documentos relacionados a Jung, Freud e Sabina Spielrein. Uma semana depois, Aldo Carotenuto estava de posse dos documentos que fundamentavam suas conjecturas.

Os documentos continham a correspondência autógrafa entre Sabina Spielrein e Jung, 46 cartas de Jung e 12 cartas de Sabina; a correspondência entre Sabina Spielrein e Freud, 21 cartas de Freud e 2 de Sabina; o diário de Sabina Spielrein de 1909 a 1912; além de cartas de Bleuler, Rank, Stekel e pessoas menos conhecidas. Todo esse material era completamente desconhecido, não se tinha a menor idéia de sua existência até então. A edição parcial dos documentos, já que as cartas de Freud tiveram a permissão para serem publicadas em 1981 e as de Jung só recentemente (2002), e as reflexões de Carotenuto resultaram no livro *Diário de uma secreta simetria* (CAROTENUTO, 1984), escrito em 1977, o qual foi o marco inicial das pesquisas sobre Sabina Spielrein.

A partir do momento em que as cartas de Sabina Spielrein a Freud e Jung e seu diário chegaram às mãos do professor Aldo Carotenuto, eles se tornaram tal qual um achado arqueológico. De fato, tal objeto permite entrar em contato com várias camadas do tempo transtornando a relação entre elas. Revelam algo de secreto, de não conhecido, quebram totalidades de saber e compreensão e desnudam preconceitos. Os próprios dilemas enfrentados pelo destinatário do achado quanto à publicação de um material pouco ou jamais mencionado que faz referências a fatos que Jung com certeza e Freud, não tanta, pretendiam que ficassem secretos para sempre, talvez nos dêem uma pista do valor desses documentos e o que ele fez emergir pouco a pouco. Seguindo a pista arqueológica, este trabalho pretende examinar vários planos imbricados na constituição de sentido a esse material e ao que ele alude.

Parti da hipótese de que a novidade dos documentos encontrados não consiste apenas no fato de que permitiram desvendar algo do passado, uma espécie de pedaço perdido que, ao ser encontrado, completou algo do passado imutável, estático e perene, como em um quebra-cabeça do qual se tivesse encontrado a peça que faltava. Ainda que

esses documentos sejam fragmentários, eles permitem levantar hipóteses e construções. Para mim, a novidade principal foi a luz que esses documentos lançaram sobre Sabina Spielrein enquanto personagem conceitual da história do pensamento psicanalítico, portanto, a remissão aos seus escritos, encontrando neles a reverberação com uma problemática psicanalítica, humana e cultural atual. Voltar ao passado para modificar a sua compreensão, porque esse movimento permite trazer novos modos de compreensão do presente, da atualidade.

Ao analisar os textos encontrados no início dos anos setenta, nomeados como Dossiê Spielrein e que trouxeram à tona a psicanalista, delineou-se esta pesquisa que afirma que ela foi a visionária, introdutora e inventora do conceito de pulsão de morte em psicanálise. Isso se deu no seu texto de 1911, *A destruição como causa do devir* (SPIELREIN, 1912a e 1981a)¹, apresentado parcialmente, a primeira parte, em novembro desse ano à Sociedade Psicanalítica de Viena, da qual ela foi a segunda mulher a tomar parte e a se filiar. Procuro analisar as origens do conceito de pulsão de morte em Sabina Spielrein nesse texto, como antecipador do percurso freudiano e em profunda ligação com a ruptura entre Jung e Freud. Dele emerge a idéia do trabalho do amor no sentido de ligação psíquica da destrutividade, quando ela assume a forma mortífera de estagnação do devir e não causa do devir. Vida e morte transitam pela aproximação do trabalho de luto, do trabalho do sonho e do trabalho do poder, que se dá sobre o narcisismo². No trabalho da

¹ Como as obras de Spielrein e de Freud são citadas com grande frequência no decorrer da presente tese, a fim de tornar o texto mais legível, optamos por incluir suas referências apenas na primeira vez em que surgem no texto, abstando-nos de repeti-las a cada vez em que seu título é nomeado

² O trabalho do poder é aquele que luta contra o inevitável automatismo da economia narcísica que rege o eu, que o leva a desejar construir um monumento pétreo de si na praça pública, exibidor de feitos grandiosos, ainda que o preço seja a morte antecipada, morte em vida que o transforma em ilusão de glória. Ele nunca está satisfeito com seus contornos, escravizado que está a um eu ideal que algum dia teve uma função tecida pela mãe dos primórdios, mas que o fixou no lugar de uma criança tirânica e onipotente a ter sempre que transformar-se, pela vigilância de um supereu em ideais do eu. (cf. Cromberg, Renata Udler, Algumas

tessitura invisível do aparelho psíquico, gostaria de acrescentar a idéia de um quarto trabalho: o trabalho do amor. O texto de Spielrein sugere o meu próprio texto, com o qual pretendo concluir a presente pesquisa: o trabalho constante do amor se opõe à soberania da crueldade, pois, ao valorizar a mulher e o feminino, permite fazer desaparecer o narcisismo de morte, a onipotência arcaica e sua fúria destrutiva.

A ausência quase total de Sabina Spielrein em obras fundamentais no campo da história da psicanálise até 1992 faz querer entender esse soterramento dos textos e da presença de Sabina Spielrein na história da psicanálise, uma espécie de ruína gearqueológica que cria o campo de problemas e de vetores que constituem verdadeiras camadas descontínuas entre si, embora com pontos de contato, níveis de inteligibilidades, sem nenhuma intenção de sentido totalizador de explicação.

A primeira dessas camadas emerge com destaque por meio de uma nota de rodapé escrita por Freud na sexta parte de seu texto de 1919, *Mais Além do princípio do prazer*, que introduz em sua obra a reviravolta da pulsão de morte em oposição à pulsão de vida:

Em um trabalho muito rico de idéias, ainda que para mim não de todo transparente, empreende Sabina Spielrein uma parte desta investigação e qualifica de destruidores os componentes sádicos da pulsão sexual (Die Destruktion als Ursache des Werdens, em Jahrbuch für Psychoanalyse, IV, 1912). De um modo distinto tentou A. Starcke (Inleidig by de vertálig, von S. Freud. De sexuelle beschavingsmoral, etc., 1914) identificar o conceito da libido com o que teoricamente há de supor de um impulso à morte (Comp. Rank: 1907 Der Künstler). Todos estes esforços mostram o impulso em direção a um esclarecimento ainda não alcançado da teoria das pulsões. (FREUD, 1973n, p. 2536)

Esta nota liga os dois textos, *A destruição como causa do devir*, 1911, de Sabina Spielrein e *Mais Além do Princípio do Prazer*, 1919, de Sigmund Freud, e constitui um eixo central desta investigação: podemos dizer que a nota de rodapé feita por Freud confirma a antecipação da introdução das idéias que estava apresentando por Sabina Spielrein em seu texto – embora, na época, não tivesse sido inteiramente inteligível para ele – abrindo um campo virtual muito grande de conexões que trazem novas inteligibilidades que permitem novas aberturas. Uma primeira conexão é o uso de dados biológicos tanto por Freud como por Spielrein na formulação do conceito de pulsão de morte, embora de maneiras diferentes. Uma segunda conexão é a idéia da compulsão à repetição do desprazeroso como indício da existência de um outro princípio de funcionamento psíquico presente nos dois textos. Uma terceira conexão é o conceito de destrutividade que, em Spielrein, aparece como a existência de um componente destrutivo na pulsão sexual, que ela chama de pulsão de conservação da espécie, e em Freud aparece desdobrada como sadismo em *Além do princípio do prazer* e como pulsão de destruição em *Mal-estar na Cultura* (FREUD, 1973j). Por fim, uma quarta conexão é a antecipação feita por Spielrein em seu texto do conceito de masoquismo erógeno primário, conceito que Freud formula, em 1924, em *O problema econômico do masoquismo* (FREUD, 1973f, p. 2536).

Isso nos permitiu formular a hipótese de que aquilo que aparece oficialmente como a reviravolta da metapsicologia freudiana, a criação do conceito de pulsão de morte a partir de *Mais além do princípio do prazer* é, na verdade, a expressão de um campo criado anteriormente a ele. Este foi formado não apenas pelas inquietações teórico-clínicas freudianas ou os desdobramentos de formulações anteriores de Freud — como o *Projeto para uma psicologia para Neurólogos* (FREUD, 1973q), rascunho de 1895, dado a conhecer em 1950 –, mas também pelas inquietações produzidas pelas idéias de Sabina

Spielrein, que pautam passo a passo o seu percurso até o texto de 1919 (e também o de 1924, *O problema econômico do masoquismo*), pelas contribuições de seus discípulos e pelos próprios conflitos político-afetivos entre eles e entre eles e Freud, durante a segunda década do movimento psicanalítico. O texto *A destruição como causa do devir* não somente aponta as múltiplas facetas do componente destrutivo da sexualidade, além da dificuldade de acomodação das descobertas da primeira teoria pulsional, pulsão de autoconservação X pulsão de conservação da espécie, mas, sobretudo, antecipa o paradoxo do conceito de pulsão de morte que se desdobra em múltiplas possibilidades psíquicas e muitas facetas tanto em sua manifestação clínica, como em sua conceituação. Faz pensar o quanto a ênfase no papel estrutural do Complexo de Édipo e de Castração, com eixo no fálico, dada por Freud em sua pesquisa de 1913 em diante, mas em especial dos anos 1920 em diante, não veio obturar o “rombo” da descoberta da pulsão de morte, em detrimento do movimento de nascer/morrer da destrutividade enquanto propiciadora de transformação.

Como já mencionado anteriormente, o ensaio de Spielrein *A destruição como causa do devir* foi apresentado parcialmente em novembro de 1911 à Sociedade Psicanalítica de Viena. Ela foi a segunda mulher a tomar parte e a se filiar a essa instituição, o que se deu em um encontro imediatamente depois da saída, com Adler, da primeira psicanalista que a ela se filiou, Margareth Hilferding. Ele foi publicado em 1912 no *Jahrbuch*. O visionarismo introdutor e inventor de Sabina Spielrein expresso em seu texto, apesar de uma acolhida receosa, provocou uma profunda e duradoura impressão em Freud.

Uma segunda camada obtida pela análise do contexto de produção e divulgação desse ensaio sugere fortemente que a separação Freud - Jung deveu-se não só às diferenças teóricas entre os dois, nem só às questões pessoais, mas também ao papel de pivô que Sabina Spielrein ocupou entre Freud e Jung. Esta camada só pode emergir pelo documento

descoberto em 1977, um acaso, já que estava soterrado na biblioteca em Genebra. Por meio das cartas de Freud e Jung a Sabina e de fragmentos de suas cartas a eles e de seu diário, descobrimos a intensa ligação afetiva entre Sabina e Jung, bem como o papel de terceiro interventor que Freud vem ocupar no afastamento transferencial de Sabina de seu antigo terapeuta, seu suposto amante e mentor, além de colega. As revelações constituem menos uma história de curiosidades do que um importante manancial de suas reverberações em questões teóricas e de teoria da clínica. Curiosamente, por exemplo, elas permitem uma inteligibilidade da escritura quase simultânea, no ano de 1913, por Freud, dos textos fundamentais sobre a técnica psicanalítica³ e de *Totem e Tabu* (FREUD, 1973t), colocando ambos sob a égide das questões trazidas por Jung, por um lado dos riscos do amor de transferência e por outro, as questões trazidas pelo texto junguiano, *Símbolos da transformação da libido* (JUNG, 1999), inicialmente denominado *As metamorfoses da Libido*. Normalmente tem-se dito que *Totem e Tabu* é a derradeira tentativa de Freud de manter Jung nas hostes da teoria psicanalítica, uma resposta às idéias contidas no livro de Jung. No máximo, faz-se menção aos artigos técnicos como sendo um momento de alarme de Freud contra as dissidências, quando queria manter organizado um corpo de recomendações técnicas. O que ainda não foi suficientemente analisado, mas é fortemente sugerido pelo Dossiê S. Spielrein, é que os escritos sobre técnica decorreram diretamente do período em que o analista Jung e a paciente S. Spielrein se tornaram amantes e do papel assumido por Freud como terceiro interventor. Num momento em que a psicanálise apenas começava a engatinhar pelo mundo, com poucos analistas analisados, tais artigos pretendiam domesticar, ao menos enquadrando, os demônios que a descoberta do

³ FREUD, 1973j; 1973a; 1973k; 1973p

inconsciente na relação transferencial despertavam. O que fica fortemente sugerido é que o motivo da separação Freud - Jung não foram apenas as diferenças teóricas entre os dois, nem mesmo as questões pessoais, mas também o episódio Spielrein.

Uma terceira camada diz respeito ao reconhecimento da importância da contribuição clínica e teórica de Sabina Spielrein. Assim como se diz que Anna O. e as mulheres com sofrimento histérico que Freud tratou no final do século XIX são as co-inventoras da psicanálise, não caberia a Sabina Spielrein um papel ao menos de co-invenção tanto nos caminhos junguianos como nas novas sendas psicanalíticas que as idéias inquietantes de Jung promoveram seja na sua recusa seja na sua incorporação? Com a diferença que Sabina Spielrein escreveu, publicou e se tornou psicanalista freudiana. Por que seus escritos, especialmente *A destruição como causa do devir*, não receberam a consideração que mereciam em sua inquietante inovação? Seria porque foi olhada inicialmente apenas como uma discípula do mestre Jung, além de ligeiramente desqualificada por ser mulher e por ter estado em intenso sofrimento psíquico? Jung eliminou-a das narrativas de sua vida e, quando a cita, é como sua discípula. Freud a cita, mas com a qualificação “não de todo transparente” (FREUD, 1973n, p. 2536).

Uma quarta camada diz respeito à contribuição de Spielrein ao difícil campo da compreensão dos mecanismos psicóticos. A relação entre Freud e Jung, documentada por intensa correspondência, durou de 1906 a 1913. Sabina Spielrein esteve presente nela direta ou indiretamente durante todo esse período, o qual é, de início, tímido, de consolidação de uma teoria. Jung contribuiu enormemente para as idéias de Freud neste período. Trouxe novos materiais, especialmente os oriundos de sua experiência criativa, já influenciada pela psicanálise, com pacientes ditos psicóticos, principalmente com casos de esquizofrenia (*dementia praecox*) em Burghölzli, o famoso instituto psiquiátrico dirigido por Bleuler.

Uma das partes mais geniais de sua correspondência é aquela dedicada à distinção entre esquizofrenia (*dementia praecox* então, dado que o termo cunhado por Bleuler, esquizofrenia, custou a suplantar o inicial) e paranóia com base no auto-erotismo e homoerotismo. Katz (1994) nos dá a lente que permite enxergar o trabalho detalhado, escrito com argúcia clínica e metapsicológica e fina sensibilidade para a economia das pulsões. Ora, desde a terceira carta de Jung a Freud, Sabina Spielrein aparece, sem ser nomeada, numa longa e detalhada descrição clínica que Freud comenta e que será o primeiro trabalho de Jung apresentado no primeiro congresso de psicanálise, como uma contribuição psicanalítica à compreensão de um caso de psicose histérica. E podemos imaginar que, de alguma forma, Sabina está a par dessa troca clínica teórica, pois algumas dessas idéias aparecem em seus escritos, em especial na *Destruição como causa do devir*.

Uma quinta camada surge a partir da querela de seu diagnóstico. Ora diagnosticada como esquizofrênica, ora como psicótica histérica, ora como histérica com fortes traços esquizóides, levando também em conta o teor do que produziu de invenção teórica em torno do amor e da feminilidade, podemos dizer que o caso Sabina estimula uma rica discussão do que é a loucura feminina aos olhos masculinos, o que é sofrimento histérico e o que é sofrimento esquizofrênico. Aliás, ela mesma, em seu escrito princeps, inicia essa discussão.

Há uma sexta camada que traz uma outra contribuição inovadora de Spielrein, dessa vez no campo da linguagem. Tendo elaborado uma complexa teoria do papel da linguagem e das representações no psiquismo, ligando-os fortemente aos destinos pulsionais soberanos, antecipa muitas ligações que seriam realçadas mais tarde por Lacan na associação da teoria da psicanálise com a teoria lingüística de Jakobson e Saussure. Seu

texto *A gênese das palavras infantis Papai e Mamãe* (SPIELREIN, 1920b, 1922b, 1981b)⁴, de 1919, comprova isso. Ele foi escrito e apresentado no mesmo Congresso de Psicanálise em que foi apresentado o texto freudiano *Mais além do princípio do prazer* que apresenta o famoso *fort/da* como o exemplo princeps da origem da linguagem. Sabina teve ligações com Piaget, de quem foi analista, no Instituto Rousseau, o qual fazia na época pesquisas pioneiras sobre a constituição da linguagem na criança, e com Vygotsky e outros pioneiros russos do estudo da linguagem, quando retornou a seu país de origem.

Uma última camada conecta referências biográficas e historiográficas possíveis de Freud e da psicanálise a fim de verificar a ausência total de Sabina Spielrein em obras fundamentais neste campo como as biografias de Jones, Roazen e Schur e apenas uma pequena menção a ela por Gay. Recentemente, no livro *Genealogias* de Elisabeth Roudinesco (1995), nas efemérides que faz da psicanálise ano a ano, de 1856 a 1991, aparecem todos os fatos que envolveram Sabina e Jung, mostrando já a incorporação do trabalho com base no que foi resgatado com o material encontrado. Spielrein aparece também no *Dicionário de psicanálise*, feito por Roudinesco e Michel Plon (PLON; ROUDINESCO, 1998). Busco aqui entender o contexto histórico - cultural - institucional desse soterramento histórico.

As próprias circunstâncias da vida de Sabina Spielrein fazem dela a condensação, ao mesmo tempo, do pioneirismo visionário, o mais arrojado e da regressão, a mais bárbara, espécime único, singular, mas também exemplar da tragédia de seu tempo. Há algo de insólito, logo de saída, na trajetória histórica dessa moça russa e judia, que se torna médica no início de um século que estava apenas começando a legitimar a cidadania feminina, que

⁴ Relatório apresentado no VI Congresso Psicanalítico Internacional de Haia, em setembro de 1920. Publicado em *Imago*, 8, 1922.

fala várias línguas, dedica-se à música, tendo se tornado compositora, a segunda mulher pioneira na psicanálise, pioneira em consolidar a peste psicanalítica em tempos de revolução comunista, pioneira em juntar psicanálise e educação, psicanálise e a incipiente lingüística, viaja de volta à pátria-mãe, o que a leva a participar também da proibição e do desaparecimento da psicanálise no Gulag stalinista que dizimou sua família de origem. Morre fuzilada pela milícia nazista, junto com suas duas filhas, na sinagoga de sua cidade natal, num dia comum, voltando do jardim de infância em que dava aulas de música ou numa vala nos arredores de sua cidade natal, segundo as duas principais versões circulantes sobre a sua morte.

SABINA SPIELREIN – UMA VIDA

Último desejo:
plantar um carvalho e escrever:
“Eu fui uma vez um ser humano,
eu era chamada Sabina Spielrein”
28 de agosto de 1913⁵

A autenticidade e a sensibilidade são as características mais marcantes que perpassam a vida, a vida psíquica e a obra de Sabina Spielrein. Ela habitava plenamente seu patronímico, fazendo dele a sua casa: *Spielrein* – Jogo Justo (limpo) ou jogue justo, coloque bem sua voz, cante no tom ou o jogo no estado puro, “centrado no prazer único que ele proporciona de repetir a separação e o prazer. Exatamente o Fort-Da.” (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p. 379). Em idish, jogar no tom justo. Tom, voz que ela usou simultaneamente nas suas duas paixões culturais: a psicanálise e a música.

⁵ Citado no filme de Elisabeth Marton, *Ich hiess Sabina Spielrein*, 2002, Suécia.

A biografia de Sabina Spielrein é um trabalho em processo, desde 1977, com a publicação de suas cartas e diários que vem se enriquecendo de descobertas à medida que as pesquisas sobre sua vida e obra se ampliam pelos diferentes continentes. Num artigo de 1999 em que apresenta as cartas de Jung a Spielrein que não haviam ainda sido publicadas e dados novos encontrados no arquivo Claparède, Lothane (1999) faz um breve apanhado das pesquisas sobre Spielrein até então. Até os anos 1980, Spielrein era apenas uma citação nas notas de rodapé da obra de Freud e um tópico na correspondência entre Jung e Freud. Depois das publicações em italiano de Trombetta e Carotenuto (1977), em 1977, traduzidas para o inglês em 1982 e para o alemão em 1986, e algumas cartas de Jung a Spielrein já publicadas, Kerr publicou em 1993 *Um método muito perigoso* (1997). No mesmo ano, Bernard Minder (COVINGTON; WHARTON, 2003) publicou os registros do arquivo de Spielrein no hospital Burghölzli e outros documentos inéditos até então. Em 1994, uma tese de doutorado defendida por Wackanut & Wilke⁶, em Hannover, incluiu trechos de novos diários encontrados, tanto em russo como em alemão e cartas inéditas de Spielrein. Em 2003, Coline Covington e Barbara Wharton (2003) publicaram *Sabina Spielrein – Forgotten Pioneer of Psychoanalysis*, que reúne trechos ainda não editados do diário de Sabina, as cartas de Jung a ela, os registros de Burghölzli e vários artigos de comentadores, além da tradução de artigos de Spielrein. É curioso como a pesquisa em torno da vida de Spielrein reúne ensaios de analistas junguianos e psicanalistas como material de consulta bibliográfica recíproca.

⁶ Wackanut & Wilke 1994, Sabina Spielrein. Missbrauchüberlende und Psychoanalytikerin. Eine Studie ihres Lebens und Werkes unter besonderer Berücksichtigung ihrer Tagebücher und ihres Briefwechsels) Inaugural-Dissertation, Medizinische Hochschule, Hannover, Germany)

UMA BIOGRAFIA⁷

Rostov sobre o Don (Rostov-sur-le-Don), cidade onde Sabina Nikolajevna Spielrein nasceu em 1885, e onde morreu provavelmente em 1942, fica na Rússia, às margens do Mar Negro, entre Riga, ao norte, e Odessa, ao sul, o chamado corredor judaico criado por volta de 1800 pela publicação de uma lei do governo russo, e que, em 1939, tinha 260.000 habitantes⁸. Local de numerosos *pogroms*⁹ foi também lugar de entrecruzamento de numerosos movimentos da judeidade: caraitas¹⁰, chassidim¹¹ (Lubavitch) e rabinistas¹².

⁷ Várias fontes compuseram esta biografia: VOLNOVITCH, Sabina...; SCHALAYEFF, 1997; SOUZA, (site: Symbolon)

⁸ Chaim Waitzmann, o fundador de Israel, diz em suas memórias sobre Rostov, terra de sua esposa, que era a porta para o Cáucaso. A comunidade judaica lá era pequena e exposta às mesmas perseguições que perturbavam a vida dos judeus em todo o Corredor. Mas as condições materiais eram em geral mais favoráveis. O distrito era rico e a competição menor e, se a família pertencia à classe dos mercadores, gozava de privilégios particulares como judeus, e sua existência era assegurada.

⁹ **Pogrom** (do russo погром) é um ataque violento maciço a pessoas, com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos). Historicamente, o termo tem sido usado para denominar atos em massa de violência, espontânea ou premeditada, contra judeus e outras minorias étnicas da Europa. A palavra tornou-se internacional após a onda de pogroms que varreu o sul da Rússia entre 1881 e 1884, causando o protesto internacional e levando à emigração maciça dos judeus. De acordo com os registros da história dos judeus nos Estados Unidos, a imigração judaica da Rússia aumentou drasticamente naqueles anos, totalizando cerca de dois milhões de judeus russos entre 1880 e 1920. Pelo menos uma parte dos pogroms devem ter sido organizados ou apoiados pela *okhranka* (polícia secreta russa). Apesar de não haver provas, a indiferença da polícia e do exército Russos foram amplamente comentados, e.g., durante o primeiro pogrom de Kishinev de 1903, que durou três dias, bem como as precedentes incitações anti-semitas em artigos de jornais - uma indicação de que os pogroms estavam em linha com a política interna da Rússia Imperial. A Revolução Russa de 1917 e a conseqüente Guerra Civil Russa foram acompanhadas de vários pogroms. Por um lado, judeus ricos partilharam o destino de outras pessoas ricas da Rússia. Por outro lado, as povoações judaicas sofreram vários pogroms pelo Exército Branco, que via nos judeus atores principais do "complô judaico-bolchevique". A organização da auto-defesa judia parou os pogromistas em certas áreas durante o segundo pogrom de Kishinev. O New York Times descreveu o primeiro pogrom de Kishinev: "As desordens antijudeus em Kishinev, na Bessarábia, são piores do que o censor permitirá publicar. Houve um plano organizado para o massacre aos judeus no dia a seguir à páscoa russa. A gentilha foi liderada por padres e o grito geral "Matem os Judeus", fez-se ouvir por toda a cidade. Os judeus foram tomados desprevenidos e abatidos como ovelhas. O número de mortos chega aos 120 e os feridos cerca de 500. As cenas de horror do massacre são indescritíveis. Bebês foram literalmente desfeitos em pedaços pela multidão enfurecida. A polícia local não fez qualquer tentativa de conter o reino do terror. Ao pôr do sol, as ruas estavam cheias de cadáveres e de feridos. Aqueles que conseguiram escapar fugiram aterrorizados e a cidade está agora praticamente deserta de Judeus" ("Jewish Massacre Denounced," New York Times, April 28, 1903, p 6). Agradeço a pesquisa a Roberta Tennenbaum.

¹⁰ Caraitas - crêem apenas na Torá escrita e não nas leis rabínicas ou nas compilações de leis orais (Talmud e outras). Acreditam que só a Torá sozinha com livre interpretação tem muitas possibilidades de orientação prática.

¹¹ chassidim - O Chassidismo foi fundado pelo sábio Baal Shem Tov (1698 - 1760) e representou uma série de revoluções no ortodoxismo judaico. Livros místicos, alegria, acesso democrático à Deus por qualquer judeu. Baal Shem Tov veio numa época em que a prática religiosa estava muito elitizada e por isso também menos

Sabina vinha de uma rica, culta e cosmopolita família judaica. O pai, Nikolai Arkadjevitch Spielrein (no original judaico, que ele trocou pelo russo, Naftul Aronovitsch Spielrein), era um comerciante de grãos e proprietário de terras, que administrava sua própria frota mercante e viajava muito. Fez considerável fortuna e era conhecido na cidade por sua personalidade forte e idéias originais. A mãe, Eva Marcona Lujublinkaya, era uma dona de casa num palacete com numerosos empregados, de acordo com seu status. Além de ter freqüentado um Ginásio Cristão, recebeu instrução universitária como dentista, uma das primeiras mulheres russas a fazê-lo, e exerceu a profissão até 1903, mais por prazer do que por necessidade, interrompendo a atividade para cuidar de seus filhos. Costumava viajar a Paris com freqüência e ter amantes. O avô e o bisavô maternos eram rabinos muito estimados na família e na comunidade Jekaterinstadt, onde exerciam o sacerdócio. Sabina era a filha mais velha, seguida de três irmãos, Isaak (Sanja, Oskar), Jean (Jan, Jascha) e Emil (Milja) e de uma irmã mais nova, Emilia (Milotschka), que morreu de tifo aos seis anos de idade, em 1901, quando Sabina tinha quinze anos. Isaak e Jean se tornam eminentes cientistas em suas especialidades, um, psicólogo inventor dos testes psicotécnicos, o outro, físico-engenheiro. Os pais deram a seus filhos uma ampla educação com a qual chegaram a dominar vários idiomas: latim, inglês, francês, alemão, polonês e russo. Um valor especial era conferido à educação das crianças que tinham, além de uma babá, um tutor privado que as preparava para o Ginásio, e um professor de música. Por isso Sabina tocava piano muito bem e estudou composição. Aos cinco anos, os pais a enviaram a Varsóvia e internaram em um colégio que tinha um plano piloto baseado no jogo como

disseminada. Muitos milagres relatados e seguidores deixados por Ele. Cada um fundou sua "chassidut" e a de Lubawitch (uma cidade da Rússia) foi fundada pelo primeiro Rabino e a dinastia durou até 1994, qndo o Rebbe de numero 7, faleceu sem filho algum. Esse movimento também é conhecido como Chabad e tornou-se popular e forte, politicamente inclusive, porque, ao contrário das outras linhas, tem uma abertura e recepção muito grande aos judeus não praticantes.

¹² rabinistas - que seguem as doutrinas dos rabinos e sábios em geral.

motor principal para o desenvolvimento de atitudes naturais nas crianças. Aos onze, já estava no ginásio de Rostov. Sabina terminou o bacharelado no ginásio feminino de sua cidade, em 1904, com a honra mais alta, uma medalha de ouro pelo primeiro lugar. Ela queria estudar medicina. Seu avô rabino lhe deu a benção para doutora, mas na Rússia, como judia e mulher, ela não conseguiria achar lugar para estudar. Não pensava em se casar, então foi mandada a Varsóvia para ficar com a família polonesa. Aos dezoito anos, não sabia que direção dar a si e à sua vida. Então cai num grave estado psicológico. Ao voltar para casa, a situação da família com a jovem se tornou intolerável e a família decidiu buscar ajuda no exterior.

As fontes da formação intelectual de Sabina são principalmente o rabino, o professor de matemática e seu tio materno, Lublinsky, um intelectual inquieto e erudito, médico, que vai com a mãe e com ela para a Suíça e a interna para tratamento no Instituto Burghölzli, em Zurique, em 17 de agosto de 1904, às 22.30 horas, aos 19 anos. Antes disso, ela freqüentou por quatro semanas o Instituto Heller especializado em doenças nervosas, de onde pede para sair e o prof. Monakov, famoso médico que declinou de trata-la. Após ter feito um estardalhaço no famoso hotel em que estava em Zurique, foi acompanhada também por um oficial de polícia médico, levando um relatório médico de um tal Dr. Bion e de seu tio. Ela não estava louca, insistia em dizer, apenas ficara contrariada no hotel; não podia suportar pessoas ou barulhos. No entanto, ria e chorava numa estranha mistura, girava a cabeça, pondo a língua para fora, sacudia as pernas e se queixava de dor de cabeça. Foi colocada na enfermaria E11 com uma enfermeira particular. O Instituto Burghölzli era dirigido por Eugene Bleuler. Ela foi indicada por este para tratamento com Jung, um jovem médico, dez anos mais velho que ela, vindo da alta sociedade da Basileia, “falante, vivaz, alto, atraente, de ombros largos”, segundo a descrição que dele faz Martin Freud (BAIR,

2006, P.160), a partir da lembrança do primeiro encontro desse com seu pai. Jung a trata por dez meses, de agosto de 1904 a junho de 1905.

Mas, depois de se tratar, assume seu desejo inicial de entrar na faculdade de Medicina, o que fez em 1905, por indicação de Bleuler. O princípio dos estudos universitários para mulheres na Suíça foi determinado em grande extensão pelas mulheres russas, iniciado pela aceitação, em 1865, de Nadesha Suslova, que se graduou em medicina, evento que causou sensação na imprensa russa. A Universidade de Zurique foi uma das primeiras da Europa a legalizar o estudo para mulheres. A atitude da população de Zurique com as estudantes da colônia russa era, no mínimo, ambivalente, para não dizer negativa, e a imprensa as criticava por formarem sociedades secretas, grupos clandestinos e comitês. Mas Sabina fazia parte do grupo mais privilegiado, que vinha de famílias abastadas, estudava mais entusiasticamente e perdia menos tempo com encontros públicos e discussões políticas sem fim, como a maioria dos estudantes russos fazia com frequência (RICHEBÄCHER, 2003).

Em 1906, tornou-se um misto de paciente e amiga de Jung e, em 1908, sua amante até 1909/10, quando escreveu a Freud pedindo que interferisse em todo imbróglio com Jung. Este informara Freud sobre esse caso, de 1905 a 1909, sem revelar o nome de Sabina Spielrein. Ela finalizou a faculdade com uma dissertação que é publicada em 1911– *O conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia (dementia praecox)* (SPIELREIN, 1911) – um dos primeiros usos públicos do termo cunhado por Bleuler, esquizofrenia, com a ajuda e incentivo deste e de Jung, e certamente a primeira tese universitária de psicanálise defendida por uma mulher. A tese foi publicada naquele mesmo ano no *Jahrbuch* (Anuário de investigações psicanalíticas e psicopatológicas). Bleuler a convidou para trabalhar como sua assistente em Burghölzli, embora ela já atendesse pacientes na instituição ainda quando

aluna assistida por Bleuler e Jung. Viajou nesse mesmo ano para Viena, após a abrupta interrupção de sua relação com Jung, encontrou-se com Freud e participou das reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena. Em outubro, foi aceita como membro da Sociedade e em novembro de 1911, como segunda psicanalista a ser admitida no círculo freudiano, apresentou parcialmente em uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena o seu texto *A destruição como causa do devir*¹³, que publicou em 1912. Nesse ano, retornou à sua cidade natal e se casou com Pawl Naumowitsch Scheftel, um judeu aristocrático quase vinte anos mais velho. Ao que parece, foi um casamento arranjado pelos rabinos, como fora também o de seus pais. “Paul era um judeu edípico que até conhecê-la só havia vivido para sua mãe, Lizaweta Scheftel, uma senhora muito culta e elegante que jamais o perdoou por haver se casado com Sabina.” (VOLNOVITCH, Sabina...) O casal foi morar em Berlim, em 1913, quando ela deu à luz sua filha Irma Renata. Ao deixar Viena, em direção a Munique, Freud pediu a ela que suas publicações fossem publicadas com exclusividade nas revistas da Associação Psicanalítica. Entre 1912 e 1920, publicou *Contribuições ao conhecimento da psique infantil* (SPIELREIN, 1912b), onde aparecem análises de seu próprio mundo fantasmático infantil, pequenos artigos sobre o sentimento de vergonha nas crianças, o Complexo de Édipo na infância, o tempo na vida psíquica subliminar, a simbologia animal e as fobias das crianças etc. Ela teve uma carreira bem sucedida como psicanalista, sobretudo de crianças.

Mas, entre 1913 e 1918, praticou cirurgia médica para sobreviver, pois decidiu estudar composição musical e dar aulas de música, pretendendo mudar de carreira

¹³ A reunião contou com a presença dos membros Dattner, Federn, Freud, Friedjung, Hitschmann, Nepalek, Rank, Reinhold, Reitler, Reik, Rosenstein, Sachs, Sadger, Spielrein, Steiner, Stekel, Tausk e mais dois convidados. Há um resumo da exposição e da discussão que se seguiu a ela. In **LES PREMIERS**, 1979, p.

profissional. Seu marido fora convocado como médico na frente de guerra da Rússia e ela ficou sozinha com a filha vagando pela Europa, fugindo da guerra e do anti-semitismo, passando por Munique, Lausane e Chateaux D'Oex. Depois, convocada por Freud, em 1919, fundou, em Lausane o grupo de estudos psicanalíticos “Círculo Interno” e praticou psicanálise. Juntou-se a Piaget e Claparède em Genebra, por volta de 1920. Eduard Claparède, que havia fundado em 1912 o Instituto de Psicologia Experimental e de Investigação do Desenvolvimento Infantil Jean Jacques Rousseau, convidou-a a dar um curso e ser sua assistente. Assim, a psicanálise, apesar de já ser um interesse do diretor, foi introduzida nesse Instituto através dela. Também Jean Piaget em 1920, aos 23 anos, havia sido convidado por esse a participar do Instituto Rousseau e havia sido aceito pela Sociedade Suíça de Psicanálise. E em 1921, todos os dias durante oito meses, com exceção dos domingos, às oito horas da manhã ele tinha sua sessão de análise com Sabina Spielrein. Em 1920, ela compareceu ao VI Congresso Internacional de Psicanálise de Haia, onde apresentou um texto sobre o desenvolvimento da linguagem nas crianças, que publicou em 1922 como *A gênese das palavras infantis Mamãe e Papai*, que Piaget citou antes de ser publicado. Em 1922, Piaget falou no VII Congresso Internacional de Berlim. “É Piaget quem lê seu trabalho *O pensamento simbólico e o pensamento da criança* e é o Freud de *Mais além do princípio do prazer* que está a seu lado e é Sabina (analista de Piaget e discípula de Freud) quem está sentada, entre o público, diante dele.”(VOLNOVITCH, Sabina...) ¹⁴ Nesse congresso, o segundo e último que freqüentou, apresentou um trabalho sobre o tempo. Jean Piaget e Sabina Spielrein desenvolveram um trabalho conjunto sobre as origens do pensamento e da linguagem com muitas convergências, embora tenham seguido

¹⁴ Aprofundaremos, mais à frente, a análise da relação entre Spielrein e Piaget.

mais tarde objetivos diferentes, e se engajaram em uma elaboração conjunta de uma teoria da simbolização que nunca foi escrita.

Em 1923, Sabina partiu de Berlim, aos 39 anos, despedindo-se de Karl Abraham, de Max Eitington e de seu irmão Jean, onde morara porque Freud havia insistido e Abraham a convencido de que, apesar da intensa vida intelectual e acadêmica desenvolvida em Genebra, ela era necessária em Berlim. Havia se afastado desde o início da Primeira Guerra de seu marido, Dr. Paul Scheftel, que havia servido como médico na frente russa. Retornou à Rússia, aparentemente por um ultimato deste, que queria o divórcio, caso ela não retornasse.

Leva, em sua bolsa de mão, uma carta que Freud acaba de enviar de Viena e muitos livros repartidos em inúmeros baús. Ali estão: o mais recente livro de Freud, "O Eu e o Isso"; "Linguagem e pensamento na criança", o primeiro livro em que seu ex-paciente, esse jovem de 27 anos, Jean Piaget, esboçou a gênese do pensamento infantil a partir das habilidades sensório-motoras até o raciocínio abstrato, baseando-se nas idéias que ela mesma lhe deu e nas observações espontâneas de Renata, sua filha; os dez luminosos poemas sobre o tempo e a morte das "Elegias de Duino" que Rainer Maria Rilke lhe dedicou; "O eu e o Tu", de Martin Buber; "A Montanha Mágica", de Thomas Mann; "O manifesto surrealista" com o qual André Breton crê afiliar a arte à psicanálise." (VOLNOVITCH, Sabina...)

Sendo russa, judia e com enorme prestígio intelectual, recebeu tratamento de eminência pelas autoridades do Partido que, por meio dos assessores de ciência e cultura de Trotsky, haviam recebido a ordem de convidá-la a incorporar-se à aventura socialista. Vera Schmidt, fundadora da clínica psicanalítica para crianças, o famoso jardim da infância psicanalítico, a esperou e foi-lhe oferecida a direção desta, bem como assegurada uma

cátedra na Universidade de Moscou, no Departamento de Psicologia da Criança. Em 1925, participou de um congresso ali realizado.

Desde o primeiro momento, Sabina se incorpora à vida cultural de Moscou. Participa de um experimento cinematográfico para comemorar o frustrado levante de 1905 que está sendo feito por um desconhecido. Trata-se de O encouraçado Potemkin e, o diretor é Sergei Einsenstein. Rapidamente se converteu em pólo de atração para os psicanalistas russos com os quais chegou a formar a associação psicanalítica mais numerosa de sua época.” (VOLNOVITCH, Sabina...)

Ela fundou, juntamente com Dimitrievitch Ermakov e Moshe Wulff, a primeira Sociedade Psicanalítica na Rússia. Foi analista didata nesse instituto. A Sociedade prosperou com a proteção de Trotsky. Iniciou Vigotsky nas investigações sobre o pensamento e a linguagem que depois serão continuadas por Leontiev. Influenciou definitivamente Luria. Em 1924, deu à luz sua segunda filha, Eva, mesmo nome de sua mãe que havia falecido antes de sua chegada à Rússia.

Com a ascensão de Stalin, em 1926, e o ataque aos lugares psicanalíticos, a dissolução da Sociedade Psicanalítica Russa, em novembro de 1929, mês e ano do desterro de Trotsky, voltou à sua cidade natal, em 1930, estabeleceu sua prática privada e ensinou psicanálise na Universidade de Rostow até a proibição oficial da psicanálise por Stalin, em 1936. Em 1929, acompanhou seu marido para o enterro da mãe dele, em Berlim. Ao regressar, seus passaportes ficaram nas mãos da KGB e já não puderam mais sair da URSS. Viveu na casa de sua família até ser desalojada e instalada na cobertura de uma casa. Trabalhou como médica na Oficina de Defesa da Pátria. Após a repressão stalinista, seu nome apareceu pela última vez na lista de membros da Sociedade Russa, em 1936. Os dois

irmãos de Sabina e outros familiares seus sucumbiram em 1937 ao Gulag¹⁵. Sabina Spielrein tornou-se professora de música, área pela qual era apaixonada, tendo sido compositora de *Lieder*. Em 27 de julho de 1942, as tropas de Hitler ocuparam Rostov sobre o Don. Há várias versões para o fim trágico de Sabina Spielrein. A mais citada é a de que esses soldados, ao fazer uma ronda, seqüestraram os judeus e os levaram a uma sinagoga onde mataram todos. Entre eles estava Sabina, então com 56 anos, e suas duas filhas, Renata, 28 anos, e Eva, 18 anos. Volnovitch escreve que

ante o avanço do exército alemão a mando do Marechal Reichenau, fuge a pé com suas filhas para fora de Rostov. Pede alojamento para uma família de camponeses russos que foram pacientes dela. Quando os alemães as alcançam, a família que as abrigou, as denuncia, e, junto com outras judias, as levam à Sinagoga de Rostov. Em um lugar em frente a esta, passam nuas os dias e as noites, quase enterradas na neve e são fuziladas, em 25 de Novembro de 1941 [por soldados da Wehrmacht sob as ordens do capitão Fritz Neumann, não por SS da Gestapo, como Volnovich pôde comprovar pessoalmente em Munique por documentos que surgiram há poucos anos]. (VOLNOVICH, Sabina...)

Roudinesco, em 1997, assim descreve a morte de Sabina: “Em 1942, ...comandos da morte executaram dezenas de milhares de habitantes e agruparam os judeus em colunas, para exterminá-los. Em 27 de julho de 1942, Sabina Spielrein foi massacrada com suas

¹⁵ Gulag – (“Direção Principal [ou Administração] dos Campos de Trabalho Corretivo”) era um sistema de campos de trabalhos forçados para criminosos e presos políticos da U.R.S.S., à semelhança dos campos nazistas. Este sistema funcionou de 1918 a 1956. Foram aprisionadas milhões de pessoas, muitas delas vítimas das perseguições de Stalin. O gulag tornou-se um símbolo da repressão da ditadura de Stalin. Na verdade, as condições de trabalho nestes campos eram bastante penosas e incluíam fome, frio, trabalho intensivo de características próximas da escravidão (por exemplo, horário de trabalho excessivo) e guardiães desumanos. Floresceram durante o regime stalinista da URSS, estendendo-se a regiões como a Sibéria e a Ucrânia, por exemplo, e destinavam-se, na verdade, a silenciar e torturar opositores ao regime. Embora muitas vezes comparado aos campos de concentração nazis, os motivos que presidiram à construção de ambos são bastante diferentes: para os gulags, as motivações eram tanto a punição por crimes comuns (roubo, estupro etc.) como também aos adversários políticos do stalinismo e; para os campos de concentração, a motivação era predominantemente racial, com vista ao extermínio. No entanto, o número de vítimas, nuns e noutros, continua a ser motivo para uma comparação quantitativa.

duas filhas na ravina de Viga da Serpente, em meio a cadáveres cobertos de sangue.” (PLON; ROUDINESCO, 1998, p. 726)

Em um artigo, aparentemente do ano de 2000, que discute a psicanálise na Rússia, aparece um testemunho interessante de Nina Snetkova (CRISTOPHE, Psychoanalyse...). Ela é hispanista e filha de Olga Snetkova, médica e amiga íntima de Sabina Spielrein. Nasceu no ano em que Spielrein retornou à Rússia, filha de Paul Scheftel, que era, então, o marido de Sabina com quem teve as duas filhas, Renata e Eva. e Olga, uma outra mulher, Olga e Sabina se reencontravam com frequência para falar de psicanálise na presença de suas crianças e Nina se recorda do qualificativo “discípula de Freud” que aparecia nas suas conversas. Ela também se recorda da vida difícil de Sabina que só tinha para viver o que recebia pelo trabalho em tempo parcial como médica numa escola e se lembra que as únicas discussões que tinham concerniam à psicanálise e à extrema precariedade de sua situação: na adversidade dos acontecimentos da Segunda Guerra, elas decidiram mutuamente tomar conta dos filhos da outra em caso de prisão arbitrária, como houve durante a primeira invasão de Rostov pelas tropas nazistas. Mas Olga e sua filha deixaram Rostov antes de sua libertação, em 1943, e só retornaram no ano seguinte, quando souberam, por uma vizinha, do fim trágico de Sabina e de suas filhas, presas em uma emboscada durante a ocupação de julho de 1942 a fevereiro de 1943, sendo que foi precedida pela emboscada em que seus dois irmãos sucumbiram sob o terror stalinista.

Tantas versões, tantas repetições de um chocante fim trágico, trauma que pede elaboração, inelaborável, como se escrevendo várias versões de sua morte pudéssemos esconjurar o Horror de uma destruição que ela sempre quis que fosse a causa do devir, mas que no seu próprio fim, foi aquilo que Freud dissera: o puro mal, a fúria narcísica onipotente, o puro prazer de humilhar, maltratar e destruir. Sem devir. Cabe a nós, fazendo-

nos de arqueólogos, inventar-lhe um devir que ela seguramente mereceu e continua merecendo, fazendo com que sua obra recuperada se faça novidade uma segunda vez e revitalize, reincendeie a chama psicanalítica com as novas conexões que possa vir a restabelecer em sua história, em seu presente, em seu devir.

UMA HISTÓRIA CLÍNICA

A fonte para se construir a história clínica de Sabina Spielrein tem cinco vertentes: a constituição histórica das diretrizes de tratamento na Clínica Burghölzli, as cartas trocadas entre Freud e Jung, os primeiros escritos de Jung, os comentários clínicos de Jung encontrados nos registros do Hospital Burghölzli, em Zurique e o ensaio da própria Spielrein, publicado em 1913, *Contribuições para o conhecimento da alma infantil*.

As cartas

O antecessor de Eugen Bleuler na direção da Clínica Burghölzli, Auguste Forel era um renomado e apaixonado médico pesquisador do cérebro além de influente e brilhante organizador administrativo do dia-a-dia da clínica com seus padrões rigorosos. Ele pedia aos médicos dedicação exclusiva proibindo a clínica particular e a aceitação de presentes de parentes de pacientes, permitindo apenas pequenas gorjetas para enfermeiras e atendentes. Todos, médicos, enfermeiras e atendentes moravam em acomodações no hospital. Os casados tinham apenas um dia de folga por semana. As cartas para os pacientes eram censuradas e as visitas supervisionadas. Em relação ao trabalho científico, Forel estabeleceu um laboratório para estudo do cérebro e, junto com Bleuler, seu assistente, descobriu, em 1886, que as células nervosas estavam ligadas umas às outras simplesmente por contato e não por anastomose como se acreditava até aquele momento, o que foi uma descoberta revolucionária para o futuro desenvolvimento da neurologia (que foi feita simultaneamente por His e que ficou conhecida como a “teoria neuronal”). A hipnose era o principal instrumento terapêutico na prática psiquiátrica do dia a dia. Quem mudou sua

forma de ver a psiquiatria foi sua mulher, Emma Steinheil, com quem se casou em 1883. Ela se tornou amiga de muitos pacientes, conduziu um coro e tocou música com vários deles. Sob sua influência, Forel começou a mudar seu interesse da pesquisa cerebral para o sofrimento dos pacientes sob as condições da vida cotidiana: *sweatshops*¹⁶ da indústria de seda recém estabelecida, a discriminação das mães solteiras e a tentação de afogar suas mágoas na cidra. Fascinado com o trabalho de Bernheim em Nancy, após uma semana de treinamento exclusivo com este, trouxe as práticas de técnicas sugestivas para serem exercidas com colegas e pacientes. Os resultados foram tão espetaculares que apoiaram sua nova visão monista da unidade dos fenômenos cérebro/mente, ou seja, a identidade essencial entre os estados conscientes e inconscientes na psicologia. A hipótese da identidade não via diferença entre a anatomia e a fisiologia do cérebro de um lado, e estados de sentimento e consciência de outro, eles eram o mesmo fenômeno visto externa ou internamente. Com essa hipótese, a hipnose foi libertada da condenação de charlatanismo e tornou-se um assunto sério de pesquisa científica e reflexão. Seu livro sobre hipnose publicado em 1889 tornou-se um marco por pelo menos trinta anos. No mesmo ano da publicação, Freud, tendo sido recomendado a Bernheim por Forel, dedicou-lhe um comentário entusiástico e detalhado. Forel fundou o *Jornal de terapia sugestiva e hipnotismo*, do qual Freud foi co-editor.

A hipótese da identidade teve conseqüências mais amplas não somente para a psicoterapia, mas para todas as áreas da vida, aplicando-se a uma das maiores preocupações de Forel, a abstinência de álcool. Tendo se tornado abstinente, ao notar a melhora em sua

¹⁶ Lugares com condições de trabalho opressivas e desumanas, em geral nas próprias casas de imigrantes ilegais, jovens mulheres e pessoas de baixa educação, envolvendo trabalho infantil, baixos salários e condições sanitárias péssimas. O sistema de trabalho das *sweatshops* é frequentemente associado com as indústrias de cigarro e vestuário, no período de 1880 a 1920, sobretudo na Inglaterra e nos Estados Unidos.

saúde e criatividade, entusiasma-se tanto que inicia um movimento social pela abstinência. Um esquema sobre-humano de trabalho o faz, aos 50 anos, desistir da direção da clínica e de sua cátedra na universidade de Zurique, para se dedicar mais às suas pesquisas com formigas e completar seu livro sobre a questão sexual que considerava um problema urgente daquele tempo. Nesse livro, batalhou de maneira prática e concreta contra os tabus vitorianos de sua época, discutindo os aspectos biológicos do ato da procriação, os métodos de contracepção disponíveis então e levantou itens modernos de discussão como direitos integrais para as mulheres e equiparação legal para crianças legítimas e ilegítimas. O livro foi lançado em 1905, ao mesmo tempo em que os Três ensaios para uma teoria da sexualidade de Freud. Forel abriu novas perspectivas para a psiquiatria construindo sua popularidade e relevância social como profissão (GRAF-NOLD, 2003, p. 145-147).

Ao suceder Forel em 1898, Eugen Bleuler tinha um legado difícil. Devido à atividade incansável de Forel, novos deveres tinham sido incrementados à lista de tarefas já excessivas do cotidiano de um diretor de Burghölzli, que fazia parte da Universidade de Zurique. Bleuler e sua mulher se dedicaram inteiramente tanto ao movimento pela abstinência, quanto ao envolvimento com os assuntos da universidade e com os alunos de medicina de lá, por meio de cursos e conferências. Mrs. Hedwig Bleuler pôs de lado suas ambições acadêmicas e literárias como filologista destacada para se dedicar à direção dos eventos sociais do hospital e à federação das mulheres abstêmias. Ela integrou a condução doméstica e a criação de cinco filhos à sociedade da clínica. Um dia de 14-16 horas de trabalho era a regra para o casal Bleuler. Mesmo a noite não era garantida, uma vez que uma escada ligava sua casa diretamente às enfermarias. Bleuler parecia predestinado a ser o sucessor ideal de Forel, porque incorporava as idéias características e essenciais deste último: zelo incansável pelo trabalho, pertinência ao movimento internacional pela

abstinência de álcool, tradição em pesquisa cerebral, domínio da hipnose como instrumento terapêutico, bem como uma forte crença no tipo de progresso que abraçava valores epistemológicos, éticos e sociais e era orientado pelo monismo científico. No entanto, ele não era o predileto de Forel, que continuou então a exercer grande influência sobre a clínica e sempre se relacionou cientificamente de maneira ambivalente com Bleuler. Mas Bleuler forjou a reputação mundial da psiquiatria de Zurique, fornecendo o impulso essencial para o estabelecimento de uma destacada escola de psiquiatria clínica em Zurique, particularmente pela recepção especial dada a Freud e aos perfis de descrição de doenças orientados psicodinamicamente. Diferentemente de Forel, seu interesse era mais orientado para a psicologia, compartilhando, para tanto, a vida cotidiana com seus pacientes. Foi assim que se tornou um apoiador apaixonado da comunidade ativa para residentes nas instituições. Isso porque percebeu que **todas as atividades experienciadas pelos pacientes como significativas e cheias de sentido tinham um poderoso efeito terapêutico**. Cada paciente tinha que contribuir para o funcionamento do hospital de acordo com as suas capacidades. A comunidade ativa como idéia central da abordagem terapêutica de Eugen Bleuler foi dada a público pelo seu filho e sucessor como diretor, Manfred Bleuler. No seu livro, *Manual de Psiquiatria* (BLEULER, 1923/1936), de 1916, Eugene Bleuler identifica que as três qualidades mais importantes como instrumentos de tratamento da psique são a paciência, a calma e a boa vontade interior, que devem ser completamente inesgotáveis. O espírito de total aceitação da pessoa, tanto dos sãos como dos doentes, reinou sobre o espírito de disciplina, ordem e justiça no hospital. Bleuler foi muito bem sucedido em conduzir Burghölzli como uma comunidade terapêutica. Os médicos, a equipe de cuidados e os pacientes viviam numa comunidade residencial e, no caso dos médicos, suas mulheres deveriam se integrar à instituição. Tanto Hedwig, esposa de Bleuler, como Emma, esposa

de Jung, contribuíam não apenas com a organização de eventos sociais como com as discussões científicas. Até mesmo das discussões neuropsiquiátricas entre Bleuler e Monakov, seu amigo e colega, elas tomavam parte ocasionalmente. Esse imigrante russo que se estabeleceu numa clínica privada para pacientes neurológicos, investigava a reação das funções cerebrais a traumatismos em certas áreas do cérebro. Ele desenvolveu uma teoria que explicava a diferença entre conseqüências imediatas e a longo prazo de traumatismos, com base em uma visão dinâmica do funcionamento cerebral que contrastava com a visão estática da teoria da localização isolada de cada função cerebral. Bleuler, que trabalhava na classificação de perfis das doenças psiquiátricas e estava interessado no tratamento do trauma psíquico, sentiu um solo comum com as idéias neurológicas, filosóficas e terapêuticas de Monakov. Comparando e contrastando suas idéias com as de Monakov, desenvolveu sua teoria da esquizofrenia.

Como antigo diretor do hospital psiquiátrico de Rheinau, Bleuler desenvolveu a idéia de que um afrouxamento dos caminhos de associação no cérebro estaria subjacente aos processos psicóticos e esperava substancializar sua hipótese em Burghölzli, com experimentos de associação psicológica tal como se fazia em outras instituições psiquiátricas e psicológicas. Quando Carl Gustav Jung tomou a frente da organização do laboratório de psicologia e a direção dos experimentos de associação, em 1904, um entusiasmo pela pesquisa se desenvolveu nas discussões noturnas, especialmente porque eram estudados do ponto de vista das teorias de Freud. Muitos sintomas da demência precoce eram interpretados com grande convicção pelos mecanismos freudianos, até mesmo por Bleuler. É muito provável que o caso de Sabina Spielrein tenha sido discutido nessas noites e que ela mesma tenha feito parte mais tarde destes encontros científicos que terminaram em 1907. Bleuler havia conhecido a tradução de Freud do livro de Bernheim e

feito a resenha de *Estudos sobre a Histeria* (FREUD, 1973ac) para um periódico médico de Munique.

Jung entrou em Burghölzli no último ano da faculdade de Medicina, em dezembro de 1900, como médico *trainee*, com quase nenhum pagamento, apenas 100 francos por mês. Após sua tese de doutorado, *A psicologia e a patologia dos assim chamados fenômenos ocultos*, onde propunha uma expansão do conhecimento acerca das relações entre os estados crepusculares da histeria e os problemas da psicologia normal e analisava um suposto caso clínico de Miss S. W. (que mais recentemente soube-se tratar-se de Hélène Preiswerk, sua prima, que capitaneava as sessões de espiritismo das quais ele e a sua mãe participavam, quando incorporava uma segunda personalidade, a da judia Ivanos). Ele se refere nessa tese aos *Estudos sobre a Histeria* (FREUD, 1973ac), de Freud e Breuer e à *Interpretação dos sonhos*, de Freud (1973l). No mais, apresenta a sua visão sobre o inconsciente que recebia a influência de Schopenhauer, Hartmann, Janet e Theodore Flournoy, onde relaciona os sintomas psicóticos e histéricos aos conflitos e desejos psíquicos. Após uma curta demissão da clínica, já planejando seu futuro profissional e privado, ele vai a Paris para assistir às conferências de Janet na Universidade de lá, aprender inglês e visitar sua prima, objeto de sua tese, Helly. Casou-se em fevereiro de 1903 e foi readmitido em Burghölzli em maio, onde acaba ocupando, em outubro de 1904, o posto de médico sênior quando então se mudou, com a esposa grávida do primeiro filho, para o hospital. Em dezembro de 1904, quando nascia sua filha Ágata, ele conseguiu o posto de conferencista na Universidade de Zurique (GRAF-NOLD, 2003, p. 1150-4).

Um grande número de pacientes seriamente doentes era confinado em Burghölzli sem tratamento. Em 1904, ano da hospitalização de Spielrein, cinco médicos eram responsáveis por trezentos e trinta e oito pacientes. O diagnóstico de histeria era raramente

usado e quando o era, se os pacientes fossem tratados, eles o eram na tradição da escola psiquiátrica francesa de Nancy, com sugestão e hipnose. Até 1904, havia uma discussão viva das teorias freudianas em Burghölzli. Mas não havia aplicação clínica da psicanálise. O encontro de Sabina com Jung foi um encontro de sorte. Finalmente havia uma paciente com quem ele poderia tentar o método freudiano: educada, talentosa, rica e falante de alemão, ela também não estava tão doente como os outros pacientes. Ela também teve a sorte de ser internada em Burghölzli onde havia um interesse verdadeiro pelo novo método de tratamento, a psicanálise. Chegou a um ambiente onde as pessoas a levavam a sério e a estimulavam a praticar atividades científicas e a leitura. Libertar-se do clima superexcitado e melodramático de sua família lhe fez bem. As conversações que teve com Jung, de acordo com o método psicanalítico, fizeram sentido para ela, acalmaram-na e, apenas algumas semanas após sua internação, ela já estava ajudando seu terapeuta num projeto científico, já que este era o desenho terapêutico que Bleuler havia feito para os pacientes da instituição: que ajudassem no que lhes fazia sentido. (RICHEBÄCHER, 2003)

Sabina Spielrein foi considerada por Jung seu primeiro caso de psicanálise ou seu caso padrão, sua análise tendo sido autorizada por Bleuler, após troca de correspondência deste com Freud. Ela seria uma das primeiras pacientes a participar dos testes inovadores de associação de palavras propostos por Bleuler e elaborados por Jung, que foram buscar na psicanálise um solo teórico para embasar suas descobertas, já que essa experiência havia trazido à tona o problema da repressão como fenômeno psicológico.

Sabina aparece na segunda carta de Jung a Freud (MACGUIRE, 1993)¹⁷, de 23 de outubro de 1906, onde ele descreve o seu caso sem citar seu nome. O contexto da citação é

¹⁷ Essa correspondência foi publicada pela primeira vez em inglês, em 1974. “A história do relacionamento de Freud e Jung a partir de 1906 está naturalmente contida nas cartas deste volume – o gradativo estabelecimento

a discussão com Freud que aparece desde a primeira carta, se a gênese da histeria se deve exclusivamente à sexualidade. Para Jung, ela é predominante, mas não exclusiva. O que ele valoriza acima de tudo, como havia dito na primeira carta, e que vinha sendo de grande ajuda no trabalho psicopatológico que se desenvolvia em Burghölzli, é a concepção psicológica de Freud. Para ele, a terapia parecia depender não apenas da liberação dos afetos por ab-reação, mas também de certas relações pessoais que Freud, num apêndice à sua segunda carta chamará de transferência.

Embora correndo o risco de incomodá-lo, devo falar-lhe da minha experiência mais recente. Trato no momento, utilizando seu método, de uma histérica. Caso difícil; uma estudante russa de 20 anos, doente há seis. Primeiro trauma entre 3 e os 4 anos. Viu o irmão mais velho com as nádegas nuas, sendo espancado pelo pai. Impressão forte. Daí para frente, não conseguiu deixar de pensar que tinha defecado na mão do pai. Dos 4 aos 7 anos, tentativas convulsivas de defecar nos próprios pés, da seguinte maneira: sentava-se no chão sobre um dos pés e premia o calcanhar contra o ânus tentando ao mesmo tempo defecar e impedir a defecação. Não raro retinha as fezes por 2 semanas! Ela não sabe como chegou a essa solução peculiar; diz que tudo era completamente instintivo e acompanhado por sentimentos dúbios, mistos de horror e prazer. Mais tarde o fenômeno foi substituído por uma masturbação frenética. Eu lhe ficaria extremamente grato se me dissesse em poucas palavras o que pensa dessa história. (MACGUIRE, 1993, p.46)

Freud lhe responde em sua terceira carta, de 27 de outubro de 1906, após afirmar a Jung que ele parecia ter compreendido muito bem a transferência, a maior prova de que o impulso por trás de todo o processo é de natureza sexual. Diz também que o papel da

da consideração, da confiança e da afeição mútuas, o intercâmbio contínuo de informação e opiniões profissionais, a rápida elaboração do movimento psicanalítico, a troca íntima de notícias familiares, as observações sobre colegas e adversários, não raro acerbos e cheias de espírito, e, ao longo do tempo, a emergência de divergências, discórdias, mal-entendidos, sentimentos melindrados, até a ruptura e a separação finais”. (MACGUIRE, 1993, p.19)

sexualidade é de uma evidência ímpar e que talvez se descobrisse futuramente nas psicoses e na melancolia o que se deixou de descobrir na histeria e na neurose obsessiva. Diz, então:

É bom saber que é uma estudante a moça de que o senhor fala; para os nossos propósitos, as pessoas sem instrução ainda são inacessíveis. A história da defecação é curiosa e sugere inúmeras analogias. Talvez o senhor se lembre da afirmação que faço em minha *Teoria da Sexualidade*¹⁸ de que mesmo as crianças de tenra idade extraem prazer da retenção das fezes. O período entre 3 e 4 anos é o mais importante para essas atividades sexuais, que mais tarde se incluem entre as patogênicas. A visão de um irmão que é espancado desperta um vestígio de memória relativo ao período de 1 a 2 anos, ou uma fantasia transposta para este período. Não é incomum que os bebês sujem as mãos de quem os pega no colo. No caso dela, não poderá ter ocorrido tal coisa? E isso aviva a lembrança de carícias do pai durante a infância. Fixação infantil da libido no pai – a escolha típica do objeto; auto-erotismo anal. A posição escolhida por ela pode ser decomposta em elementos, pois ao que parece há ainda outros fatores que lhe foram acrescentados. Que fatores? Deve ser possível, pelos sintomas e mesmo pelo caráter, reconhecer a excitação anal como motivação. Tais pessoas freqüentemente exibem combinações típicas de traços de caráter. São extremamente asseadas, avarentas e obstinadas, traços que, por assim dizer são sublimações do erotismo anal¹⁹. Casos como esse, baseados em perversões reprimidas, podem ser analisados de modo muito satisfatório. Como o senhor vê, não me incomodou em nada. Suas cartas dão-me um grande prazer. (MACGUIRE, 1993, p.48)

Há um dado curioso que exploraremos quando falarmos da relação entre Sabina e Jung: quando ele escreve que está tratando Sabina como paciente, ela já não se considera como tal. Para ela, o fim do tratamento é sua alta de Burghölzli, sendo que depois se inicia uma amizade protetora com Jung, quando ele conversa com ela não apenas sobre ela, seus atendimentos e sua vida em Zurique, mas sobre si mesmo, seus projetos e vida emocional.

¹⁸ Refere-se aqui aos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905) (FREUD, 1973u).

¹⁹ Dois anos mais tarde, Freud desenvolveu essa idéia em *Caráter e erotismo anal* (FREUD, 1973m)

Para Jung, ele está continuando a análise pessoal de Sabina ainda que depois admita relutantemente a presença de seus afetos e de seu mundo interno nessa relação.

Jung não diz a Freud que conhece a paciente há mais de dois anos, que ela é uma paciente privada que vive de forma independente na cidade e estuda medicina de forma bem sucedida. Em comparação a outros pacientes de Burghölzli, ela não está tão doente. A apresentação de Jung é parcial, a visão de um lado só. Seria por estar eroticamente envolvido, como veremos abaixo, e esta ser a questão pela qual ele busca a ajuda de Freud? (RIECHEBÄCHER, 2003)

Os primeiros escritos psicanalíticos de Jung

Jung ocupou um lugar de verdadeiro pioneiro combatente da psicanálise de Freud nos meios médicos e psiquiátricos desde o início de seu envolvimento com ela. Freud, por sua vez, ao ouvir falar do importante trabalho que estava sendo feito em Bughölzli, começou a ter urgência de ver sua teoria clínica inédita publicada, já que médicos estavam praticando a psicanálise sem serem treinados por ele, apenas através da publicação de alguns artigos seus.

Em abril de 1906, Jung enviou a Freud o seu livro recém publicado, *Estudos de Diagnóstico de Associação*²⁰. (JUNG, 1998) Em 11 de abril de 1906, Freud lhe responde agradecendo o envio, o que inicia a correspondência entre os dois. O livro tinha a força de

²⁰ MACGUIRE (1993) comenta em uma nota que este livro contém seis estudos de Jung e de outros médicos da clínica psiquiátrica da Universidade de Zurique e que foi editado por Jung, que dirigira a pesquisa. Os estudos apareceram inicialmente em forma de artigos no *Jornal para psicologia e Neurologia*, entre 1904 e 1906. O principal estudo de Jung foi *Psicanálise e experimentos de Associação*. A primeira referência publicada de Freud a Jung, uma alusão a esses estudos sobre associação, ocorreu em 6 de junho, numa palestra feita num seminário de jurisprudência, publicada como *A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos*, de 1906, onde ele diz “Essas experiências só se tornaram significativas e frutíferas quando, em Zurique, Bleuler e seus discípulos, especialmente Jung, passaram a dar atenção aos ‘experimentos de associação’”.

uma mensagem direta, pois nos estudos escritos quer por Jung, quer por Bleuler, havia citações da obra de Freud que demonstravam amplamente a aceitação da psicanálise no Burghölzli.

Logo depois, durante o verão, Jung completou sua monografia sobre *A psicologia da Demência Precoce*, para a qual recolhia material desde 1903. O livro está cheio de citações e de extensas discussões da obra de Freud, e uma clara posição de Jung a seu favor e contra o combate a ele nos círculos mais competentes, ressaltando o brilhantismo de Freud que não havia recebido o reconhecimento e apreciação que merecia, embora já ressaltando algumas divergências.

Entre as duas publicações, ainda em 1906, Jung escreve *Associação, sonho e sintoma histérico* (JUNG, 1998) e *A teoria de Freud sobre a histeria - Resposta à crítica de Aschaffenburg*, “crítica bastante moderada e prudente que Aschaffenburg havia feito à teoria freudiana da histeria” (texto de 1906, in JUNG, 1998). É o primeiro texto escrito em defesa do método e da terapêutica freudiana como compreensão dos sintomas histéricos, ainda que as ressalvas em torno da etiologia sexual da histeria sejam compartilhadas em certa medida com o crítico. Gustav Aschaffenburg era professor de criminologia em Colônia e havia ensinado a Riklin²¹ o teste de associação de palavras que ele depois introduziria, junto com Jung, em Burghölzli. Em 1906, foi o primeiro a divulgar um trabalho denunciando Freud numa convenção psiquiátrica. Ao mandar imprimir o relatório também se tornou o primeiro a publicar um comunicado cuja finalidade era destruir Freud, cuja

²¹ Riklin - psiquiatra suíço que trabalhou com Bleuler e depois com Jung em Burghölzli, onde foi residente especialista em histeria e o primeiro a se interessar pela obra de Freud; junto com Jung descobriu o teste de associação de idéias e publicou “As associações de idéias em pessoas normais” nos Arquivos de Neurologia e Psicologia de Forel e Vogt, em 1904; atendeu outra estudante russa, Catarina H, no 1º semestre de 1905. Foi secretário da Associação Psicanalítica Internacional até 1913, quando acompanhou Jung na ruptura com Freud.

ênfase era no fato de Freud não ter apresentado seu material de forma científica comumente aceita.

Mas é a conferência pronunciada no Primeiro Congresso Internacional de Psiquiatria e Neurologia, em setembro de 1907, em Amsterdã, *A teoria Freudiana da Histeria* (texto de 1907, in JUNG, 1998)²², que nos interessa aqui, pois é nela que Jung, embora sem citar seu nome, apresenta o quadro clínico da paciente Sabina Spielrein, a primeira vez em que um caso psicanalítico é apresentado em um congresso médico. O que foi bastante constrangedor para Sabina Spielrein, que não só leu a comunicação que falava de si como posteriormente a corrigiu, segundo Kerr (1997). Foi também a primeira vez em que a teoria psicanalítica foi apresentada oficialmente em um evento de posição estratégica e importante para o público médico. Talvez Freud não tivesse podido fazer melhor. Escrita com grande capacidade de apresentação didática e consistência, ao mesmo tempo, a exposição assume a forma de resenha histórica da doutrina freudiana. Ele a divide em 4 momentos de compreensão da histeria: o primeiro, por meio da formulação de Freud e Breuer da concepção da histeria como neurose psicógena, que formula o problema da histeria a partir da dissociação psíquica, do automatismo anímico inconsciente e do significado etiológico do afeto, tal como aparece nos *Estudos sobre a histeria* de 1893. O segundo, que analisa as consequências psicológicas do afeto, em especial o mecanismo da repressão, produzindo o impedimento da ab-reação do afeto, tal como aparece em *As neuropsicoses de defesa* (FREUD, 1973ab), de 1894. O terceiro momento trata do conteúdo dos afetos traumáticos, ou seja, a natureza sexual do afeto inicial. Aqui, é curioso como Jung quantifica a amostragem de Freud para lhe dar força comprobatória ao dizer que “com

²² Publicada originalmente em *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*, XXIII/4, Berlim, 1908.

base em 13 análises cuidadosamente realizadas, Freud acredita poder afirmar que a etiologia específica da histeria se encontre nos traumas sexuais da primeira infância” (JUNG, 1998, p.14). Jung fala também de como a puberdade reativa antigos traços mnêmicos desses traumas que atuaram de maneira preparatória inicialmente. O terceiro momento é relativo à publicação de *A interpretação dos sonhos*, onde Freud apresenta os princípios da teoria e da técnica psicanalítica. Faz então uma minuciosa apresentação do método e da técnica psicanalítica, cujo conhecimento julga imprescindível para entender as concepções mais recentes de Freud e comprovar a validade dos seus resultados. Enfatiza a polissemia da linguagem, seu duplo sentido como a ponte preferida para o truncamento do afeto. Finalmente expõe corajosamente as idéias do quarto momento da teoria freudiana, aquele representado pela publicação de *Três ensaios sobre a sexualidade e Fragmentos de um caso de histeria* (FREUD, 1973aa), que ele acha impossível entender sem a leitura de *A Interpretação dos sonhos*: o conceito freudiano de sexualidade é extremamente amplo e compreende a sexualidade normal, as perversões e derivados psicosexuais. Por isso, o conceito de libido empregado por ele também se amplia, significando os componentes sexuais da vida psíquica, na medida em que são volitivos, e todo aspecto passionai do desejo que vai além dos limites da normalidade. Jung explica o que é sexualidade infantil para Freud: um conjunto de possibilidades ou ocupação da libido. Apesar de não existir nesse estágio um objetivo sexual normal, pois os órgãos sexuais ainda não estão desenvolvidos, os mecanismos psíquicos já estão preparados. “A libido está difusa em todas as possibilidades da atividade sexual. E, por isso, também em todas as perversidades, isto é, em todas as formas anômalas da sexualidade que, ao se fixarem, tornam-se posteriormente verdadeiras perversões” (JUNG, 1998, p.19-20). Jung mostra ainda que o desenvolvimento progressivo da criança, ao concentrar-se na sexualidade normal, libera

essas ocupações que serão empregadas como força propulsora das sublimações. Na visão linear do desenvolvimento sexual que esse momento conceitual freudiano apresenta, a puberdade é o tempo de aprendizado da finalidade objetiva da sexualidade e o encerramento do processo de evolução sexual.

Na histeria, segundo a concepção de Freud, o processo evolutivo da sexualidade infantil se efetua em condições mais penosas, sendo difícil essa substituição das ocupações perversas da libido. Assim, ao não poder corresponder às exigências da sexualidade da vida adulta, com sua sexualidade inibida e despreparada, o indivíduo predisposto à histeria mostra que traz dentro de si uma parcela da repressão sexual desde a infância. Assim, a excitação sexual, ao esbarrar na repressão, reaviva a atividade sexual dos primeiros anos da infância expressas em fantasias tipicamente histéricas, que se desenvolvem ao longo da linha previamente traçada pela forma especial da respectiva atividade sexual infantil. A resistência à atividade desmedida das fantasias sexuais para prover algum equilíbrio psíquico é dada pela vergonha e o asco. “Esses estados afetivos conduzem à gênese dos sintomas físicos, graças à sua ligação normal com as manifestações somáticas”(JUNG, 1998, p. 20).

É então que ele apresenta o caso de Sabina Spielrein como um exemplo tirado de sua própria experiência, para melhor ilustrar o sentido da teoria de Freud.

Trata-se de um caso de histeria psicótica, uma jovem senhora de 20 anos, intelectualmente bem dotada. Os sintomas mais remotos recaíam entre os três e quatro anos de idade. Nesta época, a paciente começou a reter as fezes até ser forçada, pela dor, a evacuar. Pouco a pouco começou a usar o seguinte procedimento auxiliar: acocorava-se, apoiada em um dos calcanhares e nesta posição procurava defecar, pressionando o calcanhar contra o ânus. A paciente continuou com essa prática perversa até os sete anos de idade. Freud chamou esta perversão infantil de erotismo anal.

Aos sete anos, cessou a perversão que foi substituída pelo onanismo. Nesta idade, ao ser espancada, certo dia, pelo pai, sobre as nádegas desnudas, sentiu nítida excitação sexual. Posteriormente, experimentou também excitação sexual ao presenciar seu irmão mais novo ser castigado pelo pai daquela mesma maneira. Pouco a pouco, se desenvolveu nela um comportamento de visível repulsa contra o pai.

Aos treze anos, começou a fase da puberdade. Mas a partir daí, surgiram fantasias de natureza altamente perversa, que a perseguiam obsessivamente. Tais fantasias tinham caráter obsessivo: ela não podia sentar-se à mesa e comer, sem pensar, ao mesmo tempo, no ato de defecar. Também não podia ver ninguém comendo, sobretudo o pai, sem pensar nesse ato. Já não podia ver as mãos do pai sem sentir-se sexualmente excitada. Por igual motivo, não podia tocar na mão direita do pai. E assim, pouco a pouco, chegou a ponto de não poder mais comer na presença de outras pessoas, sem entregar-se a risos convulsivos ou manifestações de repulsa, pois as fantasias de defecação haviam se estendido a todas as pessoas ao seu redor. Se recebesse pequeno castigo ou ligeira repreensão, reagia com um riso convulsivo, mostrando a língua, ou com gestos de aversão ou indecorosos, porque tinha a visão plástica da mão do pai castigando-a nas nádegas, imagem esta ligada a uma excitação sexual que logo se transformava em masturbação mal dissimulada.

Aos quinze anos, sentiu o impulso, em si normal, de se unir amorosamente a outra pessoa. Mas as tentativas nesse sentido falharam, porque todas às vezes se interpunham as fantasias mórbidas, justamente quando se tratava daquelas pessoas às quais ela mais gostaria de amar. Nesta época, já se tornara impossível qualquer manifestação de ternura ao pai, porque o sentimento de asco sempre interferia inibidoramente. O pai era o objeto de transferência de sua libido infantil, e por isso as resistências se voltaram, sobretudo, contra ele, ao passo que a mãe não era atingida pelas resistências. Nesta época manifestou-se também uma inclinação pelo seu professor que, por sua vez, foi vítima do sentimento de asco que se interpunha. Para esta jovem extremamente carente de amor, este isolamento afetivo deveria naturalmente acarretar as mais sérias conseqüências que, de fato, não se fizeram esperar.

Com cerca de dezoito anos, seu estado piorou de tal modo, que a paciente praticamente só alternava períodos de depressão profunda com risos, choros e gritos convulsivos. Já não conseguia encarar ninguém de frente, mantinha a cabeça escondida e mostrava a

língua a cada contato com os outros, em meio a sinais de extrema repugnância, etc. (JUNG, 1998, p. 20-22).

Após o relato clínico, Jung diz que é possível demonstrar com ele o essencial da concepção freudiana. Primeiramente uma parcela de atividade perversa da sexualidade infantil, o erotismo anal que foi substituído pelo onanismo aos sete anos de idade. Um castigo físico ocorrido naquela época e que atinge a região anal provocou uma excitação sexual. As causas determinantes da evolução psíquica posterior da sexualidade delineiam-se e a puberdade, com suas modificações físicas e psíquicas, intensifica a atividade da fantasia, que se apodera da atividade sexual da infância e a transforma em um sem número de variações. A fantasia perversa atua numa pessoa já sensível como um corpo moral estranho, que deve ser reprimido por mecanismos de defesa, sobretudo pelo sentimento de vergonha e de repugnância que ela demonstra em seus acessos. Jung aponta que o impulso púbere de amar outras pessoas multiplicou os sintomas mórbidos, pois as fantasias se voltaram com mais intensidade para as pessoas a quem a paciente julgava mais dignas de amor. Isto levou a um conflito espiritual muito grande que permite compreender a piora que ocorreu nessa época até desembocar na psicose histérica. Jung termina fazendo um resumo e apanhado teórico, dizendo que é por tudo isso que Freud pode dizer que os sintomas são a atividade sexual dos doentes.

Jung escreve ainda 11 ensaios de psicanálise, nos quais se percebe bem o seu importante papel de pioneiro divulgador da “peste” psicanalítica em várias partes do mundo, em especial nos países de língua inglesa: *A análise dos sonhos* (1909), escrito em francês e publicado em *Année psychologique*, XV, Paris; *Contribuição à psicologia do boato* (1910-11), publicado no *Zentralblatt*; *Contribuição ao conhecimento dos sonhos com*

números (1910-11), publicado no *Zentralblatt*; resenha crítica ao livro de Morton Price *The mechanism and interpretation of Dreams* (1910), publicado no *Jahrbuch*; *A respeito da crítica à psicanálise* (1910), publicado no *Jahrbuch*; *A respeito da psicanálise* (1912), publicado em uma revista suíça *Neue Schweizer Rundschau*, de Zurique, numa série de artigos a favor e contra as teorias freudianas para desfazer “preconceitos e mal-entendidos sobre a psicologia moderna no seio do público”, segundo nota introdutória; *Tentativa de apresentação da teoria psicanalítica* (1912), que se compõe de nove conferências pronunciadas em setembro de 1912, em inglês, num curso de extensão da Fordham University, em Nova York, publicado pela primeira vez no *Jahrbuch*; *Aspectos gerais da psicanálise* (1913), conferência pronunciada em inglês na sociedade Psicomédica, em Londres e publicada pela mesma; *Sobre a psicanálise* (1913), conferência pronunciada em inglês no 17o Congresso de médicos, em Londres, e suas contribuições mais originais e significativas do período, onde se delineiam as divergências substanciais com Freud; *A importância do pai no destino do indivíduo* (1909), publicado originalmente no *Jahrbuch*; e *Metamorfoses e símbolos da libido* (1911-2) cuja reescrita em 1952 ganhou o nome de *Símbolos da transformação*.

Os registros sobre Sabina Spielrein no Hospital Burghölzli

Spielrein não era uma paciente comum e teve status especial: foi poupada de exame físico e convidada a participar dos famosos experimentos de associação de Jung como paciente e, depois, como pesquisadora assistente. Assim, desde o início, Jung e Spielrein estabeleceram fortes laços pessoais e profissionais conforme indicam os registros

hospitalares. Após seu tratamento, ela permanece alguns meses morando e trabalhando em Burghölzli, enquanto inicia seus estudos de medicina na Universidade e só alguns meses depois se muda para uma pensão em Zurique.

Coline Covington²³ comenta que, quando Sabina Spielrein foi admitida em Burghölzli e entrevistada por Jung na tarde de 17 de agosto de 1917, ele a diagnosticou como histérica. Em suas notas, ele relatou que “a paciente ri e chora de uma maneira compulsiva e estranhamente misturada. Muitos tiques, virando a cabeça, mostrando a língua para fora, contraindo as pernas. Reclama de uma terrível dor de cabeça, dizendo que ela não estava louca, apenas brava, no hotel, que ela não podia suportar pessoas ou barulho”. (COVINGTON, 2001, p. 178)

Jung escreve: “Ao menor sinal de falta de respeito ou de verdade, ela retalia imediatamente com comportamento negativista e com uma sucessão de maiores ou menores truques endiabrados” (COVINGTON, 2001, p. 178).

Após os primeiros dias que se seguiram à sua admissão, onde foi prescrita a permanência estrita na cama, Jung escreve:

Ontem a assistente médica proibiu-a de deixar sua cama, após o que a paciente fez questão de se levantar e declarou energicamente que nunca obedeceria, que nunca quis ficar boa, e que se comportaria de forma ruim. Sendo adequadamente persuadida por este escritor, ela retornou perfeitamente calma. (COVINGTON, 2001, p. 179)

²³ Covington, 2001. As citações dos relatórios de Jung vêm deste escrito, embora tenham sido primeiro compiladas por Minder (1993) **Jung an Freud 1905: ein Bericht über Sabina Spielrein**, Gesnerus, 50: 113-20; (1994), **Sabina Spielrein, Jung' s Patientin am Burghölzli. Luzifer-Amor**, 14: 55-127 e Tod Wackenhut, I. & Willke, A. (1994), **Sabina Spielrein, Missbrauchüberlende und psychoanalytikerin: eine studie ihres Lebens und Werkes unter besonderer Berücksichtigung ihrer Tagebücher und ihres Briefwechsels**, dissertação inaugural, Escola de Medicina de Hannover, Alemanha. Posteriormente tive acesso aos escritos traduzidos de Minder e ao artigo de Covington no livro de Covington; Wharton, 2003

Durante suas primeiras semanas em Burghölzli, as explosões de Sabina diminuíram consideravelmente, enquanto as dificuldades que ela experimentava ao ser deixada sozinha se tornaram manifestas. Isso foi percebido pela primeira vez por Jung, que em 29 de agosto escreveu: “Ausência do médico senior desde 27 de agosto. Ontem, 28 de agosto, dor de cabeça, sentiu-se pior. Tentou pedir medicação, que foi recusada. Na cama, de noite, pulso a 180, por esta razão foi lhe ministrada finalmente Morfina...então, boa noite.” (COVINGTON, 2001, p. 179)

Um mês mais tarde, foi percebido o crescente apego de Sabina a Jung. Ele escreve em 29 de setembro:

(...) a paciente tem um grande *insight* da sua condição, mas não apresenta a menor inclinação a melhorá-la. Ela pediu-me nunca trair o menor embaraço em relação a ela, mas somente extrema energia e uma firme crença em sua recuperação; que seria a única forma dela melhorar. A paciente não tem nenhuma atenção quando está lendo por si só, mas a mera presença pessoal do médico pode freqüentemente capacitá-la a concentrar-se por horas. (COVINGTON, 2001, p. 179)

Na leitura de Covington, a determinação de Sabina em não melhorar sua condição indicava que estava assustada não somente com a separação, mas também com o fato de que, se se envolvesse com Jung, seria abusada. Os efeitos da próxima separação são relatados em 16 de outubro, quando Jung esteve ausente todo dia. Ele escreve:

Durante este tempo a paciente ficou desestabilizada. No dia seguinte, ela relatou de que constantemente e por muito tempo ela imagina este médico apertando sua mão esquerda até doer. Ela deseja este tratamento doloroso com toda sua força. No dia seguinte, ela teve uma hiperestesia em grau alto na sua mão esquerda. A paciente disse calmamente: “eu quero esta dor, eu quero que você faça algo realmente ruim para mim, forçar-me a fazer algo ao qual eu me oponha com todo o meu ser”. (COVINGTON, 2001, p. 179)

Jung estava no começo de sua carreira e experimentava, pela primeira vez, aplicar os conceitos de Freud a seu trabalho. Ao mesmo tempo, pelo que se sabe de seus escritos da época, Jung já estava familiarizado com o fenômeno da transferência e estava atento à transferência erótica de Sabina em relação a ele. Através de entrevistas com a mãe, ficou sabendo de transferências eróticas dela anteriores com seu tio e com dois médicos que a desapontaram e, nesses casos, ficara clara a repetição da sua relação com o pai até o ponto da rejeição. Jung estava habilitado a aceitar a transferência erótica de Sabina em relação a ele, no entanto, era mais difícil para ele diferenciar-se da transferência dela devido à sua própria transferência emergente.

Jung escreve:

Ela não pode se voltar para seu pai, ele realmente não a entende, diz coisas dolorosas a ela. Devido a seu forte narcisismo, ela não pode desistir de seu pai e quando ele está triste, não pode falar com ele e fica de novo profundamente machucada. O pai bateu na paciente e ela teve que lhe beijar a mão de volta. (neste ponto, muitos tiques, crispções e gestos de aborrecimento). (COVINGTON, 2001, p. 180)

Sabina conta a Jung, entre muitos tiques, como seu pai bateu em suas nádegas nuas até a idade de 11 anos, às vezes na frente de seus irmãos. Ele anota mais tarde:

Três anos atrás, aconteceu de a paciente dizer a seu pai que ela poderia desistir de seus pais em favor da companhia de outras pessoas. Seguiu-se uma grande cena, o pai ficou louco e ameaçou cometer suicídio. Havia freqüentes cenas como esta, às vezes durando dias. Também machuca a paciente o fato de o pai insultar e tyranizar outros membros da casa. Dói nela o fato de ele sempre estar infeliz, falando em morrer etc. (COVINGTON, 2001, p. 181)

A relação com a mãe parecia ser similarmente tumultuada e sadomasoquista. Jung escreve:

Mesmo durante o último ano, a mãe tentou bater nela em frente a seus irmãos e amigos de seus irmãos. Uma vez, quando tinha treze anos, sua mãe a puniu e ela fugiu e se escondeu em muitos lugares, derramou água gelada sobre si mesma (inverno!) e foi ao porão para morrer de frio. Dessa forma, queria atormentar os pais e matar-se. No seu aniversário de 15 anos, tentou fazer uma greve de fome até morrer em Karlsbad porque havia deixado a mãe brava. (COVINGTON, 2001, p. 181)

Para Covington, Sabina agia como seu pai, retaliando sua mãe com a ameaça de se matar e punindo-se também dessa maneira. Jung escreve: “ela vê a si mesma como uma pessoa má e corrupta do princípio ao fim e, por essa razão, supõe que não lhe deveria ser permitido estar com outras pessoas” (COVINGTON, 2001, p. 182). Não nos esqueçamos de que, quando tinha 15 anos, sua irmã caçula morre de tifo, aos 6 anos, o que muito a impressionou e determinou o agravamento progressivo de seus sintomas até os 18 anos. A única outra informação específica da mãe de Sabina que temos aparece nos registros de Jung sobre o comportamento da paciente durante um passeio, quando ela mostrou grande desgosto nas lojas, mostrando a língua etc. Então Jung descobriu que

(...) sua mãe tinha o estranho hábito de comprar tudo o que via e era persuadida a comprar; toda vez que ia às lojas, ela trazia para casa uma multidão de coisas as quais ninguém precisava, mas que eram muito caras. Ela nunca tinha dinheiro próprio para pagar por tudo e, portanto, tinha que pegar emprestado de parentes, lutando então para pagá-los de volta com o orçamento doméstico. Acima de tudo, o pai não podia saber disso, então havia uma ansiedade constante de que o pai pudesse descobrir sobre esses negócios. (COVINGTON, 2001, p. 182)

Os registros hospitalares sugerem que Jung aplicou o teste de associação de palavras em Sabina. E indicam também que Sabina os aplicou a outros pacientes em Burghölzli. Os testes foram uma criação de Jung e Riklin logo no início da sua prática, antes mesmo do contato com a psicanálise, cujos resultados o tornaram extremamente interessantes para a psicanálise, pois estavam de acordo com os achados de Freud. Foi a partir da aplicação desses testes que se originou a idéia de um complexo afetivo guiava inconscientemente a escolha de palavras e que, devido a ele, poderia haver uma alteração afetiva capaz de impedir a associação²⁴. O teste era simples e consistia em associar uma palavra a outra sugerida pelo médico, enquanto um galvanômetro fazia o gráfico elétrico das alterações fisiológicas.

Em 8 de janeiro, Jung escreve:

(...) deterioração acentuada...Exatamente um ano atrás, por volta do dia de Ano Novo, houve um grande escândalo em casa (cenas de rancor com o pai). Nessa conexão, longas séries de cenas similares e finalmente cenas de apanhar do pai, recontadas com grande emoção: quando ela tinha 13 anos o pai ameaçou bater nela; levando-a para um quarto, ordenou-lhe que se deitasse. Ela pediu-lhe gentilmente que não batesse nela (estava a ponto de levantar seu vestido atrás), no que ele cedeu, mas obrigou-a a ajoelhar-se para beijar o retrato do avô e a jurar sempre esforçar-se para ser uma criança bem comportada...No fim de três horas de uma longa análise, veio à tona que, em associação a essas surras, já na idade de quatro anos, ela experimentava excitação sexual...Ela sentenciava que algumas vezes basta que alguém ria dela, o que para ela simboliza submissão, para causar nela a experiência de orgasmo. (COVINGTON, 2001, p. 95)

Em 29 de Janeiro de 1905, Jung anota:

²⁴ É desta noção de complexo que se originou a idéia de complexo de Édipo e complexo de castração que ganhariam um papel tão central na psicanálise.

Desde a última ab-reação, melhora significativa. Ainda expressões de sentimento fortemente emocionais e inusualmente poderosas. A cada estimulação do complexo, ela ainda reage com suas costas, mãos, língua e boca, embora significativamente menos. Agora está consciente disso e esconde suas expressões de desgosto com suas mãos para trás. Recentemente tentou associações com coisas familiares e, nessa ocasião, mostrou que não podia dizer nada no complexo desencadeado pela palavra “bater”. Então a omitiu durante o experimento. (COVINGTON, 2001, p. 95-96)

Com o uso dessas palavras-gatilhos, a memória de Sabina Spielrein dos abusos que sofreu pode se externar e ela pode dar vazão à sua raiva como resultado de uma considerável redução de sua necessidade de somatizar seu afeto e atuar de uma maneira compulsiva o seu passado. Como Freud, nesse momento Jung reconheceu a etiologia da histeria na história pessoal e vivenciou dramaticamente no caso de Sabina o alívio dos sintomas obtido por meio da recuperação da memória reprimida. Apesar de Jung estar alerta da transferência de Sabina sobre ele, não se têm indícios de que ele interpretava esta transferência. Ele parecia por mais ênfase na importância de estabelecer um “novo complexo” no tratamento, para liberar “o ego da dominação pelo complexo da doença”. Nesse sentido, Jung deslocou o *locus* do tratamento da recuperação do passado, para separar-se dele, no sentido de uma visão terapêutica mais homeostática e com propósito, onde os sintomas indicam mais um desequilíbrio na psique que precisa ser corrigido do que artefatos históricos. Será que este deslocamento técnico seria efeito do aparente desconforto com a transferência da paciente e sua própria contratransferência para os quais não tinha ainda recursos teóricos e de auto-análise para utilizar no tratamento? A relação entre Jung e Spielrein continuou depois de sua alta na Clínica. Não se sabe se com sessões regulares ou não. A mãe, que era informada sobre o que se passava por sua filha, em algum momento

pede que ela seja transferida para outro terapeuta. Em 25 de setembro de 1905, num relato endereçado a Freud, mas nunca enviado a ele, e sim para a mãe de Sabina, para “ser usado se a ocasião surgir”, Jung escreve de maneira defensiva sobre a transferência erótica de Sabina e conclui:

Durante o tratamento, a paciente teve o infortúnio de se apaixonar por mim. Ela continua a falar descaradamente sobre esse amor com sua mãe e seu regozijo despeitado em assustar sua mãe não é o menor de seus motivos. Por isso a mãe gostaria, nessa situação aflitiva, que eu a encaminhasse a outro médico, com o que eu naturalmente concordo. (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 106)

Richebächer (2003) sugere que as palavras que Jung usa deixam em dúvida quem estava aflito na ocasião. Ele parecia abalado e talvez duvidando de si e de sua competência terapêutica, por isso se voltou para o mestre mais velho. Lohtane (1999, p. 1192-1193) sugere que o principal propósito do relatório era tranquilizar a Sra. Spielrein, que tinha sua própria relação com Jung. O relatório não chegou às mãos de Freud, com quem Jung sequer se correspondia ainda, mas plantou uma idéia na cabeça de mãe e filha que se materializaria em 1909, como veremos mais à frente, quando Freud foi consultado sob circunstâncias muito diferentes.

Covington comenta que hoje em dia Sabina poderia ser diagnosticada como psicótica. Mais à frente discutirei esse diagnóstico retrospectivo. “Vê-se, então, nas notas do hospital, como era difícil o comportamento de Sabina e como ela tentava criar estragos e devastação em volta dela para ter atenção e especialmente para provocar os doutores e o *staff* do hospital para puni-la. No seu medo de ser abusada, ela se tornou abusadora.” (COVINGTON, 2001, p. 184) Para ela, está manifesto nas notas do hospital como o comportamento de Sabina Spielrein foi governado e controlado por uma aproximação

consistentemente firme e não punitiva, na qual ficava claro que ela não receberia atenção por seu mau comportamento.

Para ela, as anotações nos dão indicação de como Spielrein foi conduzida. Como vimos acima, Bleuler havia conseguido estabelecer com sucesso o que hoje em dia chamaríamos de uma comunidade terapêutica residencial. Médicos e o *staff* de cuidados podiam ser chamados a qualquer hora e compartilhavam essas premissas com suas famílias. Os “três instrumentos para tratar a psique, paciência, calma e boa vontade interior em relação aos pacientes” que Bleuler professava eram provavelmente ingredientes importantes para capacitar Sabina a confiar em que ninguém abusaria dela e contribuir com seu progresso impressionante.

Para Covington, as raízes da transferência erótica de Sabina a Jung podiam ser encontradas nas relações odiosas de Sabina com ambos os pais, como descritas nos registros hospitalares. Para ela, a transferência a Jung do amor doloroso por seu pai está claramente evidente em trechos do relato de seu tratamento. Ela também tenta repetir sua relação com o pai abusivo no seu desejo de sofrer algo realmente ruim, para se defender de uma relação amorosa com Jung. Sua relação sadomasoquista com o pai parecia revolver a vergonha que experienciava com ele, seu mau comportamento, a excitação e o alívio que derivava do seu espancamento e sua ansiedade sobre a depressão do pai e suas periódicas ameaças de suicídio. O pai de Sabina é o retrato de um tirano masoquista que usa sua depressão para manipular a filha e outros membros da família. O conflito de Sabina na relação com seu pai era de que, se o deixasse, poderia matá-lo. Nenhuma separação era possível entre os dois. Ela só poderia ficar com ele e continuar nessa forma de relacionamento cheia de ódio, ou deixá-lo e sofrer uma culpa intolerável. Ambos procuravam uma mãe no outro, segundo Covington. A identificação de Sabina com seu pai

também ficava evidente nos registros. Ela era controladora, provocativa e punitiva em relação aos médicos e enfermeiras, ameaçando cometer suicídio e apresentando sintomas histéricos quando era deixada ou contrariada. Só estava apta a estabelecer relações com outros por meio de um tratamento doloroso e da manipulação da culpa. Isso fica evidente, para Covington, no seu comportamento provocativo em relação ao pessoal do hospital, desafiando-os a puni-la confirmando, assim, sua culpa narcisista. A sua convicção também reforçou o tratamento abusivo que recebeu de seus pais. Para ser amada, ela se conforma às expectativas que imagina serem as de seus pais e então a punição e humilhação, particularmente pela mão de seu pai, passam a ser associadas à excitação sexual.

Covington supõe que Sabina testemunhasse, na gratificação narcísica da mãe com as compras, o vazio desta e o ataque ao pai que não podia satisfazê-la. Seu desgosto em relação a senhoras e compras indica sua própria identificação com o ódio da mãe a si mesma e sua solução homossexual de eliminar o que era feminino para obter o amor da mãe e tentar satisfazê-la onde o pai falhou claramente. Dos relatos de Jung, Covington supõe que Sabina precisava encontrar uma mãe que a fizesse sentir-se desejada e um pai amoroso. Jung, como também Bleuler, era paciente, calmo e continente e fez Sabina sentir-se amada e aceita, ao não responder punitivamente aos seus truques diabólicos. Deu a ela um superego benigno o qual ela vinha se sentindo incapaz de experimentar em sua vida.

Em 1 de junho de 1905, Spielrein recebe alta da clínica. Nos registros hospitalares lê-se: “Ela agora vive independentemente na cidade e comparece a conferências.” (COVINGTON, 2001, p. 96) Uma semana antes, Jung havia escrito a seu pai que ela estava se poupando de escrever-lhe não por falta de amor ou gratidão, mas porque se sentia melhor e mais aliviada se não tivesse de ter presente imagens e memórias de casa. Graças à sua disposição nervosa, ela associa a ele todo o tipo de fantasias obsessivas patológicas. Não se

sabe qual a intenção consciente ou inconsciente subjacente em Jung ao dirigir-se ao pai dessa forma e se foi a pedido de sua paciente, que se preocupava com a raiva do pai, ou ainda para pedir que o pai apoiasse financeiramente os estudos de sua filha. O pai imediatamente manda o filho mais velho estudar em Zurique e, em sua recém-conquistada independência, Sabina novamente teve que se haver com demandas familiares. Isso contrariou Bleuler que, por sua vez, escreveu ao pai: “Miss Spielrein ficou extremamente agitada por ser esperado dela que cuide de seu irmão. Se ela deve melhorar de seu estado, deve ficar absolutamente livre de obrigações para com sua família.” (COVINGTON; WHARTON, 2003 p. 104) Jung reforça o pedido de Bleuler uma semana depois da alta, escrevendo ao pai para lhe dar o novo endereço de Sabina e pedindo que ele buscasse acomodações não tão próximas dela para seu filho. O complexo fraternal de Sabina não é encontrado explicitamente nos registros hospitalares, mas, ao que tudo indica, seus irmãos eram como substitutos do pai. Jung pede ao pai também que mande agora dinheiro diretamente à filha, mas se coloca à disposição para, se fosse necessário, supervisioná-la nesse quesito ou receber o dinheiro em seu nome. Ele ganhava por mês a mesma quantia que os pais de Spielrein pagavam ao hospital mensalmente por seu tratamento. Graf-Nold (2003, p. 170) se pergunta se já não há nessa carta de Jung ao pai uma violação dos limites terapêuticos, numa tentativa de controlar Sabina ao invés de apoiar sua independência. Para ela, ao menos Sabina parece ter lutado suas próprias batalhas por sua liberdade. Em 24 de abril de 1905, um dia antes de começar a assistir às conferências em Burghölzli, ela começou um diário íntimo em russo que foi escondido de Jung. Na universidade ela se sentia isolada, mais séria, independente e crítica que os demais alunos. Mesmo assim, duvidava de sua capacidade de trabalhar cientificamente. Para Graf-Nold, não há dúvidas de que Jung mexeu profundamente com Spielrein. A ele ela confessou seus segredos

vergonhosos, seus pensamentos e sentimentos escondidos. E é provável que tenha sido graças à sua paciência, devoção e intenso entusiasmo pela vida emocional que experienciou com ele que, como ela diz no seu diário, “a vida sem ciência se tornava inimaginável” (CAROTENUTO, 1984, p. 171). Mas foi Bleuler quem deu as diretrizes de seu tratamento, de acordo com as idéias que haviam sido introduzidas por Forel: ela foi tratada como vítima de um grave traumatismo. Seus principais sintomas foram diagnosticados como histéricos, sendo que a histeria era um termo tão controverso na época como o é ainda hoje. Mas histeria era uma neurose traumática no sentido de Freud e Breuer cujo princípio terapêutico essencial, e que talvez seja válido até hoje, era: tratar os pacientes com paciência, calma e acolhimento interior para prevenir as suas atuações e promover seus recursos e talentos. O que foi inusual no caso de Sabina foi a maneira ilimitada como Bleuler lhe ofereceu seu apoio. Enquanto ela ainda tinha birras infantis para atormentar as enfermeiras, ameaçava a todos de suicídio, ele a convidava para almoçar com os médicos e freqüentar sua casa, além de se colocar irrestritamente como escudo entre ela e a possessividade de sua família. Ele logo a admitiu nas conferências médicas, envolveu-a na pesquisa psicológica que se dava no hospital e finalmente recomendou-a incondicionalmente à universidade para estudar medicina. O tempo todo a respeitou como futura colega e colaboradora. Talvez seja por isso que, diante da atitude ambivalente de Freud e, sobretudo, de Jung em relação a Bleuler no início do movimento institucional da psicanálise em 1909, referindo-se a ele como “tio Bleuler” para criticar seu conservadorismo abstinente em relação ao álcool e às práticas sexuais, Sabina tenha sempre permanecido respeitosa, admiradora, grata e terna ao “bom velhinho” como ela o chamava em seu diário de 1910. Para Graf-Nold, comparada à atitude de Bleuler, a de Jung foi um engajamento por ela, muito intenso, mas muito menos consistente, sendo que parece que ele não entendeu o papel do traumatismo em seu

ambicioso escrutínio dos seus complexos, o trauma e o perpetrador tendo ficado ao fundo. Por isso, a relação mais próxima que se desenvolveu entre os dois mais tarde provou ser tão poderosa como crítica.

Contribuições ao conhecimento da alma infantil

Nesse pequeno artigo clínico pode-se encontrar um testemunho dado por Sabina Spielrein de sua própria infância que, a despeito da passagem dos anos e dos efeitos da cura, confirma a narrativa que Jung ouviu por volta do ano de 1907 (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p. 108). Se nos distanciarmos do sofrimento sintomático, a narrativa parece uma rica ilustração da onipotência infantil normal, em sua rica fantasmática, sobretudo em relação à curiosidade sexual e às raízes da angústia que ela suscita.

Nela, Sabina aponta como foi protegida pelos pais, em especial pela mãe, que queria criá-la na pureza e inocência até a Universidade, mantendo-a ignorante das questões sexuais. No entanto, ela faz uma gênese da curiosidade infantil em torno da procedência do ser humano, do bebê, em torno dos fantasmas de nascimento e concepção. Conta como era dotada de uma rica imaginação e se achava dotada de uma força sobrenatural num reino de Parta, que havia inventado para si. Ela se via como uma eleita de Deus, que iria para o céu, viva, como Abrão havia se elevado. Os pais não sabiam nada dessa parte de sua vida espiritual. Ao mesmo tempo, ela tinha uma instância crítica que fazia parte do fantasma e da realidade. O hábito de assustar seu irmão menor não escapou a seus pais, de forma que o pai um dia disse: “Pare um pouco porque senão o destino um dia te trapaceará, será você que terá medo e você compreenderá tudo o que fez seu irmão passar” (GUIBAL;

NOBÉCOURT, 1981, p. 110). Sabina achou que não levava a ameaça a sério, até que um dia foi tomada de um medo terrível ao perceber dois gatos pretos em cima da cômoda no quarto vizinho. A ilusão era tão forte (em outro texto, fala de alucinação) que ela podia, ainda então, rever os dois animaizinhos tranquilamente colocados um ao lado do outro. Na época ela se disse: “Aí está a morte”, ou melhor “a peste” (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p. 110). Subitamente se iniciou um período de angústia: desde que ficasse sozinha à noite, ela via uma multidão de animais assustadores, sentia que uma potência desconhecida queria levá-la de seus pais e que estes deveriam retê-la com todas as suas forças. Ela pesquisava, com interesse proporcional à sua angústia, as descrições das diversas doenças que redescobria em seu próprio corpo quando a noite vinha e que, sob forma humana, vinham procurá-la e atacá-la (vemos aqui a angústia hipocondríaca, sinal da derrocada narcísica, como mais tarde Freud considerou em *Introdução ao narcisismo*, 1973i). Para alguém que não praticasse a psicanálise, a explicação para essa angústia seria de que a criança sucumbira à angústia pelo medo da ameaça paterna que exercera uma influência sugestiva sobre ela. “Para uma psicanalista, ao contrário, é aqui que começam as questões e a primeira delas: porque esta visão dos gatinhos inaugurou o período de angústia? Quais eram então os fantasmas dos quais se ocupava a criança? Não teriam eles a ver com a sexualidade que parece estar totalmente ausente dos fenômenos?” (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p. 111) Spielrein diz, então, que, por volta dos 3 e 4 anos, ela se debatia com uma questão obsedante: de onde vêm os homens ou as crianças? Onde se encontra o começo de todo o começo e o fim de todo fim? O pensamento do infinito lhe parecia intolerável. O fato de todos os Homens não se parecerem era, para ela, objeto de inumeráveis reflexões, sendo que achava muito interessante, imaginar que, sendo a terra uma bola, os americanos andariam de ponta cabeça ou então que, segundo a sua prática

freqüente, ao cavar um buraco na terra, poderia transpassar a terra e trazer um americano pelos pés. Se se tratasse de uma pessoa adulta, um tal jogo seria interpretado como um fantasma de nascimento. Mas ainda se hesita a estender essa conclusão a um jogo de uma criança (não nos esqueçamos que ela estava começando a atender crianças como a pioneira em psicanálise infantil). Aos 5 anos, ela aprendeu que a mãe carregava o bebê em seu ventre e em seguida o punha no mundo. Ela imaginava que, para sair do ventre, dever-se-ia abrir a barriga da mãe ou, sem causar dor, o bebê sairia pelo seu umbigo que manteria o ventre fechado. Mas quanto ao mistério sobre a sua procedência permanecia integral: ela não cansava de colocar para si a questão de onde vinha o pai, a mãe, avós e finalmente o Bom Deus. Respondiam-lhe que o Bom Deus sempre existira. Agora ela já sabia que o homem tinha sido criado do barro. Mas como conciliar a teoria do nascimento com a do barro? Só o primeiro homem nasceu do barro? Ela não concebia que a aparição de uma criança no ventre da mãe pudesse ser o resultado de um ato qualquer, só poderia ser da pura vontade do Bom Deus. Portanto, só tinha um único desejo: criar um ser humano da mesma forma que havia feito o Bom Deus. Por essa razão seus fantasmas a representavam como a deusa onisciente e onipotente. Ela passou a fabricar seres humanos com a terra, com a argila, com tudo que lhe caía nas mãos, concebia palácios esplêndidos, inventava flora e fauna novas que habitariam seu reino. Um tio químico fez uma vez uma experiência com zinco e chumbo que resultou numa árvore sólida e ela então se tornou uma alquimista apaixonada, por acreditar ter encontrado aí a luz miraculosa da origem da vida. Ela então passou a misturar restos de comida para ver o que sairia daí. Ficava encantada com a mistura das cores e com o surgimento de formas e consistências novas. Enchia os pais de questões querendo saber como qualquer coisa era feita e passou a fabricar óleos, pedaços de sabão, tudo o que pudesse dar forma. Um dia, perguntou a uma velha se ela poderia, como

a mãe, ter uma criança. Ela respondeu que não, que ainda era muito pequena para ter uma criança, mas que na sua idade, poderia ter um gatinho. Essa brincadeira não ficou sem efeito passou incólume: ela passou a se dedicar a seu gato se perguntando, se depois de tudo, corretamente educado, um gatinho não poderia se tornar alguém tão inteligente como qualquer ser humano. Foi a tarefa que se designou.

Aqui descobrimos a causa sexual da angústia: o gatinho que estava na origem do meu estado de angústia e representava a criança que eu desejava. Se de fato a minha visão comportava dois gatos é porque talvez eu tenha pensado (de maneira inconsciente, bem entendido) em meu irmão, meu fiel companheiro de jogo que, mais jovem que eu, era submisso ao menor de meus desejos. Meu pensamento imediato foi: “Aí está a morte”, ou “a peste”. Eu considereei uma criança como uma doença perigosa, mortal. (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p. 112-113)

Retomando sua experiência de psiquiatra no Burghölzli e seus atendimentos a mulheres, ela considera esse pensamento seu da infância, um pensamento ordinário, como a convenceram os inúmeros casos que encontrou de mulheres que representam para si mesmas a gravidez e o parto como uma doença perigosa (doença infecciosa, peste, em especial a bulbônica), uma úlcera perniciososa ou uma excrescência parasita: **a mulher, seja ela consciente ou não disso, quer sempre que a nova criatura se constitua a despeito da antiga.** É interessante que essas representações de destruição possam ser tanto provocadas em nós pelo prazer como pela angústia, ou ao menos pelo desprazer. A fobia que ela tinha de doenças infecciosas provinha da angústia que lhe inspirava a criança, mas não só, havia uma parte da angústia de estar diante do sedutor, do raptor. Quando criança, ela não se lembra de ter a menor suspeita do significado sexual do pai que era simplesmente aquele que trazia o dinheiro para casa, e procurava constantemente o raptor, quer dizer, o

homem. Em seus acessos de angústia, sentia que uma força vinha raptá-la de seus pais. Cita, então, Goethe, para concluir que a criança vive com angústia o desejo de substituir a figura parental por um novo objeto de amor. Citando outros episódios relacionados ao desejo de ser raptada, ela conclui que, desde seus primeiros anos, sentiu uma necessidade inconsciente de substituir o amor de seus pais. A ameaça paterna transformou o prazer em angústia.

Ela conclui o artigo dizendo que tudo isso mostra bem como o interesse científico se desenvolve de início a partir da curiosidade quanto às coisas sexuais. O indivíduo só se interessa no início pela sua própria pessoa e, em seguida, pelos objetos que têm uma relação com essas questões. Sem dúvida o aparecimento de uma nova criança na fantasia, se encontra, como na criança que ela foi, na origem da perplexidade quanto à não-existência e ao nascimento do homem. As questões começam com os objetos mais acessíveis ou possíveis de serem produzidos. Ao presenciar uma transformação química que aparentemente indicava que era possível se recriar a vida artificialmente, nasceu em Spielrein a paixão alquímica que, na universidade, se transformou em interesse apaixonado pela química orgânica, quando tinha a sensação de entender as coisas já há muito tempo, sendo que mal havia estudado a matéria anteriormente. Como se houvesse uma herança inconsciente da sabedoria ancestral sob a forma de representações, fantasmas ou tensões energéticas que nos impulsionam a reviver os mesmo eventos. O que é importante (aí ela cita o texto de Jung, *A importância do pai na vida do indivíduo* (JUNG, 1998) é que nós só vivemos e aprendemos por analogia aquilo que percebemos nos outros.

O diagnóstico de histérica dado por Jung em sua carta a Freud é confirmado por este com uma expectativa benigna de tratamento. É importante notar, como o faz Lothane

(1999), que mesmo que Bleuler endossasse o diagnóstico inicial de Jung de histeria, três anos depois Jung o mudaria arbitrariamente para psicose histérica no artigo para o Congresso de Amsterdã, enquanto Carotenuto (1984) e Betthelheim (1983) querendo diagnosticá-la melhor ainda que Jung, a classificam erroneamente como esquizofrênica, ambas as visões impossíveis de se sustentar. Covington (2001) também reinterpreta o quadro clínico de Sabina como uma psicose. Outros autores sustentam que hoje em dia ela seria diagnosticada num hospital americano como uma jovem mulher com um tumulto adolescente não psicótico, provavelmente sofrendo de um “distúrbio de personalidade *borderline*”.

Mesmo que ela tenha sido uma paciente hospitalizada e as pacientes de Freud não o fossem, é claro pela natureza de seus sintomas e o curso de seu tratamento que Sabina tinha muito em comum com as pacientes descritas por Freud e Breuer. Para o jovem Jung, Sabina Spielrein seria um exemplo típico da histeria freudiana: sintomas histéricos múltiplos reversíveis por ab-reação, aparentemente causados por trauma sexual nas mãos do pai, numa menina com predisposição à histeria e exagerado erotismo anal. O uso bem-sucedido da técnica freudiana em Sabina foi um fator muito importante para Jung se tornar um discípulo de Freud.

A meu ver, as descrições clínicas feitas por Jung e os dados que aparecem na correspondência de Spielrein sobre sua história familiar, bem como as informações contidas em seu artigo exposto acima sugerem um quadro neurótico com uma sintomatologia grave, no momento de sua internação, da ordem de uma parapsicose, ou seja, sintomas análogos aos psicóticos e que costumam surgir em quadros neuróticos (MELLMAN, 1984). É dessa ordem a hipersensibilidade a barulhos e a pessoas que a faziam tapar os olhos, num aparente comportamento persecutório. Toda a descrição minuciosa de seus sintomas por

Jung, os relatos sobre sua infância e adolescência e o próprio relato feito por ela de sua vida psíquica infantil, sugerem um quadro sintomatológico histero-obsessivo. Do ponto de vista pulsional, há o deslocamento de um intenso erotismo-anal para a masturbação igualmente intensa na zona fálica infantil. Do ponto de vista objetal, há um intenso investimento narcísico inicial, calcado no investimento parental e um investimento objetal que quer se deslocar da mãe para o pai, mas que sofre as consequências das identificações cruzadas com os núcleos depressivos dos pais que a melancolizam. Tudo isso agravado pela morte da irmãzinha caçula, quando Spielrein tinha 15 anos, o que promove um agravamento considerável da culpabilidade e da sintomatologia suicida e de isolamento autístico, na recusa de contato com os outros. É assim também que considera Guibal:

A histeria se confunde com a obsessão, mesclada com um pouco de perversão, gravidade da histeria que vem a se dizer psicótica, tomando subitamente uma tinta de erotomania e perseguição. Depois da tempestade, a calma nos espelhos (dos mestres que lhe dão imagens psiquiátricas). Reconhece-se sua fineza e inteligência, mesmo ambivalente e inquietante. Os espelhos não foram quebrados e com a ajuda desta outra psique que foi a doente objeto de sua tese, o nome de Spielrein vem a se dar a ver na história da psicanálise (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p. 355)

Para ele, Carotenuto, mesmo tendo-a tirado da sombra, traz-nos uma imagem dela muito impregnada de um diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia cujos fundamentos são indistinguíveis. Guibal critica também a interpretação de Carotenuto que deixa Jung como um salvador, segundo o qual apenas a sua contra-transferência fora psicótica, reduzindo a realidade de seu objeto de amor ao puro conceito de anima.

Em minha opinião, a rapidez com que sai de seu intenso sofrimento psíquico na crise que a leva à internação em Burghölzli, onde fica por dez meses, a pronta transferência e

ligação afetiva tanto com Bleuler como com Jung, a maneira como se dedica a estudar para os exames da faculdade de Medicina quando ainda estava internada e o sucesso que obtém nos seus estudos que logo a fazem retornar, a convite de Bleuler, para especializar-se como psiquiatra trabalhando em Burghölzli, confirmam o matiz principal neurótico de sua sintomatologia. Para a rápida melhora de Sabina, muito contribuiu a atitude firme de Bleuler²⁵ de impedi-la de se corresponder ou ver seus pais enquanto estava internada, ao constatar o quanto ela piorava a cada contato com os pais, especialmente o pai. Ele teve uma opinião firmemente contrária à do pai quando o tratamento terminou, insistindo para que Sabina permanecesse longe de casa, pois ela precisava se desenvolver independentemente e longe dos problemas familiares. Foi ele quem forneceu a ela as obras de Freud, Nietzsche e Schopenhauer, para que pudesse estudar, ainda enquanto estava internada, numa atitude que lhe deu recursos simbolizantes. Isso fica muito claro pela confiança depositada nela ao permitir que trabalhasse na clínica como assistente e ao recomendá-la para os exames da Escola de Medicina da Universidade de Zurique antes mesmo do final de sua internação. Em 17 de abril de 1905 ela faz os exames. No seu diário em russo, às vésperas do seu primeiro dia na Universidade, ela descreve emoções antecipadas de um momento feliz, mas também mortiferamente sinistro, sua cabeça queimando de náusea e fraqueza. De acordo com a transcrição da universidade, em 27 de abril de 1905 ela submeteu ao escritório de admissão o certificado médico requerido, que dizia: “Miss Sabina Spielrein de Rostov-sur-le-Don, residindo nesse Asilo e planejando matricular-se para o semestre de verão na Faculdade de Medicina, não é mentalmente doente. Ela foi admitida aqui para tratamento de nervosismo com sintomas histéricos. Nós

²⁵ Não tendo tido acesso às cartas de Bleuler, apoio-me nas citações feitas por COVINGTON, WHARTON, 2003 e Márton, Elisabeth em seu documentário *Meu nome era Sabina Spielrein*.

não temos impedimento em recomendá-la para a matrícula. O diretor: Bleuler” (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 103). Ela sai da Clínica Burghölzli em 1 de junho de 1905 e se muda para uma pensão no centro de Zurique.

Mas a questão do diagnóstico de Sabina Spielrein é também uma questão do recálque de sua importância na história da psicanálise, sobrecarregando-a com um diagnóstico retrospectivo de distúrbio psíquico severo e uma quebra psicótica com a realidade, como propõem alguns autores. Para Richebächer (2003, p. 247), o fato de Jung ter considerado seu caso como uma histeria psicótica na apresentação ao Congresso de 1907, mudando o diagnóstico de histeria dado na sua entrada e saída da clínica Burghölzli, ainda traz consequências para ela até hoje. Aprisionada num falso diagnóstico de psicose ou esquizofrenia por alguns autores, feito retrospectivamente, assegura-se com isso de que nada mude e sua obra vanguardista, bem como seu papel como pioneira da psicanálise permaneçam esquecidos. Sabina era muito nova quando foi internada. Segundo Richebächer, com os conhecimentos de hoje, com a ênfase na adolescência como uma etapa especial da vida em termos de transformação psíquica, na indecisão em que ela se encontrava na Rússia sobre os rumos a seguir após obter a medalha de ouro do 1º lugar no Ginásio em que se formara, e com a pressão de genialidade vinda de sua família, seu estado psíquico aos 18 anos poderia hoje ser diagnosticado apenas como o de uma crise adolescente, haja vista a melhora rápida de seu estado.

UMA RELAÇÃO AMISTOSA E AMOROSA – SABINA E JUNG

“O Dr. Jung há quatro anos e meio foi meu médico; depois se tornou um amigo e em seguida, ‘poeta’, isto é, amante. Finalmente, conquistou-me, e tudo se passou como sempre acontece na ‘poesie’. Ele pregava a poligamia, sua mulher estaria de acordo, etc. Mas minha mãe recebeu uma carta anônima, escrita em ótimo alemão, no qual se dizia de que era preciso salvar sua filha, que poderia ser arruinada pelo Dr. Jung”.

(Fragmento da carta enviada por Sabina Spielrein a Sigmund Freud em junho de 1909, In CAROTENUTO, 1984, p. 167)

Muito se tem escrito sobre o estatuto da relação entre Sabina Spielrein e Carl Gustav Jung. Num primeiro momento, a descoberta das cartas trocadas entre eles e entre ela e Freud e de seu diário escrito em alemão de 1909 a 1912, deram a entender uma violação sexual “incestuosa” da paciente por seu médico durante o seu tratamento. Novos documentos achados posteriormente, a partir do início das pesquisas sobre ela, sobretudo na década de 1990 – novos fragmentos de cartas de Jung a ela, um diário em russo que estava no arquivo Claparède, um novo diário escrito em alemão, e novas cartas trocadas entre Sabina Spielrein e sua mãe – geraram uma verdadeira polêmica sobre a consumação ou não do ato sexual nessa relação (LOTHANE, 1999, p. 1189)²⁶.

Especificar a natureza da relação amorosa entre Sabina Spielrein e Jung por meio dos documentos não é o foco deste trabalho, já que meu interesse principal é o resgate de seu pioneirismo e visionarismo enquanto teórica e clínica da psicanálise através da sua

²⁶ O material não publicado foi obtido por ensaios, alguns aos quais eu não tive acesso direto, apenas por meio do trabalho de Lothane, que cito aqui: CIFALI, M., Sabina Spielrein, extraits inédits d’ un journal. **Bloc-Notes psychoanal.** 3, 1983, p. 147-70; BRINKMANN, E. e BOSE, G.. **Sabina Spielrein. Marginalien.** Berlin, Brinkmann, E. & Bose, 1986, p.215-23; GABBARD, G. e LESTER, E. **Boundaries and boundary violations in psychoanalysis.** Nova York, Basic Books, 1995; SWALES, P. J. What Jung did not say. **Harvest J.Jungian Studies**, 38, 1992, p. 30-7; WACKENHUT, I. e WILLKE, A. **Sabina Spielrein, Missbrauchüberlende und Psychoanalytikerin: eine Studie ihres Lebens und Werkes unter besonderer Berücksichtigung ihrer Tagebücher und ihres Briefwechsels.** dissertação inaugural, Escola de Medicina de Hannover, Alemanha, 1994. Posteriormente tive acesso às cartas publicadas em COVINGTON; WHARTON, 2003.

obra. No entanto, analisar essa questão trouxe três desdobramentos importantes. O primeiro deles é a participação do episódio entre Spielrein e Jung na elaboração freudiana dos textos sobre transferência e nos demais ditos escritos técnicos de Freud na virada que ele dá em 1912, quando passa da pretensão de escrever apenas um pequeno texto não publicável – recomendando uma auto-análise aos psicanalistas a fim de diferenciarem seus conteúdos inconscientes daqueles dos pacientes, abordando, então, o fenômeno da contra-transferência – para a decisão de publicar escritos que exortavam a necessidade da análise pessoal para que alguém pudesse tornar-se analista, exatamente no período que antecedeu a ruptura com Jung. O segundo desdobramento diz respeito ao lugar em que foi colocada a violência na relação entre Jung e Spielrein. Ela está presente muito menos na existência de um relacionamento amoroso e sexual entre eles do que na maneira com que Jung se comporta no que diz respeito a essa relação junto a Freud, a Sabina, a Eva, mãe de Spielrein e a sua mulher. O terceiro desdobramento diz respeito à pouca importância que vem se dando nas pesquisas à relação de Spielrein com Jung quando da leitura do texto *A destruição como causa do devir* cujo conteúdo é material privilegiado para a decisão da questão. Como mostraremos no próximo capítulo, o ensaio tem como foco responder à questão de porque a penetração sexual desperta tanta angústia. Aqui são tematizadas a loucura amorosa e a fusão erótica em suas várias facetas. Como uma moça de 22–23 anos poderia escrever tão profundamente sobre a questão se não tivesse se envolvido também profundamente, corpo, alma e psiquismo com essa angústia? Sabina diz também, em seu diário, que Jung havia sido o seu primeiro amor juvenil, o primeiro a quem teria se entregue. Se a escritura desse ensaio, como procuraremos mostrar, é a elaboração do luto pelo filho real que desejava ter com Jung, Siegfried, e de seu amor sexual por Jung, sendo que seu diário mostra seu desejo

de encontrar um outro homem com quem pudesse viver esse amor com exclusividade, com quem mais haveria de ter tido uma relação sexual com penetração?

O artigo de Zvi Lohtane (1999) fornece um bom eixo para examinar a relação entre Jung e Sabina, apesar de eu não concordar com boa parte das conclusões desse autor. Ele discorda da interpretação, geralmente aceita, de que o relacionamento entre Sabina e Jung, entre os anos de 1904 e 1910, incluíssem relações sexuais e constituíssem uma infração ética dos limites nos quais deve se desenrolar a relação médico-paciente em um tratamento. Spielrein declarou que seu tratamento havia terminado ao ter alta como paciente de Jung entre 1904-1905, no hospital Burgholzli. Jung explicou que havia prolongado a relação para prevenir uma recaída referindo-se à mesma como uma amizade. Para Lohtane, o material documental novo traz um ponto de vista matizado sobre a relação entre os dois e aponta a função do afeto não erótico na relação terapêutica. Além disso, ele permite uma análise nova da correspondência entre Freud e Jung quanto ao tema Spielrein-Jung, segundo a qual, a impressão de Jung de que Spielrein havia gerado um escândalo sexual se deveu ao fato de Jung ter interpretado mal certos rumores relativos a uma outra mulher. Assim, esse episódio não teve efeito negativo algum na relação entre Freud e Jung. Como coloquei acima, penso que são duas questões diferentes: a primeira, se houve ou não relacionamento sexual entre Jung e Spielrein, a segunda, se houve uma infração ética dos limites em que deve se desenvolver uma relação médico-paciente durante um tratamento. O terceiro ponto levantado por ele, sobre a confusão enganosa que Jung teria feito ao escrever para Freud sobre o escândalo feito por Spielrein afirmando que ela não teria tido nenhuma influência nas relações entre Jung e Freud, parece-me não dizer respeito à tese principal do autor quanto à natureza da relação entre os dois e a quebra ética, tenho a impressão de que Lohtane o utiliza para encobrir a gravidade do que está sendo discutido e suas

consequências para o movimento psicanalítico, colocando a ruptura entre Freud e Jung muito mais em termos de diferenças conceituais quanto ao caso Schreber, o que sem dúvida foi um ponto importantíssimo, mas de maneira alguma o único.

1905²⁷ – o estabelecimento da transferência amorosa e de fortes laços pessoais

Até essa data, como vimos acima, o Dr. Jung foi médico de Spielrein e ela, a primeira paciente a ser tratada pela psicanálise, tal como ele a conhecia dos escritos de Freud até então. O tratamento durou relativamente pouco tempo graças ao investimento de toda equipe, em especial de Jung, nela. A transferência amorosa em relação a Jung ficou evidente na rápida melhora dos sintomas e na aquiescência à condução que este fazia do tratamento.

Ambos estabeleceram fortes laços profissionais e pessoais. No seu diário em russo, ao escrever sobre a sua impressão do primeiro dia de aulas na faculdade, em 25 de abril, podemos percebê-la encaminhando seus sentimentos em relação a Jung mais como amigo do que como médico. Afirma que se sentia isolada dos outros estudantes por se sentir mais profunda, séria, evoluída criticamente, independente, e se pergunta se será capaz de trabalhar cientificamente.

Para mim, a vida sem ciência é completamente sem sentido. O que mais há para mim se não ciência? Casar? Mas este pensamento enche-me de pânico: às vezes meu coração dói por ternura, amor ; mas....o preço é a subjugação da personalidade...Não, eu não quero esse amor: Eu quero um bom amigo a quem eu possa desnudar minha alma; eu quero o amor de um homem mais velho que me ame da forma que os pais amam e entendem sua criança (afinidade espiritual). Mas meus pais não são assim. Se eu fosse um ser

²⁷ Adoto a periodização feita por Lohtane na análise da questão do relacionamento entre Jung e Sabina.

humano tão sábio como meu Junga²⁸... E que estúpido é que eu não seja um homem: os homens têm tudo de um jeito mais fácil. É uma vergonha que tudo na vida vá dessa forma. Eu não quero ser uma escrava! (COVINGTON; WHARTON, 2003, p.194)

Sabina revela sua expectativa de alguém que seja como um pai para ela e não um parceiro e companheiro; ela procura em Jung o amor ao pai, ou seja, ela ainda está ligada ao pai em sua mente que preza o conhecimento científico acima de tudo e a faz se sentir mal naquilo que a faz mulher. Jung é, portanto também a personificação do ideal. Por isso inveja os homens com sua vida fácil e iguala o casamento à subjugação.

No seu diário em russo, ela continua a descrever suas tentativas e triunfos à medida que progride em seus estudos médicos que a entusiasma cada vez mais, e cresce tanto emocional como intelectualmente à medida que sua amizade com Jung se aprofunda:

A única coisa que eu agora possuo é minha liberdade e eu defendo esta última conquistada possessão com toda minha força. Não posso suportar o menor julgamento sobre a minha personalidade, mesmo quando dado sob a forma de simples instrução, pode se transformar num atormentador sermão ... e me deixa furiosa (eu não sei porque isso acontece). Eu só posso permitir tudo de Junga. Amanhã eu vou à biblioteca médica e emprestarei o livro de Hartmann, 'Filosofia do inconsciente', que vi acidentalmente no catálogo. Desde que vi este livro nos aposentos de Junga, penso que vale a pena lê-lo. (COVINGTON; WHARTON, 2003, p.194)

Em adição, ela pinta um retrato comovente da sua ligação a Jung, numa carta à sua *Mamochka*²⁹ de 26 de agosto de 1905: dizendo-se cansada e feliz, conta que nunca esteve tão feliz em sua vida.

²⁸ forma afetiva russa para Jung.

²⁹ diminutivo russo carinhoso para mamãezinha

Você provavelmente adivinhou que a razão disso tudo é Junga. Eu o visitei hoje. Ele me confortou sobre Remi ³⁰. Na sua opinião, ele me disse, sua condição melhorou acentuadamente e me aconselha a não perguntar pelo retorno do dinheiro que gastei nela, mas perguntar por ele na sociedade de caridade, pois senão a sociedade poderia usar esse dinheiro para ajudar outra pessoa. Nós trouxemos este assunto depois que Jung me disse que eu não deveria usar um chapéu com buracos e que também deveria remendar meus sapatos. Eu disse a ele que meu dinheiro tinha se ido e que não poderia pedir mais para meus pais porque já tinha recebido muito. Ele compeliu-me a dizer onde eu gastei meu dinheiro. Então, me propôs um empréstimo de 100 francos e escrever a você sobre isso, mas como objetei violentamente, ele me forçou a aceitar 10 francos para arrumar o chapéu e os sapatos. O que você acha dessa gorjeta? Eu fiquei tão envergonhada, que eu queria que a terra me engolisse. Mas você não pode vencer um argumento com esse homem. Por outro lado, fiquei deliciada pelo fato de ele ter feito uma boa ação e não querer tolher seus esforços. Não diga uma palavra a ele sobre isso. É estranho e também, de alguma forma, agradável ser objeto de suas atenções caritativas e gastando dinheiro comigo. Naturalmente vou pagá-lo de volta, mas ele não sabe disso ainda. Assim você pode ver que tipo de pessoa é o meu Junga. Quando deixei hoje o prof. Bleuler, eu parecia alguém condenado a morte, mas ele (Jung) restaurou minha fé em minhas capacidades e me fez tão feliz! Ele virá visitar-me na sexta-feira (1º de setembro), às 15 horas. Se ao menos eu conseguisse aprender a cozinhar Borscht ³¹ até lá! Hoje eu e Jung fomos passear em volta do nosso hospital. Há muitas mulheres para as quais eu sou objeto de admiração. (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 195)

Ela diz que esqueceu de se desculpar do presente que ela mandou para ele, mas não esqueceu de lhe contar como havia assustado a mãe ao lhe apresentar as cartas de Remi como se fossem dele e ele disse que ela não devia tê-la assustado dessa maneira. Esta carta será retomada mais à frente devido aos 10 francos emprestados por Jung e os presentes que ele recebia da mãe de Spielrein. A carta evidencia sua transferência a Jung, no lugar parental, ao atuar como professor da escola médica, mentor e guardião.

³⁰ uma paciente sob os cuidados de Sabina no Burghölzli.

³¹ Sopa russa de beterraba, muito saborosa.

Nesse momento, é implausível que uma relação sexual tivesse se consumado, sobretudo em Burghölzli. O caso de amor tempestuoso parece ter ocorrido após a relação formal médico-paciente ter se dissolvido.

Mas é na última etapa do seu tratamento na clínica que o terreno começa a ser preparado, quando ela se aventura no difícil terreno da sexualidade. O fato de ela poder falar disso com todo o coração traz alívio a seus sintomas, as dores de cabeça e nos pés desaparecem. Talvez tenha ajudado o fato de, em novembro de 1904, Jung ter se mudado para um apartamento na Clínica de Burghölzli com a sua mulher Emma grávida da primeira filha do casal que nasceu em dezembro. Como dissemos acima, as mulheres dos médicos participavam ativamente da vida cotidiana do hospital e é provável que Sabina e Emma ao menos cruzassem uma com a outra com certa frequência. Jung escreve que a paciente mostra mais iniciativa e demanda atividades regulares úteis, comportando-se mais naturalmente. Com a chegada da sexualidade, a transferência vai para um plano adulto erótico e sexual. No final de janeiro, Jung escreve: “Ontem, na visita noturna, a paciente estava reclinada no sofá na sua maneira usual, oriental e voluptuosa, com uma expressão sonhadora e sensual no seu rosto. Ela não respondia a questões, apenas sorria superficialmente” (COVINGTON;WHARTON, 2001, p. 235). A mocinha está praticando, experimentando dando terreno aos seus encantos femininos. Para Richebächer, do ponto de vista atual, essa constelação ofereceria uma boa oportunidade para trabalhar com a paciente em seus problemas. Mas há cem anos, para o jovem médico de 29 anos, as coisas pareciam diferentes: gostaria de continuar a tratá-la pela psicanálise, porém se depara com uma mulher cheia de dons, sedutora e aberta emocionalmente. “Quando Spielrein agarra Jung num nível erótico adulto ele parece perder o equilíbrio” (RICHEBÄCHER, 2003, p. 235). A maneira como descreve sua paciente aqui é altamente ambivalente e o cenário *fin-de-*

siécle de uma mulher oriental voluptuosa, sensual e misteriosa trazido por ele traz todo o fulgor do perigo. Apesar de ter lido o caso *Dora* (FREUD, 1973aa) e *Sobre psicoterapia* (FREUD, 1973z) que lhe davam algumas indicações sobre a transferência, como todos os pioneiros da psicanálise ele não havia sido protegido ou preparado por um treinamento ou por análise pessoal das turbulências emocionais do tratamento e do contato com o inconsciente. Antes de 1923, quando foi instituído em Berlim um programa sistemático de treinamento para psicanalistas, as pessoas aprendiam o melhor que podiam com a experiência. Os vienenses podiam falar com Freud. O fato de ter sido Jung o gatilho para o requerimento de análise pessoal para os futuros analistas (por ocasião da ruptura com Freud, como foi sugerido por Ferenczi) confirma a suspeita de que ele foi tocado pelo assunto que deu muito o que pensar. A aparição no cenário da mulher oriental marca o fim dos registros. Apenas em 28 de abril há uma anotação curta que diz que a paciente melhorou consideravelmente e que agora assiste a conferências com consciência e interesse (RICHEBÄCHER, 2003, p. 235).

1906-1908 – o aprofundamento de uma amizade

Quando Sabina Spielrein teve alta de Burghölzli, Jung criou a impressão de que continuara a tratá-la e de que combinara esse cuidado com amizade. Uma prova disso é a correspondência citada acima com Freud em que ele menciona, usando o tempo verbal do presente, que está tratando de uma moça histérica com o método dele. Não há menção de detalhes sobre lugar, frequência, tópicos de tratamento. E quando diz que é um caso difícil, não especifica onde reside essa dificuldade em 1906. Nenhuma menção é feita nos diários de Sabina seja antes, seja depois dessa carta a Freud. Quando em 1909, ele escreve a Freud

sobre ela, refere-se a ela como a paciente de anos atrás. Em todas as menções a Spielrein em seus escritos e nas cartas, ele nunca diz se tratar da mesma paciente. Há também a questão do pagamento. Ele não recebia pagamento da mãe de Sabina por suas visitas à filha em Zurique, mas ela lhe dava inúmeros presentes. Jung não fez um corte claro: estava misturando amizade com uma terapia ambígua sem pagamento o que é um dilema ético tão pesado como misturar uma terapia em processo com relacionamento sexual. Não deixou claro também que havia obtido o direito de clinicar particularmente desde abril de 1905.

Sabina tinha o costume de copiar as cartas que enviava, no seu diário alemão. Quando não o conseguia, pedia ao destinatário para enviar de volta a carta, pois como desenvolvia tópicos de reflexão teórica com frequência, gostava de ter registradas suas próprias elaborações. Graças a esse procedimento tivemos acesso, no material encontrado nos arquivos Claparède, às cartas enviadas a Jung, Bleuler e Freud. Numa carta a Jung de 29 de agosto de 1906, copiada em seu diário, ela expressa uma enorme admiração a Jung por seu caráter e inteligência colossais, após ter assistido a uma conferência sua maravilhosa, tanto por motivos científicos como éticos. Para ela, ele é dono de uma beleza ética quando trata as pacientes com tanto cuidado e amor. Ela mesma se transformara completamente em alguém suave e calorosa em relação às pessoas.

Ainda que eu tivesse voltado para casa banhada em lágrimas, estava calma e forte na minha decisão – não se necessita nada, tudo vêm da ‘poesie’. Eu te amo tanto e talvez por isso imagine coisas que não existam (por exemplo, que você me despreza, que você não quer que eu me aproxime). Cada vez isso me causa tempestades emocionais e auto-tortura...Por esta razão, quero deixar Zurique por ao menos três anos, mas não achei universidade melhor...O que você acha? Eu devo deixá-lo sozinho por três anos? (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 198)

Lohtahne (1999), que em seu artigo fica atento aos deslizamentos de sentido da palavra ‘poesie’, comenta que aqui ela é contrastada com a prosa deprimente mencionada; não é ainda da natureza das trocas eróticas, sensuais e extáticas que ocorrerão em 1909, mas um tipo de adoração ao culto do herói amado, ao professor ou substituto do pai por uma jovem inspirada e altamente idealizadora e inteligente. Mesmo que seja nutrida pela corrente erótica, não se percebe um cruzamento de ligações eróticas. Na mesma carta, ela confessa a Jung seu estado estúpido de tanto estudar e suas fantasias enganosas e armadilhas anti-sociais. Ela prossegue dizendo que nunca encontrou um ser humano cuja inteligência, mesmo diferente da sua, estivesse unida a uma força moral, caráter e idealismo e uma vez que as cartas de Jung traziam a ela tanta alegria, pedia que ele continuasse lhe escrevendo mesmo que não respondesse, para estimular de tempos em tempos a melhor parte da sua personalidade “para que num momento de fraqueza eu possa pensar em você e me fortalecer” (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 198). A estudante de medicina passa então a discorrer sobre vários conceitos filosóficos incluindo os de Ernst Mach sobre sensações e do biólogo August Weismann³² sobre a imortalidade dos organismos unicelulares.

Em 6 de julho de 1907, Jung escreveu a Freud uma carta onde distorce o sentido de um poema russo enviado por Spielrein, dando-lhe um sentido marcadamente malicioso:

(...) uma paciente histérica recitou-me um poema...sobre um prisioneiro que abriu a gaiola e deixou seu amado passarinho voar para fora. Ela admite que atualmente o seu maior desejo é ter um filho meu, que preencheria seus desejos impreenchíveis. Para esse propósito, eu teria que deixar o ‘pássaro’ sair primeiro. (MACGUIRE, 1993, p. 104-105)

³² Biólogo ao qual Freud recorrerá em *Mais além do princípio do prazer*, ao argumentar sua pulsão de morte.

Jung fala como se Spielrein fosse ainda sua paciente sem dar maiores detalhes. Ele não capta o profundo desejo maternal na jovem por um filho, *Siegfried*, dos dois. Também não percebe a complexa amizade que se estabelece com sua antiga paciente.

Então vem o ano de 1908. Jung escreve 11 cartas a Sabina durante esse ano. Nelas, marca vários encontros com ela, o último em 22 de julho, assina como “seu amigo” e fala de seus sentimentos.

Em maio de 1908, ela passa no exame preparatório em anatomia e fisiologia na Universidade de Zurique. No final de junho, é convidada por Jung para um passeio de barco no Lago Zurique. É verdade que grande parte do tratamento de Spielrein, quando ainda estava na Clínica, fora realizado por meio de passeios em Burghölzli e no vilarejo próximo à clínica. Mas no mesmo dia do passeio a barco, ele escreve a ela dizendo que precisa dizer brevemente a impressão encantadora que teve dela naquele dia, de que sua imagem havia mudado completamente e que queria dizer o quanto isso o fazia muito, muito feliz, e o quanto o fazia ser capaz de acreditar que havia pessoas como ele, pessoas para quem viver e pensar eram uma coisa só. “Você não imagina o quanto significa para mim a esperança de poder amar uma pessoa que não tenho que maldizer, e que não se condena a também sufocar na banalidade dos hábitos e que pode viver um amor puro cuja verdadeira e íntima condição de vida é a própria liberdade e independência.” (COVINGTON, WHARTON, 2003, p. 33)

Duas semanas depois, Sabina viaja para passar o longo verão junto à sua família em Rostov. Mas nos formulários de controle dos residentes, ela escreve no campo que pergunta para onde está indo: “para fora de Zurique”.

Em 12 de agosto, ele escreveu:

Sua carta fez-me feliz e calmo. Eu estava de certa forma preocupado por seu longo silêncio... devo expressar minha admiração pela grande personalidade de seus pais ...Por sua carta está tudo bem e encantador. Eu delicio-me com sua felicidade. Desta forma sua tão esperada e temida viagem à Rússia será muito mais fácil. Meu próprio humor oscila como um vulcão, uma hora tudo parece dourado, outra hora tudo parece cinza. Sua carta foi como um raio de luz através das nuvens (...) Chego à conclusão de que você está muito mais perto de mim do que eu pensava. Só que eu sou sempre terrivelmente desconfiado e creio sempre que os outros seres humanos querem me explorar e me tyrannizar. A confiança na bondade natural dos seres humanos, que eu tanto prego, só consigo tê-la com muito esforço. Mas, por favor, tudo isso não vale para você... (COVINGTON, WHARTON, 2003, p. 35)

Em outra carta do mesmo mês, ele escreve:

Minha Querida

Eu acabei de receber a sua carta amigável e tenho a impressão de que você não está inteiramente bem em Rostov. Eu entendo. Sou grato a você pelas suas boas e amáveis palavras. Agora estou calmo de novo. As férias acalmaram os meus nervos consideravelmente. Todo dia eu faço uma longa caminhada pelas montanhas, a maioria das vezes, sozinho. Isto me faz muito bem. Os complexos estão se acertando e pode-se ver com clareza de novo. Você veio com um bônus de amizade junto com um desejo de coração de que sua vida possa ser bem sucedida com um mínimo de objetivos sem propósitos e a dor conectada a eles. Nunca perca a esperança de que o trabalho feito com amor levará a um bom fim. Eu posso escrever só uma curta carta hoje porque acabei de voltar para casa e estou cansado de uma longa caminhada. Por favor, continue escrevendo para mim para Burghölzli.

Com o coração cheio de amor, Seu J. (COVINGTON, WHARTON, 2003, p. 201)

Lothane nota o contraste com a carta escrita a Freud um ano antes. Aqui, diz ele, a expressão “trabalho feito com amor” não quer dizer amor sexual, mas uma relação de amor de respeito mútuo, amizade e simpatia, uma mensagem de um companheiro de alma a outro, a manifestação de uma conexão espiritual e psicológica. Jung está sofrendo

emocionalmente e a tensão é visível. Ele também insinua a Sabina que o seu sonho de uma vida com ele pode nunca ser realizado. “Sabina estava ainda em tratamento com Jung ou eles eram amigos que ambigualmente misturavam simpatia e um tipo de terapia suportiva?” (LOTHANE, 1999, p. 1193)

Isso é confirmado por uma carta da mãe de Sabina a ela, provavelmente logo após essa carta de Jung. Nela, a mãe diz que, quando ela partiu, estava desassossegada, até que chegou uma carta de Jung que, após muitos conflitos, ela abriu, pois a filha a teria deixado saber de seu conteúdo de qualquer jeito. Demonstrando o montante de sua fusão amorosa com a filha, ela diz:

(...) eu tinha que saber o que tinha dentro dela porque o meu inteiro humor dependia disso. Esta carta acalmou-me. Ela expressa uma profunda amizade, ligeiramente colorida por alguma coisa mais, o que é perfeitamente natural. Ele pensa freqüentemente em você, na epidemia de cólera, na sua alma. Ele está provavelmente atravessando um conflito e o conselho dele a você e a ele é não deixar o sentimento de amor crescer, mas suprimi-lo, embora não o matando completamente. Será que eu entendi bem? Se for capaz de fazê-lo, ele será vitorioso ou então será deixado fora de combate. Eu tenho certeza de que ele sairá vitorioso. Ele escreve que isso é necessário em nome de seus amados, sua mulher e seus filhos. E você? Talvez eu não tenha entendido. De qualquer forma, gosto muito do tom desta carta, especialmente dos limites que ele coloca entre você e ele. Parece-me que não poderia ser melhor. Você tem nele uma pessoa devotada a você com um toque de amor (mais que isso não é permitido e você tem que ficar feliz com isso), uma pessoa por quem você tem profundo respeito e apreciação, o que você também tem dele, de que mais você precisa? Você deveria estar feliz porque foi mais do que desejou. Se desejou ser a causa do divórcio dele de sua mulher, então seria de outra maneira, se não, você não deve ir além. O importante é perceber que ele poderia ser tirado dela, mas não vale a pena. Você não pode ter nada melhor do que a maneira como está. Não se atormente, suprima seus sentimentos de forma que eles não possam mais fazê-la sofrer e continue encontrando-o como amigo. Ele também precisa de você, mas não está sofrendo, ao contrário, está ficando melhor. Por favor, por favor, por favor, não diga a ele que abriu a carta...Alugue um apartamento, convide-o e me escreva com todos os detalhes. Você

pode falar com ele de amor, mas permaneça sem render-se, você só tem a ganhar com isso. Não esconda seus sentimentos.. (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 201-202).³³

Numa carta sem data, provavelmente do final de 1908, à sua mãe, é surpreendente ver o crescimento de Sabina desde 1905. A importância dessa carta de Sabina à sua mãe é que ela coloca como entende o apaixonamento recíproco entre ela e Jung, porque ele é diferente da relação transferencial entre Jung e outras pacientes, fala do dilema que vive com esse amor e do trabalho interno que se propõe a fazer para deslocar seu desejo apaixonado por Jung para outro homem. Após dizer que é arriscado mandar as cartas dele para a mãe e difícil comunicar acontecimentos importantes por carta, ela informa que Jung acabara um ensaio provocante, *A importância do pai no destino do indivíduo*, onde mostra que a escolha do futuro amor é determinada pelas primeiras relações da criança com seus pais.

Que eu o amo está tão firmemente determinado como que ele me ama. Ele é para mim um pai e eu sou para ele uma mãe, ou mais precisamente, a mulher que atuou como a primeira substituta da mãe (sua mãe sucumbiu à histeria quando ele tinha dois anos de idade) e ele ficou tão ligado à mulher substituta, que quando ela se ausentava, ele a via em alucinações, etc. etc. Porque ele se apaixonou pela sua esposa, eu não sei... Vamos dizer que sua mulher não é ‘ completamente satisfatória’ e agora ele se apaixonou por mim, uma histérica; e eu me sinto apaixonada por um psicopata [a maneira como na época se denominava alguém que tinha algum tipo de distúrbio mental por hereditariedade] é necessário explicar o por quê? Eu nunca vi meu pai como normal. Seu desejo insano de se conhecer é melhor expresso por Jung, para quem sua atividade científica é mais importante do que qualquer coisa no mundo... Um caráter dinâmico emparelhado com uma sensibilidade altamente desenvolvida, uma necessidade de sofrer e se compadecer ao máximo. Você pode fazer para ele e ter dele tudo que você quiser

³³ Idéfilm, Estocolmo, utilizada por Elisabeth Marton, no filme *Meu nome era Sabina Spielrein*.

com amor e ternura. Duas vezes ele ficou tão emocionado em minha presença que as lágrimas rolaram de sua face! Se pudesse esconder-se na sala ao lado e ouvir como ele está preocupado comigo e meu destino, você derramaria lágrimas. Então ele começa a fazer reprovações sem fim a si mesmo pelos seus sentimentos, por exemplo, que eu sou algo de sagrado para ele, que está pronto para implorar por perdão etc. Eu não posso precisar as frases porque eram bastante sentimentais, mas você bem pode imaginar tudo. Você se lembra de quanto o papai era querido quando se desculpava com você exatamente da mesma maneira! É difícil para mim enumerar todas as auto-recriminações que ele endereça a si mesmo porque nós somos ambos tanto culpados como não culpados. Veja quantas mulheres pacientes foram vê-lo e se apaixonaram por ele, mas ele só podia agir como médico porque não as amava de volta. Mas você sabe quão desesperadamente ele luta com seus sentimentos! O que alguém poderia fazer? Ele sofreu por muitas noites pensando em mim. Nós consideramos a possibilidade de nos separarmos, mas esta solução não foi viável, porque ambos vivemos em Zurique. Ele se sente responsável pelo meu destino... não quer ficar no caminho da minha felicidade e, no caso de nos separarmos, tem razões para temer pelo meu futuro. Esta conversa foi há duas semanas e nós ficamos incapazes de pronunciar uma palavra. A conversa de coração para coração terminou. Nós permanecemos quietos, na mais terna poesie. *Ducunt volentem Dei nolentem trahunt*. Deixe amanhã trazer a escuridão e o frio! Hoje eu oferecerei meu coração ao sol! Eu ficarei alegre! Eu serei jovem! *Eu serei feliz, isto é o que quero*³⁴! Então ganhei um postal e uma carta no mesmo dia dizendo que não deveria ficar triste e na sexta-feira ele veio de novo. Poesie novamente e de novo...eu o perdoarei alguma vez na vida, ele não dormiu à noite, ficou exausto, não pode lutar mais. Mas da mesma forma, eu deveria estar dizendo me perguntando se ele alguma vez me perdoará pelo que fiz a ele. A diferença é que eu sei que para ele a atividade científica está acima de tudo na vida e que será capaz de suportar tudo em nome da ciência... A única questão é como meu intelecto vai se relacionar com toda essa história e o problema é que meu intelecto não sabe como se relacionar. Eu não deveria estar escrevendo sobre ele e sua família, mas sobre mim. A questão para mim é se devo me render com todo o meu ser a este vértice violento da vida e ser feliz enquanto o sol está brilhando, ou quando a penumbra baixar deixar este sentimento ser transferido a uma criança ou para a ciência, i.e., para a atividade científica que eu amo muito? Primeiramente, quem sabe como esta história irá terminar? ‘Desconhecidos são os caminhos do Senhor’. De qualquer forma, a juventude olha esses acontecimentos de maneira diferente e é muito possível que eu me

³⁴ as últimas frases estão no gênero masculino, como se se tratasse do humor de Jung.

apaixone de novo e tenha sucesso, i. e., encontrarei um marido para mim – mas não se esqueça que isto está ainda muito longe no futuro e, portanto, não se preocupe. Até agora, nós permanecemos em todos os níveis de poesia que não são perigosos e deveremos permanecer assim até eu tornar-me doutora, a menos que as circunstâncias mudem. Eu só estou lhe escrevendo, porque não me sinto feliz, se não tenho a sua bênção, sua aprovação para minhas ações e para que você usufrua delas tanto quanto eu. E depois? Não dá para dizer o que acontecerá e onde a felicidade está nos esperando. Considere este último exemplo: uma das pacientes de Jung, na tentativa de suplantar o amor por ele, subiu as montanhas e se envolveu sexualmente com um jovem. Ela agora tem uma criança e o homem que a seduziu foi mesquinho e a abandonou em seguida. Ela não pôde suportar e quis acabar com a vida e teria conseguido se Jung não a salvasse de novo. (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 203-205)

Lothane sugere que, se Spielrein não está escondendo nada de sua mãe, “poesia” nessa carta sugere abraços ternos e revela o perfil de uma mulher forte, com princípios fortes e que amadureceu muito desde 1905, cheia de *insights* sobre si e seu amigo. Ela sugere que “os dois não passaram os limites da simpatia e do amor terno e não consumaram o sexo” (LOTHANE, 1999, p. 1197)

Na carta de 4 de dezembro de 1908, revela-se o coração rendido de Jung:

Eu lamento muito e lamento a fraqueza e o curso do destino que está ameaçando-me...Você vai rir quando souber que ultimamente estou cheio de memórias da infância precoce...Você vai me perdoar por eu ser quem sou? Que, portanto, eu a estou ofendendo e esquecendo meu dever de médico com você...Meu infortúnio é que não posso viver sem a alegria de um amor tempestuoso e sempre mutante em minha vida. Desde a última cena, eu perdi completamente meu senso de segurança em relação a você...**Eu preciso de acordos definidos, assim não tenho que me preocupar com suas intenções.** [grifo meu] De outra forma, meu trabalho sofrerá e isso parece para mim mais importante que os problemas momentâneos que estou sofrendo no presente. Dê-me neste momento alguma coisa de volta do amor e paciência e altruísmo que fui capaz de lhe dar durante o tempo da sua doença.

Agora eu é que sou o doente. (COVINGTON, WHARTON, 2003, p. 37)

Aqui os papéis inverteram-se, a paciente é requerida como terapeuta.

Spielrein responde a Jung:

Você está tentando suprimir todos os fortes sentimentos que tem em relação a mim. Como resultado está sobrevivendo com mera diplomacia e mentiras. Devo tornar tudo claro para você? Qual seria o ponto? Antes você costumava discutir tópicos mais abstratos comigo, me mostrava coisas diferentes no laboratório ou em casa, coisas relacionadas a quadros de pintura ou documentos antigos; agora você acha que tudo o que não é estreitamente conectado com o complexo sexual, é fazer uma conferência; isto parece aborrecê-lo porque o complexo é tão poderoso que não consegue dominá-lo. Eu não sei: será que somos tão estúpidos quando acontece com a gente ou você simplesmente não quer admiti-lo? Seria impressionante se, com suas capacidades analíticas, você não tivesse percebido que tipo de “histórias de paciente” você reservou para mim. Eu não me sinto confortável em falar com você dessa maneira. E ainda; o que eu devo fazer? Eu vou a Locarno agora e espero que as novas impressões e um tempo mais longo sem te ver me dêem uma perspectiva mais sensível das coisas – no momento estou um pouco estúpida... (CAROTENUTO, 1984, p. 240)

De minha parte, tudo parece indicar que foi entre o final de 1908 e o começo de 1909 que a relação erótica entre Jung e Spielrein transformou-se num amor recíproco. A consumação sexual, para usar a expressão de Lothane, pode ter se realizado nessa época ou entre o 2º semestre de 1909 e 1910; nem antes, nem depois, pelos acontecimentos que se darão na vida dos dois. Na última carta, Jung mostra a contradição e o conflito entre ainda sentir-se médico de Spielrein, mas viver um amor tempestuoso por ela ao mesmo tempo em que afirma que Spielrein não está mais doente e não precisa mais dele como médico. E como ela se auto-analisou profundamente e tornou-se uma analista, é ele, que não havia se

analisado ainda que está precisando de sua ajuda. Para Spielrein, se existe um conflito aí, não tem a ver com o fato de Jung ter sido seu médico, porque ele já é um amigo e mentor para ela, e sim com o fato de ele seja ser casado e não querer separar-se. Em um fragmento de uma carta à sua mãe provavelmente do começo de 1909, ela conta um encontro em que sente que hipnotizou Jung e que isso é da natureza da realização de um milagre.

Como aconteceu? Ele chegou 5 minutos antes do combinado. Ele bateu e entrou, o que me causou grande embaraço, porque não o esperava, e fiquei parada lá, com meu cabelo solto e o pente na mão. Era inconveniente recebê-lo por não ter uma ante-sala e ele se sentou na cama e prometeu não olhar, mesmo que depois eu tenha sabido que não olhar era entrever-me entre os dedos que pôs diante dos olhos. Eu rapidamente terminei de me vestir, pus uma cobertura vermelha no abajur e me encaminhei para ele. Nós nos cumprimentamos como depois de uma longa separação e então ele fez longos discursos de como não tinha dormido a noite toda pensando em mim, como desejava apenas a minha felicidade para sempre, etc. Eu disse a ele que esses discursos eram uma perturbação agora. Que o amo de qualquer maneira e, se um dia tivermos que nos separar, então será isso, mas que agora eu não estava pensando em nada e que estava bem. Então ele me beijou, me abraçou e gritou: ‘é mesmo assim’? E seu rosto brilhou de felicidade. Eu sou uma mãe para ele e ele é um pai para mim, o melhor de todos os mundos possíveis! Mas o melhor de tudo é que ele teve a idéia de um novo penteado: tirou o pente da minha cabeça e soltou meus cabelos e, depois disso, ficou jubilante dizendo que eu parecia uma egípcia. (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 205-206)

Aqui é importante notar que Jung já vinha tentando buscar acordos definidos para limitar o seu envolvimento psíquico e emocional extremamente conflituoso: sua necessidade de se entregar a esse amor que lhe dava acesso a uma parte de si inédita para ele, e a necessidade de manter a posição transferencial do médico que curou e salvou e que deveria estar apenas mantendo a saúde psíquica de sua ex-paciente com amizade e coleguismo.

Talvez aqui seja importante apontar de maneira extremamente sucinta o que vem sendo considerado pelos autores como os pontos de enganche de transferência recíproca de Jung com Spielrein, para podermos entender o que aconteceu de reviravolta nessa relação com a entrada de Freud.

O enganche maior seria o fantasma das mulheres de cabelos negros que liga Sabina a Helly-Helène e à babá que tomou conta de Jung, aos 3 anos, quando sua mãe estava internada e doente com sintomas histéricos graves, mãe que, no cotidiano, freqüentemente acreditava ver espíritos. Essa babá ele considerou a matriz do feminino em si e de sua relação com as mulheres. Outro qualificativo do fantasma, o fato de ser judia, ligaria Sabina a Helly-Helène, prima de Jung, matriz de sua tese de doutoramento. Aos 15 anos e meio, ela se apresentava no seu eu sonambúlico nas sessões espíritas freqüentadas por Jung e sua mãe - que foi quem o incitou a freqüenta-las - como Ivenes, a judia: uma mulher adulta, pequena, de cabelos negros, de tipo judaico pronunciado, envolta em vestes brancas e com a cabeça coberta por um turbante, segundo as recordações do relato feito por Helène a sua filha, Stephanie Zumstein-Preiswerk, surgidas em 1975. Desde as primeiras sessões, Helly demonstrou suas excepcionais qualidades mediúnicas fazendo seu eminente avô Preiswerk falar pela sua boca³⁵. Ele havia sido, durante sua vida, um fervoroso promotor do movimento sionista, que teve seu primeiro congresso justamente na Basileia no fim de agosto de 1897, onde Theodor Herzl, tido como fundador do movimento sionista, celebrou

³⁵ Jung teve dois avôs extraordinários, cada um tendo se casado três vezes. O avô materno, muito dotado à parapsicologia, teve sessenta e quatro crianças, era pastor e aprendeu hebraico para falar com Deus no céu. O avô paterno, homônimo de Jung, foi reitor da Universidade da Basileia, reorganizador do ensino de anatomia e fundador de um hospital psiquiátrico para crianças débeis. Jung destacou sua importância em suas memórias. Na disputa entre os primos por parte de mãe, querendo valorizar seu avô paterno, Jung dizia que ele era filho ilegítimo de Goethe e Marian Jung. O vangloriar-se da criança, a mistificação de início destinada a seu próprio uso, tornou-se o germe do romance familiar e mais tarde um rumor de mau gosto, sem impedir que Jung procedesse a pesquisas, nem mesmo que compreendesse que sua assim chamada personalidade nº 2 poderia bem ser uma reencarnação de Goethe. (BAIR, 2006)

a memória de seu querido amigo Preiswerk. Em outubro de 1898, Ivenes faz a genealogia de suas reencarnações, tal como aparece tanto na tese de Jung, assim como no depoimento de sua filha, onde aparece como a amante de Goethe, a mãe do avô de Jung, mãe de um Jung que tem as características de Goethe, e judia. As sessões terminam no outono de 1899, não, como pretende Jung, porque ela havia começado a simular sobre sua iniciativa, mas porque fica gravemente doente. Em 1902, ano de sua tese, a Basileia inteira escandalizada reconhece a protagonista, apesar de todas as precauções. Ano da ruptura com Helly, que ele faz morrer em seu diário em 1907, aos vinte e seis anos, mas que na verdade morre em 1911, dois dias antes de completar trinta anos. Coincidentemente, 1907 é o ano em que começa a recrudescer amorosamente a relação amistosa com Sabina e 1911 é o ano tanto da entrada de Spielrein na Sociedade Psicanalítica de Viena, como do início da relação amorosa com sua ex-paciente e agora colaboradora, Toni Wolff. É também o ano em que Spielrein produz o seu texto sobre os destinos da fusão com a mãe, e em que Jung, influenciado teoricamente por ela, elabora a sua teoria sobre a dupla mãe (JUNG, 1999, p. 298-381). Quando Jung escreveu a Freud para justificar seu enganche na transferência de Sabina que o influenciou, uma das cartas dizia que “a Judia pipocou numa nova forma, na forma de minha paciente” (MACGUIRE, 1993, p. 252). As duas outras justificativas eram o próprio amor de Sabina e as idéias de seu não menos brilhante e trágico paciente Otto Gross.

Outro trauma importante na vida de Jung ele confessou a Freud numa carta: “Quando menino, eu sucumbi a um atentado homossexual de um homem que antes eu venerava.” (MACGUIRE, 1993, p. 129)

1909 a 1910 – a relação erótico-sensual e a entrada de Freud

De qualquer maneira, as coisas começaram a mudar quando, no começo de 1909, Emma Jung enviou uma carta anônima à mãe de Spielrein advertindo-a da relação amorosa entre Jung e Sabina e esta logo em seguida enviou uma carta a Jung pedindo-lhe explicação. Foi a resposta de Jung a essa carta, arrogante e vil, (embora do meu ponto de vista fosse também uma tentativa desastrada de buscar uma mediação simbólica ao conflito que vivia quanto à natureza de sua relação com Spielrein) que encheu Sabina Spielrein de revolta. Foi nesse momento que Jung, temendo um escândalo por parte de Spielrein, confundiu os episódios de ameaça de escândalo de uma aluna sua apaixonada por ele como sendo de Sabina Spielrein e escreveu a Freud. Foi também nessa ocasião que Jung, temendo a condenação de Bleuler se houvesse um escândalo, pede demissão de Burghölzli, acompanhada de uma carta na qual explicava que agora, mais do que nunca, gostaria de se dedicar à atividade científica.

Em uma carta enviada por Sabina a Freud, a terceira que será detalhada adiante, temos acesso à transcrição das cartas de Jung à mãe de Sabina no começo de 1909, após ela mencionar que a mãe havia lhe escrito “uma carta comovente, sublinhando que ele tinha salvo sua filha e certamente não iria querer agora arruína-la, rogando-lhe que não ultrapassasse os limites da amizade” (CAROTENUTO, 1984, p. 167):

(...) Como médico tornei-me seu amigo, já que desisti de manter à parte os meus sentimentos. Podia abandonar facilmente o papel de médico, porque não me sentia comprometido como tal, não tendo jamais requerido um pagamento. É este último que assinala, claramente, os limites aos quais está submetido o médico. A senhora compreenderá que é impossível, para um homem e uma moça, terem – durante muito tempo – somente relações de amizade, sem que num certo momento se introduza algo diverso. Mas, no

fundo, o que poderia impedir os dois de aceitarem as consequências do seu amor? Um médico e a sua paciente, ao contrário, podem falar de qualquer intimidade por um tempo ilimitado e a paciente pode esperar do médico todo o amor e o cuidado de que tem necessidade. Porém, o médico conhece os seus limites e jamais os ultrapassará porque é pago pelo seu labor. E isto lhe coloca a necessária limitação. Portanto, para permanecer na posição de médico, como a senhora deseja, proponho-lhe fixar uma remuneração adequada aos meus serviços. Desse modo a senhora estará absolutamente segura de que eu respeitarei, em todas as circunstâncias, o meu dever de médico. Como amigo de sua filha, ao contrário, dever-se-ia deixar ao destino o que acontecerá, porque ninguém deve impedir dois amigos de fazerem o que desejarem. Espero, cara e estimada senhora, que entenda e compreenda que, em todas essas coisas não existe nenhuma baixeza, mas somente a experiência e o auto-conhecimento. Meus honorários são dez francos por consulta. Aconselho que a senhora escolha a solução prosaica, porque é a mais prudente e não cria obrigações para o futuro. (CAROTENUTO, 1984, p. 168)

Spielrein comenta na carta que escreve a Freud que aquilo fora uma terrível ofensa para a mãe, pois durante toda a vida os pais não aceitaram presentes e era como se Jung tivesse feito um presente ao não cobrar; a mãe não sabia que Dr. Jung tinha o direito de clinicar privadamente; por isso havia lhe mandado, ao invés de dinheiro, presentes que exprimiam, ao mesmo tempo, sentimentos de amizade. Porém, nos últimos tempos, as coisas haviam ficado mais complicadas porque ele não figurava mais como médico. Sabemos que os pais de Sabina pagaram todo o tratamento no Burgholzi e mandavam dinheiro a ela, nem sempre suficiente. Nesse sentido, é curioso pensar que 10 francos são exatamente a quantia que Jung emprestou a ela para consertar o chapéu e os sapatos quando ela ainda estava internada e que ela disse que iria lhe devolver, conforme carta transcrita acima. A alternativa que Jung colocava à mãe de Sabina era dez francos ou um beijo e isso sem consultar a opinião de sua amiga.

Na segunda carta à mãe de Sabina, o Dr. Jung escreve, segundo a reprodução que ela faz a Freud:

Disse sempre à sua filha que o sexual estava excluído e que, com o meu modo de agir, queria somente exprimir os meus sentimentos de amizade. Quando isso ocorreu, encontrava-me num estado de espírito muito doce e de compaixão e queria dar à sua filha uma prova tangível de confiança para libertá-la interiormente. Este, porém, foi um grande erro pelo qual agora me penitencio (...). A dor de cabeça de que sofre e que lhe ocorre de vez em quando é devida a desejos não realizados e, infelizmente, não realizáveis por mim. (CAROTENUTO, 1984, p. 168)

Sabina diz que a terceira carta é ainda mais ofensiva e não ousaria mostrá-la, conta ainda que, nesta, ele pedia à mãe que mostrasse o conteúdo ao seu pai que o conhecia pessoalmente. Sabina não sabia nada sobre essa correspondência e só teve conhecimento da primeira carta numa versão diferente.

Em 7 de março de 1909, Jung escreve no meio de uma carta a Freud, o seguinte:

A última novidade e a pior de todas é que um complexo anda a fazer de mim o diabo: Uma paciente, que há anos tirei de uma neurose incômoda, sem poupar esforços, traiu minha confiança e amizade da forma mais mortificante que se possa imaginar. Resolveu armar um torpe escândalo simplesmente porque me neguei ao prazer de lhe fazer um filho. Sempre procedi com ela como um perfeito cavalheiro, mas perante o tribunal da minha consciência por demais sensível não me sinto realmente imaculado, e é isso o que mais dói, porque minhas intenções nunca deixaram de ser as mais dignas. Mas os senhores sabem como são as coisas – mesmo o que há de melhor pode servir ao diabo para fazer imundície. Nesse ínterim, aprendi uma indescritível parcela de sabedoria conjugal, pois até então tinha uma idéia totalmente inadequada de meus componentes polígamos, a despeito de toda auto-análise. Agora eu sei onde e como deitar mão ao diabo. Esses vislumbres dolorosos, não obstante extremamente salutares, puseram-me num infernal tumulto interior, mas por isso mesmo garantiram-me, assim espero, qualidades morais que ainda hão de me ser do maior proveito na vida. Meu relacionamento com minha mulher ganhou

enormemente em profundidade e firmeza. (MACGUIRE, 1993, p. 233)

Enquanto acusava Spielrein falsamente, como Jung percebeu logo depois, ele mantinha uma negação total de seu próprio envolvimento e ações. Em 9 de março de 1909, Freud lhe responde e, após se queixar da demora de Jung em responder-lhe as cartas, o que o deixava aflito já que fora assim, com a demora das respostas de Fliess a suas cartas, que a troca entre os dois começou a se esfriar até o fim da amizade, no meio da carta escreve:

Também ouvi falar da paciente através da qual o senhor entrou em contato com a gratidão neurótica dos rejeitados. Quando veio me ver, Muhtmann aludiu a uma senhora que se apresentara a ele como amante do senhor, pensando que ele se deixaria impressionar fortemente com a liberdade que o senhor conservava. Mas presumimos que a situação fosse muito diferente e que a única explicação possível era uma neurose na informante. Seremos difamados e causticados pelo amor com que operamos – tais são os riscos de nosso ofício, mas não será por causa deles que vamos abandoná-lo. Navegar é preciso, viver não é preciso³⁶. E outra coisa: ‘Estás então aliado ao Diabo e ainda queres te poupar ao fogo?’ Foi seu avô quem disse algo do gênero³⁷. Trago essa citação à baila porque ao relatar a experiência, o senhor definitivamente descamba para o estilo teológico. (MACGUIRE, 1993, p. 236)

Jung lhe responde no dia 11 de março dizendo que era forçoso responder-lhe logo e que as palavras amáveis de Freud o haviam aliviado e consolado. E que ele podia estar certo de que no futuro nunca haveria de acontecer nada na mesma linha de Fliess e que Freud não deveria se sentir ofendido com seu estilo teológico.

³⁶ Em latim no original. Frase de Plutarco. A nota da edição da correspondência Freud/Jung diz que a frase é de Plutarco, no livro Pompeu. Foi a marujos covardes que Pompeu dirigiu essas palavras.

³⁷ Aqui Freud se refere à lenda de que o avô de Jung, também chamado Carl Gustav Jung, era filho natural de Goethe.

Não houve nada, só que nos últimos quinze dias o diabo resolveu me atormentar na forma de ingratidão neurótica ... A história que Muthmann andou apregoando é chinês para mim. Nunca tive na verdade uma amante e sou o mais inocente dos maridos. Daí minha violenta reação moral! Simplesmente não consigo imaginar de quem se trata. Mas não acho que seja a mesma senhora. Tenho horror a tais histórias. (MACGUIRE, 1993, p. 237)

Tudo parecia esclarecido quando, em 30 de maio de 1909, Spielrein escreve a Freud sua primeira carta:

Ser-lhe-ei muito grata se puder me conceder um encontro! Trata-se de uma coisa de extrema importância para mim, e, provavelmente também de interesse para o senhor. Se for possível, pediria que, cortesmente, me indicasse com um pouco de antecedência a hora que lhe for mais conveniente, porque sou assistente na clínica de Zurique e terei de ser substituída durante a minha ausência. Talvez o senhor imagine uma pessoa empreendedora, em busca de prestígio, que irá lhe levar um confuso trabalho que considera “de nível mundial”, ou algo do gênero. Não, não é isto o que me leva a procurá-lo. O senhor me deixou também embaraçada. (CAROTENUTO, 1984, p. 165)

Pela carta que Freud manda a Jung logo em seguida, ele parece não entender nada desse apelo de Spielrein. Em 3 de junho de 1909, escreve no início de uma carta:

Compreendo perfeitamente seu silêncio e não responderia assim tão rápido se outra carta – que mando junto – não me tivesse chegado ao mesmo tempo que a sua. Que diabo é ela? Uma intrometida, uma faladeira ou uma paranóica? Se o senhor souber algo da autora desta carta, ou tiver uma opinião sobre o assunto, mande-me por favor um telegrama, mas em caso contrário não dê maior importância. Tomarei seu silêncio como uma indicação de que não sabe de nada. (MACGUIRE, 1993, p. 250)

Jung responde-lhe em 4 de junho de 1909:

Conforme sua vontade, mandei-lhe um telegrama hoje de manhã, dando-lhe a redação mais clara possível. Não sabia então o que mais dizer. A pessoa sobre quem lhe escrevi é Spielrein. Em forma resumida, ela foi publicada em minha palestra de Amsterdã³⁸ de saudosa memória. É que, por assim dizer, foi meu caso-teste, razão pela qual guardei por ela um carinho e uma gratidão especiais. Como eu sabia por experiência prévia que sofreria uma recaída imediata, caso lhe retirasse meu apoio, prolonguei o relacionamento por anos e acabei por me sentir na obrigação moral de consagrar-lhe grande parcela de amizade, até notar que as coisas tinham tomado um rumo indesejado, quando enfim rompi com ela. É claro que sistematicamente planejava me seduzir, o que julguei oportuno. Agora está querendo se vingar. Andou ultimamente a espalhar o boato de que vou me divorciar da minha mulher para casar com uma estudante, o que deixou vários dos meus colegas na maior vibração. Ignoro o que ela agora trama. Mas, desconfio que não seja nada de bom, a menos que pretenda usar o senhor como intermediário. Acho que nem precisaria dizer que o rompimento foi total. Como Gross³⁹, ela é um caso de guerra ao pai, e que em nome de tudo eu tentei curar com enorme paciência, chegando a abusar, para tanto, de nossa própria amizade. Naturalmente, para cessar, um complexo de generosidade veio sabotar o trabalho. Como indiquei anteriormente, minha primeira visita a Viena teve uma consequência inconsciente muito longa; de início a paixão compulsiva em Abbazia, depois o reaparecimento da judia nessa nova forma, a pessoa de minha paciente. É claro que agora essa caixa de mágicas não me propõe mais mistérios. Durante toda a

³⁸ A teoria freudiana da histeria, resumida acima.

³⁹ Gross foi um psiquiatra austríaco que se submeteu a dois tratamentos de desintoxicação por drogas na clínica do Burghölzli, um no início do século, e outro em 1908. Entre as duas internações, tornou-se assistente de Kraepelin em Munique e entusiasmou-se com a obra freudiana. Depois de se encontrar com Freud, orientou-se para a prática da psicanálise, freqüentando os meios intelectuais onde o nietzscheísmo tomava a forma do Eros cosmogônico nostálgico de um dionisismo arcaico inspirado no matriarcado arcaico das culturas anteriores à emergência do racionalismo grego. Foi por meio desse culto, e pregando o imoralismo sexual, que militou pela psicanálise. Em 1907, publicou **A ideogenidade freudiana e sua significação na alienação maníaco-depressiva de Kraepelin**, na qual relacionava o conceito freudiano de clivagem com o de dissociação de Kraepelin e propunha substituir o termo demência precoce por demência sejunctiva, tomado ao psiquiatra Wernicke, para designar a idéia de disjunção, abrindo assim o caminho para a idéia bleuleriana de esquizofrenia. Era considerado, simultaneamente, tanto um discípulo da tribo freudiana como um doente perigoso. A pedido de Freud, Jung assumiu sua análise e relatou ao mestre, ao longo de suas cartas, o desenrolar desse estranho tratamento. Elogiando ao mesmo tempo seus méritos de teórico, apresentou sucessivamente dois diagnósticos: neurose obsessiva e demência precoce. Rotulado de doente mental, tornou-se cobaia entre mestre e discípulo, futuro dissidente. Permitiu que Jung defendesse junto a Freud a noção de demência precoce à qual esse resistia. O tratamento terminou em fracasso: Gross fugiu da clínica e foi tratado sem mais sucesso por Stekel. Devasso, imoral, anarquista, violentamente apegado à temática da revolução pela sexualidade, foi sumariamente abandonado por Freud, pois poderia causar muitos males à causa. Otto Gross terminou sua vida errante numa rua de Berlim, morto de frio e fome. (PLON; ROUDINESCO, 1998, p.319-20).

história as noções de Gross⁴⁰ me passavam pela cabeça com demasiada insistência. Gross, por sinal, não me mandou o livro dele. Vou ver se o compro. Pode me dar o nome da editora? Tanto Gross como Spielrein são experiências amargas. A nenhum de meus pacientes ofereci tanta amizade e de nenhum colhi tanto dissabor. (MACGUIRE, 1993, p. 252)

Em sete de junho de 1909, Freud responde a Jung:

Já que está pessoalmente interessado na questão de Spielrein, coloco-o a par dos últimos acontecimentos. É claro que não precisa responder a isso. Entendi muito bem o telegrama, sua explicação confirmou minhas suposições. Bastou recebê-lo para que eu escrevesse a Fräulein Sp. uma carta, na qual fingi ignorância, dando a entender que tomava a sugestão dela pela de uma entusiasta por demais solícita. Disse que não poderia assumir a responsabilidade de encorajá-la a fazer uma viagem e nem via a razão de ela se dar a tal incômodo, já que era eu mesmo o maior interessado no assunto a respeito do qual queria me ver. Seria, por conseguinte, preferível que me esclarecesse primeiro sobre a natureza desse assunto. Até agora não obtive resposta. Tais experiências, embora penosas, são necessárias e difíceis de evitar. É impossível que, sem elas, conheçamos a vida e as coisas com as quais lidamos. Eu mesmo nunca estive em tais apuros, conquanto tenha chegado, não poucas vezes, bem perto, divisando, enfim, a '*narrow escape*'. Acho que só as necessidades implacáveis que me tolham o trabalho e o fato de ser dez anos mais moço que o senhor quando me dediquei à psicanálise salvaram-me de experiências análogas. Mas o dano que causam não perdura. Elas ajudam a desenvolver a carapaça de que precisamos e dominar a 'contratransferência' que é afinal para nós um permanente problema; ensinam-nos a deslocar nossos próprios afetos sob o ângulo mais favorável. São uma '*blessing in disguise*'. **A maneira que essas mulheres arranjam para nos atrair com toda a perfeição psíquica, até que atinjam o alvo, é um dos grandes espetáculos da natureza. Uma vez que isso seja feito, ou**

⁴⁰ Numa carta (de 25 de setembro de 1907), Jung se refere às idéias de Gross: "Diz-me o Dr. Gross que, convertendo as pessoas em imoralistas sexuais, consegue impor à transferência uma parada brusca. A transferência ao analista e sua persistente fixação são, no entender dele, meros símbolos monógamos e, como tais, sintomáticas da repressão. O estado realmente saudável, para o neurótico, é a imoralidade sexual. Onde ele associar o senhor a Nietzsche. Parece, contudo, que a repressão sexual é um fator civilizatório importante e indispensável, ainda que patogênico no que tange a muitas pessoas inferiores. Há certos pontos negativos, porém, de que o mundo jamais prescinde. Que é afinal a civilização, senão um fruto da adversidade? Tenho a impressão de que Gross está indo longe demais com a moda do curto-circuito sexual, que nem é inteligente, nem de bom gosto, mas simplesmente cômoda e, portanto, tudo, menos um fator de civilização". (MACGUIRE, 1993, p.125)

o contrário se torne uma certeza, a constelação muda espantosamente. [grifo meu] (MACGUIRE, 1993, p. 254)

Nessa mesma carta, Freud fala do grande respeito que tem por Otto Gross.

Em 12 de junho de 1909, Jung responde a Freud agradecendo-lhe e dizendo que escreveria no mesmo espírito de Freud se algum amigo ou colega passasse por uma situação tão embaraçosa.

Obriguei-me a dizer isso porque o meu complexo de pai teimava em insinuar que sua reação não seria a que foi e que o senhor me passaria um bom pito, disfarçando-o como lhe fosse possível sob o manto do amor fraterno. Seria, na realidade, uma suprema tolice se eu, logo eu, ‘seu filho e herdeiro’ esbanjasse tão insensatamente sua herança, como se não soubesse dessas coisas. (MACGUIRE, 1993, p. 255)

Em 18 de junho de 1909, Freud escreve que, numa segunda carta, Sabina Spielrein havia admitido que o assunto tinha a ver com Jung, mas não havia revelado suas intenções.

Minha resposta foi bastante sensata e penetrante; dei a entender que à moda de um Sherlock Holmes eu me valera de uma pista indistinta para desvendar o mistério (é claro que depois de suas informações isso foi até fácil) e sugeri um procedimento mais adequado, algo por assim dizer endopsíquico. Não sei se esta sugestão será eficaz. Devo exortá-lo, por ora a não ir muito longe nesse rumo de reação e constrição Lembre-se da oportuna frase de Lassalle sobre o químico cujo tubo de ensaio se quebrara: ‘de sobancelha franzida para a resistência da matéria, ele prossegue no trabalho’. Tendo em vista o tipo de matéria com o qual trabalhamos, jamais será possível evitar pequenas explosões no laboratório. Ora não damos ao tubo a inclinação necessária, ora o aquecemos muito depressa. Mas assim descobrimos que parte do perigo jaz na própria matéria e parte em nossa maneira de lidar com ela. (MACGUIRE, 1993, p. 257)

De fato, em 8 de junho, Freud escreve a Sabina Spielrein, chamando-a de cara colega e dizendo que, devido à sua omissão, ficara desconfiado do sentido da sua carta sendo que agora podia dizer sua posição em relação ao assunto que a interessava.

O Dr. Jung é meu amigo e colaborador, eu acho que o conheço e estou no direito de supor que ele será incapaz de agir de forma ligeira ou de maneira deselegante. Eu repugno me eleger de juiz nos assuntos que lhe tocam de perto. Eu não tenho competência e se eu tivesse eu me desincumbiria seguindo uma antiga regra do direito de que é preciso ouvir as duas partes. (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p. 119)

Ele diz que entendeu, pelo anexo do que parece ter sido uma segunda carta de Sabina Spielrein da qual não se conhece o conteúdo, que houve uma amizade estreita entre os dois que não existia mais. Ele não gostaria de julgar quem fora o responsável ou se ela fora o resultado da assistência médica ou da simpatia por uma alma oprimida. Mas se pudesse dizer a ela uma palavra, ele a incitaria a um exame pessoal para ver “se esses sentimentos que sobreviveram a essa relação não mereceriam ser recalcados e relegados na própria psique dela sem a intervenção exterior que faz apelo a uma terceira pessoa” (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p. 119). Ele pede a ela que não o levasse a mal caso suas observações se revelassem errôneas.

É curioso que Freud usa com Jung o termo solução endopsíquica para o que ele aconselha Spielrein a fazer: recalcar e relegar os sentimentos que sobreviveram da relação entre ela e Jung em sua psique. No ensaio *Psicopatologia da vida cotidiana* (FREUD, 1973y), endopsíquico queria dizer psicologia projetada no mundo externo, obscura reconhecimento – percepção endopsíquica – de fatores psíquicos e relações no inconsciente. Mas Freud usa endopsíquico como se ela tivesse imaginado algo que não ocorreu e que era

causado apenas pelo seu tumulto interior e a transferência. No caso Dora, Freud usará os termos resistência endopsíquica para explicar o esquecimento dos sonhos e ainda percepção endopsíquica e defesa endopsíquica. O próximo uso importante é no caso Schreber, em que dirá que as percepções endopsíquicas são a base para a explicação da paranóia. Veremos que Jung se retrata perante Freud, na próxima carta sobre o seu “problema com Spielrein”, admitindo suas próprias endopsíquicas “idéias de referência”. A conclusão é de que não apenas Sabina foi vítima de percepções endopsíquicas, defesas e projeções, mas Jung também e mais ainda que ela. Ele foi aquele que sob a pressão do medo, culpa e vergonha, fabricou a ficção de que Spielrein havia orquestrado um escândalo. Misturando Sabina com outra moça, ele provou que só havia escândalo em sua própria mente.⁴¹

Antes da próxima carta de Jung a Freud, Spielrein escreve uma carta a Freud que é uma espécie de diário, já que escrita de 10 a 14 de junho. Ela começa dizendo que não se dirigiu a ele para que fizesse as pazes entre ela e Jung, porque não havia brigado com ele.

O meu desejo é separar-me dele com amor. Sou bastante analisada, conheço-me suficientemente, e sei que o amor platônico à distância seria o melhor para mim. Reprimir o sentimento não seria bom, pois se o fizer em relação ao Dr. Jung, não poderei amar mais ninguém; se, ao contrário, deixo um espaço em aberto, encontrarei algum jovem que me será mais ou menos simpático, no qual encontrarei semelhanças com o homem que amo e, finalmente poderei amá-lo. (CAROTENUTO, 1984, p. 166)

Ela diz que, ao contrário de uma personagem literária que amou e se casou com um homem, permanecendo fiel ao amor por outro a vida toda, ela gostaria de se separar

⁴¹ Esta reflexão sobre a solução endopsíquica é feita por Lohthane (1999).

totalmente de Jung e andar sozinha pelo seu caminho. Mas só poderia fazer isso se fosse livre completamente para amá-lo, decidir se o perdoava completamente ou se o matava dentro de si. Ela estaria longe de querer acusar Jung junto a Freud. O contrário é que seria verdade: ela ficaria feliz se alguém pudesse provar que ele era digno do seu amor, que não era um patife o que poderia salvar a ela e a seu ideal. Relatando a Freud os pensamentos confusos em relação a Jung que estavam em sua mente, ela diz que viu como sua única salvação falar com a pessoa que o amava e o venerava profundamente e que conhecia os homens a fundo. Apesar de Freud ter sido injusto com ela em sua última carta, ela ficara feliz por Freud demonstrar seu amor e capacidade de entender Jung. Ao contar que fora assistir a uma conferência de Jung em que ele empalidecera ao vê-la, uma tempestade explodiu dentro dela.

Será a primeira e, talvez, a última em minha vida, que suporto um tal escárnio por parte de um homem que, durante quatro-cinco anos foi amado mais do que qualquer coisa no mundo, ao qual dedicou a melhor parte da própria alma, ao qual se sacrificou o orgulho de moça, permitindo ser beijada, etc. já que ele me tratou quando eu era uma mocinha ingênua. (CAROTENUTO, 1984, p. 167)

Em seguida, ela diz que o Dr. Jung há quatro anos e meio havia sido seu médico, depois amigo e em seguida poeta, isto é, amante. Finalmente a tinha conquistado, pregando a poligamia e afirmando que sua esposa estaria de acordo. Até que a mãe dela recebeu uma carta anônima em ótimo alemão que não poderia ser de nenhum de seus amigos, pois ninguém sabia de seu relacionamento com Jung. A suspeita dirigiu-se à esposa de Jung e aí se passou a troca de cartas acima exposta entre sua mãe e Jung. Ela conta então a Freud que ele passou a reservar uma hora por semana para ela, como para todas as suas pacientes, o que deixou seu orgulho ferido.

Creio que fui até ele três vezes. Se penso no modo como aquele homem me escrevia – ‘a sua carta chegou como um raio de sol entre as nuvens’, ou ‘Como estou feliz por conhecer uma pessoa com grande espírito’, etc.,etc. e quando me deu para ler o seu diário (não quero contar detalhes comoventes) assegurando que nenhuma poderia entendê-lo como eu, quando podíamos estar juntos por horas, felizes em silêncio, quando chorou junto a mim, etc., etc. e isto aconteceu há bem pouco tempo! (CAROTENUTO, 1984, p. 169)

Após dizer que se sentia muito deprimida por acabar de saber da tragédia de uma paciente dele a quem ela soube que ele atraiu e depois abandonou, além de outras proezas suas de que ficara sabendo. Só ela falava bem dele até o episódio da carta à mãe dela, sendo que agora era o oposto. Quando ele quis retomar o lugar de médico, ela quase perdeu os sentidos, dada sua natureza orgulhosa, arrependida de ter lhe confessado o amor por indução dele, pois queria poupá-lo de analisar este amor. Ela havia lhe pedido que não analisasse esses complexos amorosos, pois senão teria que analisar os deles também. Mas quando viu nele medo e depressão profundos, renunciou a tudo, e ele sabia disso.

Meu amor por ele estava acima da afinidade até o momento em que ele pediu mais e quis ‘poesie’. Eu não podia e não queria resistir a ele por muitas razões. Porém, quando me perguntou como eu via o futuro (por causa das ‘conseqüências’), eu lhe disse que o primeiro amor não exige nada, que eu não pensava em nada e não iria além de um beijo, ao qual também poderia renunciar. E agora vem dizer que foi muito clemente comigo, porque eu queria dele relações sexuais que ele jamais quis, etc. O senhor pode imaginar. Minha personalidade ideal estava completamente aniquilada, estava inteiramente perdida, pensava que queria beijá-lo, que não podia resistir, a partir do momento que não tinha nem estima por mim, nem por ele. Estava com uma faca na minha mão esquerda e não sabia o que fazer; ele me segurou pela mão, eu me defendi e depois não sei mais nada. Ele ficou muito pálido e levou a mão esquerda à testa: ‘Você me atingiu.’ Eu não me lembrava de nada; estava sentada no bonde com o rosto coberto entre as mãos, e chorava copiosamente. Espantei-me somente quando alguém me perguntou se eu estava ferida. Aproximei-me correndo de um grupo de colegas

e a primeira coisa que ouvi foi: ‘Mas está sangrando!’ Na verdade, a minha mão esquerda e o antebraço estavam cobertos de sangue. ‘Este sangue não é meu, é dele: matei-o!’ E disse muitas outras tolices, mas não deixei escapar uma só palavra que traísse o meu amigo. Depois que lavei a mão, vi a clara marca de uma unha. Queria ir à clínica do Dr. J. para beijá-lo, porque me acreditava perdida, sem possibilidades de salvação e queria escarnecer de mim mesma. Depois, ocorreram muitas tolices! À noite, tive uma forte dor, especialmente no ombro direito e durante muito tempo pensei que fosse um reumatismo, até que me veio a idéia de que podia ter sido provocada pela história do dia anterior, com o Dr. Jung, em quem lhe dei uma bofetada. Meu Deus! Que nojo! Durante dois dias estive cheia de ódio e chorei. Nesse meio tempo, escrevi ao Dr. Jung uma carta, que ainda não recebeu, na qual lhe descrevia o meu estado. Admitia que devíamos nos separar e que eu não poderia suportar que isso ocorresse depois de um fato tão irreparável. Então, o prof. Freud me apareceu, pela primeira vez, como um anjo salvador. Fiz uma poesia para o senhor. (CAROTENUTO, 1984, p. 170-171)

Ela expõe depois as cartas que escreveu a Jung e não enviou, a vinda da mãe para falar com ela e com Jung, o desejo da mãe de se encontrar com Bleuler para intervir, e o maltrato de Jung à sua mãe. Foi aí que a mãe lhe pôs a par de toda a correspondência que havia recebido desde a carta anônima até as cartas que haviam sido trocadas entre ela e Jung. Ela diz então que contou à mãe seu adeus a Jung, e ela contou ao pai que disse: “Fizeram dele um Deus e não é mais do que um homem normal. Estou muito feliz que ela lhe tenha dado uma bofetada! Eu também o teria feito. Deixa que ela faça o que achar necessário: é capaz de cuidar de si mesma” (Carotenuto, 1984, p. 72).

Não estou envergonhada de mim mesma; mas agora não posso enfrentar meu pai, porque penso sempre no modo como age o homem que tão profundamente amei e tanto elogiei. Ele não tem vergonha de falar, de modo tão horrível, sobre coisas que, há pouco tempo, lhe eram sagradas; de jogar na lama a sua melhor amiga, diante de si mesma e dos pais. Por quê? Por covardia, por comodidade. Que nojo, quanto desprezo deve suscitar em todos uma semelhante personalidade. Imagine, professor, ele tinha me

dado toda a sua alma! Quando me deu o seu diário, disse-me com voz rouca: ‘Esse diário foi lido apenas por minha mulher e...por você! (CAROTENUTO, 1984, p. 173)

Ela conta então sobre um episódio de coincidência de pensamentos e gostos em torno da música de Wagner e que Jung lhe contara, com lágrimas nos olhos, que isso, pensar e sentir a mesma coisa, acontecia entre ele e Freud. Que isso tinha acontecido há um ano e meio ou dois atrás, quando ainda não se havia falado em uma relação mais íntima. Para ela seria terrível se a mãe se intrometesse, tratando-a como se fosse uma criança e Jung fugisse como um covarde, sujando aquilo que era tão elevado, claro e limpo.

Se tivesse vindo a mim e me dito que a amizade para ele era mais importante do que qualquer estúpida maledicência do mundo e que podíamos nos separar durante o período no qual prevalecia nele um forte sentimento sexual; e que mais tarde voltaria, e, que se eu quisesse voltaria mesmo imediatamente; se tivesse tido a coragem de reconhecer em mim a sua melhor amiga e não me ver somente às escondidas, nos cantos escuros, como eu teria feito? Teria dito que é uma personalidade que venero como uma divindade, da qual quero me separar com o mais profundo amor, para que jamais surja um momento que possa arruinar este meu sentimento. Será que o senhor acredita que quero tirar proveito da fama do Dr. Jung, se ele me considerar sua amiga? O senhor me julgaria realmente mal! Nos primeiros tempos, quando eu não sabia como os ‘loucos’ eram considerados, não escondi que era uma paciente do Burghölzli, mas não disse a ninguém que conhecia Dr. Jung, que eu lhe agradava, já que queria amá-lo sem segundas intenções. E, se eu quisesse, poderia não apenas dizê-lo, mas também demonstrá-lo, pois possuo uma carta de 25 de setembro de 1905, endereçada ao prof. Freud, na qual o Dr. Jung me define como ”uma pessoa de grandíssima inteligência e sensibilidade”. Eu era então uma garota de 19 anos, andava vestida modestamente, com tranças sobre os ombros, porque para mim a alma era mais importante do que o corpo. Assim se explica também a outra frase: ”O seu caráter tem também algo de indelicado e de rude; falta-lhe também todo o senso de oportunidade e educação, mas grande parte disso poderia se imputar às características russas....” A visão artística do mundo vem somente com a idade e com o despertar do componente sexual. Então também a rudeza cede lugar ao comportamento feminino.

Porém, naquela época, mesmo o Dr. Jung não conseguiu compreender algumas coisas; ele cresceu espiritualmente diante dos meus olhos; pude seguir, passo a passo, o seu desenvolvimento e aprendi muito não apenas através dele, mas também com ele. Fez-me colaborar no seu primeiro trabalho: "Comportamento do tempo de reação na experiência associativa". Discutíamos freqüentemente e ele disse: "Mentes como a sua fazem progredir a ciência! Você deveria se tornar 'psiquiatra'". Quero sublinhar repetidamente estas coisas, a fim de que o senhor compreenda que não foi apenas a relação entre paciente e médico que fez com que nos aproximássemos. Ele escreveu esse trabalho quando eu ainda estava na clínica. Um dia, contei-lhe que tinha sonhado com sua mulher queixando-se comigo porque ele era muito despótico e a vida com ele era difícil. Ele então não examinou o sonho como médico, mas suspirou e disse que sempre soube que a vida em comum era muito difícil. Falei da igualdade, ou seja, da independência espiritual da mulher, e ele disse que me achava uma exceção, enquanto a sua mulher era uma mulher normal e, por isso, interessava-se somente por aquilo que interessava ao marido. (CAROTENUTO, 1984, p. 174-175)

Ela então cita frases exortando a infidelidade que Jung teria mencionado e o resultado dos testes de associação dele com Binswanger, assim como sua exortação então de que não se devia tratar pacientes de graça, pois eles queriam ter pretensões especiais, e explicou que temia que Freud fosse ficar apenas do lado de Jung.

Na carta de 20 de junho de 1909, motivada pelo desejo que Freud havia expresso de ouvir as duas partes, ela lhe diz que disso, em princípio, deveria ter como consequência que ele anuísse em marcar uma entrevista para ouvi-la, mas que sentia que ele quer evitar esse momento desagradável. Ela, então, diz que Jung explicaria o comportamento dela e corrigiria o que fosse necessário e que ele poderia lhe mostrar a correspondência que enviara a ele, Freud. Diz ainda que já havia já falado por horas com Jung e ele dissera que escreveria tudo honestamente a Freud. Ela ficaria feliz se assim fosse, porque assim ele seria honesto consigo mesmo. Mas que ele confessara que, para justificar sua paixão por

ela, mencionou-a a Freud como se tratasse de amor pela filha dele. Ela gostaria que o homem que amava tivesse a coragem de confessar que, embora a srta. Freud o interessasse, as raízes de seu amor por Sabina deveriam ser buscadas em outro lugar. Conta a Freud como Jung havia deslocado a libido dirigida em fantasia à filha de Freud, para ela. E que ela lembrava a Jung a sua prima por quem tinha sido apaixonado, Helene Preiswek, a moça médium com que havia feito os experimentos publicados depois como sua tese de formatura, *Psicologia e patologia dos chamados fenômenos ocultos*, onde aparece com as iniciais S.W..

O amor sempre se transfere de um objeto a outro e eu posso me consolar pensando que o sentimento em relação a mim era mais profundo... O Dr. Jung freqüentemente me identificou com sua mãe e eu o identifiquei com meu irmão e meu pai. Depois houve a análise e revelou-se que o Dr. Jung, há muitos anos, amou uma moça morena histérica de nome S.W., que se fazia sempre chamar de judia (na verdade não o era). Naquele tempo, o Dr. Jung não era casado. ... O Dr. Jung e eu éramos capazes de ler pensamentos um do outro. (CAROTENUTO, 1984, p. 178)

Ela passa a contar a Freud como acha que S.W. foi o seu protótipo para Jung.

É também significativo que, no início do tratamento, o Dr. Jung tenha me dado sua tese para ler, na qual precisamente descrevia essa S.W.. Em seguida, quando eu dizia algo, ele se tornava pensativo e me dizia que S.W. também se expressava nesses termos. E era sempre aquela moça! Agora, no seu medo, esqueceu de tudo; vai a Freud e busca encontrar uma justificação e uma salvação. (CAROTENUTO, 1984, p. 178)

Lembra que, certa vez, a filha de Freud lhe interessou muito, e pensa que o modo mais simples para conseguir a benevolência do pai é explicar-lhe como deslocou para Sabina S. o interesse que um dia tivera por sua filha.

O senhor entenderá, Professor, que para mim dá no mesmo se ele deslocou para mim o amor pela senhorita S.W. ou o amor pela senhorita Freud; para mim a última transposição seria mais agradável – a adulação não faz parte do meu caráter e nesse caso, nem mesmo poderia fazê-lo, pois realmente não conheço sua filha, mas não se poderia excluir que a filha do prof. Freud tenha uma personalidade mais significativa, que eu estaria em condições de substituir no plano psicosssexual; creio que o senhor possa ver pela carta, suficientemente, a profunda união psicológica que existia entre nós; além disso, sua filha deve ser também muito bonita, o que para mim seria muito lisonjeiro, porque não posso ousar acreditar-me bela. Apesar disso, eu poderia pensar que, na base desta interpretação haja uma perfídia inconsciente. Por quê? Quando o Dr. Jung conheceu sua filha, nós já éramos tão amigos que ele pôde dizer que havia conhecido sua filha e a achara muito bela e inteligente. A senhorita Freud não me provocou nenhum ciúme: eu sabia que o Dr. Jung conhecia diversas mulheres inteligentes, que já havia conhecido muitas outras, mas a nossa união psicológica era muito evidente. Quem me barrava o caminho era o próprio prof. Freud. Havia peculiaridades de caráter que logo notei no senhor, porque em mim são totalmente reprimidas; **pensei então que o Dr. Jung não poderia deixar de se distanciar do senhor e que, quando o senhor se tornasse antipático a ele, também eu me tornaria. Fiz essa profecia também para ele.** [grifo meu] (CAROTENUTO, 1984, p. 179)

É notável que essa profecia tenha se tornado realidade e que ao afastamento entre Spielrein e Jung tenha se seguido o rompimento entre Jung e Freud. Ela diz então que Jung pode amar quem quiser, mas que jamais deve negar que por anos houve entre eles uma profunda afinidade espiritual e deve admitir que freqüentemente afirmou a sua inteligência e outras qualidades suas.

Não deve negar que considerava a mim e a seu amor por mim como uma coisa sagrada; deve admitir que, muitas vezes, assegurou-me que ninguém poderia compreendê-lo melhor do que eu. Muito recebi dele e ele de mim e, portanto, não deve ter medo de me reconhecer como a amiga que venerou profundamente e de admitir que, para obter o favor do prof. Freud, afirmou que houve um deslocamento da senhorita Freud, quando, na realidade, o ponto de partida foi a senhorita S.W. Deve reconhecer sinceramente que a

sua amada (até três semanas atrás, quando de repente deixou de acreditar que no mundo possa haver algo elevado) foi sempre forte e tinha orgulho de seu amor. O Dr. Jung suspirava: ‘Eu a amo pela força da sua paixão’. Bastava ela ter querido aceitar as ‘consequências’ desde o início! (CAROTENUTO, 1984, p. 179)

Jung escreve a Freud, em 21 de junho de 1909, a carta de retratação em que revela o seu confuso engano e a mentira que havia sustentado para Freud sobre sua atuação como médico e amigo de Spierein:

Tenho boas notícias a dar sobre meu problema com Spielrein. Eu vi tudo muito negro. Estava certo de que se vingaria depois que rompi com ela, e só me surpreendi com a banalidade da forma como essa vingança assumiu. Anteontem ela veio à minha casa e tivemos uma conversa muito decente, durante a qual transpirou que o boato que corre a meu respeito não parte em absoluto dela. Foram minhas idéias de referência, bem compreensíveis nas circunstâncias, que lhe atribuíram tal boato, mas desejo me retratar incontinenti. Além disso, ela se libertou magnificamente bem da transferência e não sofreu recaída (se se excluir um paroxismo de choro após a separação). A vontade de estar com o senhor não visava uma intriga, mas apenas preparar o caminho para uma conversa comigo. Agora, após sua segunda carta, ela resolveu me procurar diretamente. Embora sem me deixar levar a um remorso infundado, deploro os pecados que cometi, pois, em grande parte, posso ser incriminado pelas extravagantes esperanças de minha ex-paciente. Com efeito, em obediência a meu princípio fundamental de levar todas as pessoas a sério, até o limite extremo, discuti com ela o problema do filho, imaginando que falava em termos teóricos quando na realidade Eros se agitava sorrrateiramente nos bastidores. Atribuí, pois, apenas à minha paciente todos os outros desejos e esperanças, sem ver em mim a mesma coisa. Quando a situação se tornou tão tensa a ponto de a prolongada persistência no relacionamento só poder ser resolvida por atos sexuais, defendi-me de uma maneira que não encontra justificativa moral. Possuído pelo delírio de ser vítima dos estratagemas sexuais de minha paciente, escrevi à mãe dela dizendo que eu não era o gratificador dos desejos sexuais da filha, mas simplesmente seu médico e exortando-a a libertar-me da mesma. Tendo em vista o fato de que antes a paciente fora minha amiga e gozara de toda minha confiança, meu gesto foi uma autêntica safadeza que só com muita relutância confesso ao senhor como meu pai. Gostaria agora de lhe pedir um

grande favor: que mandasse algumas linhas a Frl. Spielrein, dizendo-lhe que o informei de todo assunto, e em particular da carta aos pais dela, que é o que mais lamento. Quero dar à minha paciente ao menos uma satisfação: a de que, tanto ela como o senhor, sabem de minha ‘perfect honesty’. Peço-lhe mil perdões; foi só minha tolice que o envolveu nesta confusão. Estou, no entanto contente por afinal eu não ter me enganado sobre o caráter de minha paciente, pois de outro modo ficaria em dúvida quanto à firmeza de meu julgamento e isso poderia me estorvar consideravelmente em meu trabalho. (MACGUIRE, 1993, p. 258-259)

Ele fala então da grande expectativa em relação à viagem que ambos realizariam para a América, para as conferências na Clark University.

Em 24 de junho de 1909, Freud escreve a Sabina:

Minha cara colega, eu recebi hoje do próprio Dr. Jung os esclarecimentos naquilo que concerne ao caso pelo qual você queria vir me ver aqui; e eu constato que adivinhei corretamente uma parte do problema e que reconstruí de maneira errônea e em vossa desvantagem, outros aspectos. É pelo que eu lhe peço de bom grado que me desculpe. Mas meu erro vai de encontro a meu respeito pelas mulheres, do fato que a falta aqui diz respeito ao homem e não à senhorita, como meu jovem amigo o reconhece. Aceite a expressão de toda a minha simpatia pela maneira pela qual a senhorita resolveu o conflito. Com minha consideração. Vosso devotado Freud. (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p. 141)

Freud comunica sobre esta carta a Jung em 30 de junho de 1909, dizendo que “É mais do que tempo de lhe mandar outra carta. Mesmo em face dos piores delitos, a sua teria me acalmado; já devo estar predisposto e muito a seu favor. Logo depois de recebê-la, escrevi a Fräulein Spielrein umas linhas amáveis, dando-lhe satisfações, e hoje tive resposta.” (MACGUIRE, 1993, p.260) Ele diz que achou a resposta difícil de entender, muito inibida, e que se perguntou se ela era estrangeira. “Tudo o que posso inferir é que ela não está brincando, que atribui grande significado à coisa. Não se sinta culpado de ter me

envolvido, foi dela que partiu o gesto. E afinal, o problema se resolveu de maneira satisfatória para todos. A meu ver, o senhor andou oscilando entre os extremos de Bleuler e Gross”. (MACGUIRE, 1993, p. 260) Curiosamente Freud manifestaria essa dificuldade em entender Spielrein na nota de rodapé que dedicou a ela no seu ensaio *Mais além do princípio do prazer*. Para o leitor atual, por mais prolixo que seja o estilo de Spielrein, intensamente carregado afetivamente, não há nada de incompreensível na distinção minuciosa que vai fazendo entre o que tinha considerado atitudes patifes e vis de Jung, a natureza do amor dela por ele, as circunstâncias em que teria ocorrido uma erotização da relação tanto por parte dela como por parte dele, e porque via em Freud a única pessoa que poderia intervir, justamente por ter amor e consideração por Jung. Este termina dizendo, em 10 de julho de 1909, que o caso se resolveu de modo satisfatório e que havia visto, uma vez mais, tudo negro. Diz ainda que Spielrein era russa, o que explicaria sua dificuldade de expressão. Em agosto, ambos partem para a famosa viagem à América.

Para Lothane (1999), os registros epistolares sugerem que em 1909 “poésie” significava toques, abraços, beijos, olhares recíprocos nos olhos e gestos românticos e que não houve escândalo público, que Jung fez uma tempestade em copo d’água. Para ele, Spielrein não causou problema entre Jung e Freud e a ruptura entre eles deveu-se apenas devido a diferenças na teoria da libido combatidas na arena do caso Schreber.

Mas a “poésie” continuou por um tempo depois dessa tempestade, como demonstram os diários (CAROTENUTO, 1984, p. 193-231) de Spielrein de 1909 a 1912. No diário é possível perceber o caminho de transformação sublimatória do amor a Jung na criação de seu próprio trabalho intelectual, bem como o desejo de deslocamento do amor por Jung para outro homem, ao mesmo tempo em que a relação entre os dois sofria picos de encontro e intenso amor erótico, pelo menos até 1910. Em 28 de agosto de 1909, ela mostra

o conflito interno entre dedicar-se a uma vida tranqüila no seio de uma família e ter ao redor de si “pessoas com grandes aspirações, mergulhar na vida de muitos indivíduos, encher a alma de sentimentos fortes e profundos, rodeada de música e de arte” (CAROTENUTO, 1984, p. 194). Seu ideal mais profundo é ensinar a céu aberto, como os filósofos antigos, rodeada de estudantes a quem pudesse “ensinar um amor não artificial, mas sincero, por tudo o que está na natureza” (CAROTENUTO, 1984, p. 194). Ela gostaria de ensinar o verdadeiro grande amor, mas ele se contrapõe às formalidades que o eu exige para estar no mundo. O conflito eu versus amor verdadeiro marginaliza este último. Ela afirma: “meu amigo me ama” (CAROTENUTO, 1984, p. 194). Em 21 de setembro, escreve:

Amizade. Pode transformar-se tão rápido? Minha mãe diz que é impossível que eu e meu amigo permaneçamos amigos, já que nos amamos. O homem não suporta muito tempo a pura amizade. Se sou gentil com ele, pede-me amor; se sou sempre fria, sente-se ofendido com a minha atitude. (...) Faça, ó destino, que mesmo à distância sejamos uma alma única, que nos estendamos a mão no esforço em direção ao que é mais alto, mais distante, mais válido ou, como diz meu amigo, “na direção do bem e do belo”; visto que já somos o amparo de muitos fracos, faça com que eu seja o seu anjo protetor, a sua alma inspiradora, que o incita sempre a algo de novo e de grande. Será que peço muito? Se isso é muito, então não desejo que dure tanto com esta intensidade, mas pelo menos até quando eu encontrar alguém que tome o seu lugar, alguém que – com a máxima felicidade – eu possa chamar meu homem. Então, eu e o homem que agora amo poderemos permanecer bons velhos amigos. (...) Faça, espírito protetor, que esse sentimento (de amizade pura e grande) baste e torne-se um raio de sol esplendoroso na minha solidão! (CAROTENUTO, 1984, p. 195)

No dia 23 de setembro de 1909, ela começa um relato, que se estenderá por boa parte dos dias, sobre a história amorosa dos seus pais, que tem um valor analítico muito grande e que abordarei na próxima parte, ao analisar *A destruição como causa do devir*. Além disso, escreve sobre o conflito entre Bleuler e Jung, o qual rivaliza e ironiza o seu

antigo professor. Escreve que ela e Jung se amaram ternamente e que ele havia dito que deveriam estar sempre vigilantes para não se enamorarem novamente, que eram sempre perigosos um para o outro.

Confessou-me que, até aquele momento, nenhuma mulher fora capaz de me substituir. Era como se tivesse um colar do qual todas as outras adoradoras fossem as pérolas e eu o medalhão. No início, estava zangado porque eu ainda não havia lhe mandado o meu trabalho e porque não tinha confiança nele; depois, fez-se cada vez mais terno. No final, apertou várias vezes a mão no coração, dizendo que agora devia começar uma nova era. O que queria dizer com isso? Voltaremos ou não voltaremos a nos ver? Sou muito orgulhosa para procurá-lo; e ele não pode me procurar por motivos importantes. Como acabará isso? (CAROTENUTO, 1984, p. 197-198).

Um ano depois, Sabina pergunta-se sobre o seu desejo: “É possível que eu não encontre jamais um outro ambiente de pessoas que amem a vida como eu, que saibam encontrar o belo em tudo e que não riam sempre de qualquer coisa? Se pelo menos dissessem algo novo! Sim, esta é a pergunta mais difícil, o que quero eu!?” (CAROTENUTO, 1984, p. 198) À frente em relação a Jung, ela afirma que o mais difícil é desejar uma única coisa. Conta então que encontrou Bleuler, que foi muito gentil com ela e lhe disse que pudera conferir apenas a décima parte de seu trabalho (provavelmente a tese de formatura sobre esquizofrenia), mas que a parte que lera estava exata e, no restante, confiava nela. Perguntou a ela se queria publicar seu trabalho numa das revistas de Freud, se queria falar pessoalmente com Dr. Jung a respeito ou se ele devia pensar no assunto. Como queria mandar o trabalho para Jung, ela sentiu-se liberta do peso da mentira. Fica bastante insegura se seria publicado ou não, se não era longo.

Às vezes penso que o mundo científico, ao ler o meu trabalho, irá me considerar uma presunçosa que quer mostrar ao mundo inteiro sua tolice. Não, falando seriamente, o meu trabalho contém algo de interessante, de estimulante; por isso, mesmo que não seja uma obra extraordinária, é bom que seja lido.” (CAROTENUTO, 1984, p. 199)

No dia seguinte, está feliz porque Bleuler escreve a ela uma carta para dizer que encaminhou seu trabalho a Jung para ser publicado no *Jahrbuch*. Expressa gratidão pelo “bom velhinho” que não havia se esquecido dela. Ela é então tomada pela preocupação de que Jung não ache seu trabalho adequado ao *Jahrbuch*.

O depoimento de 11 de setembro de 1910 inicia um longo processo de luto por seu amor, de renúncia ao desejo de ter um filho de Jung, Siegfried, nome que ambos haviam forjado pela paixão comum à obra de Wagner, *O anel dos nibelungos*, e à transformação de Siegfried em um filho simbólico, aquilo que ela sente ser sua grande obra, a gestação do conceito de pulsão de morte que virá à luz no seu segundo ensaio, *A destruição como causa do devir*.

Sim, houve duas noites difíceis. O amor pelo meu amigo apossou-se de mim com ardor selvagem. Às vezes, debatia-me impetuosamente; às vezes, deixava que me beijasse os dedos e me sentia presa a seus lábios, louca de amor. Como é tolo falar disso! Também a minha razão, com toda a frieza da qual é capaz, abandona-se a fantasias. Como deveria opor-me àquela poderosa força? (...) Melhor uma amizade pura, mesmo se à distancia. Que ele me ama, é certo; mas há um “porém”, como costumava dizer o nosso velho professor de ciências naturais; isto é, meu amigo já é casado. Conhecemo-nos e, sem saber como, nos amamos; era muito tarde para fugir. Muitas vezes, aconteceu-nos estar à vontade num abraço apaixonado. Sim, era muito! (CAROTENUTO, 1984, p. 200)

Então ela começa a repassar o período em que a mãe se intrometeu e todos os acontecimentos que sobrevieram em 1909, para continuar:

E eu estava pronta a morrer por ele, a lhe doar a minha inocência. Era o meu primeiro amor juvenil. Uma vida sem ele, ou que pelo menos não fosse dedicada a ele, ao filho que queria lhe dar, me parecia impossível. Escrevia poesias para ele, para ele compunha canções, dia e noite pensava somente nele. Sua mulher, ao contrário, como ele mesmo diz em seu diário, ponderou bem a sua escolha porque, embora o amasse muito, pensava também em sua própria comodidade e não desejava um “ideólogo vagabundo”. Sua mulher é protegida pela lei, honrada por todos, enquanto eu, que lhe teria dado tudo sem a mínima consideração por mim mesma, devo ser definida na linguagem da sociedade como amante, talvez *maitresse*! Com sua mulher ele pode aparecer em público, enquanto eu devo me esconder na sombra. Nem mesmo eu, porém, queria que nosso amor fosse de domínio público, em parte por respeito à sua mulher e à sua posição social, em parte para que o sacrário não se sujasse. Mas apesar disso, ter de me esconder sempre me fez mal. Ele na verdade queria me introduzir na sua casa, fazer com que eu fosse amiga de sua mulher, mas como se pode entender, a mulher não podia aceitar isso, de modo que devia se esconder dela a parte mais importante. Por vezes, sinto tão forte a intensidade da minha paixão e a afinidade das nossas almas que me pergunto se não deveria tentar arrancá-lo completamente da mulher, tanto mais que o meu “espírito protetor” me diz que posso realizar tudo o que quero e demonstrou-me isso nos casos em que eu jamais teria acreditado que fosse possível. Mas quero isso verdadeiramente? Poderemos ser felizes? Nenhum de nós dois, creio, porque a recordação de sua mulher e de seus filhos não nos daria paz. Não sou de modo algum inimiga de sua mulher; posso até entender muito bem a sua posição em relação a mim. Mesmo conhecendo-a pouco, creio que seja uma pessoa de valor, já que meu amigo a escolheu. Quantas vezes tive de sofrer por ela, quantas vezes, no pensamento, tive de lhe pedir perdão pela dor que levei à sua casa tranquila. De resto, também a mim esse amor não trouxe outra coisa além de dor. Eram poucos os momentos em que, repousando em seu peito, podia esquecer tudo; e nem mesmo pensar na tragédia da nossa situação podia turvar o sentimento de alegria profunda; nem mesmo o escárnio do crítico que tenho dentro de mim – o ser humano é um estranho mecanismo – podia me afastar de tal sentimento. (CAROTENUTO, 1984, p. 201-202)

O que Jung propõe a Spielrein, ele conseguirá de Antonia Wolf, para quem desloca seu amor erótico após Sabina Spielrein e que frequenta sua casa como uma espécie de segunda esposa o resto da vida, sob a anuência contrariada e resignada de Emma, esposa de Jung. Mas agora Jung se aproxima de novo de Spielrein e ela se pergunta: se o ama tanto, não poderia lhe dar um filho como antes haviam sonhado juntos, sendo que depois ele poderia voltar para a mulher? Mas aí ela pondera que já sofreu muito e deveria pensar apenas em si mesma.

Tenho medo do sofrimento de uma iminente separação, da solidão que me esperaria, talvez por toda a vida, porque quando a criança completasse um ano eu já teria vinte e sete. Como poderia esperar um novo amor com um filho ao meu lado? Meus esforços no campo científico seriam também muito prejudicados e ninguém me aceitaria com o menino. Isso no melhor dos casos; e se, ao contrário, não pudesse ter filhos? Então, nossa amizade tão pura só seria abalada por termos uma relação tão íntima, enquanto o que me motiva é a amizade. Agora quero amar um outro, se isto me é ainda possível. Quero ser amada e estimada por ele, quero unir a minha vida à sua, para não ser somente um meteoro e não sofrer dores presentes e futuras, para não ser continuamente ferida no meu orgulho feminino, para não dever sofrer por causa dos outros. Se fosse possível! Não é fácil renunciar à idéia, ao meu desejado Siegfried, mas que fazer? Sim, meu caro amigo! Agora para mim não é fácil, mas não vejo outra saída. Por isso tenhamos coragem e não nos abandonemos à vaga de sentimentalismo. Desejo, com toda a alma, que o meu amigo me estime profundamente e me ame, que sinta sempre o mesmo amor que eu sinto agora. Podemos nos tornar perigosos um para o outro. E, então, que seja feliz! Se, ao menos eu pudesse ter uma resposta sobre o trabalho que enviei! (CAROTENUTO, 1984, p. 202)

Nesse ponto do diário podemos perceber Spielrein começar a transformação sublimatória. Curiosamente, parece que Jung sente também, pois começa a ficar zangado por acreditar que ela omite intencionalmente seu nome e que não cita seus escritos e “finalmente, que não o leva a sério” (CAROTENUTO, 1984, p. 200). Ele a trata

impessoalmente e ela quase desmaia de dor por esse tratamento. Ela se pergunta se tem medo de ler suas obras por temor de se tornar escrava de seus sentimentos. Não nos esqueçamos que a intensa troca amorosa, clínica e intelectual entre ambos resultaria em duas obras extremamente inovadoras e provocantes, *Metamorfose e símbolos da libido*, de Jung, que seria publicado em duas partes no *Jahrbuch*, a primeira parte junto com a tese sobre esquizofrenia de Spielrein e *A destruição como causa do devir*, cuja publicação Jung retardará por seis meses, provavelmente para que fosse publicada após a segunda parte de seu texto. Estamos no meio dos intensos debates entre Freud e seus contestatários. O nº III, de agosto de 1911, do *Jahrbuch für psychopathologische und psycho-analytische Forschungen* é marcante. Nele foi publicado também o ensaio de Freud sobre Schereber e o de Rank sobre narcisismo. Portanto, momento de virem à tona as diferenças conceituais entre Freud e Jung. Como veremos mais adiante pela correspondência trocada com Freud, Jung tentará controlar e corrigir o segundo texto de Spielrein, no qual ela está trabalhando, segundo indicam registros de seu diário.

Expliquei-lhe que o amava como podia, mas que não tinha culpa se minha natureza orgulhosa opunha resistência à influência profunda que ele exercia sobre mim. Tudo aconteceu da melhor maneira. Propôs-me trabalhar com ele na dissertação, para que esta pudesse ser aceita no *Jahrbuch*. O caso seria tão interessante que eu poderia ser aceita como membro da associação psicanalítica. Depois de alguma hesitação (em sua presença a minha alma se atormentava), declarei-me de acordo. Desse modo, era realizado também este desejo que me parecia tão fantástico; mas apesar disso, meu coração descontente contraiu-se dolorosamente, porque lhe faltava a coisa mais importante: a coisa mais importante era o amor. Ah, o que fazer? Creio que não poderia jamais amar um outro como amo meu amigo. Temo que, de qualquer modo, minha vida esteja arruinada. A única salvação seria poder tê-lo para mim. Mas isto é impossível por causa de sua mulher, e eu não posso desejar-lhe a dor de ser abandonada. Uma saída seria se os dois cônjuges se aborrecessem um com o outro e a mulher fugisse com um “francês”. Naturalmente este desejo é infantil e fantástico e tanto mais

impossível porque se trata de uma mulher suíça. ...O que quer que aconteça, por enquanto se trabalha! Envergonho-me de ter perdido tanto tempo. Coragem! (CAROTENUTO, 1984, p. 203)

Depois que aceitou trabalhar com ele na dissertação, ela começa a freqüentar a sua casa para os encontros de trabalho. Sente-se humilhada e com raiva por dentro, um “cãozinho lavado”, mesmo diante do acolhimento caloroso que recebe, sobretudo dos filhos ainda pequenos de Jung. Expõe então os seus sentimentos quanto à desigualdade sexual no amor, após um episódio em que, indo à casa de Jung, cai e quebra sua sombrinha, o que acaba interpretando como o desejo de fazê-lo esperar por ela, ao mesmo tempo em que lembra de um sonho que tinha tido na mesma época com sua mãe, em que esta tinha uma sombrinha velha e ela uma nova e bela:

Ser uma entre as tantas que o cobiçam e recebem em troca um olhar benévolo e alguma palavra simpática. Olhá-lo de alto a baixo, realizar todos os seus desejos para não atrair sua cólera! Se não demos a devida importância à sua vaidade, agora temos de expiar: ele assume agora aquele tom gélido, formal, e quem sofre com isso? Não ele, naturalmente, um pouco de cólera é possível afastar com o trabalho; o amor por uma mulher pode ser substituído pelo amor por outra. E, assim, pode-se também estar certa de que aquela “uma” se humilhará e será ela quem vai viver dias atormentados e noites insones, ela, a estúpida mocinha. (CAROTENUTO, 1984, p. 204)

Quando esses sentimentos passam, ela escreve que ela e Jung falaram juntos de muitas coisas interessantes e ele propôs a ela que publicasse seu segundo trabalho junto com o dele e o de Honneger ⁴². “Ele também achou digno de elaboração o conceito de ‘pulsão sexual - pulsão de morte’ Agarrei-me ao meu interesse pela atividade científica,

⁴² Honneger, brilhante aluno e colaborador de Jung que suicidou-se em 1911.

imaginei os meus sucessos futuros e, assim, fui de novo obrigada à ‘razão’.” (CAROTENUTO, 1984, p. 205)

É curioso que Sabina passe a desconfiar que Jung está substituindo o amor por ela pelo amor a outra moça. Embora ela se refira à Srta. Aptekman, uma aluna e paciente de Jung, nessa época Jung começa a atender Toni Wolff. Enquanto Spielrein já não se sente tão jovem para estudar mitologia e história da arte, por duvidar que sua memória consiga guardar tantos dados, Toni, então com 22 anos de idade, encanta Jung com seus conhecimentos sobre mitologia clássica, e suas sessões de análise passam a ser intensas trocas de interesses compartilhados. Além de freqüentar suas aulas, ela passa a fazer as pesquisas na biblioteca para Jung (BAIR, 2006, p. 261), necessárias ao seu novo ensaio *Transformações e símbolos da libido*. Sabina escreve em seu diário:

Oh, espírito protetor, poupa-me dessas experiências terríveis. Não posso, de modo algum, ser uma das tantas. Tenho absoluta necessidade de sentir, de vez em quando, que o amor dele arde por mim, um amor que, de resto, segundo as circunstâncias, tentarei acalmar. Devo saber que ele não me substituirá tão rapidamente por outra moça, sobretudo por uma insignificante. (CAROTENUTO, 1984, p. 206)

Em setembro de 1910, num outro fragmento de seu diário, ela diz que Jung demonstrara o seu amor por ela. Havia ido a Kusnacht, a residência de Jung, e ele não a tinha recebido para trabalhar, ficando ela “zangadíssima”. “Se eu tivesse um milhão e um marido atrás de mim, por certo seria inteiramente diferente; mas eu sou sua aluna, uma estudante e, ainda por cima, russa.” (CAROTENUTO, 1984, p.207) Para se controlar, ela retomou a leitura do livro de Jung publicado em 1909, *Conflitos da alma infantil*, e, depois de algumas linhas, já estava totalmente tomada por ele, censurando-se por ficar brava com

um homem tão inteligente pelo seu gesto descortês. “Que posso fazer se as suas obras me elevam para além da minha vida pessoal, a ponto de parecerem coisas de criança todas as minhas alegrias e minhas dores?” (CAROTENUTO, 1984, p.207) Depois ela compreendeu que julgara mal o seu amigo, pois quando fora à sua casa ele não a havia recebido porque nascera-lhe a terceira filha e não podia deixar a mulher sozinha, o que foi para ela tão jubiloso como doloroso. É curioso notar que Jung não teria tanto problema assim em deixar sua mulher sozinha com um recém-nascido em março de 1913, quando ela deu à luz a quinta e última filha deles. O caso de amor com Toni Wolff havia começado em agosto de 1911. Mas, apenas em 1912, antes ou durante a gravidez de Emma, ambos reconheceram a profunda atração entre si e deram início ao triângulo emocional nada ortodoxo que durou o resto da vida dos três (BAIR, 2006, p. 322). Apenas duas semanas após Emma dar à luz, ela e o bebê ficaram aos cuidados da mãe dela e as crianças mais velhas com a mãe dele. Jung e Toni tiraram umas férias em Ravena sendo que, embora não exista documentação que comprove, a cidade é, em geral, considerada o cenário da primeira intimidade sexual entre ele e Toni (BAIR, 2006, p. 322).⁴³

Mas em setembro de 1910, Sabina vai ao encontro de Jung, um dia após o nascimento de sua filha:

Devíamos começar o trabalho e, em vez disso, falamos de pulsão sexual/ pulsão de morte, da representação do duplo pensamento na forma da morte, das teorias da *Dementia Praecox*, do mundo dos antepassados. Meu amigo escutou-me com grande entusiasmo, depois mostrou-me um seu trabalho ainda não publicado, uma carta

⁴³ Bair comenta que, diversas vezes em sua vida e de diferentes maneiras, Jung descreveu seu comportamento adúltero durante esse período. Referindo-se à teoria de que existe um elemento feminino em cada homem (do mesmo modo que há um ‘*animus*’ em cada mulher), Jung se desobrigava de assumir a responsabilidade por suas ações. “Na época eu estava no meio do problema da ‘anima’” (p.322). Em outras ocasiões, ele ficava acanhado e se justificava fazendo comentários do tipo: “O que se poderia esperar de mim? – a anima me mordeu na testa e não quis largar” (p.322). Mas, em geral ele era presa de angústia por ser apanhado numa situação que sentia não poder controlar, e não tentava dar explicações racionais nem a seu próprio favor. Simplesmente continuou a fazer o que achava que devia ser feito para se explicar para si mesmo.

ao prof. Freud e sua resposta. Mostrou-me tudo isso porque estava verdadeiramente comovido com a coincidência dos nossos pensamentos e sentimentos. Disse-me que este entendimento profundo causava-lhe medo: de fato, era esse o caminho através do qual eu obtinha o seu amor. Dava-me conta do que eu era para ele. Essa, para mim, era a maior satisfação. ‘Então não uma entre tantas’, mas uma que é a única, porque certamente nenhuma outra moça podia compreendê-lo como eu, nenhuma podia surpreendê-lo com um pensamento tão autônomo e tão análogo. Ele se defendia, não queria amar-me. Mas, agora, deve fazê-lo porque as nossas almas estão profundamente ligadas, porque, ainda que separados, estamos sempre unidos em um trabalho comum. Como já disse, os sentimentos eróticos podem ser facilmente reprimidos em favor dessa amizade sublime. Encorajou-me a escrever o novo trabalho sobre o instinto de morte, mas disse-lhe que devia antes terminar o meu último trabalho. Amanhã estarei de novo com ele e nos propusemos permanecer no trabalho. O meu único desejo é, no momento, permanecermos ‘amigos’ também amanhã. (CAROTENUTO, 1984, p. 208)

Façamos uma pausa no diário, pois este último trecho merece um exame mais detalhado pelos seus efeitos. A intensa e autônoma troca intelectual entre os dois num momento de gestação de suas obras transformadoras de si e do mundo, se transformará em suspeitas de plágio recíprocas, quando da publicação de seus ensaios, embora ambos acabem por citar-se mutuamente. Será também pela autonomia de pensamento que Toni Wolff encantarà Jung. Mas ela, ao contrário de Sabina, não teria pretensões a uma obra científica própria. Clinicará, depois de ser curada por Jung de uma severa depressão após a morte do pai, participará da fundação do Clube Psicológico⁴⁴, primeiro núcleo institucional

⁴⁴ Segundo Deirdre Bair (2006), o Clube Psicológico teve um primeiro núcleo composto só de mulheres, enquanto Jung enfrentava seu desesperador *breakdown* psíquico - de 1913 a 1917, após a ruptura com Freud - entre elas Emma, a esposa, Toni, a amante e Edith Mackcormak, a filha de Rockefeller e financiadora do Clube. As primeiras reuniões foram destinadas ao estudo da situação da mulher ao longo da história. Na mesma época em que o Comitê Secreto, composto apenas de homens, dava suporte ao recrudescimento político do movimento psicanalítico em torno de Freud.

em torno das idéias de Jung, mas dedicará sua vida a Jung, amparando-o e analisando-o em seu *breakdown* mais severo de 1913 a 1917, como Spielrein o fez de maneira mais leve e menos constante. Wolff aceitou dividir o amor desse homem com sua esposa, com o consentimento desta, coisa a que Spielrein se recusou. As duas cartas mencionadas no diário, trocadas entre Freud e Jung, apontadas por Carotenuto como as de 29 de setembro e 1º de outubro; não são duas cartas quaisquer. Naquilo que nos interessa, Jung mais uma vez faz troça de Bleuler e depois conta a Freud que está trabalhando “formidavelmente” e mergulhando na antiguidade iraniana para provar conjecturas suas sobre Milner, a paciente esquizofrênica de Flournoy cujas fantasias eram o foco do ensaio que estava sendo escrito sobre a transformação e os símbolos da libido. Em seguida, ele fala de seu contentamento enorme por ver que Freud reconheceu a grandeza do espírito de Schreber e a *epos logos* (em grego no original) liberadora da língua básica. Diz empregar uma frase de Schreber (*Scilicet alto*/ diga então isso) no seu dia-a-dia de analista, quando sua eficácia é comprovada. “O livro é notável e merece um lugar de honra em todas as bibliografias psiquiátricas, quando mais não seja em atenção ao ‘pequeno Fleischsig’ (MACGUIRE, 1993, p.370). Freud, que havia recebido de Jung o livro de Daniel Schreber, *Memórias de um doente dos nervos*, respondeu-lhe comentando sobre “tio Bleuler” e dizendo que retomaria seus estudos sobre Schreber:

Na Sicília eu não passei da metade do livro, mas o mistério já ficava claro. A redução ao complexo nuclear é fácil. A mulher dele se apaixona pelo médico e conserva anos a fio, sobre a mesa, o retrato do mesmo. Ele também, é claro, mas no caso da mulher, há decepções, há o fracasso em ter filhos; desenvolve-se assim o conflito; ele teria que odiar Fleischig como rival, mas na verdade o ama por força da disposição e da transferência oriundas da primeira doença. A situação infantil está agora completa e logo surge por trás

de Fleischsig a figura do pai. Para a felicidade da psiquiatria, este pai era também – médico. Comprova-se mais uma vez o que notamos em tantos casos paranóides quando estive em Zurique, a saber, a impossibilidade de evitar a recatexia das próprias inclinações homossexuais em que os paranóicos se encontram. Com isso, o quadro se encaixa em nossa teoria. Durante a viagem fiz algum progresso nessa teoria, o qual pretendo agora pôr à prova contra o histórico clínico de Schreber e várias outras publicações sobre paranóia. Comparada às intenções originais, a coisa está, porém, tão incompleta que não sei quando poderei publicar nem que extensão virei a dar-lhe. É provável que se converta num estudo sobre Schreber e muita gente há de achar que eu extraí toda a teoria do livro. Compartilho de fato seu entusiasmo por Schreber; é uma espécie de revelação. Penso seriamente em me valer de “língua básica” como um termo técnico, aplicando-o à verbalização original da idéia delirante que a consciência do paciente (como no caso do *Homem dos ratos*) só experimenta de forma distorcida. Uma nova leitura talvez me capacite a desfazer todas as intrigantes fantasias, já que da primeira vez não logrei êxito (....) Vejo que o senhor anda a encarar o trabalho como eu, deixando o caminho óbvio para seguir sua própria intuição. Este é ao meu ver o procedimento mais correto, para nosso grande espanto, todas as voltas que damos revelam-se mais tarde absolutamente lógicas. Desejo-lhe assim muito êxito na sua imersão na mitologia. (MACGUIRE, 1993, p. 371)

Spielrein, Jung e Freud estavam deixando o caminho óbvio para seguir sua própria intuição em ensaios extremamente criativos que seriam publicados juntos. Por isso, quando Lothane afirma que “Spielrein não causou nenhum problema entre Freud e Jung, porque eles romperam por diferenças doutriniais em relação à teoria da libido, combatidas na arena do caso Schreber” (LOTHANE, 1999, p. 1201) referindo-se ao caso de amor entre ela e Jung e intercedido por Freud, ele reforça a exclusão dela enquanto uma criativa e autônoma teórica que publica suas reflexões inovadoras sobre um caso de esquizofrenia, ao mesmo tempo em que foram publicadas as reflexões inovadoras de Freud sobre a paranóia e as de Jung também sobre um caso de esquizofrenia.

Retornando ao diário, em 18 de outubro de 1910, Spielrein tem o seu sonho Siegfried, segundo o qual quer realizar algo grandioso, segundo o qual o desejo de um filho concreto com Jung começa a se tornar o desejo de um filho simbólico: seu ensaio sobre o instinto de morte como o filho simbólico sublimado, portanto, de sua relação analítica, amorosa e intelectual com Jung. Influenciada pelo ensaio de Jung sobre a importância do pai no destino do indivíduo, ela se pergunta porque é tão forte nela a necessidade de acreditar numa sorte melhor, num destino melhor, graças a capacidades intelectuais acima da média. “Em parte poderia ser a herança do pai, mas nós sabemos, – pelo menos aqueles que estão de acordo quanto o papel do pai no destino de cada homem – que o pai deve encontrar uma analogia na mãe que o escolheu. E assim foi.” (CAROTENUTO, 1984, p. 209) Começa a contar longamente sobre a história familiar, o que será abordado mais à frente na análise de *A destruição como causa do devir*. No meio dessa história, diz que é um grande alívio escrever um diário para encontrar confiança em si mesma e não perder a fé nas suas forças. “Em segredo, esboça-se dentro de mim o trabalho sobre ‘a pulsão de morte’, que nos primeiros momentos de desespero eu queria abandonar e depois...a idéia de quanto é justificado o processo de destruição que está na base da *dementia praecox*”. (CAROTENUTO, 1984, p. 216) Ao falar da filha de Freud, em um certo momento, por quem ela achava que Jung iria se apaixonar, no casal mental que ela imaginava dentro de si, ao dizer que ela tinha a vantagem de um pai famoso que ela mesma não tinha, ela diz ter que contar só com suas forças e que então tudo ficava mais difícil, mas que queria crer firmemente que um grande destino lhe esperava. “Tenho em mim muito ardor e muito amor. Sinto-o de modo firme e incontrolável: Siegfried vive, vive, vive!” (CAROTENUTO, 1984, p. 217) Fala em sua crença firme na existência do amor. “Apesar de todas as borrascas, conservo ainda a minha bela visão do mundo! Acreditava na

existência de amor sagrado; claro, se dura muito tempo é uma outra coisa; mas quando se ama deve-se amar com toda a alma”. (CAROTENUTO, 1984, p. 218) Passa então a descrever o que seria para ela o ideal de um casal amoroso, onde se tem um homem só para si e a felicidade e o amor não causam dor a ninguém e se tem um cotidiano comum, de cultivo das coisas elevadas e sublimes em meio a tricôs e trabalhos intelectuais apoiados reciprocamente.

E aquele homem estimadíssimo e amado se tornaria o pai de meu Siegfried. Esse herói corajoso me libertará de todos os meus conflitos que no momento me dilaceram e poderá me dizer: ‘Lutei por ti contra ondas; com os remos levantados volto como vencedor! Tu és meu prêmio!’(versos tirados da poesia que compus quando se iniciou o idílio com o meu amigo). Quem sabe se depois amarei o meu salvador? E o meu amigo? Será para mim sempre muito querido, muito querido, como um pai. Apresentar-lhe-ei como um velho amigo a meu marido e dar-lhe-ei um beijo em sua presença. Meu marido terá tanto orgulho de mim e será tão seguro do seu poder sobre mim, que fará o mesmo em frente do meu amigo; então saberei ser-lhe grata.! Pode estar seguro da sua vitória. Mas se viesse a ter ciúme, como um homem qualquer, então eu ironizaria para sempre esta sua fraqueza. Será superior a essas coisas e meu amigo será padrinho do meu primeiro filho. (CAROTENUTO, 1984, p. 219)

Em 24 de outubro de 1910, ela diz que ela e Jung amaram-se tanto que seria impossível amarem-se mais, mas que quer se livrar dele porque quer ainda viver e ser feliz.

Devo pôr algo na cabeça para que a paixão que sinto por ele não me torne febril! Oh, meu Deus, pelo menos à noite quero ter paz para poder finalmente reunir a força necessária para iniciar o meu novo trabalho ‘sobre a pulsão de morte’! Então porque não vens, oh razão? Deixem-me livre por alguns meses ainda, oh, deuses sinistros!...Quero ser decidida e livre! (CAROTENUTO, 1984, p. 219)

Este parece ter sido o momento de amor erótico mais intenso entre ela e Jung. Em 9 de novembro de 1910, ela diz que esteve com ele e seu juízo a abandonou. Que na ‘poesie’ mais doce ele disse que a amava porque tinham um estranho paralelismo de pensamentos comuns, que ela podia predizer às vezes seu pensamento. Disse-lhe que a amava pelo seu caráter forte e orgulhoso, mas que jamais se casaria com ela porque havia nele um grande filisteu que tem necessidade do aspecto limitado tipicamente suíço, apesar da sedução de possuir uma mulher evoluída como ela. Em sua conversa com ela sobre como se sente magoado pela falta de reconhecimento e isolamento, ela o trata como uma mãe a seu filhinho, segundo o seu relato de diário.

Em seguida, em 26 de novembro de 1910, ela expressa todo o medo de que Jung plagie idéias suas. Ela escreve sobre seus medos como candidata aos exames finais da faculdade de medicina e diz que sua primeira meta depois dele é um lugar na Associação Psicanalítica, graças ao trabalho que está fazendo agora do qual esperava que estivesse à altura.

Para mim, é mais importante o segundo trabalho “sobre a pulsão de morte”. Devo admitir de que tenho muito medo de que o meu amigo, que queria se referir a essa minha idéia em seu trabalho de julho, mencionando a minha prioridade a respeito, tenha agora, ao contrário, se apropriado do desenvolvimento do meu pensamento, já que tem a intenção de lhe fazer referência em seu trabalho de janeiro. Por que sinto em mim essa desconfiança sem motivo? Gostaria muito que fosse infundada, porque meu segundo trabalho será dedicado ao meu estimadíssimo professor, etc. Como poderia estimar uma pessoa que mente, que rouba as minhas idéias, que não é amigo, mas somente um mesquinho rival sem escrúpulos? Amá-lo? Mas o amo! O meu trabalho será cheio de amor! Amo-o e odeio-o porque não me pertence. Não posso ficar na sua frente como uma tolinha estúpida! Não, lá no alto, orgulhosa e estimada por todos! Devo ser digna dele e o pensamento que criei deve estar ligado ao meu nome. (CAROTENUTO, 1984, p. 221)

Ela fala então da ambivalência em torno da vinda do pai: por um lado, a presença dele freia seus sentimentos e isso é bom para uma “máquina de estudos”, por outro, tolhe sua liberdade, pois deve estar sempre com ele, e esse dever estraga tudo.

Meu pai quer me levar para a Rússia e eu não quero. Cansa-me com a sua filosofia individualista e realista que tira todo o encanto das minhas fantasias. Não quero voltar à Rússia! O fato de eu ter usado a língua alemã para escrever o meu diário demonstra que desejo estar o mais distante possível da Rússia. Sim, gostaria de ser livre! Onde irei? Que farei? São todas perguntas banais. No momento, trabalha-se! (CAROTENUTO, 1984, p. 222)

Gostaria de ser acalmada por Jung e que isso fortificasse nela seu amor maternal desinteressado por ele. Diz que seu pai tem o efeito de comprimir em seu íntimo todos os seus sentimentos. Ele expressou perante as colegas dela que não tinha nada contra uma relação ilegítima, inclusive admiraria uma mulher que não temesse a opinião pública e conseguisse suportar a solidão. Naturalmente não queria ver sua filha infeliz, mas não teria nada contra se ela tivesse este destino. Ele falou muito do assunto e Sabina ficou desconfiada, pois isso abalava a sua resolução de não mais ter poesie com seu amigo, porque não queria ser uma das muitas. Na véspera do exame, pensa em Siegfried, escrevendo que todo o seu ser está cheio de amor e que quer fazer algo grandioso e bom. Pede ajuda ao destino em sua aspiração ao verdadeiro amor. Atormenta-se por não poder dar ao pai o amor que ele espera e não poder exprimir seus sentimentos tanto de modo passivo como negativo, embora sinta que tem um pai de rara bondade, desinteressado a quem deveria ser grata. “Poderei um dia recompensá-lo por tanta bondade? Por tantas bondades? Farei tudo o que puder.” (CAROTENUTO, 1984, p. 223) Após dizer que tivera um encontro terno de “poesie” com Jung, comparando a atitude dos dois frente a situações

de exame, ela comenta como é diferente a atitude do homem e da mulher quando enfrentam os deveres da vida! “Ele coloca em primeiro plano o caráter sagrado da sua profissão; eu, ao contrário, o caráter sagrado do amor.” (CAROTENUTO, 1984, p. 225) Após os exames, em reação a uma pequena trapaça que havia feito, de forma que temia a reação de Jung, este lhe diz que ela é honesta no amor, enquanto ele é desonesto. Ele assume a posição de Don Juan que ela detesta, ao invés de lhe demonstrar o amor calmo de que precisa. “Embora me considere honesta no amor, ele diz que pertenço à categoria de mulheres que não nasceram para ser mães, mas para o amor livre.” (CAROTENUTO, 1984, p. 225-226) Ela não gosta e escreve que quer ser mãe e não apenas um passatempo, amando alguém que lhe responda com todo o entusiasmo. “Quero que ele veja aquilo que sei fazer, aquilo que sou. Quero que me ame loucamente, para depois lhe resistir. Quero que veja como sei amar e como me elevo acima dos sentimentos. Mas quero amar alguém! Onde está o homem que poderei amar?” (CAROTENUTO, 1984, p. 226) Aqui ela começa a se dar conta da fantasmagoria que é sua relação com Jung, clamando mais veementemente por um processo de amor com alguém concreto ao seu lado. No início de 1911, ela escreve alguns dias sobre o estado psíquico em que está se pondo para escrever seu segundo trabalho:

Agora não existe medo, porque o medo não é digno do vencedor; não sentirei mais dor; agora comerei, dormirei, trabalharei, porque não sou mais eu, nem o meu desejo, mas a vontade divina, firme e inquebrantável. Reina em mim uma serena superioridade sobre qualquer tensão no fundo da minha alma, como sinal de possibilidade de agir com toda a energia. (CAROTENUTO, 1984, p. 226)

Mais à frente, ela diz que, “como herdeira de algumas gerações, crê na força espiritual e clarividente de seu inconsciente.” (CAROTENUTO, 1984, p. 227) Ela tem consciência de toda a dor e sofrimento que toda grande obra exige.

Para concluir esse romance histórico epistolar e o registro íntimo, gostaria de trazer algumas das reflexões de Covington (COVINGTON; WHARTON, 2003) e Carotenuto (1984) sobre a “falha” de Jung que teria levado a um relacionamento amoroso entre ele e Spielrein. Para Covington, ele falhou em não ver a transferência materna subjacente na transferência erótica de Sabina com o pai. Para ela, isso se devia ao medo de Jung do feminino e à sua própria falta de mãe. Jung teria ficado enganchado nas projeções eróticas de Sabina em relação a ele, se colocado no lugar de mãe e se tornado uma mãe para ela. Isso tudo enquanto, progressivamente, como vimos acima, ele revelaria sua transferência à moça judia russa de cabelos negros, Sabina, colocada ao mesmo tempo como sua mãe, a babá substituta da mãe, e o seu primeiro amor, sua prima Helene Preiswerk, o caso de sua tese de doutoramento, S.W., que nos seus transe espíritos se transformava numa judia de cabelos negros. A própria Spielrein o descreve ao contar sobre o casal judeu-ariano Freud/Jung, o quarto casal na repetição da fantasia proibida em sua família de unir um judeu a um cristão.

Há o cristão, o meu amigo; é médico, casado. Um sentimento profundamente religioso e um sentido do destino certamente não lhe fazem falta, dado que seu pai era um pastor! No tempo em que começou nosso idílio (Poesie), ele tinha duas filhas e, dentro de si, o filho em potência, o que o meu inconsciente conseguiu descobrir, há muito tempo nos ‘sonhos premonitórios’. Disse-me que amava as mulheres judias e que desejaria amar uma moça judia de cabelos negros. Portanto, também nele há a tendência a perseverar na sua religião e na sua cultura e, ao mesmo tempo, o impulso de explorar uma raça diversa, o impulso para se liberar do jugo paterno através de uma judia descrente. (CAROTENUTO, 1984, p. 217)

Para Covington, é doloroso o esforço de Jung em fazer melhorar essa “mãe histérica” e seus sentimentos de responsabilidade em relação a ela e a forma como expressa o mesmo em relação à Sabina. Para ambos, Jung e Sabina, suas transferências eróticas serviam para mascarar sua depressão e protegê-los de saber da sua respectiva necessidade de mãe.

Na carta à sua mãe, no final de 1908, ela diz claramente que ele está apaixonado por ela porque era histérica como a sua mãe, e ela apaixonada por ele porque é um psicopata como o pai. Tanto Jung como o pai prezam a atividade científica acima de tudo no mundo. Na carta a Freud de 1909, Sabina revela seu próprio medo de descobrir sua transferência materna na busca erotizada da mãe nos homens, quando lhe diz que tinha que esquecer o desejo de escrever a ele porque no sonho que havia tido, Freud tinha seios. Achando um pai benigno e amoroso em Jung, ela se defendeu contra a necessidade de uma mãe e perpetuou sua ligação sadomasoquista com seu pai.

Para Covington, como Jung era ambivalente em relação à figura de seu próprio pai e a figuras de autoridade, ele se defendia também de sua necessidade de um pai que pudesse ajudá-lo a se separar de sua mãe e que pudesse capacitá-lo a saber da sua própria necessidade de uma mãe amorosa. Faltando esse pai interno, Jung foi incapaz de provê-lo a Sabina. Logo após o tratamento de Sabina, Jung sofreu o que parece ter sido um colapso psicótico. Logo após, ele continuou a exibir uma transferência compulsiva erótica com suas pacientes mulheres, a tal ponto que Toni Wolff, a paciente por quem se apaixonou depois de Sabina Spielrein e que concordou com que ele tivesse uma vida amorosa dupla, foi incluída em sua casa, em sua vida pessoal e profissional, como sua segunda esposa. Segundo Covington, ele reproduzia assim suas relações da infância: uma intensa relação

com a babá e uma mais distante com sua mãe, além do desejo de eliminar o pai para que não soubesse de sua necessidade de um pai que o amasse e também à mãe. “O que talvez não tenha ficado resolvido para ambos (Jung e Sabina) foi sua culpa pela raiva dirigida a esses pais deprimidos, o que os fez sentirem-se responsáveis por eles e tornou sua separação insuportável.” (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 187)

Para Covington, pode-se ver como a perspectiva teórica de Jung acomodou esse aspecto de sua própria auto-denegação – no seu trabalho com Sabina ele repudia mais e mais a idéia da compulsão à repetição e a repetição do passado. No seu lugar, ele postula a idéia do complexo e suas características herdadas ou arquetípicas. Ao mudar a ênfase em conflitos derivados de déficits constitucionais, estaria Jung de fato tentando proteger seus objetos internos de seu próprio ódio? Visto sob essa luz, o conceito de Spielrein de pulsão de morte, que ela formulou em discussão com Jung, parece ser seu modo de compreensão do seu ódio e agressão como originário de uma pulsão inata ou impulso como oposto à sua experiência de relação. Para Sabina, amor estava relacionado à destrutividade e talvez essa fosse a maneira como mantivera a sua ligação masoquista com seu pai na sua mente.

Para Carotenuto, como a técnica de Jung, no início, baseava-se em algumas intuições e numa dimensão pessoal carismática, e isso era muito pouco para enfrentar a “psicose” de Spielrein, (segundo sua visão, esse era o diagnóstico de Spielrein), houve a introdução da contratransferência psicótica de Jung, ou seja, uma resposta emotiva do analista ao material inconsciente e consciente da paciente. Esta resposta emotiva estava relacionada a um mergulho nas fantasias intensas, na encantadora separação e no desprezo pelo mundo que o jovem Jung interpretou como o paraíso perdido de uma relação maravilhosa, exatamente porque inatingível e indecifrável. Para ele, toda essa paixão, como um rio, deslizava inexoravelmente para Sabina, a qual, com lentidão, mas com êxito seguro,

orientava-se no sentido da cura. Para ele, Sabina, como psicótica, sabia ler dentro dele com verdadeira perspicácia e é fácil imaginar que Jung tenha iniciado uma análise exatamente na relação com Sabina. Ela deve ter significado, na situação em que se encontrava, uma típica imagem de anima, atraente e repelente, maravilhosa e diabólica, exaltante e deprimente, sem que ele se desse conta, só percebendo sua extrema dedicação a ela. Para Carotenuto, ela deve ter despertado nele um típico sentimento que poderia receber o nome de amor.

De qualquer maneira, se tomarmos o significante Siegfried como eixo de análise, esse filho imaginário que Sabina queria ter com Jung, primeiro atualizando-o, depois o simbolizando, veremos que tanto pra Jung, como para Sabina, como para Freud, trata-se de fazer o luto do herói da lenda. Como se dá o trabalho desse luto para os três protagonistas desta triangulação? Para Sabina Spielrein, o texto escrito, seu ensaio sobre *A destruição como causa do devir*, será o luto da criança imaginária, após haver desistido da criança real. Freud se prepara, ao longo dos acontecimentos entre 1909 e 1912, para fazer o luto de sua amizade com Jung, pelo conflito teórico, pelo desinvestimento libidinal homossexual de Freud, que coincide com uma história de amor entre um homem e uma mulher. Para Jung, o luto de Siegfried é a perda de Sabina e o reencontro com seu inconsciente, no mergulho que fará nele de 1913 a 1917. Ele sonha com a morte de Siegfried em 1913, sem associá-lo ao Siegfried de Sabina (GUIBAL, NOBÉCOURT, 1981, p. 359-360). Há um apagamento dela, talvez obnubilada por Toni Wolff. No entanto, segundo vários autores, a perda da sua imagem incorporada retorna como o conceito de anima, que é uma transformação da pessoa apagada Sabina Spielrein.

A meu ver, o que foi violento para Sabina em sua história de amor com Jung, não está relacionado propriamente ao fato de ter tido relações sexuais com ele em algum

momento. Não foi a relação física e corporal com ele o abusivo, o excessivo da situação, pois no momento em que se deu, 1908/ 1909/1910, ela já não se considerava sua paciente e sim sua amiga e “poeta”, no que essa palavra significou de várias formas de romance. Em primeiro lugar, foi o enclausuramento transferencial que fez com que Jung se tornasse uma presença totalitária para ela. Ela morava no mesmo lugar que ele; tratava-se diariamente com ele; trabalhava com ele; ele a orientava nos estudos; ela assistia às suas palestras; compartilhava do contato com outras pacientes dele, inclusive tratando-as; ela convivia com a presença de sua mulher e de suas filhas até sua alta de Burghölzli. Não poderia ser diferente nos primórdios da psicanálise, sendo ela o caso-padrão de Jung, que ele se envolvesse profundamente com ela, e tivesse posto em movimento contratransferencialmente seu inconsciente não analisado. Também penso como Lothane (1999), que ela considerou encerrado seu tratamento quando saiu de Burghölzli, embora a posição de Jung seja ambivalente entre amigo e terapeuta até 1908. Como seu tratamento havia sido feito desde o início com passeios e caminhadas, não é de se estranhar que, fora do hospital, continuasse assim. A partir de 1906, à medida que Sabina Spielrein vai melhorando e se inserindo cada vez mais em suas atividades, trocando intelectualmente e afetivamente com Jung, a loucura do amor vai se instalando com sua maquinaria apaixonada e narcísica de sempre. Eles se tornam almas psíquicas parecidas, intimamente ligadas. Um analisa o outro, apesar de, quando Sabina percebe a armadilha em que está se metendo, ela se afastar “para fora de Zurique”. Maneira de respirar para se diferenciar e poder tomar posições. Mas seu amor-paixão a deixa totalmente vulnerável à ambivalência de Jung entre a idéia da poligamia ou do amor total sem travas burguesas, duas formas que ele propõe a Spielrein de se relacionar amorosamente com ela e com seu casamento monogâmico de filisteu suíço. Sabina tolera bem essa ambivalência, chegando até a pensar

em ter um filho real com ele, pois seu caminho psíquico sexual vinha demandando a realização desse desejo. Nesse momento, ocorre a segunda violência a Sabina. Na tentativa de aplacar seu conflito e seu sentimento de culpa, Jung começa a negar seu envolvimento com ela. A primeira etapa é a carta à mãe de Sabina que a enche de revolta. Na tentativa de achar um mediador que o recolocasse na posição de médico, na qual Sabina já não o colocava mais, ele propõe o dinheiro. Mercantilizar a relação que eles tinham àquela altura não poderia ser uma ofensa maior. Ficar entre um beijo ou 10 francos por consulta leva Spielrein a realizar a sua tentativa de procurar um terceiro. Freud entra em cena. Mas aí ocorre a terceira violência. Tudo o que Spielrein queria era que Freud e Jung reconhecessem que havia existido o amor erótico dele por ela e não apenas o dela por ele, mesmo que ele já tivesse terminado. Mas envolvidos nos conluíus e disputas pessoais e intelectuais de sua própria intensa relação, com pactos e cumplicidades difíceis de quebrar naquele momento, onde um terceiro não era bem-vindo, Sabina terá que insistir muito até que tudo se esclareça e finalmente Freud saiba que aquela que vinha sendo mencionada nos artigos e cartas de Jung era uma pessoa só, sua primeira paciente de psicanálise e não apenas uma paciente, mas uma pessoa com nome próprio. Mas Jung se apresenta como um mau menino diante do pai, que fez travessuras com seu comportamento, que pede ao pai que o puna ou afague sua cabeça. Não assume o seu amor por ela, mesmo que temporário, nem seus conflitos em relação a isso, nem mesmo sua demanda de análise que havia transferido a ela. Não é à toa que, por ocasião da ruptura com Freud, estranhará, negando sua neurose, quando Freud diz que ele não tem contato com sua urgente necessidade de se analisar. Ainda que narcisicamente ela tenha sido um pouco restaurada pelas desculpas de Freud e pela consideração dela enquanto colega e amiga que começará a se constituir então, o desejo de Sabina de que Jung assumisse que o amor deles havia sido recíproco não se

realiza. Ainda em 1919, Sabina pergunta a Jung o que ela significou para ele. Na penúltima carta que escreve a ela, ele continua falando do amor dela por ele que o fez chegar a algo que previamente tinha apenas suspeitado vagamente, “nomeadamente um poder no inconsciente que molda nosso destino, um poder que mais tarde o levou a coisas da maior importância.” (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 57) Somente no meio da carta diz que **a relação**, e não o amor dela, “teve que ser ‘sublimada’ porque de outra forma poderia ter levado à ilusão e à loucura, enquanto a concretização do inconsciente” (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 57). A quarta violência de Jung em relação à Sabina foi a tentativa de levá-la ao Congresso de Weimar com sua esposa e com sua nova aquisição, como ele diz a Freud, Antonia Wolff, numa tentativa de fazer suas três mulheres conviverem num mesmo espaço, coisa que Spielrein recusará e que Antonia e Emma concordarão em fazer até suas mortes. A quinta violência que essa relação causou a Sabina foi a acusação de plágio de Jung, o retardamento da publicação de seu artigo, a exigência de que ela o citasse, ainda que ele tenha aplacado isso com a citação dos textos dela em seu trabalho sobre as metamorfoses da libido. No seu processo sublimatório de luto por esse amor impossível, a produção escrita ocupou lugar central, assim como esse tema, já que é justamente da porção destrutiva da pulsão sexual e dos malefícios e benefícios da fusão amorosa que remete à fusão inicial com a mãe que Spielrein tratará. A impressão que se tem é que o “tipo introvertido”, que é como ele se autodenomina em 1919, personalizado por Jung o faz querer que o mundo se adapte a suas fantasias e necessidades. A sexta violência que Jung cometeu, parecida com a de Freud, foi a de não a ter mais citado desde 1923 em seus escritos, seja em função da sua ruptura com ela em torno desta data pelas discordâncias conceituais e pela tentativa que ela fazia de discutir com ele os conceitos freudianos que ela havia incorporado, seja em função do mal-estar pelo seu importante papel na constituição

de seu pensamento e, por isso mesmo, na ruptura com Freud, contribuindo para o apagamento de sua importância também para a psicologia analítica e sua transmissão, papel que está sendo resgatado agora tanto pelos psicanalistas como pelos psicólogos junguianos.

UMA RELAÇÃO DE AMIZADE E CONFIANÇA PROFISSIONAL - SABINA E FREUD

Em 20 de janeiro de 1910, Spielrein passou nos seus exames e, em 9 de fevereiro, defendeu sua tese de doutorado que seu instrutor Jung publicou no *Jahrbuch*. Conforme sabemos pelo seu diário, ela passa o ano de 1911 viajando sozinha e escrevendo seu segundo trabalho que, devido a Jung, aparece seis meses mais tarde do que deveria, como trabalho central do *Jahrbuch* anual. Mesmo assim, ela diz que são amigos.

Meu primeiro trabalho teve um grande sucesso. Eu devo a ele ter me tornado membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Viena. O professor Freud, a quem eu estou sinceramente ligada, tem um entusiasmo enorme por mim, ele fala a todos de ‘meu trabalho magnífico’ e também está tomado de afeição por mim. (CAROTENUTO, 1984, p. 228)

Ela reclama, no diário, da solidão e da falta de alguém a quem possa amar e que possa fazê-la feliz. Ficou bastante tempo em Munique, fazendo um curso de história da arte. Conheceu Leonard Seif, que fora o primeiro analista de Emma Jung e se entusiasma por seu trabalho.

No dia 11 de outubro de 1911⁴⁵, Sabina apareceu em Viena para participar do que seria a 1ª reunião após as férias, iniciando a sua presença nos encontros da Sociedade e a

⁴⁵ A Jung, Freud escreveu em 12 de outubro que ela chegou inopinadamente a sua casa e lhe disse que ele não tinha o ar malvado que ela lhe havia atribuído em suas representações sobre ele, durante o episódio com Jung.

sua pertinência a ela, depois de ter sido aceita na reunião anterior. Mas essa foi uma reunião tumultuada que selaria a saída e afastamento de Adler e de seus simpatizantes.

Depois da intervenção de Freud na relação amorosa entre Jung e Sabina Spielrein, em 1909, a primeira carta das 21 que Freud escreveu a Sabina de 1911 a 1923, se dá em 27 de outubro de 1911. Desculpa-se pelo comportamento de todos na reunião anterior.

Enquanto mulher, você tem o privilégio sobre os outros de observar com mais fineza e sentir com mais intensidade os afetos que lhe dão a medida. Tudo embelezado porque você gostaria de afagar docemente as falhas e as rugas. Eu verdadeiramente estou com frequência contrariado de não poder elevar a personalidade e o entendimento mútuo dos colegas ao nível ao qual eu amaria poder exigir de psicanalistas. Nossa última noite não foi gloriosa⁴⁶.... Estou pronto a dar razão à sua concepção e olhar o futuro com confiança. É o que eu fiz durante anos em condições bem mais difíceis. Eu agradeço suas palavras amáveis e espero que se sinta a vontade em nosso círculo. (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p. 205)

Em 29 de Novembro, Sabina apresenta na reunião da Sociedade um extrato de seu trabalho *A destruição como causa do devir*, intitulado *Sobre a transformação*, o qual discutiremos na terceira parte. Após comentários de Freud por carta, Jung escreve que é uma produção autônoma e que muita revisão é necessária para aparecer no *Jahrbuch*. Ela o envia para publicação no início de 1912, quando também Freud lhe encaminha uma paciente para exame físico sendo que, se ela concordasse que se tratava de uma história neurótica, para que a analisasse. Numa carta de 14 de junho de 1912, ele diz que a paciente lhe agradecera muito a indicação, o que lhe deu prazer. Ele comenta sobre a indicação de um paciente que ela havia feito a ele e reafirma algo que sempre repetirá ao longo das

⁴⁶ Refere-se a 25 de outubro, reunião de uma discussão violenta sobre a psicologia da escrita.

cartas : “Tudo o que você escreve sobre você me interessa muito, mesmo se não é novo.” (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p. 211) Comenta, então, sobre como fazia sua, sem reservas, a concepção de prioridade dela na questão do componente destrutivo da pulsão. Mas acrescenta que no conjunto, a questão de prioridade não é importante, e que esse assunto já estava presente em seus primeiros trabalhos e no de Abraham, recente, *Trauma e Mito*, que Jung, que reivindicava prioridade, também havia esquecido de citar. Assim ele escreve:

Eu farei a correção que restringirá o mérito de Jung e restabelecerá o seu bem, como o de Abraham. Perto do mês de outubro, eu tomarei uma decisão quanto à sua vinda a Viena e à revisão de sua dependência em relação a Jung. Eu lhe agradeço muito sobre isso que disseste inteligentemente a Jung; à parte isso, ele só se esforça em agravar... (falta)...até a ruptura. (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1918, p. 212)

Mas em junho Sabina se casa subitamente com Paul Scheftel, em sua terra natal. Em sua carta de 20 de agosto de 1912, Freud se manifesta surpreso. Mas diz que ela está pelo menos metade curada do apego neurótico a Jung, pois, se não estivesse, não conseguiria tomar a decisão de se casar. Resta ainda a outra metade e o que acontecerá a ela. Ele adoraria vê-la curada. *Aprés-coup*, ele vê que não achou simpático o fantasma dela de fazer nascer um Salvador (Siegfried) de um casamento misto. “Durante sua fase anti-semita, Deus o fez nascer da melhor raça judia. Mas estes são meus preconceitos. Faça-me saber antes de 1º de outubro se você quer realizar seu projeto de combater o tirano através de uma psicanálise comigo. Hoje eu amaria me imiscuir com uma palavra em sua decisão.” (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1918, p. 264)

Ele, então, diz pensar que uma cura logo após o casamento marginalizaria seu marido, de quem ela falara tão bem. Resta saber até que ponto ela poderia se ligar a ele e esquecer os antigos ideais. Só o que escapasse pertencerá à análise, que agora deveria ficar em segundo plano. Freud, então, afirma que ele tem certeza de que ela não deixaria arrefecer “a causa”, que seria para ela um membro pleno de valor. Sabina estava em Berlim e, na carta seguinte, de outubro de 1912, Freud manifesta sua satisfação pela aproximação de Sabina a Abraham. Não esqueçamos que Sabina conviveu com Abraham no Burghölzli como colega. Para Freud, ela tem muito o que aprender com ele, que seria um bom contraponto face às tentações a que estava exposta ao longo de seu trabalho. Provavelmente ele se referia às tentações teóricas junguianas. Ele não entende porque ela se dobra tanto a ele e reclama de que não conta muito sobre o marido. Agradece a ela o sonho sobre a simbologia do pé, substituto do objeto escolhido pelo autoerotismo, que enviou com uma análise transparente, a qual recomendaria para publicação.

Em 1913, numa carta de 20 de janeiro, a informa sobre a publicação de uma crítica de “seu último grande trabalho” feita por Federn, que ela deve ler com condescendência, sem se importar muito. Comunica, no final da carta, o rompimento de sua relação com Jung: “Minha relação pessoal com vosso herói germânico está definitivamente rompida. Seu comportamento foi detestável. **Meu julgamento sobre ele se transformou muito após sua primeira carta** [grifo meu]⁴⁷ Por quanto tempo não se possa prever, a colaboração no plano científico continua.” (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1918, p. 266) Num *Post Scriptum*, pede a ela que envie regularmente artigos para a revista para que seu nome possa aparecer no cabeçalho. Em fevereiro, escreve para elogiar o lindo sonho que ela lhe

⁴⁷ Esta frase de Freud é inequívoca sobre a influência do episódio entre Spielrein e Jung para a ruptura de Freud com este, ao contrário do que afirma Lohthane (1999).

mandou para publicação e diz que fará alguns comentários sobre a transferência. Após haver comentado as conversões à psicanálise que estavam surgindo, aparentemente por um trabalho pessoal dela, Freud lhe diz que ela tem razão quanto à necessidade de repousar agora. “Você já fez muitas coisas importantes e sérias, o que lhe dá o direito de respirar um instante, para retomar seu espírito”. (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1918, p. 267)

Mas em 8 de maio de 1913, Freud lhe responde que sente muito que ela

(...) se consuma de desejo por J. (Jung), precisamente no momento em que as minhas relações com ele são particularmente más e que eu estou quase convencido de que ele não é digno de todo o interesse que eu portei por ele. Eu prevejo que dentro de pouco tempo ele destruirá a obra que nós pusemos em pé laboriosamente, sem que ele mesmo venha a fazer melhor. Mesmo sem levar em conta nossas divergências no plano científico, seu comportamento pessoal chama por um julgamento severo. Mas é verdadeiramente em vão que eu o acuso diante de você. (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1918, p. 267)

Para falar de coisas mais alegres, diz que a pausa que ela fizera para a gravidez era um bom caminho e que esperava que aquele investimento da libido, mais que os precedentes, a deixasse feliz. Seria um jeito mais fácil que o atual dela se contentar com a limitação a um só homem.

Eu acredito que você ainda ame o Dr. J. e ainda mais fortemente porque você não trouxe à luz a raiva que também lhe devota. Parecia que isso seria possível depois que eu tomei partido, quando de nossa primeira troca epistolar. Mas eu me regozijo ao menos de que atualmente eu sou tão pouco responsável de seu comportamento pessoal como de seu caminho científico. Gostaria de conhecer a data do parto para felicitá-la. (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1918, p. 268)

Na carta seguinte, de agosto de 1913, Freud se diz muito feliz por ela ter se reconciliado com sua vida presente duas vezes mais rápido do que ele previra. Ele não pode suportar que ela lamente o antigo amor e os ideais passados. “Da minha parte, você sabe, eu estou curado de toda seqüela de predileção pelos arianos, e eu suponho, que se o seu filho for um menino, ele será um sionista inquebrantável. É preciso que ele seja moreno ou se torne moreno. Não mais cabeças loiras!” (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1918, p. 273). Ele lhe diz que ela sabe que não enviou suas saudações a Jung em Munique Mas deseja a ela que tudo vá bem, deseja a ela um acréscimo de ternura, de humor e de bom senso afim de que muito destas virtudes passem à jovem vida da criança. “Nós somos e permanecemos Judeus; os outros sempre só nos utilizarão, sem jamais nos compreender, nem nos respeitar.” (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1918, p. 273)

“Curado da predileção pelos arianos” (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1918, p. 273), refere-se aqui à ambivalência freudiana em relação ao seu bando de judeus em Viena, seus primeiros discípulos que tinham sido relegados a segundo plano com a chegada de seu herói ariano e louro, Jung, que livraria a psicanálise de ser uma ciência judaica. Freud não hesitou em transformá-lo em chefe político do seu movimento, justamente porque não era judeu. Freud sempre manifestou sinais de uma ambivalência própria à identidade judaica no final do século XIX. Falava sem hesitar da “raça judaica”, da “diferença entre judeus e arianos”, sempre designando os não-judeus como arianos, mas a utilização dessas expressões nunca o levou a promulgar uma psicologia das diferenças. Nada lhe causava mais horror do que ouvir seus adversários reduzirem a psicanálise a um produto do espírito judaico ou a uma mentalidade vienense. Mas em vez de afirmar claramente sua oposição a esse tipo de argumento, Freud oscilou entre duas atitudes que não correspondiam à sua concepção da cientificidade da psicanálise. Assim, até 1913, em nome de uma ciência

universal, Freud quis fazer de Jung o herói da “desjudaização” do seu movimento: em 26 de dezembro de 1908, ele escreveu a Karl Abraham dizendo: “nossos camaradas arianos nos são realmente indispensáveis, sem eles a psicanálise seria presa fácil do anti-semitismo.” (ROUDINESCO, 1999, p. 42) Em contrapartida, após a ruptura com Jung, ele muda bruscamente de opinião e reivindica a aliança possível da judeidade e da invenção de uma ciência universal. A Enrico Morselli escreveu dizendo:

Eu não sei se o senhor tem razão de ver na psicanálise um produto direto do espírito judeu, mas, se é o caso, não me sentiria nem um pouco envergonhado. Ainda que alheio há muito tempo à religião de meus ancestrais, nunca perdi o sentimento de pertencer a um povo e de me solidarizar com ele e penso, com satisfação, que o senhor mesmo se define como aluno de um dos meus companheiros de raça, o grande Lombroso. (ROUDINESCO, 1999, p. 42)

Mas se Freud teve uma atitude ambivalente em relação ao judaísmo que foi marcada por uma mudança após a ruptura com Jung, a mesma atitude ambivalente estava presente em Jung. Em final de janeiro de 1918, em sua correspondência com Spielrein, que analisaremos mais detidamente no próximo tópico, Jung escreve a ela:

Não se esqueça que os Judeus também têm profetas. Há uma parte da alma judaica que você ainda não está vivendo porque você ainda tem seu olho muito voltado ao exterior. Este é – infelizmente – o destino do judeu: o aspecto da sua psicologia que pertence a ele mais profundamente, ele chama de “preenchimento de desejo infantil”, ele é o assassino de seus próprios profetas, até de seu Messias. (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 55)

Ele fala então provavelmente de um sonho dela onde o nº 6 = sex, como Freud o entende e continua: “Você está orientando a si mesma para tudo que há em volta de você, pelo mundo visível, então o mundo interior está caótico. O mundo interior, contudo, vem

com uma força irresistível e tomará posse de você. Você experimentará uma notável transformação”. (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 55)

Sabina responderá ferozmente dizendo que não foi somente o povo judeu que matou os seus profetas e que é peculiar ao destino dos profetas não serem reconhecidos na própria pátria durante a sua vida. Discorre, então, sobre o judaísmo, o cristianismo e a sublimação. Esta será a última carta que conhecemos dela, ainda que, como há algumas cartas de Jung de final de 1918 e do ano de 1919, supõe-se que ela também tenha lhe escrito. Essa resposta, que diz respeito à sua visão das diferenças entre Freud e Jung, deixaremos para o próximo tópico. Mas quanto ao judaísmo, ela responde a Jung:

O senhor reprova a nós, judeus, inclusive a Freud, o fato de considerarmos a vida mais profunda da nossa alma como uma satisfação de desejos infantis. A isso devo lhe responder, em primeiro lugar, que nenhum povo é inclinado a ver em toda a parte o elemento místico e o sinal do destino como o povo judeu. O espírito claro e analítico-empírico de Freud está em contraste com essa inclinação. Um homem não pode se ocupar de todos os problemas do mundo. Freud teve o mérito de ter mostrado, através da análise, as manifestações da vida pulsional na mais tenra idade; Freud também nos provou que toda a nossa vida depende das primeiras experiências pulsionais infantis. Aceitando essas observações e essas interpretações, pode-se ir além e dizer que a vida pulsional não é o elemento primário, mas sim a expressão e o meio por meio dos quais nos deve ser comunicada alguma outra coisa que deriva das diversas combinações dos elementos psíquicos presentes em nós, etc. Toda a consciência tem um valor relativo. O senhor sabe que, depois de ter conhecido as experiências de Mendel, também os ensinamentos de Darwin conservam apenas um valor relativo. Não entendo porque Freud deveria depreciar as ações superiores do homem por ver suas origens, isto é, sua força motriz, nos estímulos reprimidos da pulsão desde a mais tenra idade. (CAROTENUTO, 1984, p. 155)

Mas não posso deixar de comentar o destino dessa ambivalência freudiana e junguiana em relação aos judeus nos destinos da psicanálise e da psicologia analítica em sua relação com a política do nacional-socialismo quanto às psicoterapias.

Do lado de Jung, a polêmica nomeação para a presidência da *Allgemeine Ärztliche Gesellschaft für Psychotherapie* (AÄGP), entidade fundada em 1926, com sede em Zurique que tinha por objetivo unificar as diferentes escolas européias de psicoterapia, sob a égide do saber médico. A *Zentralblatt für Psychotherapie*, criada em 1930, servia de órgão de difusão da AÄGP. Com a ascensão de Hitler ao poder, a ramificação alemã da Sociedade e a revista, editada em Leipzig, foram submetidas à nazificação sob o controle de Göring, sobrinho do tristemente famoso marechal. Foi nesse momento que os psicoterapeutas alemães, preocupados tanto em agradar o regime quanto em manter suas atividades nacionais e européias, pediram a Jung que assumisse a direção da entidade da qual já era o vice-presidente. Jung aceitou a presidência, desejando assegurar o domínio da psicologia analítica sobre o conjunto das escolas de psicoterapia. De Zurique, ele pretendia proteger tanto os terapeutas não médicos quanto os colegas judeus que tinham perdido o direito de exercer suas atividades na Alemanha. Na realidade, ele foi escolhido pelos clínicos alemães devido à confiança que inspirava nos promotores da psicoterapia ariana, ferozmente oposta ao pensamento freudiano. Os artesãos da nova medicina do Reich, orquestrados por Matthias Göring – um psiquiatra assistente de Kraepelin, que primeiro adotou a psicologia individual de Adler e depois tomou como modelo a psicologia junguiana, sonhando torná-la o protótipo de uma nova psicoterapia hitleriana centrada na superioridade da alma alemã – haviam acrescentado ao seu programa a destruição da psicanálise, do seu vocabulário, dos seus conceitos, das suas obras, do seu movimento, das suas instituições e dos seus clínicos. De todas as escolas da psiquiatria dinâmica e da psicoterapia, ela foi a única a receber,

enquanto tal, o qualificativo de “ciência judaica” tão temido por Freud. Para Roudinesco (1999), Jung se engajou em uma aventura da qual poderia ter facilmente se poupado. A partir de 1933, começa a publicar textos favoráveis à Alemanha nazista na *Zentralblatt* arianizada da qual se torna diretor. Procurava provar que o diferencialismo que defendia nas psicologias dos povos não tinha nenhuma relação com o racismo diferencial do nacional-socialismo, no mesmo número em que Göring tecia um vibrante elogio ao *Mein Kampf*, enquanto Cimbäl propunha, em nome das teses junguianas, promover na Alemanha um verdadeiro programa anti-semita de nazificação da psicologia e psicoterapia. Jung não se demitiu no primeiro número e trocou cartas com Cimbäl acusando Göring não pelo conteúdo, mas pelo erro tático de seu artigo. Num programa de rádio, Jung foi induzido a traçar um quadro apologético de Hitler e da bela juventude alemã. Armado da sua psicologia do arquétipo, Jung classificou os judeus como povos desenraizados, condenados a serem errantes e ainda mais perigosos, pois, para escapar da desnacionalização psicológica, não hesitavam em usurpar o universo mental, social e cultural dos não-judeus. Curiosamente, a mesma coisa de que Freud se queixou a Sabina, o tratamento de usurpação de que fazem os arianos com os judeus. Foi o psicanalista Gustav Bally quem fez um ataque retumbante a Jung pelo jornal, acusando-o de colocar a sua concepção do psiquismo a serviço do nazismo. Mas Jung não pediu demissão e respondeu a Bally no mesmo jornal por duas vezes. A partir dessa polêmica, começou a se sentir perseguido. Passou a acusar os judeus de serem os próprios responsáveis pelo anti-semitismo que se abatia sobre eles. Mas foi em um longo artigo publicado em 1934, *A situação atual da psicoterapia* (citado em ROUDINESCO, 1999, p. 48), que Jung fez a apologia do nacional-socialismo, afirmando a superioridade do inconsciente ariano sobre o inconsciente judaico.

Esse texto, pró-nazista, anti-freudiano, e anti-semita, se tornará tristemente célebre e terá um peso enorme no destino posterior de Jung e do movimento junguiano. Nele, todos os ingredientes estavam reunidos para transformar a teoria freudiana em pansexualismo obsceno, ligado à “mentalidade judaica”. Jung parece ter esquecido que há um quarto de século havia defendido a psicanálise contra tais argumentos que a reduziam a uma epidemia nascida da decadência da Viena imperial.” (ROUDINESCO, 1999, p. 48)

Roudinesco cita a passagem principal que reproduzo, principalmente pela aproximação do judeu com a mulher, muito semelhante à abordagem de muitos intelectuais, psicanalistas e literatos do *fin-de siècle* da qual tratarei na terceira parte deste trabalho:

Os Judeus têm em comum com as mulheres essa particularidade: sendo fisicamente mais fracos, devem procurar os pontos vulneráveis de seus adversários e, graças a esta técnica que lhes foi imposta ao longo dos séculos, se protegem melhor lá onde os outros são mais vulneráveis (...). O Judeu, que como o Chinês erudito pertence a uma raça e cultura três vezes milenar, é psicologicamente mais consciente de si mesmo que nós. Por essa razão, geralmente não teme depreciar seu inconsciente. Em contrapartida, o inconsciente ariano está carregado de forças explosivas e da semente de um porvir. Nesse sentido, ele não pode ser desvalorizado ou taxado de romantismo infantil sob pena de colocar em perigo sua própria alma. Ainda jovens, os povos germânicos podem produzir novas formas de cultura e esse futuro encontra-se ainda adormecido no inconsciente obscuro de cada ser, lá onde repousam germes carregados de energia e prontos a se enlaçar. O judeu, que tem algo de nômade, nunca produziu e sem dúvida nunca produzirá uma cultura original, porque seus instintos e seus dons exigem, para desabrochar, um povo de hospitalidade mais ou menos civilizada. É por essa razão que, de acordo com a minha experiência, a raça judaica possui um inconsciente que só em certas condições pode ser comparado ao inconsciente ariano. Com exceção de alguns indivíduos criativos, o judeu médio já é demasiado consciente e muito diferenciado para trazer dentro de si as tensões de um porvir. O inconsciente ariano tem um potencial superior ao inconsciente judeu: tal é a vantagem e o inconveniente de uma juventude ainda próxima à barbárie. O grande erro da psicologia médica foi o de querer aplicar sem discernimento as categorias judaicas – que não são nem mesmo válidas a todos os

judeus – aos escravos e aos alemães cristãos. Como consequência, só viu naquilo que há de mais precioso e íntimo dos povos germânicos – sua alma criadora e intuitiva – profundezas infantis e banais, ao passo que minhas recomendações eram suspeitadas de serem marcadas por um sinal de anti-semitismo. Essa suspeita emanava de Freud que, assim como os seus discípulos alemães, não compreendia a psique germânica. O fenômeno grandioso do nacional-socialismo, que o mundo inteiro contempla surpreendido, lhes teria esclarecido? (ROUDINESCO, 1999, p. 48-49)

Para os nossos propósitos, isso basta. Jung só se demitirá da direção da AÄGP e do *Zentralblatt* em 1940, quando esta passou ao controle total nazista de Göring. Após isso, Jung mudou de opinião e começou a escrever sobre a má Alemanha, e Hitler, antes idealizado, passou a ser um sinistro charlatão que devia reparação aos não alemães e ao próprio Jung. Jung admitiu que escorregou, mas jamais pareceu entender qual foi a sua real participação no nazismo, jamais abandonou a sua psicologia do arquétipo, jamais o menor comentário sobre o genocídio dos judeus, e jamais quis reconhecer que havia defendido proposições anti-semitas. Em suas lembranças autobiográficas, silenciou sobre esse período que não deixou ser mais do que um “escorregão”. Segundo Roudinesco, essa denegação o levou a tomar uma medida insensata no clube de psicologia analítica em Zurique. Em 1944, em nome do equilíbrio necessário entre os diferentes grupos humanos, decidiu limitar a 10% a admissão de membros judeus e a 25% a dos convidados, instalando uma política de cotas que revelava a verdadeira natureza da teoria dos arquétipos, regra que foi abolida em 1950.

Do lado da psicanálise há a política da colaboração arquitetada por Ernest Jones com a complacência freudiana. Göring se aproximou dos freudianos desejosos de colaborar com o regime nazista, membros da DPG, *Deutsche Psychoanalytische Gesellschaft*,

fundada por Karl Abraham e filiada à IPA e do *Berliner Psychoanalytisches Institut*, BPI, criada por Max Eitington. Boem, Braunschweig, Hencke e Kemper aderiram a ele, personagens medíocres que eram, enciumados dos seus colegas judeus, para os quais a ascensão do nacional-socialismo foi um benefício inesperado para a carreira. Em 1930, a DPG tinha 30 membros, na sua maioria judeus, que tomaram o caminho do exílio já em 1933. Em 1935, 1/3 dos membros residia na Alemanha, entre os quais 9 judeus, que foram alijados pelos quatro colaboracionistas para não dar pretexto aos nazistas de proibirem a psicanálise. Deu-se a essa operação o nome de salvamento da psicanálise, política que foi apoiada pela falta de visão e conservadorismo de Ernest Jones. Freud qualificou toda essa história de “triste debate” (ROUDINESCO, 1999, p. 39), mas estava preocupado com os inimigos internos da psicanálise, sobretudo Wilhem Reich. Hencke era mais perigoso por suas posições adlerianas do que pelo seu engajamento nazista. Em 1936, foi criado na sede da BPI, o Instituto Göring. Boehm foi a Viena em 1938 tentar convencer Freud da necessidade dessa política de salvamento. Freud desaprovava a tese de salvamento e desprezava a baixeza dos artesãos. Furioso, saiu da sala sem nada dizer, mas não interveio com sua autoridade junto a Jones para evitar que a IPA participasse da engrenagem dessa colaboração. Era necessário, de um lado, lutar contra os “desvios” adlerianos ou reichianos, internos ao freudismo e, de outro, preservar a pureza doutrinal da psicanálise face aos inimigos externos: junguianos ou psicoterapeutas de várias tendências. Durante o período da Guerra, cerca de vinte freudianos continuaram assim suas atividades terapêuticas ou suas querelas de escola defendendo uma “boa psicanálise” sob a égide do Instituto Göring e a opressão nazista. Em nome de um suposto “salvamento”, esses homens se desonraram ao colaborarem para uma destruição que teria acontecido de qualquer maneira sendo que, no entanto, teria sido preferível se tivesse acontecido sem a sua colaboração. Aceitaram a

supressão sistemática de todo o vocabulário freudiano e, seja qual fosse o motivo alegado em suas defesas posteriores, o fato é que se recusaram a tratar pacientes judeus, estes, aliás, excluídos de todo e qualquer tratamento, foram enviados aos campos de concentração. Após a Guerra, Ernst Jones confiou a Boehm e Braunschweig a reconstrução da DPG, e a Werner Kemper a missão de desenvolver o freudismo no Brasil, ajudando os antigos colaboracionistas a se reintegrarem aos quadros da IPA. Somente a partir dos anos 1980, historiadores de fora da IPA começaram a publicar trabalhos críticos revelando o desastre da política de Jones e o passado vergonhoso dos principais responsáveis pela “arianização” da psicanálise. Jones, historiador e biógrafo de Freud, nunca fez sua autocrítica (ROUDINESCO, 1999). O desenvolvimento dos trabalhos sobre o período nazista transformou tanto a historiografia freudiana como a junguiana. Após esse longo comentário motivado pela frase sobre o judaísmo dita por Freud a Sabina, sigamos a troca de cartas entre ela e Freud.

Em 29 de setembro de 1913, ele a felicita pelo nascimento de sua filha, sendo que acha melhor mesmo que seja “ela”. Talvez, diz ele, ela tenha posto abaixo o ídolo Siegfried com o nascimento de sua filha mulher, que ao menos iria caminhar por si só, e não apoiada em Siegfried.

Há um rascunho de uma carta de Sabina a Freud, escrita no verso de uma carta de Jung de 15 de abril de 1914, onde ela diz a ele que não desestima Jung, mas que reprova o seu comportamento em relação a Freud, bem como sua atitude em relação à Associação. Ela não pode perdoar sua posição diante da Associação nem a história entre eles. Diz tê-lo visto apenas uma vez depois do seu casamento. Ela não é o pai de Jung, mas sua irmã. Apesar de todos os seus erros, quer bem a Jung e gostaria que ele permanecesse entre eles.

O senhor e ele, professor, ignoram a que ponto as coisas que vocês dois têm em comum são mais importantes do que se acredita. Mas esse desejo piedoso não é uma traição à nossa Associação! Todo mundo sabe que tomei partido me declarando membro da Associação Freudiana e que Jung não pode me perdoar por isso. (CAROTENUTO, 1984, p. 189)

A carta de Jung de 15 de abril de 1914 cumprimenta-a efusivamente por suas idéias éticas expostas numa conferência “*Sobre ética e psicanálise*” ao grupo berlinense da IPA e publicadas no *Jahrbuch*. Diz que não gostaria de falar sobre sua demissão do *Jahrbuch* devida a experiências de ataques contra ele. Ele a cumprimenta pela saúde de sua filha e deseja sucesso em seu trabalho, mas diz que o tom da carta dela logo o atingiu por sentir que ela o despreza, e que o respeito ao ser humano e seus motivos não deveriam ser minados pela psicanálise. Porque ele luta, sofre.

Na carta seguinte de Freud a Sabina, ele responde à sua sensação de que não lhe envia pacientes. Diz que é uma sensação idêntica à que tinha Adler e outros e expõe razões práticas para isso, além de analisar o mecanismo persecutório de engrandecer demais uma pessoa e depois torná-la responsável. Diz a ela para procurar Abraham que certamente lhe pediria em troca, se puder arranjar-lhe mais pacientes, maior participação na Associação. “Depois das relações que tivemos até agora, o que acha que eu teria contra você? Não será apenas a manifestação da sua má consciência de não ter se liberado ainda de seu ídolo? Reflita e me escreva o que pensa disso.” (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p. 275)

Na carta de junho de 1914, Freud aperta o cerco sobre Sabina. Quer saber se ela quer ser citada no cabeçalho do *Jahrbuch*. Se sim, seria para o próximo número, mas pede que ela reflita bem, pois todos os nomes de Zurique haviam sido descartados.

Se seu nome figurar no cabeçalho será uma tomada de posição da sua parte das mais nítidas. Porque ainda hoje você está enamorada de Jung, você não pode se zangar realmente com ele, ainda vê nele um herói perseguido pela matilha, você me escreve empregando as expressões tiradas da teoria da libido dele e se ressentido com Abraham por ele lhe dizer essas quatro verdades. (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p. 276)

Pede a ela uma firme decisão, sem se sentir constrangida, apenas indo a fundo naquilo que decidir, como o fez Pfister. Ele deseja que ela seja bem sucedida em se desembaraçar, como num quebra-cabeça, do ideal infantil do herói e do cavaleiro germânico que dissimula toda a oposição dela ao seu próprio meio e à sua própria origem. Ele espera que ela não tome essa imagem enganosa à criança que na origem desejaria certamente de seu próprio pai.

Seus ensaios pedagógicos se inscrevem certamente em uma boa direção. Que seu fogo interior aqueça suas ambições no lugar de a consumir. Nada é mais potente do que uma paixão dominada e derivada. Agora você não pode realizar tanto assim porque está dividida entre dois lados. Você será sinceramente bem-vinda se ficar conosco, mas agora tem que reconhecer que o inimigo está à sua frente. (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p. 276)

Finalmente a carta que encerra esse período, de 20 de abril de 1915. Ao que parece, Sabina Spielrein quis fazer um tratamento com Freud e ele concordou, desde que ela não falasse mais de Jung, porque sempre encontrava múltiplas desculpas para ele. Diz que as observações que ela fizera da gente de Zurique completaram as que Pfister, Rank e Sachs também haviam feito. “Minha impressão é que eles são umas bestas muito maiores do que ousávamos pensar. Eu gostaria de acreditar que você está improdutiva apenas na aparência e que se preparam transformações em você que respondem ao novo estado de coisas.”

(GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p. 277) Pergunta se a guerra não está lhe tocando de maneira demasiado dura. Comenta as publicações psicanalíticas que continuam.

Ao que parece, Sabina não se analisou com Freud. Também, pudera! Uma análise que teria que excluir aquilo que era o principal motivo de sofrimento, a sua relação afetiva e intelectual com Jung, que não conseguia superar, bem como seu sofrimento com a ruptura intelectual entre Freud e Jung... As soluções freudianas, à moda de *Totem e Tabu*, de resolver a ambivalência afetiva trazendo à luz o ódio e à moda do sucesso egóico anti-paranóico de fortalecer suas ambições, parecem não terem sido úteis a Spielrein nesse momento.

UMA RELAÇÃO AMISTOSA E INTELECTUAL - SABINA E JUNG

Sua solução foi enfrentar o inimigo de Freud de frente e iniciar uma correspondência com Jung, de 1917 a 1919. Esse era o momento em que Jung estava emergindo de seu sofrimento fragmentador, da viagem às imagens de seu inconsciente e começando a elaborar seus novos conceitos psicológicos, em especial o de tipos psicológicos. A leitura cruzada das cartas de Spielrein e de Jung sugere que Sabina Spielrein continuou sua análise com Jung por meio delas. Curiosamente, parece que a época dessa correspondência intensa coincidiu com o lapso de tempo, durante a guerra, em que ficou indecisa quanto à carreira de psicanalista. Na verdade, ela se dizia cansada e decidiu ser música, compositora e intérprete, realizando cirurgias médicas como ganha-pão, a maior parte do tempo na Alemanha. Também não se sabe de cartas de Freud a ela, a não

ser uma de 1917, anterior ao reinício da correspondência dela com Jung, e outra posterior, pós-guerra, em que ele entra em contato para saber notícias dela.

Sua demanda de análise refere-se a cinco tópicos:

1) **situar-se em relação à ruptura entre Freud e Jung.** Para ela, os motivos dos dois eram muito menos teóricos do que afetivos e pessoais. Via muito mais continuidades entre os dois pensamentos do que seus próprios autores. O que estava em jogo era a constituição do seu próprio pensamento teórico e, por isso, é detalhista ao pedir a Jung esclarecimentos de suas novas idéias contidas em seus últimos livros, a *Psicologia do Inconsciente* e *O conteúdo da psicose*. Tenta convencê-lo da proximidade de seu pensamento com o de Freud, mas valorizando todos os conceitos inéditos que ele havia lançado/ criado. O foco da correspondência em torno das divergências entre Jung e Freud é o conceito de sublimação e de vida simbólica.

Ainda em 11 de abril de 1913, numa carta a Sabina, Jung explica as razões afetivas da iminente ruptura com Freud.

Eu deixei sua longa carta, cujo assunto era meu trabalho, sem resposta, porque senti que precisaria de meio livro para respondê-la e, como estava exausto para isso, não respondi nada. Eu estava completamente desencorajado naquele momento porque todos me atacavam e, a mais, eu estava certo de que Freud nunca me entenderia e quebraria sua relação pessoal comigo. **Ele queria me dar amor, quando eu queria compreensão. Eu queria ser um amigo numa relação de iguais enquanto ele me queria como um filho. Por essa razão ele atribui a um complexo tudo o que faço que não se encaixa na moldura do seu ensino. É como ele vê, mas eu nunca o reconheci assim.** [grifo meu] No encontro de Munique, eu vi claro que Freud está perdido para mim. Minhas lutas interiores me absorviam tanto que não respondi sua carta. Não é que eu não esteja aberto a críticas, mas sei muito bem que é um assunto muito extenso para mim, para ser capaz de explicá-lo em detalhes a você. Muito mudou em mim desde que a vi. Desejo-lhe o melhor e permaneço seu amigo para sempre. (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 47)

Numa primeira carta, Jung é bastante irônico; diz que desconfia dos argumentos dela e que não vai abrir seu segredo para vê-lo esmagado nos pés daqueles que não o entendem. Construiu um muro em torno do jardim e não há nada lá a não ser as velhas familiares e insignificantes idéias e as “superficiais alegorias” que já se insinuavam à distância no trabalho sobre a libido. Ele diz a ela que a teoria freudiana vai muito mais longe, direto às glândulas

(...) é a mais profunda afirmação que já se pode fazer sobre psicologia humana. Não se pode ir mais profundo do que de volta ao corpo materno. É de lá que o mundo é melhor explicado. Tudo o mais é superficial e “não científico”, uma trapaça simbólica construída sobre erotismo anal reprimido. Você deve saber que ultimamente tudo vem do corpo da mãe e isto é só sexualidade e sua lamentável repressão. Tudo é só isso. Como uma hipótese auxiliar, o anti-semitismo é muito recomendado e algumas outras calúnias menores. No mesmo correio estou mandando um pequeno escrito [tratava-se do livro *Psicologia do Inconsciente*] que não está baseado em nada e contém uma corrente de asserções arbitrárias que se levantaram de uma má compreensão do ensinamento de Freud. (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 47)

A resposta de Spielrein é uma carta formal e teórica. Diz que leu o livro de Jung há muito tempo e gostaria de discuti-lo com ele em várias cartas, subdividindo os assuntos. Essa primeira carta ela intitula: “Vontade de potência ou pulsão sexual?” (CAROTENUTO, 1984, p. 120). Tenta aclarar conceitualmente a teoria das pulsões por meio de um exemplo de tosse histérica ocorrida na sua filha, ou melhor, o uso neurótico da tosse orgânica de sua filhinha valida os desejos sexuais infantis que no adulto manifestam-se em sintomas e na criança como desejo de obter amor. Ela exprime sua opinião pessoal de que a pulsão de auto-conservação está incluída na pulsão de preservação da espécie; a necessidade de

existir passa, de forma não observada na necessidade de morrer e renascer. No estado inicial, diz ela, a pulsão de conservação coincide com a de conservação da espécie, dado que não se pode dizer se os recém-nascidos amam o seio materno porque satisfazem nele o seu desejo de nutrição ou se este amor é já tão evoluído que eles amam o seio “fisicamente”, ou – como ela pensa – amam o mesmo porque aplaca a fome e, além disso, dá calor e tranqüilidade: por isso, esse contato físico é agradável, o que representa já o início do sentimento sexual. E o sentimento de potência seria a necessidade de atrair maior atenção e amor para si. O sentimento de insuficiência, o sofrimento pelo sentimento de inferioridade se daria por se ter menor direito ao reconhecimento e ao amor, o que vale tanto para desejos insatisfeitos recalcados como para produtos de sua sublimação, a sensação de não poder existir e nem procriar.

Freud nos diz freqüentemente que muitos dos nossos doentes se curariam caso a realidade fosse mais favorável. A “fuga na doença” é um conceito reconhecido por todos, assim como a idéia de Freud de que os neuróticos têm necessidade dela porque assim é mais fácil obter satisfações infantis e, naturalmente, ainda com maior razão se a doença puder oferecer vantagens reais. Basta pensar na neurose da aposentadoria. **A idéia nova que o senhor apresentou é a de que um sintoma patológico indica ao mesmo tempo o novo caminho.**[grifo meu] Ao que eu saiba, somente o senhor formulou tal conceito dessa forma. É verdade que Freud disse que um sintoma neurótico é, ao mesmo tempo, uma tentativa de cura, ou seja, de adaptação, mas, se entendo bem, não queria dizer com isso que um sintoma nos revela também caminhos novos e válidos, como o senhor pensa. Sem querer contradizer a concepção de Freud, esse seria um conhecimento precioso e me interessa muito discutir com o senhor ainda sobre várias coisas. (CAROTENUTO, 1984, p. 123)

Ela pede, então, que ele reenvie a carta dela, pois é importante para seus trabalhos futuros e lhe assegura que as novas concepções científicas dele a interessam muito e gostaria de discuti-las com ele de vez em quando. Dá um endereço em Lausanne.

Na resposta a ela, Jung diz que está correta do ponto de vista da psicologia das pulsões, procedendo de fora, de acordo com o tipo dela. É uma suposição biológica que contém uma verdade média empírica. Mas, com essa hipótese, ela violentaria a psicologia do sujeito, orientada em relação ao ego (*Adler!*) o que, portanto seria inadmissível. “Não podemos permitir uma psicologia baseada na biologia simplesmente para cortar a garganta da psicologia do ego” (COVINGTON, WHARTON, 2003, p. 51). Criticando Freud, ele diz que uma psicologia do ego não é uma psicologia das pulsões, mas uma vontade de potência e que ela deveria ler Adler e Nietzsche. Parece que ele se esqueceu da longa análise que ela faz de Nietzsche em seu texto sobre a destruição como causa do devir. Ou guarda apenas restos mnemônicos, porque ironiza o fato de o caso de Nietzsche, segundo Freud, não ser nada mais do que sexualidade reprimida, embora genuíno.

Há algum poeta ou pensador cuja criatividade não emane da sexualidade reprimida? Mas a individualidade de Nietzsche não pode ser comparada à de Goethe. Então a teoria de Freud é muito extensa e ao mesmo tempo incapaz de entender o sujeito. Ela é adequada a objetos, mas não a sujeitos ativos. É meramente empírica, achando só objetos moventes e não sujeitos viventes. Foi este último aspecto que Adler percebeu, mas só este. (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 52)

Na carta seguinte, de 3 de dezembro de 1917, Sabina faz perguntas sobre a vida simbólica: o que é viver algo simbolicamente, já que Jung concebe o símbolo como algo real? Como se pode viver algo simbolicamente, para que serve uma vida simbólica, o que revela a análise do símbolo? Ela diz então que por muitos anos foi uma de suas melhores

alunas, se não a melhor. Por isso seria natural que, depois de um intervalo do qual tinha necessidade para desenvolver sua nova componente interior, que ela voltasse a se interessar pelos progressos científicos dele. Retoma o exemplo da tosse da filha para perguntar sobre questões teóricas específicas. Volta, então, a Freud e diz que é muito instrutivo para ela que Jung e Freud se censurem reciprocamente pela mesma coisa, por terem uma concepção biológica da psicologia (censura que ambos haviam feito ao seu trabalho sobre a destruição, bem lembrado). Para ela, nenhum dos dois concebe a pulsão de forma biológica. Freud se preocupa com as manifestações psicológicas de uma pulsão, ou seja, o sentimento de prazer e desprazer, que produzem desejos correspondentes.

A esse respeito, Freud se coloca totalmente do ponto de vista da “psicologia do ego” Aquele precioso Ego! Ele presume que os sentimentos de prazer e desprazer constituem a origem de todos os fatos psíquicos e que, na base das neuroses, estão particulares “desejos” sexuais recalcados (sentimentos). Segundo ele, buscamos tudo o que nos dá prazer e reprimimos tudo o que produz desprazer. Na sexualidade, porém, não podemos buscar o que nos dá prazer, aliás não podemos nem admitir esta busca, já que esses desejos são muito intensos e provocam em nós uma forte oposição. Disto deriva o conflito e o recalque dos sentimentos sexuais, melhor dizendo, dos desejos. Freud, naturalmente, se interessa pelos mecanismos psíquicos comuns do homem e afirma que a energia que poderia ser empregada para a satisfação de pulsões sexuais danosas ao desenvolvimento individual é deslocada e transportada para metas superiores. É o que ele chama de sublimação. Por isso, segundo Freud, nem Nietzsche, nem Goethe se detiveram no recalque, mas sublimaram os seus impulsos inferiores, retirando destes a energia que possuíam no estado potencial. Um homem não pode ser ao mesmo tempo pintor, músico, médico, matemático. Freud contentou-se em estudar estes acontecimentos humanos comuns em seu desenvolvimento normal e patológico e, segundo penso, cumpriu essa tarefa com genial acuidade (apesar das compreensíveis lacunas e exageros). (CAROTENUTO, 1984, p. 125)

Spielrein realmente se coloca ao lado de Freud conceitualmente e não deixa Jung simplificar a teoria do recalque e da sublimação do sexual como havia feito na carta anterior. Agora ela pergunta se Jung está de acordo com isso. Qual força impele à sublimação, que força faz com que sacrifiquemos desejos infantis por outros mais maduros? Para ela, como Freud é um empírico, ele não toca nessas questões. Adler dá um salto, deixando de lado as considerações freudianas e vendo os conflitos neuróticos apenas no âmbito da vontade de potência. Para ela, as idéias de Jung têm um fundamento melhor porque, partindo das considerações básicas de Freud, apresenta em *Símbolos da transformação da libido* a hipótese de que, também na filogênese, a libido originária teria sido sublimada. Vai mais além ainda quando diz que a libido já está tão domesticada, tão solidamente fixada em vários interesses culturais, que os conflitos podem surgir no próprio âmbito destes valores culturais, assim como a repressão de qualquer um dos interesses culturais (objetivo de vida) é suficiente para a formação da neurose. Se qualquer um dos objetivos da vida não pode ser realizado e a quantidade de libido regride, esta retorna a idéias infantis e filogenéticas, formando desejos correspondentes (os quais, por causa do recalque devem se contentar com a vida inconsciente). “Compreendi bem o seu pensamento? Se é assim, creio que este é um conceito muito interessante e frutífero.” (CAROTENUTO, 1984, p. 126) Vemos Sabina Spielrein tentando costurar as teorias freudianas e junguianas num tecido que preserve ambas, ressaltando a base freudiana e agregando as novidades junguianas, preservando-as como distintas mas não incompatíveis com a base.

Numa carta subsequente, comenta a revisão da tradução das obras de Jung para o russo que está fazendo. Fala das dificuldades, da necessidade de criar um vocabulário terminológico próprio. Diz que é muito desagradável fazer um trabalho imperfeito porque

considera a obra dele com a mesma honestidade e benevolência que ele concedeu ao seu primeiro escrito e, por isso, aconselha-o a esperar até que haja bons tradutores e uma literatura russa específica, ainda que demore, pois da pressa inútil e da superficialidade jamais resulta algo bom, tanto mais porque no momento, devido aos acontecimentos políticos, não havia na Rússia um terreno muito favorável para as iniciativas científicas, razão pela qual se poderia ter o tempo que quisesse.

As cartas seguintes referem-se à teoria dela que surge dessa costura dos pensamentos dos seus dois mestres. Deixarei para a próxima parte.

Mas numa de suas respostas, Jung faz um aviso claro a ela, só que em relação a Adler, o que, sem dúvida, vale para terminar a correspondência com ela também: “Freud reconhece a psicologia do Ego do mesmo jeito que Adler reconhece a sexualidade, mas isso é tudo. Adler não deve ser colocado ao lado de Freud, dessa forma você violenta ambos” (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 52). Na carta de 6 de janeiro de 1918, ela retoma as diferenças entre Freud e Jung. Pensa que ambos, partindo de um mesmo material subliminar, analisam em direções opostas no que diz respeito aos objetivos. Jung analisa simplesmente a parte do subconsciente mais próxima do consciente; Freud, ao contrário, analisando o inconsciente, aprofunda-se na direção oposta. Analisa o sintoma neurótico ligado ao recalque de desejos infantis incestuosos. Mas se pergunta por que eles persistem mesmo depois de analisados. É aí que tenta ligar as duas teorias já se remetendo ao que será o seu problema posterior quanto à origem da formação do símbolo. Ela se pergunta: 1) o que está presente no nosso consciente intensamente deve achar a sua cópia subliminar? 2) Esses conteúdos psíquicos serão elaborados no subconsciente porque o consciente pode lhes dedicar somente uma dose relativamente escassa de atenção? Essas soluções subscientes de problemas, em associação com outros problemas aqui ativados, também

serão representadas em nível subliminar (portanto, simbolicamente, no sonho). 3) Pela análise da ligação com desejos incestuosos, liberamos do recalque uma parte mínima do conteúdo psíquico e colocamos à disposição de metas mais elevadas uma certa quantidade de libido que é suficiente para o retorno à vida normal, mas ainda será recalcada uma grande quantidade de libido que permanece ligada a desejos infantis e que, em parte, encontrará expressão simbólica no nível subliminar. Uma falta quase total de recalque seria possível somente em um tipo absolutamente perverso que poderia submeter os pais a ações ignóbeis sem a menor resistência. Mas, também nesse caso, haveria uma certa quantidade de inconsciente formado por hereditariedade, não tanto como resultado das inibições humanas, mas, sobretudo, como pulsão de autoconservação que necessariamente deve exercer uma ação inibidora. A análise não tende à dissolução do recalque. Basta uma certa quantidade para tornar o indivíduo capaz de agir. Se excessiva ou insuficiente pode causar danos. É a habilidade do médico que decide a quantidade certa. Aí Spelrein justifica o comportamento neutro do médico recomendado por Freud como o melhor para a maioria dos pacientes, pois se o médico manifesta sua desaprovação, faz com que os pacientes aumentem sua resistência e o recalque e, se ele mostra complacência, encoraja o doente na sua ruminação interior e embebe de sangue seus desejos. Esses dois extremos, diz ela, são perigosos na análise com pessoas do outro sexo.

Ela passa a abordar então o método de Jung: Freud, diz ela, afirma que cabe ao doente utilizar da melhor maneira possível a energia recém-adquirida. Jung, ao contrário, diz que uma análise posterior do subconsciente deveria indicar ao doente as suas metas mais elevadas e o seu fim.

À primeira vista parece-me que o método de Freud é mais útil para a média das pessoas, enquanto que o seu vale para homens fortes e

capazes de sublimações (penso sempre na diferença de sexo entre médico e paciente, porque de modo geral, o período de fixação é maior). Na prática, certamente não acontecerá o que se propõe na teoria. Seguramente, também Freud se interessará pela utilização prática da libido adquirida depois da análise ocupando-se dos destinos de seus pacientes, aconselhando-os e apoiando seus projetos de sublimação. (CAROTENUTO, 1984, p. 141-142)

Só não empreende a análise sistemática do subconsciente como Jung propõe. Aí Sabina lança uma pergunta crucial a Jung, bastante provocadora: O que é mais importante para o paciente, conhecer suas tendências mais elevadas ou as mais baixas? Para responder a isso é preciso entender a gênese da formação dos símbolos neuróticos e que a neurose é tanto um fenômeno de fixação como de regressão. Aqui ela dá um exemplo que só pode repercutir o trabalho de entendimento do próprio destino de Sabina em relação a Jung. Ela diz que é de profundo significado o ditado que diz que cada um é artífice de sua própria sorte. Existem homens que querem ser felizes, outros que querem ser infelizes, metafisicamente.

Existem homens que se enamoram sempre de pessoas jovens, livres e amam quando são amados; outros, vice-versa, enamoram-se de pessoas mais velhas e casadas e amam somente quando não são amados. Nos do segundo tipo, o conflito resulta da atitude que tinham diante da vida já antes da experiência traumática. O mesmo se pode dizer das tendências mais elevadas. O que, no fundo, impede um homem desenvolvido normalmente de realizar o seu dever na vida? Medo da vida? Sentimento de insuficiência? De onde provém? (CAROTENUTO, 1984, p. 142)

Na mesma carta diz que é inútil explicar o valor da análise freudiana a Jung, já que ele sabe quanto sucesso o método tem na cura dos doentes e também o valor cultural que possui se for compreendido de modo justo. Diz então que, para julgar o valor prático do método de Jung, tem-se que responder à pergunta: “O subconsciente é prospectivo em todo

homem e, portanto, depende somente de uma boa análise descobrir a meta para a qual tende a nossa existência ou é assim somente para alguns homens?” (CAROTENUTO, 1984, p. 143) Para ela, se fosse uma qualidade humana geral, traduzível em um método, então esse método seria uma das maiores descobertas do homem, de altíssimo valor, tanto para o doente quanto para o sadio. Por isso gostaria de conhecer o método de Jung na prática. No caso dela, somente graças aos símbolos do sonho ela concedeu direito de existência a exigências de seu ser há muito reprimidas, mesmo com um processamento intenso de uma luta interior. Sendo ela versátil em muitas coisas, teve indicação para ser matemática pelo professor de matemática, psiquiatra pela sua intuição psicológica indicada por Jung e música pelo professor de música que lhe diz que quem a escolhe tortura-se, sacrificando outras metas.

Mais à frente, na mesma carta, ela diz estar convencida de que provavelmente o subconsciente de toda pessoa é preditivo até um certo ponto. Porém, isso não significa que se deva sempre considerá-lo profético, dado que ele elabora diversas tendências existentes já em nós e nos mostra possibilidades e probabilidades que estão suspensas no ar, isto é, que se acham próximas da realização. Mas também o subconsciente pode errar. O subconsciente é vítima da sugestão, isto é, pode ser induzido a buscar a solução do problema em uma forma mais elevada ou mais baixa. E isto é também compreensível se se concebe a libido como energia móvel, capaz de sublimação.

Na última carta que temos de Sabina para Jung, escrita provavelmente entre 27 e 28 de janeiro, ela coloca ferozmente as diferenças entre Freud e Jung, motivada pelo comentário crítico em relação aos judeus feito por Jung numa carta imediatamente anterior. Divide em quatro tópicos a defesa de Freud.

1) Freud considera todo o sintoma patológico e todo o produto do inconsciente como uma formação de compromisso. Segundo ele, trata-se de uma tentativa de adaptação tanto quanto de cura, ou seja, o desejo deve ser satisfeito, mas de uma forma permitida pela censura, por meio da qual o doente adapta as suas aspirações que de outro modo seriam impossíveis, às exigências do mundo.

2) Jung vê nas neuroses principalmente um processo regressivo. Freud vê principalmente um atraso de desenvolvimento. Considerando-se a definição em sentido geral, todos os dois têm decididamente razão. Jung diz que um objetivo na vida não realizado leva à neurose, isto é, à regressão. Freud diz que, em consequência de um atraso de desenvolvimento, não se consegue encontrar o objetivo de vida; isto é, não se atinge uma sublimação suficiente. Ela se pergunta onde há contradição nisso. Freud afirma também que depende muito das condições ambientais o indivíduo se tornar sadio e bem adaptado, ou ser obrigado a regredir à infância.

3) Ela diz a Jung que ele dedica toda a sua atenção à finalidade do indivíduo, tal qual é expressa nos símbolos subliminares e os chama de sinais semióticos. Freud não se ocupa disso porque considera suficiente esclarecer ao doente as suas fixações patológicas da pulsão e submetê-las a uma elaboração consciente, a fim de suscitar nele uma reação sadia que lhe permita encontrar, de modo consciente, o objetivo da sua vida. Portanto, para Freud, o simbolismo subliminar tem valor apenas enquanto expressão dos desejos pulsionais: prefere que o doente, no que for possível, consiga realizar o processo de adaptação por meio da elaboração consciente dos infantilismos patológicos. Jung, ao contrário, diz que o doente deve chegar a conhecer os caminhos subconscientes, porque deve dar conta do modo pelo qual as nossas tendências mais nobres se apossam da

linguagem simbólica e buscam adaptar ao objetivo de vida superior o que há de patológico em nós.

4) Freud não contestará jamais que a transferência para o médico é também uma tentativa de adaptação. E por quê? Embora o doente projete no médico todas as suas atitudes infantis (desejos), é óbvio que, assim fazendo, aprende a adaptar as suas atitudes infantis à realidade. Ela não vê nenhuma diferença entre a transferência e qualquer outra translação: enquanto se dá a própria personalidade, assumimos a personalidade do outro que amamos. Diz que Jung é para ela tão precioso que não gostaria que ele se tornasse um espírito faccioso e mesquinho. Diz que é provável que Freud não o entenda jamais em suas inovações. Ela dá então a sua posição em relação à ruptura entre Freud e Jung:

Na sua vida, Freud fez coisas extraordinárias; e pelo resto de seus dias, já tem bastante trabalho para elaborar os detalhes de sua obra colossal. O senhor, ao contrário, é ainda capaz de desenvolvimento. Pode entender Freud muito bem, se o quiser, isto é, se sua atitude afetiva pessoal não o impedir. Os ensinamentos freudianos eram e serão ainda extraordinariamente frutíferos. Parece-me muito injusto criticar Freud por ser unilateral, já que cada um de nós – e ainda mais aquele que é o único que construiu um imponente edifício mundial – primeiro se impõe como rei; depois quando já extraiu dele o bastante e deseja-se libertar da sua influência, declara-se que ele é unilateral e superado. **Tenha a coragem de reconhecer Freud em toda a sua grandeza, mesmo que o senhor não esteja de acordo com tudo o que ele diz, mesmo que tenha que ceder a ele grande parte dos seus próprios méritos.** (grifo meu). Somente então o senhor será inteiramente livre; e somente então será o maior. O senhor mesmo ficaria surpreso ao ver como sua personalidade e a sua nova teoria com isso ganharão em objetividade. No que me diz respeito, creio firmemente no significado prospectivo e profético de nosso subconsciente. (CAROTENUTO, 1984, p. 156-157)

Tendo afirmado a ponte que construiu entre Freud e Jung, ela passa a fazer algumas perguntas a Jung. 1) O inconsciente é prospectivo em todo homem e na mesma medida? É

uma fórmula divina que cada um possa ler em si mesmo, contanto que o queira? Ou seja, trata-se de uma capacidade, como a inteligência, a qual está desenvolvida nos homens em diferente medida? 2) Já se chegou a ponto de se poder examinar sistematicamente o subconsciente em relação ao seu significado prospectivo? Para ela, Jung deu início a algo cujo valor não se pode ainda estimar. 3) Já se pode deduzir como se deverá ou se poderá agir num caso concreto, ou se deve usar o subconsciente apenas como uma ampliação do consciente, onde problemas de pensamento e sentimento iniciados são elaborados de maneira não completamente clara e necessária, mas no modo normal e humanamente imperfeito, como já sabemos pelo pensamento consciente? 4) Ela afirma que a idéia de Jung de que um símbolo é sempre bipolar é nova e interessante. 5) Se um símbolo é bipolar, qual dos dois pólos indica a nossa finalidade, o caminho justo?

2) a segunda demanda de análise é **analisar e liquidar seu complexo Siegfried**, pois ele havia ressurgido e, segundo ela, quase a feito abortar sua filha Renata, que por isso recebeu este nome ao nascer.

Na carta de 6 de janeiro de 1918, ela conta que, quando mostrou para Freud a análise de seus sonhos de Siegfried, ele se alegrou com o resultado da análise e depois disse que ela poderia tê-lo, se o quisesse, mas seria muito doloroso. Essas simples palavras tiveram uma grande influência sobre ela. Na mesma carta, diz que acha que é diferente das outras pessoas normais e então acha que deve existir algo especial nela, cogitando se isso não teria relação com o significado que o simbolismo de Siegfried teve na sua vida, se ele não devia ser concretamente compreendido. Mais à frente, ela diz que o pensamento e o sentimento subconscientes dela eram tão influenciados por Jung que ela procurava a solução do problema de Siegfried na forma de menino real. O subconsciente intuiu a

possibilidade de realização e a aconselhou a não opor resistência, porque essa poderia ser considerada apenas uma tendência mais elevada. A realização foi impedida pelas dificuldades da vida cotidiana. O complexo de Siegfried real, portanto, devia ser privado na sua energia e, para manter viva essa energia, devia ser empregado numa outra tarefa, a de Siegfried em forma sublimada. O que é esse novo Siegfried, ela ainda não sabe, mas estranhamente não sonha mais com ele desde que mostrara a Freud a análise de seu sonho Siegfried. Surgiu ainda na gravidez um sonho, quando estava quase para perder a criança. Por isso a sua filhinha se chama Renata, a renascida. Pergunta-se se todos os sonhos onde aparece o simbolismo do sol não são sonhos de Siegfried. Ela pensa diferente de Jung; provavelmente, no início, Siegfried era real para o seu subconsciente, que tinha intuído com grande acuidade a atitude subconsciente de Jung a respeito desse problema. Mais tarde, surgiram as dificuldades da vida cotidiana; Jung, o adulto, o homem experiente, sabia levar tudo em conta. Ela ainda era muito jovem, ele era o seu primeiro amor e a meta a que aspirava lhe era muito sagrada para conseguir levar em consideração os símbolos provenientes do subconsciente que provavelmente estavam surgindo.

Eis então como concebo o problema: o subconsciente pode ser influenciado para elaborar a solução real ou sublimada de um problema. Mas pode também se pôr em guarda contra a solução real do problema e se orientar no sentido da solução sublimada. Essa atitude subconsciente pode ser mudada no mesmo indivíduo logo depois da elaboração consciente ou da influência sugestiva. Assim, no final, o senhor matou o Siegfried real, como o senhor mesmo me disse (é a prova de que o senhor também tinha um Siegfried real), isto é, imolou-o a favor do sublimado. Eu, ao contrário, matei nos meus sonhos o homem que devia ser o pai de Siegfried; e depois, na realidade, encontrei outro. Se bem que o subconsciente não nos indique uma meta fixa, mas somente resolva os problemas segundo as circunstâncias, indique um caminho, tenha efeito preventivo ou encorajador, etc... – a observação metódica desses fenômenos é de enorme valor e interesse. (CAROTENUTO, 1984, p. 148)

Em 19 de janeiro de 1918, Spielrein escreve que Jung engana-se em acreditar que suas concepções absolutamente novas e sem precursor na escola precedente possam ser compreendidas imediatamente. Se ele pensa que ela não pode compreendê-lo, é inútil qualquer conversação. Ela pergunta se ele concebe Siegfried como um símbolo, como uma ponte, uma fantasia que expressa a sua atitude heróica de modo que essa expressão, essa ponte desapareça tão logo a sua atitude encontre a sua realização na vida. Se ela entendeu bem o que ele pretende dizer, coloca-se uma segunda pergunta. A atitude dela, heróica face ao mundo, jamais foi um segredo para ela, desde a mais tenra infância, sempre a reconheceu, mesmo sem análise. Sem os ensinamentos de Jung, ela teria acreditado, como todos os leigos, que estava sonhando com Siegfried porque lhe agradavam as fantasias heróicas, tanto em forma consciente como em forma de atitude psíquica heróica. Como ela sempre teve predisposição ao misticismo, sempre se recusou a interpretar Siegfried como um menino real, e, com base em sua disposição mística, poderia somente pensar que lhe foi dado na vida um destino importante e heróico e que deveria se sacrificar a uma grande criação. Ela não poderia interpretar de outro modo os sonhos em que seu pai e seu avô apareciam a abençoando e lhe dizendo que um grande destino a esperava. Ela pergunta então a Jung se o subconsciente indica, de algum modo, a direção na qual deve se realizar a atitude heróica que se revela no símbolo. Pois, segundo Sigmund Freud, a fantasia de Siegfried seria *somente* a satisfação de um desejo. Ela sempre se opôs a esse *somente*. Pois sentia que era destinada a algo grandioso, que deveria realizar um ato heróico. “Mas se a análise revela que o meu amor por X não é absolutamente platônico, algo de que eu estava e queria ser convencida, porque então eu deveria me opor e não realizar o meu ato heróico, sacrificando-me a este amor sagrado para criar um herói?” (CAROTENUTO, 1984, p.152)

Ela quer que Jung diga se acredita que ela foi incoerente por ter entendido mal o caminho diferente que o subconsciente lhe indicou através da ponte, símbolo da atitude heróica, ou o erro dela consiste apenas no fato de que, sendo ainda muito jovem, muito inexperiente, muito idealista, escolheu para sua atitude heróica uma forma de realização inadequada à vida normal de todos os dias. **Diz que a resolução dessa questão seria de extrema importância para ela.** Se tivesse compreendido seus problemas psíquicos e, devido à sua inexperiência, tivesse buscado uma realização ilusória na realidade, então a solução que encontrou seria justa. Realizou a atitude heróica em duas direções. Primeiro substituindo X por J (Jung) e segundo, voltando-se para a música. Ela pensa representar a atitude heróica na música e o sentimento religioso na ciência, embora as duas coisas tenham se unido. Mas se ela falhou na via indicada pelo símbolo, então está muito curiosa para saber qual é a via justa.

Em 21 de janeiro de 1918 Jung responde a ela que está tentando arrastar o símbolo de Siegfried de volta à realidade quando ele é a ponte para o seu desenvolvimento individual.

Os seres humanos não ficam só em um mundo, mas entre dois mundos e precisam distinguir-se das suas funções nos dois mundos. Isto é que é individuação. Você está rejeitando sonhos e procurando ação. Aí os sonhos vêm e frustram suas ações. Os sonhos são um mundo e o real é um mundo. Você tem que ficar entre eles e regular o tráfico em ambos os mundos, assim como Siegfried fica entre os deuses e os homens. Você entende isso? (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 54)

Na carta de 27-28 de janeiro, ela continua a tentar resolver o complexo Siegfried. Diz que ele poderia tanto desembocar numa criatura real quanto numa criatura simbólica ariano-semita, como por exemplo, em uma criatura originada pela união dos ensinamentos

de Jung com os de Freud. Lembra a Jung que jamais sonhou com Siegfried diretamente. Ora ele era uma vela que Jung lhe dava, ora um livro, que crescia com terrível rapidez, ora eram sonhos com motivos do Siegfried de Wagner, ora música, ora sonhos verídicos, ora predições, que somente depois da análise revelavam Siegfried como criatura real. Somente em Viena começou a sonhar diretamente com o menino, mas mesmo assim não com uma forma direta, porque não era um menino nascido dela e de Jung; ora ela mesma era um Siegfried transformado em crisálida, ora um cantor ariano-semita, ora uma canção indicava que se tratava de uma criança ilegítima, abandonada pelo pai, ao qual se assemelhava nos mínimos detalhes.

Ela entra então na razão mais angustiante, no cerne do conflito que a faz querer resolver e entender seu complexo Siegfried. A vida quis que Siegfried fosse amado de outro modo, diz ela, mas o que justifica na análise a interpretação de que Siegfried não é uma criatura real, mas uma criatura ideal? Ela diz, então, que lutou anos até conseguir não considerar mais os símbolos do subconsciente de um ponto de vista prospectivo, mas lhes atribuir apenas o significado de desejos infantis. A luta foi dura para ela e tão grande o sentimento de culpa por não ter assumido esse objetivo de vida, que Siegfried quase tira a vida de sua filha. Que contradição existe entre Siegfried e a pequena Renata, que fez com que as duas componentes se contrapusessem em um árduo conflito no seu íntimo, quando a pequena Renata estava se formando? Ela quase perdeu a filha imediatamente após um sonho violento sobre Siegfried na gravidez. A menina nasceu, Siegfried foi vencido e ela a chamou de Renata, devido a um sonho. Mas será que está verdadeiramente morto? Ela estava trabalhando em clínica cirúrgica, pois estava cansada de psicanálise e queria fazer algo útil às custas de sua própria personalidade. Depois que se impôs essa obrigação por um certo tempo, sua verdadeira natureza desabrochou e, obedecendo a um sonho, compôs seus

Lieder. Foi ao conservatório para corrigir seus erros e errou o caminho, chegando a outro onde conheceu seu futuro professor. Ela passa a contar, aos tropeços e de forma confusa, algo que viveu através da música com Jung, versos que lhe mandou e ele não entendeu e não respondeu. Até que finalmente ela lhe pergunta se é possível encontrar nela algo que justifique a sua interpretação de Siegfried como uma criatura espiritual, já que é da opinião que a criação de Siegfried, tanto no nível físico como espiritual, representa uma capacidade superior inteiramente equivalente em valor, e diz que agora decidiu, depois de muitas reflexões, torná-lo uma criatura espiritual, seja na forma de uma obra artística, seja na forma de uma obra científica. Mas então acrescenta uma terceira possibilidade: pergunta-se se a sua fé nesse destino de criar Siegfried, em forma real ou em forma sublimada, é somente uma tentativa patológica de se sentir superior, uma megalomania que se insinua em todos os seus sonhos e fantasias. Será que o subconsciente apenas a adverte de que criaria Siegfried ou deveria criá-lo porque queria conscientemente ou lhe fora sugerido? Ainda que ela possa aceitar essa terceira solução com o intelecto, todo o seu ser se oporia a ela, porque a realidade sem Siegfried seria insossa para ela.

Talvez, na verdade, fosse uma simples satisfação de desejo o meu sonho de há muito tempo, no qual meu avô e meu pai me abençoavam colocando uma mão em minha cabeça e dizendo: ‘Um grande destino te espera, minha menina’ . Para mim, Siegfried é igual a Cristo, mas não exatamente a mesma coisa. Foi criado pela minha vida em comum, durante anos com um alemão (ariano). Por isso transformou-se ao se adequar, por isso chama-se Siegfried = Aoles= Baldwin etc. [divindades da mitologia nórdica]. (CAROTENUTO, 1984, p. 160)

3) Quer um reconhecimento de sua própria metapsicologia, de sua concepção de aparelho psíquico, apoiada nas idéias de Freud, mas também incorporando idéias de

Jung, mas, sobretudo, com questões únicas e singulares da própria Spielrein. Por isso pede que ele lhe devolva suas cartas, por serem importantes para seu desenvolvimento pessoal e teórico. Deixarei essa discussão para a próxima parte, ao falar da obra dela.

4) Quer entender o seu destino profissional, o seu conflito entre ser música e psicanalista. Na carta de 6 de janeiro de 1918, ela se pergunta sobre o que a impediu de se sublimar sistematicamente na música, já há mais de dez anos, como estava fazendo então. O seu diário é cheio de anotações sobre seus sentimentos excessivamente reativos por meio da música.

Até um cego teria visto que, para mim, a música não era uma pose, mas minha necessidade interior. A necessidade reprimida manifestou-se freqüentemente sem temor e com tal força que o senhor me disse uma vez que se eu me dedicasse à música poderia perder a razão. ..sem hesitação, respondi à minha pergunta sobre o que mais me agradaria no mundo: compor música. E comecei a compor; o professor ficou emocionado com o frescor e a sensibilidade dos meus *Lieder*; ainda hoje trabalho e realizo progressos. Por que antes também não poderia fazê-lo? Porque tinha medo da vida, de ir em frente, de ter de revelar os meus sentimentos mais íntimos que queria mostrar somente para o senhor, ora de uma forma desajeitada, ora de uma forma exagerada. De onde derivava esta minha atitude em relação à vida, que depois se transmitiu também nas tendências à sublimação? Provém da libido fixada na atitude infantil. A atitude infantil face à vida provoca conflitos e estes fazem com que a libido já sublimada regreda novamente, embeba com sangue os desejos precedentes e sexualize em seguida o que antes era privado de sexualidade. (CAROTENUTO, 1984, p. 143)

Ela acrescenta, então, uma explicação teórica própria de acordo com sua teoria exposta algumas cartas antes e que exporemos na próxima parte. Ela diz que o demônio da regressão insinua-se no subconsciente onde entra em compromisso com as tendências mais

elevadas; esta formação de compromisso é o símbolo subliminar. Até um certo nível, ele tem caráter individual, depois, indo mais a fundo, torna-se sempre mais arcaico; os conteúdos da consciência individual se transformam nos da consciência da espécie, os problemas individuais se transformam em problemas arcaicos, etc., dos quais se cristalizam os novos problemas individuais e as suas soluções; e pode-se seguir seu curso até a consciência.

Na mesma carta, diz que conscientemente escolheu a psicologia como sua profissão, mas se pergunta se não está cometendo um erro. O que significa essa consciência de uma riqueza de libido e de uma meta elevada inclusive “sagrada” que a acompanha sempre? Ela diz viver tão imersa nos ideais que considera somente de um ponto de vista humorístico os dissabores da vida real, como a fome, um quarto frio, a sete graus de temperatura, ou a falta de tempo para repousar (de fato, nessa época seus pais lhe escreviam da URSS muito preocupados com sua sobrevivência e a de sua filha Renata, já que eles não podiam mais lhe mandar dinheiro e achavam que ela só atendia de graça, coisa que censuravam, pelo grau de necessidade que passava). Conta que na última aula estavam ela e o professor sentados, agasalhados com pesados capotes, rindo, se divertindo e que quando ele começou a tocar Bach ela se esqueceu completamente da miséria terrena e, na hora de contar as lições, nenhum dos dois sabia quantas haviam sido, sendo que quem soube foi a mulher dele. “Fui sempre assim e assim permanecerei sempre.” (CAROTENUTO, 1984, p. 144)

Em 19 de janeiro de 1918, Sabina diz que Jung supõe que a música seja para ela somente uma ponte para a expressão de um grande sentimento. Ela pergunta então se a atividade de médico é apenas uma ponte. Se não é, porque o é somente a música? Jung diz que, como médica, ela já é formada, enquanto como música, ainda não. Mas ela diz que se pode errar de profissão e que dentro de alguns anos poderia ser boa também na música.

Naturalmente jamais me tornarei grande como Bach, Beethoven e semelhantes. Isso deixo para a minha prole. Minha filhinha, por exemplo, compõe música continuamente, com ou sem palavras, são melodias que depois transcrevo e que se assemelham no estilo a preces antigas, que naturalmente ela jamais ouviu. Será que algum dia me tornarei uma “grande” na psicologia? Quando me ocupo dos problemas psicológicos, devo sempre superar resistências que provém da infância; na música, ao contrário, não tenho nenhuma resistência, consigo me entregar completamente. ...eu deveria me empenhar mais na música ou na minha atividade médica? (CAROTENUTO, 1984, p. 152-153)

Mais para o final da carta, ela diz estar pronta para trabalhar como psicoterapeuta, mas onde encontrará os doentes? Pede a Jung que recomende alguém que fosse para a Alemanha. Diz que provavelmente ele não o fará, embora a considere inteligente e boa e encontre nela a atitude heróica e o sentido de religiosidade. “O mundo é assim; por isto é difícil encontrar o próprio caminho na vida prática partindo dos sonhos, exceto nas criações musicais” (CAROTENUTO, 1984, p. 153). Num *post scriptum* comenta estar feliz por ter terminado a correção da tradução das obras de Jung que enviaram a ela. Aparentemente, sabemos através de uma carta de Freud da mesma época a Spielrein, ela faz isso por dinheiro, o que torna a atividade mais tolerável a Freud, já que ele lhe pergunta porque não traduz a obra dele para o russo, embora pondere que já há suficientes boas traduções e que talvez não seja a hora.

Em sua resposta à carta de Sabina, em 21 de janeiro de 1918, Jung dirá que ela está tocando em algo que pertence à fundação de nossa cultura e que ela não o entende, o que acha compreensível, apesar do sonho vir em sua ajuda. Ela pensa o símbolo concretamente e por isso não o entende. Ele não está falando contra a música, e talvez ela seja mais música do que médica, e ele não quer argumentar contra o seu desejo de ser música, mas isso não

tem nenhuma relação com a questão do simbolismo. O sonho dela a mostra como alemã, como a representação de uma pessoa que age de uma maneira concreta e cuja atitude está completamente fixada na realidade. Ela está presa entre essa atitude e uma mais russa, de uma sonhadora inativa, entre o real e o não real. É aí precisamente que o simbólico é encontrado, como uma função comum a ambos. Ela vive o símbolo em grande parte sem estar consciente dele. “Em relação a este mundo você tem que ser real seja como música, seja como médica, como esposa, e mãe. Mas sua tarefa não se completa quando você faz isso. Essas são meras funções. Com isso você não se tornou você mesma. Você é diferente destas funções.” (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 54)

Sabina termina a sua última carta conhecida a Jung, de 27-28 de janeiro dizendo que a música, para ela, era uma necessidade da alma, íntima e imediata e também uma necessidade do espírito, porque naquele momento, em que cada vez a compreendia mais, dava-lhe gozo espiritual. A razão lhe diz que deve renunciar à meta musical porque fará mais na profissão científica; mas se seguir seus sentimentos, não pode deixar a música, pois seria arrancada uma parte de sua alma e a ferida não cicatrizaria mais. Ela se pergunta se isso não é a neurose. E, como Freud diria, será que ela não pertence ao tipo salvador ou vítima representando seus desejos como símbolos que exprimem a total dissociação de sua personalidade, como todos os heróis que morrem pelos seus ideais, como o Deus-sol Siegfried, como a música, que mais que todas as artes requer dedicação total?

5) Mais uma vez **queria saber o que significara para Jung.**

Na primeira carta desse período de correspondência, de 13 de setembro de 1917, Jung, analisando um sonho de Sabina, lhe escreve que ele ainda é uma figura no seu inconsciente que representa uma dimensão hieroglífica desse mesmo inconsciente que ela

tem que decifrar. Ela talvez saiba que ele agora distingue um inconsciente pessoal de um inconsciente coletivo. Este último contém as imagens primais, que são depósitos históricos e do desenvolvimento. Os hieróglifos são seus símbolos. O novo desenvolvimento mostra francamente a urgência de examinar essa linguagem dos sinais nela, pois ela poderá derivar um *insight* especial a partir daí, de valor universal, se decifrado com sucesso.

Em duas das últimas quatro cartas que Jung escreve em 1919, das quais não temos acesso às cartas de origem de Spielrein, ele lhe fala muito diretamente de Siegfried. Em 19 de março de 1919, ele lhe diz que os sonhos dela têm um caráter ameaçador e mostram uma tendência assassina, porque a atitude consciente dela é de um tipo materialista que mata o espírito. No entanto, o espírito não se deixa matar e se transforma numa força inconsciente que pode ter efeitos assassinos de um tipo mágico em tudo que está a volta. Ela deveria reconhecer o espírito divino, e não negá-lo de forma racionalista. Ela deveria conhecer o que sustenta como verdade e não falar o oposto, pois se fala contra sua própria consciência, está amaldiçoada. Ele espera que não seja tarde.

Em 3 de abril de 1919, ele lhe escreve que a desconfiança perturba mais a pessoa que desconfia de si mesma. Ele não sabe se ela desconfia de si mesma. A desconfiança dele é levantada pela volubilidade do espírito feminino e sua presunção vaidosa e tirânica. O que ela chama de matar Siegfried é, para ele, algo materialista e racionalista. Esta colocação ao nível da banalidade anda junto com as mais amigáveis qualidades do espírito feminino. Diz que a sua filhinha está bastante segura enquanto ela não quiser matar este ser estranho que denominou Siegfried. Se ela quer matar Siegfried simbolicamente, a sua filha sofre com os efeitos do conflito nela. Ele acha que ela se engana em querer matar Siegfried, que seria uma figura imaginária útil, em nome de se dedicar apenas a uma criança real.

Pois este ser produz um efeito danoso apenas quando não é aceito como o ser divino que é, mas como mera fantasia. Ela tem que agradecer a este ser pela influência sugestiva dela, que será boa e rica em bênçãos, se aceitar e cultivar esse ser dentro de si. Ele deseja à sua criança tudo de bom. Mas deseja também que ela aprenda a aceitar Siegfried pelo que ele é. Isto é importante tanto para a segurança de sua filha, como para a dela mesma. Como ela pode aceitar Siegfried, ele não sabe. Isto é um segredo. Os sonhos podem ajudar, já que são compensatórios à atitude consciente. A realidade e o inconsciente são primários. Elas são duas forças que trabalham simultaneamente, mas são diferentes. O herói as une numa figura simbólica. Ele é o centro e a resolução. O sonho contribui para a vida como o faz a realidade. O ser humano permanece entre dois mundos.

A visão de Freud é uma violação pecaminosa do sagrado. Ela espalha escuridão, não luz; mas isto tinha que acontecer, pois é da noite mais escura que a nova luz nascerá. Uma de suas faíscas é Siegfried. Esta faísca não pode e não será nunca extinta. Se você trair isso, será amaldiçoada. O que Liebknecht⁴⁸ tem a ver com você? Como Freud e Lênin, ele dissemina escuridão racionalista que ainda extinguirá as pequenas lâmpadas da compreensão. Eu cultivei uma nova luz em você que você precisa proteger contra os tempos de escuridão. Não pode ser traída externamente e em nome de argumentos externos. Cerque essa luz interior com devoção e então nunca se transformará em perigo para sua filhinha. Mas quem quer que traia essa luz em nome do poder ou para ser esperto será uma figura de vergonha e terá uma influência ruim. (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 56-57)

Para Kerr (1997), o que havia começado como uma discussão teórica, transforma-se gradualmente em sutil batalha psicológica. Para ele, Jung via nos diversos sonhos e fantasias de Spielrein a prova de que ela ainda estava muito presa ao freudismo para

⁴⁸ Liebknecht era o líder da liga comunista Spartacus, que fora assassinado junto com Rosa Luxemburgo no início daquele ano. Parece que Sabina conhecia-o bem, como a Lênin, e Trotsky.

compreender que a agitação dentro de si era apenas seu próprio eu interior. Ele assimilou a situação psíquica de Spielrein à sua própria e encorajou-a a adotar as novas teorias que até então o haviam ajudado. Até certo ponto ela entendeu e se mostrou de acordo teoricamente, mas tinha outra coisa em mente: queria ouvir dele que Siegfried era já um símbolo de amor entre eles muito antes de ter se tornado um emblema para seu destino espiritual. Mas isso ameaçava Jung de tal forma que ele não podia entender, e eles continuaram em círculos, “impedidos de dizer o que tinham que dizer, surpreendentemente, pela própria psicologia” (KERR, 1997, p. 518-519)

Na penúltima carta que ele lhe escreve, em 1º de setembro de 1919, responde brevemente ao que parece ter sido uma pergunta dela sobre o que significara para ele, que já foi exposta acima;

O amor de S. por J. fez este último consciente de algo que ele antes só suspeitava vagamente, nomeadamente de um poder em nosso inconsciente que molda o nosso destino, um poder que mais tarde levou-o a coisas da maior importância. A relação teve que ser sublimada porque de outra forma teria levado à ilusão e loucura (uma concretização do inconsciente). Algumas vezes é preciso ser indigno para poder continuar vivendo. (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 57)

Ainda que falando na terceira pessoa e apenas uma vez falando da relação, ou seja, de que não era apenas o amor dela por ele que estava em jogo, e, assumindo sua maneira indigna pela primeira vez, sendo verdadeiro, talvez Jung tenha conseguido finalmente dissolver a transferência de Sabina por ele, encerrar sua análise com ele.

Certamente seu tom ameaçador de feiticeiro em torno da maldição, na carta anterior, ajudou-a a escapar mais uma vez de um sufocamento transferencial. Pois Siegfried se dissolve e transforma-se na mais bela e inédita criação de Spielrein, na qual de fato ela vai

ao traço hieroglífico mais primário, a materialidade do corpo materno, do seio materno, primeiro objeto: a pesquisa inédita e inaugural sobre a origem da linguagem, seus diferentes estágios e sobre a origem das palavras primeiras *mama* e *papa*. Essa pesquisa a levará de volta à Suíça, só que desta vez para algo inteiramente novo que será a difusão da psicanálise na Genebra de Claparède, Bouvet, e Piaget, os pioneiros do Instituto Rousseau no estudo da origem da linguagem e do pensamento da criança sob os auspícios ares suíços do curso de lingüística de Ferdinand de Saussure e das produções do lingüista Charles Bally num período de emergência de um novo paradigma, o da centralidade da linguagem.

Para Kerr, o exame das cartas desse período de dois anos, permite perceber que Jung estava sempre temeroso de alguma coisa e que ele personificava a ameaça em *Spielrein*: primeiro foi a escola freudiana, depois o espírito técnico alemão, depois o materialismo, o espírito judaico e finalmente a psique feminina. Mas, se contra as interpretações dela, Jung teimosamente se afezrou à própria noção de Siegfried, na carta de 1º de setembro de 1919, ele acaba admitindo que havia um outro lado de Siegfried. (KERR, 1997, p. 523-524)

A hipótese de Kerr sobre essa penúltima carta que encerra o seu livro monumental é muito interessante e plausível. Refere-se à constituição do conceito do arquétipo de *anima* com o *breakdown*⁴⁹ psíquico que Jung atravessou de 1915 a 1919 e com o papel de Sabina tanto em um como em outro evento. Para ele, Jung imortalizou Sabina sob o nome da *anima*. Nos dez anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, Jung gradualmente formulou um novo sistema psicológico baseado na idéia dos arquétipos, descritos como

⁴⁹ A abrangência do período deste *breakdown* varia entre os pesquisadores Bair (2006), Kerr (1997), e Covington; Wharton (2003).

estruturas mentais subscientes herdadas, que organizavam tanto o pensamento como a ação e que podiam ser alcançadas nos estágios finais do tratamento, ou então em sonhos e na imaginação ativa. Eram encontráveis na mitologia e no folclore, onde sua interação natural se revelava. E “grande parte do trabalho posterior de Jung foi devotado à investigação desse projeto intrigante, porém metodologicamente dúbio.” (KERR, 1997, p. 534) Com um papel especial a desempenhar no sistema de Jung, pois era a anima que tinha o poder de alcançar as imagens do inconsciente coletivo e trazê-las para o consciente, sua denominação foi retirada de Platão, no sentido da “alma mais profunda”, e servia de intermediário entre a consciência e o inconsciente coletivo. Mas, para Kerr, Jung ainda fez mais uma afirmação surpreendente, qual seja, que nos homens a Anima era sempre de natureza feminina e nas mulheres, a alma era seu correspondente masculino Animus.

Desde o início, a idéia de anima tinha uma aplicação romântica e isso pode explicar em parte sua prolongada popularidade como conceito. O processo de enamorar-se, de acordo com Jung, consistia em projetar a anima interior sobre uma mulher real, que, então, poderia ser vista como uma perigosa tentadora ou então como inspiradora, como alguém que pudesse levar o homem a penetrar nos mananciais da sua criatividade(...) Para seus alunos, ele explicava que a mulher investida de anima se apresenta ao homem como “aquela que deve ser obedecida”. (KERR, 1997, p. 535)

Aqui eu apenas comento esse sutil deslizamento tão característico do amor para o poder, responsável por tantas catástrofes e desencontros amorosos. Em linguagem freudiana, a anima aqui adquiriria um valor fálico, projetado na mulher pelo homem. E aí se acabou o poder criativo da anima, cristalizada num item de poder.

Em suas memórias, Jung diz que esse arquétipo constituiu-se na sua tumultuada auto-análise durante os anos da Primeira Guerra Mundial. Os dois anos e meio da correspondência trocada entre Jung e Spielrein, coincidem com o final desse processo. Esse

período foi tão tempestuoso para Jung, seu estado deteriorou-se tanto que, para Kerr, foi isso que fez com que a esposa de Jung, Emma, permitisse abertamente que Toni Wolff se tornasse sua amante e membro temporário da família, apenas porque ela era a única pessoa que podia acalmá-lo. Mesmo assistido por ela, em 1916, ele continuava assolado de maneira intermitente por episódios de despersonalização e alucinações ostensivas. A estratégia básica de Jung para vencer a si mesmo durante esse período foi registrar escrupulosamente em seus cadernos todas as imagens e fantasias que lhe ocorriam, algumas vezes acompanhadas de ilustrações. “Ele sentia que era importante estudar cientificamente seu próprio processo, até onde conseguisse. E enquanto estava envolvido nisso, foi que se deparou com o arquétipo da Anima.” (KERR, 1997, p. 535-536) Enquanto ele fazia isso, começou a se perguntar o que estava fazendo, já que aquilo seguramente não tinha nada a ver com ciência. Uma voz dentro dele lhe dizia que era arte, o que o deixou atônito, porque nunca lhe havia ocorrido que o que escrevia tinha qualquer conexão com a arte. Nas suas memórias ele diz, então, que pensou que talvez seu inconsciente estivesse formando uma personalidade diferente de seu eu, mas que insistia em abrir caminho para sua expressão. Ele sabia que a voz era feminina e a reconheceu na voz de uma paciente bem dotada que tinha uma forte transferência em relação a ele. Ela havia se transformado numa figura viva no interior de sua mente. Jung começa uma discussão interior, dando voz a essa mulher dentro de si, uma discussão sobre se a natureza de suas imagens e fantasias seriam ciência, arte ou natureza. Ele ficou muito intrigado pelo fato de uma mulher poder interferir nele a partir de seu interior. Concluiu que ela deveria ser a alma no sentido primitivo e começou a especular porque ela havia sido considerada feminina e recebido o nome de anima. Posteriormente percebeu, então, que essa figura feminina interior desempenhava um papel típico ou arquetípico no inconsciente de um homem e a denominou Anima. À figura

correspondente no inconsciente da mulher, deu o nome de Animus. Em princípio, o que mais o impressionou foi o aspecto negativo da Anima. Ela o fazia sentir-se um tanto atemorizado. Depois lhe ocorreu que estava escrevendo tudo para a Anima, esta parte de si mesmo com um ponto de vista diferente do ponto de vista consciente. Era como se fosse um paciente sendo analisado por um fantasma de mulher, obtendo observações de caráter comum e inesperado após escrever a ela todas as tardes conscienciosamente para que tivesse acesso a suas fantasias. Aos poucos, foi distinguindo ele mesmo da intervenção e dominando suas reações. Com o tempo, Jung passou a sentir que a anima tinha um aspecto positivo e, durante as décadas seguintes, haveria de recorrer a ela sempre que se sentisse emocionalmente perturbado. Via de regra, ele lhe pedia para ajudá-lo a atingir seu inconsciente produzindo uma imagem. Quando ela se formava, a ansiedade e a sensação de opressão desapareciam e toda energia dessas emoções se transformava em interesse e curiosidade a respeito da imagem. Mas no início, sua experiência com ela foi muito desconfiada. Se ele tivesse seguido sua sagacidade e considerado suas fantasias como arte, elas não se revestiriam de maior convicção do que percepções visuais, como se estivesse assistindo a um filme e não teria sentido obrigação moral com elas, podendo ser facilmente convencido pela anima de que era um artista incompreendido e que sua natureza artística incompreendida lhe dava o direito de ignorar a realidade. Assim, ele achava que as insinuações da anima, o porta-voz do inconsciente, poderiam destruir um homem por completo. (KERR, 1997, p. 536-538)

Para Kerr, há duas pistas que apontam para Spielrein como a voz da mulher no interior de Jung que ele denominou anima e transformou num conceito arquetípico do seu sistema. A afirmação dele, em suas memórias, de que finalmente rompeu com a mulher durante os anos 1918-19 e de que isso o ajudou a emergir da escuridão, e uma insinuação

de que mantinha correspondência com essa mulher, na qual ela teimosamente sustentava que as fantasias originárias de seu inconsciente tinham valor artístico e deveriam ser consideradas como arte. Aquela carta o exasperou, justamente porque não era tola e tornava-se perigosamente persuasiva. Mas, para Kerr, a pista mais convincente de todas é a que ficou em aberto: o debate sobre ciência versus arte, porque essas duas coisas tão diferentes poderiam ser confundidas e porque, se o fossem, isso seria muito perturbador. Exatamente isso, a identificação de arte com ciência, é um indício decisivo na direção de Spielrein. Em seu *Diário da Transformação*⁵⁰, escrito em 1907, ela já havia discutido a ciência e a arte, igualando-as explicitamente e descrevendo-as nos termos exatos do método que Jung mais tarde viria a usar para neutralizar suas ansiedades. Mais tarde em sua tese e em seu artigo princeps sobre a destruição como causa do devir, reformou sua teoria da criação artística que, resumidamente, dizia que o próprio processo criativo era sexual, usando como argumento o fato de uma criação artística poder ser compartilhada com toda a Humanidade. O processo básico da criação artística era um reflexo do ato do amor e, na verdade, representava seu equivalente interiorizado, no sentido de primeiro ocorrer a destruição (da perspectiva puramente particular do artista) e depois a transformação (na forma de uma obra de arte coletivamente compartilhada).

Para Kerr, se Jung ouvia a voz dela dizendo que era arte, devia estar ouvindo as implicações da teoria revista de Spielrein e, portanto, suas meditações não eram apenas as aventuras introspectivas de um cientista objetivo. Quer ele o percebesse ou não, eram manifestações da pulsão sexual, que ele lutava para transformar em banais e vulgares,

⁵⁰ O *diário da transformação* é o nome dado a extratos inéditos de um diário em alemão feito por Sabina Spielrein, provavelmente entre 1906-1907, traduzido e publicado primeiramente em francês, por Jeanne Moll, na revista **Les Bloc-Notes de la Psychanalyse**, em 1983, cujos originais estão nos arquivos Claparède. Eles estão em três partes, muito provavelmente escritos em três datas diferentes. Na tradução francesa, receberam o nome de *Amor, morte e transformação*.

acusando a alma de ser volúvel e perigosamente persuasiva (parece-me que exatamente da mesma forma que ele fez na carta ameaçadora sobre Siegfried, exposta acima, em que desconfia da psique feminina).

O que a voz implicava era que ele estava uma vez mais sucumbindo ao devaneio sexual, como havia feito anos antes, e que não era homem o bastante para admiti-lo. E aqui, acredito, é lícito conjecturar se Jung talvez não teria deturpado deliberadamente o que a alma disse na realidade. A equação na tese de Spielrein tinha três termos e não dois, mas um deles tinha um significado secreto, conhecido apenas por ela e por Jung. Além da fórmula Poesia = Amor, a dissertação especificava em separado que Arte = Poesia, isso no contexto dos delírios sexualizados dos pacientes. É bem possível que a voz ouvida por Jung em 1916 tenha dito: “Não é Ciência. É poesia”. (KERR, 1997, p. 539)

Kerr propõe o que foi dito acima como pano de fundo da carta de Jung a Sabina de 1º de setembro de 1919 (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 57), na qual ele admite que “*o amor de S. por J.*” havia lhe mostrado uma verdade que ele precisava sublimar para não ficar louco. Talvez sirva também para esclarecer o misterioso diagrama em sua carta a ela de 7 de outubro de 1919 (COVINGTON; WHARTON, 2003, p.57-58), escrita cinco semanas depois, a última que sobreviveu. “Talvez em lugar de, afinal, confessar-lhe o que ela viera a ser para ele internamente, Jung tenha optado por representar seu novo método: enviou uma imagem à sua alma.” (KERR, 1997, p. 540)⁵¹

Kerr termina seu livro lembrando que, no final da vida, Jung se tornou um

⁵¹ Nesta carta, ao que parece, Jung responde a uma pergunta sobre a teoria dos tipos, aparentemente tendo resolvido o que era Siegfried para cada um deles. “A carta inclui dois diagramas comparando de forma esquemática os tipos de várias pessoas; o primeiro diagrama faz a comparação dele próprio, Bleuler e Freud, enquanto o outro compara Goethe, Kant, Schopenhauer e Schiller. Segue-se, então, sem qualquer explicação, um misterioso terceiro diagrama composto de um círculo externo identificado com o símbolo masculino e um círculo interior com o símbolo feminino. Dois x marcam os pontos superior e inferior do círculo interno: o x do alto tem a anotação ‘consc. Spielrein’, enquanto toda a metade inferior do diagrama traz a indicação ‘incs’. Há ainda uma linha vertical e uma horizontal que se cruzam no meio, ao que parece, para mostrar que a teoria dos tipos também está envolvida ali. O único comentário de Jung é que talvez Spielrein anteriormente fosse mais extrovertida do que era então.” p. 524.

habilidoso escultor de pedras em Bollingen, seu retiro particular. Num tríptico que fez na velhice sobre a *anima*, o painel inicial representa um urso encurvado, tocando uma bola à sua frente com o focinho. A inscrição diz: *A Rússia faz rolar a bola*. Para ele, não deixa de ser um triste testamento final a Spielrein o fato que, mesmo num trabalho em pedra em sua homenagem, ela não pudesse ser identificada. Contudo, diz ele, a amargura talvez não tenha sido menor por parte dele. “*A anima de Jung, ‘aquela que deve ser obedecida’, terminou sua carreira como freudiana’*”.⁵²

Quanto à Spielrein, a sombra de Jung parece ter permanecido ainda em sua próxima virada, a permanência em Genebra, ao mesmo tempo tão próxima e tão longe de Zurique. Em um breve relatório clínico de 1922, *O sonho do selo* (SPIELREIN, 1922a) que parece autobiográfico, ainda aparecem lembranças de Jung na suposta referência a ele como o analista com quem havia rompido em transferência intensamente ambivalente, mas, no mesmo relatório, interpreta o sonho como um indício de que a mulher já não dá mais atenção ao que o analista, um “Don Juan sifilítico”, tem a lhe dizer (KERR, 1997, p. 528).

SABINA SPIELREIN NA SUÍÇA

Em 1919, após o fim dessa correspondência, Spielrein foi para Lausanne clinicar psicanálise e fundar o Círculo Interno Psicanalítico nesta cidade. Depois de sua ida ao *VI Congresso Psicanalítico Internacional*, realizado em Haia, em 1920, onde apresentou uma comunicação sobre as origens da linguagem, *A origem das palavras infantis Papai e Mamãe – algumas observações dos diferentes estágios do desenvolvimento da linguagem*

⁵² Kerr, *ibidem*, p.540.

(ensaio publicado na revista *Imago*, uma publicação psicanalítica, em 1922), foi convidada a trabalhar no Instituto de Psicologia Experimental e de Investigação do Desenvolvimento Infantil Jean Jacques Rousseau, em Genebra, onde ficou até 1923. Lá, encontraria o terreno teórico, conceitual e de prática interdisciplinar no desenvolvimento da linguagem e pensamento nas crianças para realizar o seu projeto investigativo teórico sobre a formação de símbolos por meio das reflexões sobre a origem da linguagem. Agora, sua parceria seria com Édouard Claparède e Jean Piaget, que começou a trabalhar nesse Instituto em 1920. Sabina era chamada “a profetisa de Freud”, já que seguia a sua recomendação de consolidar a psicanálise na Suíça.

O Instituto, que vinha se tornando rapidamente o maior centro pedagógico do mundo, fora fundado em 1912 por Édouard Claparède (1873 - 1940) e Pierre Bouvet (1878 - 1965). Médico e psicólogo suíço, sobrinho do psiquiatra e psicanalista Théodore Flournoy, Claparède é considerado um dos pioneiros no estudo da psicologia da criança, a partir de um enfoque interacionista sobre a gênese dos processos cognitivos. Esse enfoque é atualmente considerado uma sólida alternativa aos pontos de vista puramente inatistas ou ambientalistas. A finalidade do Instituto era formar educadores, realizar pesquisas nas áreas de Psicologia e Pedagogia e incentivar as reformas educativas baseadas no movimento da Escola Nova (*Éducation Nouvelle*). Ele era o que havia de mais avançado nessas áreas na sua época. As obras principais de Claparède foram traduzidas em diversos idiomas, ampliando sua influência na formação de psicólogos e educadores, e na elaboração das perspectivas teóricas com claras implicações para a Pedagogia e a Psicologia contemporâneas. Isso se deve não só à riqueza da sua obra, mas também à sua ativa participação nos movimentos que delinearam as duas áreas e ao diálogo que estabeleceu com outros estudiosos e teóricos. Jean Piaget e Helena Antipoff, entre outros, são exemplos

desse diálogo, tendo suas obras se tornado referências na formação de educadores. Claparède foi um intelectual extremamente produtivo. Apaixonado pela ciência, ele fundou e dirigiu por cerca de 40 anos (1901 - 1940) um dos primeiros periódicos dedicados à divulgação da pesquisa em psicologia editados em língua francesa, os *Archives de Psychologie*. Nesse periódico, além de divulgar resultados da pesquisa realizada por ele e seus colaboradores no laboratório de psicologia da Universidade de Genebra, publicou inúmeras resenhas sobre a literatura da época na área da psicologia. Conhecia, portanto, em profundidade o desenvolvimento da ciência psicológica, cuja produção teórica e técnica ele procurava levar a educadores, juristas e outros profissionais interessados por meio de revistas de divulgação.

No Instituto, Spielrein ministrava seminários sobre psicanálise, trabalhava e atendia em análise membros da equipe. Dava um seminário como assistente de Claparède, cujo único indício é um artigo de 1923 no qual ela descreve um experimento realizado com 14 estudantes no Instituto no inverno de 1922-23. Um anúncio do *Jornal de Genebra*, em fevereiro de 1922, tornava notícia que Madame Spielrein, “assistente principal de Freud [informação errônea], está disponível toda terça-feira à noite, no Instituto, para consultas gratuitas com pessoas que desejem informações sobre psicanálise científica e educacional.” (VIDAL, 2003)

Ela analisou Claparède, Bouvet e Piaget. O único que comentou sua análise com ela foi Jean Piaget. Ela aparece mencionada pela primeira vez numa nota de rodapé da correspondência entre Freud e Jung, editada por William Macguire (1993), em 1974. Em 1972, enquanto editava a correspondência, ele pediu informações a Piaget sobre Sabina Spielrein, que era citada várias vezes na correspondência e havia morado um tempo em Genebra. Ele respondeu que a conhecera bastante bem e fizera sua psicanálise didática com

ela. Mas essa informação só ficou conhecida amplamente quando uma entrevista dada por Piaget a Jean-Claude Bringuier em 1977, na qual contava detalhes sobre a sua análise, foi reproduzida no livro de Carotenuto (1984) sobre as relações entre Freud, Jung e Sabina Spielrein. A análise pessoal de Piaget, não é mencionada em nenhum de seus relatos autobiográficos (SCHEPELER, 1993)⁵³. Segundo a entrevista, Piaget analisou-se por oito meses, todos os dias às 8 horas da manhã, com Sabina Spielrein, durante o ano de 1921. Segundo ele mesmo, a análise terminou por iniciativa dela, que dizia que ele não estava disposto a fazer análise, só discutir teorias. Ambos continuaram uma intensa troca intelectual. Piaget cita a comunicação de 1920 de Spielrein antes de ser publicada. Em 1922, é Piaget quem faz uma comunicação no *VII Congresso Psicanalítico Internacional*, realizado em Berlim, ao lado de Freud e assistido por Spielrein, intitulada *O pensamento simbólico e o pensamento da criança*, germe do que seria o seu primeiro e importante livro *Linguagem e pensamento na criança* (PIAGET, 1923), no qual, baseando-se em idéias que ela mesma lhe dera e na observação de sua filha Renata, o autor esboçou a gênese do pensamento infantil a partir das habilidades sensório-motoras até o raciocínio abstrato. Não podemos esquecer a pouca idade de Piaget (23 anos) e o fato de que ele acabara de ingressar nesse campo motivado por razões pessoais e pelos seus estudos de filosofia, linguagem e psicanálise. Antes disso, fizera a faculdade de Biologia, doutorando-se nessa área, com uma tese sobre moluscos, em 1918, campo que o levou a se interessar pela formação do conhecimento.

⁵³ Este artigo muito interessante procura traçar toda a experiência de Piaget com a psicanálise, o que não é objeto de nosso estudo.

A sociedade psicanalítica local, sob a direção de Claparède, chamava-se Grupo Psicanalítico de Genebra e se encontrava informalmente no laboratório de psicologia de Claparède. Estava aberta a todos o que a procurassem e nunca se fez qualquer tentativa de vê-la aceita pela Associação Internacional de Psicanálise (KERR, 1997, p. 525). Nessa época, ele escreveu o verbete sobre psicanálise para o famoso *Vocabulário técnico e crítico de filosofia* de André Lalande [citado em COVINGTON, WHARTON, 2003, p. 273] e uma introdução para a primeira tradução de uma obra de Freud para o francês, *As cinco lições de psicanálise*, desempenhando uma tarefa pioneira. Embora reprovasse os psicanalistas as suas freqüentes tendências ao dogmatismo e ao sectarismo, ele atribuía grande valor à sua teoria. Mas dentro dessa sociedade informal, havia um grupo, que incluía alguns dos principais luminares do Instituto, Raymond de Saussure, filho do famoso lingüista, Gustav Bally, lingüista suíço, e Jean Piaget, o novato promissor que desejava se tornar parte da IPA enquanto grupo de Genebra, os quais já estavam presentes formalmente como membros da Sociedade Suíça de Psicanálise, filiada à IPA, fundada em março de 1919 (VIDAL, 2003, p. 273)⁵⁴. Spielrein agregou-se a esse grupo. Parece que a estada de Spielrein contava com o financiamento de um fundo secreto – havia mais de um – sob o controle do Comitê Secreto, que visava mesmo que o grupo local pertencesse à Sociedade Suíça.

⁵⁴ Além disso, no relatório da Sociedade Psicanalítica Suíça publicado no *International Journal of Psychoanalysis*, vol. 1, p. 356-70, de 1922, é dito que em 10 de fevereiro de 1919, uma carta circular foi mandada a um número de pessoas pelo reverendo Dr. Oskar Pfister e Sr. E Sra. Oberholzer em Zurique convidando 50 pessoas para a fundação da Sociedade Psicanalítica Suíça que pretendia acolher todos os aderentes à psicanálise “que não aceitavam as teorias de Adler e de Jung. A Sociedade Suíça de Psicanálise iria então pedir entrada na IPA por afiliação. Seus encontros se dariam não apenas em Zurique, mas de tempos em tempos em outras localizações centrais, o que tornaria mais fácil para os membros comparecerem.” Vinte e uma pessoas, entre eles doze médicos, três trabalhando em asilos públicos, prometeram estar presentes ou se juntarem à sociedade em formação como membros. Outros hesitaram em declarar sua pertinência como membros, embora olhassem o projeto favoravelmente; alguns pediram para serem recebidos como convidados pela sociedade. Três dos membros eram da Suíça francesa. Na lista de dezembro, publicada em 1920 no Int. J., havia 32 membros, Oberholzer era o presidente, Rorschach, o vice-presidente, e o comitê executivo era formado ainda por Pfister, Morel e Sarasin. Entre os membros encontravam-se Binswanger, e os três que vinham da Suíça francesa, de Genebra, eram o Prof. Dr. Phil. P. Bouvet, Dir. de l’institut J.J. Rousseau, Dr. R. de Saussure e Dr. Phil. Jean Piaget, este de Neuchâtel.

Fosse pelo clima político da época, fosse pelo fato de ela não ter o temperamento apropriado para a função, o fato é que, durante a sua permanência, o grupo se dividiu após uma derradeira reunião em que ela falou sobre o tema da repressão, e ela escreveu a Freud para pedir sua imediata intervenção.

Freud responde-lhe no dia seguinte ao recebimento de sua carta, em 12 de maio de 1922. Diz que leu com muito interesse suas cartas anteriores e seus trabalhos, sem ter respondido logo porque estava atolado na correspondência e eles pareciam não pedir resposta. Ele escreve que ela tomara a coisa muito a peito e que considerava muito espinhosa uma intervenção dele, proposta que ela sustentou vigorosamente.

As pessoas em Genebra são todas, sem exceção, diletantes a quem você deve lentamente transmitir qualquer coisa de sua cultura analítica. Claparède não é exceção. Assim que Saussurre⁵⁵ chegar de Céry, será, depois de você, o único competente. Mas estas pessoas são tão ciumentas de sua independência e tão inacessíveis a um aconselhamento à distância que até agora eles sequer aderiram à Organização Psicanalítica. Assim, por um lado, nós não temos que nos responsabilizar pelo que eles fazem, por mais errôneas, perniciosas, preconceituosas e em bases falsas que sejam, mas por outro lado, nós não temos nenhum direito de aconselhá-los ou dissuadi-los se eles não nos pedem. Se eu agisse como você sugere, só suscitaria uma indignação chauvinista contra o velho chefe que se sente no direito de brincar de papa da psicanálise. Essas pessoas transferem seus pontos de vista políticos para a ciência, dissimulando assim sua ignorância total ou parcial. Os de Zurique não são verdadeiramente diferentes e quanto a isso nós não podemos fazer nada, somos obrigados a esperar que os membros novos entrem na Associação e se formem segundo nossos pontos de vista. Suponha que um de nossos grupos faça algo de insensato e que implique a psicanálise. Nós não poderíamos fazer nada além de os obrigar a deixar a Associação; mas os de Genebra nem mesmo estão inscritos! (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1984, p. 323-324)

⁵⁵ Raymond de Saussurre foi o introdutor da psicanálise na França, e Genebra era a porta de entrada para isso, daí sua importância estratégica no movimento psicanalítico.

Podemos conjecturar como seria possível, psiquicamente, a Sabina Spielrein desempenhar a missão política que lhe fora confiada, unificar a Sociedade Suíça de Psicanálise em sua filiação a IPA⁵⁶, num momento em que ela havia recém-terminado de modo imperfeito sua transferência a Jung, esse inimigo político nº 1 da política do movimento psicanalítico? Certamente, nesse ponto a intensa ambivalência de Sabina somou-se ao desejo freudiano de que ela finalmente pusesse para fora o ódio a Jung para resolver essa ambivalência, numa infrutífera tentativa de transformá-la numa profetisa política dogmática da psicanálise, coisa que não era compatível com o seu temperamento, nem com sua possibilidade psíquica naquele momento.

Mas se a temporada de Spielrein em Genebra foi politicamente infrutífera, intelectualmente ela foi muito produtiva. Sua sublimação parece ter se dirigido muito mais para novas criações intelectuais do que para a política da psicanálise. Ao que parece, a mente rica, criativa, cheia de *insights* e profundamente sensível que Sabina Spielrein deixaria impressa em seu artigo *A origem das palavras infantis Papai e Mamãe – algumas observações dos diferentes estágios do desenvolvimento da linguagem* foi muito estimulada pelo trabalho no Instituto, que aumentou a familiaridade de Spielrein com um extenso número de autores e teorias sobre a formação da linguagem na criança e estimulou sua postura de valorização da observação espontânea das crianças como método de demonstração de suas idéias. É esse trabalho e a convivência em um ambiente inovador e livre no incentivo da pesquisa, que a estimula a defender o ponto de vista psíquico e emocional na gênese dos processos de linguagem e pensamento a partir da psicanálise. Ao longo dos anos 1921 e 1923, ela escreveu ao todo onze artigos sobre psicanálise, entre os

⁵⁶ O relatório da Sociedade Suíça de Psicanálise sobre o ano de 1923 ao Int. J. of Psychoanalysis de 1924 aponta que não houve nenhum encontro naquele ano.

quais alguns importantes trabalhos teóricos. Desses, os dois mais importantes resultaram de sua associação com o lingüista Gustav Bally e com Piaget, respectivamente *O tempo na vida subliminar da alma* (SPIELREIN, 1923g) e *Algumas analogias entre o pensamento da criança, com o dos afásicos e com o pensamento subconsciente* (SPIELREIN, 1923e), ambos contribuições importantes no campo nascente da psicolingüística. O artigo sobre as analogias, baseado em observações de sua filha e outros casos, foi publicado junto com o importante trabalho inicial de Piaget sobre o pensamento e a linguagem da criança, nos *Archives de Psychologie*, em 1923. Extrapolaria os limites deste trabalho demonstrar todos pontos de contato entre o trabalho de Spielrein e o de Piaget, mas é certo que houve troca e reciprocidade, um apoiando as hipóteses e observações do outro, além de freqüentarem um o seminário do outro. De uma maneira geral⁵⁷, Spielrein e Piaget concordam na abordagem funcional, na interpretação da linguagem na infância e nos estágios de desenvolvimento. Ambos tinham raízes intelectuais comuns na formação pela escola psiquiátrica e psicanalítica de Zurique, no interesse que repartiam pela infância e no desenvolvimento de conceitos básicos do pensamento. Mas o solo comum onde eles mais progrediram juntos foi a teoria do pensamento simbólico. Na sua conferência em Berlim, em setembro de 1922, Piaget falou sobre as idéias em comum com Spielrein e anunciou um trabalho de sua colega, que na verdade nunca veio à luz, uma “muito sugestiva teoria do simbolismo” (PIAGET, 1922). Ele declarou que eles esperavam desenvolvê-la juntos. No seu livro de 1926 sobre a representação do mundo pela criança (PIAGET, 1926), citou algumas observações de Spielrein sobre as crenças infantis quanto à origem dos bebês. Ambos estavam interessados nas funções afetivas do símbolo, mas igualmente talvez mais ainda na

⁵⁷ Fernando Vidal, em seu trabalho já citado, analisa de maneira admirável e detalhista esta troca e reciprocidade, os pontos em comum, as diferenças e como cada um seguiu seu caminho.

aquisição das funções semióticas e cognitivas. Porém, estavam no mesmo campo por razões diferentes. Piaget queria achar traços desse tipo de pensamento na criança e Sabina pensava na fonte do simbolismo, o pensamento subconsciente, como o principal modo de pensamento. Como veremos mais à frente, na análise de seu texto, para haver pensamento criativo é preciso a colaboração deste com o pensamento consciente. Para Vidal, a diferença entre os dois pesquisadores é de natureza intelectual, já que Piaget nunca se pôs inteiramente no campo da psicanálise e perseguiu um objetivo epistemológico, mas também, de natureza afetiva, já que a desconfiança de Piaget em relação à subjetividade e ao inconsciente era oposta ao desejo de Spielrein de permitir que existissem, lado a lado num discurso combinado, originalidade conceitual junto com poderosa sensibilidade poética e ao seu desejo de entender as raízes do sofrimento.

Para Kerr (1997, p. 528), se Spielrein não foi a diplomata que as circunstâncias exigiam, intelectualmente estava à altura do momento histórico. Seus trabalhos desse período demonstram uma consciência implícita da absoluta necessidade de enquadrar a teoria psicanalítica nas novas descobertas da psicologia do desenvolvimento e da lingüística. Eles provam também que ela possuía as qualidades intelectuais necessárias para moldar tal síntese. Com a sua partida para a Rússia em 1923, a importante tarefa que ela apenas começara, só viria ser retomada décadas depois.

Podemos, então, arriscar a dizer que, de 1920 a 1923, entre o *Fort/da* de Freud, os estágios da linguagem de Spielrein e as hipóteses de Piaget, estudadas e desenvolvidas com plena liberdade no campo da psicologia experimental, foi formado o caldo original que deu origem às reflexões sobre psicanálise e linguagem que se desdobraram no conceito da psicologia genética como campo de saber separado da psicanálise.

SABINA SPIELREIN NA RÚSSIA

No início de 1923, Spielrein estava pronta para deixar Genebra. Freud encorajou-a a tentar Berlim, onde havia sido fundada uma nova clínica de psicanálise para crianças. Mas ela acabou optando por Moscou, fosse porque seu marido Paul Scheftel lhe havia feito um ultimato, de que se não voltasse, ele pediria o divórcio (no ano de seu retorno, ele tem uma filha com outra mulher), fosse porque a sociedade psicanalítica local estava florescendo sob a direção de Moshe Wulff. Mas a saída de Genebra deve ter sido de alguma forma frustrante, como ela insinua em um dos seus breves trabalhos de 1923, *Um sonho e visão de estrelas cadentes* (SPIELREIN, 1923a), publicado na nova Revista Internacional de Psicanálise. Nele, descreve uma mulher em dificuldades que planeja mudar-se para a Rússia para encontrar trabalho. Ela também estaria tentando resolver seus sentimentos após um caso com um homem mais jovem, a primeira vez em sua vida que havia experimentado uma paixão. Enquanto medita sobre seu destino, observa gotas de chuva batendo contra a vidraça, iluminadas pela luz amarela da lâmpada da rua, e imagina que elas são pequeninas estrelas cadentes. Ela adormece e sonha com estrelas num céu noturno formando a palavra “amor”. Se a mulher do seu artigo for realmente ela, quem seria o homem mais jovem desse caso de amor? Jean Piaget? Esse mistério seguramente permanecerá para sempre, mas é verdade que ambos tinham intensas afinidades intelectuais, demonstravam sua admiração recíproca publicamente e por escrito; Piaget baseou todas as suas primeiras observações na filha dela, Renata, com quem convivia com muita frequência, e ele se casa logo após ela deixar Genebra. Além disso, ele jamais se refere a ela nas suas autobiografias e é

contraditório nas três entrevistas que deu sobre sua análise quanto às razões da interrupção. Mas isso são apenas conjecturas que teriam apenas o mérito de levantar a questão de que o amor erótico e o trabalho intelectual são duas energias em permanente comunicação, como a relação com Jung já havia demonstrado e de que talvez Piaget, onze anos mais novo que Spielrein, tenha tido um papel muito importante na dissolução final da transferência a Jung. Spielrein, talvez pressentindo que a condução de sua análise e a colaboração em pesquisa como colega no Instituto eram coisas incompatíveis, principalmente se o amor erótico surgia na contratransferência, teria interrompido seu processo de análise. Definitivamente, ela não agiria com Piaget da mesma forma que Jung havia agido com ela.

Mas voltemos ao momento da última carta de Freud a ela, de 9 de fevereiro de 1923:

Querida senhora:

Eu recebi sua carta e acho que a senhora tem razão. Sua intenção de ir à Rússia me parece melhor do que meu conselho de que vá a Berlim. Em Moscou a senhora poderá fazer um bom trabalho com Wulff e Ermakov. E finalmente a senhora estará em sua pátria. A época é dura para todos nós. Eu espero ter notícias suas rapidamente e eu lhe peço insistentemente que coloque seu endereço no topo de sua carta, isso que muito poucas mulheres fazem.

Cordialmente, vosso Freud. (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p.325)

“Poucas mulheres põem seu nome no cabeçalho de uma carta”⁵⁸, esta é a última mensagem, o último contato de que se tem notícia que houve com ela, e não é uma mensagem qualquer. Há nela o reconhecimento de que Sabina Spielrein, como mulher,

⁵⁸ Guibault e Nobercourt (1981) dão esse título ao último capítulo da correspondência entre Freud, Jung e Spielrein em seu livro, p. 279

havia conquistado um endereço no mundo intelectual e de trabalho maciçamente masculino e ele pedia a ela que assumisse isso.

Podemos conjecturar o que teria acontecido se Sabina Spielrein tivesse ido a Berlim e não à Rússia. Certamente algo parecido à confrontação entre Melanie Klein e Anna Freud, que se iniciou em 1924, teria acontecido entre Melanie Klein e Sabina Spielrein, pelo pouco que se sabe da opinião de uma em relação à outra. Melanie Klein, em seu artigo de 1926 sobre psicanálise da criança (KLEIN, 1926), interpretou a observação de Spielrein sobre o papel do ato de mamar na origem das palavras *papa* e *mama* como evidência da importância do investimento libidinal no desenvolvimento da linguagem. Para ela, havia fixações perversas sublimadas, especificadamente orais, nos casos estudados por Spielrein. A abordagem centrada no complexo de Édipo precoce de Klein era completamente diferente daquela preconizada por Spielrein que, de uma maneira própria, em acordos e desacordos com Piaget, enfatizava as ligações entre inteligência e linguagem por meio das funções afetivas do símbolo. Klein, que se engajou na psicanálise após o Congresso de Budapeste em 1918, teve seu primeiro artigo publicado após uma apresentação, em julho de 1919, levada por Sandor FÉRENCZI, diante da Sociedade Psicanalítica de Budapeste, do seu primeiro estudo de caso, dedicado à análise de uma criança de cinco anos, que na realidade era seu próprio filho, Erich. O terror branco e a onda de anti-semitismo que assolavam Budapeste depois do fracasso da ditadura comunista de Bela Kun, obrigaram os Klein a deixar a capital e exilar-se. Em 1920, Melanie Klein (PLON; ROUDINESCO, 1998, p. 432) participou do Congresso Internacional de Haia onde encontrou Hermine von Hug-Hellmuth e Karl Abraham. Certamente deve ter assistido à comunicação de Spielrein. Em dezembro de 1920, expõe na Sociedade Húngara, *Contribuição á análise de criança*. Em 1921, instala-se na capital alemã e, um ano depois, torna-se membro da sociedade

psicanalítica alemã, a DPG, assistindo ao VII Congresso da IPA nesta cidade, onde certamente encontrou Spielrein e Piaget, além de participar da polêmica discussão sobre sexualidade feminina iniciada pela discordância de Karen Horney em relação às posições sustentadas por Freud. Volnovitch (Sabina...) afirma que Spielrein considerou as interpretações de Klein nas análises de crianças abusivas e invasivas. Se ela deixou de seguir a recomendação de Freud de ir a Berlim devido ao receio de encontrar Klein e confrontar-se com ela no campo da análise infantil, nunca saberemos.

Antes de viajarmos com Spielrein para a sua derradeira morada na Rússia e traçarmos um pequeno panorama do que ela lá encontrou e o que trouxe para lá, é tempo de afirmar enfaticamente uma verdade histórica: Sabina Spielrein não apenas foi a primeira mulher a escrever uma tese de doutorado com um tema psicanalítico e a utilizar o termo esquizofrenia num trabalho escrito, a primeira que teve a proeminência suficiente para ser publicada na principal revista de psicanálise de então, o *Jahrbuch*, **mas foi a primeira psicanalista de crianças na história da psicanálise e a primeira a escrever artigos sobre a psique infantil baseados em observações e tratamentos de crianças, depois das observações de Freud sobre o pequeno Hans.**

Hermine Von Hug-Hellmuth (PLON, ROUDINESCO, 1998, p. 357-358), tida como a pioneira não oficial da psicanálise de crianças, tornou-se membro da Sociedade Psicanalítica de Viena apenas em 1913, e foi-lhe confiada por Freud a seção dedicada à psicanálise de crianças na revista *Imago*. Fascinados por essa doutora que era de uma ortodoxia sem falhas, Freud e seus fiéis não viram que seus artigos provinham de uma análise de seu sobrinho, na qual aplicava as teses do mestre. Sobrinho que acabou a matando por estrangulamento após tentar roubá-la, talvez numa reação ao sufocamento de que fora vítima. Seu livro mais famoso, o diário de uma adolescente de 11 a 14 anos

(HELLMUTH, 1919), também se revelou uma fraude, apesar de seu sucesso e de um prefácio elogioso de Freud. Por todas estas situações embaraçosas, ela também foi banida por muito tempo da história da psicanálise.

Na visão oficial da psicanálise, a filha de Freud, Anna Freud, ainda figura como a fundadora da psicanálise de crianças, Melanie Klein vem em seguida. Mas a primeira contribuição sobre análise de crianças na história psicanalítica foi de Spielrein, *Contribuições ao conhecimento da psique infantil*, publicado no terceiro número do *Zentralblatt*, em 1912. Apenas dez anos depois apareceu a primeira comunicação de Anna Freud, que se tornou membro da Sociedade Psicanalítica de Viena em 13 de junho de 1922, apenas uma semana antes de Lou Andreas-Salomé. E sete anos depois houve a primeira comunicação de Klein. Nesse intervalo de tempo, foram publicados vinte e cinco artigos de Spielrein, dez deles sobre temas relacionados à análise de criança. Sobre as forças que estavam em trabalho para impedir a recordação e o registro histórico dos mitos de origem da psicanálise, tratarei na terceira parte desta tese.

Não é à toa que faço neste momento a afirmação sobre o seu pioneirismo, pois ao emigrar de volta à Rússia, Sabina Spielrein desaparece como personagem da história da psicanálise, apesar de ter sido talvez a coisa mais importante que fez, no outono de 1923, ajudando a psicologia russa a entrar no século XX (KERR, 1997, p. 529). Uma das forças que contribuiu para o esquecimento dela foi, sem dúvida, a política preconizada por Ernest Jones para a psicanálise na Rússia e sua filiação à IPA, de que tratarei na terceira parte deste trabalho onde farei um breve relato da história da psicanálise na Rússia.

Mas, além das informações expostas na biografia de Spielrein do início desta tese, algumas outras podem ser acrescentadas, a partir da progressiva revelação de seu percurso

na antiga URSS⁵⁹. Quando Spielrein emigrou, era o tempo de abertura para o Ocidente da nova política econômica de Lênin e de importantes experimentos em todos os campos da vida russa. A psicanálise floresceu nesse clima e, entre muitos talentos que vinham ao Instituto Psicanalítico de Moscou, houve dois que viriam ter lugar entre os maiores psicólogos do século: A. R. Luria e Alexander Vygotsky. Por algum tempo, Luria atuou como secretário do Instituto e seus relatórios periódicos no *International Journal of Psychoanalysis* dão conta da participação de Spielrein numa ampla gama de atividades como ensino, por meio de conferências e seminários, sendo que seu seminário de análise infantil é o curso mais concorrido, com trinta participantes; atuação como psicanalista didática num plano de treinamento que elaborou em conjunto com Ermakov e Wulff no Instituto Psicanalítico de Moscou, e trabalho na clínica para crianças. Papéis recentemente descobertos relacionados ao *staff* do Comissariado soviético do Povo para Educação Nacional, “*Narkompros*”, indicam que Sabina Spielrein-Schaftel ocupava três postos: como colaboradora científica no instituto psicanalítico estatal, como consultora médica pedagógica da Terceira Internacional (uma espécie de vila de crianças) e como diretora do Departamento de Psicologia Infantil da Primeira Universidade de Moscou.

Há ainda a direção da famosa creche psicanalítica, ou jardim-de-infância psicanalítico, ou simplesmente Casa Branca, devido ao edifício onde ficava instalado, oficialmente denominada de Lar Experimental para Crianças. Ela foi criada pela pioneira da psicanálise na Rússia e uma das grandes figuras do freudomarxismo, Vera Schmidt, em

⁵⁹ KERR, 1997, p. 530 ; RICHEBACHER, 2003, p. 245; MECACCI, L. **Storia della psicologia Del Novecento**. Roma, Editori Laterza, 1992, p. 135., PLON; ROUDINESCO, 1998, p. 674, 675, 676, 677, 689, 690, 725, 726. Desde os anos 1970 até hoje, as pesquisas em torno da vida de Spielrein na antiga URSS só vem crescendo. Se Carotenuto quase não conseguiu informações quando da publicação de seu livro, hoje ainda não tive acesso a dois artigos que descobri que existem publicados no *Journal of Analytical Psychology*, de julho de 1999 de um historiador russo Victor Ovcharenko, que parece dar mais informações sobre o papel de Spielrein na URSS e sobre a sua vida lá (apud COVINGTON; WHARTON, 2003, prefácio).

agosto de 1921, com o apoio de Ermakov a qual convidou Spielrein a trabalhar ali imediatamente após sua chegada. Nesse projeto educativo de ótica psicanalítica, levava-se em conta o fenômeno transferencial no relacionamento entre as crianças e os educadores e tentava se instaurar uma relação mais baseada na confiança e na afetividade do que na autoridade. O sistema de educação tradicional fundado nos maus-tratos e nas punições corporais foi abolido e o ideal da família patriarcal severamente criticado, em proveito de valores educativos que privilegiavam o coletivo. As demonstrações afetivas, beijos e carícias, eram substituídas por relações ditas “racionais”, as crianças tinham uma educação leiga e eram autorizadas a satisfazer a sua curiosidade sexual. Os educadores eram convidados a não reprimir a masturbação e a instaurar com as crianças relações igualitárias. O programa previa que todos deviam ser analisados. Esse treinamento psicanalítico era dado aos educadores por meio do quadro ao qual pertencia o Lar, um Instituto de Psicanálise fundado junto com a Associação Psicanalítica de Pesquisa sobre Criação Psicanalítica, que assumiu o nome de Solidariedade Internacional. Cerca de trinta crianças filhas de dirigentes e funcionários do Partido Comunista foram acolhidas ali a fim de serem educadas segundo métodos que combinavam os princípios do marxismo e da psicanálise. Acredita-se que o filho de Stalin tenha estudado nesse centro. O ideal pedagógico preconizado por Schmidt era a manifestação viva do espírito novo dos anos 1920, em que se concretizava, depois da Revolução de Outubro, o sonho de uma fusão possível entre a liberdade individual e a liberação social: uma verdadeira utopia pedagógica ou pedologia, como passou a ser chamada, que combinava paixão freudiana e ideal marxista. A experiência chegou ao fim em condições complexas, que serão apontadas na terceira parte deste trabalho. Em novembro de 1924, o casal Schmidt encerra as atividades do Lar e, em

1925, o Instituto Solidariedade Internacional foi oficialmente liquidado. Em 1925, Luria e Vygotsky redigem um prefácio para a tradução russa de *Mais-Além do princípio do prazer*.

Com a morte de Lenin e o endurecimento do regime, que levaria ao exílio de Trotski, o grande apoiador da psicanálise, e que trouxe a supressão da liberdade de associação e a stalinização do sistema soviético, o movimento psicanalítico russo se extinguiu progressivamente. Em 1930, pode-se dizer que a psicanálise fora erradicada da URSS, embora um punhado de clandestinos a tenham praticado ainda até 1936. Sabina Spielrein voltou para sua cidade natal, Rostov-le-Don, em 1924, reencontrando seu marido e dando à luz sua filha Eva. Oficialmente exercia funções de clínica geral, mas, na verdade, sob a capa da pedologia, tratava de crianças delinquentes e problemáticas pela psicanálise, o que fez, enquanto ainda exercia a medicina, até meados dos anos trinta, quando se tornou professora de música em um Jardim de Infância, como outras dezenas de psicanalistas que tiveram que achar outra ocupação para sobreviver. Os antigos freudianos se orientaram para outras atividades, enquanto os livros de Sigmund Freud eram relegados a bibliotecas especializadas. Sabina reencontra assim a música, sua mais recôndita paixão e, tal qual seu simultaneamente amado e criticado Nietzsche, é a música que a ajuda a não enlouquecer de dor diante das perdas sucessivas de seus irmãos pelo expurgo stalinista e de seu pai e seu marido, no mesmo ano, por ataque cardíaco. Mas a paixão pela música, que transmitiu à sua filha mais velha, bem como a crença nos poderes civilizatórios da cultura talvez a tenham feito fechar os olhos para a crueldade do povo de seu tão admirado compositor Wagner e dessa língua alemã que era como se fosse sua língua materna, dominado por um líder nazista que era a mais pura encarnação, juntamente com Stalin, da pura destruição sem devir, da qual foi vítima juntamente com suas filhas. O seu último artigo publicado na *Imago*, em 1931, entre apenas dois artigos de que se tem conhecimento que escreveu

enquanto viveu na URSS chama-se “*Desenhos infantis com olhos abertos e fechados*” (SPIELREIN, 1931).

Eu concordo com Zvi Lothane (2003, p.222) quando ele escreve, no adendo de 2003 a seu artigo que a especulação de vários autores sobre o alegado masoquismo de Spielrein por ter permanecido em Rostov, no caminho do dano, e por não optar pela segurança de estar com seus parentes em Moscou - sendo que sua filha Renata, que estudava música em Moscou, vai para Rostov na época da segunda invasão dos nazistas, não se sabe se definitivamente ou de visita – é selvagem. Pode-se especular, diz ele, igualmente sobre o masoquismo de Freud por não ter deixado Viena a tempo e só ter chegado a salvo em Londres pela interferência de Marie Bonaparte, que pagou uma boa soma aos nazistas. Suas irmãs morreram todas em campos de concentração. Como procurarei demonstrar na terceira parte deste trabalho, o pacto secreto entre Hitler e Stalin confundiu bastante as coisas na URSS e as atrocidades cometidas contra os judeus ainda eram muito pouco conhecidas. Como diz Lothane (COVINGTON, 2003, p. 222), em qualquer uso da psicanálise, deve-se prestar atenção às circunstâncias históricas antes de se ter pressa em interpretar.

Portanto dizer, que Sabina Spielrein estava sempre na hora errada, no lugar errado devido ao seu masoquismo incurável não contribui para reabilitá-la, mas ao contrário. Uma mulher que no início do século XX concordou em ser o caso padrão de psicanálise na Clínica Burghölzli, frequentou a Universidade de Medicina, defendeu uma tese pioneira, interpretou de maneira inédita os fenômenos de amor, destruição e sublimação, de forma a influenciar o pensamento teórico tanto de Freud como de Jung, foi a pioneira em análise de crianças, foi a pioneira em unir a psicanálise à lingüística, escreveu cerca de 30 artigos, casou, teve duas filhas, foi psicanalista, conferencista, cirurgiã, médica e, além de tudo, compositora e música, conviveu, ensinou e influenciou, além de Freud e Jung, os três

maiores psicólogos do séc. XX, Luria, Vygotsky e Piaget, não pode ser considerada uma masoquista fracassada que cavou a própria tumba de seu esquecimento. Pois ela viveu intensamente tudo o que tinha que viver e dedicou-se inteiramente à psicanálise e a todos os que amou.

A minha contribuição ao propósito de reabilitá-la do esquecimento – reabilitação que começou a acontecer há quarenta anos no campo da história da psicanálise e da psicologia analítica – passa, portanto, agora pela análise das suas principais obras a fim de tentar reconstruir sua metapsicologia psicanalítica singular, coisa que farei na próxima parte, e apontar algumas conjunturas históricas que agiram como forças de esquecimento dela e de sua obra, esquecimento que parece ter sido uma verdadeira supressão, o que abordarei na última parte desta tese.

II. A OBRA DE SABINA SPIELREIN

Nesta parte apresento minha análise de três textos principais, A destruição como causa do devir (1912), A origem das palavras infantis papai e mamãe (1922) e Algumas analogias entre o pensamento da criança, o do afásico e o pensamento subconsciente (1923), e apresento suas idéias contidas na carta a Jung de 1917. Das idéias desses escritos pode ser abstraída a metapsicologia pioneira, visionária e singular de Sabina Spielrein calcada principalmente na teoria psicanalítica freudiana, mas fertilizada também por Bleuler, Jung e, posteriormente, por Bally e Piaget.

A - A EMERGÊNCIA DO CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE

Sabina Spielrein e a origem positiva da destrutividade

No filme-documentário *Meu nome era Sabina Spielrein*, realizado pela cineasta sueca Elisabeth Márton⁶⁰, há uma cena em que uma fotografia em que Jung e Freud aparecem juntos com seus colegas, provavelmente num Congresso, está parcialmente rasgada no meio, dando a impressão de que bastaria colá-la para recompô-la. Mas, olhando mais atentamente, percebe-se que isso não é possível. Falta um pedaço. O rasgo tem, portanto, uma função de velamento do pedaço perdido, amputado da foto. Ao fundo, o

⁶⁰ Após sete anos de pesquisa, a cineasta sueca Elisabeth Márton realizou um filme documentário dramatizado, com o resultado de suas pesquisas iconográficas e das cartas trocadas entre Sabina Spielrein, Jung e Freud e outras informações que obteve sobre sua vida, *ICH HIESS Sabina Spielrein*. (MÁRTON, 2002)

escuro do buraco do tempo onde ele se perdeu. No filme, essa cena serve para dizer o quanto Sabina Spielrein sentiu essa ruptura como perda para a psicanálise.

Voltando aos documentos encontrados, podemos dizer que eles produziram um primeiro efeito de surpresa e fascínio pelo que havia de “picante” nessa história de um psicanalista, Jung, que corresponde à paixão de sua analisanda, Sabina, e vive com ela “poésie”⁶¹, uma relação de entrega amorosa com todos os tumultos inerentes a isso. No entanto, ainda que a verdade disso tenha sido esmiuçada, analisada, contestada, confirmada etc., desde então, ainda que isso tenha tido o primeiro efeito positivo de recuperação de uma memória afetiva fundamental, esse efeito de fofoca vem produzindo uma nova operação de velamento. No recente filme de Roberto Faenza, de 2002, *Uma jornada da alma* (2002), a história de Sabina é romanceada, pondo-se o foco na relação amorosa entre ela e Jung, no que sua presença produziu em Jung e como a presença afetiva de Jung perdurou para ela. Ainda que mostre, de maneira distorcida, a psicanalista trabalhando em Moscou na casa de crianças, a obra escrita dela é totalmente ignorada. Segundo o filme, Sabina não escreveu nem uma linha.

Na extensa pesquisa que fiz na Internet, em que encontrei abundante material do mundo inteiro sobre Sabina Spielrein, havia apenas três artigos dedicados à análise de seus escritos⁶². Estes só passaram a ser republicados a partir dos anos 1980.⁶³ A única publicação da obra completa de Sabina Spielrein conhecida por mim se dá em 2002, em alemão (SPIELREIN, 2002).

⁶¹ Poesie era a metáfora utilizada por Sabina Spielrein para significar a relação sexual amorosa com Jung.

⁶² BENTOLILA, site. e CHRISTOPHE, P. La psychanalyse..., VIDAL, F., 2003.

⁶³ No livro que contém a tradução em francês do livro de Carotenuto acompanhado de um dossiê, GUIBAULT; NOBECOURT, 1981; na tradução de extratos do ensaio em inglês feita por e acompanhada de uma introdução de WITT, 1995; na tradução de extratos do ensaio em francês de CHAMBRIER, 2002 acompanhada de uma introdução, e na tradução em espanhol acompanhada de introdução de SCHALAYEFF, 1997.

A minha hipótese⁶⁴ é de que no momento mesmo em que Freud reconhece a precedência e importância do escrito de Sabina Spielrein *A destruição como causa do devir*, numa nota de rodapé de *Mais além do princípio do prazer*, inicia-se uma operação de desconhecimento e de recalque do texto de Spielrein.

Em um trabalho muito rico de idéias, ainda que para mim não de todo transparente, empreende Sabina Spielrein uma parte desta investigação e qualifica de destruidores os componentes sádicos da pulsão sexual (Die Destruktion als Ursache des Werdens, em Jahrbuch für Psychoanalyse, IV, 1912). De um modo distinto tentou A. Starcke⁶⁵ (*Inleidig by de vertálig*, von S. Freud. **De sexuelle beschavingsmoral**, etc., 1914) identificar o conceito da libido com o que teoricamente há de supor de um impulso à morte (Comp. Rank: 1907 **Der Künstler**). Todos estes esforços mostram o impulso em direção a um esclarecimento ainda não alcançado da teoria das pulsões. (FREUD, 1973n, p. 2536)

A nota que atribui a anterioridade da descoberta das pulsões destruidoras a Sabina Spielrein, se insere numa reflexão sobre o sadismo, na parte VI do texto. Em 1920, quando Freud apresenta esse texto pela primeira vez no Congresso de Haia, Sabina Spielrein está presente. Como já mencionado, ela apresenta seu texto *As origens das palavras mamãe e papai*, escrito em 1920, portanto, quase ao mesmo tempo em que Freud também pensa, de certa forma, sobre a origem da linguagem, com o *fort-da*, em *Mais além do princípio do prazer*.

⁶⁴ Que foi compartilhada e enriquecida pelas contribuições de Nelson da Silva Junior e de meu grupo de trabalho na pós graduação do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, bem como por Cleusa Abreu e Cristina Sawaia.

⁶⁵ Kerr (1997) comenta, na última parte de seu livro, que August Stürcke era um psiquiatra holandês que, por acaso, havia se filiado à sociedade de Viena na mesma noite que Spielrein. Em sua opinião, as pulsões do ego eram de natureza centrípeta – procuravam prolongar e preservar a vida. Em oposição a eles, havia a pulsão de procriação, de natureza centrífuga, levando em última análise à renúncia e à morte. Desta forma, Stürcke também indicava um componente destrutivo na sexualidade. Mais isso certamente não era o mesmo que uma pulsão ou instinto de morte. E, após a publicação de *Além do princípio do prazer*, ele escreveu a Freud contestando de forma específica a citação de sua obra. “Minha objeção provém de uma objeção interior... amar significa querer morrer.” Respondendo à carta de Stürcke, Freud desculpou-se e em seguida propôs que interrompessem a correspondência.

Já em 1929, ao aludir a essa anterioridade, ela aparece de maneira mais vaga e a sua procedência não é mais nomeada: “Eu me recordo de minha própria resistência à concepção de uma pulsão de destruição quando ela apareceu na literatura psicanalítica e o quanto ela aí permanecia inacessível a mim.”(FREUD, 1973ad, p.3051) E, em 1938, ele confirma: “Após longas hesitações, longas tergiversações, nós resolvemos admitir a existência de apenas duas pulsões fundamentais: Eros e a Pulsão de destruição (as pulsões opostas uma à outra, de conservação de si e de conservação da espécie, bem como a outra oposição entre amor do eu e amor de objeto, entram ainda no enquadre de Eros)” (FREUD, 1973ae, p.3382). Como vimos na introdução, em 1929 Sabina já está na União Soviética há seis anos, a dois anos de escrever seu último artigo conhecido *Desenhos infantis com olhos abertos e fechados*, a psicanálise passara a ser condenada como ciência burguesa desde a ascensão de Stalin; em 1938, a psicanálise fora proibida na URSS há dois anos e ela está em Rostov sobre o Don, trabalhando como professora de música em um Jardim da Infância, só lhe resta como companhia familiar suas duas filhas, já que seu pai e seu marido haviam morrido nesse mesmo ano e seus irmãos, pesquisadores destacados da Universidade, eliminados pelas perseguições de Stalin, em 1936.

Assim, a nota de rodapé de *Mais além do Princípio do prazer*, ao mesmo tempo em que reconhece a precedência de Sabina, aponta, também, para as resistências e incompreensões em torno de sua produção. A nota tem o efeito de colocar Sabina numa redoma de vidro, forrada de veludo, com um foco de luz sobre ela⁶⁶ e, no entanto, lá ela fica congelada em sua neve russa, imortalizada, com um pedaço de maçã envenenado na garganta, sem poder falar, recebendo a visita de passantes que a olham sem de fato a

⁶⁶ Metáfora inspiradora de Nelson da Silva Junior que eu continuei.

enxergarem, à espera de um príncipe encantado para despertá-la, o qual certamente foi Carotenuto.

Poderíamos dizer que a citação teve aqui um efeito perverso. Cotejando os dois textos, vemos que Freud poderia tê-la citado em outros momentos do texto muito mais importantes e fora das notas de rodapé. Por exemplo, os dados biológicos do texto de Spielrein antecipam todo o campo metafórico que Freud cria a partir das pesquisas de Weissman com as células germinais sendo que, no entanto, numa carta a Jung⁶⁷, em que ele reconhece o interesse e novidade do trabalho de Spielrein, diz que a parte biológica não tem importância.

O conceito freudiano de pulsão de morte recalcou o conceito spielreiniano de destrutividade. Apesar de uma acolhida receosa, o texto de Spielrein provocou uma profunda e duradoura impressão em Freud. René Kaës (2000), em seu importante ensaio, *Trabalho da morte e teorização – o grupo dos primeiros psicanalistas ao redor de Freud entre 1910 e 1921*, analisa bem como se dava o mecanismo freudiano habitual, quando seus discípulos traziam uma idéia nova que ainda não tinha lhe ocorrido. Ao analisar as fontes de tensão no grupo que se reunia ao redor de Freud antes da Guerra, ele situa a presença de mulheres no grupo.

Desse ponto de vista, as coisas não se passam como em Totem e Tabu. Na realidade, os homens não lutam entre si pela conquista das fêmeas, mas pelo conhecimento do inconsciente, verdadeiro continente negro materno a conquistar. E é bastante notável que seja uma mulher, Sabina Spielrein, quem será a verdadeira introdutora da noção de pulsão de morte em 1911, em uma reunião da quarta-feira (sessão de 29 de novembro de 1911). Ela prefigura uma idéia que se tornará fundamental: o componente da morte está contido na própria pulsão sexual, este componente é indispensável ao processo do devir (da “transformação” é o título de sua

⁶⁷ carta de Freud a Jung de 30 de novembro de 1911 (MACGUIRE, 1993, p.475-476)

conferência). A idéia, influenciada pelos trabalhos de Jung, será recusada e criticada vivamente pela maior parte dos participantes, incluindo aí Freud. Ele se comporta aqui como sempre: depois de haver rejeitado uma idéia que vem a ele de um de seus discípulos, ele a adota, a aperfeiçoa e se apropria dela sem nenhuma referência a seu autor. A idéia só tornar-se-á eficaz para ele quando ele mesmo for tocado pela questão. Mas podemos também supor que Sabina Spielrein fala a ele de muito perto, demasiado perto da questão e de Jung, e aqui, uma vez mais, como com Fliess no episódio da operação dos cornetos nasais de Emma Eckstein, a convivência homossexual serve de defesa contra a escuta e o entendimento do discurso feminino.

Lotto (2001) concorda com essa última idéia de Kaës. Analisando o sonho da injeção de Irma no elemento altamente condensado *Trimethylamina*, central no sonho, ele mostra como os impulsos homossexuais e misóginos de Freud foram estimulados pelo erro cirúrgico cometido por Fliess enquanto operava a paciente de Freud, Emma Eckstein. Ele aponta como as evidências, que mostram a colaboração entre Freud e Fliess ao atuarem agressivamente em relação a uma mulher, estariam determinadas por uma situação infantil em que ele e seu sobrinho John agiram agressivamente contra Paulina, a irmã de John. A relação entre Freud e Sabina – em que houve uma cumplicidade inicial de Freud com Jung contra Sabina, da qual posteriormente ele desfaz, escrevendo um pedido de desculpas a Sabina – é vista como um restabelecimento adicional do triângulo da sua infância. Lotto indica como a culpa e o desejo de uma reparação em relação às mulheres eram temas também proeminentes da vida interior de Freud.

A própria Sabina não viveu a rejeição de seu trabalho na apresentação de um resumo do mesmo, feita em 29 de novembro de 1911. Num apanhado que faz do ano de 1911 escrito em Viena, em 7 de janeiro de 1912, no diário encontrado, ela não menciona nada sobre a apresentação e se sente muito reconhecida pelo seu primeiro trabalho

publicado, sua tese de término do curso de psiquiatria, à qual atribui sua aceitação como membro da Sociedade Psicanalítica de Viena. Ela diz nesse trecho de seu diário:

Viena! Passou-se quase um ano, que período difícil! O leitor perguntará: ‘Mas como acabou?’ Não há uma conclusão, há muito, mas não uma conclusão. Deixei Zurique para ir de férias a Montreaux (Chally S. Clarens). De lá, fui para Munique, por causa da história da arte, onde completei, em total solidão, meu trabalho sobre *A destruição como causa do devir*. Por culpa do Dr. Jung – que me recomendou que o publicasse em outro lugar – o artigo deverá ser publicado seis meses mais tarde, e sempre no *Jahrbuch*. Somos amigos. Meu primeiro trabalho tem tido muito sucesso e, graças exatamente à minha dissertação, tornei-me membro da Sociedade Psicanalítica. O prof. Freud, a quem agora amo ternamente, está entusiasmado comigo, fala a todos do meu ‘estupendo trabalho’ e, também pessoalmente, trata-me com grande gentileza. Até agora, foi-me concedido tudo o que desejei, exceto uma coisa: onde está o homem que poderei amar, que poderei fazer feliz como mulher e mãe dos nossos filhos? Estou ainda só. (CAROTENUTO, 1984, p. 228)

Portanto, se Marte Robert (1976) tem uma certa razão ao dizer que *A destruição como causa do devir* antecipa a concepção freudiana da pulsão de morte “quase ponto por ponto” ou “palavra a palavra”, há o risco de um certo exagero. Como diz Chambrier, essa afirmação “não faria justiça nem ao gênio e ao rigor de Freud, nem à sensibilidade e a inspiração criadora de Spielrein.” (CHAMBRIER, 2002, p. 1286),

Quem é o interlocutor do enigmático texto de Freud, *Mais além do princípio do prazer*? Para quem ele é endereçado? Bentolila (site) argumenta que Sabina Spielrein é “A Coisa” (*Das Ding*) nesse texto de Freud. Ele é endereçado a três mulheres.

Curiosamente o número três está presente no seu texto de 1913, *O tema da eleição de um cofrinho* (FREUD, 1973af), em que Freud fez uma primeira análise da ligação entre a figura da mulher e a morte, a mulher que traz à vida, mas também nos lembra da morte.

Um ano depois do trabalho de Sabina, *A destruição como causa do devir*, ser publicado e sem nenhuma menção a ela, e sete anos antes do seu texto sobre a pulsão de morte. A figura da Mulher (a mãe) está ligada à necessidade que o homem tem de reconhecer sua condição mortal, mesmo que nós possivelmente nunca vejamos a face da morte diretamente. Nesse texto, Freud diz:

Nós podemos argumentar que o que é aqui representado são as três inevitáveis relações que um homem tem com a mulher – a mulher que o cria, a mulher que é sua companheira e a mulher que o destrói; ou que elas são as três formas tomadas pela figura da mãe no curso da vida de um homem, a própria mãe, a amada que ele escolhe conforme o padrão da mãe e finalmente a Mãe Terra que o recebe uma vez mais. (FREUD, 1973af, p.1875)

Talvez esse texto nos aponte porque Freud não achou o texto de Sabina Spielrein inteiramente claro para ele. Na verdade, a ligação entre feminilidade e morte como figuras privilegiadas do pensamento ocidental já haviam sido analisadas por Sabina em seu texto.

Bentolila acompanha então a especulação de Belinsky⁶⁸. Para ele, o texto de 1920 é endereçado e motivado por três mulheres: a primeira é Barbara Low, de quem Freud toma seu conceito-chave, o Princípio de Nirvana, que expressa a tendência da pulsão de morte e, embora autores anteriores a ela já houvessem feito referência ao desejo de ser nada (Schopenhauer e Nietzsche, que serão lidos por Spielrein junto com Freud, oferecidos por Bleuler, na clínica de Burghölzli quando a incentiva a se tornar psiquiatra⁶⁹), é nela que Freud encontra o termo para designar de tal desejo. A segunda é Sophie Halberstadt (a filha amada que morre repentina e inesperadamente em janeiro de 1920, enquanto Freud ainda estava formulando sua especulação sobre a pulsão de morte). Finalmente, a terceira mulher

⁶⁸ BELINSKY, J. Bombons Envenenados: Os filósofos diante de Mais Além do princípio do prazer, texto não publicado, apud BENTOLILA, site.

⁶⁹ Como aparece no filme *Meu nome era Sabina Spielrein*, de Elisabeth Márton, Suécia, 2002.

é Sabina Spielrein, a mais sedutora autora a quem o texto é endereçado. Em 1920, as especulações de Freud escorregaram numa direção muito próxima das idéias muito semelhantes que tem Sabina sobre o assunto. Um fato que torna mais difícil, para ele, esquecê-la.

Bentolila considera isso o suficiente para justificar nossa compreensão de Spielrein como a *Grande Mãe*, a deusa da escuridão, *A Coisa*, que permanece no *Fora* observando o texto de Freud. Um conhecimento que Freud recebe do Outro, poder-se-ia dizer, e do qual agora, sete anos depois, ele se apropria, fazendo com que faça parte da história da psicanálise, reconhecendo o papel de precursora na nota de seu próprio texto e na expressão de seu texto. Para Belinsky, citado por ela, se é verdade que Freud atinge sua imagem mais viril em *Mais além do princípio do prazer*, o grande especulador, o revelador de mistérios, o decifrador de enigmas, a força abismática da sua especulação nutre-se da Mãe. Somente dela poderia ter nascido a idéia de compulsão à repetição, do eterno retorno do mesmo, da pulsão de morte.

O próprio Freud nos alertou para a importância daquilo que se apresenta como marginal e periférico nos sonhos, aqueles detalhes que freqüentemente oferecem as soluções e as chaves para suas interpretações, escreve Bentolila. Direcionando-nos para a nota em questão e permitindo-nos sermos guiados pela sabedoria do conselho de Freud, a importância da nota marginal pode ser iluminada. Ele a reconhece como antecipadora de boa parte das especulações que ele oferece em seu texto sobre a pulsão de morte, os componentes destrutivos da sexualidade e a possibilidade do masoquismo originário.

Mas, enquanto Freud escreve também na nota, que o trabalho de Spielrein é “substancial e rico de idéias”(FREUD, 1973n, p. 2536) é digno de nota que ele justifique seu silêncio até esse momento sobre o mesmo, afirmando que na ocasião de sua aparição

“infelizmente não havia sido completamente claro, transparente para ele” ”(FREUD, 1973n, p. 2536). Por que Freud percebeu dessa forma um texto que é claro e direto nas idéias e argumentos que oferece ao leitor? O que Freud nega e é incapaz de ver no texto de Spielrein? O que permanece opaco diante de seu olhar agudo e penetrante deixando nele uma sensação dolorosa? Para Bentolila, poderia ser sugerido que Freud está enfatizando na nota a sua inabilidade em reconhecer esse precedente numa mulher, quando pareceu não ter dificuldade em reconhecer autores homens que o precederam no assunto (Stekel, Feder, Ferenczi, Jung, Rank, Abraham, Groddeck). Seria uma questão de gênero do interlocutor mais do que da idéia que motiva sua especulação? Ou teria a ver com uma questão que mergulha mais fundo, com a estreita conexão entre a morte, a grande figura de *Mais além do princípio do prazer* e a mulher como a figura privilegiada do enigmático e da alteridade?

Um dos principais aspectos apontados por Spielrein em seu texto é o fato de que a morte é necessária para a criação da nova vida, que a afirmação causa negação e que a transformação é o resultado da destruição. A posição de Spielrein sugere um dinamismo ativo em jogo no tema, que questiona a própria perspectiva de Freud, do psíquico impelido pelo desejo de tranquilidade e inércia. O que impulsiona a transformação e a construção (criação), diz Spielrein, é a pulsão de destruição.

Iniciarei a abordagem direta da sua obra pelo seu texto mais importante, o segundo artigo psicanalítico por ela publicado.

A DESTRUIÇÃO COMO CAUSA DO DEVIR: (*DIE DESTRUKTION ALS URSACHE DES WERDENS*)

A palavra *Werdens* pode ser traduzida de três maneiras: criação, nascimento ou devir, no sentido de ‘tornar-se’. Opto por devir, por entender que é o sentido mais amplo, contido em criação e nascimento, por expressar um movimento para frente e para trás, simultaneamente, que expressa o sentido de transformação pretendido por Sabina Spielrein. Este é, sem dúvida, o principal escrito dela, que o concebe durante pelo menos dois anos (segundo as alusões a ele no seu diário) e o escreve em 1911⁷⁰. Mas sua forma final só aparece publicada em 1912. Como vimos na introdução, ela o apresenta parcialmente para a Sociedade Psicanalítica de Viena, em 29 de novembro de 1911, com o título *Da transformação*. Nas minutas da Sociedade Psicanalítica de Viena, aparece o resumo de sua apresentação, bem como da discussão que se seguiu. Fora admitida como membro graças à sua tese de psiquiatria sobre a esquizofrenia, na sessão de 11 de outubro de 1911.

Em 1911, a ruptura com Jung já se prepara pela escrita de *As metamorfoses da libido*. Ela não fica em Zurique. Já autônoma em sua profissão, não participa dos debates que levam à ruptura. Vai a Munique, onde termina seu artigo e depois a Viena. Jung anuncia sua ida ao Congresso de Weimar, mas ela não vai, alegando seu sintoma habitual, as tremendas dores nos pés. Jung comparece com sua esposa e sua nova “predileta”, Antonia Wolff. Seu diário sugere que ela vê aí o retorno de uma empresa de sedução que ela própria havia conhecido e não admite ser apenas mais uma. Jung lamenta sua ausência.

⁷⁰ Quando eu estava terminando esta tese, tive acesso à publicação de extratos inéditos do diário em alemão de Sabina Spielrein, traduzidos e publicados pela primeira vez em inglês no livro de COVINGTON; WHARTON, 2003, cap.2. No prólogo de Jeane Moll, ela nos conta que ele foi escrito por volta de 1906-1907, pela mocinha Sabina de 22-23 anos, sendo que ela se dirige de uma maneira pitoresca em um vigoroso alemão a um correspondente que não é difícil identificar quem seja. Nele, há “uma proliferação de questões, uma acuidade de pensamentos, uma sutileza de observações e de reflexões teóricas que afirmam o direito de pensar e amar livremente frente ao homem que a humilha para se defender”, afirma Moll (COVINGTON, WHARTON, 2003, p.15) . O texto, denominado por Moll *Amor, Morte e transformação*, começa com um prelúdio para dois falantes e depois é dividido em três partes. Há no prelúdio para duas vozes “um tributo ao ainda não nomeado homem que ultrapassa sua paixão para permitir que o pensamento triunfe e, ao mesmo tempo, uma secreta afirmação ao amor que ousa dizer seu nome” (COVINGTON, WHARTON, 2003, p. 15).

No dia seguinte à apresentação de *Spielrein*, Freud escreve a Jung destacando que o material mitológico que ela introduz, no qual faz referência a ele, deve ser submetido a uma elucidação psicanalítica, e conclui que toda dependência dos pontos de vista biológicos deve ser rejeitada. Jung responde a Freud que é uma produção autônoma e que muita revisão seria necessária para que o trabalho de Sabina aparecesse no *Jahrbuch*.

Em 1913, a crítica que Federn faz ao seu trabalho é publicada na *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*.

Análise do texto

A tradução do texto (SPIELREIN, 1981a) encontra-se nos apêndices da tese e os parágrafos comentados aparecem numerados, de forma que o leitor possa recorrer aos mesmos na tradução anexada.

Spielrein inicia o seu ensaio (§1) circunscrevendo seu campo, a sexualidade e, nele, seu problema: o exercício da sexualidade adulta, cujo comportamento adequado, a relação sexual com o objeto, só pode se dar, ou seja, um indivíduo só pode ter acesso a ele, se superar obstáculos. Esses são os afetos negativos, a angústia e a aversão, suscitados pela pulsão de procriação (um dos nomes que ela dá à pulsão sexual, sendo que também a considera sinônimo da pulsão de conservação da espécie). A sexualidade, portanto, não suscita apenas afetos positivos. Embora não nomeie quais são estes, fica subentendido que são o contrário da angústia e da aversão. Se a angústia, tal qual é concebida pela primeira teoria pulsional, é a transformação da libido desligada da representação interna do objeto de investimento sexual, podemos inferir que os afetos positivos são libido, excitação, atração sexual, desejo sexual e prazer, como o contrário da aversão. O sujeito da observação do

problema é composto pelos neuropatas, sinônimo de neuróticos com um viés mais psiquiátrico, ligado à herança familiar. Em seguida, ela apresenta as possíveis causas segundo os pesquisadores que atribuem tal resistência à nossa educação e costumes, que limitam a pulsão desde a infância, ensinando que ela é algo de mal e interdita. Ela apresenta a a teoria de Stekel⁷¹ sobre a existência do desejo de morrer paralelo ao desejo de viver, a partir do estudo da linguagem das representações nos sonhos, e para quem a morte é símbolo de pecado moral. Aqui cabe uma observação quanto à honestidade intelectual de pesquisadora de Spielrein. Sabemos que Stekel⁷² publica seu trabalho em 1911, depois de Spielrein ter escrito o seu próprio, antes de tê-lo publicado, mas já o tendo enviado a Jung. Ela não teria a obrigação intelectual de incluí-lo e provavelmente o faz depois de tê-lo enviado a Jung, já que só depois disso o leu. No entanto, ela o faz, talvez como uma resolução sublimatória do desespero em que entrou quando leu o trabalho de Stekel, como demonstra sua carta a Jung datada provavelmente de 1912:

⁷¹ Numa nota de rodapé, ela diz: “A linguagem do sonho do Dr Stekel não havia ainda aparecido, quando eu estava redigindo o presente estudo. Nessa obra, o autor demonstra, em inumeráveis exemplos de sonhos, que nós temos, paralelamente ao desejo de viver, inerente à pulsão sexual, o desejo de morrer, que ele considera como oposto ao precedente”. (SPIELREIN, 1981a, tradução minha)

⁷² William Stekel (1868-1940), médico e psicanalista austríaco, foi o quarto membro do núcleo fundador da Sociedade Psicológica das Quartas-feiras. Filho de judeus ortodoxos, depois de estudar medicina, instalou-se em Viena como clínico geral. Em 1895, publicou um artigo sobre as experiências sexuais precoces de crianças que atraiu a atenção de Freud e, ao ler *A Interpretação dos Sonhos*, (FREUD, 1973I) sobre o qual redigiu um relatório entusiasmático em 1902, tornou-se seu fervoroso discípulo. Obcecado pela questão do sexo sob todas as formas, tinha uma escuta muito intuitiva de todas as manifestações do inconsciente e um verdadeiro talento de inventor e de agitador de idéias novas. Presente em todos os grandes acontecimentos que marcaram a história original do freudismo, sua produção escrita era inesgotável, sua atividade intensa, suas declarações exaltadas, até mesmo exibicionistas. Esse discípulo incômodo a Freud, foi o primeiro a falar de *Thanatos*. Freud o admirava pela imaginação e capacidade inventiva, mas exasperava-se com sua falta de tato e decência. Os outros discípulos o consideravam mitômano. Foi o segundo dissidente da história da psicanálise, tendo se demitido da Sociedade um ano após Adler. Na sua autobiografia, acusou Freud de roubar suas idéias. Tentou voltar à Sociedade, mas Freud o rechaçou. Em 1923, sabendo do câncer de Freud, escreveu-lhe desejando um pronto restabelecimento e recebeu uma resposta dura de Freud, de que não havia sido por razões científicas a separação dos dois, mas por razões de caráter e comportamento de Stekel. Ele reconhecia que havia permanecido fiel à psicanálise e fora muito útil a ela, pelo que não tinha despeito, mas também muito a havia prejudicado. Ao chegar em 1938 à Inglaterra, fugindo do nazismo, fez uma brilhante carreira. Quando Freud também lá chegou, escreveu-lhe mais uma vez, amistosamente, reivindicando seu estatuto de ex-aluno do mestre venerado. Sofrendo de diabetes e sabendo-se atingido por gangrena no pé, suicidou-se em 1940. A entrada dos nazistas em Paris e a perspectiva de ver a peste negra espalhar-se pela Europa inteira o tinham mergulhado na melancolia. (ROUDINESCO e PLON, idem, p. 728-9)

Caríssimo

Irremediavelmente deprimida, desesperadamente perdida e tudo o que você quiser⁷³. Eu tive, sem dúvida, um pressentimento inconsciente de que isso aconteceria porque, uma vez enviado o trabalho, eu tive uma certeza nítida: a de que eu nunca faria nada de bom, e de que eu não produziria o que quer que seja para o mundo. Agora, passo à interpretação dos sonhos de Stekel e escute bem o que escreve este bravo homem: A vida e a morte no sonho (capítulo de sua obra *A linguagem dos sonhos*, surgida em 1911): "Onde comparece a morte, manifesta-se também a pulsão de vida. Na fábula da Comadre Morte⁷⁴, o médico pede à morte para substituir seu lume, que está quase apagando, por um novo. E o que responde a morte? Não posso fazê-lo, primeiro deve se apagar um lume para que outro possa ser aceso."

Swoboda⁷⁵ tirou desse fenômeno uma lei de conservação da vida. Consiste, diz ele, numa equivalência entre vida e morte, segundo a qual a cessão de células sexuais – dado que nem todo ato gerador conduz necessariamente à reprodução efetiva da vida – provoca uma momentânea diminuição de vida, ou seja, a morte em certa forma e em certa medida. Com razão reporta-se a Celso⁷⁶: "*Seminis emissio est partis animae junctura*". Deste modo, compreende-se a circunstância de que o coito no sonho seja freqüentemente representado pela morte. Depois, Stekel analisa alguns sonhos de morte. O que acha disso? Restam a mim duas possibilidades. Em um prefácio, deixo claro, como é efetivamente verdade, que o meu trabalho deveria aparecer no *Jahrbuch*⁷⁷ anterior e que foi entregue à redação no período concomitante à publicação do livro de Stekel *A linguagem do sonho*. Além disso, eu já anunciara o meu trabalho no estudo sobre a "dementiae praecox". Já estava pronto em edição reduzida. Depois, ampliei-o porque o Dr. Bleuler⁷⁸ não estava de

⁷³ No diário, ela escreve em 28 de janeiro de 1912: "Terminei o trabalho e o expedi a Jung. O que vai se passar? Eu tive muitas idéias negras. Agora quero ser feliz." (CAROTENUTO, 1984, p. 229)

⁷⁴ O conto Comadre Morte foi compilado pelos irmãos Grimm.

⁷⁵ Hermam Swoboda (1873-1963), famoso paciente de Freud envolvido com Weiniguer e Fliess na disputa sobre a prioridade da idéia de bissexualidade. Fliess publicou um livro sobre a questão. Trataremos disso na próxima parte desta tese.

⁷⁶ Aulo Cornelius Celso (I d.C.), autor romano de vários tratados, dos quais restam escassos fragmentos. Dele é conservado somente o *De medicina em oito volumes*, obra completa de medicina e cirurgia segundo as normas de Hipócrates. A citação, provavelmente, é retirada do *De medicina*.

⁷⁷ O *Jahrbuch* nasceu depois da primeira reunião informal entre todos os que se interessavam pela atividade de Freud. A reunião ocorreu em Salzburg, em 26 de abril de 1908. O primeiro volume do *Jahrbuch* apareceu em 1909, e o último em 1913.

⁷⁸ Paul Eugen Bleuler (1857-1939) foi o diretor do hospital e da clínica cantonal Burghölzli, cunhou o termo "esquizofrenia", e, desde o início, revelou grande abertura em face das teorias da psicanálise. Escreveu, em 1916, *Manual de Psiquiatria*.

acordo com o meu pensamento. Mas você, sobretudo você, deveria saber que eu já o tinha na cabeça, mesmo quando ainda não estava de acordo com as teorias de Freud e queria demonstrar-lhe nas minhas cartas... (falta uma segunda página). (CAROTENUTO, 1984, p.116-118)

Voltando ao texto, a segunda fonte de explicação é Gross⁷⁹ – muito curiosa, pois antecipa algumas reflexões ferenczianas em Thalassa –, que vê a origem da aversão na vizinhança das secreções sexuais (fica subentendido, a masculina e a feminina) com as matérias excrementícias mortas, as fezes e a urina e a conseqüente aversão que estas produzem. A terceira é Freud, por meio da teoria do recalque do desejo sexual que, em si, só comportaria afetos positivos, mas que, pelo recalque, produz angústia e resistência. Aqui fica inferido que os afetos negativos são produzidos pelo conflito do desejo sexual com as forças recalcantes. Nesse ponto da teoria, Freud está começando a fazer a transição para a teoria da conceituação pulsional como origem desse conflito. A força recalcada continua a ser a pulsão sexual e a força recalcante passa a ser não mais a pulsão de autoconservação, mas as pulsões do eu, esta entidade que zela pela pulsão de auto-conservação. Freud aqui já estava influenciado pelo questionamento junguiano a partir das psicoses e, quem sabe, também pelo que se seguirá neste texto a propósito do eu, além, é claro, de suas próprias observações clínicas. A quarta fonte é Bleuler. Sabemos pela carta a Jung acima citada, que ela altera o texto todo devido a discordâncias de Bleuler. A relação de Spielrein com este é estreita. Inicialmente admitida por ele na clínica de Burghölzli como paciente e indicada para tratamento com Jung também por ele, é por meio dele que é admitida na faculdade de Medicina para fazer psiquiatria além de ser ele quem a convida a trabalhar como psiquiatra

⁷⁹ vide nota 34 sobre Otto Gross.

em Burghölzli, atendendo pacientes psicóticos. Como foi dito acima, ela foi a primeira a utilizar-se do termo esquizofrenia cunhado por ele em um trabalho escrito. De forma semelhante a Freud, mas pensando no campo representacional, ele vê na defesa contra a representação geradora de afeto positivo, a causa da angústia e da aversão.

Por fim, a última fonte de explicação, Jung (§2 e §3). Aqui, a análise do contexto dessa citação envolve vários níveis. O primeiro está relacionado ao fato de Jung ser o destinatário afetivo do texto e seu fecundador. Esse ensaio é concebido por Sabina como o filho simbólico da sua relação com Jung. Ele é fruto da sublimação de seu desejo de ter um filho real, fruto de sua relação amorosa com Jung. O “nosso Siegfried”, alusão à ópera wagneriana, *O anel dos nibelungos*, que ambos apreciavam, é o nome simbólico com o qual ela aludia a um eventual filho seu e com o qual nomeia esse filho simbólico que é o texto. Como vimos na primeira parte, o tumultuado período entre 1909 e 1911, em que Sabina e Jung transformam sua relação amorosa em relação de amizade e troca intelectual, é denominado por Guibal e Nobécourt (1981) de liquidação elegante. Liquidação elegante da relação amorosa ou o que se poderia dizer depois de publicados os artigos sobre transferência por Freud, em 1913, liquidação da transferência. O adjetivo elegante vem da primeira carta de Freud a Sabina, após um pedido desta de ir visitá-lo, para que ele interferisse no caso.⁸⁰ O diário de Sabina (CAROTENUTO, 1984) mostra de maneira muito rica essa transformação tanto em Sabina como em Jung. No entanto, fica claro de que ambos compartilharam estreitamente não apenas afetos e fluidos sexuais, mas idéias. Fica

⁸⁰ Carta de Freud, de 24 de junho de 1909: “Queridíssima colega – eu recebi hoje do próprio Dr. Jung os esclarecimentos naquilo que concerne ao caso pelo qual vós queríeis vir me ver aqui; e eu constato que eu adivinhei corretamente uma parte do problema e que eu reconstruí de maneira errônea e, em vossa desvantagem, outros aspectos. É porque eu lhe peço a boa vontade de me desculpar. Mas meu erro repõe de toda maneira o meu respeito pelas mulheres do fato mesmo que a falta aqui cabe ao homem e não a vós, como reconhece, ele próprio, meu jovem amigo. Aceite a expressão de toda simpatia pela maneira elegante pela qual vós resovestes o conflito, Com minha consideração, vosso devotado Freud.” (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p.141)

claro o quanto essa relação foi criativa para os dois, mas de uma maneira tão estreita, que de fato ficava difícil talvez dizer o que pertencia a cada cabeça. Jung admirava a inteligência de Sabina e ela foi mais do que sua musa inspiradora, mas compartilhou com ele suas idéias e reflexões, assim como ele compartilhou as suas. Ele era para ela um deus wagneriano. O trecho de Jung citado por ela que fala dos perigos da paixão sexual para uma mulher, seguramente se refere a ela, o que fica claro para quem conhece, pelas cartas e pelo seu diário, a história amorosa dos dois. Mas, na época, o recado era para Jung. De que ela iria falar da mesma experiência de paixão, mas do ponto de vista dela, uma mulher. Que ousadia!

No entanto, um outro nível diz respeito à forte impressão que ela tinha de que Jung havia utilizado suas idéias para escrever as *Metamorfoses da libido*, seu principal trabalho até então, que marca sua independência de pensamento em relação a Freud. O trabalho de Jung aparece publicado no mesmo número do *Jahrbuch* (1911) em que aparece o trabalho de Freud sobre Schreber, o de Rank sobre narcisismo e a tese de psiquiatria de Spielrein. O conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia. Jung retarda seis meses a publicação de *A destruição como causa do devir* no mesmo periódico, que deveria ser feita em começo de 1912, mas que se dá apenas no segundo semestre. Como citado no trecho de seu diário acima, ela o culpabiliza por isso (“Por culpa do Dr. Jung – que me recomendou que o publicasse em outro lugar – o artigo deverá ser publicado seis meses mais tarde, e sempre no *Jahrbuch*. Somos amigos” - diário 7/1/1912, in CAROTENUTO, 1984, p.228). E deixa claro a ele que está ciente desse retardamento, na carta já citada do início de 1912.

Se pensado como fruto de seu amor por Jung, o seu trabalho é de ambos, como mostra a carta de Sabina a Jung, em começo de 1912.

Caríssimo

Receba o fruto do nosso amor, o trabalho (que lhe pertence). Ele me custou esforços sobre-humanos, mas por Siegfried eu não recuaria diante de nenhuma provação. Se o trabalho for aceito para publicação, o meu dever para consigo está cumprido. Somente então estarei livre. Para mim, o trabalho é mais precioso do que a própria vida e, por isso, tenho tanto medo. Você me prometeu aceitá-lo para o mês de julho, com a condição, naturalmente, de que ele seja de algum valor: ele o será, pois lhe dediquei grande amor e perseverança. Nós trabalhamos, Siegfried e eu, tantos dias e tantas noites. Siegfried tem um impulso criador extraordinário, ainda que, no momento, lhe seja reservada uma existência-sombra no reino de Proserpina. Seif⁸¹ também se interessou muito pelo trabalho. No momento, eu espero, bem entendido, sua resposta com uma grande apreensão: você não me fará esperar muito tempo, não é? Eu não quero importuná-lo, ao contrário: gostaria que este trabalho lhe trouxesse a maior satisfação possível. A língua pode ser corrigida por alguém; eu poderei também melhorar as outras imperfeições na exposição, meu amor por Siegfried me sustenta. Ser-lhe-ei muito grata se você me indicar as passagens obscuras e se, eventualmente, não levei em conta algum pesquisador. A parte mitológica, no conjunto, talvez seja a melhor, porque eu estava só com Siegfried, enquanto na primeira parte estava desorientada; e havia ainda uma passagem contra Siegfried, de forma que só consegui organizar meus pensamentos de modo muito incompleto. (CAROTENUTO, 1984, p. 115)

Porém, a recepção fria de Jung, segundo ela reproduz em seu diário, faz com que ela tenha que se haver com uma separação de corpos e cabeças e encarar a política das publicações a partir do plágio, do roubo etc. Tais idéias estavam presentes para ela desde o final de 1910, época em que ainda mantinha encontros amorosos esporádicos com Jung, em que, conflituosos, ambos tentariam transformar seus afetos eróticos em amor sublimado, mas em que também mantiveram intensos encontros intelectuais que fecundaram suas criações mútuas.

⁸¹ Leonhard Seif (1866-1949), neurologista de Munique e diretor da Sociedade Psicanalítica de Viena. Foi analista de Emma Jung. Tornou-se, mais tarde, um seguidor da escola adleriana.

Em seu diário, ela escreveu em 26 de novembro de 1910, às vésperas de seus exames finais:

(...) Dentro em breve, também eu estarei na vigília do grande acontecimento, e penso nas palavras que meu amigo escreveu com a maior seriedade: “Hoje é um dia particularmente solene: a véspera do meu exame final. Espero com calma, mas minha alma está muito tensa”. Sim era um momento belíssimo. E eu? Também para mim o exame é um momento tão solene? Devo admitir que não sei o que sinto realmente. Para mim, o exame é um mal necessário. Os meus pensamentos devem estar alhures, longe...e me oprime o difícil ‘depois’. Sim, a primeira meta que quero conseguir é um lugar na associação psicanalítica, graças ao trabalho que estou fazendo agora [a tese de psiquiatria sobre esquizofrenia], e que espero esteja à altura. Mas, para mim, é mais importante o segundo trabalho: “sobre a pulsão de morte”. **Devo admitir que tenho muito medo de que o meu amigo, que queria se referir a esta minha idéia em seu trabalho de julho, mencionando a minha prioridade a respeito, tenha agora, ao contrário, se apropriado do desenvolvimento do meu pensamento, já que tem a intenção de lhe fazer referência em seu trabalho de janeiro [As metamorfoses da Libido]. Por que sinto em mim esta desconfiança sem motivo? Gostaria muito que fosse infundada, porque meu segundo trabalho será dedicado ao meu estimadíssimo professor, etc. Como poderia estimar uma pessoa que mente, que rouba minhas idéias, que não é amigo, mas somente um mesquinho rival sem escrúpulos? Amá-lo? Mas o amo! O meu trabalho será cheio de amor! [grifo meu] Amo-o e o odeio, porque não me pertence. Não posso ficar em sua frente como uma tolinha estúpida! Não, lá no alto, orgulhosa e estimada por todos! Devo ser digna dele e o pensamento que criei deve estar ligado a meu nome (....) (CAROTENUTO, 1984, p.221-222, grifo meu)**

No seu diário, em 17 de fevereiro de 1912, ela escreve: “O que se passou? A mesma coisa que para o primeiro trabalho e até mesmo pior ainda.” (CAROTENUTO, 1984, p.229) Ela então reproduz a carta dele, de 5 de fevereiro, onde ele lhe escreve de Küsnacht: “Cara colega. Eu acuso a recepção de vossos dois manuscritos. Com minhas respeitadas saudações, vosso devotado Dr. Jung.” (CAROTENUTO, 1984, p.229) Escreve então,

evidenciando seu sofrimento e sua luta para sair dele, bem como a sua identificação gemelar com Jung, sobre a sensação de ser ele seu duplo, sensação que Jung também tem:

Assim me escreve o meu amigo. Sofri muito, pensando nisso. Não tenho força para contar o que lhe respondi. Hoje, aconteceu ainda outra coisa desagradável. Estava no limite, coloquei um xale ao redor do pescoço, e senti-me livre desta maldita existência. “Mais um...” “Quero esperar ainda um momento” como está escrito na poesia. Apoderou-se de mim uma piedade profunda por meus pais, hesitei, olhei-me no espelho e descobri que o xale cinza-azul me embeleza muito; pensei com quanto amor mamãe colocava um xale no meu pescoço para me proteger do frio, como me criou...única filha...por causa de uma...ah, por causa de uma, estragou toda uma vida; mas talvez diga uma mentira, porque, se existisse alguém que se assemelhasse a ele e que fosse meu, eu seria loucamente feliz! Mas é pura loucura! Antes ou depois deverei pôr fim a esta vida miserável; e, não obstante sou sadia, forte e inteligente, dotada de uma alma que ama com paixão. Não é uma tolice? Esperar ainda para acabar com essa comédia? Neste momento não tenho medo verdadeiramente do suicídio. Na noite passada, sonhei com uma moça (evidentemente o meu destino) que olhava a minha mão e me dizia que, com vinte e cinco anos, eu me casaria com um homem mais velho do que eu. Um sonho verdadeiro? Há algum tempo, o Dr. Tausk olhou-me a mão e declarou solenemente que entre os vinte e seis e os vinte e sete anos irá me acontecer algo, haverá uma mudança no meu destino! Jung casou-se aos vinte e sete anos. Desse modo, esta idade é decisiva para mim. Porém, é estranho que Tausk tenha achado essa idade decisiva para o meu destino! Se Jung já se arrumou e é feliz, o seu sócio deveria se afastar, porque é dúvida a felicidade dupla; mas será que eu sou o seu negativo trágico? Maldição!

Agora, ao trabalho! (CAROTENUTO, 1984, p.229)

O próprio Freud dá razão a ela, num trecho de uma carta de 14 de junho de 1912, e a tranqüiliza:

...Tudo que você me escreve sobre si me interessa bastante, mesmo que não seja novo. Depois de nossa conversa sobre o problema, eu faço minha sem reservas vossa concepção da prioridade em questão. O germe desta idéia se encontra certamente nos nossos

primeiros trabalhos; e se quiséssemos ser rigorosos, se deveria encontrar uma clara apreensão dessa idéia no Trauma e Mito de Abraham, p. 70.⁸² Jung deve ter esquecido esta passagem quando você lhe ditou as frases da conferência, e eu também quando eu escrevi estas notas na *Imago*. Eu farei depois uma correção que restringirá o mérito de Jung e restabelecerá o seu, bem como o de Abraham. No conjunto, essa questão de prioridade não é importante. No mês de outubro, eu esperarei uma decisão sua quanto à sua vinda a Viena bem como à revisão de sua dependência de Jung. Eu vos agradeço muito por aquilo que dissestes inteligentemente a Jung; à parte disso, ele não poupa esforços em agravar (...) [palavra ilegível] até a ruptura.(...) (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p.211-212)

Portanto, Spielrein tem uma postura ética surpreendente ao citar o trecho em que Jung expõe sua teoria sobre a angústia neurótica em relação à sexualidade e dizer que ele corrobora suas idéias, elogiando-o enquanto pensador homem que se aproxima de uma maneira não convencional da sexualidade. Ela o cita, concorda com ele e, em seguida, entra no seu veio, saindo da querela narcísica interna e externa de maneira sábia e elegante. Marca sua diferença, para então iniciar a circunscrição do campo de sua própria construção explicativa do problema levantado por ela. Se ambos coincidem, diferentemente dos outros pesquisadores, no perigo desconhecido que reside na atividade erótica, ela discorda de que as representações sexuais e as representações de morte sejam antitéticas, irreduzíveis umas às outras.

É ao feminino e ao gozo sexual que ela direciona o campo da angústia (continuação do §3). Diferentemente dos outros autores, e semelhante a Jung, ela não apenas junta morte e sexualidade, como coloca a repugnância e a angústia ligadas à própria sexualidade, à própria pulsão, a algo intrínseco a ela. O inimigo é interno, é a própria pulsão sexual que

⁸² K. Abraham publicou *Traum und Mythos: eine Studie zur Völkerpsychologie* em 1909, dentro da coleção “Schriften zur angewandten Seelenkunde” dirigida por Freud. Cf. Abraham, 1977 – apud GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981

traz em si a fonte da angústia; a febre amorosa, a paixão, naquilo que o instante supremo do gozo sexual traz de contato com a evanescência, com a finitude da qual o eu quer se proteger, se esconder e não consegue, angustiando-se quando está diante da potência da sexualidade. É a própria pulsão que aparece como traumática e há aqui a formulação do desamparo pulsional.

Passemos agora à parte I do texto (§4), aquela consagrada aos dados biológicos. É uma parte pequena, mas fundamental. Como dissemos acima, Freud havia expressado a Jung o desejo de que ela não constasse do texto. O que não deixa de ser uma ironia do destino, já que ele mesmo lançará mão, mesmo que a contragosto, da biologia, para enunciar a sua pulsão de morte.

Spielrein usa a biologia afirmativamente. Ela expõe constatações. Mas, para ela, o que interessa é pensar que o psiquismo não pode ficar livre dos efeitos daquilo que acontece com o organismo biológico. Vejamos:

a) É necessária a destruição individual das células sexuais masculinas e femininas para que uma nova vida possa emergir. Há, portanto, uma intenção criativa na destruição.

b) Ela exemplifica isso, assim como Freud o faz na parte V do *Mais além do princípio do prazer*, com formas simples, ditas inferiores, de vida, os efêmeros. Diz que aí pode existir um desejo de desaparecimento para que a nova vida possa ser criada, mesmo que seja a desaparecimento o que mais horroriza o indivíduo. Aqui, parece que não é o efêmero, organismo simples que deseja psicologicamente e se horroriza com a possibilidade da morte, mas já é o indício de que, para ela, o ciclo vida-reprodução-morte, se bem que de natureza biológica, tem repercussões psíquicas. Para criar o novo, há que destruir o antigo e quando o antigo é o próprio organismo criador, horroriza, mas é desejado. Há conflito.

c) Ela passa a falar então dos organismos superiores, quase uma metáfora aqui para se aproximar da realidade humana. A cria contém o progenitor e depende dele para sobreviver e se desenvolver, ao mesmo tempo em que essa criação influencia a vida do genitor. A frase “a fecundação destrói os elementos essenciais do indivíduo”, já indica o que surgirá na parte psicológica. Não há um in-divíduo, a pulsão sexual destrói a ilusão de um in-divíduo.

d) Passa a falar então da união sexual em termos corporais e da produção de secreções. Descreve a penetração como o rompimento deste in-divíduo. A troca que ocorre, o efeito de “estranheza” da penetração por outro corpo, que então afeta o corpo penetrado, a indistinção sexual que se segue. No ato sexual ocorre uma reviravolta corporal e nele se precipitam os processos de destruição e reconstrução que se realizam sem cessar, mas não ficam em evidência, a não ser nesse momento. Spielrein equipara a descarga das secreções sexuais com a descarga dos excrementos. Aqui não podemos deixar de lembrar Freud, ao descrever os organismos inferiores em *Mais além do princípio do prazer*. Nesse texto, ele afirma que o organismo celular, deixado a si mesmo, sucumbe pelo efeito nocivo de seus próprios excrementos no seu ambiente. Mas a troca sexual com outro organismo rejuvenesce, pois há troca de substâncias e energias.

e) Ela fala então do mais fundamental, antes de lançar sua hipótese conclusiva: É improvável que esses processos fiquem sem efeitos no psiquismo do indivíduo, ou seja, daquele que se crê único, não dividido. O efeito desperta sentimentos particulares. Se a pulsão sexual ou de procriação inspira sentimentos de felicidade, pois leva ao devir, ao que se transformará em outro, à transformação, reviravolta corporal, psíquica e eventualmente à própria procriação, ao mesmo tempo traz angústia e repulsa, que se devem ao componente destrutivo da própria sexualidade. Ela destrói o sentir-se único, o in-divíduo, vivo e estático

no seu viver para sempre, que se mostra, aos poucos, no texto, como uma construção necessária, mas ilusória. A pulsão sexual traz transformação corporal, descarga sexual saída de si mesmo e isso não fica intacto para o psiquismo. Produz conflito, que produz efeitos desprazerosos pelo seu componente destrutivo. Aqui é formulada uma hipótese completa sobre o papel traumático da pulsão em relação ao psiquismo.

São esses efeitos sobre o psiquismo que ela aborda na segunda parte de seu texto, cujo título é “*Considerações sobre a psicologia individual*”.

Spielrein (§5) mergulha aqui inteiramente no psiquismo e na concepção de temporalidade psíquica. A percepção se liga à memória inconsciente e, através desta, ao passado. A percepção do instante presente é, do ponto de vista afetivo, ligada ao passado. Não existe, do ponto de vista psíquico, percepção pura do presente sem ligação com a memória inconsciente do passado. Como apontado acima, foi isso que Freud afirmou sobre a teoria psicanalítica em *Mal estar na civilização*.

O exemplo que ela dá no mesmo parágrafo, da garota que tem prazer em ler histórias de bruxas, não é inocente. Não se trata apenas da identificação com a mãe, mas da identificação com a vida da mãe. A metáfora bruxa = mãe não decorre do desejo de viver sua vida de maneira semelhante à da mãe, ou da forma como a mãe viveu a sua própria vida, mas sim, do desejo de viver a vida da mãe. O que deixa implícito o desejo inconsciente de destruir sua própria vida para viver a da mãe. É por isso que a mãe se torna o equivalente da bruxa, uma figura aterrorizadora.

Na continuação do parágrafo 5-a, já começa a se manifestar todo o interesse posterior de Sabina Spielrein pelas relações entre psicanálise e linguagem. Ela coloca a relação da linguagem consciente com a inconsciente. Somos movidos pelo inconsciente, por algum acontecimento original desconhecido por nós. O presente é resultado da projeção

afetiva do passado, ainda que o desconheçamos. Há uma homologia entre passado e presente, entre pensamento consciente e inconsciente.

Ao evocar o pensamento e os exemplos de Silberer⁸³ (continuação do § 5-b e 6), Sabina Spielrein remonta a toda a transformação do pensamento consciente em imagens pela sua ligação com o inconsciente por meio do pré-consciente, tal como foi exposto por Freud na *Interpretação dos Sonhos* [FREUD,1973], onde inclusive ele usou os estados de fadiga de Silberer como material para reflexão. Só que o inconsciente já começa a ser outra coisa: não só o lugar da memória do passado individual recalçada, mas também **acontecimentos sobrevivendo ao curso de numerosas gerações passadas.**

Sabina Spielrein (§7) formula uma equação $\text{Mar} = \text{mãe} = \text{estado de indiferenciação} = \text{não criação} = \text{qualquer Coisa imutável} = \text{inconsciente}$. A autora, que tem conhecimentos de filosofia, usa o conceito de coisa de maneira semelhante ao sentido kantiano, de essência, de imutável, daquilo a que o entendimento não tem acesso direto, que não se transforma em representações diretamente. Fora do Tempo, fora do Espaço, sem princípio de contradição, só de identidade.

⁸³ Herbert Silberer (1882-1923), membro da Sociedade Psicanalítica de Viena desde 1910, é considerado fundador da aeronáutica austro-húngara e um grande esportista. Enquanto seguia a carreira de jornalista, voltou-se, como autodidata, para a psicologia, filosofia e, enfim, a psicanálise. Interessou-se inicialmente pelo simbolismo do sonho, e depois pela magia e alquimia. Foi marcado pela solidão, depressão e tendências ao suicídio. Era apaixonado pela busca de uma outra vida e um além da consciência e procurou, na juventude, na nova doutrina freudiana uma explicação para seus próprios problemas. Assim, fez pesquisas consigo mesmo sobre os estados transitórios entre a vigília e o sono. Seu primeiro artigo, *Relatório sobre um método para provocar e observar certos fenômenos alucinatórios simbólicos*, foi publicado por Freud, em 1909, no *Jahrbuch*. Segundo ele, o texto de Silberer complementava sua teoria do sonho. Posteriormente, Silberer escreveu 50 artigos. Freud desconfiava dele, chamando-o em uma carta a Jung de degenerado, apesar de valorizar sua produção sobre sonhos. Jung cita-o freqüentemente na correspondência de 1917-8 com Spielrein, ao discursar a respeito não apenas do sonho, mas da magia, da alquimia e do misticismo. Ele teve excelentes relações com Stekel, mesmo após sua partida da sociedade de Viena devido a conflitos com Freud. Suicidou-se em 1923. Em 1976, Paul Roazen, em sua obra sobre os discípulos de Freud, comparou seu destino ao de Tausk e quis responsabilizar Freud por esse suicídio, enquanto Stekel, no necrológio que dedicou ao amigo, evitou fazê-lo. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.712 e cartas de Jung a Spielrein de 1917-8, in COVINGTON; WHARTON, 2003, p.33-62)

Os exemplos (continuação do §7) vão se encaminhando para a conclusão final em torno da significação da mãe primordial, esteio da vida dos inícios, cuja existência é indispensável para a nova existência. A mãe primordial, apresentada nas imagens do mar ou da terra, é A Coisa (Das Ding). As representações psíquicas são conquistadas por diferenciação dessa mãe primordial, o inconsciente e, tendem a retornar a ela. A sensibilidade clínica de Sabina Spielrein, que lhe permite entender a linguagem fragmentada de seus pacientes esquizofrênicos e histéricos, adultos e crianças, em Burghölzli, onde é médica psiquiátrica, assistente do Prof. Bleuler e do Prof. Jung, recolhe os exemplos de seus pacientes, mostrando a tendência de retorno a esse indiferenciado. Essa noção da tendência ao retorno parece fazer ressonância com o conceito freudiano de compulsão à repetição. “Cada partícula de nosso ser tende a retornar a sua origem” (§7). Mas o resultado desta tendência é uma nova diferenciação: “processo a partir do qual nasce um novo devir” (§7). A tendência de retorno ao originário, à mãe, produz diferenciação, tem uma função criativa.

Spielrein (§8) apresenta, então, a concepção freudiana da primeira teoria pulsional, numa espécie de resumo dos Três ensaios para uma teoria sexual. No entanto, no final, embora possamos ler uma espécie de retomada da teoria do apoio em Freud, sua colocação também pode ser compreendida como transformação da pulsão de auto-conservação e da pulsão de conservação da espécie, a própria dualidade pulsional da época, em uma única pulsão. Aquilo que Freud formularia posteriormente como Eros, ou pulsão de vida, a partir de 1920 (FREUD, 1973n). Esse trecho indica uma das razões pela qual ela foi classificada como monista por seus críticos na psicanálise.

Ela diz (continuação do §8-a) que Freud parece ter razão ao fazer do princípio do prazer e da repressão do desprazer o fundamento de toda produção psíquica, que o prazer

remonta às fontes infantis e que isso ajuda a determinar a causa motriz do eu consciente e inconsciente. Ora, Freud falaria em eu inconsciente apenas no texto O eu e o isso, de 1923, no qual trata da porção inconsciente do eu que se encarrega das defesas inconscientes, no qual inconsciente passar a ser uma qualidade e não um lugar tópico. O Eu, que era, no início, concebido como um conglomerado de neurônios (Projeto para uma psicologia para neurólogos) é, nessa época, 1910, concebido como um mero representante das pulsões de autoconservação, não teorizado (primeira teoria pulsional), sendo que começa a ser teorizado quanto à sua constituição no texto Contribuições ao estudo das perturbações da visão (FREUD, 1973 v) e no caso Schreber (FREUD, 1973x).

Spielrein (continuação do §8-b) formula aqui sua questão principal que é similar à questão de Freud de 1920, formulada em Mais além do princípio do prazer! Existiriam forças pulsionais que moveriam nosso psiquismo independentemente do princípio do prazer que busca o prazer e evita o desprazer? Prazer e desprazer sentidos pelo Eu? As pulsões de conservação fundamentais clássicas, a pulsão de autoconservação e a pulsão de conservação da espécie desempenham o mesmo papel para o conjunto da vida psíquica e para a única vida do Eu, quer dizer são elas absolutamente a origem de todo o prazer e de todo o desprazer?

“Minha convicção é de que a psique do Eu, compreendida inconscientemente, se encontra submetida aos movimentos em que a causa é bem mais profunda e que se inquietam tão pouco do mundo como da maneira com que reagimos às suas injunções” (continuação do §8-c). Aqui começa a contribuição singular de Sabina Spielrein. Em termos de convicção, que é como ela inaugura a frase que começa a dar respostas às suas questões. Veremos que são contribuições que trazem os temas que Freud desenvolveria, sobretudo, nas décadas de 1920 e 1930. Mesmo a sua formulação, enigmática à primeira

vista, da existência dos dois Eus, consciente e inconsciente, impensável naquele momento da obra de Freud, está totalmente relacionada aos textos dessa fase intermediária da teoria das pulsões de Freud, como Introdução ao narcisismo e Sinistro (FREUD, 1973g), nos quais começa a se delinear, pela questão do duplo, essa dobra inconsciente do eu, lugar da crença na imortalidade.

Só há verdadeiramente prazer do Eu em obedecer estas injunções profundas e é assim que nós podemos obter prazer imediatamente a uma desgraça ou sofrimento que, neles mesmos, só comportam um violento desprazer; todo o sofrimento é, com efeito, um atentado feito ao indivíduo, e o papel da pulsão de auto-conservação é justamente o de proteger o indivíduo contra tais atentados. Assim, há qualquer coisa no fundo do indivíduo que, por mais paradoxal que possa parecer numa primeira abordagem, lhe impulsiona a fazer dano em si mesmo, que o faz aí ter prazer. Um tal desejo de sofrimento e de dor resta rigorosamente incompreensível ao considerar-se que o Eu só persegue, com efeito, seu prazer. (§8-c)

Spielrein formula aqui o sofrimento masoquista, embora ele só seja nomeado como tal no final de seu escrito. Formula o fundo de toda vida pulsional de maneira semelhante à concepção freudiana do masoquismo originário, no texto O problema econômico do masoquismo, de 1924.

Convém-me admitir que a característica principal do indivíduo é o fato de ele ser um “dividido”. Quanto mais nos dirigimos ao pensamento consciente, mais nossas representações são diferenciadas e, inversamente, quanto mais chafurdamos no inconsciente, mais as nossas representações se fazem gerais, típicas. O mais profundo de nossa psique não conhece mais o “Eu”, só conhece a somação, o “Nós”, ou o Eu atual se torna, considerado como um objeto, subordinado a outros objetos semelhantes. (SPIELREIN, Anexo, §9)

Há aí toda uma reflexão sobre a formação do eu, sobre o mecanismo da cisão do eu

como causador da esquizofrenia e sobre a natureza dividida do eu, que consoa com a formulação de Freud sobre a cisão do eu como mecanismo de defesa, no final de sua vida, embora esta já estivesse presente nas suas reflexões encontradas nos anos 1980 no *Manuscrito perdido sobre neuroses de transferência*, de 1917.

Ao formular uma diferenciação entre “Eu” e “Nós” ela tenta resolver o problema do eu colocado no parágrafo anterior. Como o eu pode ter prazer em obedecer às injunções mais profundas que trazem violento desprazer, se isso é um atentado feito ao indivíduo e o papel da pulsão de autoconservação, zelada pelo eu, é proteger o indivíduo desses atentados? Como pensar num eu que persegue o seu prazer e sua autoconservação e um mesmo eu que tem prazer em causar dano a si mesmo? É por isso que ela pensa o eu enquanto eu consciente e eu inconsciente. O primeiro ligado à pulsão de autoconservação, e o segundo ligado às injunções mais profundas, ao mais além do princípio do prazer. O primeiro ligado à maneira como reagimos às injunções do mundo, e o segundo ligado às injunções mais profundas, que contradizem a pulsão de autoconservação.

Começa então, por meio da citação a Mach e a Jung (continuação do § 8-d) , uma operação de desmontagem do eu enquanto unidade. Inconsistente, constelação efêmera de sensações elementares que são eternas, multiplicidade de unidades singulares, isso tudo é o eu. Para Jung, nós não possuímos um Eu feito de um só bloco, mas diversos complexos que disputam constantemente a vantagem. Na esquizofrenia, esses blocos manifestam-se isoladamente, cada um querendo ter vida própria.

Agora, então, Spielrein pode justificar sua divisão do eu em inconsciente e consciente, afirmando que o indivíduo é dividido. Portanto, a indivisão, aquilo que aparece como indivíduo, é o eu consciente, com suas representações diferenciadas. Quanto mais atingimos as profundezas da psique, mais as representações se indiferenciam, se fazem

gerais, típicas, aquilo que ela havia chamado anteriormente de “acontecimentos sobrevividos ao curso de numerosas gerações passadas”. O mais profundo de nossa psique não conhece mais o “Eu”, só conhece a somação, o “Nós”, ou o Eu atual se torna, se considerado como um objeto, subordinado a outros objetos semelhantes. Esse “Nós” indiferenciado são sensações efêmeras, acontecimentos advindos de outras gerações, possuidor de representações gerais e típicas.

Aprofundemos a análise do que Spielrein produziu até aqui, neste trecho sobre psicologia individual, que é o núcleo mesmo do ensaio.

Na análise dos exemplos dos quais parte, ela traz o problema da identificação com a mãe em termos psíquicos novos. Não se trata da identificação histórica, já tratada por Freud, segundo a qual, alguém se identificaria com um traço da mãe, ou se sentiria como se fosse a mãe, desejando ter uma vida semelhante à dela, a mãe, aqui, como um ideal. No texto em questão, a identificação é maciça. Quer-se ter a vida da mãe. Ser a mãe. No caso da paciente esquizofrênica, manter uma relação sexual com a mãe (a terra perpassada). É a destruição inerente a esse movimento que não cabe no princípio do prazer, já que implica a anulação da própria vida e da vida da mãe, objeto desejado, enquanto alguém separado. É tão grande o prazer provocado pela presença da mãe, que se deseja ser a mãe, anulando-a enquanto objeto. Essa mãe original é um magma pulsional compartilhado, indiferenciado, solo de todas as diferenciações, espécie de ímã atrator do movimento criativo de diferenciação – indiferenciação – nova diferenciação. É a Coisa. Esse termo aparece como um conceito no texto dela, não remetido a nenhum outro autor. Esse movimento é violentamente desprazeroso para o Eu consciente que quer se diferenciar e manter-se na diferenciação, na ilusão de unidade. Ele não quer saber do devir, apenas quer responder às injunções do mundo de maneira também repetitiva. A Coisa ou “Nós”, nosso ser é o solo

das novas diferenciações que rompem a inércia do eu, que destroem momentaneamente o eu diferenciado, como ela mostra mais tarde no texto.⁸⁴

Há um trecho da história afetiva de Sabina Spielrein que não é levado em consideração por nenhum de seus biógrafos e sequer pelos relatos clínicos de seu analista Jung. Parece-me, porém, importante considerá-lo aqui, pois ele exemplifica de maneira contundente as suas idéias.

Toda sua sintomatologia infantil e adolescente é atribuída às suas fantasias eróticas com um pai violento e deprimido, expressa por sua fixação na mão dele. A mãe é considerada histérica com traços infantis. Mas pelo seu diário entramos em contato com um material que mostra bem a intensa ligação da mãe com ela. Trata-se do compartilhamento com sua mãe do amor de um mesmo homem, por duas vezes: um professor de Sabina e seu tio Adolfo, irmão de seu pai. Duplo contexto incestuoso. Fantasia incestuosa do primeiro tipo, no caso do tio Adolfo, e fantasia incestuosa do segundo tipo, no caso de Sabina e sua mãe, que compartilham platonicamente o amor pelos dois homens.

Esse fato aparece em seu diário em dois dias, 18 e 19 de outubro de 1910, nos quais, a partir de um sonho que ela chama de seu “sonho Siegfried”, ela escreve copiosamente sobre a história de sua família e a sua própria, imediatamente antes de ter uma “recaída” e encontrar Jung mais uma vez amorosamente, sobre a qual escreve que se amaram loucamente. Ela censura-se por escrever seu diário ao invés de estar escrevendo seu

⁸⁴ Pontalis (1991) nos fala do “que há de mais fundamental na experiência do negativo, ali onde o sujeito só se sente existir numa relação secreta, apaixonada, com o objeto primário amado-odiado, amado e odiado de maneira igualmente desmedida. Esse objeto, esse lugar de atração e repulsa inextrincavelmente unidas, para dar-lhe um nome, nós o chamamos ‘mãe arcaica’ e é fato que ele certamente tem a ver com a mãe, porém, menos com a sua figura real ou imaginária do que com seu desconhecido, seu desconhecido íntimo, que não é seu desejo, mas aquilo que a ocupa por dentro e que fica eternamente fora de qualquer alcance; é o inacessível, o inconquistável, mais do que o perdido, ao qual não há como renunciar. Seria o mesmo que aceitar ser despojado de si. Como compreender que, para alguns, abandonar sua dor não seja viver, mas morrer? Saberemos ainda pensar o mal? Fazer uma idéia do que vem a ser a possessão?”

trabalho sobre “a pulsão de morte”. Pergunta-se porque é tão forte nela a necessidade de acreditar num destino melhor. “Em parte poderia ser a herança do pai⁸⁵, mas nós sabemos – pelo menos aqueles que estão de acordo sobre o papel do pai no destino de cada homem – que o pai deve encontrar uma analogia na mãe que o escolheu. E assim foi”.(CAROTENUTO, 1984, p.209)

Sabina se descreverá como terceira em relação a três casais imaginários, que formou em seu psiquismo. O primeiro, seus pais, seguido de duas amigas, o segundo, seu professor e seu tio Adolfo e o terceiro, Jung e Freud. O primeiro casal de que fala Sabina é aquele formado por seu pai e sua mãe.

O meu bisavô e o meu avô eram ambos rabinos e, portanto, escolhidos previamente por Deus. Conheci meu bisavô quando criança – tinha três ou quatro anos – e dele recordo apenas que era um homem alto, gentil, vestido de preto. Muito mais tarde ouvi contar sobre ele: era o rabino veneradíssimo de Ekaterinoslow. Na nossa cidade, foi levado em procissão pelo povo. Dele, contaram-se muitos casos de clarividência, e permaneceu em mim, particularmente marcada, a sua morte. Tinha previsto a hora exata de seu falecimento. Para ele, morrer era pedir licença e voltar a Deus, que o havia chamado. Meu avô ainda está vivo; tornou-se um pouco infantil, mas ainda é sempre alegre e generoso. Amou as pessoas e sua casa estava sempre aberta para todos. Naquela casa, viviam sempre parentes e podiam pegar sempre todo dinheiro que queriam. Não lhe ficou nada para deixar em dote para a sua filha, mas isso não o entristecia: acreditava firmemente que Deus não permitiria que a sua filha ficasse pobre, e teve razão. Fez também muito pelos estranhos (...) É significativo que o meu pai fale do meu avô com muita estima, o que não faz jamais em relação aos outros; admira sua inteligência e seu grande amor. (CAROTENUTO, 1984, p.209-210)

Ela passa então a contar uma desilusão amorosa de seu avô: amava a filha de um

⁸⁵ O editor italiano Aldo Carotenuto (1984) escreve em uma nota que Sabina refere-se ao artigo de Jung *A importância do pai no destino do indivíduo*, publicado no *Jarbuch*, I, [ano?] pp. 155-173. O artigo teve várias edições e foi revisto em 1949.

médico cristão que foi vetada como esposa por seu bisavô. Casou-se, então com uma moça escolhida por este. A mãe era a mais inteligente dos quatro filhos. Todos os filhos eram dotados para a música como o avô, e talvez a avó.

Evidentemente, no inconsciente, o avô continuava a viver a imagem do seu primeiro amor, já que o estudo da doutrina cristã foi para ele a coisa mais importante. Sua filha devia estudar, sempre estudar, e não lhe era permitido ajudar em casa. Apesar de todas as ameaças que o atingiram pelo fato de ser rabino, mandou sua filha para a escola cristã e lhe permitiu também ir para a Universidade. Minha mãe aprendia tudo com facilidade e com entusiasmo, e era o orgulho do pai. E como se manifesta o complexo na mamãe? O seu primeiro amor – com o qual ficou noiva – era médico e, como já disse antes [no escrito de alguns dias antes ela havia contado a história do casamento de seus pais], os dois tiveram que se separar. Também as características do primeiro amor de minha mãe eram a inteligência e a profissão de médico. Este não era muito devoto, mas para o avô não era mais o descrente que minha mãe teria de buscar para se manter na analogia. Mamãe tinha muito medo de amar ou ser amada por um cristão. Que aconteceu? Quem naquele momento estava morrendo de amor por ela era um cristão, uma personagem estimada em Petersburgo; ela lhe disse que jamais se casaria com um cristão, pois seus pais ficariam arruinados por isso. No dia seguinte, ele se matou com um tiro. Durante muito tempo, meu pai não quis aceitar minha mãe. Foi o avô quem cuidou de uni-los... Portanto, como já disse, minha mãe não encontrou satisfação no amor com o homem. Estamos então, na terceira geração. A mais velha sou eu. Creio que ninguém teve uma alegria maior do que a do avô quando pôde bendizer a minha escolha de me tornar médica. Até os treze anos, fui muito religiosa; apesar de muitas contradições e das ironias de meu pai, não ousava abandonar o pensamento de Deus. A separação de Deus me era muito difícil e, quando tive de abandonar essa idéia, surgiu um vazio. Conservei, porém, o “espírito protetor”. Quando, na minha solidão sonhava com uma amiga, representava-a sempre como uma moça judia que era a primeira da classe, depois de mim. E, de fato tal moça apareceu. (CAROTENUTO, 1984, p. 210-211)

Ela passa então a falar da relação com essa amiga e com uma outra, cristã, suas melhores amigas, e do destino destas. Expõe, inclusive, o apego, por meio dos afetos e

gestos homossexuais entre as duas, dos quais ela não participava. Descreve então o segundo casal. Ela o chama de primeiro casal masculino. O professor e o tio. Portanto, o casal formado por ela e sua amiga é uma espécie de primeira paixão colada no casal parental. Ela apaixonou-se, então, pelo professor de história, por uma típica admiração ao mestre culto, na quinta série ginasial. O professor via nela uma inteligência extraordinária.

Nossa amizade começou assim: fui até ele, acompanhada pelo meu irmão, para lhe pedir conselhos sobre as minhas leituras futuras. Não estava em casa; porém, mais tarde, ele veio à minha casa. A felicidade que senti pela sua presença e a estima que tinha por ele não me deixaram encontrar as palavras. Também ele estava um tanto embaraçado. (CAROTENUTO, 1984, p.213)

Fala da timidez dos dois e do desejo de ambos de encontrarem um amigo a quem falar livremente.

Tinha medo de ficar só numa sala com um homem, sem minha mãe; mas, por outro lado, queria tomar aulas particulares com ele, não apenas pelo meu interesse na ciência, mas também para lhe falar livremente. Mas nada aconteceu, pois meu amor esfriou cedo. Talvez tenha contribuído para isso o fato de que, em muitos aspectos, estava de acordo com a psicologia de meus pais e, portanto, desapareceu aquela atmosfera luminosa de novidade que, num primeiro momento, ele tinha trazido à minha vida. Em grande parte, talvez também tenha sido culpa de sua falta de jeito; no final, tornou-se também aborrecido: discutia a noite inteira sobre um assunto banal. Depois da minha partida, sua necessidade de fazer confidências encontrou um escoadouro em minha mãe. Gostava também dela e, quando minha mãe partiu para Paris, jogou-se da janela e matou-se. Manifestou nele uma *Dementiae Praecox*. (CAROTENUTO, 1984, p.213)

Agora o segundo casal. O rival do professor, para ela e a mãe, era o tio Adolf, uma perfeita imagem paterna, como ela descrevera alguns dias antes, em seu diário.

Não era inteligente como o professor, mas tinha o caráter nobre de meu pai e um indiscutível senso artístico. Já disse como acabou: também meu tio se apaixonou pela minha mãe. É interessante que me deleitasse com ambos ao mesmo tempo, a tal ponto que minha mãe me perguntou: “Mas a quem amas, ao professor ou ao tio?” Não me lembro mais do que respondi, mas creio que lhe disse: “ao professor”. Em seguida, quando fui para Varsóvia, meu tio teve o predomínio, para depois ser substituído pelo meu atual amigo [Jung], que permanece ainda no mais profundo do meu coração. Meu tio, como disse, era casado e tinha duas filhas. O professor, ao contrário, era solteiro. Os dois jamais tiveram contato entre si, mas tiveram um ponto em comum no seu destino: ambos amaram minha mãe. (CAROTENUTO, 1984, p.213-214)

Por fim, o terceiro casal.

É o casal masculino atual. Há o cristão, o meu amigo; é médico, casado. Um sentimento profundamente religioso e um sentido do destino certamente não lhe fazem falta, dado que seu pai era um pastor! No tempo em que começou nosso idílio, ele tinha duas filhas e, dentro de si, o filho em potência, o que meu inconsciente conseguiu descobrir, há muito tempo, nos sonhos premonitórios. Disse-me que amava as mulheres judias, e que desejaria amar uma moça judia, de cabelos negros. Portanto, também nele há a tendência a perseverar na sua religião e na sua cultura, e, ao mesmo tempo, o impulso a explorar uma raça diversa, o impulso de liberar-se do jugo paterno através de uma judia descrente. O seu amigo é o prof Freud, judeu, velho pai de família. Não sei se é realidade ou fantasia que o prof. Freud tem seis filhos. Também aqui, o cristão é “filho” do judeu, este último é mais velho e mais independente. Mas o meu amigo é ao mesmo tempo meu filho; por isso, volens-nolens, sou casada com o prof. Freud. Eu não amo Freud porque ele me roubou a coisa mais bela, o meu amigo, o qual talvez venha a se apaixonar pela filha de Freud. Mas por que estou tão ligada nisso? O que tiver que ser será. Só é estranho que eu não tenha nenhum sentimento de amizade pela Senhorita Freud. Ela tem uma vantagem que eu não tenho, a de ser filha de um pai famoso. Devo contar só com as minhas forças; portanto, tudo me é mais difícil, mas quero crer firmemente que me espera um grande destino. Tenho em mim muito ardor e muito amor. Sinto-o de modo firme e incontrolável, Siegfried vive, vive, vive! (CAROTENUTO, 1984, p.217)

Ao final, ela elabora seu afastamento amoroso de Jung, coisa que vai acontecendo ao longo da escritura de seu Siegfried, *A destruição como causa do devir*, embora com recaídas apaixonadas de ambos.

(...) quanto é belo o amor quando deixamos fluir totalmente os sentimentos, quando podemos ter um homem todo para nós, pelo menos por um certo tempo, quando podemos ter certeza de que aquele amor e aquela felicidade não causam dor a ninguém, como por exemplo, acontecia no meu caso. Não, melhor deixar de lado os homens casados! [o pai, o tio, Jung e Freud, na fantasia]. Se fosse possível ter um homem com quem iniciar uma vida tranqüila! A esse homem eu daria o melhor de mim mesma. Poder caminhar com ele em meio à natureza e passar as longas noites de inverno em um quarto quente e confortável. À noite, gostaria de ficar sentada no divã fazendo tricô, enquanto ele lia o seu trabalho. Assim poderíamos nos sentir juntos buscando cultivar em nós coisas mais elevadas e sublimes. De vez em quando, eu faria uma surpresa ao meu amado, com um pequeno trabalho todo meu, que ele trataria como se fosse filho. E aquele homem estimadíssimo e amadíssimo se tornaria o pai de meu Siegfried. Esse herói corajoso me libertará de todos os conflitos que, no momento, me dilaceram e poderá me dizer: “Lutei por ti contra ondas; com os remos levantados volto como vencedor. Tu és meu prêmio” (versos tirados da poesia que compus quando se iniciou o idílio com meu amigo). Quem sabe se depois amarei o meu salvador? E o meu amigo? Será para mim sempre querido, muito querido, como um pai. Apresentar-lhe-ei como um velho amigo a meu marido, e dar-lhe-ei um beijo em sua presença. Meu marido terá tanto orgulho de mim, e será tão seguro de seu poder sobre mim, que fará o mesmo em frente a meu amigo; então, saberei ser-lhe grata! Pode estar seguro da sua vitória. Mas se viesse a ter ciúme, como um homem qualquer. Então eu ironizaria para sempre essa sua fraqueza! Mas não! Será superior a essas coisas; e o meu amigo será padrinho do meu primeiro filho. A madrinha, ao contrário, será escolhida pelo meu marido. Estas eram as minhas fantasias mais caras. Mas um demônio maligno se insinua e sussurra: se tudo isso fosse apenas um sonho e tu permanecesses tia? Enfureci-me e fiz o solene juramento de que, nesse caso, renunciaria livremente à minha mísera existência, iria até meu amigo que me inspirou o ideal de Sigfried, e me envenenaria com Ken⁸⁶ em sua presença...jurei e fui tomada por um grande medo. Apossou-se de mim a idéia de envenenar-me logo, para prevenir a provável e possível desilusão. Esse pensamento

⁸⁶ Provavelmente um remédio da época.

tornou-se sempre mais insistente e tive um grande medo de mim mesma. Parecia-me lutar contra demônios maus, colocados no meu caminho pelo meu amigo; era como se lutasse contra ele. Seria uma luta dura, provavelmente impossível. Esse é um passo que somente poderei dar com o seu consentimento. Deve-me bendizer por fazê-lo.” (CAROTENUTO, 1984, p.218-219)

É no segundo casal que quero me deter, pois ele traz de maneira gritante a confusão entre Sabina adolescente e sua mãe. Ela se apaixona pelos homens que acabam amando sua mãe, a qual, em parte, ao menos no caso do tio, corresponde a esses amores. Os amores da mãe costumam acabar tragicamente. Que poderosa era sua mãe como mulher! Sabina não quis voltar a morar na Rússia, como era o desejo veemente de seu pai, desde os dezoito anos, dizendo mesmo que escrevia em alemão para marcar isso. Não volta a morar lá até a morte de sua mãe, durante a Primeira Guerra. Seu pai a sufocava, segundo ela, mas também a tranqüilizava quando queria usar a razão. Quando internada em Burghölzli, Jung e Bleuler não permitiram que ela voltasse para a Rússia para visitar seus pais porque só de receber suas cartas ela se agitava demasiadamente. Ela mesma decidiu ficar sozinha, na Europa, longe dos pais, para manter sua liberdade e autonomia.

Françoise Hérítier (1994), em *Les deux soeurs e leur mère*, traz um remanejamento da teoria sobre o tabu do incesto que nos permite entender essa situação e, ao mesmo tempo, valorizar a incrível novidade que Sabina Spielrein introduz ao falar da Mãe Originária como a Coisa, a partir desse desdobramento, também original, de Hérítier, da teoria do incesto estrutural de Lévy-Strauss (LÉVI-STRAUSS, 1982). Dá ao corpo, aos seus humores, um lugar central no estudo da representação simbólica, a partir do estudo de temas arcaicos inscritos no corpo e na diferença dos sexos. No seu livro, ela postula que a concepção do tabu do incesto, que estaria na base do nascimento da cultura enquanto

economia de troca de bens e de mulheres, explicita apenas uma das possibilidades da existência do tabu, a que diz respeito às razões masculinas. A interdição do incesto tem um sentido diferente para a menina e para a mulher. É a interdição do incesto entre mãe e filha, que ela nomeia de incesto do segundo tipo, que está na base de todas as outras proibições incestuosas, já que seu fantasma é o motor maior de nosso imaginário social. A forma fundadora do incesto é aquela da relação mãe - filha porque, além da identidade de gênero, há o fato físico da reprodução da mesma forma na mesma matriz. A matriz e o que dela sai são idênticos, o mesmo se passando com a identidade de duas irmãs, como o princípio das bonecas russas⁸⁷. Uma observação fundamental do funcionamento do reino animal é a consciência do fato de que o contato íntimo dos corpos é necessário para procriar, que a relação sexual é indispensável para engendrar, que os homens não nascem por partenogênese ou clonagem. A essa consciência primordial se junta a idéia de que o contato íntimo dos corpos realiza a circulação, a troca de substâncias humorais de um com o outro. É evidente no caso da ejaculação masculina; mas a maior parte das sociedades considera

⁸⁷ "Se há a fusão e o amor materno tomados no sentido que unem a mãe à filha e não a filha à mãe, elas podem tomar o aspecto desaprovador da vida em duplo interposta e manipulada para este fim. (...) O espantoso é que o que a natureza estabelece, em seus mecanismos mais secretos e mais recentemente identificados com esta discriminação ideal da forma e da matéria, confundidos no sexo feminino: todos os fetos são, de saída, femininos e metade deles se sairão masculinos sob o efeito de um hormônio. Não que a natureza entranhe com ela o fantasma, mas os fantasmas só se criam a partir dos obstáculos do pensamento autônomos, massivos, impossíveis de deslocar ou de contornar que são a diferença de sexos, a reprodução sexuada e o conjunto gestação, gravidez e aleitamento." (p.351-353) "(...) o critério fundamental do incesto é colocar em contato humores idênticos. Coloca em jogo o que há de mais fundamental nas sociedades humanas, a maneira como elas constroem suas categorias do idêntico e do diferente. Esta oposição do idêntico e do diferente é primeira, porque ela está fundada na linguagem do parentesco, sobre aquilo que o corpo humano tem de mais irredutível: a diferença dos sexos. Tema arcaico, que subentende toda a produção intelectual, se encontra ele no coração de todo discurso científico e de todo o sistema popular de representações. Dele deriva a problemática do mesmo e do outro, do um e do múltiplo, do contínuo e do descontínuo. Quando o acúmulo de idêntico engendra maus efeitos ele será interdito e serão buscadas as justaposições ou combinações entre elementos classificados como de natureza diferente. O acúmulo de idêntico será ao contrário buscado nas sociedades ou nas situações particulares onde produzirá bons efeitos" (HÉRITIER, 1994, p.11-12).

que há também a ejaculação de um líquido feminino, de tal maneira que a cópula resulta numa mistura de fluidos. O discurso sobre os humores do corpo se inscreve sempre num conjunto de representações próprias a uma sociedade, que varia de uma sociedade a outra em função dos meios de observação que ela dispõe, mas que não cessa jamais de ser racional. É um conjunto ideológico de relações de sentido que sempre subentende as relações sociais. Uma relação se estabelece assim entre a lógica dos humores do corpo e aquela dos sistemas de aliança, mesmo que seja à revelia dos indivíduos.

Ela procura aquilo que define como *incesto de segundo tipo*, cujo fantasma é o motor maior de nosso imaginário social. Trata-se de um curto-circuito, porque duas pessoas consideradas idênticas – duas irmãs e sua mãe, dois irmãos e seu pai – entram em contato. Trata-se de uma contaminação ou contágio, porque os humores de um investem o outro. Trata-se de uma propagação, porque os humores são transferidos de um a outro por meio de um passador, uma terceira pessoa que sai sempre incólume⁸⁸.

Aos olhos de Hérítier, o incesto fundamental, tão fundamental que ele só pode ser dito de maneira aproximada, tanto nos textos como nos comportamentos, é o incesto mãe / filha.

Mesma substância, mesma forma, mesmo sexo, mesma carne, mesmo devir, descendentes uma das outras *ad infinitum*, mães e filhas vivem esta relação na convivência ou a rejeitam, o amor e o ódio, sempre dentro do estremecimento. A relação a mais normal do mundo é também aquela que pode revestir os aspectos mais ambíguos. Por exemplo, a mãe que usa a beleza da filha para viver

⁸⁸: “As relações fusionais, a identificação de uma mãe com sua filha, a confusão de sentimentos que tomam a forma de uma fusão mãe-filha é mais primária e específica que a fusão genérica mãe-criança.(...) Assim, o incesto fundamental, fundado na identidade de gênero no seio da consangüinidade é o incesto de segundo tipo e em todas as formas de base que o incesto pode tomar, a forma fundadora é aquela da relação mãe / filha porque além da identidade de gênero, há o fato físico da reprodução da mesma forma na mesma matriz. A matriz e o que dela sai são idênticos, o mesmo se passando com a identidade de duas irmãs. Se a identidade pai/filho e irmão/irmão passa pela identidade de gênero induzida pela força da substância espermática nutridora, ela é inferior à identidade perfeita entre mãe/filha pela razão já apontada.” (HÉRITIER, 1994, p.351-353).

a vida que ela não teve, a filha apresentando o quadro clínico das vítimas de incesto físico: dissociação, distância, destruição.” (HÉRITIER, 1994, p.351- 353)

No trecho seguinte do seu ensaio, (continuação do § 9), Sabina Spielrein trata do mecanismo de formação do sintoma alucinatório esquizofrênico por meio de um exemplo. Diante de uma vivência penosa, que produz dor, as partes do eu são projetadas em representações típicas indiferenciadas que, objetivadas, adquirem valor simbólico. O afeto se transforma em indiferença, num processo de desafetivação. Na melhor tradição psicanalítica de matizar as diferenças entre o normal e o patológico, diz que é o que acontece com as crianças diante da dor física, quando a projetam num animal ou com o adulto normal quando, para atenuar sua dor, transforma a sua infelicidade pessoal num fato objetivo que ocorre a toda espécie humana. É o eu consciente unificado que tem a capacidade de sentir dor diante de uma representação diferenciada, isolada, ligada à capacidade consciente do eu. Ela reflete então sobre o que é o símbolo: entre a representação penosa e a representação objetivada há uma mesma significação que circula do mais diferenciado ao mais geral, indiferenciado. Também no sonho a condensação das pessoas as considera não na sua individualidade diferenciada, mas em função da realização de desejo do sonhador. O outro só existe por aquilo que afeta o nosso psiquismo. O sonho e os fenômenos esquizofrênicos correspondem a um modo de pensamento arcaico.

Spielrein (§10) aproxima a histeria da esquizofrenia. Se na histeria há uma hipertrofia do eu, na esquizofrenia há a fragmentação do eu. Mas, em ambas, há uma hipersensibilidade e uma atividade simbólica rica, sendo ainda mais rica a da esquizofrenia. No entanto, o eu fragmentado restringe a atividade simbólica ao pensamento arcaico e

analógico.

“Freud sustenta que a *dementia praecox* recobre um fenômeno de retração da libido, depois de seu retorno, e enfim, do conflito entre investimento e retração da libido” (§10). Sabina Spielrein devia estar em permanente contato com a genial discussão entre Freud e Jung sobre a esquizofrenia. Pois onde Freud havia escrito isto, nessa data, a não ser na correspondência riquíssima que troca com Jung por volta dos anos 1908 (KATZ, 1994)?

“Minha opinião é, ao contrário, que se trata de um conflito entre as duas correntes opostas da psique do eu e da psique da espécie”(§10). Spielrein irá descrever detalhadamente, a seguir, a ação da cisão no caso da instalação do fenômeno psicótico. Ela o faz para justificar uma tomada de posição diferente da de Freud em relação ao que está em conflito na formação do sintoma esquizofrênico. O conflito entre eu e nós torna-se conflito entre psique do eu e psique da espécie. Como veremos, ela transita ao longo do texto entre o sonho, a demência precoce, a vida amorosa e a obra de arte, para demonstrar, em seus conceitos, que eles são variações das mesmas forças, um conflito entre essas duas correntes, a psique do eu e a psique da espécie. A psique do eu, regida pela pulsão de autoconservação e a psique da espécie, regida pela pulsão de conservação da espécie. Mas, como veremos, a pulsão de morte atua paradoxalmente nas duas psiques. Sua força de inércia atua tanto no endurecimento do eu, como na tendência à dissolução na espécie.

Sabina Spielrein (continuação do § 10) descreve o fenômeno esquizofrênico, como se dá a transformação de uma representação consciente, do eu, em outra típica, impessoal, desafetivada. No início, há a tentativa do eu de reagir, desligando o afeto da representação penosa e transferindo-o para outra, a ela associada secundariamente. Nesse início, o afeto é vivido como inadequado, como se a doença, nesse primeiro momento, fosse a vivência de um *script* que se desempenha sem que se esteja mais verdadeiramente ali. Então, num

segundo momento, o afeto se transforma em profunda angústia, de cunho depressivo, pois a singularidade foi anulada bem como a necessidade de integração no presente, já que não é mais possível uma relação pessoal com as coisas, essa uniformização do eu sendo o obstáculo. Finalmente, num terceiro momento, se os valores afetivos ainda não desapareceram, há a cisão entre o objeto exterior e o eu, que não mais se relacionam. É daí que emanam as sensações de fim de mundo, de estranheza do mundo, de sua transformação num teatro e, portanto, da despersonalização que provocam o sentimento de estrangereidade ou alheamento a si mesmo.

A despersonalização dá-se, portanto, por meio dos pensamentos que vêm das profundezas como um “nós”, como “eles”. De algo que não é mais o eu. A angústia persiste e o doente sente a ruína de seu eu que não consegue estabelecer uma relação individual com as coisas. A angústia se transforma em indiferença, e o eu, em simples objeto que não deseja e não significa mais nada. A partir daí, se estabelece uma relação inadequada com o mundo. Apesar de compreender o fenômeno psicótico, Sabina Spielrein indica a dúvida: se a psicanálise poderá, no futuro, ajudar o paciente esquizofrênico.

A vida psíquica não termina quando o princípio do prazer se debilita (§11). Se há diminuição da realização de desejos, colocada como tendência à diferenciação, há uma vida psíquica ainda no movimento de dissolução das representações individuais em representações arcaicas, típicas da espécie, que, se não têm mais um conteúdo afetivo individual, nos informam sobre o conteúdo dos movimentos pulsionais. O eu, que obedece ao princípio do prazer, opõe-se à psique da espécie, que busca a integração com a psique do eu. No entanto, esta resiste e se esforça para conservar sua forma atual. Spielrein vê nesse esforço a força da inércia.

“A psique da espécie, que assim se coloca como a negação do Eu atual, ao mesmo

tempo o regenera por esta negação mesma, porque a parcela do eu que foi absorvida, aparecerá sobre novas representações, mais ricamente adornada do que nunca” (continuação do §11). Eis a idéia da destruição como causa do devir, de um eu que se destrói, se deixa ser destruído para ressurgir modificado. Será que poderíamos pensar que ela tira uma positividade e uma riqueza da intensa angústia do mundo esquizofrênico? Dessa desapareição e reaparição do eu, enriquecido e modificado, já não mais preso à inércia de seus primórdios infantis, mas tendo que se recriar, renovar suas representações para voltar a significar o que foi absorvido da psique da espécie?

Tendo formulado suas idéias sobre o conflito “Eu X espécie” e o fenômeno da regressão, absorção ou indiferenciação do eu na psique da espécie e seu renascimento modificado por uma nova diferenciação, pelo sofrimento esquizofrênico, ela passa a mostrar o mesmo fenômeno na atividade sublimatória da arte.

Qual é o interjogo entre a participação da singularidade e a dissolução no caldo comum de humanidade na criação artística, como paradigma de toda criação (§12)? Sabina Spielrein procura ir além do psiquismo inconsciente individual. Na esquizofrenia, ela demonstrou que a dissolução do eu transforma as representações individuais em representações impessoais projetadas no fenômeno alucinatorio, num movimento que estanca o restabelecimento, a transformação e a renovação do eu. O eu desaparece, e a tentativa desesperada da alucinação apenas projeta os conteúdos afetivos em um material que não estabelece relação com o mundo, com o outro. Na criação artística, a regressão se dá de maneira semelhante, mas como há o desejo de transformação e não apenas de permanência do eu, os conteúdos das representações individuais se dissolvem num material similar, já não mais tomados de acontecimentos infantis e inconscientes, mas sim do inconsciente mais amplo que inclui a espécie. Transformam-se num desejo típico da

espécie e não mais num desejo inconsciente individual. Aparecem projetados no exterior sob a forma de uma obra de arte. Diferentemente da esquizofrenia, o eu desaparece e se dissolve na criação artística, e não num aniquilamento brutal. Ele busca um duplo, parente ou ancestral. Nesse movimento, o que é vivido como morte, só o é para o eu. O devir e a transformação são sentidos pelo eu individual como morte. O Eu que desaparece na criação artística reaparece como Outro. Eu é um Outro. Novo e mais belo, porém, não mais o mesmo. Esse outro foi criado às custas do primeiro. Se são o mesmo, do ponto de vista da espécie, como o são a semente e a árvore à qual ela dá origem, são diferentes do ponto de vista do indivíduo. Se se conota positivamente a desapareição do complexo do eu, a sensação é de continuidade. Mas se se conota negativamente, a sensação é de fim, de morte. Está tematizada aqui toda a questão da onipotência do eu, a inércia da formação egóica, que ela chama de complexo do Eu, e do que conhecemos freudianamente como narcisismo. No final desse parágrafo, ela já faz a transição para a outra criação, que não é a patológica nem a sublimatória, em que aparece o conflito entre o desejo de dissolução e o desejo de permanência do eu: a criação amorosa e erótica. O eu neurótico se angustia na relação sexual por aquilo que ele sente como perda de si, como morte parcial individual na ejaculação (§13 e 14).

Na criação artística, a relação com o outro, com o receptor da obra de arte, é possível e fundamental. Aqui, é esboçada por ela toda uma teoria da recepção da criação artística. Está em pauta a transformação das experiências primárias que querem atingir o outro. Essa transformação se dá por diferenciação do primário em representações. Essa diferenciação parte de um caldo comum cultural e se singulariza. Mas, ao chegar à psique do destinatário, do receptor, sofre uma nova transformação ao acrescentar sua própria elaboração àquilo que recebeu. Porém, essa elaboração consciente do receptor da obra de

arte também se liga ao originário (ao materno) dissolvendo-a em seus elementos constitutivos que pertencem a um caldo comum mitológico. Essa comunidade desse caldo cultural comum, então, permite a comunicação entre o produtor da representação artística e o seu receptor.

A partir da criação artística, Spielrein passa a pensar a palavra enquanto representação e símbolo (continuação do §14 -a). A palavra é uma mediação entre algo estritamente individual e aquilo que é comum aos homens. O pensamento representacional por meio de palavras se dá por um trabalho que visa a uma generalização, à compreensão e à acessibilidade aos outros homens, e quer, ainda, manter sua singularidade. Mas Sabina Spielrein parte de um núcleo, um si mesmo, um magma absolutamente incomunicável por si mesmo, aquilo que chamou mais acima de experiência arcaica ou de Coisa. Nesse ponto ela introduz Nietzsche pela primeira vez como alguém que tinha essa consciência de si desenvolvida e que podia proclamar o engano da linguagem a nós mesmos e aos outros. Mas mesmo por meio desse engano, a linguagem, qualquer forma de expressão artística ou não, traz o real alívio do processo sublimatório que dissolve o individual no comum a toda espécie, trazendo à tona o típico, mais que o individual. Podemos dizer, a partir da comparação da expressão artística, ou do pensamento e da linguagem expressiva comum, com os fenômenos alucinatórios esquizofrênicos, que o artista é bem sucedido onde o esquizofrênico fracassa. Porém, podemos dizer também que o esquizofrênico evidencia que a linguagem não é o originário, não expressa diretamente o originário, ela é a transformação de um magma de sensações, percepções, imagens em pensamento e palavras a partir do encontro com algo de comum a toda espécie.

Ela continua fazendo (continuação do § 14-b) a passagem para o terceiro campo, em que investiga os fenômenos do movimento diferenciação-indiferenciação, envolvido na

transformação ou devir: o campo amoroso. Ela desenvolve aqui uma psicologia do amor. Da recepção estética, desliza para a recepção amorosa. A tendência das representações subsumidas pelo nosso Eu de procurar um material similar a elas mesmas para se aniquilar e se metamorfosear está presente não apenas na recepção artística, mas também na recepção amorosa. Na paixão amorosa, o Eu deseja se abandonar inteiramente, sem reservas, em sua entrega ao outro. O outro é um semelhante seu. Por isso essa entrega, essa aniquilação de si, é desejada e traz tanta felicidade. Mas é também por isso que a fase apaixonada é tão temida pelo Eu: porque o aniquila.

Chegamos aqui a outro trecho fundamental do escrito de Spielrein (§15). O violento desejo de retorno é tematizado nesse ponto, retorno ao originário, fonte de toda diferenciação, agora numa análise detalhada do que acontece na relação amorosa, na união sexual, com a nossa psique.⁸⁹ A relação amorosa atualiza a relação amorosa com os pais, nossos primeiros e fundamentais objetos amorosos, porque criadores do magma original do qual se desdobra qualquer existência diferenciada. A relação amorosa também atualiza a relação amorosa entre os pais, o que será conhecido freudianamente como a fantasia da cena primária. O acaso do encontro de um objeto pode atualizar essa virtualidade da experiência sexual que já está em nós por essa experiência primária, promovendo então um reencontro com ela, ou não, o que faria com que permanecesse uma virtualidade. Ela passa a explorar os dois caminhos em paralelo. Quando o acaso do encontro amoroso com o objeto se dá, o complexo de representações da nossa experiência sexual que subsiste em nós se satisfaz. Quando ele não se dá, esse complexo de representações perdura e instala uma tensão sexual que busca se liberar por complexos representacionais similares, as

⁸⁹ Não analiso a referência aos textos de Jung, pois uma análise detalhada da relação das idéias de Spielrein com as de Jung, constituiria outra tese, embora não menos interessante.

fantasias sexuais, diríamos, que se renovarão continuamente. A realização sexual com o objeto tem, no sentido representacional, um efeito negativo de aniquilação do complexo de representações, de aniquilação temporária do psiquismo. A realização sexual orgástica promove relaxamento e descanso temporário para o corpo e para a psique. Há o desaparecimento da tensão porque o conteúdo de representações decorrente do originário é momentaneamente aniquilado. Há um momento de improdutividade psíquica total. Quanto mais se tende à concretização do ato sexual, mais viva é a representação, mas, no momento da realização orgástica, ela desaparece, é destruída pela ab-reação através do ato sexual. Ela conclui então: mesmo que a realização de um potente complexo de representações signifique a interrupção de toda atividade psíquica, isso não significa a morte, pois um complexo de representações não é sinônimo de vida, ele é algo efêmero, pequena parcela diferenciada de uma experiência original não representacional. Vemos aqui a explicação de sua questão inicial sobre os afetos negativos que a possibilidade de realização sexual desperta nos neuróticos. Estes preferem que a fantasia, como a virtualidade da relação sexual sempre passível de realização, perdure, ao invés de aniquilá-la na própria realização sexual, por temer essa morte momentânea do psiquismo que se dissolve no magma original. Daí a tensão angustiante sexual que continua sendo desprazerosa em si, mas é prazerosa do ponto de vista da conservação da unidade do Eu e dos complexos representacionais que a sustentam, mesmo que ilusoriamente, como a origem de si. Mas todo sentimento de felicidade e relaxamento promovido pela relação sexual é devido a esse retorno permitido ao magma originário, o único verdadeiro, esse núcleo de si, à dissolução das representações psíquicas que dele decorrem. Spielrein deslizará, então, para a criação sublimatória. A meu ver, evidencia-se, nesses deslizamentos, que há uma mesma dimensão erótica na realização sexual e na criação sublimatória, ainda que na primeira haja um mergulho que destrói

momentaneamente a atividade representativa e na segunda, não. O que Spielrein coloca aqui, é que a satisfação pulsional pelo ato sexual e pela criação sublimatória decorre de um mesmo mergulho no magma original. Em ambos há uma aniquilação da representação individual no magma originário da qual ela havia se diferenciado. Em ambas, seja na ab-reação simples seja na criação artística, há a criação de novos produtos de diferenciação. E uma não contradiz a outra. Para ela, a contradição entre desejo sexual realizado na materialidade do ato sexual que envolve os corpos e desejo sublimatório de criação é aparente. Não há hierarquia. Um não é mais baixo do que o outro, que seria superior. Baixo e superior que ela deixa entre aspas, bem entendido. A aparente contradição, sua aparente incompatibilidade se deve ao fato de a realização sexual ser mais diferenciada, no sentido de mais singularizada, e a realização sublimatória mais típica. Remetendo ao exemplo junguiano que mostra como a adoração a Cristo e à Natureza são simbólicas da adoração libidinal ao pai que cada um leva em si, Spielrein aponta que elas não aniquilam, mesmo ao se realizarem pela religião, por exemplo, o violento desejo de retorno à origem, desejo de destruição dos criadores. A religião, embora tente negar a sexualidade, é apenas um símbolo dela. Tentar negar todo objeto sexual exterior ao Eu só leva este a se constituir como objeto de sua própria libido com tudo o que isso comporta de autodestruição, de indiferenciação. É importante enfatizar isso, pois distingue o auto-erotismo envolvido na criação sublimatória e amorosa, do auto-erotismo envolvido na esquizofrenia. Além disso, mostra que o auto-erotismo da criação sublimatória não é incompatível com o auto-erotismo da realização sexual, e que ambos trazem uma resolução satisfatória, embora não completa, da tensão sexual, e são geradores de transformação e renovação para o Eu, para um novo ciclo de complexos representativos que ressurgirão a partir da tensão renovada da experiência primária que insiste. A não ser que ele vise apenas ao próprio Eu como objeto

sexual, como ela tenta demonstrar no exemplo de Nietzsche que vem a seguir, em *Assim falou Zaratustra* (NIETZSCHE, 1884).

A partir de Stekel, seu companheiro introdutor do conceito de pulsão de morte na psicanálise⁹⁰, ela introduz a assimilação pelo inconsciente da morte e da sexualidade, da morte enquanto símbolo sexual, tal como aparece nos sonhos (§16, 17, 18,19, 20). Em que ela concorda com Stekel? Concorde que, na simbólica inconsciente expressa nos sonhos, a alegria de viver mais intensa se exprime no desejo de morrer, que o suicídio e o modo de procedimento escolhido decorrem de fantasias eróticas, e que os filósofos e os poetas já expressaram os laços que unem Eros e Thanatos. Como vemos, a terminologia freudiana já é de longa estirpe. A morte é, tanto no sonho como na realidade, uma morte sexual e representa, na maior parte dos casos, um ato sexual de caráter sádico fortemente marcado. Stekel declara, e Spielrein concorda com ele, o significado inconsciente da representação da morte, a forma como o inconsciente a utiliza, já que nele não há a representação da morte em si mesma, como desaparecimento final da existência. Ela discorda de Stekel no que diz respeito à interpretação da sexualidade feminina, tal como ela aparece nos sonhos de moças. Spielrein não concorda com Stekel no que diz respeito a um deslizamento que este faz entre perda da virgindade e perda da virtude, e à sua afirmação de que a mulher acede à sua existência de mulher pela relação sexual. Para ela, o sonho típico de defloração, em que uma mulher é agredida por um homem vigoroso que lhe enfia a faca, não traduz um assassinato moral, mas a angústia, a sensação de estrangereidade que produz a sensação real, física, de se ter o corpo transpassado verdadeiramente pelo pênis, no ato sexual. Isso é traduzido, como o próprio Stekel sugere, pelo ato sexual sádico que, por sua vez, se traduz

⁹⁰ Este trecho deve ter sido acrescentado em 1912, pois, quando da primeira escrita, ela ainda não havia conhecido a obra de Stekel, *Contribuições à linguagem dos sonhos*, como é facilmente comprovado pela carta que ela escreve a Jung no início de 1912..

numa imagem de agressão. Surpreendentemente, ela passa a falar da experiência da guerra e das neuroses que ela produz. Para ela, a guerra é uma situação propícia de eclosão da neurose pela perturbação que traz à vida sexual. A guerra provoca representações de destruição, pois as devastações da guerra suscitam representações do componente destrutivo da pulsão sexual. Se no homem normal a guerra apela às representações de futilidade da vida, no neurótico, em quem as representações de morte são mais importantes que as de vida, a guerra traz a ocasião de liberação dos fantasmas destrutivos. Ela, então, apresenta, com exemplos de suas pacientes e da mitologia, uma simbólica sexual, especialmente feminina, que une símbolos de morte à vida, à sexualidade, ao corpo, afirmando que a vida só é obtida ao preço da morte. O desejo de desaparecimento no ser amado (pois na entrega sexual não se sabe mais quem se é, nem o que se faz, nem o que se vai tornar) traz a angústia em relação à sexualidade. Ela arrola uma série de representações simbólicas que são representações angustiantes e destrutivas ligadas à sexualidade.

Curiosamente, das fantasias angustiantes femininas em torno da sexualidade, da entrega amorosa feminina sexual, Sabina Spielrein irá para sua antípoda: a análise das representações de morte ligadas à sexualidade, mas agora ao auto-erotismo psíquico de um homem, justamente Nietzsche⁹¹, que ela passa a analisar pela criação de seu duplo, seu amigo ideal, que ele se outorga em Zaratustra, que é seu objeto de amor, fruto da sua cisão em homem e mulher que se reencontram em Zaratustra, com quem ele se identifica (§21 a

⁹¹ Sabina conheceu a obra de Nietzsche, de Schopenhauer e de Freud ao mesmo tempo, em 1904-1905, quando, depois da melhora de seu próprio sofrimento psíquico expresso em fenômenos alucinatórios, foi estimulada por Bleuler a estudar, estímulo este que agarrou com unhas e dentes (Cf. *Meu nome era Sabina Spielrein*, filme documentário de Elisabeth Márton, de 2002). Nos estratos de seu diário denominados *Amor, morte e transformação*, ela cita Nietzsche: “Nós precisamos as vezes descansar de nós mesmos olhando para nós na distância e em profundidade e com o mesmo detalhamento do artista e rindo de nós mesmos ou chorando sobre nós mesmos; nós temos que descobrir não apenas o herói mas também o homem louco guardado no nosso reservatório de conhecimento. Nós temos que regozijar de vez em quando com nossa loucura para ser capaz também de regozijar em nossa sabedoria” (COVINGTON, 2003, pg.19)

28). O mesmo Nietzsche que ela tomou como paradigma para falar do engano da linguagem em relação ao acesso ao ser, o mesmo Nietzsche que ela diz que conheceu como ninguém este ser original, é agora trazido aqui como objeto de análise pela sua produção criativa sublimatória. Spielrein não visa a uma crítica a esta, nem a uma avaliação da obra, mas a analisar aquilo que, na obra, nos permite o acesso à solidão de Nietzsche, aos conflitos sexuais que aí subjazem, e que tornam essa solidão um destino, uma desistência da linguagem que o levará a silenciar-se para sempre, numa retração ao próprio eu cabal, no final de sua vida. Ela dirá que:

Como o amor, o conhecimento consiste para Nietzsche em aspirar nele, semelhante ao sol, o mar profundo e só representa uma necessidade de amor, de criação. (...) A sede de conhecimento que atormenta o poeta é apenas o desejo pela mãe que ele mantém no fundo de si; ora, isso representando o mais profundo de si mesmo, o desejo de união com ela deve ser compreendido simultaneamente como desejo auto-erótico de união consigo mesmo (§23).

Spielrein mostra como a idéia de Nietzsche de que a inocência está onde falta o desejo de toda a vontade, onde se quer amar e desaparecer para que uma imagem não continue sendo uma simples imagem, se assemelha ao que acabou de discutir no texto: que a realização de um conteúdo psíquico dado, de uma “imagem”, se destrói e que sua destruição a realiza. Diz Nietzsche que amar e desaparecer é admissível após eternidades e que querer amar é também estar pronto para a morte. Para ela, Nietzsche, por sua união amorosa com a mãe, deve ser ele mesmo criador, fecundo, semelhante a uma mãe esperando uma criança.

Sabina Spielrein destaca a criação auto-erótica nietzscheana: a reflexão deste sobre o processo criativo, a colocação como antítese da criação pura a da criação sexual

heterossexual com uma mulher, que seria o rebaixamento da criação pura. O conhecimento, enquanto necessidade de amor e criação, substitui o amor sexual. Mas Spielrein mostra como há aí uma identificação total com o feminino da mãe que espera um filho. Identifica um componente homossexual, no sentido de retorno ao mesmo, homo, o mesmo componente que ela encontra nos doentes esquizofrênicos. Nietzsche, como criador, teria em comum com o doente esquizofrênico o recolhimento auto-erótico. Ela então comprova seu argumento, demonstrando como essa identificação absoluta com a mãe originária aparece através da poesia nietzscheana. Tendo analisado as representações destrutivas ligadas à sexualidade no auto-erotismo psíquico, ela retorna à psicologia do amor, ou seja, ao aloerotismo.

Percebe-se no § 29 uma discussão sobre passividade e atividade, masculino e feminino. Nesse parágrafo justamente, a partir da discussão precedente, ela atribui um papel maior à homossexualidade e ao auto-erotismo na mulher. Ela fala então da sexualidade auto-erótica da criança e da passividade com que esta se coloca diante dos pais para ter garantido o seu amor. Ela explica, então, como se passa dessa passividade inicial à constituição do ideal calcado no genitor do mesmo sexo e depois à rivalidade necessária que se instaura. O homem, por estar na posição ativa de penetração, é mais vulnerável aos desejos sádicos de destruição da mulher amada, que quer ser destruída enquanto objeto desse amor. Mas nesse ponto ela ressalta a bissexualidade e a presença de tendências ativas, masculinas e sádicas, bem como de tendências passivas, femininas e masoquistas, tanto em homens como em mulheres. No entanto, no texto de Spielrein, é a primeira vez que a palavra masoquismo aparece ligada à passividade e ao feminino. Ela alerta, então, para o risco que traz a intensificação excessiva das representações passivas pela identificação com a pessoa amada: o amor a si mesmo, devido a essa mesma identificação consigo e com o

outro, pode conduzir a formas de autodestruição tais como a mortificação, o martírio e a destruição da própria sexualidade pela castração, que são diversos graus e manifestações de um mesmo processo de autodestruição.

Nessa última parte do texto (§30 a 39), Spielrein examina as idéias do ato sexual como autodestruição, da simbólica do nascimento engendrado pela morte, em Nietzsche, em Shakespeare, na paciente criança de Jung, no sonho de sua colega, em sua paciente etc. E mostra como a morte significa um novo nascimento, exemplificado nas representações intermediárias pelas quais as crianças vão acedendo ao enigma da concepção e do nascimento. Seguindo a criação poética nietzscheana, é o próprio eterno retorno que está em jogo, afirmador da dor enquanto esta reafirma a vida e sua alegria, enquanto o mergulho em si mesmo, no reencontro com a Coisa originária, reafirma a luz dentro de si mesmo, que faz-se seguir da criação amorosa, artística ou filosófica, ou seja, um novo nascimento, um novo devir. Mas em Nietzsche, o pensamento vertiginoso, a criação nietzscheana do pensamento mais puro que recupera a criança, briga com a sexualidade, por meio dos conflitos por que passa seu amigo ideal Zarathustra. A afirmação suprema da vida, que é seu objetivo, traz em si mesma a negação da vida, pois ele sabe que a afirmação tem a negação embutida em si. Esse terrível componente negativo vem acompanhado da morte da própria sexualidade por Zarathustra, representada pelo animal que ele mata na luta para que o pensamento vertiginoso aceda à vida mais intensa, para que se dê a criação. Zarathustra sente repulsa pela sexualidade, pela gestação da mulher, imagina aí dor e sofrimento para a mulher, ao mesmo tempo em que se identifica totalmente com ela, em sua capacidade gestacional, engendrando o pensamento. Pensamento e feminino estão juntos aqui, mas às custas da morte sexual, da rejeição da sexualidade. Em Nietzsche, a criação sublimatória se dá às custas da própria sexualidade, contrariamente ao que ela, Spielrein, dizia mais acima.

Em Nietzsche, a destruição engendra a criação artística e sublimatória às custas da sexualidade aloerótica, como sexualidade auto-erótica, negando o destino destruidor de si que a sexualidade traz ao homem, pela sucessão das gerações. Spielrein discorre, então, longamente sobre a ambivalência afetiva entre amor e raiva. Essa questão foi objeto de reflexão de Bleuler, o introdutor desse termo e da problemática que ele gera no campo da psiquiatria e da psicanálise. Raiva e amor são equivalentes, e um desliza para o outro. O ato de raiva conserva, no inconsciente, representações amorosas do objeto da raiva. Por sua vez, a libido dominada conserva mesmo assim uma implicância com o outro, mas a paixão do sádico pode desembocar em morte sexual. Uma raiva pode desembocar numa paixão intensa, que pode deixar o indivíduo indiferente à sua própria existência. Novamente vemos aparecer, na ambivalência afetiva, a fusão entre destrutividade e amor. Ela termina, então, o texto, discorrendo sobre os fantasmas incestuosos. Uma fixação intensa no amor aos pais impede a transferência libidinal ao mundo exterior que só pode trazer uma substituição inadequada desse primeiro objeto de amor. Por sua vez, a frustração trazida por um objeto amoroso produz uma regressão ao desejo incestuoso, de maneira mais ou menos sublimada. Paralelamente, o componente destrutivo da pulsão sexual se exprime na presença de fantasmas de morte ligada aos fantasmas incestuosos, o que não expressa um castigo, mas a conseqüência desse desejo de retorno, o abismar-se no criador enquanto desejo. Os sonhos e mitos com fantasias incestuosas exprimem uma potência de vida, pois não é a idéia em si do incesto que suscita representações de morte. Freud, Bleuler, Stekel e Jung apontam – com seus conceitos respectivos da ambivalência das palavras primitivas, da ambivalência afetiva, da bipolaridade e da compensação de um impulso positivo por um negativo – para a conclusão final de Spielrein, de que um impulso positivo é sempre duplicado por um negativo, e basta que um sobrepuje o outro para que se tenha a impressão de que apenas o

mais forte esteja sendo experienciado exclusivamente no presente. É por isso que **a pulsão de morte** fica oculta pela pulsão sexual, porque a vida é resultado da morte, mas é melhor se satisfazer com os efeitos do que conhecer as causas. Mas as crianças e as pessoas emotivas precisam de pouco para que as representações de destruição tomem vantagem. Spielrein termina essa segunda parte do texto respondendo à questão de que partiu no início do seu escrito: na neurose, os afetos negativos de angústia e repulsa diante da sexualidade se devem à vitória do componente destrutivo que se exprime por todos os sintomas de resistência à vida e ao destino natural. Se a vida e o destino natural pela sexualidade trazem neles mesmos a morte; para evitar a morte, o neurótico paralisa a vida e a sexualidade e, assim, a morte se instala de qualquer jeito, no centro de seus sintomas.

Curiosamente, esse é o único ponto do texto em que ela usa a expressão pulsão de morte para falar da ocultação da pulsão de morte pela pulsão sexual e da predominância das representações de vida em tempos normais e de destruição na neurose. Até aqui, ela falou de componente destrutivo da pulsão sexual ou de procriação, de representações destrutivas, de representações de morte, de compulsão à repetição do desprazeroso, de masoquismo de fundo ou originário.⁹²

⁹² Nesse sentido, apesar de interessante, a visão de Kerr (1997) não parece correta. Na última parte de seu livro, ele diz que a citação de Spielrein na nota de *Mais além do Princípio do prazer* visava a Jung, a perplexidade dele diante do trabalho dela era enganosa, pois não havia defendido nenhum tipo de masoquismo originário, mas foi entendida assim por um público masculino em Viena e tampouco antecipou a idéia de uma pulsão de morte. O que ela havia argumentado, para ele, é que a sexualidade trazia em seu bojo temas como o da morte nos braços da pessoa amada. Para ele, ela se tornou conhecida por uma teoria que não esposou. “A destruição como causa do devir procura resolver o problema da repressão sexual recorrendo à descrição da sexualidade como inerentemente ambivalente com relação ao eu. Não existe pulsão de morte. Nem a expressão, nem a idéia – no sentido que Freud lhe empresta- são ali mencionadas”. Para ele, o texto de Freud tinha a vantagem retórica de permitir uma concepção totalmente purificada da libido, já que transferiu todas as características problemáticas da sexualidade, a natureza conservadora, a tendência à fixação, o favorecimento da regressão, sua equação romântica com a morte, para outro ponto, justamente a pulsão de morte, o verdadeiro réu na vida psíquica. (KERR, 1997, p.532-3)

Um ano depois de seu primeiro escrito, apresentado na Sociedade Psicanalítica de Viena no final de 1911, Spielrein o reformula para publicação. A terceira (§40 e 41) e a quarta parte parecem ser o resultado dessa reformulação. Na recapitulação que faz, na terceira parte, surge a metapsicologia spielreiniana condensada. A quarta parte, *Vida e morte na mitologia*, bastante influenciada por Jung, resulta de um trabalho de justificação psicanalítica, seguindo a sugestão de Freud, que é transmitida a Jung quase como uma exigência para que o artigo seja publicado. Deixaremos esta última parte para uma análise posterior, em um próximo trabalho que necessariamente terá que abordar as idéias dessa parte em comparação com ou sob influência do ensaio de Jung *Símbolos da transformação da libido* (JUNG, 1999), esse divisor de águas entre o que Freud considerou idéias novas e interessantes de Jung para a psicanálise e o que ele já não mais considerou como sendo psicanálise, e que motivou sua ruptura intelectual e depois pessoal com Jung.

Todo conteúdo psíquico que aparece na consciência é o produto de uma diferenciação efetuada a partir de outros conteúdos mais antigos. Este conteúdo está, agora, adaptado ao presente e recebe uma tinta específica que o caracteriza por si na sua relação com o Eu. Há, portanto, aí uma tendência à diferenciação que se manifesta em nós. Mas, assim que empreendemos tornar acessível aos outros um tal conteúdo, ao qual, até o presente, somente nós tínhamos acesso, nós o submetemos a uma operação inversa de indiferenciação: tiramos dele todo o caráter específico individual, para exprimir sob sua forma geral, valendo para toda a espécie, a forma simbólica. Dessa forma, obedecemos a uma segunda tendência em nós, oposta à primeira, uma tendência à assimilação e à dissolução. É através desse trabalho de assimilação que de uma unidade valendo pelo “Eu” pode devir uma unidade valendo pelo “Nós”. A dissolução e assimilação de uma experiência individual, sob a forma de uma obra de arte, de um sonho ou de uma formação patológica, de fato uma experiência vivida por toda a espécie, faz do “Eu” um “Nós”. Um sentimento de prazer ou desprazer só pode aparecer em função da instauração ou da desaparecimento da relação com o Eu. Uma vez que a nossa experiência individual é transformada em uma experiência comum a toda espécie, nós só a consideraremos enquanto espectadores, que só são tocados pela

representação na medida em que ela lhes oferece uma possibilidade de identificação. Essa atitude de espectador caracteriza os casos de *dementia praecox* e, mais geralmente, é de todo sonhador. A tendência à diferenciação, à qual se ajunta a força de inércia pela qual as partículas diferenciadas do Eu, ou bem o Eu inteiro, tendem a persistir neste estado de cristalização, depende da pulsão de autoconservação. A pulsão de conservação da espécie, por sua parte, sendo uma pulsão de procriação, é a ela que reenvia a tendência psíquica à dissolução e à assimilação (transformação do Eu em Nós) do novo processo de diferenciação que nascerá deste retorno à “matéria originária”. Assim que reina o amor, o Eu, este obscuro tirano, perece. Para a pessoa que ama, a dissolução do Eu no ser amado representa ao mesmo tempo a suprema afirmação de si, uma nova vida do Eu na pessoa do outro. Mas na ausência do amor, a modificação psíquica e física do indivíduo sob a ação de uma potência exterior, tal como a que comporta o ato sexual, só pode engendrar representações de destruição e morte. A pulsão de autoconservação é uma pulsão simples, consistindo de um elemento positivo, enquanto que a pulsão de conservação da espécie, a qual deve destruir o ser antigo antes de criar o novo, consiste, ao mesmo tempo, em um elemento positivo e um elemento negativo, ela é essencialmente ambivalente; razão pela qual é impossível fazer intervir seu componente positivo sem, ao mesmo tempo, também colocar em jogo seu componente negativo e inversamente. A pulsão de auto-conservação é uma pulsão “estática”, na medida em que seu papel consiste em proteger o indivíduo, no seu estado atual, contra toda influência exterior, enquanto a pulsão de conservação da espécie é uma pulsão “dinâmica”, que tem por fim a modificação do indivíduo, sua “ressurreição” sob uma nova forma. Ora, nenhuma modificação pode ter lugar sem a destruição do estado anterior. (§41)

Ao invés de analisar este texto tão claro, apresento a seguir um quadro sinótico dos principais conceitos. Para finalizar esta análise de texto, vemos Sabina Spielrein expressar, nessa recapitulação, uma concepção ética a partir do seu entendimento do psiquismo: é o trabalho do amor que destrói a tirania do Eu, é no Outro amado que se afirma a si mesmo, o Eu continuamente renovado por um Outro. A intersubjetividade aparece no centro da

renovação da vida psíquica. O ato sexual sem o amor, pelo impacto psíquico e físico que provoca, engendra representações de destruição e morte.

PULSÃO DE AUTO-CONSERVAÇÃO X PULSÃO DE CONSERVAÇÃO DA ESPÉCIE – PROCRIAÇÃO

CARACTERÍSTICAS

POSITIVA

FORÇA DE INÉRCIA

ESTÁTICA

EU

CARACTERÍSTICAS

POSITIVA E NEGATIVA

(AMBIVALENTE)

 J L

Criar o novo Destruir o

(+) antigo (-)

RETORNO À MATÉRIA

ORIGINÁRIA

DINÂMICA

NÓS

X

Conteúdo psíquico presente consciente

⇒

Conteúdo psíquico passado inconsciente

DIFERENCIAÇÃO

⇐

DISSOLUÇÃO

(ASSIMILAÇÃO)

EXPRESSÕES

CRISTALIZAÇÃO DO EU

EXPRESSÕES

AMOR

SONHO

OBRA DE ARTE

**B – INTERMEZZO – RUMO A UMA SINGULAR TÓPICA, DINÂMICA E
TEORIA DA FORMAÇÃO DO SÍMBOLO PSICANALÍTICA.**

A CARTA DE SABINA SPIELREIN A JUNG DE 20 DE DEZEMBRO DE 1917

Entre a metapsicologia de *A Destruição como causa do devir*, com ênfase na teoria pulsional, e a teoria da origem da linguagem que marca a sua centralidade nos textos de 1922 e 1923, considero a carta de Sabina Spielrein a Jung (CAROTENUTO, 1984, p.133) o momento em que ela marca um pensamento próprio como psicanalista em relação à tópica e dinâmica do aparelho psíquico, introduzindo, além das noções freudianas de inconsciente, pré-consciente e consciente, a noção de subconsciente e de subliminar. Essa diferenciação enriquece muito, a meu ver, o pensamento freudiano e, ainda que tenha pontos em comum com o pensamento de Jung, é a alavanca que permite a Spielrein uma conceitualização pioneira e original sobre a origem e a função da linguagem e a formulação de uma teoria própria sobre a formação do símbolo, que ela deixou de completar e que seria feita com a colaboração de Piaget, pensando as questões de linguagem e pensamento. Podemos ter alguma noção dela nessa carta.

Ela a inicia dizendo que pretende esclarecer seu pensamento. Nas cartas anteriores, ela tentou esclarecer o pensamento de Jung, a fim de constatar se o havia compreendido direito, como vimos acima. Para ela, o simbólico se encontra na essência do pensamento subconsciente, que ela também chama de subliminar. Toma o exemplo dos fenômenos

hipnagógicos de Silberer. Tão logo o pensamento “dirigido” é enfraquecido pelo cansaço, pela narcose ou por qualquer outro estado tóxico, inicia-se o pensamento “simbólico”. A observação dos fenômenos hipnagógicos nos ensina que o pensamento subliminar decalca em símbolos o pensamento consciente, e não apenas em símbolos visuais, mas também em “símbolos do pensamento” acústicos e dinâmicos etc. “Os símbolos subliminares são geralmente mais arcaicos do que os seus equivalentes no pensamento consciente.” (CAROTENUTO, 1984, p.135) Mas, para ela, isso não é tudo que o pensamento subliminar representa. Por meio de dois exemplos de sua vida, ela mostra como há pensamentos que não são levados em consideração pelo pensamento consciente e pertencem ao consciente secundário ou subconsciente. O pensamento subliminar, ou seja, idéias inesperadas, revela não apenas os pensamentos conscientes, mas também os pensamentos subconscientes pertencentes ao consciente secundário. A análise do subconsciente nos revela os mais interessantes problemas pessoais e da psicologia coletiva, problemas que devem ser transformados numa linguagem simbólica subliminar, devido à repressão exercida pelo pensamento dirigido. Para ela, somos obrigados a deslocar muito dos nossos complexos para o subconsciente não apenas por falta de tempo, mas por preguiça, desconfiança, em suma por razões afetivas pessoais. Há complexos que são removidos do consciente, mas que são inteiramente capazes de consciência porque não são condenados ou distanciados por provirem da pulsão. Nesse sentido, não foram separados do consciente pela censura.

Em oposição a isso, existem estímulos orgânicos brutais, que estão em contradição tão marcante com o nosso Eu consciente, que nos sentimos seres humanos exatamente porque, finalmente, reprimimos a tal ponto estes “desejos” que não suspeitamos mais da sua existência. Assim ocorre, sobretudo, com a sexualidade infantil, com o complexo de Édipo. A pulsão de auto-conservação e de desenvolvimento se opõe nitidamente ao reconhecimento desses “desejos”. É isso que Freud chama de ‘censura’. No homem normal

esses ‘desejos’ são sublimados, ou seja, retira-se destes resíduos bestiais quase toda a energia que é desviada para objetivos ‘mais elevados’ ou para uma atividade amorosa normal. (CAROTENUTO, 1984, p.134)

Isso acontece pelo efeito das nossas exigências mais elevadas que atraem, como um ímã, energia na direção oposta. Mas as marcas que a trajetória infantil deixou em nós não desaparecem: existe sempre um refluxo de energia nessa antiga direção e surgem sentimentos de prazer cuja origem não pode penetrar no consciente. “Toda a vida psíquica que se desenvolve a partir da vida pulsional existe ao mesmo tempo como expressão desta vida pulsional” (CAROTENUTO, 1984, p.135). Dado que os desejos sexuais infantis sobreviventes, devido à censura, não podem aparecer conscientemente, eles utilizam a linguagem simbólica subliminar. “Mas eles teriam a sua linguagem subliminar, mesmo sem censura” (CAROTENUTO, 1984, p.136), porque o consciente é somente o centro de um plano visual que pode apreender muito pouco. A censura, ao criar uma enorme barreira entre esses pensamentos do profundo e os pensamentos conscientes, faz com que esses desejos permaneçam inconscientes, ao contrário das outras tendências psíquicas já discutidas.

Com isso, ela afirma que o inconsciente, o consciente e a censura entre os dois, que cria o pré-consciente e exerce o recalque, não são todo o psíquico, dão conta da dinâmica do psíquico sexual, que é fundamental, mas não dão conta de todos os processos psíquicos.

Ela desenha então um esquema topográfico e o explica:

Tudo o que não está no centro do plano visual do consciente é subconsciente. No cone abc, a vida psíquica individual se estende para a psique coletiva; quanto mais se aprofunda, mais se estende. A parte inconsciente desenvolve a sua esfera de ação tanto embaixo, quanto lateralmente, ou seja, emana dos impulsos ativos do ponto de vista psíquico e é capaz de formar representações. Como os sentimentos do corpo são representados simbolicamente na vida subconsciente desse modo, também os impulsos infantis levarão a representações simbólicas. Uma poderosa força, a censura, representada como a superfície ac, separa em alguma parte do subconsciente esses conteúdos psíquicos,

realçando-os e impedindo-os de penetrar no consciente. Essa parte do subconsciente é o pré-consciente (que está, portanto, ligado ao plano da censura e ao recalcado sexual). Ela está em dúvida se seria mais justo estender o plano da censura e equiparar o pré-consciente ao subconsciente.

Depois de serem elaborados na superfície da censura, os derivados dos impulsos recalcados recebem inicialmente uma expressão moralmente adequada; recebem-na somente porque não podem penetrar diretamente no consciente (como resultado direto da censura). Esta é a minha concepção, que difere da de Freud, num pequeno detalhe, porque Freud não considera o subconsciente algo à parte. (CAROTENUTO, 1984, p.135)

O subconsciente tem uma alta cultura moral, porque é um depósito de toda a continuidade da evolução histórica. Ele elabora o impulso e freqüentemente o sublima, empregando a sua energia, com exceção de algum resíduo, para objetivos mais elevados. Isso é o que revela a análise do subconsciente. Ela crê que a formação do símbolo no sonho advenha da colaboração de várias instâncias, das quais ela conhece quatro: conteúdos psíquicos conscientes e subconscientes, sentimentos do corpo e o recalcado, isto é, os desejos infantis provenientes do inconsciente e outros desejos condenados pela censura. Todas essas instâncias juntas provocam a formação de um certo símbolo, e uma análise completa deveria nos revelar ao menos essas quatro instâncias que se influenciam mutuamente, provavelmente por causa de enervações comuns.

Em relação à formação dos símbolos, ela ainda dirá (em três apêndices à carta) que ocorre no subconsciente. O consciente também se serve de símbolos, mas muito raramente forma símbolos com certa intenção, servindo-se quase sempre de símbolos que estão radicados no subconsciente e que, por isso, devem ter sempre, além do significado

consciente, um significado subconsciente ainda inconsciente no sentido mais amplo, incluindo as sensações corporais. O subconsciente é, portanto, tudo o que não atinge o ponto de vista do consciente, o local onde se isola uma parte dele que é separada pela censura e que constitui o inconsciente do ponto de vista freudiano. Não parece a ela que a distinção prática das instâncias reveladas pela análise apresente, na maior parte dos casos, dificuldades especiais. Se se está em um campo tolerado pelo consciente, se se lida com pensamentos ou conflitos sentimentais mais elevados, então se está no subconsciente pessoal ou no coletivo; mas se se trata de coisas extravagantes que pertencem ao campo das formas pulsionais sobreviventes ou coisas que, por uma conexão errada, provocam um efeito estranho, então se está no inconsciente do ponto de vista freudiano. A extensão e a força ativa do inconsciente são diferentes nos homens singulares. Não se pode dizer qual é o mais superficial ou o mais profundo, se o inconsciente ou o subconsciente. São instâncias diferentes, inclusive opostas em certo sentido. Para a atividade profissional não importa tanto a classificação quanto a compreensão intuitiva do doente, porque a psicoterapia prática é uma arte da cura, como seu interlocutor Jung também o diz. A experiência científica é apenas um guia.

Os símbolos são intercambiáveis, o subconsciente simboliza o consciente e vice-versa. Ela toma como exemplo o estado hipnagógico citado por Silberer: pensar um problema difícil no consciente e ter como imagem paralela, no subconsciente, o mergulho num mar escuro. Segundo a concepção corrente, se considera a imagem subconsciente como símbolo, mas se se voltar a atenção para o subliminar e se considerar a imagem como realidade, então todo o nosso pensamento consciente é somente uma tentativa de escasso êxito no sentido de representar esta realidade com qualquer simbolismo. Nesse ponto, a influência das considerações de Nietzsche sobre a linguagem verbal é nítida e aqui vemos

se fundar o seu pensamento posterior de que a linguagem consciente desconectada das imagens é descorticada, estéril. Ela pede para Jung considerar a mesma imagem do mergulho num mar escuro do ponto de vista do subconsciente e do inconsciente, isto é, a parte recalçada do subconsciente. Do ponto de vista dos desejos inconscientes, essa imagem subconsciente é o símbolo do desejo recalçado de retornar ao ventre materno, ou seja, o inconsciente se serve de qualquer imagem subconsciente, transformando-a em fantasia de desejo. Do ponto de vista do subconsciente não recalçado, dever-se-ia dizer o contrário – o mar escuro é um símbolo do pensamento do problema difícil tornado subconsciente e, ao mesmo tempo, símbolo ainda de muitos outros pensamentos que a ele se ligam; fantasia do ventre materno é, também ela, apenas um símbolo que representa uma situação difícil ou reflexo da libido para caminhos infantis. Do ponto de vista das sensações orgânicas, pode-se dizer que a imagem do mar escuro, assim como a dificuldade da tarefa consciente, é somente uma expressão e um símbolo da atividade respiratória que se tornou mais difícil.

O símbolo é uma formação de compromisso; é como uma constelação formada por processos que se desenvolvem no subconsciente e no inconsciente, os quais, por sua vez, recebem elementos do resto da vida consciente e das sensações orgânicas subscientes. Enquanto o consciente e o subconsciente, em relação ao ato de sentir e pensar, até uma certa profundidade, têm muito em comum, e por isso formam um consciente continuado, o inconsciente é muito mais heterogêneo. (CAROTENUTO, 1984, p.139)

Portanto, o subconsciente tem uma linguagem psíquica subliminar que expressa problemas, preocupações e complexos suprimidos pelo pensamento dirigido. Em cartas anteriores (de 15 e 20 de dezembro de 1917) ela já havia distinguido *Uterdrückung*, repressão, de *Verdrängung*, a noção freudiana para recalque. A primeira operaria entre o

consciente e o subconsciente, e a última, entre o subconsciente e o inconsciente. Mais tarde ela subsumiu o pré-consciente e o subconsciente sob a expressão vida psíquica subliminar e estudou as funções de pensamento por meio de observações da linguagem subliminar das imagens, da linguagem infantil e dos distúrbios de linguagem, como veremos a seguir. Para Vidal (2003, p. 276-7), ela teria emprestado o termo pensamento dirigido do Jung de *Símbolos da transformação da libido* (1999), de 1912, onde ele distingue dois tipos de pensamento: o pensamento da realidade, ou pensamento dirigido, é lógico, verbal, consciente e adaptado à realidade. Ele é governado por uma capacidade representacional superior que faz surgir um senso de direção. Em contraste, o pensamento não dirigido, não é determinado, nem consciente, é subjetivo, simbólico e imaginativo, alimentado por afetos emanados do *self* e se realiza numa sucessão de imagens e sentimentos. Seja ele patológico, manifestando-se em especial na forma esquizofrênica, seja expresso como sonho, fantasia, mito ou criação artística, sempre trai um estado mental infantil enraizado tanto na história pessoal individual como no passado da humanidade. Era isso que para Jung demonstrava a ligação entre mito e inconsciente, bem como a estratificação histórica da mente. Sem adotar a terminologia freudiana, Jung segue as idéias freudianas do princípio do prazer e do princípio de realidade. Spielrein adota ambas as terminologias quase como sinônimos, utilizando ora uma, ora outra, de acordo com sua abordagem: mais fenomenológica (pensamento dirigido e não dirigido) ou mais metapsicológica (princípios do prazer e de realidade).

Em 1922, na sua comunicação ao Congresso Internacional de Berlim, Sabina Spielrein fala sobre *O tempo na vida subliminar da mente*. Nesse discurso, ela tenta determinar a seqüência do desenvolvimento dos conceitos relativos ao espaço, à causalidade e ao tempo. Para Spielrein, a criança conhece só o presente e o futuro imediato.

Só mais tarde a idéia de algo que não existe mais toma lugar na mente da criança. No que diz respeito ao tempo, sua direção é uma conquista da mente consciente, que sabe distinguir presente, passado, futuro, enquanto no sonho, por exemplo, não é fácil distinguir a direção do tempo. Por outro lado, diz ela, deve-se notar que o pensamento pré-consciente tem mais capacidade de avaliar a duração do tempo que o pensamento consciente: trata-se de uma capacidade que os nossos antepassados tinham em medida superior. Vidal não concorda com Carotenuto (1984) de que ela estudara os conceitos de tempo, espaço e causalidade com base nas diretrizes de Piaget. Parece mais acurado, nesse caso, falar em troca e reciprocidade, diz Vidal. Ele dá quatro argumentos: em primeiro lugar, em 1923 Spielrein diz que já se sabe há muito tempo que os conceitos de tempo, espaço e causalidade não são categorias *a priori* kantianas, mas conceitos adquiridos com o desenvolvimento individual. Vidal diz que a idéia que é básica para a epistemologia e psicologia de Piaget não deriva dele. Em segundo lugar, suas observações sobre o tempo derivam da época em que sua filha tinha dois anos, ou seja, de 1915. Em terceiro lugar, a hipótese da existência de linguagens que não fazem distinção de tempo e que são análogas à linguagem do sonho, bem como sua incursão no campo da lingüística com a ajuda do professor de Genebra, Charles Bally, mostram uma sensibilidade ao fenômeno lingüístico qualitativamente diferente da de Piaget. Em quarto lugar, no texto em que compara os pensamentos da criança, do afásico e do subconsciente, ela mostra como nos três há uma falta de direção. O afásico manifesta, portanto, uma deterioração da direção temporal e uma dificuldade em fixar o pensamento. Algo do seu vocabulário coincide com o de Piaget, mas ela aborda o problema do tempo da sua própria maneira.

C. A EMERGÊNCIA DA CENTRALIDADE DA LINGUAGEM⁹³

Sabina Spielrein e a origem positiva da linguagem

É interessante como a lingüística, a psicanálise e a antropologia são campos de saber que nascem numa mesma época (final do séc. XIX e começo do XX) e têm inúmeros pontos de contato que, ao longo da primeira década de XX, vão surgindo por meio da obra de vários autores. A centralidade da linguagem aparece nos três campos emergentes: 1) a valorização da fala e da escuta na psicanálise, eixo segundo o qual um dito revela um não dito, faz emergir a concepção de um aparelho psíquico, zona em que o humano se elabora simbolicamente, enquanto singularidade, entre natureza e cultura, entre a alteridade do corpo e o Outro, entre pulsão e história; 2) a valorização da linguagem e a descoberta dos princípios que a constituem na Lingüística estrutural. Existem pontos de contato entre Freud, Jakobson e Saussure. O estudo das afasias, que foi um ponto de partida de Freud no seu *As afasias* (1889), foi também central em Jakobson no estudo da metáfora e da metonímia. Este texto de Freud trouxe uma concepção do aparelho de linguagem que colocava em lugar privilegiado a imagem acústica da palavra e sua ligação com a imagem visual. Para Saussure também, há o privilégio da imagem acústica da palavra em sua ligação com o conceito; 3) a valorização da linguagem enquanto o que propicia a troca simbólica na sociedade na Antropologia e a descoberta das leis que a estruturam. Existem também pontos de contato entre os conceitos de Fraser de lei da similitude (similaridade),

⁹³ Para uma análise mais detalhada, ver o apêndice sobre a emergência da centralidade da linguagem.

na magia homeopática e lei da contigüidade (contato) na magia por contágio com os conceitos de condensação e deslocamento em Freud e metáfora e metonímia em Jacobson..

Sabina Spielrein em suas pesquisas e seus escritos participa dos pensamentos sobre a aquisição da linguagem e do pensamento pela criança e acaba pondo em contato as questões sobre a emergência da linguagem e do pensamento simbólico em Freud e Piaget. Ela teve um papel central na introdução da psicanálise a Jean Piaget e na apresentação da obra deste a Vigotsky.

É importante ressaltar que Spielrein não foi meramente uma transmissora. Não é nisso que reside o seu pioneirismo, e sim no desenvolvimento de uma conceituação própria que insiste na importância do fator afetivo e do mundo inconsciente na determinação da emergência e do funcionamento da linguagem e do mundo simbólico, procurando ressaltá-lo acrescentando-o ao campo da psicologia estritamente lógica que se desenvolvia no Instituto Rousseau. É por meio dos seus artigos que apresentam as idéias de Piaget recém-surgidas, que ela se tornará uma transmissora, uma multiplicadora, tanto na Suíça, como na URSS, onde levou para Luria e Vygotsky toda a novidade dessa discussão pela tradução de obras e por seu próprio trabalho. Tanto Freud, como Piaget, como os russos Luria e Vygotsky, envolvidos com o movimento interno de suas próprias descobertas, parecem não ter dado a devida importância ao papel intelectual inovador das idéias e do trabalho de Spielrein. Por isso surgiu, num primeiro momento, a idéia de analisar os textos mais importantes sobre a linguagem que ela produziu, deixando para um outro trabalho a análise comparativa com os textos princeps de Jean Piaget, especialmente o apresentado no Congresso de Berlim, em 1922, *Pensamento simbólico, pensamento da Criança*, matriz de seu primeiro livro, *Linguagem e Pensamento na criança* (PIAGET, 1923).,

Sabina Spielrein foi a primeira psicanalista, entre homens e mulheres, a articular uma tentativa de relacionar a linguagem e a teoria das pulsões. Fonagy⁹⁴ a anuncia como tal: “Os fenômenos psico-fonemáticos foram examinados pela primeira vez de um ponto de vista analítico por Sabina Spielrein, em 1922. Ela supõe o mamar como um fato que desencadeia os ‘moe’ e ‘poe’ associados à nutrição e à mãe” (GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p. 377-378). A psicologia que ela usa como uma vantagem à fisiologia é a teoria freudiana do prazer-desprazer e, assim, realiza um desejo formulado por Freud de dominar o arcaísmo regressivo pelo desenvolvimento da linguagem. Não seria o fato de que ela tinha uma outra relação com seu caso de observação, sua filha, enquanto Freud era o observador da relação mãe- filho entre seu neto e sua filha para elaboração do *fort/da* a partir do jogo da bobina, descrito em *Mais além do princípio do prazer*, que fez com que ela pudesse conceber o corpo da mãe no papel de obstáculo ao princípio do prazer e introdutor, no desprazer, do princípio de realidade? No caminho à realidade, um sistema fonemático se interpõe, no início determinado por si mesmo. Guibaul (GUIBAUL; NOBÉCOURT, 1981) lança a pergunta se Spielrein tivera acesso aos trabalhos da Escola de Praga (Jakobson) para enunciar um tal sistema. Ela só faz referência a um autor francês de quem empresta a palavra fonema. Habitante de Lausanne e Genebra, provavelmente esteve a par do curso de lingüística de Saussure. Ela desenvolve manifestamente o estado mágico da linguagem de acordo com Marcel Mauss, cujo ensaio sobre a magia apareceu em 1902.

⁹⁴ Fonagy, 1970, apud GUIBAL; NOBÉCOURT, 1981, p.377-378.

A ORIGEM DAS PALAVRAS INFANTIS “MAMÃE” E “PAPAI”

Considerações sobre os diferentes estágios no desenvolvimento da linguagem

Esse texto foi apresentado inicialmente como uma comunicação apresentada ao VI Congresso Psicanalítico Internacional, realizado em Haia em 1920, e foi publicado na revista *Imago*, uma publicação psicanalítica, em 1922.

Spielrein começa o texto nos dizendo algo contundente:

Quando nós, adultos, falamos em linguagem, pensamos no conteúdo da palavra e não percebemos o papel desempenhado, mesmo em textos escritos, por recursos do domínio da linguagem rítmica e melódica como os pontos de exclamação, pontos de interrogação etc. Esses recursos expressivos melódicos são utilizados ainda mais no discurso oral; e, nesse caso, soma-se a eles ainda um terceiro fator, mímica e o gestual, recursos expressivos que podemos classificar como linguagem visual, a qual desempenha um papel de destaque nos sonhos como linguagem de imagens peculiar. Dessa forma, nós devemos destacar, **paralelamente à linguagem verbal** [grifo meu], ainda outras como a linguagem melódica, a linguagem visual (das imagens), a linguagem tátil, entre outras. Como meio consciente de comunicação, as linguagens transmitidas acusticamente (melódica e principalmente verbal) desempenham, para os homens, um papel predominante, motivo pelo qual elas se outorgam, antes todas as outras, o título de “linguagens sociais”. (SPIELREIN, 2002, p. 238, trad. Renata Dias Mundt)

O homem só devém um ser social com a linguagem, entendida por ele como linguagem verbal.

Sabina inicia, portanto, seu texto, falando daquilo que Searle denominou muitos anos mais tarde de atos de fala. A linguagem verbal é apenas uma parcela da linguagem

falada e, paralelamente a ela, existem outras linguagens, a visual, a dos gestos, a do tato e a das entonações. A melodia e o conteúdo da linguagem predominam enquanto servem para a comunicação, enquanto linguagem social de constituição de um si para outro si.⁹⁵

Mas, em seguida, no texto, ela subverte o que falou, dizendo que as outras linguagens não só estão “ao lado da”, mas são constitutivas da linguagem verbal adaptada aos fins sociais. Se aparecem como linguagens separadas, é porque houve um movimento de transformação que originou a linguagem verbal que, muito cedo, as coloca como pano de fundo.

Mais adequada aos fins sociais, a linguagem verbal logo se impôs forçando todas as restantes para o segundo plano, na medida em que se rebaixaram a linguagens auxiliares, linguagens inconscientes, ou seja, foram remodeladas em linguagens artísticas. Geneticamente, porém, a linguagem verbal não é a primeira entre os homens, nem entre os animais. A linguagem melódica, a música, em sua forma mais primitiva de ritmos e inclinações sonoras, antecede amplamente a linguagem verbal: muito antes do surgimento dos primeiros sinais da linguagem verbal, o choro é um confiável meio de comunicação entre a criança e a pessoa que a cuida. Mães atentas e amas sabem muito bem que o seu protegido chora de forma bastante diversa quando está molhado, ou quando tem fome, sente dor ou simplesmente deseja a proximidade da ama. O bebê, no início, expressa – com ou sem intenção – seu estado ou anseio por meio de um choro com ritmos, alturas, entonação e intensidades diferentes, ou seja, em uma linguagem melódica primitiva. Ele também compreende primeiro a entonação, e bem mais tarde, a palavra. – Aos animais também, quase sempre, é a melodia a parte mais acessível de nossa linguagem. (SPIELREIN, 2002, p. 239, trad. RDM)

⁹⁵ Como colocado na introdução, a sensibilidade de Spielrein para a música vinha desde a infância e de seus longos estudos e de um curto período, após seu casamento, em que teve dúvidas entre seguir a carreira de psiquiatra e psicanalista ou a de música, tendo nessa época composto alguns *Lieder*. No final de sua vida, estando proibida de clinicar, volta a lecionar música em um jardim de infância em sua terra natal. Suas filhas tornam-se músicas.

Para ela, essas reflexões fazem compreender a grande popularidade da música, o que não concerne à música como obra de arte, mas como linguagem. Citando Freud, em *Totem e Tabu*, ela diz que as produções de arte, em sua origem, eram representações destinadas a servir, antes de mais nada, a fins mágicos. A expressão plástica é bem mais dificultada como linguagem e bem menos confirmada nesse sentido, salvo como linguagem “autista”, ou seja, destinada a si mesma ou “mágica”. Nesse ponto, numa nota de rodapé importante, ela diz que, em sua origem, a linguagem é destinada a si mesma, e só *a posteriori* se desenvolve numa linguagem destinada aos outros homens. As produções de arte podem ser usufruídas em silêncio. Já a música, na sua forma primitiva, a do canto, começa por ser um autoprazer e bem cedo se torna um meio de comunicação por excelência, um grito de apelo, uma prece, um lamento destinado a Deus ou aos outros homens reclamando sua participação. Ela discorre, então, sobre a origem dos cantos populares, mostrando a diferença entre texto e melodia e explicitando como nas antigas orações, o primeiro se apóia na segunda. A melodia e a língua são linguagens autônomas. A melodia é o mais geral e a língua o mais concreto, adaptado ao presente. Brincando com sua filhinha (2 anos e meio) de cantar músicas populares associativamente, ela reparou que ela associava a canção seguinte segundo o conteúdo verbal e sua filhinha segundo a semelhança melódica. Um ano mais tarde, ela já associava pela semelhança verbal. Nos adultos normais, na maioria dos casos, a associação se dá pelo conteúdo verbal.

Papai e Mamãe

Ela inicia dizendo que vai se ocupar da linguagem verbal somente na forma das palavras “mamãe” e “papai”, que a opinião popular considera como as primeiras palavras

infantis. Ela então pergunta: quem descobriu a linguagem verbal? O ser adulto ou a criança? A criança é capaz de uma criação espontânea na linguagem, ou ela simplesmente se apropria da linguagem transmitida pelos adultos que ela então deforma? As experiências psicanalíticas podem dar alguma luz nessa questão controversa nunca resolvida.

“Fundamentalmente, a linguagem é inventada a partir do inconsciente (mais exatamente: do sub-consciente) e o inconsciente nos conduz sempre, como Freud e seus discípulos mostraram, às experiências e aos mecanismos do pensamento infantis.” (SPIELREIN, 1981b, p. 329)

Spielrein mantém o termo subconsciente em todos os seus escritos, designando, ao que parece, ora aquilo que se entende por pré-consciente na primeira tópica freudiana, a zona de circulação e contato do defendido e da defesa, esta espécie de limbo ou estação intermediária dos conteúdos que circulam entre consciente e inconsciente, entre o dentro e o fora, a percepção do mundo exterior e a percepção dos estados psíquicos internos; ora como o que não é consciente. “Na criança dorme o ancestral e no ancestral dorme a criança” (SPIELREIN, 1981b, p.329). Se o adulto inventou a linguagem no essencial, ele a criou, nas suas primeiras origens, a partir do estado infantil de sua *psique*.

Para a questão inicial, ela propõe uma reformulação: “(...) será que a criança já nasce com a predisposição para ser um ser social dotado da necessidade de comunicação? Se ela herdou a necessidade de comunicação e faz parte dos povos falantes, então herdou a necessidade da fala, o que faz com que a procure e invente.” (SPIELREIN, 2002, p. 242, trad. RDM)

Numa nota de rodapé, ela esclarece que usa linguagem no sentido comum de meio de comunicação, mas que o leitor logo verá que, na origem, a linguagem não fora um meio de comunicação. Ela comenta a ajuda dos adultos: “à pequena psique em sua luta,

estimulando o desenvolvimento dos mecanismos de linguagem hereditários incipientes na criança pela sua fala e imitação por parte da criança; para tanto, porém, mães e avós se adaptam instintivamente à disposição produtora da criança: (...)” (SPIELREIN, 2002, p. 242, trad. RDM)

“Elas criam empatia com a pequena psique e encontram o material para tanto prefigurado nas profundezas de sua própria psique, em seu próprio estágio de desenvolvimento infantil que faz com que falem por um impulso inconsciente na direção da criança”(SPIELREIN, 2002, p. 242, trad. RDM).⁹⁶ Ela dá um exemplo, a partir do relato de Stern sobre sua filhinha de 8 meses que produz espontaneamente o som labial P. Os adultos a ajudam e dizem “Papa”. Ela só repete o labial P e, depois de dez minutos, começa a dizer Pa-pa-pa sem compreender, naturalmente, o sentido do que fala. Ela aprende rapidamente a dizer a palavra papa porque estava pré-formada no labial P; mas não repete “Papa”, e sim “Papapa”, porque a limitação a duas sílabas não correspondia ainda à sua fase de desenvolvimento e ela só tinha necessidade provisoriamente da palavra Papa, como de um puro número de balbúcio sem significação verbal particular.

A opinião popular, diz ela, considera sempre as mesmas palavras, Papai, Mamãe, como as primeiras pronunciadas pelas crianças. Nas diferentes linguagens, o labial P é substituído pelos sons labiais ou dentais que lhe são geneticamente aparentados. Já a palavra “Mama” é a mesma em todas as línguas. Ela se pergunta se Papai e Mamãe são realmente as primeiras palavras de todas as crianças. A dificuldade de responder a essa pergunta se deve à falta de material de observação e a dificuldade em distinguir entre a palavra e o balbúcio sem significação. Desde o choro do recém-nascido, essa dificuldade

⁹⁶ essa reflexão, ao meu ver, se assemelha às bases do conceito de Preocupação Materna Primária de Winnicott.

em fazer a diferença se manifesta. Na origem, chorar deve ter sido um fenômeno reflexo, mas não permanece assim para sempre. No entanto, não podemos determinar com certeza quando não o é mais e quando a criança, pela primeira vez, consciente ou inconscientemente usa seu choro com uma intenção determinada. Os pais e as mães indicam esse momento de maneiras diferentes; uma mãe não gosta de admitir o fenômeno reflexo. Há, para ela, vontade, desde o primeiro choro. Ela chama, então, de palavra “o produto do balbucio quando ele passa a ter um significado que nós compreendemos, ou pelo menos devíamos compreender, porque foi pronunciado com uma determinada intenção.” (SPIELREIN, 2002, p. 243, trad. RDM). Ela dá uma série de exemplos de primeiras palavras neste sentido. E faz uma série de perguntas sobre as primeiras palavras, culminando na questão se as crianças reproduzem exatamente as palavras ou as remodelam.

Evoca algumas teorias a respeito para lidar com essa questão. A primeira delas, de Buffon (citado por ela, 1981b, p.331), aplica a lei do menor esforço e considera que as sílabas mais fáceis de se pronunciar são compostas da vogal A e das consoantes B, P e M. Por isso, as primeiras palavras infantis são compostas por elas: baba, mama, papa. Schultze(citado por ela, 1981b, p.331) acredita que a criança parte das sílabas ligadas a um menor esforço fisiológico para o mais complicado e admite, para a linguagem infantil, uma lei de deslocamento, mutilação ou transformação das palavras que dita que a sílaba (vogal ou consoante) ainda impronunciável para a criança é substituída por aquela que é a mais vizinha na dificuldade, mas oferece uma dificuldade fisiológica menor e se, ela não é bem sucedida em perceber esta, deixa-a pura e simplesmente de lado. Gutzmann, Franke e Tolscher(citado por ela, 1981b, p.331) falam em diferentes graus de esforço fisiológico, com privilégio dos graus mais fáceis. Como Kussmaul (citado por ela, 1981b, p.331), Gutzmann distingue períodos de desenvolvimento da linguagem e pensa que, já no segundo

período, a criança produz os sons que parecem aqueles da linguagem materna. E diz que é natural que os primeiros sons falados se encontrem entre o primeiro e o segundo sistema de articulação, já que os lábios e a ponta da língua são os elementos que o mamar preparou para a articulação. Para ele, por isso as palavras para pai e mãe são semelhantes em quase todas as línguas e, muito freqüentemente, aos mesmos. Para Spielrein, se Gutzmann acerta que é o ato de mamar que prepara as primeiras palavras papa, mama, baba etc, ele erra em aceitar também o princípio da série segundo o menor esforço fisiológico. Ela utiliza o pensamento de outros autores para fundamentar essa objeção. Rzesnitzek (citado por ela, 1981b, p.332) fala de uma ocupação lúdica com os instrumentos da linguagem e Ament (citado por ela, 1981b, p.332) prova que, nos monólogos pronunciados, os sons mais difíceis K, G e R, são utilizados muito antes que a criança pronuncie as primeiras palavras.

Dando exemplos de crianças, ela mostra que há uma regra rigorosa na transformação infantil que pode de fato ser explicada pela vantagem fisiológica. É verdade que as sílabas dentais e labiais são privilegiadas porque essas sílabas são favorecidas no desenvolvimento pelo ato de mamar. Mas a rigor, essas teorias deixam de explicar por que as palavras mamãe e papai são parecidas em todas as línguas, por que se considera que elas são as primeiras palavras ditas pelas crianças e como um som produzido pela criança é considerado uma palavra. Sabina Spielrein diz que, sobre a gênese da palavra, há as teorias do reflexo e onomatopéica, que merecem consideração. Elas estão de acordo que o ser humano utiliza-se dos sons espreitados na natureza de que ele aprende a se apropriar num significado determinado (significado de palavra).

Todas as teorias até então, diz ela, são unânimes em afirmar que a linguagem só conhece o estado de um som arrancado da natureza, seja produzido reflexamente, seja

repetido sem significação até se tornar uma palavra, e que é utilizado com o desígnio de comunicar qualquer coisa.

Sabina Spielrein passa, então, à formulação de seu próprio ponto de vista, o qual ela acrescenta aos outros, retomando o que havia anunciado no começo do texto, ou seja, a origem psíquica da linguagem, que ela denomina, em comparação com as outras teorias, o ponto de vista da vantagem psicológica. Ela distingue três estágios no desenvolvimento da linguagem: de início, o estágio autista⁹⁷ (ou autístico), no qual a linguagem é determinada por si mesma; em seguida, o estágio mágico, onde uma palavra recebe uma sobresignificação que conjura a realidade e, enfim, o estágio presente, de uma linguagem social destinada aos outros homens. Eles correspondem à série do desenvolvimento do princípio de realidade, segundo Freud, embora ele considere os dois primeiros um só estágio. Nele, o desejo prevalece sobre a realidade, a imaginação sobre a efetividade, onde predomina ainda a onipotência do pensamento. Ela cita Freud de *Totem e Tabu* para falar do primeiro sistema do mundo, o sistema animista “uma maneira de proceder para se tornar mestre dos homens, das feras, das coisas, de seus espíritos” (FREUD, 1973t). Se Reinach (citado por ela, 1981b, p.333) a chama de estratégia do animismo, ela prefere, com Hubert e Mauss (citado por ela, 1981b, p.333) nomeá-la técnica do animismo. Os motivos que incitam a fazer a magia são os desejos. O homem primitivo tinha verdadeiramente uma enorme confiança na potência de seus desejos. Para a criança e para ele, desejar é provar. Cita Freud em *Duas formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (citado por ela, 1981b, p.334), que diz que a criança age de maneira análoga e é ainda incapaz de agir no plano motor, por isso satisfaz seus desejos de maneira alucinatória, produzindo a

⁹⁷ Como vimos acima, ela forja o conceito de fase autista da linguagem, inspirada em Bleuler e, logo em seguida, com a mesma inspiração, Piaget também fala de fase autista, dando em 1922, um seminário no Instituto Rousseau o qual parece que Spielrein, sua ex-analista, frequentou.

situação que a satisfaz, pelas excitações centrífugas de seus órgãos do sentido. Em *Totem e Tabu*, Freud afirma que as relações pressupostas entre as representações são pressupostas entre as coisas. Ela diz que esta sorte de crença mágica se encontra na esquizofrenia. Basta pensar qualquer coisa para que ela aconteça; este pensamento mesmo é expressão de um desejo ou de uma crença.

Ela continua sua teoria da origem da linguagem: “Assim que a criança produz seus primeiros balbucios, ela o faz porque por diversas razões fisiológicas, esta lalação traz prazer à respiração em uma certa detenção dos músculos. (...) Para Stern, ‘a evolução na linguagem progride do desejar-afetivo ao intelectual-objetivo’” (SPIELREIN, 1981b, p.331, tradução minha)

Voltando às primeiras palavras, “Papa” e “Mama”, ela nota que o bebê começa a pronunciá-las com a vogal “ö” e que no começo o número de sílabas é indefinido: “mö-mö-mö”, “pö-pö-pö”. Se observarmos o movimento da boca pronunciando as sílabas “mö-mö-mö” e o imitarmos, veremos o quanto são intimamente aparentados com o ato de mamar. Colocado de volta ao seu berço após mamar para repousar, o bebê não põe imediatamente em repouso a impulsão de enervação que usou para mamar porque os movimentos perseveram e produzem “mö-mö-mö”. Esses movimentos produtores desse encadeamento devem ser extraordinariamente carregados de prazer para a criança, seja por razões fisiológicas, porque são pré-figurados pelo ato de mamar e facilmente executáveis, mas mais ainda por razões psicológicas: reproduzindo o mamar nos seus movimentos, a criança deve reviver de alguma forma as sensações do prazer obtido quando o ato se produziu. Desde a idade mais precoce, constata-se a ligação entre movimentos determinados e as sensações que os acompanham. Quando a criança produz “mö-mö-mö”, sons que estão entranhados nos movimentos determinados pelo mamar, ela experimenta também as

sensações agradáveis do mamar.

Ela passa então a refletir sobre o caminho que levaria da sensação à palavra, passando pela representação.:

Inútil tentar representar as imagens nítidas na cabecinha da criança, seja a imagem da mãe, seja a do seio; pode ser que aí não haja mais que sensações muito obscuras de calor, de moleza (ao contato com o corpo materno), de fluidez, de saciedade. A criança desejará naturalmente reencontrar estas sensações; instintivamente, ela desejará colocar sua boca em uma posição que produz os sons evocados. A ligação entre as sílabas “mō-mō” e as sensações correspondentes se torna cada vez mais íntima e se torna uma constante; a criança procurará produzir esses sons para provocar em si o grupo de sensações esperadas e familiares. Porque certos sons são ligados a conteúdos psíquicos já determinados, às sensações, talvez já às representações, nós podemos, nesse ponto, já falar em “palavras” que mostram esses conteúdos, ou seja, os significam. (SPIELREIN, 1981b, p.335 , tradução minha)

A partir dessa descrição detalhada ela define o primeiro estágio da linguagem, o autista e sua diferença do estágio seguinte, o mágico, afirmando que, no primeiro, “as palavras são ainda autistas, determinadas por si mesmas”. Na magia, já se pressupõe um mundo exterior que influencia, ao passo que no estado autista não há necessidade de admitir um mundo exterior separado da criança. “A gênese da palavra ‘mō-mō’ nos explica este estado de origem da magia, a saber, a crença na onipotência da palavra e especialmente do nome. O nome vem magicamente no lugar da pessoa” (SPIELREIN, 1981b, p.336 , tradução minha). Ocorre com o nome o mesmo que com a imagem. Sabina Spielrein dá certos exemplos do mundo do homem primitivo e diz que Freud explica essa colocação no mesmo plano do nome e da pessoa, da palavra e do ato, da maneira evocada antes no texto: a representação, o pensamento é aqui supervalorizado como na criança, face à realidade; originalmente, todo desejo é realizado de forma alucinatória; é *a posteriori* que a criança

aprende que há uma realidade que torna as coisas impossíveis e as quais ela deve, em princípio, conquistar.

É no próprio cerne da origem da palavra que ela encontra a razão da passagem de um estágio a outro; a palavra no início é um ato, um fato positivo ao qual a magia retorna na sua crença:

A gênese das primeiras palavras infantis mostra que nós não temos a necessidade de admitir na origem uma satisfação de desejo alucinatória provocada intencionalmente. Quando a criança lança “mō-mō-mō”, ela, no início, só o faz porque esta palavra avoca uma ação ligada às sensações agradáveis, o mamar; originalmente a palavra significava o grupo de sensações, não uma ação, ela mesma era a ação. É a esse fato positivo que a magia remonta em sua crença: a palavra pode substituir uma ação, porque originalmente a primeira palavra era uma ação.⁹⁸ No sentido de um objeto separado, a palavra ‘mō-mō’ só se diferencia *a posteriori* de um grupo de sensações determinadas que se formam no ato de mamar. (SPIELREIN, 1981b, p.336, tradução minha)

Ela passa a falar, então, da constituição do conceito de objeto, do primeiro objeto, a mãe:

Pronunciar ou pensar uma palavra apela às mesmas sensações que a ação, como os movimentos da boca ao mamar, porque esta palavra resulta diretamente destes movimentos, age identicamente a eles. Quando, com o tempo, o conceito de um objeto, a mãe, se diferencia a partir de um grupo de sensações indistintas, a partir do desenvolvimento psíquico posterior, a ligação originalmente constituída entre o binômio ação = palavra e o objeto bastante diferenciado “Ma-ma” (mais tarde: mamãe) que essa palavra designa, se torna constituído. Ao pronunciar o nome, se poderá realmente evocar um grupo determinado de sensações que, mais tarde, é representado por uma pessoa. Se esse nome é mudado ou prejudicado de alguma forma, se lesa o conteúdo psíquico que lhe

⁹⁸ Esta hipótese será retomada por Piaget na formação do símbolo através da idéia de “esquemas verbais”, i.e., locuções da criança que funcionam como intermediários entre a ação sensório motora e a linguagem verbal socialmente utilizada. cf. Formação do símbolo na criança, cap.8.

está ligado (no nosso caso: uma pessoa). Vê-se, então, como o nome representa na magia a própria pessoa e o que advém ao nome, se produzirá igualmente com a pessoa. (...)

A separação entre a palavra (nome) e o acontecimento é um processo secundário; na origem era uma unidade. Na magia, ela volta a se tornar um unidade, na medida em que o nome substitui a pessoa, o processo, e a palavra, uma ação. (SPIELREIN, 1981b, p.336 , tradução minha)

Para ela, no primeiro estágio do desenvolvimento, no qual a criança ainda não conhece o mundo separado de si e que lhe falta conquistar, a palavra é pura e simplesmente destinada a seu próprio prazer. Ao final das contas, ela provoca os grupos de sensações determinadas que ela “significa”. As aspas são dela e, numa nota, ela se corrige dizendo “que ela designa”. De fato, não se trata de significado, já que não há conteúdo verbal ou representativo. O conceito de designação é aí mais apropriado. A criança percebe a diferença essencial entre a satisfação aparente que sente ao pronunciar as primeiras palavras e a satisfação real do mamar. As primeiras experiências nesse sentido devem-se à fome que não se deixa enganar por uma falsa pista. Esse é um dos fatores que deixa a criança atenta à oposição do desejo e da resistência (obstáculo), esse é o núcleo do começo de centramento do Eu (moi) frente a qualquer coisa, que mais tarde se torna o mundo exterior. Ela cita um autor, Compayé, o qual diz que talvez seja pressionando na boca o seio materno que a criança adquira a primeira noção confusa de exterioridade. A partir daí, ela dirá que é a resistência por parte do corpo materno, a resistência que se opõe a todo movimento, que nos faz, sobretudo, sentir o movimento. Mas esse mundo exterior que opõe uma resistência é, ao mesmo tempo, carregado de sensações as mais agradáveis. Os adultos vêm instintivamente ajudar o jovem psique. Conforme as experiências que provêm dos tempos

obscuros da infância, os sons “mō-mō” remetem à mulher que nutre, esses sons são repetidos com amor, e o seio materno, pleno de bebida desejada, vem à pequena boca que procura impacientemente. De sorte que na cabecinha se forma “a idéia” que pode provocar a realidade autêntica por uma ação aparente, tais como nós a temos nas palavras “pō-pō”, “mō-mō”. Numa nota de rodapé, ela remete essas idéias a um autor, Sperber, no livro *A origem sexual da linguagem*. Agora, é suficiente nomear a palavra “mō-mō” para recriar o grupo de sensações correspondente, que é reconhecido como externo e nem sempre disponível. Estamos assim, diz ela, no segundo estágio do desenvolvimento das palavras, no estágio mágico. Parece-me que podemos pensar que ele pressupõe percepção da ausência do objeto.

Após exemplos com crianças, nos quais mostra que as primeiras palavras infantis têm uma significação geral diferente da do adulto, ela diz que a experiência original palavra-ação que “provoca” a coisa desejada, não pode ser rapidamente destruída. “Todo pensamento, todo desejo ou toda crença, para a criança é, de início, um fato positivo” (SPIELREIN, 1981b, p.338 , tradução minha). Cita, então, Piaget, não um texto dele, mas uma de suas conferências. O primeiro livro de Piaget foi editado em 1923. Sua conferência psicanalítica sobre linguagem e pensamento na criança foi proferida em 1922. Certamente essa referência foi acrescentada entre a exposição que ela fez no Congresso de Haia e a publicação do texto em 1922, pois é apenas a partir de 1921 que Piaget se dedica à pesquisa no Instituto Rousseau. Segundo ela, ele fala das diferentes atitudes da criança em face da realidade; segundo ele, a criança vai do absoluto ao relativo, o que ela diz corresponder às experiências psicanalíticas. A dúvida só se desenvolve mais tarde. A criança questiona não para ver claro no estágio de coisas reais, mas para responder a si mesma no sentido desejado. A criança, no começo só conhece o presente. Aquilo que é dito, deve acontecer.

Com a questão “o que é isto?” a criança quer conhecer o nome das coisas que, para ela, substitui a coisa. Comparativamente, a questão “onde?” representa um grande progresso; o estado ativo começa lá; a coisa não está sempre lá, à disposição; é preciso se apropriar dela, saber encontrá-la. No começo, essa pesquisa é vã, porque a representação prevalece sobre a realidade. O mundo, para a criança, não é tal qual é, mas tal qual deve ser. Ela dá exemplos de sua filha e da filha de Stern e termina com um belo exemplo do escritor Anatole France.

Sabina Spielrein conclui essa parte dizendo que aquilo que os adultos compreendem correntemente como linguagem, só surgiu quando a realidade foi reconhecida ao lado da imaginação, quando os outros seres foram discernidos perto da própria pessoa e as palavras receberam uma significação que não foi constrangida, mas que é facultativa. É o terceiro estágio, o de uma linguagem social destinada aos outros seres.

Ela faz, então, um apanhado do desenvolvimento de seu pensamento até aqui, terminando por resumir os três estágios da linguagem. É um resumo que traz pequenos, mas importantes acréscimos.

As sensações são elementos de percepções posteriores e finalmente de representações (talvez tenhamos desde este primeiro estágio as percepções e as representações). A relação tornada constante entre o som e um grupo determinado de elementos intelectuais e afetivos nos permite dizer que este grupo sonoro se torna uma palavra. (SPIELREIN, 1981b, p.339 , tradução minha)

Aqui é importante assinalar o que ela diz numa nota de rodapé, que afetivo quer dizer ligado à sensação, com a reação própria do sentimento que a acompanha. É das sensações que surge a idéia, pela abstração do essencial. Ela não quer dar uma definição exata da “idéia”. Ela anuncia então seu próximo trabalho sobre o símbolo, onde discorre sobre a maneira como esse processo vem a luz. Só que em seu próximo trabalho, que dá

continuidade às idéias deste (*Algumas analogias entre o pensamento da criança, do afásico e do sub-consciente*, de 1923), ela também anuncia um próximo trabalho sobre o símbolo. Então, ou ela nunca escreveu este trabalho, que, como vimos acima, Piaget mencionou como um projeto comum, ou ele se perdeu na URSS. Continuando o resumo, ela não se obstina em designar palavra nesse estágio. Propõe que se fale de “núcleos de palavra”, ressaltando que a questão terminológica não muda os fatos. Estes confirmam que as primeiras palavras procedem do ato de mamar, percorrendo esse estágio em que elas são reproduzidas pura e simplesmente para fins de prazer, no qual sua pronúncia procura um prazer direto, porque aí se manifestam os movimentos que excitam as sensações pendentes da mamada. Esse estágio é o autista, no qual nenhum mundo exterior está ainda diferenciado, no qual a linguagem é destinada a si mesma. Assim que a criança, instruída pela experiência, extirpou a diferença entre uma satisfação verdadeira na mamada e uma satisfação aparente, pronunciando as primeiras palavras, ela forma a obscura idéia de um mundo exterior a conquistar, entrando no segundo estágio, o “mágico”, no qual se provoca a coisa desejada pelo fato de reproduzir ação = palavra. Nele, há a superestimação do desejo, do subjetivo, do psíquico em face da realidade, com a crença na “onipotência do pensamento”. Lentamente a criança aprende a demarcar o mundo exterior, na medida em que ela possa se considerar do ponto de vista dos outros seres. Muitas crianças, para não dizer todas, jamais o apreendem completamente. Aprende-se a limitar os próprios desejos e a conferir às palavras uma significação facultativa. Ao preservar sua própria insuficiência e sua dependência do mundo exterior, se desperta de maneira cada vez mais pronta a necessidade de receber a afluência dos outros seres, de se comunicar, de se sentir compreendido e, enfim, de compreender os outros homens. É assim, diz ela, que a linguagem entra no terceiro estágio, o “social”.

Ela finaliza, então, o texto, refletindo sobre a origem da palavra “pö-pö”; como “mö-mö”, ela também experimenta uma mudança de significação. Origina-se também do ato de mamar. As babás russas chamam o pão de “papa”. Essa analogia de Papa = pão, também se encontra na crença cristã de com o pão gozar do corpo de Cristo. Não é uma crença racionalizante, de que o pai dá o pão, mas uma relação mais antiga, mais interior, que vem dos povos antigos que acreditavam que o indivíduo é o que come, mostrando que a mais íntima comunidade é simbolizada pelo ato de absorver. Vem da mãe que nutriu nos inícios, com quem se teve uma unidade por bom tempo. A identificação é simbolizada pelo ato de comer.

Sabina Spielrein aponta uma diferença característica entre as ocasiões em que a criança balbucia “mö-mö” e aquelas em que balbucia “pö-pö”. Em sua própria filha de dez meses, ela observou que, quando está feliz, ela diz “papa”, quando está infeliz ou quer qualquer coisa, ela diz “mama”. Para Stern, Papa designa satisfação e Mama, tristeza. Muitas mães disseram a ela a mesma coisa. Discordando de uma observação de Mme. Hug-Hellmuth, a cuja comunicação assistiu no congresso de Haia, em 1920, quando foi proferida pela primeira vez, e que afirmava que a criança teria tirado esse fato da boca, Sabina Spielrein dirá que os diferentes sons em questão não correspondem às mesmas posições da boca; eles correspondem às diferentes fases do mamar. A palavra “mö-mö” reproduz a sucção mais fielmente. “Pö-po”, “bö-bö” correspondem muito mais a uma época em que a criança, saciada, brinca com o seio, abandonado-o e depois pegando-o novamente. Se a criança não está muito faminta, logo, de bom humor, ela se compraz em perseguir os movimentos que produzem os sons “pö-pö”, “bö-bö” e outros semelhantes. Mas se o sentimento de fome se torna imperativo, os movimentos de sucção se fazem mais enérgicos e a pequena boca toma a posição que lhe é própria no mamar abarcando

firmemente o seio. A posição da boca dá o som “mō”. Se a fome se anuncia demasiado forte, todo som ‘razoável’ cessa, um processo reflexo se produz, o choro. As manifestações que consistem em sons labiais permanecem por toda a vida a única linguagem em diferentes mamíferos.

Tentemos compreender o tamanho da novidade expressa aqui, no contexto da comunicação inicial do Congresso Internacional de Haia, de 1920. Simultaneamente a ela, Freud apresenta *Mais Além do princípio do prazer*. Nesse texto, além dele se inspirar nas próprias concepções de Spielrein de 1911, também chega a uma importante observação sobre a origem da linguagem que se tornará paradigmática: o *fort/da* emitido por seu neto de um ano e meio simultaneamente com o jogo do carretel para longe e para perto, para dominar as sensações desprazerosas provocadas pela partida da mãe à sua revelia, quando ele ludicamente, ou seja, magicamente, passa a controlar de maneira criativa esse movimento da mãe, fora de seu controle, substituindo-a pelo carretel. Poderíamos imaginar o desconcerto de ambos. Freud elabora uma teoria negativa da origem da linguagem, onde a palavra emerge para simbolizar o objeto ausente, a mãe, e tentar controlar ativamente o desprazeroso que age como trauma de não poder controlar os movimentos de aproximação/afastamento, presença/ausência da mãe. Spielrein parte do próprio Freud para dialogar com teorias de outros campos, psicologia, biologia e pedagogia sobre a origem da linguagem, tentando afirmar sua origem psíquica. Utiliza o próprio caminho freudiano de acesso ao princípio de realidade, por meio de dois textos seus, *Formulações sobre os dois princípios do suceder psíquico* e especialmente *Totem e Tabu*, indo mais além deles. Se Freud termina seu *Totem e Tabu*, depois de falar do assassinato do pai primordial e da sua proibição geradora de cultura junto com o tabu do incesto, afirmando: “No início era o ato” (FREUD,

1973t, p.1850), substituindo a formulação religiosa “no início era o Verbo”, Spielrein diz, à sua maneira, “no início do verbo era a ação”. Spielrein vai mais além de Freud, a partir do próprio Freud, dizendo que há um longo caminho positivo antes da linguagem substituir a coisa. Caminho sensório-motor e perceptivo, caminho da positividade do corpo. Aquilo que Piaget chamou de fato positivo. Mas de maneira semelhante a Freud, será a partir da tensão com outro corpo, seio, corpo da mãe e as próprias sensações corporais, que se construirá a concepção de ob-jeto, o que está colocado fora de si. Somente a partir daí, a linguagem como apelo dirigido a outro pode se originar. Há um complexo caminho antes disso acontecer. Mas a linguagem social não suprime as outras linguagens, elas apenas se tornam menos conscientes. Mas participarão da linguagem social para que ela se enraíze na subjetividade, ou seja, no corpo sensorial perceptivo erótico e afetivo, que afeta e é afetado, que produz pensamentos de desejo e sensações de prazer/desprazer.

É importante notar que, quando Spíelrein escreve “a palavra pode substituir uma ação, porque na origem a primeira palavra era uma ação” (SPIELREIN, 1981b, p. 340, tradução minha), ela antecipa uma premissa fundamental da teoria piagetiana da linguagem, premissa que será, evidentemente, formalizada por ele no sentido de que as palavras têm um funcionamento inicial indissociável das ações sensório-motoras, apenas posteriormente passam a ser representações de ações e objetos.

ALGUMAS ANALOGIAS ENTRE O PENSAMENTO DA CRIANÇA, DO AFÁSICO E O PENSAMENTO SUBCONSCIENTE

Sabina Spielrein demonstra, nesse texto de 1923 publicado nos *Arquivos de Psicologia*, publicação universitária dirigida por Claparède, portanto uma publicação não

psicanalítica, a mesma que publicava os primeiros artigos de Jean Piaget e de outros membros do Instituto Rousseau, três aspectos fundamentais da relação entre a linguagem e o pensamento: a) A palavra não é algo isolado e independente da inteligência. A linguagem falada é uma linguagem socializada por excelência, pois, graças à palavra, nosso pensamento chega a ser um pensamento lógico, adaptado às exigências da realidade. A criança adquire a palavra no momento em que começa a sair do estágio autista, abandonando pouco a pouco os mecanismos do pensamento primitivo que se tornam menos conscientes. A linguagem falada evolui antes das outras linguagens, mas estas passam pelos mesmos estágios no seu desenvolvimento (a linguagem do desenho, por exemplo). Esses estágios estão no subconsciente, onde, como Freud demonstrou, o princípio do prazer sobrepuja a função do real. b) As imagens cinestésicas estão na origem do símbolo e constituem a base do pensamento. Por isso, nosso pensamento consciente é principalmente um pensamento verbal e nosso pensamento subconsciente um pensamento, sobretudo, cinestésico-visual. Nosso pensamento consciente é sempre acompanhado de um pensamento paralelo orgânico, alucinatório, que traduz o pensamento consciente em imagens. c) As imagens subconscientes cinestésico-visuais fornecem a seiva de nosso pensamento consciente. Sem elas, nosso pensamento será desenraizado, “descorticado”. Por isso, o pensamento subconsciente é nosso pensamento principal. Só temos consciência do começo e do fim de nosso pensamento. O resto se desenvolve no subconsciente. Isso não quer dizer que ele é superior ao pensamento consciente. Abandonado a si mesmo, ele é suficiente para uma certa adaptação ao mundo, mas perderá seu caráter de pensamento criador, pois o ele de criar qualquer coisa, de fazer qualquer coisa no mundo, a direção absoluta e a concentração em direção às funções do real faltam ao pensamento subconsciente, já que ele não é necessariamente um pensamento dirigido, pois se destina a

trabalhar mais para si mesmo que para os outros. Somente com a colaboração do pensamento subconsciente com o pensamento consciente pode-se engendrar uma obra criadora no mundo: o pensamento consciente deve se apoderar do que nos oferece o pensamento subconsciente e utilizá-lo.

Espanta a não citação do texto de 1891 de Freud sobre as afasias, dada a semelhança de suas conclusões com as de Freud. Isto só corrobora a concepção vigente desde estudos da década de 1990, como expus acima, de que esse texto foi desprezado por Freud como um texto não psicanalítico e por isso não foi incluído em suas Obras Completas, desprezado também na sua importância como primeiro texto pré-psicanalítico, ou seja, que já traçava a trilha da descoberta do inconsciente e do aparelho psíquico por Freud e também como texto pioneiro do que seriam as descobertas posteriores da Neurologia e, sobretudo, da Lingüística nascente sobre o funcionamento do aparelho neurológico e lingüístico da Linguagem.⁹⁹

O texto

Ela inicia o texto distinguindo dois tipos de pensamento, embora ressalve que essa classificação é arbitrária como o são todas as classificações: o primeiro, pensamento dirigido, tem uma finalidade consciente, espontânea e o segundo, pensamento não dirigido, tem uma finalidade que não nos é consciente. Não existe limite rígido entre os dois. Mas essa classificação tem uma utilidade prática nos atendimentos clínicos diários. A partir daí,

⁹⁹ Para um maior aprofundamento nas idéias sobre afasia de Freud, ver o apêndice sobre a emergência da centralidade da linguagem.

ela faz uma diferença entre a visão psicanalítica e a visão dos psicólogos lógicos¹⁰⁰. Ela afirma:

Durante a psicanálise, nós exigimos do sujeito que abandone qualquer tentativa consciente de controlar seu pensamento; ele deve nos “dizer tudo o que passar pela sua cabeça” sem a menor crítica consciente. Eu digo “controle consciente” ou “crítica consciente” porque qualquer que seja o pensamento em questão, ele deve ser controlado por algum princípio: se não houvesse nenhuma escolha, nenhuma direção, e se todas as idéias se apresentassem a nós ao mesmo tempo, nós não conseguiríamos ter pensamentos claros, teríamos o típico “vazio” ou “branco” diante de nós, assim como vemos num experimento de associação quando nos aproximamos de um grupo com idéias afetivas. Deve existir um princípio do tipo que faz com que uma idéia se sobreponha e outra, desapareça. Esse princípio, no pensamento consciente, ou melhor, na parte consciente de nosso pensamento, é diferente da parte inconsciente. (SPIELREIN, 2002, p. 282, trad. RDM)

Em seguida ela faz uma diferença entre o objeto de estudo da psicanálise e o da psicologia, sobretudo, a lógica. Os psicólogos se ocupam das leis do pensamento consciente, enquanto os psicanalistas se ocupam das leis do pensamento espontâneo, subconsciente, que aparece mais nitidamente nas associações livres durante o processo psicanalítico, nos sonhos, nos diferentes casos de alienação mental e em toda criança. Não nos esqueçamos de que ela está no Instituto de Claparède, no meio do que existe de mais avançado nos estudos de linguagem, pensamento, pedagogia e psicanálise, onde ela é a única psicanalista. Seu diálogo principal parece ser com seu colega e ex-paciente Piaget, ao mesmo tempo utilizando idéias inéditas deste e mantendo uma diferenciação entre a consideração da linguagem e pensamento na psicanálise e na nascente psicologia lógica.

¹⁰⁰ Claparède, Bouvet e Piaget sobretudo. Aquilo que ela chama de psicologia lógica é o solo do qual se desdobrará a epistemologia genética de Jean Piaget.

Esses casos do pensamento mais ou menos espontâneo não são idênticos, o grau de adaptação à realidade, a experiência adquirida na idéia e na expressão verbal, a vida afetiva, tudo aí é mais ou menos diferente; mas não sendo idênticos, essas diferentes formas de pensamento espontâneo, nos revelam as leis comuns de cada pensamento espontâneo. O estudo de cada uma dessas formas tem suas dificuldades e vantagens. (SPIELREIN, 2002a, p.282)

Ela passa então a falar do desenvolvimento do pensamento na criança, tomando como referência uma criança de 2 anos e ½. Compara-a sempre a um sujeito em análise. Uma criança dessa idade não tem dificuldade em dizer tudo o que se passa em sua cabeça, como se pede aos sujeitos durante um processo psicanalítico, porque seu pensamento ainda não é um pensamento dirigido e lógico. A espontaneidade absoluta é o estado natural do bebê. “Ele balbucia o dia inteiro para si mesmo, sem se preocupar com a nossa presença ou a nossa ausência.” ((SPIELREIN, 2002a, p.283) Com tudo isso, o estudo do pensamento na criança tem um inconveniente que é a impossibilidade de se eliminar as excitações vindas de fora, coisa que pedimos ao sujeito em análise, que se recolha para que as excitações vindas de fora influam pouco nas suas associações. Mesmo nos sonhos, as excitações que vêm de fora raramente têm um papel. “No pensamento espontâneo da criança, por outro lado, essas excitações atingem um grau considerável de importância (...) Se diz que a criança irá constantemente abandonar um grupo de idéias para seguir outro que lhe é sugerido por uma impressão vinda de fora.” (SPIELREIN, 2002a, p.283) O pensamento da criança é “aderente”; deixada a si mesma, a criança não abandona facilmente um grupo de idéias para passar a outro. Não há nada mais fácil do que mudar as idéias de um bebê. Ele chora porque não conseguiu um brinquedo, chamamos sua atenção para outro e ele está

contente, esqueceu sua mágoa. Mas nesse caso é o adulto que interveio com sua autoridade que impõe à criança.

Nada nos prova (...) que a criança, ao abandonar o objeto de seu desejo, abandona o grupo de idéias que o envolve, que esse grupo de idéias não continua a viver nela ao assimilar o novo objeto. O bebê é rapidamente consolado, é verdade, mas é notável que uma criança que chorou por um momento, só pára de soluçar muito tempo depois. Às vezes, os soluços continuam por toda a noite. (SPIELREIN, 2002a, p.283)

Note-se o uso do termo assimilação de objeto, uma das idéias fundamentais de Piaget para o desenvolvimento da inteligência na criança, sempre um processo de assimilação e acomodação do novo ao que existia onde as estruturas mentais se constroem a partir dos processos de “assimilação” e “acomodação”, constitutivos de toda e qualquer adaptação biológica. Mas aqui, é notável como Spielrein expõe a questão da falta do objeto desejado e como sua ausência ou um novo objeto não apagam a idéia do objeto desejado, diríamos, a representação. O que foi investido de desejo persiste enquanto marca de memória. Isso prova que uma inervação como seqüência de uma idéia não desaparece assim facilmente na criança.

Abandonada às suas ocupações, sem nossa intervenção, a criança é outra. Os elementos da realidade estão lá a sua disposição. O que ela faz? Há duas atitudes frente à realidade: ou bem nos adaptamos à realidade ou bem adaptamos a realidade a nós mesmos. O bebê escolherá, entre as impressões que lhe oferece a realidade, aquelas que vão na direção de seus grupos de idéias preconcebidas; ele agirá da mesma maneira que nós em nossos sonhos, que tomam da realidade aquilo que nos convém e deformam a realidade conforme nossos sonhos. A hipótese é, para o bebê, igual à realidade. Mesmo a questão não tem para ele a função de uma questão. Se o bebê pergunta “onde está o carneiro?”, não é porque percebe que o carneiro não está lá; o bebê responde a si mesmo “Aqui!”, ou então “Sumiu!”, sem se preocupar de nenhum modo se isso corresponde à realidade ou não. A criança “brinca”, nós dizemos, e ela “brinca” sempre. Há um dualismo interessante na alma da criança; de um lado, ela percebe que é muito pequena, impotente frente a qualquer

coisa que é a realidade; ela se apóia na realidade dos pais que sabem tudo e podem tudo... De outra parte e ao mesmo tempo, a dúvida não existe para ela; ela sabe e pode tudo. A criança não se dá conta das dificuldades da realidade porque está muito acostumada a realizar na sua fantasia aquilo que lhe recusa a realidade. Tudo isso prova que o perigo das excitações vindas do mundo exterior, que poderá influenciar o pensamento espontâneo do bebê, não é realmente grande. O pensamento do bebezinho é lento, é “colante”, nós dizemos. Isso significa que os grupos de idéias permanecem por muito tempo os mesmos; os objetos que o bebê empresta ao mundo exterior, mudam pouco e se tornam sempre os mesmos. (SPIELREIN, 2002a, p.284-285)

Impossível não pensar na reflexão de Freud sobre o exemplo do jogo do carretel de seu neto, o famoso *Fort/da*, já abordado na análise do texto sobre a origem das palavras mamãe e papai. Como no exemplo freudiano, há aqui também uma reflexão sobre a presença e a ausência, sobre a fantasia e o jogo como recursos para lidar com as dificuldades da realidade. Há aqui também a presença do adulto, do outro, como aquele que apresenta e significa o mundo exterior, “descolando a criança das suas idéias fantasiosas, para fazê-la adaptar-se a novos objetos que a satisfaçam em presença, na realidade não fantasiosa, ainda que num primeiro momento assimilada a ela.” (GURFINKEL, 2001, p.112) A questão direta de Spielrein é mostrar como o pensamento é primeiro um pensamento afetivo, antes de ser puramente conexão neurológica. O mundo do desejo e da fantasia expresso no jogo infantil está imbricado na criação das idéias. Para ela, o bebê não percebe propriamente a ausência do objeto. Ou ele adere às percepções do adulto por sua autoridade, ou adere à sua realidade fantasiosa. Para Freud, trata-se de mostrar que o jogo infantil que gera linguagem e pensamento está sob o domínio do princípio do prazer, mas a criança tem que lidar com a sombra de um desprazeroso que é o sumiço de si quando o outro desaparece, com a percepção da ausência do outro e o desamparo passivo em que ela a coloca.

Em seguida, Spielrein expõe uma longa observação de um bebê em diferentes períodos da vida em que escreveu palavra por palavra o que ele falava, anotou todos os seus gestos e todas as suas ocupações. Ela escolheu relatar uma das observações à idade de 2 anos 4 meses e 1/2. Ela aponta como a criança “adere” ou “persevera”, na linguagem psiquiátrica, nas formas verbais. Além disso, observa um fenômeno interessante que chama de cruzamento, pela semelhança com o cruzamento genético estudado por Mendel, que produz tipos mestiços, misturados. Assim, ela nota que o balbucio da criança produz abundantemente frases onde certas partes pertencem a um grupo de idéias e certas partes a outro grupo. Não é uma simples condensação, porque a frase cruzada é seguida ou foi precedida de frases simples, emprestadas tanto a um destes grupos quanto a outro. Ela chama então de cruzamento essa condensação de dois grupos de idéias numa frase, seguida ou precedida de sua dissociação nas frases seguintes. Para ela, no pensamento do bebê superabundam essas frases cruzadas. A rigidez da expressão verbal nos permite dizer qual grupo de idéias essa expressão representa.

Após relatar a observação e analisá-la detalhadamente, ela expõe suas conclusões:

- 1) No bebê, as idéias não aparecem isoladas, elas se encadeiam e seguem as leis da associação;
- 2) O pensamento do bebê é lento e pobre de associações, as idéias e suas associações são pouco variadas;
- 3) A criança não exprime uma idéia logo. A idéia aparece, no início, esmigalhada, ligada a outras idéias; nós vemos essas partes (migalhas) aparecerem isoladas numa quantidade de outras frases, ligadas a outras idéias, às vezes bem desajeitadamente, antes que a idéia chegue a ser expressa numa frase inteira. Isso se explica por aquilo que veremos melhor a seguir, ao estudar como um afásico e uma criança desenhavam;

4) O pensamento da criança não está necessariamente ligado a uma direção. Nós encontramos aí duas direções opostas de uma vez. Quando a criança já chegou à nova idéia, seu pensamento retorna à idéia precedente que se transplanta agora à nova idéia. Isso tem por consequência que:

5) A velha idéia aparece sempre, ela fica ou persevera;

6) ao se transplantar para a nova idéia, ela produz o fenômeno do cruzamento;

7) ela demonstra, pelo do estudo dos grupos de idéias durante a observação, que há quatro ações envolvidas nelas: comer, vestir-se, esconder-se e dormir. Pergunta-se se é por acaso que a idéia de comer desaparece rapidamente enquanto as outras persistem. A partir dos estudos de Stern, estuda como a persistência das frases e das palavras na criança está ligada a sublinhar algo que é importante para ela. Há aí, portanto, algo que é uma relação de interesse no sentido psíquico, não biológico, uma relação afetiva. As associações da criança observada vão ficando cada vez mais emotivas. “No grupo de idéias dormir, que permanece muito tempo, a alegria superabunda. Frase 41: “cavalo, cavalo dorme.” 42: “Oh, bebê dorme no livro!” A alegria vai aumentando e chega a seu ponto culminante quando o livro deve vir dormir com a mamãe. Aqui jorram as recordações sempre agrupadas em torno da mesma idéia: desejo de dormir com a mamãe, embalada por seus cantos.” Daí a conclusão de Spielrein de que o que faz persistir um grupo de idéias no pensamento espontâneo é o movimento afetivo.

Ela inicia a segunda parte de seu texto dizendo que há duas observações a fazer na sua análise do pensamento no bebê. Uma de ordem mais geral: é certo estudar a expressão do pensamento e concluir sobre o próprio pensamento? É o mesmo problema de saber se percebemos as coisas tais como elas são ou tais como as percebemos. Ela ressalta que não se deve confundir o pensamento com o que existe em nós de experiência mecanizada,

adquirida, estabilizada, orgânica, como é o caso quando se trata de um instinto. O pensamento só existe para nós na sua expressão. Essa expressão ou linguagem não precisa ser necessariamente uma linguagem de palavras. O pensamento pode ser traduzido em uma melodia, em movimentos (gestos, por exemplo), em imagens, etc. A linguagem que exprime nossos pensamentos pode ser destinada a nós mesmos, como nos sonhos, o que nós chamamos de linguagem autística, ou pode ser destinada aos outros, como linguagem socializada. Mas de uma forma ou outra, é sempre a linguagem que representa para nós o próprio pensamento. É após sua expressão numa linguagem qualquer que nós concluímos sobre o mecanismo do pensamento. A segunda objeção, mais específica, se refere à dúvida em relação ao caso estudado, se aquilo que designamos como mecanismo do pensamento no bebê não pode ser explicado unicamente pela incapacidade do bebê de se expressar em palavras? Será que o mecanismo de pensamento do bebê não nos pareceria totalmente outro se ele se expressasse em uma outra linguagem que não as palavras, se conhecêssemos como ele pensa em si mesmo? Aqui se coloca o mesmo problema que para o caso da afasia.

Spielrein postulará que pretende demonstrar em seguida que o mecanismo de pensamento da criança se assemelha em muitos pontos ao mecanismo de pensamento nos nossos sonhos e no afásico.

Ela fará então uma apresentação da afasia. É curioso que ela exclua Wernicke, Brocca e Freud, que foram pioneiros no estudo desse distúrbio, da sua apresentação dos estudiosos. Em relação a Freud, só podemos pensar que seu texto sobre as afasias era um texto esquecido, colocado por ele mesmo no campo fora da psicanálise. Por afasia ela entende a incapacidade de falar de origem cerebral. O ouvido está em bom estado, a via motriz está livre, o que quer dizer que os nervos, os músculos e tudo o que constitui os órgãos da palavra está intacto; na maioria dos casos, o doente é incapaz de repetir o que lhe

falam. Há três tipos de afasia: sensorial, amnésica e motora. Na sensorial, o doente fala, mas não compreende o que se lhe diz; na afasia amnésica, ele não se lembra mais do nome das coisas e, se vem a lembrar, compreende tudo e pode tudo dizer. No terceiro caso, o doente conhece os nomes das coisas, compreende tudo, mas não sabe dizer.

Para explicar os fenômenos da afasia, não há acordo entre os teóricos. Há os que distinguem ainda centros no cérebro, cada um com uma função especializada (os localizacionistas), que crêem que a lesão de um centro produzirá depois disso problemas da função, localizada no centro correspondente. Haveria um centro da palavra onde as lesões ocasionam diferentes formas de afasia. Outros, como Weber, Claparède e Naville (citados sem referência), dizem que a perda da linguagem na afasia é independente da perda da inteligência, que pode ficar intacta, sem poder se exprimir; na afasia motora, tratar-se-ia de um problema na via que vai da idéia mental da palavra à sua expressão motora; logo, tratar-se-ia apenas da perda das imagens verbo-motoras: poderíamos ter na cabeça a idéia da palavra, entendê-la mesmo em nós como som e não ter a imagem de sua expressão motriz.

Spielrein coloca a novidade de Jackson (citado sem referência) para a explicação dos fenômenos da afasia. Sua idéia é que as lesões de certas regiões do cérebro produzem uma dissolução no domínio das funções superiores, que são substituídas por funções inferiores. Numa passagem dele, citada por ela, fica clara a ênfase dada por ele à perda da linguagem intelectual, mais voluntária, e a persistência da linguagem emocional, mais automática. Há perda da fala, mas presença de uma gesticulação intensa, como manifestação emocional e não uma pantomima, que seria mais intelectual. Monakow (citado sem referência) propõe sua teoria das localizações cronogênicas das funções. Head (citado sem referência) e outros acham que o problema da palavra na afasia não é um problema de inteligência de natureza especial. A afasia seria, para eles, essencialmente a

dificuldade de adaptar às idéias os signos simbólicos que as representam. Nesse ponto ela traz as observações interessantes do Dr. Naville. O doente com afasia motora, tem bastante inteligência para indicar com sua mão no cérebro onde está o lugar da sua lesão; quando seu estado melhora e ele readquire a capacidade de se exprimir por escrito e oralmente, ele diz que conservou sua vontade, suas concepções, a memória exata das coisas e até a possibilidade do mecanismo motor da linguagem, mas faltava a aderência da idéia à palavra, o emprego da palavra como símbolo do objeto. Spielrein diz que a palavra, como símbolo, até mais como signo de um objeto, é uma aquisição que a criança deve fazer durante o seu desenvolvimento, assim como o primitivo. As primeiras palavras são fenômenos reflexos ou onomatopéias. A incapacidade de se servir de signos verbais é, portanto, um defeito da faculdade da inteligência, que é mais visível nos casos de afasia que se apresentam para nós, não na forma de afasias puras, mas misturadas à alexia (incapacidade de ler de origem cerebral) e agrafia (incapacidade de escrever de origem cerebral). Nesses casos, aparecem os mesmos problemas que no domínio da linguagem falada.

Ela passa a descrever suas observações de um homem afásico de 55 anos com afasia motora. Nele, há fenômenos de perseveração e cruzamento, devido à incapacidade de dar uma direção fixa ao seu pensamento. Assim, ele repete corretamente as palavras *table*, *chaise*, *chambre*, mas ao apontar a mesa dirá *timbre*, misturando *table* com *chambre*. O mesmo acontece nos experimentos com desenho. Ela alerta para não confundir este cruzamento com o que Piaget (é a primeira vez que ela o cita neste texto, já para diferenciar seus conceitos) chamou de justaposição. Esse último conceito descreve a justaposição infantil de detalhes sem se preocupar com sua relação com o todo. No caso do desenho

infantil, há as mesmas características de perseveração e cruzamento que nos fenômenos estudados na afasia.

Ela ressalta algo que parece ser a tônica dominante de seu texto. Há uma semelhança entre o bebê e o afásico na grande importância dos momentos afetivos. Suas observações pessoais confirmam as observações de outros autores: **o doente chega mais facilmente a encontrar as palavras perdidas ali onde se trata de uma relação emotiva.**

Ela começa então a expor suas conclusões: tanto na criança como no afásico, a insuficiência ou o problema da palavra não forma um defeito isolado, independente da inteligência; nós encontramos nas crianças e nos afásicos as mesmas particularidades. Não se pode considerar que a palavra seja isolada, independente da inteligência. A linguagem falada é uma linguagem socializada por excelência; graças à palavra, nosso pensamento chega a ser um pensamento lógico, adaptado às exigências da realidade. A criança adquire a palavra no momento em que começa a sair do estágio autístico, abandonando pouco a pouco os mecanismos do pensamento primitivo que se torna sempre menos consciente. A linguagem falada evolui antes de todas as outras linguagens, como linguagem lógica ou socializada, mas as outras evoluem também no mesmo sentido: a linguagem falada e a do desenho na criança atravessam os mesmos estágios no seu desenvolvimento – a linguagem falada evolui antes e a do desenho, mais tarde.

Ela começa então a introduzir o pensamento subconsciente (não consciente) tal como colocado por Freud. Nele encontramos os mesmos estados primitivos, onde o princípio do prazer se sobrepõe à função do real.

Se o pensamento dirigido é alterado por qualquer razão, ele sofre um “desdesenvolvimento” tornando-se, num certo sentido, o pensamento primitivo da criança. É o que se observa na afasia, seja no domínio da palavra, seja em outros domínios.

Spielrein quer ressaltar que no “desdesenvolvimento” no domínio da inteligência nos casos de afasia, joga um papel relevante o “desdesenvolvimento” das imagens verbo-motoras. Ela passa a estudar então estas imagens.

As imagens verbo-motoras só são um grupo das imagens cinestésicas que estão, como eu mostro em meu trabalho sobre a origem do símbolo (a aparecer) na origem e na base de nosso pensamento. Nosso pensamento consciente é sempre acompanhado de um pensamento paralelo, orgânico, alucinatório, traduzindo o pensamento consciente em imagens; este pensamento paralelo é o pensamento subconsciente. Nós sublinhamos as saliências desse pensamento nos fenômenos de *synopsias* estudados por Th. Flournoy, mas sobretudo nós podemos os observar nos estados hipnagógicos (Maury, H. Silberer), quer dizer, nos estados de grande fadiga onde o pensamento não é mais suficientemente dirigido para suprimir todas as imagens subconscientes, o que permite a nós ver de uma só vez o pensamento verbal e sua expressão imagética ao mesmo tempo. (SPIELREIN, 2002a, p.305-306)

Ela dá dois exemplos de pensamento hipnagógico, um deles aparentemente ocorrido com Jung, e que faz referência a escolhas amorosas.

As imagens subconscientes cinestésico-visuais dão a seiva de nosso pensamento consciente. Sem elas, nosso pensamento será desenraizado, “descorticado”. Na afasia motora, não se trata de perda das imagens verbo-motoras, mas talvez da perda da adesão da idéia à palavra, enfraquecimento da adesão da idéia à sua imagem cinestésica. Assim, privado da seiva, o pensamento verbal definha no sentido que sofre um “desdesenvolvimento” (Jackson) e se torna um pensamento primitivo, torna-se em parte um pensamento infantil. O que vimos no domínio da palavra ocorre também no domínio das outras linguagens, como no domínio do desenho, por exemplo. Também nesses domínios nós podemos admitir a influência da dissociação entre a idéia consciente e sua expressão,

geralmente subconsciente, cinestésica, no domínio da afasia motora, especialmente se for um enfraquecimento da adesão da palavra à imagem verbo-motora. Ela não pretende ter dito a última palavra num domínio tão complicado como a afasia. Só quer chamar a atenção sobre a possibilidade de reunir as duas teorias que pareciam antagônicas, considerando as imagens cinestésicas na origem de nosso pensamento e acompanhando constantemente nosso pensamento verbal, consciente. A perda ou enfraquecimento de suas adesões ao nosso pensamento consciente traz, como consequência, problemas consistentes no desdesenvolvimento: o pensamento se torna mais primitivo e se parece, como ela demonstrou, com o pensamento da criança. Isso não exclui que o pensamento do afásico seja superior, em muitos pontos de vista, ao pensamento da criança. O adulto possui uma rica experiência que a criança não adquiriu ainda; apenas o mecanismo do pensamento no afásico se torna primitivo, como o nosso pensamento subconsciente que é, ao mesmo tempo, o pensamento da criança.

O pensamento subconsciente é nosso pensamento principal. Só temos consciência do começo e do fim de nosso pensamento. O resto se desenvolve no subconsciente. Isso não quer dizer que ele seja superior ao pensamento consciente. Abandonado a si mesmo, ele é suficiente para uma certa adaptação no mundo, mas perderá seu caráter de pensamento criador, pois o elã de criar qualquer coisa, de fazer qualquer coisa no mundo, a direção absoluta e a concentração em direção às funções do real faltam ao pensamento subconsciente, já que ele não é necessariamente um pensamento dirigido, pois se destina a trabalhar mais para si mesmo do que para os outros. Apenas com a colaboração do pensamento subconsciente com o pensamento consciente pode-se engendrar uma obra criadora no mundo: o pensamento consciente deve se apoderar do que nos oferece o pensamento subconsciente e utilizá-lo.

III - ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O ESQUECIMENTO DA OBRA DE SABINA SPIELREIN

A apresentação resumida do pensamento de Sabina Spielrein deixa evidente um pensamento metapsicológico próprio apoiado na metapsicologia freudiana da primeira tópica, mas indo além dela, antes de Freud fazê-lo.

Evidente remete a visível. De fato, todos os textos de Spielrein foram muito bem recebidos por Freud e publicados nas pioneiras revistas de psicanálise quase imediatamente após sua escritura. Por que então, a partir do seu retorno à antiga URSS, eles ficaram invisíveis, estando lá, mas não sendo mais vistos ou lidos, esquecidos progressivamente, até a publicação da compilação de suas cartas e trechos de seu diário por Aldo Carotenuto em 1977?

Utilizar a palavra esquecimento¹⁰¹ da obra remete a um ato superficial, involuntário, um não estar presente na memória imediata. É uma maneira fenomenológica válida de descrever a desapareição dos textos de Spielrein como referencial psicanalítico. A obra de vários outros psicanalistas das origens tiveram este destino, sobretudo aqueles que não participaram ou não tiveram uma posição de destaque no movimento político institucional da psicanálise, estiveram envolvidos em querelas ou não fizeram uma política da teoria para que sua reflexão única e singular tivesse reconhecimento destacado dentro da coletividade psicanalítica ou fora dela.

Poderíamos utilizar a expressão “soterramento histórico da obra”, o que combina bastante com a metáfora do método de trabalho que foi emergindo desta tese, a geoarqueologia da ruína. Forças históricas que atuam no sentido de sobrepor camadas de depósitos pela ação do tempo, da política geral e institucional de cada tempo, que funcionam com algum nível de determinação e causalidade, mas também por fendas e irrupções, à maneira do magma vulcânico. A pergunta então seria: Quais forças trabalharam resultando no efeito de eliminação da recordação e do registro histórico de Sabina Spielrein como uma indiscutível pioneira da psicanálise, um de seus mitos de origem?

Será que poderíamos falar de recalque¹⁰² da obra?

Richebächer (2003, p. 246-7) acha que sim. Para ela, o conceito psicanalítico de recalque se traduz no axioma de que um evento anterior A é retrabalhado como resultado de um evento posterior B e dotado de um novo sentido que, então, desenvolve um efeito

¹⁰¹ Agradeço a sugestão deste termo a Décio Gurfinkel que, me vendo às voltas com o diálogo interno em torno do uso do termo recalque, minha escolha inicial, a partir do questionamento de Renato Mezan, sugeriu-me manter o termo mais fenomenológico e depois realizar a discussão teórica.

¹⁰² No início, eu pensava que inequivocamente deveríamos falar em recalque da obra de Spielrein. Um genuíno questionamento realizado por Renato Mezan, a quem sou grata, permitiu uma igualmente genuína abertura de entendimento.

patogênico. Esse processo é cunhado com o termo *Nachträglichkeit*, a posteriori. Para ela, o conceito de recalque também pode ser aplicado à história mesma da psicanálise. Sabina Spielrein primeiro foi esquecida, com razões suficientes para isso. Sua pessoa, seu nome, indubitavelmente faziam lembrar a ruptura entre Freud e Jung, em 1913, que foi tão traumática para o movimento psicanalítico. Concordo com a autora quando ela diz que Sabina Spielrein era uma pessoa independente, de desejo próprio e não permitiu ser pega na armadilha dos interesses do movimento psicanalítico como um mero aparato. Ela, sem dúvida, ofendeu seguidamente as estruturas patriarcais psicanalíticas. Ernst Jones que foi o mais hábil político da história do freudismo e quem passou mais tempo à frente da Associação Internacional da Psicanálise (PLON; ROUDINESCO, 1998, p. 385-6)¹⁰³ (de 1934 a 1949) não podia suportá-la (RICHEBÄCHER, 2003, p. 247).

Para Richebächer, o reaparecimento dos diários e correspondência de Spielrein e a publicação de seu trabalho científico a partir de 1980, não funcionou como gatilho de memória para a psicanálise. As pessoas preferem se poupar o trabalho da memória, rotulando-a retrospectivamente com um diagnóstico de distúrbio psíquico severo, como vimos acima. É estranho que a psicanálise resista à sua própria história, pois de todas as disciplinas de saber, ela é a única fundada na crença do poder curador da memória. Atribuir retrospectivamente um falso diagnóstico assegura que nada muda.

Eu penso que é necessário distinguir bem entre o recalque (*Verdrängung*) e a repressão ou supressão (*Unterdrückung*). Esta última é uma operação psíquica que tende a suprimir conscientemente uma idéia ou um afeto cujo conteúdo é desagradável. Já o

¹⁰³ Ele ficou à frente da instituição justamente no período em que ela se transformou, a partir de 1925, numa organização centralizada, dotada de regras de formação e admissão que visavam a normatizar as análises e afastar da formação os analistas “selvagens” ou transgressores, além de proibir as práticas ditas “incestuosas” de analisar membros da família ou de uma mesma família, além da proibição de manter relações sexuais com pacientes, qualquer que fosse sua forma.

recalque designa o processo que visa a manter no inconsciente todas as idéias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer. O recalque é a operação psíquica constitutiva do núcleo original do inconsciente. Ele não lida com as pulsões em si, mas com seus representantes, imagens ou idéias, os quais, apesar de recalcados, continuam ativos no inconsciente, sob a forma de derivados, ainda mais prontos a retornar para o consciente, já que se localizam na periferia do inconsciente.

A questão é: como utilizar de maneira válida, os conceitos psicanalíticos de recalque e repressão ou supressão, que foram concebidos para o entendimento de processos psíquicos singulares de cada ser humano, num sentido que envolve o coletivo, seja na forma de suas instituições sociais, seja na forma de processos históricos? Qual é a ponte entre o aparelho psíquico de um ser humano e os processos históricos, políticos e institucionais que incidem sobre ele e que dizem respeito ao tempo ao qual ele pertence, mas não só a este tempo, mas também ao tempo que o antecedeu e aquele que sobreviverá a ele?

Foi na conceitualização da própria Spielrein que encontrei um caminho possível para pensar a questão do esquecimento da sua pessoa, da sua obra e da sua importância para o movimento psicanalítico, dentro do enquadre dessa questão. Ela diferencia *Verdrängung* de *Unterdrückung*, no esteio de Freud, mas acrescenta o uso do termo subconsciente e linguagem simbólica subliminar. Na teoria subjacente às idéias expostas na carta a Jung que analisamos acima, aquilo que é do coletivo, seja na forma de precipitados do passado da espécie, chamado psique coletiva, sejam os ideais éticos, morais, a percepção da continuidade da evolução histórica, está no subconsciente, suprimido do consciente, mas

passível de consciência. Pode se ligar a registros corporais e do pré-consciente, esta zona psíquica formada pela censura que atua no recalque das representações da pulsão, lugar onde se dá a percepção da duração do tempo. Esses, o pré-consciente e os registros corporais, também são parte do subconsciente. As representações simbólicas, o símbolo, a linguagem simbólica subliminar, não são processos do consciente que se apóiam quase exclusivamente no plano visual, mas sim subconsciente, passíveis de consciência.

Penso que as forças históricas que atuaram no esquecimento da pessoa e da obra de Sabina Spielrein se relacionam àquilo que é marca simbólica da sua corporeidade e aos fantasmas pessoais, fruto do recalque. Penso que, no espaço da intersubjetividade, estas forças históricas atuaram também nos dois personagens principais de sua história, Jung e Freud, e também com a marca simbólica da sua corporeidade e dos seus fantasmas pessoais.

Por marcas simbólicas da corporeidade, entendo as determinações simbólicas constituídas pelo fato de Sabina Spielrein ser mulher, russa e judia, condições que perpassaram sua corporeidade desde antes de seu nascimento e influíram na sua movimentação no mundo. Da mesma forma, para Freud, homem, judeu, austro-húngaro e para Jung, homem, cristão e suíço-ariano.

Por fantasmas pessoais, entendo aquilo que se mostra constituído e constitutivo do recalcado a partir de vivências corporais e pulsionais que constituem uma reserva histórica pulsional singular e que, ao ser mantido recalcado, produz efeitos até mesmo nos processos sublimatórios.

O fato de Freud, Jung e Spielrein terem sido forças constituintes do movimento psicanalítico em seus primórdios, colocou-os atravessados pelas forças instituintes coletivas que iam determinando os rumos dos ideais do novo campo de saber, o que também era

perpassado não só pelas práticas psicanalíticas nascentes, mas pela política institucional e pela política da teoria nascente, junto com elas.

Assim, as forças históricas que atuaram no esquecimento da pessoa e obra de Spielrein são forças políticas gerais que fizeram intersecção com forças políticas institucionais específicas e com forças políticas culturais. Por política aqui, entendo o debate e o embate das idéias sobre como determinar a relação entre os homens no espaço público em qualquer plano que se apresentem, a condução das práticas humanas nos planos culturais, sociais e econômicos, discussão que se dá por meios pacíficos ou violentos, violência explícita ou velada.

As problemáticas da política da teoria, da política institucional nos vinte e cinco primeiros anos do movimento psicanalítico, a constituição do imaginário misógino no final do séc. XIX e início do XX e a problemática da bissexualidade em psicanálise, a política da Guerra, constituíram algumas forças político-históricas-culturais que atravessaram a corporeidade de Sabina Spielrein e que compõem uma nova camada de compreensão da repressão ou supressão que está na base do processo de marginalização histórica, após a análise do que, no plano do recalque fantasmático sexual, funcionou como um ímã atrator.

A - FANTASMAS PESSOAIS

SPIELREIN

Sabina Spielrein entre Freud e Jung, Sabina Spielrein entre Piaget e Freud, Sabina Spielrein entre Freud e Bleuler, Sabina Spielrein entre Freud e Claparède, Sabina Spielrein

entre Piaget e Vygotsky/Luria, Sabina Spielrein entre Hitler e Stalin. Todas essas triangulações onde Sabina se apaga parecem ser a repetição de uma conjuntura fantasmática de um triângulo entre Sabina Spielrein, sua mãe e um homem em comum, com o seu apagamento e não reconhecimento.

Como vimos acima, pelo do seu diário, sua história psico-sexual traz à tona um complexo que se manifesta em três gerações, o casamento proibido entre uma pessoa judia e uma cristã produz amores trágicos. No caso dela, há uma intensa ligação da sua mãe com ela, a confusão gritante entre Sabina adolescente e sua mãe. Ela se apaixona pelos homens que acabam platonicamente amando sua mãe.

Sabina não quis voltar a morar na Rússia, como era o desejo veemente de seu pai, desde os dezoito anos, dizendo até que escrevia em alemão para marcar isso. Não voltaria a morar lá até a morte de sua mãe, durante a Primeira Guerra. Seu pai a sufocava, segundo ela, mas também a tranquilizava quando queria usar a razão. Quando internada em Burghölzli, Jung não permitiu que voltasse à Rússia para visitar seus pais porque só de receber suas cartas ela se agitava demasiadamente. Ela mesma decidiu ficar sozinha, na Europa, longe dos pais, para manter sua liberdade e autonomia. Além disso, um ideal intelectual altíssimo passou do bisavô para o avô, deste para a mãe e desta para Sabina (nada menos que Marie Curie).

Podemos falar aqui ao menos de uma ambigüidade incestuosa entre Sabina e sua mãe, na medida em que a mãe usa a vida da filha para viver a que ela não teve, e causa na filha, o quadro clínico das vítimas de incesto físico: dissociação, distância, destruição. Essa anulação da diferença é o incestuoso. E ela se sobrepõe à rivalidade da filha em relação à mãe, que é estruturante. Qual é a vida que a mãe de Sabina não teve? O exercício de sua vida profissional e intelectual que permitiria transformar as expectativas ideais em

realizações, o amor a um homem e de um homem e a satisfação erótica decorrente dele. A histérica com traços infantis que ela se torna fará com que a exigência de ser uma supermulher inventora, intelectual, ganhadora de prêmio Nobel, Marie Curie, passe para a filha, bem como a disputa com a filha de seus primeiros amores adolescentes, de maneira adolescente. Cindida, ela sempre se retira, esperançosa de um dia poder superar esta cisão. Bleuler e Jung, além de a curarem de sua crise, deram as condições simbólicas para que ela pudesse começar a transformar suas expectativas em realizações e apoderar-se, ao menos em parte, da autoria criativa de sua vida, que se tornou uma vida pioneira como mulher, profissional e intelectual. Ao menos em parte, porque ao enfrentar escolhas político-institucionais, ela vacila, apesar de nunca vacilar em relação à defesa de suas idéias e das idéias de quem acredita. Diante da escolha de lugares político institucionais no movimento psicanalítico que a tornariam parte do aparato, interrompendo a sua liberdade de pesquisa e associação, ela sempre muda de território ou de campo de atuação. Foi assim entre Freud e Jung, quando ela se afastou de Viena na época da ruptura e se casou. Foi assim com a pressão de análise com Freud, feita por este para ela se livrar afetivamente de Jung, quando ela até deixa de ser psicanalista para ser música e cirurgiã e realiza sua análise pessoal epistolar com Jung para liquidar a transferência e voltar a ser uma psicanalista freudiana; foi assim na resistência a ficar na Alemanha e colaborar com a Associação de Abraham que queria analisá-la e livrá-la do mal “Jung”, sendo que vai vagar pela Alemanha e Suíça. E foi assim quando teve que convencer politicamente seus colaboradores intelectuais Piaget, Bouvet e Claparède a pertencerem à IPA, através do seu grupo psicanalítico, quando fracassa e vai embora para a Rússia. Mas quando lhe é dada autonomia, ela passa a ser uma força instituinte da psicanálise freudiana: em Lausanne, em Genebra, em Moscou, em Rostov sur le Don. O quanto a realização de feitos teórico-clínico institucionais eram a

realização sublimada de seus altíssimos ideais, o quanto eram a atuação inconsciente do fantasma de uma mãe insaciável por feitos heróicos do tipo prêmio Nobel de Marie Curie, é difícil determinar. O fato é que ela não ouve quando Freud lhe escreve dizendo que já tinha feito muito e que precisava descansar. Talvez a professora de música de jardim-de-infância que ela se tornou no final de sua vida por razões absolutamente históricas tenha finalmente lhe dado alguma realização pulsional sublimada do tipo direto, numa Rússia comunista, onde não sofria a pressão social para ser um Bach ou um Beethoven, para compensar a ausência do prêmio Nobel que não pôde oferecer ao seu fantasma materno. No entanto, será que, paradoxalmente, a mesma fantasia masoquista de submissão ao ideal materno teria agido impedindo-a de sair de sua terra natal à qual tinha retornado, para um exílio que talvez a salvasse e às suas filhas do extermínio nazista? Nesse caso, ficar entre Stalin e Hitler, fato que encontrou nas forças históricas que determinaram o pacto entre os dois e a quebra deste pacto, seria um perigoso enganche.

JUNG

Precisaríamos de uma pesquisa muito mais detalhada, o que não foi objeto desta tese, para levantar uma conjuntura fantasmática pessoal de Jung que teria funcionado como ímã atrator do esquecimento da pessoa e da obra de Sabina Spielrein no campo da sua própria obra, das suas memórias e da Psicologia Analítica.

No entanto, podemos formular algumas conjecturas e questões.

É curioso como Jung não tem problemas em citar o atentado homossexual de que foi alvo aos 11 anos e nem a sua crise aos 3 anos com a separação temporária de sua mãe. Mas teve muitos problemas em esclarecer quem era a S.W. de sua tese, a prima Hélène Preiswerk, a possuída judia Ivanês, sua primeira paixão adolescente que, junto com sua

babá fundamental, formou o molde da sua necessidade de se apaixonar por uma moça judia de cabelos negros, que se materializou em Spielrein.

O amor por Sabina Spielrein teve que ser recalcado porque posteriormente foi institucionalizada a proibição às relações amorosas e carnavais com pacientes, e Jung achava que Spielrein era a sua eterna primeira paciente. Ele também teve que ser recalcado porque evidenciava a atuação poligâmica de Jung, praticamente oficializada com Toni Wolff, mas deixada sempre no plano da negação. Algo como: “Eu vejo, mas não vejo”; “Eu mostro, mas não mostro”. Teve que ser recalcado também porque envolvia a influência enorme que ela exerceu no plano da constituição de seu pensamento conceitual, não apenas enquanto paciente ou amada, mas como teórica e colega de trabalho. E, finalmente, teve que ser recalcado porque ela era a incômoda criatura que queria que ele se reconciliasse com seu antigo mestre Freud, coisa que era para ele uma violência, e que acabou ficando no campo do freudismo. Por isso a diminuição da sua importância em sua vida e a diminuição gradativa da referência a ela em sua obra ou do seu papel no início da constituição de seu pensamento, que viria a se transformar numa escola.

FREUD

Aqui o terreno se torna mais movediço, mesmo para mim, que me considero uma psicanalista freudiana. É sempre mais difícil se imiscuir na vida fantasmática do pai, ainda que por razões ditas científicas. Mas como mais abaixo, ao tratar da força histórico-cultural da denegação do feminino, terei a companhia heróica de Claude Le Guen (LE GUEN, 1971), vou arriscar-me nas minhas conjecturas que, espero, não sejam apenas avaliadas como paranóicas. Como me apoio em relatos de outros pesquisadores, ao menos não será um delírio solitário.

Neste trabalho já falamos da fantasia misógina e homoerótica de Freud e da reparação posterior à mulher atingida por ela em atuação tanto no triângulo Fliess, Emma Eckstein e Fliess, como no triângulo Freud, Sabina Spielrein e Jung. A fantasia básica suposta pelo psicanalista Lotto que estaria na base dessas atuações fantasmáticas envolveria o triângulo das práticas pulsionais infantis Freud, Pauline e seu sobrinho John. Curiosamente, Emma, mesmo sem pertencer à sociedade inicial, foi a primeira mulher e paciente de Freud que se transformou em psicanalista. Spielrein foi a terceira mulher a fazê-lo.

Outra conjectura já levantada, apoiada no trabalho de René Käs (2000), refere-se ao hábito de funcionamento narcísico de Freud de não citar as fontes fecundadoras de seu próprio pensamento, o que reduziu a presença de Spielrein a uma nota de rodapé e depois a apenas uma referência abstrata.

A última e mais polêmica conjectura faria referência a um pacto implícito entre Freud e Jung em relação ao que um sabia sobre as infidelidades matrimoniais do outro. No caso de Jung, o caso amoroso e sexual com Spielrein. No caso de Freud, o caso amoroso e sexual com Minna Bernays, a irmã de sua mulher.

A fonte bibliográfica inicial é o chamado relatório Bilinsky. Mas a evidência de um caso de amor entre os dois não pára de crescer à medida que avançam as pesquisas biográficas intermináveis em torno da vida dos Freud.

Para Kerr (1997, p. 146-149 e 285)¹⁰⁴, quando Jung e sua mulher junto com o jovem Ludwig Binswanger visitam pela primeira vez a família Freud, é possível que Jung tivesse descoberto algo perturbador e que iria mudar sua vida para sempre. Essa é uma história à parte, que envolve um grande segredo, que mesmo depois de exposto e publicado, ninguém

¹⁰⁴ Ele é a única fonte na qual esta conjectura se apóia.

queria discutir. Em 1957, John Bilinsky, professor da cadeira Guiles de Psicologia e Estudos Clínicos da Andover Newton Theological School, visitou Jung em sua casa em Küsnacht, nos arredores de Zurique. Ninguém imagina porque Jung teria contado a ele a passagem reproduzida abaixo, durante uma entrevista de três horas, registrada logo após ele deixar Jung, e que o encheu de agonia, retardando a sua publicação por doze anos. Após a morte de Jung, em 1961, irritado com um artigo desfavorável a Jung, publicado em 1969 na revista Time, no qual se reproduziam observações desfavoráveis feitas por Freud sobre Jung ao psicólogo americano Stanley Hall¹⁰⁵, ele decidiu publicar a entrevista. Mas nada aconteceu e mal chega a uma dúzia o número de trabalhos que ao menos mencionam o relato de Bilinsky, sendo que quase nenhum lhe dá crédito. O próprio Bilinsky deixou o assunto morrer, embora nunca tenha retirado suas afirmações. Ele faleceu em 1983.

O depoimento de Jung publicado por Bilinsky foi o seguinte:

Em 1907, cheguei a Vienna com minha jovem e feliz esposa. Freud veio ver-nos no hotel, trazendo flores para ela. Ele estava tentando ser muito atencioso e, num certo momento, disse-me: ‘sinto não poder oferecer-lhe uma hospitalidade verdadeira, em minha casa não há nada a não ser uma esposa idosa’. Ao ouvi-lo dizer isso, minha mulher pareceu perturbada e embaraçada. Naquela noite, durante o jantar na casa de Freud, tentei conversar com ele e com a esposa sobre psicanálise e assuntos correlatos, mas depressa descobri que ela não sabia absolutamente nada do que o marido fazia. O relacionamento entre os dois era muito superficial. Logo vim a conhecer a irmã mais nova da Sra. Freud; essa irmã era uma mulher muito bonita e não só tinha um bom conhecimento sobre a psicanálise como também sobre tudo o que Freud estava fazendo. Fiquei sabendo que ele estava apaixonado por ela e que mantinham relações sexuais.” (apud KERR, 1997, p. 146)

¹⁰⁵ Foi Jung quem conseguiu os contatos para a primeira visita de Freud aos Estados Unidos pois, de início, segundo Kerr, seu trabalho em Burghölzli era muito mais conhecido lá do que o de Freud.

Mais tarde, na entrevista, Jung viria a afirmar que soubera do caso não por Freud, mas diretamente de Minna Bernays:

Alguns dias mais tarde, visitando o laboratório de Freud, sua cunhada perguntou se podia ter uma conversa comigo. Ela estava muito preocupada com sua relação com Freud e se sentia culpada a respeito. Ela então me disse que Freud a amava e que o relacionamento entre eles era bastante íntimo. Para mim foi uma descoberta chocante e até hoje posso recordar a agonia que senti naquele momento. (apud KERR, 1997, p.147)

Durante a viagem de volta de navio dos Estados Unidos, onde foram dar conferências na Universidade Clark, em 1909, um dos passatempos era a análise dos próprios sonhos entre Freud, Jung e FÉRENCZI. Num certo momento, Freud se recusa a fornecer associações a um de seus sonhos. Para a biografia de Freud realizada por Ernst Jones ele contou uma versão amena de que os sonhos de Freud haviam sido “principalmente relacionados aos seus cuidados pelo futuro de sua família e de seu trabalho.” ((apud KERR, 1997, p. 285) Nas suas memórias, ele narra de forma discreta o incidente:

Freud teve um sonho – eu não consideraria lícito divulgar o problema que o mesmo envolvia. Eu o interpretei da melhor forma possível, mas acrescentei que muito mais poderia ser dito se ele me fornecesse mais detalhes de sua vida particular. A resposta de Freud a essas palavras foi um olhar estranho – um olhar de extrema suspeita. A seguir, ele disse: “Mas eu não posso arriscar a minha autoridade!” Naquele momento, ele a perdeu totalmente. Aquela frase ficou gravada em minha memória: e nela já se prenunciava o fim de nosso relacionamento. Freud estava colocando a autoridade pessoal acima da verdade. (apud KERR, 1997, p. 285)

Mas para Bilinsky ele foi bastante além, adotando no processo, segundo Kerr, uma postura quase arrogante:

Na viagem, Freud teve alguns sonhos que o perturbaram muito. Os sonhos eram sobre o triângulo – ele mesmo, a esposa e a irmã desta. Ele não sabia que eu sabia do caso. Assim, quando ele me contou o sonho no qual sua mulher e a cunhada tinham participação importante, eu lhe pedi que me revelasse algumas de suas associações pessoais com o mesmo. Ele olhou para mim e disse: “Eu lhe poderia revelar mais coisas, mas não posso arriscar minha autoridade.” Isto, naturalmente, encerrou minha tentativa de trabalhar com seus sonhos. Naquela viagem ele manifestou graves neuroses e eu tive que submetê-lo a uma análise limitada. Ele apresentava problemas psicossomáticos e, por exemplo, precisava urinar a cada meia hora. Eu lhe sugeri que passasse por uma análise completa, mas ele não aceitou, pois teria que lidar com problemas intimamente ligados às suas teorias. Se ele tivesse tentado entender conscientemente o triângulo, sua situação teria sido muito, muito melhor.” (apud KERR, 1997, p. 285)

Para Kerr, embora haja problemas em relação ao relato publicado de Bilinsky, há muitas opiniões a seu favor: em primeiro lugar, havia rumores em Viena sobre essa relação de Freud com a cunhada, a ponto de Freud repreender uma paciente que tendia a acreditar neles¹⁰⁶; em segundo lugar, um comentário de Oskar Rie, amigo da família e médico dos filhos de Freud, que pôs em palavras o que já era facilmente observável aos mais íntimos da casa: “Para fazer filhos Freud procurava Martha; para o prazer contava com Minna”¹⁰⁷; em terceiro lugar, não foi apenas a Bilinsky que Jung fez essa revelação. Ele contou a várias pessoas que subseqüentemente tornaram o assunto público, o grande psicólogo de Harvard, Henry Murray; um jornalista italiano, Hugo Charteris e John Phillips, um analista em formação¹⁰⁸. Em quarto lugar, Carl Méier¹⁰⁹, o grande analista junguiano próximo a Jung, criticou Bilinsky abertamente por ocasião de sua primeira divulgação e, ao que parece, o

¹⁰⁶ A fonte de Kerr é Roazen, 1974, p. 62.

¹⁰⁷ A fonte de Kerr é o comentário de Oskar Rie a Pauline Fliess, conforme relatado por Peter Swales em comunicação pessoal, em 15 de setembro de 1989.

¹⁰⁸ Kerr cita entrevistas publicadas.

¹⁰⁹ Kerr cita entrevista publicada.

pressionou para esquecer o assunto. Mas quando ele próprio foi entrevistado no ano seguinte por Gene Nameche para o Arquivo Histórico Oral de Jung, declarou:

Jung mal o conhecia e cometeu uma daquelas asneiras que lhe eram habituais, pois era um péssimo juiz dos seres humanos. Ele dedicou a esse Bilinsky uma confiança absolutamente cega, desde a primeira vez que o viu. Depois de deixar Jung, Bilinsky contou-me uma história parecida com a agora publicada. Até agora eu estava convencido de que o caso era conhecido apenas por mim e por Toni Wolff – e ninguém mais... Eu nunca cogitaria de divulgar algo deste tipo. Com que finalidade? Mas aparentemente Bilinsky não pensava assim. (KERR, 1997, p. 148)

Para Kerr, a idéia de ter havido tal envolvimento sexual entre Freud e Minna Bernays recebeu o apoio independente de uma direção inteiramente nova. Peter Swales, baseando-se em cuidadosa reconstrução das atividades de Freud e na leitura aprofundada de suas cartas e textos, concluiu que ele realmente sentiu uma atração amorosa por sua cunhada nos últimos anos do século XIX, uma paixão que acabou por se consumir durante agosto e setembro de 1900. A tese de Swales é considerada controversa. Na verdade, nunca houve qualquer dúvida de que Minna Bernays foi uma figura extremamente importante na vida de Freud, atuando numa série de funções, desde correspondente a secretária, de companheira de viagens a confidente intelectual.¹¹⁰

Como essa é uma “outra história que fica para uma outra vez!”¹¹¹, cabe a pergunta de qual seria a relação desse problema sexual adulto do nosso querido Freud – que certamente teria se conectado ao pólo atrator do infantil fazendo-o gerar o pilar da fantasia sexual infantil, básico para a psicanálise – com a nossa questão, o esquecimento da pessoa e

¹¹⁰ Tendo perdido sua oportunidade de casar-se devido à morte de seu noivo em 1886, ela veio para a casa dos Freud em 1895, para ajudar durante a sexta, última e indesejada gravidez da irmã. Voltou no ano seguinte e continuou com a família pelo resto de sua vida. A proximidade de Freud e Minna, que viajaram juntos pela primeira vez em 1898, pode ser justaposta a vários comentários relativos à infeliz vida amorosa de Freud, espalhados ao longo de seus escritos de 1897 a 1901, período em que completava suas principais obras psicológicas, enquanto usava a si próprio como seu melhor paciente. In Kerr, 1997, p. 149.

¹¹¹ Como diziam Julio Gouveia e Tatiana Belinky num dos primeiros programas infantis da televisão brasileira, quando acabavam de contar uma história que iria emendar em outra.

da obra de Sabina Spilerein. Em primeiro lugar, o pacto implícito existente entre ele e Jung, envolto na desconfiança mútua quanto ao que cada um sabia das transgressões sexuais do outro. Mas, se for mesmo verdade a relação amorosa e sexual de Freud e Minna Bernays, ela justifica, do ponto de vista do solo fantasmático pessoal na escritura do texto (o que se somaria ao que exporei logo mais do pensamento de Le Guen sobre este texto), a ênfase e centralidade do mito do assassinato do pai e da instauração do tabu do incesto que o texto *Totem e Tabu* traz, e que iria se transformar em outro pilar inabalável da psicanálise. Ela justifica também a forma contundente com que Freud inicia a *História do movimento psicanalítico* (1914), fazendo um giro de força que o transformaria no chamado pai primordial, fundador e centralizador do movimento psicanalítico que, a partir de então, vai progressivamente instalando o tabu do incesto na sua progressiva institucionalização. O que certamente contribuiu para a instalação de uma história oficial que deixou várias histórias paralelas em segundo plano, instalando também, por muito tempo, pela posição central que a Associação Psicanalítica Internacional ocuparia até os anos 1950, uma história dos vencedores e outra dos vencidos, como nossos queridos filósofos frankfurtianos, Adorno, Horkheimer e Benjamin nos ensinaram.¹¹²

Sendo o propósito do presente trabalho traçar a história do movimento psicanalítico, não haveria de estranhar seu caráter subjetivo nem a preponderância nele da minha própria pessoa. A psicanálise é, com efeito, obra minha. Durante dez anos fui o único a ocupar-me dela e todo o desgosto que a sua aparição provocou caiu sobre mim, fazendo-me contemporâneo das mais diversas e violentas críticas. Ainda hoje, não sendo já o único psicanalista me acredito no direito de sustentar que ninguém pode saber melhor do que eu o que é psicanálise, em que se diferencia dos demais processos de investigação psíquica e o que é o que pode ser acolhido sob seu nome e o que deve ser excluído dele. (FREUD, 1973y, p. 1914)

¹¹² Um pouco mais sobre isso, encontra-se no apêndice 1, A arqueologia da ruína enquanto método.

B - POLÍTICA DA TEORIA: O PARADIGMA DA PARANÓIA EM OPOSIÇÃO AO PARADIGMA DA ESQUIZOFRENIA¹¹³

A Clínica do hospital Burghölzli, onde Sabina Spielrein foi internada, tratada por Jung e onde depois trabalhou como psiquiatra e psicanalista, tem uma longa história de inovações fundamentais para a consolidação da psiquiatria como campo de saber e para o estabelecimento de relações entre a psiquiatria e psicanálise que marcaram toda a concepção de doença mental no séc. XX. Desde a sua fundação, por volta de 1860, foi dirigida por psiquiatras pioneiros arrojados e inovadores como Griesinger, Forel e Bleuler, seu diretor a partir de 1898, grandes críticos do niilismo terapêutico da escola alemã. Bleuler dirigiu Burghölzli de 1898 a 1927. Todos os pioneiros da psicanálise passaram pela clínica sob sua direção. A psiquiatria de língua alemã estava dominada pela nosografia de Emil Kraepelin, que inventara um sistema de codificação rigoroso da clínica das doenças mentais. Kraepelin continuava ligado, entretanto, a uma concepção normativa e repressora da loucura, procurando classificar sintomas sem melhorar a condição dos alienados, cujo destino se confundia com o do universo carcerário. Ele é o criador dos termos demência precoce e psicose maníaco-depressiva. Mesmo inovador, Kraepelin continuava apegado à tradição da psiquiatria medicalizada que considerava o louco não como um sujeito, mas como um objeto a observar e um indivíduo perigoso. Assim, o sistema kraepeliniano foi contestado pelos artífices da psiquiatria dinâmica e pelos adversários do niilismo terapêutico, especialmente por Bleuler. Freud adotou parte de seus conceitos, mas inscreveu sua clínica na escuta do sujeito, situando-se na posição oposta a Kraepelin, que era herdeiro de uma clínica do olhar, fundada na prevalência do corpo, na ausência do doente, na qual a

¹¹³ PLON; ROUDINESCO, 1998, p.78-80, 246-7, 440-1, 737-8; KERR, 1997, p. 3-15,41-64, 212-5, 298-314 .

ignorância da língua e da fala do paciente garantia, na medicina mental, a melhor observação.

Bleuler foi o primeiro a propor que se integrasse o pensamento freudiano ao saber psiquiátrico. Coisa que ele o faz, de 1900 a 1913, por meio dos tratamentos elaborados na Clínica de Burghölzli em parceria com seu, então, assistente Carl Gustav Jung, implantando as teses freudianas no centro do saber psiquiátrico. Em 1911, publica sua grande obra, *Dementia Praecox ou grupo das esquizofrenias*, na qual apresenta uma nova abordagem da loucura. Os sintomas, os delírios, os distúrbios diversos e as alucinações encontravam seu significado, dizia ele, caso se atentasse para os mecanismos descritos por Freud na sua teoria do psiquismo. Sem renunciar à etiologia orgânica e hereditária, situava a doença no campo das afecções psicológicas. A nova esquizofrenia não era, portanto, uma demência e não era precoce. Era de origem tóxica e se caracterizava por distúrbios primários, dissociação da personalidade ou *Spaltung* (*schizen* - fender, clivar/ *phrenos*- pensamento) e distúrbios secundários, o fechamento em si ou autismo. Criando o conceito de esquizofrenia, Bleuler procurou integrar a psicanálise ao saber psiquiátrico: “Chamo a demência precoce de esquizofrenia porque, como espero mostrar, a cisão das mais diversas funções psíquicas é um de seus traços mais importantes. Por uma questão de comodidade, emprego esta palavra no singular, embora o grupo abarque provavelmente diversas doenças” (BLEULER, 1916, apud KERR, pg. 414). Evidenciou a noção de autismo, a partir da noção de auto-erotismo. A criação desse neologismo, por contração dos dois substantivos, surge para se contrapor ao que ele julga excessivo em Freud de presença etiológica da sexualidade no conceito de auto-erotismo.

Convicto de ter encontrado a terra prometida da psiquiatria de língua alemã, que nessa época dominava o mundo, capaz de provar que a psicanálise podia transformar a

nosografia psiquiátrica e aplicar-se ao tratamento das psicoses, Freud pensava que o acolhimento entusiástico dos protestantes suíços permitiria demonstrar que sua doutrina não estava reduzida ao círculo judaico vienense, o que se refere menos à religião e mais ao **projeto político teórico e institucional** de Freud, que dizia respeito a ver a psicanálise incluída e modificando as concepções psiquiátricas, seja da nosografia, seja do tratamento da doença mental. Por meio da psicanálise incorporada às suas concepções, a psiquiatria consegue sair do seu niilismo terapêutico. Contando com a fidelidade de Jung, seu discípulo e aluno de Bleuler, contra Bleuler ele conservou a noção de auto-erotismo e preferiu pensar o domínio da psicose em geral sob a categoria da paranóia, incorporando Kraepelin à sua maneira, ao invés da esquizofrenia. Freud resiste à introdução dessa nova doença, chamando de parafrenias tanto o que era conhecido como paranóia, como o que era conhecido por demência precoce. Apenas no texto metapsicológico sobre o inconsciente, publicado em 1915, aparecerá o termo esquizofrenia, reconhecendo então Freud a importância da invenção de Bleuler. Mesmo assim, o termo aparece pouco na obra de Freud, ficando o estudo das psicoses mais pautado pelo estudo da Paranóia e da Melancolia. É Jung quem presenteia Freud com o livro *Memórias de um doente de nervos*, de Daniel Paul Schreiber (FREUD, 1973v). Freud se entusiasma e faz aí a primeira introdução do conceito de narcisismo, reafirmando o que já havia discutido com Jung pelas cartas, o papel etiológico fundamental da fantasia homossexual inconsciente no colapso paranóico de Schreber. **A paranóia vai se transformando no paradigma clínico de Freud que trará modificações à teoria psicanalítica. Curiosamente, num momento de consolidação institucional do movimento psicanalítico em torno da figura unitária de chefe-pai-mestre de Freud.**

Quanto a Jung, apesar de ardoroso defensor de Freud e arauto mesmo do pensamento psicanalítico, sobretudo no campo da psiquiatria, via com muitas ressalvas a concepção da sexualidade infantil, do complexo de Édipo e da libido. Separou-se primeiro de Bleuler, seu mestre em psiquiatria de 1900 a 1913, e depois de Freud, que fizera dele o seu sucessor. Decidiu utilizar a expressão demência precoce, e não esquizofrenia, e inventou, em 1910, a palavra introversão, que preferiu a autismo, para designar a retirada da libido para o mundo interior do sujeito. As 359 cartas de 1906 a 1913 trocadas por Jung e Freud, além da correspondência entre Freud e Bleuler, mostram como, em um longo e conflituoso diálogo onde estava em debate o estatuto do auto-erotismo, do autismo, da paranóia e da esquizofrenia ou demência precoce ou parafrenia, esses três homens participaram da implantação das teses freudianas no centro do saber psiquiátrico. A correspondência entre Freud e Jung mostra a tentativa dos dois de fazerem uma distinção constitutiva entre esquizofrenia e paranóia baseada no auto-erotismo e no homolibidinalismo, o que foi analisado brilhantemente por Chaim Samuel Katz (1994) e será exposto mais à frente. Sabina Spielrein esteve, de várias maneiras, presente nela, como paciente, como psiquiatra e psicanalista e como escritora inovadora.

Do lado suíço, Spielrein escreve sua tese *Contribuições ao estudo de um caso de esquizofrenia (dementia praecox)*, em 1910, e a publica em 1911. É a primeira a utilizar, em sua tese de 1910, o nome e conceito de esquizofrenia, antes mesmo da publicação do livro de Bleuler. É por essa tese, entre outras coisas, que Spielrein é convidada a fazer parte da recém-criada Sociedade Psicanalítica de Viena, onde apresenta seu texto sobre a destruição. Ali o paradigma clínico de suas invenções é, além da neurose, sobretudo a esquizofrenia. Poder-se-ia dizer que Sabina Spielrein não se situa apenas entre Freud e Jung, mas entre

Bleuler, Freud e Jung, no quiasma de novas invenções teóricas nascentes, das quais iria não só participar, mas também contribuir como paciente e analista.

C - POLÍTICA INSTITUCIONAL: A OPOSIÇÃO ENTRE ERNEST JONES E FREUD NA POLÍTICA EM RELAÇÃO À FORMAÇÃO DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA RUSSA, ENQUANTO OPOSIÇÃO AO FREUDO-MARXISMO.¹¹⁴

Durante os dez primeiros anos do séc. XX, a Rússia desenvolveu uma intensa atividade criadora, acompanhada de uma abertura mais ampla para o Ocidente: o movimento freudiano, também em plena expansão, estendeu-se para o Leste. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a psicanálise, já bem conhecida pela *intelligentsia* russa, suscitava debates apaixonados. Foi introduzida por Wladimir Serbski e seus alunos Ivan Ermakov e Nikolai Ossipov. Em 1914, Mosche Wulff, formado em Berlim, participou com Virubov da criação da revista *Psychotherapia*, que difundia as idéias freudianas. Por sua vez, Ossipov, apoiado por Serbski, criou uma ambulância terapêutica que ele próprio dirigia, em alternância com dois colegas, para popularizar o tratamento psicanalítico. Várias obras de Sigmund Freud foram traduzidas. Em 1921, Ermakov e Wulff, simpáticos ao novo poder, fundaram em Moscou a Associação Psicanalítica de Pesquisas sobre a Criação Artística, da qual participava também o matemático Otto Schmidt. Vera Schmidt criou uma associação, Solidariedade Internacional, e um centro educativo, o Lar Experimental para

¹¹⁴ CHINALLI, 2004, p. 93-100; PLON; ROUDINESCO, 1998, p. 663-76, 689-90.

Crianças, onde eram aplicados métodos pedagógicos inspirados no marxismo e na psicanálise. Um grande sopro de liberdade dominava todas essas iniciativas, estimuladas pela utopia revolucionária.

Foi nesse clima de renovação que o jovem Aleksander Luria, entusiasmado com as descobertas freudianas sobre a sexualidade, fundou em Kazan, em 1922, uma Sociedade Psicanalítica que reunia essencialmente médicos. Dois meses depois, Wulff e Ermakov criaram, em Moscou, a Sociedade Psicanalítica da Rússia, com 15 membros, entre eles, psicólogos e psiquiatras. Iniciaram-se, então, negociações para o reconhecimento dos dois grupos pela IPV (International Psych.Vereinigung, precursora da IPA, International Psychoanalytical Association).

Os membros do Comitê Secreto (Freud, Jones, Rank, Sachs, Ferenczi, Abraham, Von Freund e Eitington) estavam divididos sobre qual decisão tomar. Ernst Jones não gostava dos marxistas de Moscou, principalmente de Vera Schmidt, e apoiava o grupo de Kazan, enquanto Freud tinha opinião contrária. Quanto a Sandor Ferenczi, hostil ao comunismo desde a experiência da comuna de Budapest, não tomava posição. No Congresso de Berlim, em setembro de 1922, a questão da filiação foi discutida. Finalmente, em setembro de 1923, foi criada em Moscou uma Associação Psicanalítica Russa que reunia os moscovitas e o grupo de Kazan. Spielrein, recém-chegada, aderiu a ela e, em 1925, liderava o grupo de Rostov que, junto com o de Kiev e o de Odessa, compôs essa Sociedade até a extinção progressiva do movimento psicanalítico russo a partir de 1927, culminando com a proibição oficial da psicanálise em 1936. Mas, em 1925, a Sociedade contava com 30 membros, o que, para a época, era um número muito elevado. O movimento psicanalítico russo estava, então, no apogeu. Muitos intelectuais de vanguarda se apaixonaram pelo freudismo. Sergei Eisenstein, o diretor cinematográfico, está entre

eles, sendo que Spielrein participa das filmagens de seu *O Encorajado Potenkin* (1925). (Volnovitch – Sabina...)

Spielrein trabalhou também no Lar Experimental para crianças, fundado por Vera Schmidt, pioneira da psicanálise na Rússia e uma das grandes figuras do freudo-marxismo europeu. Cerca de 30 crianças, filhos de dirigentes e funcionários do Partido Comunista foram acolhidos aí, a fim de serem educados segundo métodos que combinavam os princípios do marxismo e da psicanálise. Acredita-se que o filho de Stalin aí tenha estudado. A experiência do lar tinha como quadro um Instituto de Psicanálise, fundado ao mesmo tempo que a Associação Psicanalítica de Pesquisas sobre Criação Psicanalítica, que assumiu o nome de Solidariedade Internacional. O ideal pedagógico preconizado por Schmidt buscava concretizar o sonho de uma fusão possível entre a liberdade individual e a liberação social: uma verdadeira utopia pedagógica ou pedologia, como passou a ser chamada, que combinava paixão freudiana e ideal marxista. Spielrein ocupa ao mesmo tempo o lugar de chefe da seção de pedologia na Universidade estatal.

Em setembro de 1923, Vera e Otto Schmidt foram a Berlim e a Viena para pedir que Karl Abraham e Sigmund Freud apoiassem o Lar e a Sociedade Psicanalítica da Rússia. Ao voltar, relatando a discussão que se referira principalmente à maneira como tratar o complexo de Édipo no interior de uma educação de tipo coletivo, pensaram que o apoio do Comitê Secreto estava garantido. Na verdade, o Comitê estava muito dividido quanto à atitude a adotar. Só Freud se dispunha a ajudar os Schmidt. Isolada do debate sobre psicanálise de crianças, Vera Schmidt nunca foi apoiada realmente pela IPA em seu empreendimento, cuja direção era excessivamente conservadora para aceitar uma experiência deste tipo, com os riscos e excessos que comportava. Pelas mesmas razões, o Lar também foi criticado pelos funcionários do Ministério Soviético da Saúde, que nomeou

uma comissão de inquérito para investigá-lo. Depois de um longo processo, e a despeito do apoio provisório da mulher de Lenin, a experiência chegou ao fim em condições complexas. Em novembro de 1924, o casal Schmidt encerra as atividades do Lar e em 1925, o Instituto Solidariedade Internacional é oficialmente liquidado. Em 1925, Luria e Vygotsky redigem um prefácio para a tradução russa de *Mais-Além do princípio do prazer*.

As discussões sobre marxismo e psicanálise, nos círculos políticos oficiais, foram adquirindo um tom já previsto pela postura de Trotski, seu mais ardoroso defensor, em 1923. Neste ano, ele escreveu a Pavlov explicando-lhe que a psicanálise desistira de acreditar no primado de um abismo da alma. Assim, a teoria freudiana devia ser incluída em uma psicologia materialista, como um caso particular da doutrina dos reflexos condicionados. Quatro anos depois, em uma conferência sobre o tema “Socialismo e cultura”, inscreveu o freudismo no campo do materialismo, despojando-o da teoria da sexualidade. Trotski considerava a experimentação pavloviana superior à conjectura freudiana, a qual, entretanto, não excluía, até que declarou finalmente que a psicanálise era compatível com o marxismo. Com a morte de Lenin e o endurecimento do regime, que levaria ao exílio de Trotski, à supressão da liberdade de associação e à stalinização do sistema soviético, o movimento psicanalítico russo se extinguiu progressivamente.

Enquanto Moshe Wulff emigrava para a Palestina em 1927, os outros freudianos enfrentavam o grande debate sobre a edificação do socialismo, que opunha, no campo da literatura e da filosofia, os partidários e os adversários do realismo socialista. O conjunto da *intelligentsia* soviética foi convidado pelo partido a se mobilizar na nova frente da luta de classes, a fim de expurgar os resíduos do antigo espírito “idealista” e construir o “homem novo” soviético. No campo da psicologia, a discussão sobre o estatuto da psicanálise se desenvolveu no contexto de um pavlovismo triunfante, erigido em árbitro do materialismo

proletário. Duas tendências apareceram: de um lado, os freudo-marxistas tentavam “salvar” a psicanálise, demonstrando que a doutrina freudiana era compatível com os princípios da psicologia materialista ou pavloviana, sob a condição de suprimir a teoria da sexualidade, excessivamente “bestial” e a pulsão de morte, excessivamente pessimista. Luria, Zalkind e Kannabikh publicaram artigos nesse sentido, criticando a antiga orientação, dita “literária”, de Wulff, Ermakov e Ossipov. A outra tendência se compunha de antifreudianos autênticos, que se opunham aos freudo-marxistas, afirmando a incompatibilidade absoluta entre marxismo e psicanálise. Luria sonhava construir uma ponte entre a nova ciência do psiquismo e a psicologia experimental. Sua última contribuição para a psicanálise data de 1928. Posteriormente, Luria tornou-se um dos grandes especialistas no estudo do cérebro, principalmente das funções corticais posteriores.

Em 1930, pode-se dizer que a psicanálise fora erradicada da URSS, embora um punhado de clandestinos a tenha praticado ainda durante algum tempo. Sabina Spielrein o fez até meados dos anos trinta, em Rostov-sur-le-Don, enquanto ainda exercia a medicina, quando se tornou professora de música em um Jardim de Infância, como outras dezenas de psicanalistas que tiveram que achar outra ocupação para sobreviver. Os antigos freudianos se orientaram para outras atividades, enquanto os livros de Sigmund Freud eram relegados a bibliotecas especializadas. O modelo pavloviano dominava, então, toda a psicologia. No fim dos anos 1940, foi lançada a cruzada contra a ciência e a arte dita burguesas. A psicanálise estava então oficialmente condenada, mas em virtude de novos argumentos. Em 1949, o freudismo não era mais um perigo para o ideal comunista. Entretanto, no contexto da Guerra Fria, era denunciado como uma ameaça proveniente do exterior. A psicanálise, então em plena expansão nos Estados Unidos, depois do exílio em massa de seus praticantes europeus que fugiam do nazismo, era percebida pelo campo soviético como um

componente da ideologia reacionária a serviço do imperialismo americano. Os partidos comunistas europeus adotaram essa palavra de ordem.

D - STALINISMO E NAZISMO

Não vou me alongar nesta conjectura, já que esses acontecimentos históricos são bastante conhecidos. Quero apenas ressaltar que o pacto secreto de não agressão entre Stalin e Hitler permite entender historicamente o engano de Spielrein em permanecer na URSS, o que impediu que ela e suas filhas escapassem do massacre nazista. Esse pacto veio a ser conhecido recentemente. Stalin e Hitler eram arquiinimigos e era impensável uma aproximação entre os dois. No entanto, foi firmado um acordo entre o ministro das Relações Exteriores da Alemanha, Ribbentrop, e Stalin. Por esse acordo, a União Soviética dava o sinal verde para que a Alemanha invadisse a Polônia, que fica entre os dois países. Duas semanas mais tarde, foi a vez dos soviéticos invadirem a Polônia. Àquela altura, a escala dos crimes de Stalin ainda não tinha sido denunciada. O mundo ficou atônito. Não conseguindo uma aliança com as potências ocidentais para proteger a URSS da ameaça nazista, Stalin inverteu a lógica. Na realidade, não foi um acordo — foram dois. O primeiro, público, estabelecia que os dois países não atacariam um ao outro por dez anos, nem apoiariam um terceiro país que o fizesse. O segundo, um protocolo secreto, demarcava zonas de influência no Leste europeu, significando na prática a imediata divisão entre eles do território da Polônia. O mar Báltico e o mar Negro foram explicitamente citados dentro do acordo como zonas de não agressão. Rostov-sur-le-Don, a cidade onde morava Spielrein, fica à beira do Mar Negro.

Apesar da aproximação, Stalin e Hitler nutriam desconfiança mútua. A União Soviética tentava se armar para quando o nazista rompesse o pacto. Isso aconteceu em 22 de junho de 1941, quando o exército alemão invadiu a União Soviética, lançando a operação Barba Ruiva, uma das maiores operações militares da história.

“Com a Alemanha, teríamos sido invencíveis!” Essa confiança feita por Stalin à sua guarda pessoal, em 1945, lembra que o obstáculo principal à dominação planetária continuava sendo – tanto para o senhor do Kremlin, como para o Führer – o capitalismo anglo-saxão. Marechais adversários do acordo foram presos e executados. Houve o extermínio de centenas de milhares de integrantes do partido e do Exército Vermelho. A sangrenta dissolução do Partido Comunista Polonês e as primeiras entregas de refugiados políticos à Gestapo podem ser lidas sob essa mesma perspectiva. Em vista da negociação final com a Alemanha, Molotov, então responsável pela diplomacia de Moscou, recebeu em maio de 1939 uma mensagem inequívoca de Stalin: “Livre-se dos judeus no comissariado do povo (para os Negócios Estrangeiros)” (SANTAMARIA, 2006, p. 34).

Em 7 de setembro de 1939, enquanto as operações militares começavam na Polônia, o ditador soviético se permitia uma análise meticulosa da situação:

A guerra está sendo travada entre dois grupos de capitalistas (pobres e ricos, em busca de colônias, matérias-primas etc.). Eles querem novamente dividir o mundo entre si, eles pretendem dominar o mundo! Nós não temos nada contra, se eles fizerem ataques arrasadores e se destruírem mutuamente. Não há mal algum que a Alemanha venha a colocar suas mãos sobre os países capitalistas mais ricos (em especial a Inglaterra) e ali causar alguns danos. Sem se dar conta e sem pretender, Hitler os enfraquece, pois ele solapa o capitalismo pela base. (SANTAMARIA, 2006, p. 35).

Pensar que a pulsão de morte foi banida da psicanálise russa, quando esta ainda existia, por ser excessivamente pessimista é, no mínimo, irônico. Dois filmes franco-alemães de atualidades cinematográficas (www.ina.fr/archivespourtout), de 24 de julho e 7 de agosto de 1942, exibem as tropas germano-eslovacas arrasando Rostov e seus arredores. A cidade é incendiada por um maciço ataque aéreo, onde vemos centenas de bombas caindo. Não há escapatória.

O que interessa aqui é tentar entender por que Sabina Spielrein não fugiu e a afirmação dela de que não podia acreditar que os alemães, parte de um povo de tão alta cultura, pudessem causar algum dano a ela ou a sua família. O pacto impedia qualquer propaganda negativa dos alemães. Os campos de concentração e o extermínio dos judeus não eram conhecidos. Tendo perdido seus três irmãos, dizimados pelo Gulag¹¹⁵ stalinista em 1937, e seu pai e seu marido em 1938, por causas naturais, e tendo perdido sua profissão de médica e sua opção pela psicanálise, ficando sozinha com suas filhas, pode-se imaginar o tamanho do seu luto, paralisado talvez pelo impacto traumático dessas perdas e seu refúgio e sobrevivência na música. Ela poderia ter cometido o equívoco de pensar que os alemães vinham “libertar” os soviéticos do terror stalinista. Seu passaporte estava confiscado desde 1930, quando voltou de Berlim com seu marido após a morte da mãe deste. Além disso, os seus escritos posteriores, se existiram, bem como aqueles entre 1923 e 1931, ano em que publicou seu último artigo conhecido, podem ter sumido ou terem sido destruídos. Ela refere no seu artigo de 1922 e no de 1923 que estava escrevendo um artigo sobre a formação dos símbolos de um ponto de vista psicanalítico. Os escritos de Vygotsky, que tanta repercussão causaram no Ocidente, só foram conhecidos quarenta anos após serem escritos, devido ao Gulag stalinista.

¹¹⁵ **Gulag** – (“Direção Principal [ou Administração] dos Campos de Trabalho Corretivo”) era um sistema de campos de trabalhos forçados para criminosos e presos políticos da URSS, à semelhança dos campos nazistas. Este sistema funcionou de 1918 a 1956. Foram aprisionadas milhões de pessoas, muitas delas vítimas das perseguições de Stalin. O gulag tornou-se um símbolo da repressão da ditadura de Stalin. Na verdade, as condições de trabalho nesses campos eram bastante penosas e incluíam fome, frio, trabalho intensivo de características próximas à escravidão (por exemplo, horário de trabalho excessivo) e guardiães desumanos. Floresceram durante o regime stalinista da URSS estendendo-se a regiões como a Sibéria e a Ucrânia, por exemplo, e destinavam-se, na verdade, a silenciar e torturar opositores ao regime. Embora muitas vezes comparado aos campos de concentração nazistas, os motivos que presidiram à construção de ambos são bastante diferentes: para os gulags, as motivações eram tanto a punição por crimes comuns (roubo, estupro etc.) como também aos adversários políticos do stalinismo e; para os campos de concentração, a motivação era predominantemente racial, com vista ao extermínio. No entanto, o número de vítimas, nuns e noutros, continua a ser motivo para uma comparação quantitativa.

E. - A DENEGAÇÃO DO FEMININO NA TEORIA PSICANALÍTICA.

O soterramento histórico e a supressão da obra das pioneiras da psicanálise Margareth Hilferding e Sabina Spielrein, as duas únicas mulheres a freqüentarem as reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena em 1911, (que tiveram, na época, uma recepção no mínimo torta ou neutralizante de seus textos) e o fato de a mulher ser apenas a justificação inicial da elaboração do mito do assassinato do pai primitivo e a centralidade que esse mito ocupa no corpo conceitual psicanalítico, nos levou a refletir sobre o que era a mulher no final do século XIX e início do XX com todas as ressonâncias fantasmáticas das angústias masculinas, num tempo em que as mulheres apenas começavam a ter um estatuto de humanidade e cidadania para além de seus lugares de esposas, mães e freqüentadoras de igreja. Há uma relação entre a denegação do feminino na história da psicanálise e a construção da centralidade do complexo de castração, a misoginia do final do século XIX e o percurso tortuoso de inclusão da bissexualidade na teoria psicanalítica. O ano da ruptura com Adler também foi 1911, o que marcou muito o ambiente em que essas duas psicanalistas apresentaram seus trabalhos pioneiros que colocavam a maternidade de forma nova e desmistificada. Estava se discutindo, já com Adler, a questão do feminino e da castração, num clima ambivalente e, ao mesmo tempo de intensa, rica e democrática troca intelectual, mas de excesso de medo de Freud das discordâncias, que não são entendidas como ruptura, mas acabam sendo colocadas por Freud assim.

Após as rupturas sucessivas com Adler, Stekel e Jung, e durante o processo de elaboração dessas rupturas, Freud escreve quase simultaneamente os artigos que se tornarão seu legado sobre a técnica da psicanálise (1912-1914), *Totem e Tabu* (1913) e, logo após, *A história do movimento psicanalítico* (1914). Essas três etapas quase simultâneas refundam

propriamente o movimento institucional psicanalítico centralizado em Freud como a figura de pai fundador da psicanálise. Mas qual a função da centralidade do pai em psicanálise, em relação a Freud centralizador que mantém um corpus teórico-clínico-metodológico? Segundo Le Guen (1971, p. 41-50) (*Quando o pai tem medo – ou como Freud, resistindo a seu fantasma instituiu as sociedades Psicanalíticas*), ela decorre do próprio complexo paterno de Freud. O autor se debruça sobre a convicção inquebrantável de Freud na realidade da morte do pai original e a imutabilidade do tema que, elaborado em *Totem e Tabu*, foi retomado em vários escritos (*Psicologia das massas e análise do eu*, 1921; *O futuro de uma ilusão*, 1927, *Mal-estar na civilização*, 1930 e *Moisés e o Monoteísmo*, 1937) e vai se tornando progressivamente uma certeza. O conceito permanece intocado, imutável, indiferente ao tempo e a remanejamentos metodológicos. Ao realismo histórico, à permanência do tema, deve-se acrescentar a imutabilidade da própria cena. Trata-se da repetição de uma cena de descrição precisa, atores idênticos, desdobramento fatal. A outra cena freudiana, qualificada de originária, é pobre de elementos visuais. Ela é apenas um esquema, os elementos cênicos reduzidos a um só: assistir ao coito dos pais, enquanto a morte do pai original decorre de um outro processo de pensamento e vai se organizar em espetáculo. Tragédia pré-histórica decomposta em atos: a posse das mulheres pelo pai, a rejeição dos primogênitos e a escolha do caçula, o complô e a revolta dos irmãos, o assassinato do pai e sua devoração, a rivalidade fraterna, a elaboração das regras sociais e morais, a deificação do pai e a apoteose da comida totêmica. Le Guen nota que não há verdadeiro papel feminino, e a mulher só aparece como justificção inicial da ação.

As três características que o tema da morte do pai colocam em evidência, a indiferença à realidade, a imutabilidade no tempo e a representação visual, são precisamente aquelas que Freud nos designou como indicando indícios de uma

manifestação do inconsciente. Razão pela qual Le Guen acha necessário falar aqui de um fantasma de Freud.

Fantasma não analisado ao que parece: mantido tal qual nesta representação ao longo do último terço de uma vida, ele jamais o reconheceu como fantasma. Muito pelo contrário, Freud o fez uma pedra angular do edifício psicanalítico nos seus últimos anos: sobre ele se apóiam inúmeros conceitos fundamentais como traumatismo sexual e fantasma originário (LE GUEN, 1971, p.44)

Freud desconfia da ciência oficializada e das sociedades sapientes. Condena as mesquinhas e o conservadorismo das sociedades médicas. Não surpreende, passados os anos de isolamento, vê-lo na simplicidade das reuniões de quarta-feira, para as quais a periodicidade é a única estrutura instituída. Mas os alunos crescem e, depois de o exame analítico ter progredido, é anunciado o desejo de um Encontro Internacional. Mas ele se opõe a uma formalização do empreendimento. Para ele, a reunião de 1908 em Salzburg, é um simples encontro de amigos da nova ciência. Nem sequer vê a necessidade de nomear esse encontro (que será depois considerado o 1º Congresso Internacional de Psicanálise). Não há presidente, nem secretário, nem tesoureiro, nem comitê, nem sub-comitê. E, mais extraordinário ainda, nem ordem do dia. Lá foi apresentada a análise do caso do Homem dos Ratos em condições singulares, pois Freud fala 5 horas seguidas como numa conversação e mais livremente do que jamais o fará novamente em qualquer um de seus relatos públicos.

Como não ficarmos atônitos ao descobri-lo, dois anos mais tarde, em Nuremberg, entregando-se a manobras políticas incisivas e discutíveis com a intenção de impor uma estrutura formal e fechada?

A atmosfera desse congresso não lembra em nada a de Salzburg; a parte científica é acessória e Freud, que lê uma contribuição considerada menor, monta seu dispositivo de batalha. Ele incita Ferenczi, ao mesmo tempo, a apresentar uma regulamentação exagerada, a suscitar uma estrutura deliberadamente elitista e a realizar manobras para isentar das responsabilidades seus primeiros discípulos vienenses e a instalar na presidência seu discípulo mais querido, Jung. Aí se dá uma mudança essencial depois de Salzburg. Os psicanalistas vienenses dos primeiros anos, os mais velhos ligados à causa, se irritam devido à dependência de Freud, mas se acomodam mais ou menos até a chegada de Jung. Transformado rapidamente no preferido e no sucessor designado, essa situação exacerba a cólera dos mais velhos, envenena as rivalidades, cria uma revolta surda. Freud dirá que seus inimigos ficarão encantados ao vê-lo passar fome e o despossuirão até mesmo de suas roupas. Escrevendo a Ferenczi, ele evoca sua longa aversão reprimida em relação aos vienenses. “Eu já assumo o papel ingrato de um velho indesejável e rabujento. Isso me desagrade e eu prefiro ir pela minha vontade antes que minha partida não seja indispensável.” (citação de Le Guen, p.46) Que desde agora ele se sinta atento ao seu complexo paterno, não nos surpreende. “Mas o que pode nos deixar perplexos, mais ainda pela ausência de qualquer auto-análise aparente, é a máquina de guerra que ele monta para escapar do destino pelo qual ele se sente ameaçado”(LE GUEN, 1971, p.46).

Excluindo-se de toda função dirigente explícita, ele agrupa as Sociedades Internacionais em uma Associação Internacional, a qual ele, de fato, que ele de fato controla estreitamente. Assim que os conflitos eclodem entre seus alunos, ele os apazigua e consola. Assim que pensa que a causa psicanalítica está ameaçada, ou que ele mesmo está sendo pessoalmente agredido reage com uma violência ativa. Não perdoa as ofensas, e aqueles que ele pensa que o traíram não conhecem jamais o seu perdão. Coloca-se

indiscutivelmente como o detentor da função paterna. Ele é, ao mesmo tempo, o pai inatingível que está no céu e o pai justiceiro castigando sobre a terra. As estruturas que instala pelo viés da Associação Internacional ou pelo Comitê Secreto, visam explicitamente e antes de qualquer coisa às garantias da integridade de sua obra e a formar novos discípulos na estrita ortodoxia. As sociedades analíticas não se assemelham às associações de intelectuais com que Freud havia sonhado, mas muito mais a sociedades de zeladores. Se elas parecem ser inevitáveis para fugir ao destino que o ameaça (e as dissidências podem ter vindo reforçar essa convicção), também são para ele a lembrança de uma ilusão perdida.

Freud define o seu complexo paterno como uma tentativa de corrigir o erro do seu pai. De fazer com que o erro do pai não se renove através do filho tornado pai. Aí encontramos o fantasma da morte originária claramente formulado em *Totem e Tabu*, em 1913, ano da exclusão de Jung. Freud transpõe aí o que havia vivido desde 1909: a designação do mais jovem dos filhos como seu sucessor provoca a revolta dos mais velhos e a ameaça de eliminá-lo. A salvaguarda que ele ganhou foi passageira porque o mais novo, por sua vez, queria suplantá-lo. Doravante deve-se desconfiar de todos.

Le Guen pergunta até que ponto Freud, assombrado por seu fantasma, em parte não criou uma situação perfeitamente conforme esperava? Esse pai da horda primitiva com o qual ele se identifica é pai sem ter tido ele mesmo um pai. E essa é a situação de Freud na história da psicanálise. É o primeiro de uma série de pais históricos, grandes homens, que conheceram destino idêntico. Moisés é um deles, e é com ele que Freud está mais claramente identificado. A Freud menino foi destinado um grande futuro, um destino de grande homem. Mas há uma outra constante de sua própria fantasmagoria: ele está assombrado pela idéia da proximidade de sua própria morte, e isso muito cedo, muito antes que um câncer venha sustentar essa convicção por um elemento de realidade. Numa carta a

Jung, de 1907, esse fantasma inconsciente se expressa: “Na notícia necrológica que você escreverá um dia para mim, não se esqueça de testemunhar que toda oposição que me fizeram jamais foi bem sucedida em me afastar do meu objetivo.” (citado por Le Guen, p.48). Esses dois temas remetem ao mito da morte do grande homem, ao assassinato do pai originário.

Freud não parece ter esclarecido, em sua auto-análise, essa forma particular de representação edípica. Talvez tenha sido isso que permitiu que ele descobrisse os mistérios da filiação, que se transformasse naquele que resolveu o enigma famoso e que foi um homem de grande poder. A tese de Le Guen é que, num primeiro momento, Freud se impôs como o Pai, incitando seus discípulos a tratá-lo como tal e, logo que reconhece a ameaça inscrita no fantasma, ele procura se proteger, impondo, no plano da realidade social, as regras que impediriam seus filhos de assassiná-lo. Assim se concretiza sua escolha identificatória a Moisés: essa é a razão originária da organização tão singular das Sociedades Psicanalíticas e a identificação de todo analista com Freud garante a perpetuação de suas estruturas. Uma hierarquia que privilegia os mais velhos, o funcionamento de elite e secreto, as nomeações, a guarda da lei e a referência constante ao pai fundador. Assim se esclarece de uma só vez essa compulsão de definir e conservar a ortodoxia e a assombrosa vocação, que foi já a sua, de suscitar os filhos à obstinação de formá-los e mantê-los no seio do clã. Compreende-se melhor também a importância adquirida por aquilo que se chama formação: lugar de rivalidades, de conflitos, de cisões, dito de outra maneira, de colocação em ato de um poder fantasmático que, mais do que uma necessidade interior à psicanálise, apenas perpetua e repete um “agir” de Freud, institucionalizando uma de suas resistências. Essa interpretação aponta para a falta de ambivalência que marca as proclamações de ligações a Freud de cada um em todas as

sociedades. Dada a importância de nossos laços libidinais com o pai-fundador, essa ausência de ódio é bem surpreendente.

Tudo foi colocado pelo próprio Freud, para que cada agressão se torne uma revolta merecedora de expulsão, e sua morte fechou toda saída. Sua atuação, interditando a análise do fantasma, inscreveu na realidade uma estrutura que, por esse fato, vem colocar um marco limite no campo psicanalítico. Doravante, as cisões se fazem em nome do pai, aquele denuncia tal atividade antifreudiana, aquele outro proclama o retorno a Freud. Assim vai a repetição. No entanto, não podemos desconhecer que a raiva em relação a Freud, inscrita em seu próprio fantasma, existe em todo analista e em toda sociedade analítica, sobretudo quando o amor é exclusivamente proclamado. Mas o caráter excessivo e compulsivo da ternura trai o fato dessa atitude não ser a única presente, de que ela tem que manter em guarda seu contrário reprimido.

No entanto, junto com a centralidade do mito do assassinato do pai primordial no corpo conceitual psicanalítico vem o fato de a mulher ser apenas a justificativa inicial da sua elaboração. Também nos artigos sobre técnica, a transferência foi inicialmente entendida como apaixonamento da paciente mulher pelo analista homem, uma vez que, nos dias pioneiros da psicanálise, Breuer, Freud e outros viviam a experiência de súbitas declarações de amor de suas pacientes. Os casos relatados por Freud até 1905 eram de mulheres vítimas da estrita moralidade sexual que expressavam nos seus sintomas histéricos uma vida sexual desejada, mas reprimida. Algumas vezes, Freud levava isso em conta, mas em outras, compartilhava das angústias e fantasias de desejo dos homens de sua época em relação à sexualidade feminina e que eram expressas nos trabalhos literários de sua época, como os de Maupassant, autor favorito de Freud, Schnitzler, Strindberg entre

outros. As mulheres eram retratadas como perigosas criaturas da pulsão que destroem o mundo masculino da ordem e do intelecto. Podemos lembrar o que Jung escreve a Freud para falar de Sabina Spielrein na confusão que ele fez, relatada mais acima: “Ela estava, é claro, sistematicamente planejando minha sedução” (carta de 4/6/1909, in MACGUIRE, 1993, p. 252). Nessa visão das mulheres, os dois homens estão de acordo: Freud identifica o amor sexual da paciente como um lado animal do qual o médico precisa fazê-la desistir pelo trabalho de análise. Na concepção inicial da transferência, o médico é apenas uma vítima da paciente e a contratransferência, o amor que também surge no analista, ocorre por influência apenas da paciente nos seus desejos inconscientes. Jung também coloca seu afeto, inicialmente, como mera reação ao apaixonamento de Sabina Spielrein por ele. Podemos lembrar também a frase de Freud a Jung sobre “a maneira que essas mulheres arranjam para nos atrair com toda a perfeição psíquica, até que atinjam o alvo, é um dos grandes espetáculos da natureza. Uma vez que isso seja feito, ou o contrário se torne uma certeza, a constelação muda espantosamente” (carta de 7/6/1909, in MACGUIRE, 1993, p.254).

Isso me leva a refletir sobre o que era a mulher no final do século XIX e início do XX com todas as ressonâncias fantasmáticas das angústias masculinas.¹¹⁶

Mireille Dottin-Orsini (1996), especialista em arte e literatura francesa do *fin-de-siècle*¹¹⁷, coloca em dúvida as afirmações de que nessa época reconheceu-se enfim uma

¹¹⁶ Agradeço a Maria de Lourdes Caieiro Costa a ajuda preciosa para que este texto sobre a mulher fatal no *fin-de-siècle* ficasse no tamanho que precisava ficar.

¹¹⁷ *Fin-de-siècle* – expressão consagrada que resume o espírito social, político, mas principalmente cultural de intensa transformação e criação na Europa, em especial na França, na Alemanha e no Império Austro-húngaro.

sexualidade da mulher. Qual sexualidade? Há uma confusão entre misoginia e ginolatria num amálgama característico, presente na cultura do final do século XIX.

Os comentaristas que abordam a arte do final do século passado falam de uma panfeminização obsessiva. Dottin-Orsini nos diz que nas representações femininas do século XIX, o sarcasmo e o horror se equivalem. O corpo da mulher servia para qualquer binômio de opostos: Natureza e Cultura, Luxúria e Castidade e representava a beleza e a morte. Na medida em que a mulher é um ser à parte, quase divinizado, a carniça feminina é um espetáculo perturbador, objeto de horror e júbilo criado pelo discurso masculino. A mulher-fatal-carniça – sua fisiologia feminina e seu odor de sangue – é também uma alegoria da sífilis, mal do *fin-de-siècle* por excelência. Outras matérias repulsivas se tornaram metáforas da feminilidade: a lama, o lodo, a imundície. Como prostituta a mulher é bela por fora e suja por dentro. Lama, sujeira e lixo são (como o feminino) objetos de fascinações regressivas que, ainda no século XIX, reforçam as antigas teorias científicas que lhes atribuíam virtudes terapêuticas. Nesse século se mistura uma reverência inquieta diante do aspecto fecundo da podridão feminina e sua terrível força vital. Segundo a teoria da geração espontânea, a vida renasce dos cadáveres e a decomposição é o próprio movimento do seu eterno brotar. A imagem da podridão desfaz-se diante da do húmus fértil e sob abjeção fervilhante aparece a Natureza como a Grande Mãe. A mulher como matéria fecal (*Inter urinam e feces nascemos*), como lixo, rebaixa o ídolo às latrinas. Para se defender da mulher, nada melhor que proclamar e declinar, em todos os tons e em todas as formas, sua essencial hediondez e com constância. O fantasma masculino amplia-se, girando em torno de um feminino concebido como magia ou trapaça, pressentindo ali uma armadilha para os não-iniciados. A boneca é preferível à mulher imperfeita e os vestígios da toalete feminina são erigidos em espetáculo fetichista e objeto de adoração. A

sofisticação dos apetrechos femininos, por seu duplo aspecto de couraça inexpugnável e de mostruário hipertrofiado, só faz materializar a ambigüidade da imagem feminina ao olhar masculino. Talvez ela não passe de aparência. Talvez a mulher nem mesmo exista. Nesse caso, os eternos problemas do celibatário, seus sofrimentos, suas adorações, também não são nada e ele vacila à beira do abismo do absurdo. Os românticos contemplavam a mulher como um objeto de arte, ou o objeto de arte como uma mulher. Trata-se de espiritualizar o desejo masculino transferido para a obra de arte, e também, no mesmo instante, de erotizar a relação com a tela: o quadro é mulher. A cena em que um celibatário requintado contempla no escuro uma mulher pintada exhibe uma terrível solidão masculina.

Salomé, a dançarina que obteve como recompensa a cabeça cortada de São João Batista, é a Mulher fatal absoluta com todas as características do feminino perigoso, e Dottin-Orsini (1996) talvez seja maior especialista no estudo da sua presença recorrente nas artes do *fin-de-siècle*. A instigadora do crime é a mãe. Esse duo maléfico – mãe e filha – permite lançar o anátema sobre a mulher de todas as idades da vida, as duas figuras confundidas num mesmo opróbrio. Salomé, que ofereceu à mãe a cabeça do seu inimigo é uma mulher fatal em botão, o eterno feminino, independente do número de anos. A história sugere uma revanche do corpo contra a palavra, do pecado contra a fé, das pernas contra a cabeça. A cena torna-se o ícone da guerra dos sexos e de sua revoltante conclusão, a mulher corta os Chefes. O prato sugere um canibalismo feminino, uma nutriz às avessas.

Analisando toda a evolução da figura de Salomé na pintura, Dottin-Orsini aponta que existe um marco na iconografia, um momento em que Salomé é reconhecida como imagem do feminino em geral, sem associá-la mais à cabeça cortada de João. “Com essa invenção iconográfica (Salomé-sem-cabeça-cortada) começa o mito *fin-de-siècle* e a era do terror, um sorriso de mulher é sentido espontaneamente como uma sentença de morte para

o homem” (DOTTIN-ORSINI, 1996, p. 132). Aqui é interessante notar como é pela abstração do ato de degolar (substituto da castração), que o sorriso da mulher se torna sinal disparador de angústia no homem. A cabeça cortada do homem, mesmo subentendida, foi, como a maçã de Eva, a marca do feminino. No campo fechado da guerra dos sexos, Salomé é sempre atual e sugere que o crime é consubstancial à mulher. O retrato de Salomé de cabeça cortada inverte o seu mito.

A cabeça cortada feminina é um estranho objeto: materializa o conluio entre Salomé e Medusa, faz coincidir o medo do feminino, ferida sangrenta e desejo de punir ou de se defender... A cabeça cortada da mulher é o objeto de horror e fascinação (...) uma representação pré-freudiana do sexo feminino como imagem da castração temida, a realização de um desejo sarcástico, um desejo de renovar, resumir ou parodiar o mito” (DOTTIN-ORSINI, 1996, p. 148).

.Outro mito é o da mulher de cabeça inútil, segundo o qual Salomé é um corpo de mulher que dança e o homem, uma cabeça, sede do intelecto, do pensamento e do gênio. Essa supremacia do corpo maiúsculo leva ao sonho de belas estátuas truncadas. Vênus decapitadas, como representação da beleza perfeita.

“Nunca uma mulher dirá basta.” (DOTTIN-ORSINI, 1996, p. 160) Essa é a visão supliciada da mulher-polvo da literatura do *fin-de-siècle*. Essa hipersexualização da mulher é uma das afirmações mais visíveis da bomba que Otto Weininger publicou em 1903, aos vinte e três anos, *Sexo e Caráter*; ele suicidou-se pouco depois. Imediatamente a obra foi objeto de controvérsias e ataques, mas seguiu sendo reeditada até 1920 e exerceu efetiva influência sobre inúmeros artistas, como Kafka, Kraus, Schönberg, Kokoschka, Strindberg e D. H. Lawrence. O livro reafirma sistematicamente, apoiando-se na filosofia e na ciência, idéias muito antigas, mas amplamente divulgadas durante todo o final do século, o que o

faz funcionar como uma lente de aumento dos piores preconceitos da época. Durante muito tempo, para atacá-lo, só se usou o capítulo dedicado aos judeus. Mas o resto da obra, que em princípio trata da diferença sexual, fala do que Weininger chama de “princípio feminino”, não existente em termos absolutos como tal, mas encontrado em todo ser humano (e, portanto, também no homem) em proporções variáveis, aliado ao masculino: Weininger erroneamente passa por descobridor da bissexualidade, embora esteja envolvido em toda polêmica entre Freud e Fliess sobre esta descoberta como veremos a seguir. O tratado de Weininger repousa sobre um horror à carne e uma obsessão do homem com o espírito puro, tragicamente dominado pelo desejo sexual. Lutando contra a “feminilização” galopante de sua época, o final de *Sexo e Caráter*, profético e suicida, clama pela chegada de um terceiro sexo, “nem homem, nem mulher”, liberado da sexualidade, ignorante da fecundidade, plenamente humano, isto é, para ele, puramente espiritual.

Weininger aponta ainda o desejo de fusão da mulher com o mundo, uma bomba sexual permanente. Remy de Gourmont traduz em uma peça teatral o mito de Lilith para explicar sua maneira totalmente sexual de ser: Jeová utilizara tanta argila para modelar os seios e quadris de sua criatura, que lhe faltou para modelar a cabeça. Então tomou um punhado de barro do ventre, fazendo nele um buraco – e com ele fez o cérebro de Lilith, a primeira mulher. Gênese conjunta do espírito e do sexo femininos, justificando pelas origens o que Weininger diria 10 anos depois. As primeiras palavras dessa Lilith seriam: “Dê-me o homem, Senhor”(Jeová esgotado suspira: “Já”?). Transformado em crítica de jornal, em 1892, Mirabeau comenta que a gênese simbólica da mulher, interpretada por Gourmont, concorda exatamente com as conclusões da ciência antropológica, a saber, que a mulher é apenas sexo e inepta para tudo o que não seja amor e maternidade. Os principais “tipos” femininos para Weininger são a Mãe e a Prostituta, sendo a prostituição “como o

instinto materno, algo orgânico e inato” (DOTTIN-ORSINI, 1996, p. 166). A Mãe é aquela que se quer fecundada sempre e por qualquer homem – nisso, inferior à prostituta, destruidora, mas revoltada e menos dominada pela espécie, o que é um critério de valor para o filósofo vienense. Há ainda a Cafetina a ser acrescentada aos dois tipos, que deseja que o coito seja praticado por todos sem cessar, a qualquer hora e em qualquer lugar, no fundo, desejo de todas as mulheres desde a mais tenra idade. Daí a máxima moral de Emile Zola: “Digam às mães que fiquem com seus filhos - pois, santificadas por seu papel, as mães não podem ser confundidas com ‘as mulheres’.” (ORSINI, p.166)

A hiperestesia sexual atribuída à mulher tem Messalina como arquétipo – a mulher é o ser dos excessos – e sofre, como corolário, das piores desordens: se “ela” não tem homens, há de se tornar histérica; se os tem demais, a mesma coisa; por isso as religiosas enclausuradas e as mulheres da vida, esses dois extremos chamam particularmente a atenção do observador masculino, diz-nos Orsini. Destinada à imensidão de um desejo permanente, mas também à impossibilidade do gozo; uma condenada sexual, uma judia errante do sexo, busca, em vão, um prazer que lhe recusaram, e lança-se numa devassidão suicida, sem esperança de encontrá-lo. No entanto, ao mesmo tempo, a Mulher Fatal é também apresentada como frígida na literatura do *fin-de-siècle*. Há a mulher estátua de mármore, insensível, impenetrável e a mulher de corpo de gelo, sentimentos de gelo, sendo que tal insensibilidade seria contagiosa, infligindo ao Homem a humilhação da impotência. Frígida ou ninfômana fica-se perdido sobre o prazer da mulher, a ponto de se perguntar se ele realmente existe.

Assim, a mulher se torna a amiga dos médicos. Ela é o assunto na cena emblemática em que um círculo de homens está afastado de mulheres para fumar e falar de mulher, dos órgãos da mulher, das doenças da mulher, com a figura do médico em seu centro. O

historiador-poeta Michelet dirá que o século XIX “será chamado o século das doenças da matriz” (DOTTIN-ORSINI, 1996, p.221). Porém não se tratava apenas de descobri-las, de deplorá-las, de dominá-las: eram também um apaixonante assunto que permitia pesquisar as intimidades do feminino e jogar com as ambivalências da repulsa. Orsini dirá que se tem a impressão de que somente o médico podia, além de explicar, falar do corpo da mulher – como se fosse o único mortal a lhe ter acesso. Os médicos brilhavam nos jantares, mas eram reféns dos homens de letras que torciam seu discurso em proveito próprio. Padres e médicos pareciam disputar a mulher como se fosse um território. Onde um via uma extática, o outro via uma histérica, um corpo fremente de nervos.

Naquilo que afeta diretamente a invenção psicanalítica, encontra-se a grande invenção artística de Charcot, a histeria. Ele sabia o que era o feminino; dividia e clarificava esse saber com seus congêneres. A maioria das temíveis características atribuídas à mulher seria contemplada com um termo médico: a insensibilidade tornava-se anestesia, a frigidez, abolição do sentido genésico, a dureza, tetanização, a inconsciência, sonambulismo, a mentira, simulação; a eterna dançarina bíblica seria atacada pois, de Coréia-histérica rítmica ou delírio saltador. Tratava-se de buscar o feminino no patológico. Ser mulher era uma doença, uma anomalia, ao passo que o masculino era a norma. Para Charcot, a histeria tem algo de intrinsecamente feminino, pois é uma “Esfinge”, uma doença invisível sem lesão exposta; mas também visível demais, espetacular mesmo, já que os talentos teatrais, inerentes à mulher, se exibem com o exagero de sintomas enlouquecidos. A exibição de moças semi-nuas é sua invenção de glorificação oficial, pela encenação médica e científica do fantasma masculino. Apesar de afirmar a existência da histeria masculina, nunca apresentou um caso em público. Se o objetivo terapêutico dessas

práticas continuava incerto, seu interesse estético era realçado; chegavam a propor aos pintores utilizar as doentes como modelos mais baratos e mais dóceis.

Outra figura do imaginário literário do *fin-de-siècle* é Salomé destruidora de homens como arquétipo do feminino. A vampiresa também toma lugar entre as figuras da misoginia e da guerra dos sexos como outra modalidade de mulher fatal. Ambas são carniças vivas a que se atribui uma imortalidade funesta. O vampiro macho continua um vampiro, um ser sobrenatural, um morto-vivo que se alimenta de sangue humano a quem apenas uma estaca enterrada no coração pode destruir.

Aplicado à mulher, o termo imediatamente se torna tão amplo como banal; pode designar qualquer mulher real. (...) Há uma lógica exemplar na feminilização do vampiro. O homem se torna vampiro por encontro funesto ou maldição ancestral. Mas a mulher é vampiro, nasce vampiro, justamente porque é mulher: perde sangue, toca no sangue, tem com ele uma familiaridade que só pode repugnar os que só o conhecem por ferimentos, doença ou violência. (DOTTIN-ORSINI, 1996, p. 277 e 282)

Vejamos essa preciosidade de Proudhon:

“O homem com sua força de vontade, coragem e inteligência(...) jamais conseguiria domesticá-la e ser seu dono, se não fosse ajudado pelas doenças e enfermidades que domam essa leoa(...) O estado habitualmente enfermo da mulher (...) tem um providencial objetivo: o descanso do homem e a submissão da mulher.” (DOTTIN-ORSINI, 1996, p. 286)

E Michelet diz: elas não têm culpa, elas não sabem o que fazem, são apenas o instrumento de uma força maior. Precisamos tratar delas e não julgá-las. Um louvável esforço de compreensão, mas inteiramente baseado na convicção de que a mulher é uma criança irresponsável, um ser humano cujo crescimento foi interrompido, um homem

inacabado. Tudo se deve à menstruação, principalmente a explicação da inferioridade feminina, que explica a crueldade inata da mulher.

A última figura da mulher fatal que Dottin-Orsini trabalha é aquela que associa misoginia e anti-semitismo, a mulher e o judeu. Otto Weininger dirá em *Sexo e Caráter* que “mesmo aos olhos arianos, mulher alguma no mundo representa melhor a idéia da mulher, que a mulher judia”(DOTTIN-ORSINI, 1996, p.329). Mas, em contraponto, Rider dirá: O mais sólido laço entre o Feminino e o Judeu é o olhar do anti-semita.” (DOTTIN-ORSINI, 1996, p.305) As antigas tradições anti-semitas julgavam que os homens judeus sofressem de regras como as mulheres, ou ainda de periódicos sangramentos de nariz. O conluio entre a mulher e o judeu assumia diferentes formas. Um clichê habitual é o do judeu super sexualizado. A mulher judia seria uma espécie de pleonasmo, um superlativo da mulher, estaria mais próxima daquele princípio feminino F descoberto por Weininger, a mulher absoluta. A judia bela, corajosa e trágica, um estereótipo romântico e positivo, é também uma pobre vítima que se transforma numa mulher maléfica, uma cortesã devoradora de homens. Segundo Maupassant, a judia é o mistério encarnado, e toda a mulher misteriosa é judia. As ruivas tinham um lugar especial. A mulher Fatal teria de preferência cabelos de cobre, fosse isso ligado ou não à judeidade. O obrigatório odor fulvo de sua pele – cor e odor sempre mencionados simultaneamente – animalizavam-nas de maneira escandalosa. Durante muito tempo representariam um ideal feminino sexualmente exacerbado, em um estereótipo de vida longa. Salomé-a-judia é ruiva. No célebre quadro de Regnault, no Salão de Paris de 1870, o fundo é amarelo, cor nefasta e infamante, tradicional das prostitutas, dos judeus e dos loucos.

Em *Sexo e caráter* de Weininger, há um capítulo que trata do judeu como mulher. Ele começa reafirmando a inferioridade essencial da mulher, afirmando que a mais alta

representante desse sexo estaria ainda longe de se igualar ao mais medíocre dos homens. O verdadeiro masculino é puramente ariano, o judeu é penetrado de feminilidade; daí, diz Orsini, a inserção de um capítulo anti-semita numa obra dedicada ao problema feminino e à diferença de sexos. O princípio judeu engloba tudo o que é oposto às qualidades masculinas. Ele ainda dirá que, como a mulher, o espírito judeu é um fermento de degenerescência, uma sub-humanidade contagiosa: o “espírito moderno é judeu”, nossa época é a época de dominação dos judeus, a mais judia e feminina de todas as épocas. Para o autor, a escolha é clara entre a mulher e o homem, o ariano e o judeu, o não-valor e o valor, o nada e a divindade. Dottin-Orsini acha impressionante como, ao se discutirem as teses de Weininger, este foi poupado e ainda se considerou a precocidade do seu gênio e seu trágico fim (suicídio aos 23 anos); os ataques dos piores adversários são acompanhados de manifestações de respeito por sua erudição.

Difícilmente Freud, ou as feministas dos anos 70 negariam algumas das afirmações de Weininger: “O ódio à mulher é apenas o ódio não superado do homem contra sua própria sexualidade” (DOTTIN-ORSINI, 1996, p.358). Os únicos momentos em seu livro em que a visão do feminino não é negativa são aqueles que expressam uma condenação à relação sexual e à responsabilidade do homem: “Se o coito é imoral é porque não existe um homem que no coito não use a mulher como instrumento. (...) Nunca ousaram dizer abertamente onde está a servidão da mulher: ora está no poder soberano que o falo exerce sobre ela.” (DOTTIN-ORSINI, 1996, p.358) Mas Weininger propõe a “solução da mulher” definitiva, acima dos fantasmas de assassinato e da viuvez ardentemente desejados, principalmente pela necrofilia, uma das manobras de evitamento da mulher e do feminino, que coloca a mulher ideal como a mulher morta: “se qualquer feminilidade é imoralidade, a mulher deve deixar de ser mulher (...) A mulher não precisa negar sua feminilidade assim

como não precisa afirmá-la. Tudo quanto tem de fazer é suprimi-la em si mesma (...) ou seja, a mulher deve desaparecer como mulher” (DOTTIN-ORSINI, 1996, p. 358). Aqui, diz Orsini, desaparecer como mulher significa renunciar ao coito, ou seja, a si própria, e o filósofo aparece então como salvador da humanidade feminina que ascende ao estágio de puro Ser-humano, mas certamente o horror ao feminino jamais foi expresso tão radicalmente, sem que a maternidade represente um valor absoluto para o teórico.

Assim, a solução do misógino para a bomba sexual permanente feminina é a supressão da sexualidade, a supressão do coito, para que o verdadeiro macho branco e ariano se realize enquanto pura espiritualidade e abstração metafísica, longe do corpo e da carne, este Outro abjeto. Orsini aponta como cume do seu livro o fato de a confluência entre anti-semitismo e misoginia por sua fonte comum inconsciente ser o medo da castração, observação que Freud não deixa de fazer às teorias de Weininger no texto sobre o pequeno Hans. E conclui: “No fundo, o que é comum ao judeu e à mulher é o olhar assustado do garotinho que cresceu” (DOTTIN-ORSINI, 1996, p. 331). Já a mulher, Dottin-Orsini finaliza com uma imagem do *fin- de- siècle*: ela dá uma sonora gargalhada e segue o movimento do seu caminho, montada nua em um esqueleto.

Essas imagens finais traduzem, a meu ver, o paradoxo do masculino e do feminino na psicanálise. A partir de *Totem e Tabu*, a formulação genial da centralidade do complexo de castração por Freud dá a resposta sobre como é possível o acesso à ação específica de um corpo no mundo. O complexo de castração é uma questão de percepção do mundo, de estabelecimento de um fora e de um dentro, do acesso à ação intencional do corpo no mundo, por meio do pensamento e da organização de relações abstratas e simbólicas e da percepção do tempo e da sua finitude. Sem ele, ficamos presos na fantasia labiríntica da imortalidade ilimitada, de nossos desejos oniscientes e onipotentes. Mas o feminino traz

uma realidade além da castração, encoberta pela centralidade e pela ênfase na falta percebida do pênis na mulher, transformado no falo abstrato, que é o movimento contínuo do nascer-morrer, a destruição como causa do devir, a transitoriedade como efeito do movimento imanente de transformação perene e afirmativa da vida.

Porém, o fato de a mulher ser apenas a justificção inicial da elaboraçdo do mito do assassinato do pai primitivo, e a centralidade ocupada por esse mito no corpo conceitual psicanalítico, nos leva a pensar ainda em um outro nível das ressonâncias fantasmáticas das angústias masculinas. A eficácia da invenção freudiana de *Totem e Tabu* suprime todo o longo e tortuoso percurso de inclusdo da bissexualidade no corpo teórico psicanalítico. Se a bissexualidade não aparece com todo o seu vigor nos *Três ensaios para uma teoria sexual*, se as fantasias perverso-polimorfas aparecem em destaque ali, isso se deve ao pacto realizado entre Fliess e Freud, segundo o qual este último esperaria uma publicaçdo dos estudos pioneiros de Fliess, reconhecendo sua precedência, para então incorporar a bissexualidade às suas idéias com toda a força. Freud só vem a fazê-lo no texto sobre *Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade* (FREUD, 1973ai), após a polêmica que envolveu a acusaçdo de Fliess de que Freud foi o transmissor de suas idéias para Otto Weininger, por um paciente de Freud, Swoboda, amigo de Weininger, que as teria escrito em *Sexo e Caráter*.

Em geral, na bibliografia histórica da psicanálise, ao se descrever a ruptura entre Freud e Fliess, diz-se que ela foi finalizada com um surto paranóico de Fliess sobre o roubo de suas idéias sobre a bissexualidade na constituíção originária da sexualidade humana¹¹⁸.

¹¹⁸ Eu mesma coloquei a cisdo desta forma em CROMBERG, 2000.

John Kerr (1997, p. 80 – 109), numa extensa pesquisa, mostra que essa disputa é bem mais complexa e envolve um dos episódios suprimidos da história da psicanálise.

Em Zurique, no Hospital BuRghölzli, durante os anos 1904 e 1905, “Jung se debatia com o problema da repressão, cuja realidade como fenômeno psicológico estava sendo estabelecida pela experiência da associação de palavras”(KERR, 1997, p.80). Em Viena, Freud também trabalhava nesse campo, pretendendo uma nova e ousada síntese clínica na qual a repressão sexual era o elemento-chave. Freud começou a ouvir falar do trabalho importante que estava sendo feito na Suíça, o que aumentava ainda mais sua urgência em ver publicada sua teoria clínica inédita, coisa que não conseguia fazer por motivos pessoais e profissionais. Após a queda da crença na sua teoria sexual das neuroses baseada no trauma sexual na infância, a assim chamada teoria da sedução, por volta de 1897, Freud entrou num período de profundo isolamento profissional, no qual Wilhelm Fliess, seu amigo íntimo e confidente, foi a única pessoa a ser mantida continuamente a par dos novos caminhos e estudos teóricos de Freud. Entre 1897 e 1900, Freud foi expandindo a interpretação psicanalítica para além dos sintomas, para os sonhos, lapsos, chistes, fenômenos que se tornavam mais ou menos análogos aos processos mentais subliminares que determinavam a formação de sintomas em doentes de nervos: eram produtos de uma interação dinâmica entre desejos e as defesas contra esses desejos, de forma que a interação gerava um resultado semiconsciente e semiintencional.

“Contudo, enquanto montava sua síntese psicológica geral, Freud também estava revendo de forma radical sua concepção de sexualidade que ainda acreditava ser etiológicamente crucial na formação de uma neurose” (KERR, 1997, p.82). Antes de 1897, a sexualidade era pensada por Freud em termos toxicológicos, na linha dos intoxicantes conhecidos, a cocaína e o álcool. Ele imaginava que essa química sexual entrava em ação

apenas na puberdade. No entanto, sob o impacto de algumas das idéias de Fliess, e de um médico e pesquisador sexual berlinense Albert Moll,

Freud passou a ver a sexualidade em termos de desenvolvimento e evolução. Da mesma forma que os meios de procriação haviam se desenvolvido no curso da evolução, assim também, no curso do desenvolvimento individual, a sexualidade poderia apresentar uma forma no princípio e outra depois, à medida que o indivíduo passasse da infância para a idade adulta, seguindo um caminho que a evolução havia estabelecido. (KERR, 1997, p.83)

Assim que Freud compreendeu a realidade e universalidade dos impulsos sexuais da infância, já não havia razão biológica para que as lembranças das cenas sexuais da infância voltassem a ser produzidas na puberdade, conforme a primeira teoria do efeito *a posteriori* dos abusos sexuais na infância.

Freud então escreve a Fliess dizendo não saber mais em que ponto se encontrava, “porque não consegui alcançar uma compreensão teórica da repressão e da sua interação de forças(...) [O] fator de uma predisposição hereditária reconquista uma esfera de influência da qual eu havia me proposto afastá-lo – no interesse do esclarecimento da neurose.”(KERR, 1997, p.84) De fato, recair na teoria da predisposição hereditária seria anular toda a novidade da psicanálise para o campo psiquiátrico de então, que era justamente oferecer pela sua teoria da causalidade psíquica uma alternativa terapêutica, a fuga do niilismo terapêutico que imperara no campo. Foi nesse contexto que, em um de seus encontros de 1897, os chamados “congressos”, Fliess sugeriu a Freud uma explicação alternativa para a repressão baseada em suas próprias pesquisas sobre o ciclo masculino de 23 dias e o feminino de 28 dias. A idéia de Fliess com referência à repressão era bastante simples: todos os organismos eram fundamentalmente bissexuais. Durante o processo de

maturação sexual metade da disposição bissexual inata deveria ser necessariamente superada pela outra metade, antes de ser atingida a disposição sexual adulta. O macho precisava suprimir seu lado feminino e a fêmea, seu lado masculino. Em algum ponto ao longo do curso do desenvolvimento, fora introduzido um mecanismo natural que fazia da adolescência um tempo não apenas do florescimento, mas também de repressão sexual, visando à outra metade da disposição bissexual original. Fliess também sugeria uma importante diferença entre as experiências sexuais infantis e as adultas,

(...) pois quaisquer cenas que houvessem ocorrido na infância necessariamente teriam acontecido enquanto ainda persistia a disposição bissexual inata, portanto seriam coloridas tanto por energias sexuais femininas como masculinas. Exatamente essa qualidade, contudo, as tornaria problemáticas na época da puberdade e assim continuamente dali para frente. Na verdade, a teoria da bissexualidade salvou a teoria da ação retardada da repressão e veio harmonizá-la com o fato da sexualidade infantil. (KERR, 1997, p.85)

Se Freud não se impressionou com essas idéias no início, quanto mais pensava nelas, mais razoáveis se tornavam. Para Kerr, ele ficou com inveja porque mais ou menos um ano depois, em um outro “congresso”, Freud lhe relatou, empolgado, as idéias que havia elaborado, ao que Fliess contestou que havia elaborado um ano antes a mesma coisa. Freud protestou com energia, mas depois viu que a memória lhe pregara uma peça. Esse lapso foi inserido na *Psicopatologia da vida cotidiana* (FREUD, 1973y) e no sonho conhecido como *Non vixit*, parte da interpretação depende deste episódio de um assunto em disputa entre dois amigos e que envolvia um desejo de que um deles morresse para deixar o outro de posse exclusiva do mesmo. Para Kerr, Fliess passou a se preocupar seriamente

com a manutenção da sua prioridade na autoria da idéia. As desavenças e discussões de 1900 entre os dois deveram-se à explicação bissexual da repressão.

Após a publicação de *A interpretação dos sonhos*, em 1899, *A ciência dos sonhos* e *Psicopatologia da vida cotidiana*, em 1901, Freud retomou sua carreira profissional. Em 1902 foi nomeado *Herr Professor*, professor titular da Universidade de Viena, começou as reuniões de quarta-feira e suas palestras às terças-feiras na Escola de Medicina. Mas, se sua carreira acadêmica havia sido restaurada e ia de vento em popa, suas publicações enfrentavam uma calmaria incomum. “Sua produção escrita continuava fértil como sempre, mas ele simplesmente não liberava os manuscritos.” (KERR, 1997, p.86) Em fevereiro de 1901, completou o relato detalhado do caso “Dora”, mas retardou sua publicação. Começou dois trabalhos, *Bissexualidade humana* e *Esquecimento e repressão*, sendo que nenhum dos dois jamais veio à luz. Em 1903, terminou o trabalho sobre o chiste que também não entregou para publicação. Em três anos, Freud não havia publicado nenhum trabalho novo a não ser uma comunicação sobre seu método no início de 1904.

Para Kerr,

O problema era a explicação bissexual para a repressão. Freud passara a acreditar que, no tocante às neuroses, a teoria era “indispensável” como ele mesmo escreveu a Fliess. Em 1900, se não antes, ele já a incluía regularmente em todos os seus tratamentos. Também a havia inserido em **todos** os manuscritos não publicados mencionados acima. Em suma, a teoria havia-se tornado uma parte crítica do que ele considerava o “fundamento orgânico sexual” de sua teoria da neurose. Para dizer a verdade, Freud estava mais do que disposto a citar seu antigo amigo, mas era justamente este o problema, pois Fliess não queria ser citado. Com efeito, ele nem queria a divulgação da teoria ou, pelo menos não até que **ele** pudesse publicá-la, juntamente com o restante de suas idéias sobre bissexualidade e biorritmos. Infelizmente para Freud, contudo, o lado empírico da teoria de Fliess envolvia a documentação meticulosa das ramificações fisiológicas dos ciclos de vinte e três dias (masculino) e vinte e oito dias (feminino), tanto em homens

como em mulheres, e a coleta de todos os dados necessários ainda levaria anos. Entrementes, Freud se via forçado a esperar”(KERR, 1997, p.87)

Se Freud usou este período para solidificar sua *persona*, como diz Kerr, no início de 1904 a situação entre Freud e Fliess havia-se tornado bem mais complicada, embora este último ainda ignorasse quais eram essas complicações. Nesse meio tempo, dois novos livros foram lançados – um de Hermann Swoboda e outro de Otto Weininger. Ambos eram vienenses, ambos haviam escrito sobre bissexualidade e ambos conheciam Freud pessoalmente. Para Kerr, dos dois livros, *Sexo e caráter*, de Weininger, era o mais importante. Despertou pouca atenção quando apareceu em meados de 1903, mas depois do suicídio de seu autor, considerado um jovem gênio, no mesmo ano, com a publicidade adicional, as vendas dispararam. Partindo da premissa biológica de que a bissexualidade era inerente a todos os organismos vivos, Weininger tentou explicar o caráter humano com base nas misturas relativas de componentes masculinos e femininos. Mas para que sua hipotética caracteriologia funcionasse, teve que elaborar os tipos ideais de masculinidade e feminilidade, que não eram mais equivalentes ao sexo observado.

Nesse ponto sua tese se tornou chocante. A masculinidade era equiparada aos poderes de discernimento intelectual e memória: à moralidade, à vontade e à religião; ao verdadeiro amor, à genialidade e, finalmente, à raça ariana. Já a feminilidade evocava credibilidade e esquecimento; amoralidade, impulsividade e falta de religiosidade; desejo sexual, histeria e, previsivelmente judaísmo. (KERR, 1997, p.89)

O problema especial desse livro é que a doutrina da bissexualidade, incluindo a lei da atração sexual e a explicação para a repressão na histeria, não era propriedade intelectual

de Weininger. Todas essas idéias eram frutos da criação de Wilhelm Fliess. No entanto, o seu nome não aparece em nenhum ponto do livro. De sua parte, Freud não se mostrava totalmente encantado com o retrato que Weininger fizera da repressão – “a falsidade orgânica da mulher” – mesmo que estivesse próxima de sua concepção e apesar de aparecer bastante citado.

Freud escreve a Fliess, convidando-o a participar de uma revista que estava fundando com seu grupo de quarta-feira, mas, na mesma carta, de 26 de abril de 1904, lhe pergunta se havia recebido um exemplar do novo livro de Hermann Swoboda sobre biorritmos, sobre o qual escreve “Em mais de um aspecto, eu sou o inspirador original, embora não quisesse ser o autor” (citado em KERR, 1997, p.91). Fliess já sabia que esse trabalho continha uma versão deturpada de suas próprias teorias sobre ciclos sexuais. Respondeu a Freud imediatamente manifestando seu desapontamento por ele estar envolvido de alguma forma na criação do livro. Mas o que viria a seguir seria pior. Dois meses depois, quando Fliess leu o livro de Weininger e constatou, por um trecho escrito, que Swoboda e Weininger eram amigos íntimos, notou também que o livro continha a sua teoria da bissexualidade e a sua explicação para a repressão. E para seu absoluto espanto, percebeu que entre Swoboda e Weininger, a essência de sua teoria ainda inédita havia sido pirateada. Fliess se sentiu ultrajado.” (KERR, 1997, p.91) Em julho de 1904, Fliess escreveu a Freud acusando-o de ser o condutor do roubo de Weininger. Três dias depois, Freud lhe responde contando tudo o que sabe sobre o assunto: Swoboda fora um paciente seu e a questão da bissexualidade havia surgido em seu tratamento, como de costume. Swoboda mencionou as idéias a Weininger quando percebeu que ele meditava sobre questões sexuais. Este teve um estalo e correu para casa para escrever seu livro. Freud havia ajudado Swoboda a encontrar um editor, tão somente uma boa ação num mundo

indiferente, e não tinha nada a ver com Weininger, que sequer admitia conhecer. Ultrapassado o mal-entendido, comunica a Fliess que estava terminando um novo trabalho, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, no qual tentaria, tanto quanto possível, evitar o tópico da bissexualidade, embora este tivesse de fato surgido em alguns pontos. Perguntava a Fliess como gostaria de ser citado. Porém, por um amigo comum, Oscar Rie, Fliess descobre que Freud não apenas havia estado pessoalmente com Weininger, como também havia lido um primeiro rascunho de seu manuscrito. “A conduta de Freud havia sido simplesmente indefensável.” (KERR, 1997, p. 92) Fliess lhe escreve novamente e Freud confessa sua atitude. Afirmou que as idéias não podiam ser patenteadas e que o livrinho sem qualidade de Weininger não lhe causaria prejuízo, pois não seria levado a sério. A essa altura, no entanto, o livro já havia sido traduzido em dezesseis idiomas e estava rapidamente se tornando um sucesso internacional. Na mesma carta, Freud insiste que Fliess publique a parte biológica da sua teoria sexual, afirma que até adiaria a publicação dos *Três ensaios* e envia seu manuscrito, pedindo que lesse as anotações sobre a bissexualidade e fizesse as alterações que achasse conveniente. Não resta a menor dúvida que “Freud até então tinha a intenção de fazer da teoria bissexual da repressão uma parte importante de sua nova síntese” (KERR, 1997, p.93) do arcabouço sexual-evolucionário para a nova teoria das neuroses. Contudo, com Fliess furioso, isso não seria recomendável. “Pois se Freud levasse sua teoria para o prelo e Fliess viesse a público com acusações de plágio, logo ficaria evidente para o leitor perspicaz a ajuda que Freud havia dado a Weininger e Swoboda.” (KERR, 1997, p.93)

Quando Sabina Spielrein foi admitida em agosto de 1904, em Bughölzli, em meio a uma crise de delírio, já existia a correspondência entre Freud e Bleuler, e Jung recebera em setembro a autorização de seu superior para realizar uma tentativa de psicanálise com a

jovem paciente russa. Se ela não foi a primeira paciente a ser tratada fora de Viena, em Zurique, o seu caso foi de uma importância incomum. Para Jung e Bleuler, as indicações metodológicas de Freud no artigo do livro de Lowenfeld eram suficientes. Para Freud, não. A fim de se proteger, programou uma conferência, a primeira em oito anos, chamada “*Sobre a Psicoterapia*”, a ser proferida na Sociedade Médica de Viena, em dezembro de 1904. Nela, deixa transparecer a avaliação sobre a primeira etapa do tratamento de Sabina Spielrein nas mãos de Jung.

Parece-me que existe uma impressão errônea e muito difundida entre meus colegas de que esta técnica da procura pelas origens de uma doença e da eliminação de suas manifestações por esse mesmo meio é algo fácil, que pode ser praticado de imediato, por assim dizer. Cheguei a essa conclusão, pois de todos os que mostram interesse em minha terapia, ninguém me perguntou como na realidade ela é executada (...) Também vez por outra me espanto ao ouvir que neste ou aquele departamento um jovem (jung em alemão) assistente recebeu ordens de seu chefe para realizar uma “psicanálise” de uma paciente histérica. Tenho certeza de que ele não teria permissão para examinar um tumor extirpado, a menos que tivesse convencido seus superiores de seus conhecimentos da técnica histológica. (KERR, 1997, p.94)

Essa foi a avaliação feita da primeira parte do tratamento de Sabina Spielrein. Freud estava perfeitamente ciente da exigência científica de formalização de seu método para que sua descoberta pudesse ser reproduzida. Se Freud era a única pessoa capaz de usá-la, a psicanálise continuava a ser uma curiosidade interessante. Mas enquanto não publicava seu manual, adotava a posição de que a única forma de aprender o método era mediante instrução direta e pessoal de sua parte. É num contexto de explosão internacional no conhecimento e tratamento das doenças nervosas que podemos entender a publicação das três obras de Freud de 1905, desovadas após a polêmica com Fliess que sepultaria a

amizade entre eles para sempre. A primeira foi *O chiste e sua relação com o Inconsciente* (FREUD, 1973ah), espécie de continuação das descobertas do livro sobre os sonhos, quase simultaneamente publicada com os *Três ensaios para uma teoria sexual*. A idéia verdadeiramente nova desse livro era a afirmação de que os sintomas neuróticos sempre envolviam uma “perversão” infantil reprimida. Segundo Kerr, o importante e crucial avanço teórico do livro era não ser apenas mais uma manifestação da ciência popular sobre o florescente campo dos estudos sexuais, mas o esqueleto do que viria a ser uma teoria madura do desenvolvimento emocional apropriada para uso na psicoterapia ambulatorial.

Até então, não se conhecia nada de parecido. Havia teorias sobre o desenvolvimento da criança, mas estas não eram de muita utilidade para o clínico, pois tão logo se introduzia a questão da doença mental, independente de como se conceitualizava essa expressão, não havia um roteiro definido para distinguir o que estava dentro da faixa de normalidade e o que já era uma manifestação do processo da doença.” (KERR, 1997, p.99)

Kraft Ebing, que possuía um sentido bastante sofisticado da psicologia das pessoas que estudava em sua descrição das patologias sexuais, não sabia onde ficava a linha demarcatória entre a doença e a saúde. Sempre recuava depois de procurá-la na infância, e acabava descrevendo a experiência infantil como manifestação inicial da degeneração hereditária que viria a se tornar madura na idade adulta. “Assim, teoricamente todas as muito pertinentes noções psicológicas não levavam a lugar algum e nem proporcionavam qualquer influência terapêutica além de estabelecer o diagnóstico. As observações estavam todas ali, mas o assunto continuava enigmático.” (KERR, 1997, p.99) O valor da obra de Freud era ter encontrado uma solução ao retrazar a linha entre a normalidade e a doença.

Na infância, as perversões são a norma e, por si sós, não constituem antecipações positivas ou negativas. Somente quando se

acrescentavam algumas combinações de fatores, entre os quais constituição, experiência anterior e ocasião propícia no adulto, o impulso infantil se transformaria na base para a aberração adulta. (KERR, 1997, p.100)

Clinicamente isso era muito poderoso, pois

(...) o médico sabia o que procurar: não alguma misteriosa degeneração hereditária remontando a infância, mas, ao contrário, uma experiência infantil normal que teria semelhança com o comportamento adulto (ou, no caso de neurose, com a fantasia reprimida). Ademais, a responsabilidade do sintoma voltava para o paciente. (KERR, 1997, p.100)

Além disso, o estilo, o tom cativantemente cosmopolita e essencialmente moderno, além do novo tom dado à discussão da sexualidade, assunto científico aceito já há mais de 20 anos, seriam outros méritos do livro.

Mas em Burghölzli houve resistência à aceitação, não da existência de complexos sexuais, mas da alegação freudiana segundo a qual por trás de cada sintoma havia uma tendência sexual infantil reprimida. Jung trilhava seu caminho em torno do método que provocava o surgimento de associações livres, pela administração do teste da associação de palavras. Kerr remarca o uso de um formato desestruturado por Jung como a primeira tentativa realizada fora de Viena. Jung deveria ter recebido ensinamentos de Bleuler que os recebera de Freud. Em setembro de 1905, ao publicar seu trabalho *Observações experimentais sobre a faculdade de memória*, Jung demonstrou experimentalmente a realidade da repressão como um fenômeno psicológico e fez o possível para ligar as suas conclusões às de Freud. Em outubro de 1905, ao começar suas palestras na Universidade de Zurique, decidiu descrever o complexo típico das mulheres como de natureza erótica, no

sentido amplo, literário, relacionado ao amor. Aqui é interessante que ele tenha notado que, mesmo em mulheres do tipo intelectual, ele é bastante intenso, embora revelado somente sob forma negativa para o mundo exterior. Em outros artigos do mesmo ano, Jung aproveitou para defender o método de Freud: “a psicanálise de Freud (...) se alinha entre as maiores conquistas da moderna psicologia” (KERR, 1997, p.103).

A terceira obra freudiana de 1905, *Fragmentos de análise de um caso de histeria* (FREUD, 1904), só despertou furor. Escrito já havia quatro anos, apenas revisado, seu estilo bisbilhoteiro, irreverente e quase ansioso por chocar contrastava com o tom seco e civilizado do livro sobre a sexualidade. Para os médicos de Burghölzli, o valor do livro estaria em seus vislumbres da técnica de Freud. Embora Freud frisasse que não havia descrito a técnica, que exigiria uma exposição específica em separado, o livro continha uma boa quantidade de informações sobre o método, muitas das quais inéditas. Foi a primeira vez que Freud divulgou publicamente que deixava o próprio paciente escolher o assunto do dia, iniciando, assim, a psicanálise a partir de qualquer superfície que por acaso seu inconsciente estivesse submetendo à sua atenção naquele momento. Esse era o método da verdadeira associação livre, segundo o qual o paciente determinava o que seria feito. Mas a revelação mais importante de um ponto de vista técnico não foi a agressividade da investigação, nem o expediente das associações livres, mas a elucidação da transferência que ocupava todo o Pós-escrito. Neste, Freud reorganizou fatos já sabidos de fixação erótica de pacientes histéricas a seus médicos, para reviver antigas situações eróticas. Se tais experiências fossem positivas, a complacência e a sugestionabilidade eram patentes. Se as experiências passadas fossem essencialmente negativas, a negatividade e a resistência se manifestariam. O que era genial, e vinha a propósito, era a afirmação de Freud de que, além de serem discutidos, os relacionamentos passados eram veladamente reencenados, algumas

vezes com trocas de papéis, durante o tratamento. Para Kerr, o caso “Dora” viria ser o grande divisor de águas. Para os que conseguiam perceber a idéia da “transferência”, abriam-se novos horizontes. Para os outros, o método parecia pornográfico, a começar pela estarrecedora situação da família de Dora que envolvia sífilis, traição, sedução etc. Jung, a julgar pelos seus escritos de 1906, agiu como se o caso “Dora” não existisse. E mesmo a tendo entendido e começado a aplicar em seus tratamentos, evitava escrever sobre a idéia da transferência. No entanto, clinicamente, as duas mulheres russas internadas, a paciente de Riklin, Catarina, e a de Jung, Sabina, apresentavam uma pequena epidemia de desrepressão sexual bastante instrutiva, pois era exatamente a tendência das mulheres histéricas de reprimirem seu conhecimento dos processos sexuais que havia sido descrita nos *Três ensaios* e no caso “Dora”.

Mas, em Berlim, no fim de 1905, explode o caso Weininger com a publicação de dois livros simultaneamente: o longamente aguardado livro de Fliess, *O ritmo da vida*, e o livro de seu novo amigo, o bibliotecário Richard Pfennig, especialista em disputas de prioridade, *Wilhelm Fliess e seus descobridores subseqüentes: O. Weininger e H. Swoboda*. Este descrevia como as idéias de Fliess haviam sido roubadas com a conivência de Sigmund Freud. “Como documentação, ele citava trechos de cartas que o próprio Freud dirigira a Fliess. O plágio fora revelado de público.” (KERR, 1997, p.108) Freud se retraiu, mas pediu a Karl Krauss que escrevesse um artigo denunciando o “cruel” Fliess, porém, ele se recusou a fazê-lo. Weininger estava morto e Swoboda começou a preparar uma ação contra Pfennig por calúnia. Ação que foi ganha por Pfennig, em julho de 1906, decidida em linguagem bastante forte por um tribunal de Berlim. Por menor que fosse, o papel de Freud na ação de plágio foi aceito como fato.

O importante aqui em todo o doloroso episódio da teoria da bissexualidade é que, ao não apresentá-la como explicação, tanto nos *Três ensaios* como no caso “Dora”, Freud também não apresentou nenhuma outra fundamentação sistemática para o fato de a repressão visar seletivamente os desejos sexuais da infância em oposição a todos os outros. E sem tal fundamentação, não havia como insistir *a priori* numa etiologia exclusivamente sexual para os distúrbios nervosos.

A iniciativa de Freud continuava sustentável segundo a lógica, porém pendia do mais tênue dos fios da dedução; a acusação de sugestão pairava sobre ela como um gêmeo maligno. Este foi o terreno teórico sobre o qual haveria de se basear a colaboração Zurique – Viena. Como fenômeno psicológico, a realidade dos complexos eróticos reprimidos havia sido demonstrada experimentalmente. Faltava ainda interpretar seu significado teórico. (KERR, 1997, p.109)

A questão da bissexualidade reaparece na fecunda correspondência entre Freud e Jung, de uma maneira importante, que culminará na teoria da relação da paranóia com a homossexualidade trazida pelo escrito freudiano sobre o caso Schreber. Jung, que introduziu as memórias de Schreber a Freud, citava-as desde 1906, o que sabemos por meio da intensa correspondência entre Freud e Jung no período que vai entre 1906 e 1913. Ela mostra um grande interesse, na época, em discriminar a esquizofrenia, como entidade clínica, da paranóia. Freud defende um componente homossexual da libido reprimido como a origem da paranóia, sendo que o mesmo componente não é achado na esquizofrenia na qual a retração da libido se dá para o auto-erotismo. Katz (1994) analisa detalhadamente essa época. Em uma passagem fundamental dessa análise, ao se perguntar sobre o destino do investimento libidinal (que é sempre primariamente auto-erótico e só depois objetal) que não encontra um objeto, por ter se retirado dele (ao contrário do pesar, no qual o objeto é

retirado da libido), dirá que a libido substitui o objeto pela convicção, como se fosse uma percepção interna. A hostilidade, na paranóia, virá como afeto libidinal oriundo da perda da capacidade de investir objetivamente. “Os investimentos auto-eróticos são ocupados ou superocupados com afeto hostil, e não podendo ser conferidos com as percepções (realidade), se repetem hostilmente, ‘fabricando’ percepções libidinais.” (KATZ, 1994, p. 240) O que marca o mecanismo da paranóia é o fracasso permanente da defesa contra as representações sexuais insuportáveis, pois os investimentos libidinais só podem se (re)tornar investimentos objetivos com afeto desprazeroso, e assim se aferram às percepções nas quais o objeto foi transformado. Tal esforço psíquico faz com que as imagens libidinizadas, que se tornaram imagens percebidas, se transformem em alucinações, e o sujeito passa a ser permanentemente perseguido por afetos hostis. Na paranóia, diferentemente da demência precoce, há um fracasso no retorno ao auto-erotismo, e por isso os processos psíquicos continuam a se exercer permanentemente na regressão homolibidinal. Segundo Katz, nesse momento em que Freud tenta mostrar a relação indissolúvel das representações e afetos, a intersecção do diferencial prazer e desprazer e o que ocorre em processos dinâmicos diferenciados, homolibidinal não está relacionado a um narcisismo referido ao eu, nem à homossexualidade desde a diferença sexual constituída, mas com “o investimento permanente nos não-objetos auto-eróticos, que pertencem ao registro homolibidinal.” (KATZ, 1996, p. 242) Na paranóia, a percepção é obrigada a se dar de acordo com a regressão libidinal. A realidade é dada desde os investimentos auto-eróticos, e não por sua adequação perceptual aos investimentos objetivos. Estes é que são dados por meio de investimentos auto-eróticos. Citando a passagem de uma carta de Freud a Jung, Katz afirma que o delírio é tão intenso porque sua fonte é a libido, e ele se transforma numa convicção tão forte quanto a da percepção. Na paranóia, a libido não

consegue se desligar inteiramente, ao contrário do que ocorre na esquizofrenia, retornando, pela projeção, como convicção. A realidade psíquica vem do retorno do recaiado na projeção. Conectado ao mundo exterior pela projeção, ele escapa do teste de realidade, pois o que lhe fornece a realidade é a convicção, que independe desse teste.

O interesse pelo caso Schreber, pela paranóia e sua origem na homossexualidade reprimida, tem como pano de fundo a constituição do movimento psicanalítico, na qual afetos intensos envolveram Freud e seus discípulos. Assim, desde Fliess, o fantasma da homossexualidade rondou Freud marcando definitivamente sua relação com Jung, Ferenczi, Adler e outros. A posição de mestre e pai foi uma maneira de contornar o temor de relações que acabassem mal como a relação com Fliess, com cujas seqüelas ele lidou por meio da teorização sobre a paranóia.

Freud escreve a Jung de Roma, para onde havia viajado com Ferenczi:

Meu companheiro de viagem é uma criatura excelente, embora se mostre um sonhador incômodo e adote em relação a mim uma atitude infantil. Passivo e receptivo demais, permite que se faça tudo por ele, como uma mulher, e minha homossexualidade não vai tão longe para que eu o aceite como tal.”(MACGUIRE, 1974, p.367)

Durante essas férias, Ferenczi se recusou a anotar os ditados de Freud acerca do caso Schreber e, durante o resto da viagem, ambos seriam incapazes de discutir a respeito deste incidente e de seu significado afetivo (KATZ,1994). Numa importante carta a Ferenczi, Freud faz uma análise da atitude de Ferenczi para com ele, sendo que, para o que nos interessa a respeito da teoria, escolho apenas um parágrafo:

Você não somente notou, mas compreendeu, que não sinto mais necessidade de desnudar minha personalidade completamente, e corretamente vinculou o fato ao evento traumático que a originou.

Desde o caso Fliess, em cuja superação você pôde constatar que eu me achava ocupado, essa necessidade extinguiu-se. Uma parte da catexa homossexual foi retirada e utilizada para ampliar o meu eu. Tive sucesso onde o paranóico fracassa. (JONES, 1961, p.428)

Foi durante essa viagem que Freud começou a elaborar por escrito um texto sobre as memórias de Schreber, como ele anuncia a Jung “ainda sem conclusões definitivas, mas que significa um grande avanço para explicar o mecanismo da escolha da neurose” (MACGUIRE, 1974, p.371-372). Na carta 114F, de 1º de outubro de 1910, ele explica este avanço:

Na Sicília eu não passei da metade do livro, mas o mistério já ficava claro. A redução ao complexo nuclear é fácil, comprova-se, pois, mais uma vez o que notamos em tantos casos paranóides, a impossibilidade de evitar o reinvestimento das próprias inclinações homossexuais em que os paranóicos se encontram. Com isso, o caso se enquadra na nossa teoria. (MACGUIRE, 1974, p.371)

Depois de Fliess, Freud conferiria o atributo de paranóico a Adler, para justificar a discordância, o afastamento e a ruptura com ele. O ano da controvérsia entre Freud e Adler foi 1911, o mesmo ano em que Sabina Spielrein foi admitida na Sociedade Psicanalítica de Viena na Assembléia Plena Extraordinária de 11 de outubro, em que Freud anuncia que na última reunião da sociedade o dr. Adler e outros haviam se demitido e que, “(...) demandas de admissão foram feitas por: Dr. Van emden de Leyde, Dr. Starcke de Huister Heide e a Dra Spielrein de Viena.” ((LES PREMIERS..., 1979, p. 275) A ata da reunião de demissão de Adler, a última antes das férias, sempre realizada por Rank, de nº 145, do volume de atas de 1910-1911, não foi preservada. Freud, como presidente, toma a palavra para tratar de questões internas:

Em nome do comitê, convida os membros pertencentes ao círculo do Dr. Adler, cujas atividades revestem a característica de uma concorrência hostil, a escolher entre seu pertencimento a este círculo ou ao outro; o comitê considera os dois como incompatíveis. O presidente justifica esta concepção do comitê e pede aos membros dos quais não conhece ainda a posição que comuniquem sua decisão nesta quarta-feira mais tarde. (LES PREMIERS..., 1979, p.276)

Portanto, podemos dizer que há um período antes da entrada de Spielrein na Sociedade Psicanalítica de Viena que foi de uma importância decisiva para o movimento psicanalítico: o período em que se dá a primeira ruptura entre os psicanalistas do grupo inicial em torno de Freud, com a saída de Adler e dos psicanalistas que o seguiram, estando, entre eles, a primeira mulher a ser admitida no grupo, Marguerite Hilferding, que não chegou a se encontrar com Sabina Spielrein. Dessa ruptura pode-se dizer que foi uma surpresa para a maioria dos psicanalistas do grupo, sobretudo para Adler. Apesar das divergências com Freud e da insistência no valor de suas idéias como contribuição para a psicanálise, em nenhum momento vemos Adler acreditar que estaria construindo uma separação de Freud. É muito mais Freud quem vai encaminhando as divergências para uma ruptura. Isto é, sobretudo, atestado na correspondência trocada entre Freud e Jung no período. Lendo as *Minutas*, a sensação que se tem das discussões é de um clima democrático de troca de idéias entre todos, com vigor e discussões, divergências e contraposições, mas onde todos parecem querer contribuir para o fortalecimento da psicanálise. É evidente que as falas de Freud se destacam. É admirável a sua capacidade de escuta e de aproveitar as idéias, contraposições e divergências de seus interlocutores como oportunidade de aprofundar seu próprio pensamento e dar amplitude metapsicológica e clínica aos vários textos conjuntos que vão se constituindo e que se tornarão futuros

escritos. Seus colegas não são meros espectadores passivos e, apesar de Freud em parte diminuir o mérito desta platéia, sobretudo para Jung, é evidente a quem lê as *Minutas* a contribuição interlocutora do grupo para o pensamento freudiano. Na primeira reunião daquele ano de trabalho, em 5 de outubro de 1910, Sadger pede a estrita observância do costume segundo o qual cada novo membro se apresenta com uma conferência que é sua obra, uma sugestão que Adler acha muito positiva e que apóia energicamente. Seriam 24 conferências, três reuniões para discussão sobre a masturbação, além das quatro reuniões dedicadas ao pensamento de Adler, com duas conferências suas. Fora isso, discutem-se questões de publicação, casos e relatórios clínicos e as questões surgidas a partir destes. Na maior parte das conferências, as discussões são criativas, mas há um forte pensamento crítico e, no final, o conferencista sempre se sente mal compreendido.

As discussões decisivas que levariam ao rompimento entre Freud e Adler deram-se em janeiro e fevereiro de 1911. Foram quatro reuniões dramáticas, duas de apresentação de trabalhos, *Alguns problemas em psicanálise* e *O protesto masculino como problema central da neurose* (4 de janeiro e 1º de fevereiro), e duas de discussão detalhada (8 e 22 de fevereiro). Um mês dedicado à teoria de Adler era uma novidade nos anais das reuniões analíticas, pois até aquele momento era Freud quem sempre centralizava a discussão. Adler acreditou que Freud concordara em aceitar algo novo para corrigir e expandir sua teoria. Ninguém imaginou a tempestade que estava por vir. Adler achava que o intercâmbio formal de opiniões provocaria uma paz duradoura com Freud (HANDLBAUER, 2005). Apenas na correspondência com Jung Freud expressou sua dureza com Adler, chamando-o de paranóico, hipertenso e amargurado devido ao fato de Freud ter rejeitado suas teorias consistentemente. Compara Adler a um Fliess uma oitava abaixo. “A mesma paranóia”(HANDLBAUER, 2005, p. 126). Stekel criticou duramente a tentativa de Freud

de rotular Adler de paranóico, especialmente após a saída deste da sociedade. Dizia que esse era o diagnóstico preferido de Freud, o qual havia aplicado a outro amigo que havia se separado dele, Fliess.

Freud, por sua vez, escreveu a Jung que Adler tentava forçar

(...) [a] maravilhosa diversidade da psicologia na estreita cama de um único e agressivo ego corrente “masculino” — como se a criança rejeitasse sua feminilidade e não tivesse nenhum outro pensamento a não ser “estar em cima” e fazer o papel de homem.(...) O ponto crucial (...) é que ele minimiza o impulso sexual e os nossos oponentes logo terão a possibilidade de falar de um psicanalista experiente cujas conclusões são radicalmente diferentes das nossas(...) Em minha atitude com ele estou dividido entre a minha convicção de que tudo isso é um desequilíbrio e prejudicial e o meu medo de ser considerado um velho intolerante que restringe os jovens; isso me deixa muito desconfortável. (HANDLBAUER, 2005, p.126)

Na primeira reunião, de 4 de janeiro de 1911, em sua exposição Adler afirma que as fantasias de incesto eram traços de uma libido sentida de forma desmedida, ao invés de problema central da neurose. O desejo incestuoso tinha como função provar que o paciente não era uma mulher, e por isso não ocupava papel central na neurose. Adler começou sua conferência com um reconhecimento a Freud. O parecer de que cada instinto possuía um componente sexual era biologicamente insustentável e tampouco a inferioridade orgânica estava diretamente ligada à erogeneidade de um órgão. A erogeneidade era o resultado de “uma confluência de instintos pressionados por falsas teorias sexuais. Para ele, a afirmação de que a criança é perversa-polimorfa é uma premissa histórica, pois as fantasias perversas se ligam aos órgãos inferiores somente em uma época mais avançada da vida.” (HANDLBAUER, 2005, p.129) A pulsão sexual e a sexualidade perverso-polimorfa eram,

portanto, entendidas de maneira bem diferente da de Freud. Ele explicita a não genuinidade da libido no neurótico:

Sua maturidade precoce é forçada; sua compulsão masturbatória serve o desafio e protege contra o demônio-fêmea; sua paixão conduz somente para o triunfo; seu amor servil é um jogo dirigido a não submeter as suas fantasias perversas a seu parceiro sério e até suas perversões ativas lhe servem somente para mantê-lo longe do amor.” ((HANDLBAUER, 2005, p.130)

O contraste com as opiniões de Freud tornou-se explícito. Freud, no entanto, não tomou nenhuma posição nessa reunião. Sua opinião nos chega através de uma carta a Jung de 22 de janeiro de 1911, na qual se referiu à reunião do dia 18:

Adler continua sendo consistente consigo mesmo e logo levará suas idéias para as lógicas conclusões. Recentemente, ele expressou a opinião de que até a motivação do coito não era exclusivamente sexual, mas também incluía o desejo do indivíduo de parecer masculino para si mesmo. É um pequeno e simples caso de paranóia. Até agora não lhe ocorreu que com esta teoria não pode haver nenhuma explicação para os sofrimentos reais dos neuróticos, seus sentimentos de infelicidade e de conflito. Ele defendeu uma parte desse sistema na Sociedade e foi atacado de diversos lados, mas não por mim. Agora que o entendo completamente, tornei-me mestre de minhas emoções. Eu o tratarei com gentileza e temporarizarei, apesar de não ter esperança de sucesso. (HANDLBAUER, 2005, p. 132).

Na segunda reunião, ele apresentou *O protesto masculino como problema central da neurose*. Se na primeira reunião ele questionou o significado da sexualidade no desenvolvimento da neurose, dessa vez falou a respeito das reais causas da neurose: o sentimento de inferioridade e o protesto masculino. Para ele, as tendências ao protesto dos homens e mulheres sempre foram válidas para o desenvolvimento da cultura e da sociedade

e relevantes no esforço pela sobrevivência. Além do mais, o aviltamento da mulher pelo homem era uma força impulsora na civilização atual, o que os esforços literários dos antifeministas demonstravam. Critica o conceito de repressão como causa e curso da neurose. O desejo-de-ser-importante, expresso pela soma total de todos os esforços, como uma postura dirigida contra o mundo externo, como desejo de ser importante, como disputa pelo poder, pelo domínio, para estar em cima, tem uma influência inibidora, repressora e modificadora sobre certas pulsões e um efeito intensificador. Para Adler, a neurose é, em primeiro lugar, uma salvaguarda. Em sua origem existem dois pontos de transição: a germinação de um sentimento de inferioridade conectada à inferioridade de certos órgãos, e indicações inconfundíveis de verdadeiro medo de um papel feminino. Esses fatores que se apóiam entre si levam à rebeldia e a uma atitude de desafio. A partir desse ponto, a vida emocional se falsifica e o desejo ávido por triunfos entra em cena. Para Adler, o objetivo da análise era primeiro trazer à luz os traços do caráter do protesto o que levaria, num segundo passo, às fontes da neurose: o sentimento de inferioridade e o protesto masculino. O neurótico precisa se humilhar e ter relações sexuais com uma mulher porque teme que ela seja superior a ele. O desejo de possuir todas as fêmeas protege o neurótico da dependência de uma só fêmea. Os novos recalcamientos das pulsões são fenômenos concomitantes que se formam sob a pressão acirrada do protesto masculino, por exemplo, pelo medo do neurótico de que uma fêmea lhe seja superior, expresso em fantasias de uma fêmea que passa sobre seu corpo ou do fantasma de uma mulher dotada de pênis, com seu apêndice desse medo constituído de fantasmas de nascimento, idéias de castração e o desejo de ser mulher. A tendência a rebaixar uma mulher e à realização do coito com ela são vizinhas uma da outra, o que está presente na figura de Don Juan e nas neuroses de fuga à prostituta e no amor aos cadáveres (LES PREMIERS..., 1979, p. 149-150). Ele estende essa idéia ao complexo de

Édipo de Freud. O menino deseja ter relação sexual com sua mãe para poder elevar-se acima dela e, ao mesmo tempo, degradá-la. É a mesma tendência de degradação que o torna um sádico.

A implicação da libido não faz diferença e sua quantidade não desempenha nenhum papel. Os amores às empregadas e governantas, a masturbação e a poluição constituem tendências de proteção contra a depreciação e servem unicamente à tendência masculina de não dever se submeter a uma mulher. Termina dizendo que o complexo de Édipo deveria ser compreendido como um componente parcial de uma dinâmica psíquica mais potente, como um estágio do protesto masculino a partir do qual se pode aceder a um melhor conhecimento da caracteriologia da neurose.

Freud abriu a discussão e, em sua demorada crítica, formulou objeções essenciais às teorias de Adler, as quais mais tarde apresentou em seu artigo *A história do movimento psicanalítico*, de 1914. Enfatizou que, naquela reunião, iria referir-se apenas a uma parte de suas objeções, sua própria atitude subjetiva, suas impressões e preocupações básicas diante dos escritos de Adler, mas não iria fazer uma réplica. Para ele, os ensaios de Adler eram de difícil compreensão, por sua natureza abstrata. Ele falara a respeito das mesmas coisas das quais já tratara usando termos novos, como se fossem algo diferente e sem estabelecer nenhuma relação com os anteriores: recalçamento por protesto masculino, fuga para a doença por ganho secundário da doença e “a nossa velha bissexualidade” por hermafroditismo psíquico.

Freud começou referindo-se a um artigo de Rosestein de 1910 que criticara as teorias de Adler dizendo que estendiam a psicanálise para baixo (inferioridade orgânica) e para cima (transição para a psicologia do ego). O autor dissera que essas continuações eram necessárias, mas que Freud tinha se limitado à psicologia do inconsciente e os escritos de

Adler não eram nem uma continuação para cima, nem um fundamento subjacente. Eram algo inteiramente diferente. Isso não era mais psicanálise. Essa declaração explicitamente dura ainda não havia sido formulada publicamente por Freud. Ele reconheceu, nos trabalhos de Adler, uma tendência anti-sexual e uma segunda tendência dirigida contra o valor do detalhe e contra a fenomenologia da neurose. Criticou a unicidade das neuroses de Adler como uma uniformidade das neuroses que, do ponto de vista metodológico, condenaria todo o seu trabalho à esterilidade. Viu uma deplorável perda de Adler na adoção de novos nomes para “aqueles termos que orientam o nosso programa e que estabeleceram nossa conexão com os grandes círculos culturais. A idéia da repressão das pulsões e o domínio das resistências despertaram o interesse de todas as pessoas cultas.” (LES PREMIERS..., 1979, p. 152) Ao responder a essa passagem, uma semana depois, Furtmüller diria, em defesa de Adler, que a perda deplorada por Freud “de qualquer conexão com o movimento geral sócio-cultural, é novamente restaurada por Adler pela inclusão da questão dos direitos da mulher.” (LES PREMIERS..., 1979, p. 156) Freud predisse que as teorias de Adler deixariam uma profunda impressão que prejudicaria enormemente a psicanálise, primeiro porque, sem dúvida, eram apresentadas por uma inteligência notável, dotada de um talento para a apresentação desses assuntos, e segundo porque a sua doutrina teria um caráter reacionário e retrógrado que ofereceria assim prêmios prazerosos.

Em vez de Psicologia, em grande parte ela apresenta Biologia, em vez de Psicologia do Inconsciente, apresenta psicologia da superfície do ego. Enfim, no lugar da psicologia da libido, da sexualidade, ela apresenta psicologia geral. Para se fazer valer, ela utilizar-se-á das resistências latentes que ainda estão presentes em cada psicanalista. Por conseqüência, no início ela prejudicará o desenvolvimento da psicanálise; mas por outro lado, no que

concerne às descobertas psicanalíticas, ela permanecerá estéril. (LES PREMIERS..., 1979, p. 152)¹¹⁹

Freud continuou dizendo que as idéias de Adler revelavam uma considerável e excessiva valorização do fator intelectual. Mas a terceira e mais importante objeção que Freud faria seria que:

Toda a representação da neurose é vista pelo ponto de vista do ego e de como a neurose se apresenta ao ego. Essa é a psicologia do ego aprofundada pelo conhecimento da psicologia do inconsciente. É nisso que se encontra tanto a força como a fraqueza da apresentação de Adler. O que estudamos até agora não pode ser visto desta forma. E é por isso que, no trabalho de Adler, as coisas primárias e secundárias são continuamente confundidas entre si. Mas ali também se encontra o real valor de seus escritos, na medida em que eles apresentam uma psicologia do ego de uma visão aguçada. (LES PREMIERS..., 1979, p.153)

Freud conclui seu comentário dizendo que, ao levar em consideração apenas o ego no fenômeno neurótico, Adler foi levado a um julgamento cientificamente falso afirmando que a libido do neurótico não é autêntica. Ele nega assim a realidade da libido, como o faz o neurótico. “(...) o ponto central da neurose é o medo que o ego tem da libido, e as considerações de Adler só reforçam este ponto de vista. É o Eu que tem medo da libido. Esta é tão grande como o são seus efeitos perturbadores.” (LES PREMIERS..., 1979, p.154) Para Freud, uma idéia unificada das neuroses baseada nos ensinamentos de Adler não era possível porque, como uma teoria da personalidade, ela realizava os habituais

¹¹⁹ Handlbauer relata que a crítica quanto a permanecer “estéril” foi indiretamente confirmada por Paul Klemperer, que saíra com Adler, apesar de não se juntar à sua Sociedade, porque, ao participar de uma das reuniões desta após a Primeira Guerra, percebeu que Adler, após oito anos, disse exatamente as mesmas coisas (HANDLBAUER, 2005, p.136).

equivocos do Eu. “É a negação do inconsciente, da qual o Eu é culpado; aqui ela é estabelecida como uma teoria” (LES PREMIERS..., 1979, p.154)

Adler ficou surpreso com a intensa crítica freudiana que havia sido muito bem preparada. Ele disse que ela era imerecida e respondeu defensivamente, afirmando que não percebia uma tendência anti-sexual no seu trabalho, apenas dizia que por trás do sexual havia elementos mais importantes que se disfarçam de sexualidade, como o protesto masculino. Não haveria nada de primário no fator puramente sexual que é algo engendrado, uma confluência pulsional.

Freud encerrou a reunião fazendo duas observações: de que sempre reconheceu o valor dos estudos caracteriológicos de Adler e só os criticou na medida em que tendiam a substituir a psicologia do inconsciente, e de que o fator primário no neurótico era a perturbação ao longo do desenvolvimento da libido, e o secundário, a transformação do caráter.

A última reunião dedicada à discussão do trabalho de Adler foi em 22 de fevereiro de 1911, e parece ter sido de uma ferocidade de debate sem igual até então. Freud voltou ao jogo de palavras de Adler, ao dizer que a repressão vinha da civilização, e esta, da repressão, explicitando que a repressão acontece no indivíduo e é exigida por demandas da civilização. Esta seria uma precipitação do trabalho da repressão exercida sobre todas as gerações precedentes. Exige-se que o indivíduo carregue todas as repressões já carregadas antes dele. Stekel saiu em defesa de Adler e refutou Freud, dizendo que os fatos encontrados por Adler não apresentavam contradição com os fundamentos freudianos. Freud respondeu-lhe severamente que as duas pessoas envolvidas, ele e Adler, definitivamente encontravam essa contradição. Adler disse que seus trabalhos foram percebidos por Freud e alguns colegas como uma provocação, mas seus escritos não teriam

sido possíveis se Freud não fosse seu mestre. Ele via sua própria situação científica e pessoal um tanto ameaçada e não hesitaria em chegar às necessárias conclusões para que isso parasse, no interesse do movimento psicanalítico, evitando maior evolução dessa situação. Vemos aqui, o quanto Adler estava assustado e surpreendido com o rumo que o debate tomara, reafirmando explicitamente sua condição de discípulo de Freud. A discussão resultou em que Freud e a maioria de seus discípulos apresentaram os pontos de vista de Adler como incompatíveis com a psicanálise, outros tentaram mediar sem abandonar a substância das opiniões de Freud, o próprio Adler enfatizou sua conexão com Freud e os seus seguidores tentaram mostrar a compatibilidade das opiniões entre os dois. Nesse ponto, Steiner tomou a palavra causando uma dramática mudança nos acontecimentos, que resultou numa moção para expulsar Adler, que se defendeu de maneira vaga. Apesar de Adler ter deixado definitivamente a Sociedade, somente quatro meses depois sua retirada foi um movimento decisivo e formal para sua definitiva separação de Freud. Handlbauer traz uma carta de Freud ao reverendo Oscar Pfister, na qual ele explica com palavras apropriadas a situação, escrita em 26 de fevereiro de 1911:

Em Viena ocorreu uma pequena crise que ainda não reporte a Jung. Adler e Stekel se demitiram e na próxima quarta-feira deixarei que me elejam presidente (...) As teorias de Adler estavam desviando-se demais do caminho e já era tempo de opor resistência. Ele se esquece do que disse o apóstolo Paulo, as palavras exatas que você conhece melhor do que eu “E eu sei que não há amor em você”. Ele criou para si um sistema mundial sem amor e eu estou no processo de levar a ele a vingança da Libido, a deusa ofendida. O meu princípio sempre foi o de ser tolerante e não exercer a minha autoridade, mas, na prática, isso nem sempre funciona. É o que acontece com carros e pedestres. Quando comecei a dirigir, eu ficava irritado com o descuido dos pedestres tanto quanto me irritava com o descuido dos motoristas antes de eu mesmo dirigir. (HANDLBAUER, 2005, p.146-7)

A demissão de Adler e de seus seguidores foi um processo que se deu entre março e outubro de 1911. Na reunião de 24 de maio de 1911, a última de que Adler participou, ocorreu uma importante discussão sobre o desejo inconsciente de morrer como influências físicas e psíquicas que aceleram a morte. Freud faz a primeira e única tentativa de discussão entre as teses de Adler e o Complexo de Castração:

A significação do complexo de castração para a compreensão das neuroses é enorme; baseando-se nele, reconhece-se com facilidade como sendo primário o que de outro modo se consideraria secundário. Num grupo de neuróticos que concedem tanta importância à sua masculinidade é um tanto difícil fazer remontar a neurose a seu complexo de castração, mas pode-se quase sempre aí chegar. É somente com a ameaça de castração que sua masculinidade e o desprezo pela mulher começam. Eles sofrem francamente de um medo do pênis que tem seu análogo na inveja do pênis na mulher. Numa paciente, esta inveja tornou-se determinante. Numa idade precoce, ela teve um desejo de ter uma criança (de seu pai); ela jamais aspirou a ir mais além do seu papel feminino. No seu caso, o desejo de ter crianças suplanta a inveja do pênis. Se o complexo de castração é tomado em conta, será possível concordar uma série de teses de Adler com nossas concepções. (LES PREMIERS..., 1979, p. 270-271)

Federn faz um comentário significativo de que, tanto no simbolismo dos sonhos como no das neuroses, o fato da inveja do pênis poder ser substituída pelo desejo de ter filhos implica também uma concepção do pênis como sendo “o pequeno”¹²⁰. Diz ele que o que entra em questão é a masturbação, o jogo com as partes genitais, é uma moção libidinal somente depois de ser seguida por uma punição e uma ameaça e não de um protesto masculino que, se entra em consideração, será mais tarde. Freud responde que, quanto à questão da inveja do pênis, as meninas percebem imediatamente a diferença e são

¹²⁰ semelhante à idéia que Freud desenvolverá no seu texto de 1914, *Sobre a transmutação das pulsões*, em especial do erotismo anal

invejosas; os meninos não a notam; pressupõem que todos têm o mesmo órgão genital que eles. Curioso é que o menino não se torna de repente orgulhoso de ser um homem, mas acha que uma mulher tem o mesmo órgão que ele.

Adler, em sua última e longa participação, encerrou a reunião dizendo que a significação do complexo de castração não havia sido esgotada. E que em diversos sítios da análise essas idéias poderiam representar diferentes papéis. O paciente pode exprimir, pelas idéias de castração, que não está à altura de uma situação ou, como Freud disse, o medo de perder o pênis pode aparecer como uma punição, pelo medo de que isso o transforme em mulher. Isso é facilmente considerado como qualquer coisa de secundário, pois emanaria somente do sentimento de culpabilidade. O que há de comum nos pacientes discutidos é que, desde o início, as pessoas acreditavam não serem capazes de, um dia, serem verdadeiros homens, de cumprir aquilo que o exemplo de seu pai ou todo outro homem de seu ambiente é capaz. Nesse caso, o complexo de castração deveria ser tomado inteiramente no seu valor simbólico. Do ponto de vista dinâmico, o complexo de castração significaria o estabelecimento de uma sentinela e serve, como toda a angústia, para proteger o paciente de todo empreendimento, o que estaria intimamente ligado ao desejo de ser uma mulher, que parece estar em contradição com a tendência principal do protesto masculino. As moções que devem recobrir simbolicamente esse desejo não se referem ao fato de se ter uma vagina, mas de realizar qualquer coisa com maior facilidade. No momento em que essa idéia adquire um caráter feminino, o recuo de empreender, surge um precipitado psíquico com a necessidade de proteção. Por isso todas as fases de desenvolvimento de uma neurose acompanhariam o complexo de castração. Também na mulher o complexo de castração serve como proteção, como endossamento de um papel masculino por meios femininos. Assim, o pênis desejado na origem deve ser encontrado em um substituto: desejo de ter

muitos homens, de amamentar, de ter um filho. O que complica é que as meninas também terem a idéia de que a mulher tem um pênis. O que acrescenta complexidade é que desejar ter um filho é se identificar com uma mãe a quem originalmente foi atribuído um pênis.

A intenção de Freud de se livrar de Adler e ficar só com Stekel fica clara nas diversas cartas desse período, bem como a não intenção de Adler de se demitir. Mas em 20 de junho de 1911, após a última reunião de 31 de maio de 1911, da qual não sobreviveu nenhum registro, e à qual Adler não esteve presente, Furtmüller, Hilferding, Franz e Gustav Gruner, Klemperer, Oppenheim e Friedjung assinam uma declaração redigida provavelmente por Furtmüller em que aprovam a renúncia de Adler e expressam o desejo de permanecer na Sociedade. A adesão seria decidida por uma votação que só ocorreu em 11 de outubro de 1911, começo do 10º ano da sociedade após o recesso de verão, em circunstâncias modificadas e desfavoráveis, como foi exposto no início deste tópico. Por onze votos a cinco e seis abstenções, a incompatibilidade da pertinência às duas sociedades foi votada. Freud escreveu a Jung dizendo que forçou a saída da *gang* de Adler. Atribuiu a insistência em ficarem na Sociedade ao desejo de se munirem de forma parasítica de idéias e de material que eventualmente manipulariam. Afirma que ele fez com que este tipo de simbiose se tornasse impossível. Muitos se demitiram menos por concordância com Adler, e mais por acharem que todos esses procedimentos violavam a liberdade científica.

O ano de trabalho entre 1910 e 1911 foi, portanto, monopolizado pelas divergências entre Freud e Adler e pelo início da consolidação da liderança política de Freud para que suas idéias sobre o que era ou não psicanálise prevalecessem. As divergências de Freud com Stekel começariam a recrudescer ainda nesse ano de 1911, assim como as divergências com Jung, de quem Freud se sentira tão cúmplice durante o período de divergências com Adler também irão começar a se manifestar durante a discussão da conferência de Sabina

Spielrein *Da transformação*, quando Freud teria ocasião de manifestar suas reticências em relação à publicação de *Transformações e símbolos da libido*.

Foi nesse cenário de “guerra” que aconteceram as conferências das duas primeiras e únicas psicanalistas mulheres até 1911. A de Margareth Hilferding, *As bases do amor materno*, em 11 de janeiro de 1911, entre as duas conferências de Adler que levariam à explicitação de discordâncias com Freud e à sua saída da Sociedade. A de Sabina Spielrein, *Da Transformação*, em 29 de novembro de 1911. Na verdade, Spielrein, por ser a segunda mulher, beneficiou-se de uma aceitação pacífica de seu nome, após a verdadeira batalha e as dificuldades encontradas pela Dra. Hilferding para ser aceita como membro na Sociedade Psicanalítica de Viena, proposta feita por Paul Federn em 6 de abril de 1910, o que testemunharia o menosprezo e os preconceitos com que a sociedade da época estigmatizava a mulher. Mas a reunião em que seu nome foi proposto, também foi a primeira a ser realizada logo após o Congresso de Nüremberg, o qual formalizou a Sociedade Psicanalítica de Viena, criada em 1908, por seus então 22 membros, a qual, como já expus através do pensamento de Le Guen, constituiu-se para os pesquisadores voltados para a história do movimento psicanalítico “um pilar dos mais importantes para compreender as dissensões, rupturas, e disputas de poder, nada originais, que desde então se registram com periodicidade muitas vezes previsível em quase todas as instituições psicanalíticas.” (VIANA, 1991, p. 60) No dia da proposta do nome de Hilferding, Freud propõe também o nome de Adler para a presidência da Sociedade, a despeito das divergências teóricas que já se manifestavam entre eles, conforme a resolução de institucionalização da sociedade tomada no Congresso, onde deveriam ser estabelecidas normas de funcionamento e de admissão de novos membros. Na reunião seguinte, há a

reiteração por Federn de que fosse votada a admissão da dra. Margareth Hilferding. Viana chama a atenção para a coincidência de ter sido justamente no dia em que foi proposto pela primeira vez o nome de uma mulher para se integrar a esse grupo até então só de homens dedicados ao estudo da psicanálise, que se iniciou a discussão sobre regras e padrões para organizar nova sociedade e estabelecer mudança de local das reuniões, até então realizadas sempre na casa de Freud, e ter se desencadeado importante controvérsia quanto à aceitação ou não da presença feminina entre eles. Dois sérios problemas a enfrentar: abandonar a casa de Freud, o que significava perder o convívio íntimo que até então mantinham com a sacralidade de sua residência (e *Apfelstrudel* e café providenciados por Marta para depois da reunião), e superar os preconceitos e discriminações em relação à mulher.

Quando se passou para a discussão da aceitação de Hilferding para a sociedade, Isidor Sadger declara que, em princípio, era contra a admissão de mulheres naquela sociedade. Não fica claro se havia uma recusa formal a admitir que mulheres pudessem ser psicanalistas ou apenas as mulheres de militância socialista reconhecida, como era o caso de Margareth. Em todo caso, ele compartilhava com Wittels, outro participante das reuniões, arraigadas idéias antifeministas. Logo após, Adler declara ser a favor da admissão de mulheres médicas, bem como de mulheres seriamente interessadas no assunto e que desejassem colaborar com o grupo. Freud toma a palavra e afirma que tomaria como grosseira inconsistência, se, por princípio, as mulheres não tivessem nem mesmo a possibilidade de pertencerem ao grupo. Realiza-se então um escrutínio para saber se as mulheres seriam ou não aceitas entre eles. De quatorze votos, três votaram contra e onze a favor (VIANA, 1991, p. 63).

Na reunião seguinte, em 20 de abril de 1910, é mais uma vez postergada a votação de Hilferding para a Sociedade. Adler, ao mesmo tempo em que propõe o adiamento da

votação, esclarece que os votos devem ser anônimos e que os ausentes podem votar, desde que declinem seu nome. Viana acha instigante que ao mesmo tempo que o discurso de posse de Adler incitava a confiabilidade mútua entre os membros, ele solicitava que as opiniões na votação permanecessem no anonimato. Ela pergunta se isso se deu pelo medo de que o pronunciamento manifesto desencadeasse rupturas imediatas, por não se saber se as resistências seriam por Hilferding ser mulher, médica ou militante socialista, como o era o próprio Adler (VIANA, 1991, p. 63-64).

Finalmente a reunião de 27 de abril de 1910 tinha como primeiro item a votação para a qualidade de membros da Sociedade da Dra. Margareth Hilferding e de Ludwig Jekels, médico polonês, amigo de Freud e introdutor da psicanálise na Polônia. Nessa reunião estavam presentes quatorze homens (Adler, Federn, Friedjung, Furtmüller, Hitschmann, Oppenheim, Rank, Reitler, Rie, Sadger, Steiner, Stekel, Tausk e Freud). Sadger pede como questão de ordem a leitura de uma carta assinada por Wittels da qual era portador, pois ele, não podendo comparecer, desejava expressar por escrito sua opinião sobre a votação. Adler opõe-se à leitura da carta, coerente com a proposta de que os votos fossem secretos. Após caloroso debate, a proposta de Adler de que a carta fosse lida em outra oportunidade é derrotada. A carta não foi consignada às atas e não ficou para a posteridade, embora o voto de Wittels tenha sido computado no escrutínio final. Ele era sobrinho de Sadger, médico e escritor de talento, colaborador de vários jornais vienenses da época. Suas opiniões sobre as mulheres traduziam, de certa forma, sua aversão aos movimentos feministas pela emancipação da mulher. Em 1907, publicou o livro *A necessidade sexual*, que suscitou muitas controvérsias. No mesmo ano, publicou, sob pseudônimo de Avicena, dois artigos em uma famosa revista satírica da época, dirigida por

Karl Krauss, que havia sido seu paciente: *Mulheres médicas* e *A grande cortesã*. Os dois ensaios foram amplamente discutidos entre os homens que se reuniam na casa de Freud.

Em *Mulheres médicas*, Wittels considera que a verdadeira profissão das mulheres é atrair os homens. Quando muito, por injunções sociais, a mulher pode ser professora. Entretanto, quando decide ser médica, o faz para seguir seu desejo de sobrepujar outras mulheres e disfarçadamente obter a oportunidade de visualizar os órgãos genitais masculinos. Ele escreve que a mulher que estuda medicina, quanto mais histérica for, melhor estudante será, pois a histérica desvia seu impulso sexual com relação a seu objetivo sexual. Ela pode ser tão imoral quanto gosta, sem precisar ficar envergonhada. Entre outras considerações, afirma que a mulher médica não pode se casar e ter vida familiar normal. Quando enunciou esses julgamentos, Hilferding já era médica, casada e mãe, e Spielrein já fazia o curso de medicina.

Viana cita outros trechos significativos da conferência apresentada na Sociedade das Quartas-feiras, em 15 de maio de 1907.

Enquanto a mulher é ainda estudante de medicina, ela não prejudica ninguém, salvo a ela mesma. Ao tornar-se médica, passa a representar perigo para as outras mulheres, pois as pacientes não confiam nela, as enfermeiras não gostam dela, e um homem doente jamais permitiria ser examinado por uma mulher, pois isso implicaria em provocar seus pensamentos sexuais. (VIANA, 1991, p. 66-67)

Para demonstrar o absurdo de se permitir que as mulheres pudessem exercer medicina, Wittels dá dois exemplos:

A mulher médica especializada em psiquiatria e a mulher médica que trabalha nos serviços de saúde pública. Quanto à mulher psiquiatra, considera que, sendo ela mulher, não poderá ela jamais entender os segredos psicológicos do homem; quanto ao serviço de

saúde pública, talvez viesse a ter alguma participação no futuro. (VIANA, 1991, p. 66-67)

Ainda mais:

A mulher médica não deve nunca se tornar superior hierárquica entre seus colegas homens, pois irá sempre abusar do poder (...) Muito freqüentemente se utilizará da galanteria para obter favores especiais e injustificáveis, inclinando-se a tratar de suas pacientes como se fossem rivais. (VIANA, 1991, p. 66-67)

E mais:

Os homens que se autodenominam feministas, mas que em realidade são mesmo, em geral, masoquistas, são os que aplaudem as mulheres que estudam medicina. A média dos estudantes normais considera que suas colegas estudantes de medicina nada mais são do que prostitutas. (VIANA, 1991, p. 66-67)

Wittels conclui suas idéias dizendo que que “a histeria se constitui no alicerce do desejo da mulher em estudar medicina, da mesma forma que é a histeria a base de suas lutas por obterem direitos iguais aos dos homens.” (VIANA, 1991, p. 66-67)

Após a apresentação, as Minutas (apud VIANA, 1991, p. 67-69) relatam uma exaltada discussão entre os presentes, deixando Wittels chocado e sentindo-se mal-entendido, pois desejara apenas “apresentar uma visão do mundo que fizesse justiça às diferenças básicas existentes entre homens e mulheres, diferenças essas que ainda não eram suficientemente compreendidas.” (VIANA, 1991, p. 67)

Freud dirige-se a Wittels manifestando apreço por ele e considerando seu ensaio original, corajoso e engenhoso. Pondera, entretanto, que as mulheres, já tão sobrecarregadas

com problemas culturais e especialmente com a reprodução, “devem ser julgadas com tolerância e condescendência por terem se atrasado em relação aos homens” (VIANA, 1991, p. 67).

Depois de acentuar a importância de entender os diversos aspectos da sublimação, Freud acrescenta que o desprezo e o ódio pelas mulheres passam inconscientemente pelo ódio e desprezo arcaicos pela própria mãe. E acrescenta, esclarecendo seu ponto de vista, que “a mulher nada ganha em estudar, pois, no conjunto, não melhorará por esse caminho, pois as mulheres não podem igualar-se aos homens na obtenção da sublimação da sexualidade.” (VIANA, 1991, p. 67).

Federn considera um equívoco de Wittels considerar a sexualidade como único móvel do humano, já que “a necessidade de trabalhar é uma das pulsões do ser humano que vem se desenvolvendo ao lado de transformações sociais” (VIANA, 1991, p. 68). Ele tinha militância socialista reconhecida e sua mãe era militante ativa dos movimentos de emancipação feminina. Entretanto, concorda com ele de que não deveria ser permitido às mulheres manusear publicamente os órgãos genitais masculinos. Ainda assim, resume seu parecer dizendo que os argumentos e hipóteses de Wittels eram absolutamente distorcidos.

Max Graf, o pai do “Pequeno Hans”, enfatiza que a desproporcionada emoção que tomou conta de Wittels durante a leitura de seu ensaio dever-se-ia, talvez, ao seu desgosto por verificar que há mulheres que desejam estudar em lugar de se manterem unicamente interessadas em relações sexuais. Ainda assim, pensa que, no que se refere em especial ao estudo da medicina, a mulher “nunca fará contribuições de importância igual à do homem, pois lhe falta influência pessoal, e poder de sugestão, que, juntamente com o conhecimento, são indispensáveis ao médico competente” (VIANA, 1991, p. 68).

Hitschmann, sagaz e irônico, começa por dizer que as mulheres que estavam estudando medicina eram pioneiras no setor e exatamente por isso mereciam consideração especial.¹²¹ Em relação à opinião de Wittels, segundo a qual as mulheres que fazem medicina rejeitam o sexo, mas objetivam seduzir os homens, Hitschmann replica considerar essa hipótese uma asneira em matéria de lógica, pois a repressão sexual, que parece tanto desgostar Wittels é muito mais uma característica das moças bem-criadas (o que na época significava os três Ks: Kinder, Küche, Kirche – filhos, cozinha, igreja, fora disso, as mulheres eram consideradas, loucas, degeneradas, homossexuais). Ele diz preferir a liberdade das estudantes de medicina à hipocrisia das virgens intocáveis.

Rank e Adler também criticaram as posições de Wittels. Apenas Rudolf Reitler fica inteiramente do lado de Wittels. Provavelmente foi dele a abstenção na votação de Margareth Hilferding para a Sociedade. Os dois votos contrários à entrada dela, provavelmente foram de Wittels e Sadger, mas doze votos dos quinze possíveis foram favoráveis à sua admissão.

A partir de 4 de maio, quando recebe as boas-vindas de Adler, ela passa a freqüentar com assiduidade as reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena. Participou de 29 delas, opinando, debatendo e exercendo seu direito de voto nas decisões e regulamentações internas. Para Viana, isso foi uma oportunidade especial, pois, na época, o voto político feminino não existia em quase toda a Europa. Na Áustria, a causa feminista em prol do sufrágio universal era ainda incipiente. Lei de 1867 proibia “pessoas de sexo feminino, bem

¹²¹ Na década de 1880, não havia nenhuma mulher médica no império austro-húngaro; em 1990 o número de médicas na França era 95, proporção desprezível em relação ao total do país. Na mesma época, havia 258 médicas na Inglaterra e elas eram 5% do total de médicos dos EUA. Em 1897, um ano antes de Margareth Hilferding iniciar o curso de medicina, Gabriele Possaner-Ehrenthal, com 37 anos, torna-se “senhorita doutor” da Faculdade de Medicina de Viena, a primeira mulher médica da Áustria. In Viana, 1991, p 32-33.

como estrangeiros e menores de participar de qualquer atividade política”(VIANA, 1991, p. 72). Só em 1919, a primeira República austríaca concede o direito de voto às mulheres.

Na reunião de 11 de janeiro de 1911, perante 17 homens psicanalistas, a Dra Hilferding inicia sua conferência: *Sobre as bases do amor materno*.

Ela contém um material composto de fatos reunidos anteriormente e uma tentativa de explicar esses fatos tendo por base a psicanálise. Se inicia com um fato contundente: mães que muito se alegraram com a idéia de que um filho iria nascer, ficam decepcionadas quando ele nasce e não experimentam verdadeiro amor materno. Está derrubada, de saída, a idéia firmemente arraigada na cultura ocidental patriarcal de um amor materno natural. Quando esse sentimento aparece mais tarde, fatores psicológicos desempenham um papel decisivo e uma certa compaixão aliada à convenção social que exigiria amor por parte de uma mãe, sobretudo nas esferas mais educadas, aparecem como substitutos do amor materno fisiológico. A ausência de amor materno freqüentemente se exprime pela recusa em amamentar a criança ou pela intenção de não ficar com ela. Mas se se consegue, por algum truque, colocar a criança no seio da mãe, muito freqüentemente ela não quer mais se separar dela.

A ausência de amor materno pode se apresentar sob outra forma e se expressar por atos diretamente hostis em relação à criança: pode ganhar a forma de infanticídio ou sevícias exercidas sobre a criança. Em geral, o infanticídio ocorre só com o primeiro filho e só se a mãe sentir uma aversão especial pela criança, por exemplo, porque o pai a abandonou. Como psicanalistas, não é possível argumentar que estas mulheres sejam degeneradas. A maioria das sevícias se produz com filhos ilegítimos ou de adultério, que não são criados pela própria mãe. Em geral, o primeiro e o último filho ocupam posição especial: o primeiro, por suscitar na mãe afetos hostis os mais violentos, sendo que

geralmente ela o cria com mais severidade em função disso, e o mais novo, por suscitar afetos positivos os mais intensos é, com freqüência mimado e estragado, fruto de amor materno e ansiedade excessivos, se aplicar-se a idéia de que impulsos hostis são compensados por uma reversão ao inverso. Portanto, diz ela, não existe amor materno inato. Mas, psicanaliticamente falando, isso não é inteiramente válido. Parece que é por meio da interação física entre a mãe e o bebê que se suscita o amor materno. A criança efetua certas mudanças na vida sexual da mãe, que dão origem aos mais diversos costumes entre os povos. A criança representa um objeto sexual natural para a mãe durante o período que se segue ao parto, o que é o correlato das sensações sexuais do bebê em relação à mãe. Entre eles, é preciso que certas relações sexuais sejam suscetíveis de se desenvolver.

Supõe-se que os primeiros sinais de amor materno surjam na época dos primeiros movimentos do feto, ao produzirem uma certa sensação de prazer, índice de relações sexuais. Esse sentimento é perdido com o parto e talvez aí comece a aversão da mãe. A subida de leite aos seios vem acompanhada também de certa sensação de prazer. Se nós supomos a existência do complexo de Édipo na criança, ele tem sua origem na excitação sexual provocada pela mãe, que supõe uma sensação igualmente erótica por parte da mãe. O período em que a criança representa um objeto erótico para a mãe coincide com a necessidade de cuidados por parte da criança. Após esse período, a criança deve ceder lugar ao marido ou eventualmente a outro filho.

O amor materno parece que não é inato para o primeiro filho, mas adquirido pelo contato físico com a criança, através do cuidado, da amamentação etc. Para os outros filhos, o amor materno é inato não no sentido biológico, fisiológico ou natural, mas pela lembrança dos cuidados dados ao primeiro filho. As mulheres que se apegam a esse objeto sexual por mais tempo do que o devido são as que não encontram satisfação sexual junto ao

marido, o que não deve ser considerado uma perversão, mas uma extensão no tempo de um estado da natureza.

Ela diz ser interessante examinar o papel do pai, em que condições ele se constitui como objeto sexual da criança (atitude homossexual), em que modalidades se produz o desligamento da criança do seu primeiro objeto sexual e de que maneira o período dessexualizado anterior à puberdade (certamente ela se refere ao período de latência) está vinculado ao desligamento da criança em relação à mãe.

Assim simples, assim contundente, vejamos as principais reações dos psicanalistas homens, na discussão, num momento de preparo para os grandes acontecimentos políticos do ano, como vimos na parte anterior. De uma maneira geral, eles não contestaram a oradora e várias idéias complementares ao que ela disse surgiram: existe uma relação estreita entre o amor materno e o sentimento experimentado durante o coito que leva à concepção. O amor da mãe pelo seu filho é a reprodução da sua própria relação de filha com seus pais, um prolongamento do amor que tem pelo marido, de quem ela ama a imagem no seu filho, e a mãe ama no filho seus próprios órgãos genitais. São citados exemplos de outras culturas de afastamento do homem na época da amamentação. Menciona-se a confirmação em larga escala da ausência de amor paterno pela predominância de moções hostis em relação à criança. Há crenças de que não é sadio praticar o coito no período da amamentação. Sadger diz que o caráter erógeno específico do mamilo, a sensação diretamente sexual durante a amamentação é provavelmente o fundamento mais profundo do amor materno. No recalçamento, o caráter erógeno dessa zona pode provocar repulsa e nojo e, por isso, certas mulheres estão impossibilitadas de superar a sensação de aversão à idéia de amamentação dos filhos. Muitas mulheres, durante toda a vida, têm sensações erógenas nestas zonas e “fazem seus maridos chuparem os seus

mamilos” (HILFERDING, 1991, p.90) (como se o prazer fosse só delas). A amamentação dá à mãe uma sensação de prazer até então desconhecida e perversa. Outras moções perversas não só são permitidas com o bebê, diz ele, como se revestem de uma espécie de auréola, desempenhando aí o erotismo anal um papel particular, o que induz a pensar num segundo grupo de mães, que amam com paixão o filho sem nunca o terem amamentado.

Freud faz, então, um longo comentário. Começa ressaltando o mérito da oradora de ter empreendido o estudo psicanalítico de um tema que está sustado de ser investigado pela nossa convenção e pelo fato dos esclarecimentos a que chegou serem os mais válidos, porque são originais e independentes, obtidos antes dela se ocupar com a psicanálise. A sobredeterminação de vários aspectos é evidente na análise do fenômeno. Para ele, em certos pais e mães, deve-se levar em conta um fator de psicologia geral, que é um certo sentimento de decepção devido ao contraste entre a imaginação e a realidade e que se produz freqüentemente quando um desejo por muito tempo alimentado é, enfim, realizado. Um certo lapso de tempo é provavelmente necessário para mudar a via pela qual deve passar uma corrente de libido. Quanto ao infanticídio, seria bom se os fatores sociais desempenhassem o papel principal, mas parece não ser este o caso, porque ele é raro e se encontra em situações onde ele não intervém. Para ele, um grande número de sevícias praticadas em crianças pode ser explicado psicanaliticamente pelo fato impressionante de que os pais apresentam, em geral, como causa, os maus hábitos sexuais das crianças (masturbação, incontinência urinária noturna). Parece que a condição mais geral que determina o comportamento da mãe é o efeito principal que produz a visão da criança: o renascimento da sexualidade infantil da mãe, produzindo o conflito entre o desejo sexual despertado e o recalcamiento sexual que se produz novamente, imposto e mantido com grande esforço. A mãe experimentou provavelmente diante de um irmãozinho que acabara

de nascer, o mesmo sentimento que experimenta agora em relação a seu filho e seu primeiro movimento de eliminar esse irmão, deve reaparecer em relação a seu filho. Os fatores sociais acrescentam fermento para que o impulso infanticida seja colocado em execução. A satisfação de certas zonas erógenas (sucção, tendências coprofílicas) que os cuidados dados à criança proporcionam é acompanhada de uma involução do caráter, de uma certa regressão, que se expressa freqüentemente na negligência de um grande número de jovens mães.

Em seguida, Adler diz ser importante mencionar outros fatores significativos da psicologia do amor materno e falar do ódio materno que se revelam em cada análise. O que se revela aí são as moções hostis de toda neurose no sentimento de escravidão que o objeto de amor produz. O desejo de ter um filho não é tão grande quando a possibilidade de tê-los é ilimitada, e aumenta nas famílias nas quais não há nenhum filho. A isso se acrescenta que um casal sem filhos é considerado uma vergonha, e que os filhos estão ligados às raízes da ambição, no caso do pai, ao desejo de ser um homem, no caso da mãe, ao desejo de ser fértil. Assim, todos os sinais de amor são suscitados nos pais antes mesmo do nascimento dos filhos. O problema da amamentação e da aversão ao bebê tem raízes semelhantes. Alguns mostram-se extremamente ambivalentes com as descobertas de Hilferding, reafirmando o amor materno inato e instintivo e que características fisiológicas em relação ao corpo (tamanho dos quadris e da vagina) interferem na quantidade de amor materno. O amor paterno, para eles, seria mais aparente nos homens que têm traços femininos e que se identificam facilmente com as mulheres. O ódio materno apareceria nas mulheres que têm características masculinas. E a tese que diz que o amor materno só aparece depois da amamentação seria válida para os animais e para as mulheres que tem um dom materno inferior. Os fenômenos do ódio materno estariam intrinsecamente ligados ao problema dos

filhos desejados e indesejados. A questão talvez fosse ampliada com a pergunta sobre como os indivíduos chegam a não desejar filhos e como a pulsão primitiva do amor materno ligada à conservação da espécie se transforma de tal maneira que até uma aversão pode se formar. Tanto o ódio como o amor materno são de utilidade para a conservação da espécie. O amor materno é uma tendência de proteção tanto da situação da mãe, quanto da sobrevivência do filho, uma proteção contra as moções de hostilidade constantemente presentes.

A Dra. Hilferding observa em sua conclusão que foi mal compreendida, em certo sentido, pois a discussão ressaltou o componente psíquico do amor materno, que ela apenas esboçara, e não ao componente fisiológico, que era o seu verdadeiro assunto.

Teresa Pinheiro (In HILFERDING, 1991) ressalta o quanto há, no texto de Hilferding, da tentativa de construção de uma metapsicologia da sexualidade da grávida. Ela ressalta que o amor materno, mesmo não tendo um estatuto semelhante ao da proibição do incesto, parece ter sido encampado num imaginário fundamental que determinaria a condição feminina: como se a mulher, ou o que é a mulher, fosse indissociável do amor materno, indispensável, implícito, óbvio, dado a qualquer mulher na ordem da natureza. Hilferding fornece toda a argumentação para que o amor materno não seja considerado inato, já que este inatismo é desmantelado com a colocação do bebê como objeto sexual da mãe. No campo psicanalítico, que pensa o corpo a partir de outros pressupostos, de um outro lugar e dispondo de instrumental teórico próprio, o amor materno não pode ser pensado como algo pré-existente a toda mulher. Se existe o corpo pulsional, o corpo erógeno, construído a partir da linguagem, há que desvincular a mulher da maternidade. Nesse ponto, outra novidade que Hilferding traz, na metapsicologia da grávida, é colocar a sexualidade, no terreno do seu trabalho, no sentido mais estrito e concreto, ou seja, vinculado diretamente a uma sensação corporal, sendo que essa sexualidade determinará o

amor materno, que tem como suporte a relação sexual mãe-bebê. A erotização do bebê pela mãe não coloca nenhum obstáculo e está presente desde *Três ensaios para uma teoria sexual* no campo psicanalítico. A novidade da proposta de Hilferding, ressalta Pinheiro, é o fato de pleitear para a mãe um objeto sexual natural. É do lugar do adulto que já dispõe de um aparato psíquico, mal ou bem estruturado, que ela lança a idéia de um objeto sexual natural, um objeto óbvio do desejo. Hilferding propõe colocar o foco na excitação do corpo da mãe, originada pelos movimentos fetais. Propõe uma metapsicologia da grávida do primeiro filho, por meio não só da transformação real nesse corpo, mas também da sensação corporal ou excitação sexual, novas, desconhecidas até então, como fontes de prazer, “como alguém que é assaltado por prazer sexual, por uma excitação sobre a qual não dispõe de nenhum controle e que não pode interromper mesmo que queira” (HILFERDING, 1991, p.120). Sobre a questão da agressividade surgida pela separação, Pinheiro propõe que o impensável no sexo castrado da mulher é que ele implica a separação, contra a qual e pela qual o humano se funda.

Mas será certamente na vivência da primeira gravidez que a mulher terá que se defrontar com o impensável da separação, através do próprio sexo. Na gravidez, o impensável torna-se assim escândalo, escancarando esse sexo da mulher que engendra, que se excita com o feto e que, ao parir, tem através dele uma relação sexual que a remete ao impensável da relação sexual do seu próprio parto. Sexo impensável do qual todos os seres humanos emanam. (HILFERDING, 1991, p.133)

Por isso o primeiro filho suscita emoções violentas de ódio e paixão, e sua dificuldade de reconhecimento se dá porque, nessa primeira gravidez, o que está em jogo é a própria estrutura psíquica da mulher que se torna mãe. Mulher desdobrável.

Certamente Sabina Spilrein não foi muito feliz na escolha do trecho de seu ensaio A destruição como causa do devir para a conferência que fez para 16 psicanalistas homens da Sociedade e três convidados, entre eles, uma mulher, em 29 de novembro de 1911, à qual ela deu o nome “Da transformação”. Em sua curta comunicação, ela escolheu centrar na parte mais mitológica e, com isso, foi confundida com uma mensageira de Jung, com quem o grupo já estava em tensão. No resumo que dessa conferência aparece nas Minutas da Sociedade Psicanalista de Viena (LES PREMIERS..., 1979, p. 319-325), ela inicia citando Mechnikov¹²². Partindo do questionamento sobre a existência de uma pulsão de morte normal no homem, ela procura provar que o componente da morte está contido na própria pulsão sexual: um componente destrutivo é inerente a essa pulsão, componente indispensável do processo do devir. Essa tendência à auto-destruição se explica sobre a base do esquema de Jung, segundo o qual dois componentes opostos são o fundamento de todo querer; um deles domina sempre por muito pouco. Parece que habitualmente, a pulsão de vida predomina. É suficiente um ligeiro deslocamento em outra direção para ver na pulsão sexual uma força destrutiva.

Nas numerosas representações mitológicas, a necessidade de destruição é expressa diretamente: toda a transição a um outro extrato é concebida como morte. Na neurose também existe sempre um conflito que consiste na dissonância desses dois componentes da sexualidade. Os conceitos mitológicos da vida e da morte são prolongados no simbolismo

¹²² Ilya Mechnikov (1845-1916), biólogo russo radicado na Alemanha que adquire reputação como microbiólogo. Foi depois diretor do Instituto Pasteur e ganhou o Prêmio Nobel, em 1903. Publica *O ritmo da vida*. Acredita-se que veio dele a idéia básica de que processos orgânicos pudessem se equilibrar entre dois diferentes processos, um construtivo e outro destrutivo que se tornou freqüente, nas especulações biológicas do final do séc. XIX, resultado de doenças e acumulação de toxinas no corpo. Para ele, a morte era temida como desagradável — que levava à primazia da religião e da superstição em detrimento da ciência, que ele julgava a única fê necessária à humanidade — porque ocorria de forma prematura. Ele acreditava que à medida que a ciência avançasse e a velhice se tornasse menos onerosa na parte médica, um desejo natural de morrer, experimentado como essencialmente agradável, se tornaria cada vez mais patente, após uma longa vida. Freud nunca o citou, apesar de pontos semelhantes de seus pensamentos (Kerr, 1997, p.535-536)

da terra e da água e estão presentes no mito de Siegfried e na lenda do Navio Fantasma. Os heróis wagnerianos e Cristo são do tipo salvador descrito por Freud, que se sacrificam e morrem pela humanidade.

A pulsão de procriação requer a destruição da pulsão sexual. O homem tem necessidade de nascer e perecer, por isso, na consciência popular, a vida eterna aparece como fardo. Só o sacrifício aporta a redenção porque contém os dois elementos: a apropriação do componente do devir e o abandono do sacrifício da destruição, que se representa como análogo ao retorno ao ventre materno; ao morrer, o indivíduo também é conduzido para dentro de sua mãe para renascer. O estado pré-natal é igual à morte ou é concebido como a morte, como uma existência fantasma.

Assim, a destruição é a causa do devir: a velha forma deve ser destruída para que o novo tome forma. Por isso não existe a noção absoluta da morte e o que significa a morte para a velha forma, significa a vida para a nova. É verdade que a morte é assustadora, mas a serviço da pulsão sexual, ela é benéfica.

A conferência é apenas um pálido reflexo do texto visionário que ela publicaria no ano seguinte no *Jahrbuch*. Mesmo assim, estava colocada novamente uma face polêmica do materno: a fantasia de retorno ao ventre materno era mortífera, era tornar a própria vida um fantasma, ao mesmo tempo em que era a fonte de renascimento. O materno sexualizado era assim transformado em paradigma da vida e da morte, da vida e da destruição a serviço do devir, da transformação.

Vejamos agora o que o debate dessa comunicação suscitou. O Dr. Sachs não achou que as idéias de Jung tinham sido apresentadas de maneira convincente. Só foi mostrado, de modo interessante e específico, que o nascimento e a morte estão intimamente ligados na imaginação de todos os homens. Essa junção se origina no primeiro afeto mais forte do

homem, que é a angústia do nascimento. Dela emana a idéia ascética da Idade Média segundo a qual a imortalidade pode ser conseguida pela renúncia ao coito. A crítica de Tausk se baseia no que ele chama do ponto de vista metafísico, a conferência traz a questão de Platão a respeito do mundo das idéias, a questão de Deus. Desse ponto de vista, chega-se por dedução a todas as questões que a psicanálise chegou por indução. A idéia de que a resistência à sexualidade provém do elemento destruidor é muito valorosa. De fato, todo o recalçamento repousa fundamentalmente no fato de o componente de morte suscitar a resistência à sexualidade. A angústia tem dois componentes, um provém da sexualidade e outro da perda da vida. Os homens representam a angústia sexual como medo da morte. A interpretação do sacrifício como união com a mãe só é válida para a Era do Matriarcado. Rosestein se pergunta se a necessidade de se perder no objeto amado deve ser considerada como um fenômeno normal ou igualmente como uma formação de reação e, se prevalecer a primeira hipótese, poder-se-ia dizer que existem duas pulsões no psiquismo. Stekel diz que a concepção da angústia como reação à pulsão de morte já está contida no seu livro sobre a angústia. A única mulher presente, Dra Stegmann, diz que no curso da discussão, o termo vida nem sempre foi utilizado com o mesmo sentido e que era necessário separar a vida pessoal da vida universal cósmica. O desejo de morte faz sua aparição como o desejo de se dar ao universo. O medo do amor é o medo da morte da personalidade do sujeito. O amor deve ser considerado como uma transição da pequena vida individual à grande vida cósmica. O Dr. Stegmann se refere a Fechner, que colocou em primeiro plano o abandono do ponto de vista subjetivo, segundo o qual perecer significa para o indivíduo apenas penetrar no universo, no estado de alma do mundo. Foi com base em suas idéias que Nietzsche desenvolveu sua idéia do super-homem.

Freud começa por dizer que o matriarcado não é uma hipótese, mas sua existência está provada pelo material histórico, não como sistema político, e sim como sistema social. Mas Freud também diz que a conferência dá ocasião a uma crítica a Jung¹²³ que, em seus recentes estudos mitológicos, se utiliza também, sem proceder a uma seleção, do abundante material mitológico, que não pode aparecer de forma direta para resolver nossos problemas, mas deve ser submetido a uma elucidação psicanalítica. A questão de saber se as pulsões se apresentam incompletamente dominadas, uma idéia também aplicada ao caso da sexualidade, é aceitável, mas deve ser resolvida por estudos de psicologia individual. No entanto, indo ao encontro da sua concepção psicológica, a oradora tentou fundar a teoria das pulsões sobre as premissas biológicas da conservação da espécie.

Na sua observação final, Spielrein parece se dar conta e lamentar a omissão de um capítulo essencial de seu ensaio, o que trouxe uma confusão conceitual que travou a discussão. A seus olhos, a pulsão sexual é um caso particular da pulsão de transformação. Ao falar do conflito, ela fala de eu pessoal e não cósmico. A predominância dos componentes sádicos ou masoquistas determina se os desejos de morte são dirigidos ao sujeito ou a outra pessoa. O desejo de ser absorvido é uma tendência normal. Nas mulheres, exprime-se com freqüência como um fantasma de destruição.

¹²³ Crítica de que Jung se exime quando Freud lhe escreve para tratar da apresentação de Spielrein dizendo que ela teria que mexer na parte biológica e mitológica para publicação. Parece que Freud já leu a segunda parte do texto sobre *Transformação e símbolos da libido*, de Jung, bem como o trabalho original de Spielrein.

IV. CONCLUSÃO

A prosseguir...

Iniciar uma conclusão com um convite ao prosseguimento, à continuidade, merece uma explicação, uma vez que a conclusão costuma ser um fechamento ou, ao menos, uma confluência a um fechamento da abertura. E o prosseguimento sugere um ato de abertura contínua. Mas é isso que Sabina Spielrein escreve no último trecho de seu último diário: “Casei-me com o Dr. Paul Scheftel em 14.I. A prosseguir.” (CAROTENUTO, 1984, p.230) Ela faz um lapso na data que só poderia ser J. de Junho. Poderíamos pensar que J. remete muito de perto a uma renúncia amorosa recém-feita para que ela pudesse avançar no seu desejo amoroso. Conta, então, os sonhos dos dois após uma noite tempestuosa de paixão.

O casamento como um convite ao prosseguimento e não a uma conclusão. Uma abertura e não um fim. Talvez seja assim que eu esteja sentindo este momento de conclusão de um trabalho que convida a uma abertura contínua e que, para se concluir, exige um trabalho de reflexão sobre a criação de um trabalho de pensamento para, enfim, poder dar conta da angústia do fim, da separação, do desprendimento. Angústia de morte, que é também de castração, já que concluir algo é perceber os limites, o que pode ser feito e o que não pode, as pretensões, aquilo ao qual se tendia antes e as realizações efetivas, aquilo que foi feito e passou pela tensão da materialização em outra coisa bem diferente, pelo árduo e doloroso trabalho de luto do ideal totalitário de completude.

Início, então, com o relato de dois sonhos sonhados na mesma noite e que deram início ao movimento interno e psíquico da escritura do trabalho de conclusão. O primeiro sonho: estou em um carro dirigindo na rua, chegando ao prédio onde moro. Meu orientador está sentado no banco ao meu lado. Ao estacionar o carro, ele comenta, de maneira

elogiosa, as três primeiras partes da tese (que eu havia, de fato, lhe entregado para ler durante o mês de férias de janeiro, enquanto eu estaria fazendo a conclusão em minha casa de férias no Ceará). Ele dizia que eu havia conseguido. Agradeço e desço do carro, mandando lembranças à sua mulher. Parada na calçada, do lado de fora atrás do carro, vejo que ele tenta dirigir o carro do lado direito, que tem inclusive um guidão de direção. Penso, então, no sonho, intrigada: “Porque ele está tentando dirigir um carro pelo lado direito se nem mora na Inglaterra?” Olho de novo e ele está do lado esquerdo. Penso, aliviada, que agora ele está certo, como deve ser. Acordo na rede de dormir e imediatamente me sinto feliz, mas penso que ainda não estava em casa, apenas na porta de casa e fico intrigada com a fala sobre a direção na Inglaterra. Penso que é a condensação do meu orientador com um amigo que muito me ajudou no último mês, com uma fala que focou para mim o que era o central no meu trabalho de tese, a metapsicologia de Spielrein, associando poeticamente a velha feiticeira que insiste e o feminino transfigurado. Ele pretende viajar para a Inglaterra para estudar assuntos relativos ao social, ao político e às teorias sobre o poder, embora sempre relacionados à psicanálise. Associo também a Freud e seus últimos dias na Inglaterra, e a uma fala deste amigo sobre o destino final das irmãs de Freud, o campo de concentração, quando eu lhe mostrei o último parágrafo da primeira parte, justamente antes de reiniciar o trabalho sobre a obra e a metapsicologia de Spielrein. Parágrafo que contesta a acusação de masoquismo de Spielrein, por ela não ter saído de Rostov quando da invasão alemã, o que a aproximaria do momento de recusa de Freud de sair de Viena em 1938. Penso que tenho que encontrar, para acrescentar ao parágrafo, um artigo de Renato Mezan em que ele contesta a acusação de masoquismo dos judeus por não terem protestado nos corredores da morte, no caminho de confinamento nos campos de concentração e extermínio pelas câmaras de gás.(MEZAN, 2003)

Durmo e tenho um outro sonho, também muito intenso e nítido, como o primeiro. Num plano posterior, uma reunião de mulheres rendeiras cearenses (na aldeia de pescadores onde fica minha casa de férias), uma certa demora, um início de angústia da minha parte, eu estava no primeiro plano do sonho. Uma mocinha (a mocinha é, na realidade, a amiga de minha filha caçula que mora nessa aldeia e que fica hospedada em nossa casa um mês por ano a quem eu chamo de brincadeira de “minha filha do Ceará”) sai do grupo de mulheres com o vestido de renda feito por mim, mostra-o para mim, o que ocupa um plano intermediário no espaço do sonho (penso agora que é como se mostra um nenê recém-nascido no berçário), e me diz, muito séria, que ele havia sido aprovado pelas melhores rendeiras da aldeia. Acordo realmente muito aliviada. Penso imediatamente que não bastava a aprovação da figura do pai orientador (que condensa também os meus argüidores das qualificações de mestrado e doutorado que, como bons amigos e colegas, seguiram o velho ditado “quem avisa amigo é” nos seus questionamentos, apesar de todo o entusiasmo e apoio ao meu trabalho, o que muito me ajudou) do primeiro sonho, mas era necessária a aprovação das mães e das filhas, envolvidas num fazer semelhante. Lembro-me subitamente que saí de São Paulo enviando as três primeiras partes para serem lidas por um grupo de colegas e amigas numa primeira leitura avaliadora, fora dos argüidores, das qualificações de mestrado e doutorado e do meu orientador, todos amigos e colegas homens. Curiosamente, me dou conta que são quatro homens argüidores e que escolhi, para essa leitura, quatro mulheres, talvez para contrabalançar.

No trabalho do sonho, o inconsciente aproximou o início do trabalho de conclusão de tese ao trabalho de montagem de um vestido de renda. O que dá a forma do vestido é um trabalho de costura das várias tiras de renda que são tecidas em separado na almofada diante das pernas sentadas. A tessitura da renda se dá pelo trabalho das mãos que

manipulam rapidamente os bilros, que prendem uma ponta das meadas de linha, as quais estão presas na outra ponta aos espinhos espetados no papelão com o desenho guia preso à almofada. O nome dos pontos de renda que compõem cada desenho segue a semelhança da forma com outros objetos e bichos (tijolo, trinco, trança, pano, pano de peneira, aranha ou mosca, barata). Neles, há um movimento de afastamento e confluência, estreitamento e abertura que faz da renda uma rede de fios tecidos e vazios que se sustentam *a posteriori* num desenho e numa forma que cobre e descobre, mas que adquire o nome de uma peça de roupa convencional, blusa ou vestido, calça, saia ou xale.

O núcleo Inglaterra do primeiro sonho remete a muitos pensamentos em torno do poder, dos quais destaco as minhas reflexões expostas na tese sobre a inabilidade e pouco interesse direto de Spielrein em relação ao poder institucional, embora ela afirme a Jung, em 1917, o imenso trabalho que Freud estava tendo para consolidar o movimento psicanalítico pela institucionalização e algumas divagações sobre Freud e o poder: se ele, ao escrever a *História do Movimento Psicanalítico*, assumiu uma postura de único e principal fundador do campo psicanalítico, ele sempre ocupou por pouco tempo diretamente um cargo burocrático e pragmático, como o de presidente, o de secretário ou o de tesoureiro e apenas em momentos de crise, delegando-o, embora sempre mantivesse o poder invisível das decisões finais. Talvez para não perder a potência da criação escrita? A preocupação com o fazer do poder e com o próprio poder se contrapõe à potência criativa e criadora? Ir para a Inglaterra, consciente de estar perto da morte pelo câncer e pela idade, teria sido um gesto de afirmação do acidente de sua morte em oposição à morte programada pelo extermínio, um gesto de continuidade do movimento psicanalítico, da condução da sua descendência para solo seguro, sua filha Anna sendo o marco simbólico da continuidade da descendência teórica e familiar? Os pensamentos em torno do poder também passaram pela

leitura recente do lindo texto de Luis Carlos Menezes *Preservai as flores selvagens: algumas reflexões sobre a adesão, a aderência e a lucidez* (MENEZES, 2006). Desta leitura restou uma inquietação de que, apesar de uma das referências centrais do artigo ser a pensadora Hanna Arendt, ao evocar a *ágora* grega, Menezes, através de Arendt, lembra que as mulheres e os escravos estavam excluídos desse palco do exercício da liberdade democrática, enquanto relato entre si dos feitos de cada homem livre. Divagava eu, se na *ágora* contemporânea as mulheres poderiam ser incluídas para usufruir também do relato amistoso e confirmador dos feitos entre iguais, sem serem taxadas de estarem lá apenas pelo exercício fálico do poder, seja à maneira masculina, seja como a mãe de todos. É possível uma mulher estar e ser percebida como igual aos homens no espaço público, sem negar o princípio feminino que a constitui como mulher? Um quarto e último grupo de pensamentos presentes no núcleo Inglaterra-poder remetia a um lapso recorrente na introdução da terceira parte da tese, cuja criação muita angústia me custou. Ao relê-la, percebi que algumas vezes escrevi conjectura no lugar de conjuntura e vice-versa. Achei muito divertido o lapso e como ele expunha minhas dúvidas e angústias, se eu devia ou não escrever certas conjecturas, como a dos fantasmas pessoais de Freud, Jung e Spielrein, se o que eu supunha que eram conjunturas históricas eram apenas conjecturas também, ou seja, o lapso remetia à questão, sempre inquietante, acerca da constituição da verdade histórica, seja pessoal ou coletiva, e o lugar das projeções fantasmáticas nela. Lembrei de uma expressão recorrente dos meus tempos bastante politizados de estudante, “análise de conjuntura”, e como, muitas vezes, elas eram conjecturas que se revelavam projeções paranóides e, ainda, outras que eram avaliações corretas da conjuntura realmente persecutória de uma violenta ditadura militar. O meu lapso me remeteu a um momento igualmente divertido em torno da paranóia e do feminino. Na magnífica e generosa resenha

que Renato Mezan fez de meu livro *Paranóia*, remetendo-se à parte denominada “Paranóia e feminino”, ele comenta que eu havia mostrado muito bem as relações do feminino com a paranóia, ou seja, como a paranóia se encravava no feminino da mulher, o que muito me surpreendeu, pois eu queria mostrar como o feminino se encravava na paranóia masculina. Mas mantive dentro do meu espaço psíquico e intelectual esse espelho paradoxal. Agora podia ser que fosse como ele pensava, uma vez que eu havia assumido o risco de inserir os dados do relatório Bilinsky como algo que poderia suscitar uma das conjecturas motivadoras do recalque que imantou a supressão da importância da pessoa e da obra de Spielrein. Isso contra a opinião dele, de Tales Ab’Saber e de meu orientador Nelson da Silva Junior, a quem perguntei, diretamente, se achavam que era importante o relatório Bilinsky na explicação da conjuntura fantasmática envolvida na escritura de *Totem e Tabu*, sendo que os três me responderam que não. E eu fiquei muito pensativa porque, se fosse levado em consideração, ele encravava uma das fantasias sexuais (infantil e atualizada num conflito da vida sexual adulta) envolvida na escritura do imenso ato sublimatório, que foi a criação do ainda tão poderoso mito de *Totem e Tabu*. Freud teria passado pessoalmente pelo risco e angústia incestuosos na vida adulta, o que teria fornecido o solo vivido para compreender a proibição do incesto como a condição fundadora do trabalho de diferenciação da natureza em civilização.

Esse último grupo de pensamentos faz a ligação entre os dois sonhos. Pois o alívio sentido no segundo sonho talvez se deva à criação imagética dos pontos de renda que são constituídos de confluências e conjunturas de linhas, maneira de exprimir as conjecturas e conjunturas que, afinal, constroem o vestido que eu fiz para Sabina, com ela e por meio dela, um dos vestidos possíveis, mas que traz a marca de minha subjetividade.

Pois os sonhos remetem a uma angústia intensa presente após a qualificação de doutoramento e que foi um verdadeiro encontro intelectual. Foi-me pedido que eu escolhesse uma das inúmeras teses de doutoramento que estavam presentes, ao mesmo tempo em que o texto de qualificação foi plenamente reconhecido, no impacto e novidade de seu tema. Que eu centrasse sobre a minha Sabina Spielrein. Que o texto estava ainda sem uma arquitetura interna... A imagem que eu me fiz, quando consegui começar a sair da intensa angústia que senti após reconhecer o que me havia sido apontado na arguição, para tentar me reaproximar de meu texto, foi a de uma casa pronta, atulhada de andaimes, os quais eu não conseguia tirar, por medo de que a casa não se sustentasse. Mas quando eu resolvi enfrentar a re-escritura de minha Sabina, positivando toda a sua subjetividade de mulher em sua história amorosa (a relação amorosa e de amizade com Jung, que não era minha intenção inicial abordar), a casa de Spielrein e a minha, como sua autora, puderam talvez se transformar, pouco a pouco, num vestido de renda cujos pedaços desconexos entre si puderam se montar; e, só então, pude retirar os andaimes (trabalhos intelectuais que eu havia realizado em cinco matérias da pós graduação), tão necessários à construção – os quais puderam ser transformados em apêndices ao texto principal, disponíveis àqueles que se interessassem sobre a maneira da construção da tese – mas não mais necessários à sua sustentação. Um vestido entre muitos ainda a serem fabricados, por mim e por outras e outros rendeiros; uma ampla casa possível, como muitas outras, a serem projetadas por mim e por outras e outros arquitetos. Vivi nesse momento, em minha carne, a dúvida do início do trabalho em relação a Spielrein. Qual a diferença entre uma multiplicidade que são muitos pedaços sem conexão, fragmentados, uma multiplicidade do feminino, chamada pelos homens de loucura feminina, mas que é uma multiplicidade afirmativa que compõe totalidades provisórias, as quais, por sua vez, se relacionam de maneira aberta entre si,

fazendo redes, rendas, e só se opõem à totalidades fechadas e artificialmente unas, necessárias para a construção de objetos de toda ordem e para a instrumentalização de ações no mundo, quando se impõem como verdades absolutas e mortificantes? Sem dúvida, lembrar da afirmação de Espinosa de que a liberdade é a aptidão para o múltiplo, me auxiliou bastante.

O primeiro sonho traz o fim de meu casamento com meu orientador, que o fim de tese impõe. O sonho o devolve para sua mulher, no carro emprestado a mim, que retorna a ele, para que vá para ela. O obstáculo é o desejo de se dirigir para o campo do poder. Aí, se delineia uma idéia-fantasia minha: os homens se perdem das mulheres ao mergulharem prioritariamente nas questões de poder e de bens. O meu masculino também poderia ter me feito me perder nas questões de política e poder que a conjuntura histórica e política trouxeram, ou em áridas questões abstratas ou, ainda, numa luta competitiva e reivindicativa, se eu não tivesse enraizado o pensamento de Spielrein e a conjuntura histórico-política em sua vida afetiva e psíquica. Assim, ainda que trazer à luz a metapsicologia singular presente na obra de Spielrein tenha sido o meu objetivo central, enraizá-la no seu percurso psíquico e afetivo foi a maneira de não “descorticá-la”, como diria Spielrein, e isso a partir de seu texto *Algumas semelhanças entre o pensamento da criança, do afásico e do subconsciente*, mantendo o seu pensamento ligado à seiva viva de sua vida psíquica subjetiva, subconsciente, subliminar e inconsciente.

Lembro-me agora que, quando estava reescrevendo a tese, meu orientador convidou-me para participar de uma mesa do colóquio que está organizando sobre Paranóia, razão, loucura e criação, o que foi para mim um prosseguir em outro lugar, um convite que me honrou e, ao mesmo tempo, me afligiu num momento em que justamente era crucial distinguir a semelhança e a diferença entre os quatro campos que mantêm tantos

pontos de contato. Mas para prosseguir, era necessário concluir. Morrer para renascer outra, um outro eu, num novo devir. Fim, portanto, de meu casamento com Spielrein.

A prosseguir... diz respeito também a um outro tipo de continuidade que uma última divagação em torno do elemento filha, do segundo sonho, traz. Trata-se da transmissão. Transmissão de um saber de mulher para mulher, de mãe para filha, no caso do fazer renda. Mas, no sonho, é a filha a mensageira de um bom fazer de mulher, de uma aprovação dos afazeres rendeiros pelas outras mulheres, representantes do social. A transmissão só faz sentido quando se torna desejo de transmissão, quando podemos enxergar nossa obra como um ponto de renda, um elo na trama interminável da rede/renda do fazer cultural humano através das gerações. Um dos elementos que se ligam a este pedaço são os e-mails que tenho recebido, de várias partes do país, de jovens universitários que entraram em contato com meu trabalho a partir do interesse despertado pelos filmes sobre Sabina Spielrein ou por meio de outras referências da literatura, e que pedem para saber mais, por exemplo, sobre a bibliografia relativa a itens específicos de sua obra, pois pretendem pesquisá-la para dissertações de mestrado ou monografias. Esta sensação de que eu fiz um pedaço que contribuirá para que outros façam muitos outros pedaços é muito gratificante. Ela é a sensação de ser elo de uma comunidade intelectual que está resgatando a obra de Sabina Spielrein em todo o seu vigor e atualidade.

Quanto à importância da maternidade e da filiação para a constituição do feminino, mais uma vez é Spielrein quem traz proposições importantes num pequeno texto de 1913, sugestivamente chamado *A sogra* (SPIELREIN, 2003a, p. 267-270). Nele, ela resgata a fusão exposta em seu texto de 1912 como identificação, como a capacidade de identificação da mulher com o outro, a habilidade de viver através de outra pessoa, como parte de sua função social pela maternidade. Ela não diz que a função social da mulher é a maternidade,

mas que esta só pode se tornar constitutiva da trama social de humanização pela capacidade de identificação com o outro. No entanto, ela diz que essa capacidade torna a mulher menos hábil, na vida real, para satisfazer seus próprios desejos pessoais e para criar, uma vez que, para fazê-lo, deve-se objetivar a própria experiência na de outro, de forma que possa ser assimilada de maneira impessoal, conforme o mundo de fora, para só então poder se falar em uma forma de representação que expressa a essência do trabalho de criação, e aqui ela está falando da criação artística. Para Spielrein, a maior significância social distintiva da mulher deve ser encontrada na habilidade de viver através de outra pessoa, e ela não sabe até que ponto seria desejável incorporar às mulheres aspectos do sentir masculino da mais “alta” qualidade. No seu papel materno, ela faz um uso tão grande do sentimento empático, que pode arranjar apenas uma parte de seus próprios sentimentos na sua objetivação.

Nesse sentido, podemos entender a virada que seu percurso teórico dá nos anos 1920 e a sua preocupação, pela vivência de sua própria maternidade, em observar, refletir e transmitir, de maneira sensível e detalhada, cada nuance e cada etapa dos primórdios da interação mãe-filho que, a partir da intuição, do desejo e da interpretação maternos dão surgimento às várias linguagens que compõem aquilo que é singular no processo de humanização de cada ser. Talvez por isso o filho seja uma obra e, também, a obra teórica possa ser entendida como filho, o Siegfried, no caso de seu texto princeps *A destruição como causa do devir*. A corporeidade feminina entre o ser obra e tornar-se autora. Talvez por isso Jung não quisesse que ela matasse Siegfried, mas sim que o conservasse dentro de si como fruto de sua análise, sua criação psíquica, geradora de novas criações em seu processo singular e autônomo, podendo conviver e enriquecer a vivência com sua filha-obra.

Mas, entre 1913, a recém-casada e grávida, e 1920, a mulher autônoma e criativa dos anos 1920, Sabina Spielrein parece ter entendido que a maternidade não é incompatível com a criação, mas que, ao mesmo tempo, abrir mão de realizar seus próprios desejos pela fabricação dos desejos dos outros e ajudar cada filho a seguir e fabricar seus próprios desejos permanecendo como força materna constitutiva originária, é um caminho que permite seguir o nascimento e a transformação da linguagem em fala livre, criadora de novas ações no mundo, único lugar estável, esta polis interior, criadora possível do mundo exterior como lugar do inesperado, do improvável, do imprevisível de “uma fala livre” que possa fazer ‘milagre’, ou seja, de dar início a algo ao acaso”. (MENEZES, 2006, p.73-81)

Concluindo...

A história de vida de Sabina Spielrein em seu percurso psíquico, emocional, profissional e social, e as condições históricas, sociais, institucionais, culturais de seu tempo, que estão envolvidas no esquecimento de sua obra e de sua importância para a psicanálise, deram o enquadramento daquilo que pretendi destacar: a importância de sua obra teórica pioneira.

A partir da análise de *A destruição como causa do devir* (1912), *A origem das palavras infantis papai e mamãe* (1922) e *Algumas analogias entre o pensamento da criança, o do afásico e o pensamento subconsciente* (1923) e de uma carta a Jung, surge a metapsicologia singular de Sabina Spielrein, baseada principalmente na teoria psicanalítica freudiana, mas fertilizada também por Bleuler, Jung e, posteriormente, por Piaget. Essa metapsicologia é composta de: 1) uma teoria pulsional que introduz a pulsão de morte; 2) uma teoria dinâmica da angústia e do conflito psíquico ligada à oposição Eu X pulsão sexual e aos seus destinos na patologia, na sublimação e no amor; 3) uma teoria tópica, com

três instâncias – eu, nós e eles – e quatro áreas psíquicas: a) o pensamento consciente, dirigido, dominado pelo plano visual; b) o pensamento subconsciente ou consciente secundário, que se expressa pela linguagem simbólica subliminar. Esta conecta os estados corporais, as experiências culturais e da espécie e o pensamento pré-consciente produzido pela censura aos pensamentos que vêm da vida pulsional e ficam recalçados enquanto desejos e fantasias sexuais infantis; c) o pensamento inconsciente formado pelo recalçado da vida pulsional. Ainda na teoria tópica há a postulação de uma cisão do eu que produz um eu consciente e um eu inconsciente, que se fixa e se conecta ao pulsional recalçado; 4) uma teoria sobre a origem psíquica da linguagem em três estágios: autista, mágico e social; 5) Uma teoria da origem das sensações, percepções, representações e idéias que relaciona afetividade, linguagem, pensamento e inteligência e coloca as imagens cinestésicas na origem do símbolo e, portanto, na base do pensamento; 6) Uma teoria da constituição do primeiro objeto, o seio da mãe, separado do eu, que se constitui ao lhe fazer resistência.

O amor que ousa dizer o seu nome – I

É assim que se expressa Jeanne Moll (COVINGTON; WHARTON, 2003, p. 14-15) em relação ao conteúdo de extratos de um diário de Sabina Spielrein, datado, provavelmente, de 1906-1907. A frase inspirada, que acabou nomeando o meu texto de tese, veio ao encontro da ousadia fundamental de Spielrein: tornar a entrega amorosa sexual, especialmente a feminina, um problema teórico, de pensamento¹²⁴.

¹Certamente esta nomeação da tese deve-se à observação fundamental feita por Tales ab'Saber no exame de qualificação para o doutoramento, quando apontou que ela parte do exemplo de um mulher que diz estar “louca” de amor.

Moll nomeou este escrito de *Spielrein de Amor, morte e transformação*. Esse fragmento é um texto que assume a forma de um prelúdio para duas vozes, que abre o texto propriamente dito que se constitui de três partes: a primeira, denominada de teoria da transformação e seus corolários e mais duas partes sem título.

Nele, a apaixonada jovem de apenas 21-22 anos, afirma seu direito de pensar e amar abertamente em face de um homem que a humilha para se defender. Faz isso, como coloca Moll, com uma acuidade de pensamentos, uma sutileza de observações e com reflexões teóricas, num estilo de uma sensualidade atemporal e um envolvente jogo de cena de paixão e intelecto. “Um jogo que é, ao mesmo tempo, sutil e confuso, onde o confronto entre a paixão e o espírito, da fêmea e do macho se expressa de maneira autêntica, direta e sem nenhuma frieza” (COVINGTON; WHARTON, 2003, p.15).

A leitura desse texto, quando eu estava terminando a tese, me permitiu pensar de maneira nova, surpreendente e *a posteriori* sobre a criação teórica de *Spielrein*. Esse texto, não publicado enquanto tal, constitui uma espécie de matriz de seu texto posterior, de 1911, apresentado precariamente em 29 de novembro de 1911 à Sociedade Psicanalítica de Viena e, finalmente, publicado com destaque no *Jahrbuch*, em 1912. Poderíamos pensar, segundo seus próprios parâmetros, sobre os três estágios da linguagem como se fossem três momentos de sua criação: um momento em linguagem autista, destinado a si mesmo e a seu destinatário imaginado interno, no escrito do diário. Um segundo momento, em linguagem mágica, destinada aos outros, à apresentação, mas cuja condensação impediu a compreensão, o que fez com que seu pensamento fosse fundido e confundido com o de Jung pelos seus ouvintes e interlocutores, numa espécie de esconjuração da realidade da sua novidade teórica construída entre ela e seu público. E, finalmente, o terceiro momento, em linguagem social, o texto publicado, objetivado, destinado a outros, e que inclui

pensamentos de outros autores, mas se delineia em sua singularidade, mediado pela reflexão teórica e os exemplos clínicos e da cultura.

Mas este momento originário, o texto-fragmento do diário, trouxe pra mim uma outra surpresa: a compreensão de um ruído que havia ficado da leitura das cartas de Sabina a Jung, já que, em alguns momentos, ela se referia ao que pensava antes de concordar com o pensamento de Freud ou quando ela ainda não estava de acordo com o prof. Freud. A pergunta desencadeadora do texto é irônica e apaixonada:

O que é realmente esta coisa abominável chamada amor? Quanto mais desenvolvido o ser humano, mais importância esta palavra assume para ele. Para um cachorro, dificilmente haveria diferença entre amor e atração sexual; mas um ser humano só pode experimentar amor profundo e verdadeiro um número limitado de vezes; na maioria dos casos será uma diversão passageira. (SPIELREIN, 2003, p.17)

A diferença fundamental entre homem e mulher é a regra. A consequência dessa regra é que as mulheres são mais discriminadas em sua escolha porque é mais difícil achar uma personalidade que se encaixe no ideal. Por essa razão a mulher é, em geral, mais monogâmica quando ama realmente; pelas razões opostas, o homem é menos discriminado e mais ou menos polígamo, pelo menos até achar uma mulher que realmente ame. Parece que o abominável do amor está ligado à diferença sexual na relação que cada sexo tem com o amor, o que traz um desencontro ameaçador, já que o amor buscaria unicamente o encontro, inclusive das percepções em uníssono do que ele é. Aqui parece que a tirania do amor é ameaçadora, quando existe o desencontro da diferença sexual; e ela postula um trabalho para que se realize um encontro não só sexual, mas amoroso, um trabalho que transforma e desenvolve o próprio ser humano. No texto de 1911, *A destruição como causa*

do devir, a tirania do Eu é ameaçada pelo amor, o que traz angústia sexual para ambos os sexos.

Por esse fragmento de um diário ficamos sabendo, especialmente pela primeira parte, que Spielrein iniciou seu pensamento formulando uma teoria da transformação na qual opunha duas forças em conflito: a força da inércia e a pulsão de transformação. A pulsão sexual – “uma pulsão que está lá para renovar a personalidade como um todo – é um caso parcial da pulsão de transformação que todo complexo isolado possui” (SPIELREIN, 2003b, p.22). O que a impressiona como a mais alta forma de unidade que pode ser obtida é o poder de inércia e a pulsão de transformação. “A pulsão sexual é apenas uma parte da pulsão de transformação e isso é muito importante porque explica muitas coisas” (SPIELREIN, 2003b, p.24). O complexo sexual pode ser uma força motivadora poderosa, especialmente na arte, mas não precisa necessariamente sê-lo. Todos os processos possuem a pulsão de transformação, inclusive o complexo sexual. E o ato sexual é apenas um aspecto particular dessa transformação, cuja função é estabelecer um contexto novo, mas também adaptado aos mesmos complexos.

Considerando sua natureza, o sentimento sexual não precisa da pulsão de transformação que, no entanto, está presente. É a pulsão de transformação que precisa do sentimento sexual, o último sendo um componente necessário do primeiro, pois de outra forma, como as combinações sobreviveriam? Elas terminariam morrendo. (SPIELREIN, 2003b, p.23)

Nesse texto, ela expressa uma diferença em relação a seu interlocutor sobre o que é arte e o que é ciência e aqui ela apresenta seu interlocutor (muito provavelmente a figura imaginária de Jung) como alguém que dá uma importância à libido e à sexualidade, que ela não dá (SPIELREIN, 2003b, p.27). Temos então um resultado curioso: um Jung freudiano e

uma Sabina Spielrein que traz a matriz das idéias de um Jung que diminui a centralidade e a importância da sexualidade, em favor de uma transformação da libido em algo não sexual.

Mas, no texto de 1912 e dali em diante, é inegável que Spielrein não mais toma a transformação como pulsão, mas considera a transformação como efeito de uma pulsão sexual ou da preservação da espécie às voltas com a destruição do antigo e com a construção do novo. Pulsão sexual de morte fundida à pulsão sexual de vida causando o movimento de devir. Quando Spielrein se torna freudiana, para não mais deixá-lo de ser, Jung deixa de ser freudiano. O desconcerto de Jung presente na troca de correspondências entre 1917-1919 recebe mais esse aporte nos caminhos de construção das posições teóricas entre os dois. Ocorre-me que talvez seja no plano dessa mudança teórica de Spielrein (que ancorou muito mais consistentemente do ponto de vista clínico psicanalítico suas descobertas) que a questão da primeira parte desta tese, sobre sua vida amorosa com Jung e o momento de ocorrência do relacionamento sexual entre os dois, faça algum sentido. A consumação corporal de um ato sexual amoroso e desejado não deixa intacto o pensamento sobre a sexualidade. Transforma-o. Se no texto inicial do diário ela se refere de maneira muito mais fenomenológica, exterior à angústia sexual em relação à diferença sexual, reportando-a à beleza da mulher e a como ela tem que fazer barreira à poligamia infiel masculina por meio de um companheirismo ligeiramente submisso aos interesses masculinos para receber um amor verdadeiro, no texto de 1912, o buraco é muito mais profundo: o efeito psíquico de aniquilamento das representações do Eu que a realização do ato sexual amoroso e desejado traz é tematizado por ela. O retorno fusional arcaico aparece como gerador de angústia. Ela se remete ao feminino e ao gozo sexual.

O amor que ousa dizer seu nome – II

O amor que ousa dizer seu nome, na história da psicanálise, é o amor de transferência e o amor de contratransferência, ou de transferência recíproca. Os artigos de Freud sobre a técnica escritos de 1912 a 1914 (*A dinâmica da transferência* (1912), *Conselhos ao médico no tratamento psicanalítico* (1912), *A iniciação do tratamento* (1913), *Experiências e exemplos da prática clínica* (1913), *Recordação, Repetição e elaboração* (1914) e, sobretudo, *Observações sobre o “amor de transferência”* (1914-15)) são o fruto da sua posição como terceiro, uma vez convocado por Sabina Spielrein a intervir no caso clínico e amoroso entre ela e Jung, ainda que outros casos pudessem tê-lo inspirado também, além de suas experiências, das quais ele saiu por uma *narrow escape* (uma saída estreita), como diz a Jung a propósito de sua experiência com Sabina Spielrein. Mais uma vez, a enorme capacidade freudiana de se descolar do vivido para, através dele, objetivar e continuar a criar lucidamente os pilares de fundação do novo campo de saber, pilares que podem, ainda hoje, ser compartilhados por uma comunidade em formação e expansão, embora tenham sido questionados e reformulados ao longo de um século. Até a publicação desses artigos, a técnica psicanalítica só havia sido abordada em três escritos – *Sobre a psicoterapia* (1904), o caso Dora (1904) e *O futuro da terapia analítica* (1910) – e mesmo assim de maneira breve e sucinta, ainda que em outros ensaios ela pudesse ser intuída.

Para Cremerius (COVINGTON; WHARTON, 2003, p.74), o fato de Freud ter demorado tanto tempo para entender a natureza da relação entre Jung e Sabina Spielrein está intimamente ligado – além da persistência do modelo feminino da transferência, como

vimos logo acima, segundo o qual o analista é vítima da paciente – também ao seu conceito totalmente endopsíquico de transferência, que existe fora da relação real entre as pessoas, o analista sendo introduzido em uma das séries psíquicas já formadas pela paciente.

O uso do termo contratransferência é raro e datado em Freud. Ele aparece pela primeira vez numa carta endereçada a Jung, justamente a respeito da relação deste com Sabina Spielrein, sobre a qual ele pôs Freud a par, ainda que de maneira oblíqua, até a intervenção dela:

Tais experiências, embora penosas, são necessárias e difíceis de evitar. É impossível que, sem elas, conheçamos a vida e as coisas com as quais lidamos. Eu mesmo nunca estive em tais apuros, conquanto tenha chegado, não poucas vezes, bem perto, divisando, enfim, a ‘*narrow escape*’. Acho que só as necessidades implacáveis que me tolhiam o trabalho e o fato de ser dez anos mais moço que o senhor quando me dediquei à psicanálise salvaram-me de experiências análogas. Mas o dano que causam não perdura. Elas ajudam a desenvolver a carapaça de que precisamos e dominar a ‘**contratransferência**’ [grifo meu] que é afinal para nós um permanente problema; ensinam-nos a deslocar nossos próprios afetos sob o ângulo mais favorável. São uma ‘*blessing in disguise*’ [em inglês no original, “benção disfarçada”]. (MACGUIRE, 1993, p. 254).

É a primeira vez que a palavra contratransferência – que se tornaria um termo científico na literatura psicanalítica - aparece. Freud imediatamente reconhece a grande significação do fenômeno e, em março do ano seguinte, no Congresso de Nüremberg, fala na sua conferência *O futuro da terapia psicanalítica*:

Outras inovações na técnica relacionam-se ao próprio analista. Nós nos tornamos conscientes da “contratransferência” [em espanhol está transferência recíproca], que surge nele como resultado da influência de sentimentos inconscientes e estamos quase inclinados em insistir [em espanhol está exigir] que ele a reconheça em si e a ultrapasse (...) Nós percebemos que nenhum psicanalista vai além

do que seus próprios complexos e resistências internas permitem. (FREUD, 1973ag, p.1566).

Ele sugere, então, uma auto-análise contínua e profunda ao psicanalista, pois, se não a fizer, ele não será capaz de continuar analisando pacientes. Curiosamente, será em Zurique que a exigência de análise do analista com alguém mais treinado surgirá pela primeira vez. Em 31 de dezembro de 1911, sensibilizado pelo caso entre Jung e Sabina Spielrein, ele escreveu a Jung dizendo que acreditava que um artigo sobre “contratransferência” era muito necessário, embora, é claro, não pudesse ser publicado, devendo ter sua circulação restringida aos psicanalistas, uma vez que isso poderia ser entendido de maneira moralista pelo público em geral, e levar o psicanalista a ser desacreditado. Ora, no início do ensaio *Observações sobre o “amor de transferência”*, ele coloca a necessidade de discutir o manejo do amor de transferência como uma necessidade vital da técnica psicanalítica, afirmando que a consideração do destino do amor de transferência é completamente diferente do ponto de vista psicanalítico do que para o leigo. O que ele se propõe a fazer é substituir o preceito moral pelas conveniências da técnica psicanalítica sem que haja qualquer modificação no resultado. Mas, ao refletir minuciosamente sobre o uso da transferência como resistência e elaborar o princípio de abstinência para que o psicanalista possa efetuar o tratamento, Freud diz que o caminho do psicanalista é original e único, sem antecedentes na vida real, pois a satisfação das pretensões amorosas do paciente é tão fatal para a análise como a sua repressão. É por isso que ele dirá que “não temos direito algum de negar ao enamoramento que surge no tratamento analítico o caráter de autêntico” (Freud, 1973p, p.1695). O amor de transferência é provocado pela situação analítica, intensificado pela resistência e menos

prudente e mais cego na estima da pessoa amada do que qualquer outro enamoramento normal, embora, para Freud, as características divergentes do normal constituam o nódulo essencial de qualquer enamoramento. As observações feitas em carta a Jung, durante a interferência no caso com Spielrein, sobre o químico Lassale, que sabe que estourará um ou outro tubo de ensaio porque está lidando com forças explosivas, encontram agora a sua formulação em preceito técnico: “o psicanalista sabe que opera com forças explosivas, e que tem que observar a mesma prudência e escrupulosidade que um químico no laboratório” (FREUD, 1973p, p. 1696).

O uso dos termos “contratransferência” ou “transferência recíproca” não é inócuo. Eles marcam concepções diferentes do processo analítico. No primeiro caso, a idéia é de reação do analista à transferência do paciente exclusivamente, em que o analista deve se liberar de suas reações inconscientes para analisar a transferência do paciente; enquanto que transferência recíproca pressupõe dois inconscientes em ação na situação analítica, na qual, por meio da inevitável transferência do analista ao paciente, o processo analítico se dá e quando a análise interminável do analista garante a cura pela transferência.

A comunicação interna aos analistas sobre a contratransferência transformou-se não só em uma comunicação pública, mas na publicação da série de artigos sobre a técnica psicanalítica que até hoje constitui a base de qualquer iniciação à prática psicanalítica. Um deles se destaca como o herdeiro direto das peripécias da relação clínica e amorosa entre Jung e Spielrein: *Observações sobre o amor de transferência*, escrito em 1914 e publicado em 1915. Nele Freud fala pela última vez em contratransferência e parece se referir a Jung. Ele menciona o exemplo de um analista que corresponde ao amor de transferência de sua paciente com uma “tendência à contra-transferência [em espanhol, transferência recíproca] já presente na sua alma” (FREUD, 1973p, p. 1690), o que se expressaria na vaidade por sua

conquista. “O analista precisa reconhecer que o apaixonamento da paciente é induzido pela situação analítica e não deve ser atribuído aos seus próprios atrativos pessoais.” (FREUD, 1973p, p. 1690)

Sabina Spielrein ajudou Freud a ter uma compreensão mais profunda da natureza da transferência, a descobrir a contratransferência como um constituinte do processo analítico e a reconhecer a necessidade urgente de achar um antídoto para ela. Freud o encontra na análise de treinamento, instituída como obrigatória a partir de 1925, pelas regras da Associação Internacional de Psicanálise como análise didática. Mas ele descobriu também algo fundamental: que o analista não funciona de maneira objetiva e imparcial como um observador científico e que não vai mais longe do que seus próprios complexos e resistências internas permitem. (COVINGTON; WHARTON, 2003,p.78)

A minha hipótese é de que houve uma escritura quase simultânea do pilar técnico (artigos sobre técnica), do mito de origem que institui a proibição do assassinato do pai e o tabu do incesto (*Totem e tabu*) e da resolução de Freud de se colocar como centro da fundação do movimento psicanalítico e da sua continuidade (*História do Movimento Psicanalítico*). Ela parece ter sido bastante influenciada pela relação com Jung e pela elaboração freudiana do processo da relação entre Jung e Sabina Spielrein, o que, por sua vez, parece ter influenciado bastante a ruptura entre ele e Jung. Tal escritura fundou o movimento psicanalítico da maneira centralizada com que Freud entendeu que os preceitos técnicos e teóricos deveriam ser implementados na consolidação do campo de saber e cura que criara.

Quanto a Sabina Spielrein, pode ser que, pelas dificuldades de comunicação na Primeira Guerra, ela só tenha conhecido algumas destas publicações após o término da guerra. Em todo caso, ela parece ter concordado e incorporado uma grande parte de seu

conteúdo para afirmar-se autonomamente freudiana junto a Jung, defendendo Freud e sua importância junto a ele, embora valorizando suas inovações. Usa também os vários artigos que compõem *Totem e Tabu* em seus ensaios sobre linguagem. E talvez tenha entendido *Observações sobre o amor de transferência* como uma resposta possível para a sua insistente pergunta sobre o que tinha ela, afinal, significado para Jung. Ajudou-a, quem sabe, a entender a resposta de Jung de que “a relação entre os dois teve que ser sublimada porque de outra maneira teria levado à ilusão e à loucura (uma concretização do inconsciente)” (COVINGTON; WHARTON, 2003, p.57). Em todo caso, a partir daí ela enveredou autonomamente na criação de novos caminhos para si e para a psicanálise.

O trabalho analítico só pode se realizar como trabalho do amor. É por amor às possibilidades de felicidade e à diminuição do sofrimento que o encontro com o desejo singular por meio da fala livre no espaço estável que o encontro analítico enseja (MENEZES, 2006)¹²⁵, que o analista abre mão de seu Eu e de sua subjetividade para ser suporte da transferência e, assim, instrumentaliza seu vazio e seu inconsciente como lugar de recepção da transferência de um outro.

O trabalho do amor se direciona para a ligação psíquica da destrutividade quando ela assume a forma mortífera de estagnação do devir e não causa do devir. Na tessitura invisível do aparelho psíquico, o trabalho constante do amor se opõe à soberania da crueldade, pois, ao valorizar a mulher e o feminino, permite fazer desaparecer o narcisismo de morte, a onipotência arcaica e a sua força destrutiva, as forças que promovem apenas adesão e aderência.

¹²⁵ Neste artigo, o trabalho do poder é enunciado como um trabalho de conquista da lucidez por um ousado trabalho de pensamento contra o fundo de aderência, onde toda adesão se faz, conforme o narcisismo primário ou o primarismo das necessidades narcísicas.

Que o ressurgimento de Sabina Spielrein na *ágora* da comunidade psicanalítica, como psicanalista e teórica, pelo seu incontestável percurso de vida e de sua obra, contribua para que ela possa ser um espaço onde as palavras produzam a inesperada sensação de renovação e autonomia, a partir dos feitos compartilhados entre homens e mulheres livres.

REFERÊNCIAS

RELAÇÃO DOS ENSAIOS PUBLICADOS DE SABINA SPIELREIN

1911: Über den psychologischen Inhalt eines Falles von Schizophrenie (*Dementia Praecox*), (Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia). **Jahrbuch der Psychoanalyse**, 3, p.329-400

1912a: Die Destruktion als Ursache des Werdens (A destruição como causa do devir). **Jahrbuch der Psychoanalyse**, 4, p. 465-503

1912b: Beiträge zur Kenntnis der Kindlichen Seele (Contribuições para o conhecimento da psique infantil). **Zentralblatt für Psychoanalyse und Psychotherapie**, 3, p. 57-72.

1913a: Mutterliebe (Amor materno). **Imago**, 2, p.523-524

1913b: Das unbewusste Träumen in Kuprins *Zweikampf* (O sonho inconsciente no *Duelo* de Kuprin). **Imago**, 2, p. 524-525

1913c: Traum von Vater *Freudenreich* (O sonho do Pai *Freudenreich*). **Internationale Zeitschrift für Ärztliche Psychoanalyse**, 1, p. 484-486

1913d: Selbstbefriedigung in Fussymbolik (Auto-satisfação na simbólica do pé). **Zentralblatt**, 3, p.263

1913e: Die Schwiegermutter (A sogra). **Imago**, 2, p.589-591

1914a: Der vergessene Name (O nome esquecido). **Internationale Zeitschrift für Ärztliche Psychoanalyse**, 2, p. 383-384

1914b: Tiersymbolik und Phobie bei einem Knaben (Simbolismo animal e fobia em um menino). **Internationale Zeitschrift für Ärztliche Psychoanalyse**, 2, p.375-377

1914c: Zwei Mensesträume (Dois sonhos sobre a menstruação). **Internationale Zeitschrift für Ärztliche Psychoanalyse**, 2, p. 32-34

1915: Ein unbewusster Richterspruch (Uma decisão judicial inconsciente). **Internationale Zeitschrift für Ärztliche Psychoanalyse**, 3, p.350

1916: Die Äusserungen des Ödipuslomplices im Kindesalter (As manifestações do complexo de Édipo na idade infantil), **Internationale Zeitschrift für Ärztliche Psychoanalyse**, 1, pp. 44-48

1919: Russische Literatur (Literatura Russa). **Bericht über die Fortschritte des Psychoanalyses 1914-1919**, Viena, Int. P. V., 1921

1920a: Das Schamgefühl bei Kindern (O sentimento de pudor nas crianças). **Internationale Zeitschrift für Ärztliche Psychoanalyse**, 6, p. 157-158

1920b: Zur Frage der Entstehung und Entwicklung der Lautsprache (Sobre o problema da origem e do desenvolvimento da linguagem), conferência lida no VI Congresso Internacional de Psicanálise, 8-11 de setembro de 1920, 8-11 de setembro de 1920, **Internationale Zeitschrift für Ärztliche Psychoanalyse**, 6, p. 401

1920c: Das Schwache Weib (A mulher frágil). **Internationale Zeitschrift für Ärztliche Psychoanalyse**, 6, p.158

1920d: Verdrangte Munderotik (Erotismo oral recalcado). **Internationale Zeitschrift für Ärztliche Psychoanalyse**, 6, p. 361-362

1921: Schnellanalyse einer kindlichen Phobie (Análise rápida de uma fobia infantil). **Internationale Zeitschrift für Ärztliche Psychoanalyse**, 7, p. 473-474

1922a: Briefmarkentraum (O sonho com selos postais). In **Internationale Zeitschrift für Ärztliche Psychoanalyse**, 8, p. 342-343

1922b: Die Entstehung der kindlichen Worte Papa und Mama (A origem das palavras infantis “papai” e “mamãe”). **Imago**, 8, p. 345-367. (Já publicado em 1920, com o título “Zur Frage der...”)

1922c: Schweiz (Suíça). **Internationale Zeitschrift für Ärztliche Psychoanalyse**, 8, p. 234-235

1923a: Rêve et vision des Etoiles Filantes (Sonho e visão das estrelas cadentes). **International Journal of Psycho-Analysis**, 4, p. 129-132

1923b: Die drei Fragen (As três perguntas). **Imago**, 9, p. 260-263

1923c: L’automobile, symbole de la puissance mâle (O automóvel, símbolo da potência masculina). **International Journal of Psycho-Analysis**, 4, p.128

1923d: Ein Zuschauertypus (Um tipo de *voyeur*), **Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse**, 9, p.210-211

1923e: Quelques analogies entre la pensée de l’enfant, celle de l’aphasique et la pensée subconsciente (Algumas analogias entre o pensamento da criança, o do afásico e o pensamento subconsciente). **Archives de Psychologie**, 18, p. 306-322

1923f: Einige kleine Mitteilungen aus dem Kinderleben (Algumas breves comunicações da vida infantil). **Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik**, 2, p. 95-99

1923g: Die Zeit im unterschwelligem Seelenleben (O tempo na vida psíquica subliminar). **Imago**, 9, p. 300-317

1931: Kinderzeichnungen bei offenen und geschlossenen Augen (Desenhos infantis com olhos abertos e fechados). **Imago**, 16, p. 259-291

RELAÇÃO DOS TEXTOS DE SIGMUND FREUD AQUI CITADOS E CONSULTADOS

1973a: Consejos al medico en el tratamiento psicoanalitico (1912). In **Obras Completas**, v. II, Madrid, Biblioteca Nueva

1973b: El “yo” y el “ello” (1923). In **Obras Completas**, v. III, Madrid, Biblioteca Nueva

1973c: El delírio y los sueños em “La Gradiva” de Jensen. (1906-1907) In **Obras Completas**, v. II, Madrid, Biblioteca Nueva

1973d: El Inconsciente (1915). In **Obras Completas**, v. II, Madrid, Biblioteca Nueva

1973e: El Perecedero (1917). In **Obras Completas**, v.II, Madrid, Biblioteca Nueva

1973f: El problema economico del masoquismo(1924). In **Obras Completas**, v. III, Madrid, Biblioteca Nueva

1973g: El Siniestro (1919). In **Obras Completas**, v.III, Madrid, Biblioteca Nueva

1973h: Historia de una neurosis infantil (Caso del “Hombre de los lobos”) (1914-1918). In **Obras Completas**, v. II, Madrid, Biblioteca Nueva

1973i: Introducción al Narcisismo (1914). In **Obras Completas**, v.II, Madrid, Biblioteca Nueva

1973j: La dinamica de la transferencia (1912). In **Obras Completas**, v. II, Madrid, Biblioteca Nueva

1973k: La iniciación del tratamiento (1913). In **Obras Completas**, v. II, Madrid, Biblioteca Nueva

1973l: La interpretación de los sueños (1900). In **Obras Completas**, v. I, Madrid, Biblioteca Nueva

1973m: Caráter y erotismo anal (1908). In **Obras Completas**, v. II, Madrid, Biblioteca Nueva

1973n: Mas allá del principio del placer (1920). In **Obras Completas**, v. III, Madrid, Biblioteca Nueva

1973o: Moises y la religión monoteísta (1939). In **Obras Completas**, v. III, Madrid, Biblioteca Nueva

1973p: Observaciones sobre el “amor de transferencia” (1914). In **Obras Completas**, v. II, Madrid, Biblioteca Nueva

1973q: Proyecto para una psicología para neurologos (1895). In **Obras Completas**, v. I, Madrid, Biblioteca Nueva

1973r: Psicología de las massas y analisis del yo (1920-1921). In **Obras Completas**, v. III, Madrid, Biblioteca Nueva

1973s: Freud, S. El delirio y los sueños em “La Gradiva” de Jensen. In: **Obras Completas**, v.II, Madrid, Biblioteca Nueva

1973t: Tótem y tabu (1913). In **Obras Completas**, v. II, Madrid, Biblioteca Nueva

1973u: Tres ensayos para una teoria sexual (1905). In **Obras Completas**, v. II, Madrid, Biblioteca Nueva

1973w: Concepto psicanalítico de las perturbaciones psicógenas de la vision (1910). In **Obras Completas**, v. II, Madrid, Biblioteca Nueva

1973v: Observaciones psicanalíticas sobre un caso de paranoia (1910-1911). In **Obras Completas**, v. II, Madrid, Biblioteca Nueva

1973x: Historia del movimiento psicoanalítico (1914). In **Obras Completas**, v. II, Madrid, Biblioteca Nueva

1973y: Psicopatología de la vida cotidiana (1900-1901). In **Obras Completas**, v. I, Madrid, Biblioteca Nueva

1973z: Sobre Psicoterapia (1904). In **Obras Completas**, v. I, Madrid, Biblioteca Nueva

1973aa: Analisis Fragmentário de una histeria (“Caso Dora”) (1904). In **Obras Completas**, v. I, Madrid, Biblioteca Nueva

1973ab: Las neuropsicoses de defensa (1894). In **Obras Completas**, v. I, Madrid, Biblioteca Nueva

1973ac: Estudios sobre la histeria.(1895). In **Obras Completas**, v. I, Madrid, Biblioteca Nueva

1973ad: El Malestar en la cultura (1929-1930). In **Obras Completas**, v. III, Madrid, Biblioteca Nueva

1973ae: Compendio del psicoanálisis (1938). In **Obras Completas**, v. III, Madrid, Biblioteca Nueva

1973af: El tema de la elección de un cofrecillo (1913). In **Obras Completas**, v. II, Madrid, Biblioteca Nueva

1973ag El porvenir de la terapia analítica (1910). In **Obras Completas**, v. II, Madrid, Biblioteca Nueva

1973 ah El chiste y su relacion con lo inconsciente (1905). In **Obras Completas**, v. I, Madrid, Biblioteca Nueva

1973 ai Fantasias históricas y su relación con la bisexualidad (1908). In **Obras Completas**, v. II, Madrid, Biblioteca Nueva

BIBLIOGRAFIA GERAL

ABRAHAM, K. (1977) **Ouvres completes**. Paris, Payot (t. I)

AB'SABER, T. A. M. (2005) Freud e o outro sonho. In: **O sonhar restaurado**, São Paulo, Ed.34

BAIR, D. (2006) **Jung, uma biografia**, v. 1, São Paulo, Globo

BELITAME, C. (2006) (SEM TÍTULO) texto inédito

BENJAMIN, W. (1993) Sobre o conceito de história. In: **Obras escolhidas**. São Paulo, Brasiliense

BLEULER, E. (1923) **Textbook of psychiatry**, (1916) Engl., ed. A.A. Brill, London: Allen & Unwin

CANAPPELE, A. Reaproximando afasia e psicanálise: pressupostos e estudo de um relato autobiográfico. (no prelo)

CAROTENUTO, A. (1984) **Diário de uma secreta assimetria**. Rio de Janeiro, Paz e Terra

_____ (1977) Sentido e conteúdo da psicologia analítica Senso e contenuto della opsicologia analitica. Turim, Boringhieri

CHAMBRIER, J. (2002) En classique méconnue. **Revue Française de Psychanalyse**, v.66, n.4, p. 1285-1294

CHINALLI, M. (2004) O comitê secreto e a política da psicanálise no início do século XX. **Percursos**, Ano XVII, n. 33, São Paulo

COVINGTON, C. e WHARTON, B. (Org.) (2003) **Sabina Spielrein, Forgotten Pioneer of Psychoanalysis**. Nova York, Brunner-Routledge

COVINGTON, C. (2001) Comments on the Burghölzli records of Sabina Spielrein. **Journal of Analytical Psychology**, 46

CROMBERG, R.U. (1997) Algumas coordenadas de leitura de A interpretação dos sonhos. In **Freud: um ciclo de leituras**. São Paulo, Escuta

- _____ (2001) **Cena Incestuosa**. São Paulo, Casa do Psicólogo
- _____ (2000) **Paranóia**. São Paulo, Casa do Psicólogo
- DOTTIN-ORSINI, M. (1996) **A mulher que eles chamavam fatal**. Rio de Janeiro, Rocco
- FONAGY, I.. (1970) Les bases pulsionelles de la phonation. **Les sons**. R.F.P., vol.34, p. 101-136
- FOULCAULT, M. (1966) **As palavras e as coisas**. Lisboa, Martins Fontes
- _____ (1985) **A arqueologia do saber**. México, Siglo XXI
- _____ (1984) **O dossier Foulcault – últimas entrevistas**, RJ, Taurus
- FREUD, S. (1973) **Obras Completas**, v. I, II, III. Madrid, Biblioteca Nueva
- FREUD,S. (1983) **Las origines del psicoanálisis** (1897-1902). Madrid, Aliança
- FREUD,S. (1977) **A Interpretação das afasias**(1891). Lisboa, Bibliioteca 70
- GAGNEBIN, (1993) Prefácio – Walter Benjamin ou a história aberta. In BENJAMIN, W. (1993) Sobre o conceito de história. In: **Obras escolhidas**. São Paulo, Brasiliense
- GARCIA-ROZA, L. A. (1991) 1. Sobre as afasias. In **Introdução à Metapsicologia Freudiana 1**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar
- GAY, P. (1989) **Freud, Uma vida para nossos tempos**. São Paulo, Companhia das Letras
- GRAF-NOLD, A. (2003) Spielrein's treatment at the Burghölzli. In COVINGTON, C. e WHARTON, B. (Org.) **Sabina Spielrein, Forgotten Pioneer of Psychoanalysis**. Nova York, Brunner-Routledge
- GREEN, A. (1988) O eu mortal e o eu imortal. In **Narcisismo de vida narcisismo de morte**. São Paulo, Escuta
- GUIBAL, M. e NOBÉCOURT, J. (Org.) (1981). **Sabina Spielrein entre Freud et Jung**. Paris, Aubier Montaigne
- GURFINKEL, D. **Da pulsão à relação de objeto: algumas diretrizes para uma história das idéias em psicanálise**, artigo inédito, parte de uma pesquisa de pós- doutorado realizada na PUC-SP, com apoio da FAPESP
- _____ (2001) O carretel e o cordão. In **Do sonho ao trauma: psicossoma e adições**. São Paulo, Casa do Psicólogo
- HANDLBAUER, B. (2005) **A controvérsia Freud-Adler**. São Paulo, Madras
- HÉRITIER, F. (1994) **Les deux soeurs e leur mère**. Paris, Odile Jacob

- HILFERDING, M. (1991) **As bases do amor materno**. São Paulo, Escuta
- HOFFER, A. (2001) Jung's analysis of Sabina Spielrein and his use of Freud's method of free association. **Journal of Analytical Psychology**, 46
- HUG-HELLMUTH, H. (1988) **Journal psychanalytique d'une petite fille**, (1919), Paris, Denöel
- JAHRBUCH der psychoanalyse, 3, [local] 1911
- JAKOBSON, R. (1969) **Lingüística e comunicação**. Cultrix, São Paulo
- JONES, E. (1979) **Vida e Obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Zahar
- JUNG, C. G. (1998) **Freud e a Psicanálise**. Petrópolis, Vozes
- _____ (2006) **Memórias sonhos e reflexões**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira
- _____ (1999) **Simbolos da transformação da libido**. Petrópolis, Vozes
- KAËS, R. (2000) Travail de la mort et théorisation – Le groupe des premiers psychanalystes autour de Freud entre 1910 et 1921. In **L'invention de la pulsion de mort**, Paris, Dunod
- KATZ, C. S. (1994) **Freud e as psicoses**. Rio de Janeiro, Xenon
- KERR, J. (1997) **Um método muito perigoso** – Jung, Freud e Sabina Spielrein, a história ignorada dos primeiros anos da Psicanálise. Rio de Janeiro, Imago
- KLEIN, M. (1926) Infant analysis, **International Journal of Psychoanalysis**, 7, p. 31-63.
- LE GUEN, C. (1972) **Quand le père a peur**. Etudes Freudiennes n. 5/6, Paris, Denoel.
- LES PREMIERS psychanalystes** – Minutes de la Société psychanalytique de Vienne, v.III 1910-1911, Paris, Gallimard, 1979
- LÉVI-STRAUSS, C. (1982) **As estruturas elementares do parentesco**, (1947), Petrópolis, Vozes
- LOTHANE, Z. (1999 e 2003) Tender love and transference: unpublished letters of C. G. Jung and Sabina Spielrein. In **Int. J. Psychoanal.** v.80, n.6, p. 1189-204. In COVINGTON, C. e WHARTON, B. (Org.) **Sabina Spielrein, Forgotten Pioneer of Psychoanalysis**. Nova York, Brunner-Routledge
- LOTTO, D. (2001) Freud's struggle with mysogyny: homosexuality and guilt in the dream of Irma's Injection. In **J. American Psychoanalytical Association**, v. 49, n. 4, p.1289-1313

MACGUIRE, W. (1993) **A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl Jung**. Rio de Janeiro, Imago

MELLMAN, C. (1984) **Novos Estudos sobre a histeria**. Porto Alegre, Artes Médicas

MENEZES, L.C. (2006) Preservem as flores selvagens: aderência, adesão e lucidez-Variações metapsicológicas sobre o tema do poder. **Revista Brasileira de Psicanálise**-Volume 40, nº2, 73-81

MEZAN, R. (1989) **Freud, pensador da Cultura**, São Paulo, Brasiliense

_____ (2002) Sobre a epistemologia da psicanálise. In **Interfaces da psicanálise**. São Paulo, Companhia das Letras

_____ (2003) Os que não foram heróis: sobre a submissão dos judeus ao terror nazista. In **O dever da memória**. Porto Alegre, AGE

MILNER, J. C. Science du langage et theorie de la structure chez Jacques Lacan. s/d.

MOLLER, L. (1991) **The Freudian Reading**. EUA, University of Pennsylvania Press

PIAGET, J. (1976) **Le langage et la pensée de l'enfant** (1923). Neuchâtel-Paris: Delachaux et Niestlé

PIAGET, J. (1923a) La pensée symbolique et la pensée de l'enfant. **Archives de psychologie**, 18, p. 275-304.

PIAGET, J. (1972) **La représentation du monde chez l'enfant** (1926). Paris, Presses Universitaires de France

PIAGET, J. (1976) **La formation du symbole chez l'enfant** (1945). Neuchâtel-Paris: Delachaux et Niestlé

PLON, M. e ROUDINESCO, E. (1998) **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar

PONTALIS, J.B. e LAPLANCHE, J. (1970) **Dicionário de Psicanálise**. São Paulo, Martins Fontes

PONTALIS, J. B. (1991) Essa transferência chamada negativa. In **Perder de vista – da fantasia de recuperação do objeto perdido**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar

RICHEBÄCHER, S. (2003) In league with the devil and yet you fear fire? In COVINGTON, C. e WHARTON, B. (Org.) **Sabina Spielrein, Forgotten Pioneer of Psychoanalysis**. Nova York, Brunner-Routledge

ROAZEN, P. (1974) **Freud e seus discípulos**. São Paulo, Cultrix

- ROBERT, M. (1976) **A revolução psicanalítica**. São Paulo, Martins Fontes
- ROUDINESCO, E. (1999) Carl Gustav Jung: do arquétipo ao nazismo. Derivas de uma psicologia da diferença. **Pulsional- Revista de Psicanálise**, Ano XII, n. 127, São Paulo, novembro de 1999
- _____ (1995) **Genealogias**. Rio de Janeiro, Relume Dumará
- SANTAMARIA, Y. (2006) Acordo antinatural fechado às pressas. **História Viva**, Ano III, nº 29, março de 2006
- SAUSSURRE, F. (2002) **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo, Editora Cultrix São Paulo: Cultrix
- SCHALAYEFF, C. (1997) Sabina Spielrein. Sus ideas. **Revista de Psicoanalysis**, v. 54, n.3, p. 669-682
- SCHEPELER, E. M. (1993) Jean Piaget's experiences on the couch. **Int. J. Psychoanal.** V.74, n.2, p. 255-73.
- SCHUR, M. (1974) **Vida e Morte de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago
- SILVA JUNIOR, N. (1999) Modelos da subjetividade em Fernando Pessoa e Freud. In **Psicanálise e estéticas da exclusão**. São Paulo, Escuta
- SPIELREIN, S. (1981a) La destruction comme forme du devir. In GUIBAULT, M. e NOBÉCOURT, J. **Entre Freud et Jung**. Paris, Editions Aubier Montaigne
- SPIELREIN, S. (1981b) La genèse des mots enfantins Papa et Mama. In In GUIBAULT, M. e NOBÉCOURT, J **Entre Freud et Jung**. Paris, Editions Aubier Montaigne
- SPIELREIN, S. (2002a) Quelques analogies entre la pensée de l'enfant celle del'aphasique et la pensée subconsciente. In **Sämtliche Schriften**. Psychosozial-Verlag (Edition Kore), Giessen
- SPIELREIN, S. (2002b) **Sämtliche Schriften**. Psychosozial-Verlag (Edition Kore), Giessen
- SPIELREIN, S. (2003a) The mother-in-law. In COVINGTON, C. e WHARTON, B. (Org.) **Sabina Spielrein, Forgotten Pioneer of Psychoanalysis**. Nova York, Brunner-Routledge
- SPIELREIN, S. (2003b) Love, death and transformation. In COVINGTON, C. e WHARTON, B. (Org.) **Sabina Spielrein, Forgotten Pioneer of Psychoanalysis**. Nova York, Brunner-Routledge
- VIANA, H. B. (1991) Sobre as bases do amor materno. Vida e Obra de Margarete Hielferding. In HILFERDING, M. **As Bases do Amor Materno**. São Paulo, Escuta

VIDAL, F. (2003) Sabina Spielrein, Jean Piaget – going their own ways. In COVINGTON, C. e WHARTON, B. (Org.) **Sabina Spielrein, Forgotten Pioneer of Psychoanalysis**. Nova York, Brunner-Routledge

WEST, M. (1983) **Um mundo transparente**. Rio de Janeiro, Record

WITT, S. K. (1995) Introduction to Sabina Spielrein's "Destruction as cause of becoming. **Psychoanalytical Contemporary Thought**, v.18, n.1, p. 75-118

FILMES

ICH HIESS Sabina Spielrein. Direção: Elisabeth Márton; produção:IDF Film; intérpretes: Eva Osterberg, Lasse Almeback; Sverige, 2002, (90 min), DVD – Fran 7 ar, Cined 8120

Jornada da Alma. Direção:Roberto Faenza; produção:Medusa; intérpretes: Emilia Fox, Itália, 2002, (90 min)

SITES

BATAILLE ET PRISE DE ROSTOV Les Actualités Mondiales AF - 07/08/1942 - 00h07m11s e OFFENSIVE SUR LE DON Les Actualités Mondiales AF - 24/07/1942 - 00h04m46s <http://www.ina.fr/archivespour tous/>

BENTOLILA, D. Sem título. Disponível em <<http://www.ncspp.org/events/Paper.htm>>, acesso em:2003

CAMPOS, R.H.F e NASSIF, L.E. **Édouard Claparède (1875-1940): interesse, afetividade e inteligência na concepção da psicologia funcional**, memorandum, 9, 91-104. Disponível em <www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a09/nassifcampos.01htm>, acesso em: 26/11/2005

CRISTOPHE, P. Qu'est devenu le petit Alik? Temoignages historiques sur la Psychanalyse en Russia. **Psychanalyse en Russia**. Disponível em <www.psychanalyse.narod.ru/french1.htm>, acesso em: 2003

GRANJA, S. **Tópicos Saussureanos**. Disponível em <[site](#)>

JAKOBSON, R. **Six lectures on Sound and Meaning**, Disponível em <[site](#)>

MACHADO, I. Disponível em <[site](#)>

PETRES, M. Estruturalismo e pós-estruturalismo. Disponível em <[site](#)>

SOUZA, P. C. (Org.) **Symbolon, Estudos Junguianos** (dados biográficos compilados por Paulo Costa Souza) Disponível em <www.symbolon.com.br/bibliografia2.htm> Acesso em: 2003

VOLNOVITCH, J.C. Sabina Spielrein: expropriação intelectual na história da psicanálise. Disponível em **Psicoanálisis, estudios feministas y género**. Internet, sem endereço.

AULAS

CHAUÍ, Marilena, aulas de filosofia sobre Michel Foucault no curso **A emergência do conceito de história do século XVI ao século XX**, ministrado pela Prof. Marilena Chauí, no segundo semestre de 2003.

MATTOS, Olgária C.F., aulas de filosofia sobre a Escola de Frankfurt, no curso **A emergência do conceito de história do século XVI ao século XX**, ministrado pela Prof. Marilena Chauí, no segundo semestre de 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A

UMA ARQUEOLOGIA DA RUINA COMO MÉTODO

Desde o começo procurei realizar essa pesquisa deixando os parâmetros de apreensão conceitual se delinearem a partir do material: os documentos encontrados e os escritos de Sabina Spielrein. Quis evitar sua diagramação a partir de parâmetros teóricos escolhidos e pré-estabelecidos *a priori*.

Esta abordagem já havia sido experimentada de forma satisfatória em uma pesquisa que havia feito anteriormente. Como se trata de uma pesquisa em psicanálise, esta abordagem está relacionada com a maneira peculiar como se constitui o campo psicanalítico em relação aos outros campos de saber, determinando uma situação *sui generis* quanto à problemática do objeto, bem como quanto à constituição da relação prática-teoria.

Se o processo psicanalítico é aquilo que permite o acesso ao inconsciente, isso se dá através da fala de um, analisando, e da escuta de outro, analista. Ele favorece a criação de um campo nebuloso de onde vão se delineando as sombras e os contornos de idéias latentes que trazem o sentido de uma outra cena. Tal sentido se constitui subitamente, de surpresa, num frágil instante, que, como uma fenda, faz aparecer o que na fala é alteridade. É “no entre” dois que se constitui um sentido que tem efeito de verdade. É a dimensão da temporalidade específica da psicanálise que torna possível esse sentido: o que antes estava só adquire sentido, é perlaborado, *a posteriori*. É num tempo após, que o que já estava antes adquire sentido. A dimensão da sobredeterminação ou multideterminação do psíquico é outra característica fundamental da significação no campo psicanalítico. O fato de que um

fenômeno psíquico seja multideterminado em sua existência torna impossível que haja constituição de sentido de maneira simplista, criado a partir de um pensamento unicausal, mecanicista e linear.

Portanto, assim como no processo analítico, tentei abordar os documentos e escritos, sem rede embaixo, sem domesticá-los. Apresentá-los, antes de mais nada. Esse mesmo material interpelará a cada intérprete de maneira diferente. Quanto à teorização em psicanálise, é útil lembrar que é importante conservar o estado de graça de um não saber, para não usar a teoria como saber defensivo e megalomaníaco que obturaria as brechas e as lacunas necessárias para que os documentos e escritos pudessem “dizer-se”, abrir-se em sua complexidade e multideterminação. O trabalho de teorização em psicanálise também segue a regra da atenção flutuante, como o processo analítico: não tentem compreender tudo de uma vez, dizia Freud, mas dêem um tipo de atenção não tendenciosa para todo o ponto que surgir e aguardem desenvolvimentos posteriores. É, portanto, um trabalho de “teorização flutuante”, de permanente construção e desconstrução de hipóteses teóricas, que em cada um dos seus passos permite que se estabeleçam novos elos entre o já conhecido de uma teoria e um ainda não conhecido. E é este não conhecido, este resto que sobra depois de qualquer teorização, que nos move a teorizar mais ainda.

Assim, ao contrário do que se passa em outros campos de saber, em relação à apreensão da noção de objeto, em psicanálise o objeto é fugidio e se empobrece, quase se perde, se aprisionado *a priori* -esse tempo avesso ao inconsciente - por categorias e parâmetros teóricos. Pretendi, portanto, deixar meu objeto de pesquisa ir se construindo a partir da análise do material, que minhas leituras e reflexões teóricas ficassem nas margens, entre o conhecido e o desconhecido, junto com as minhas próprias questões inconscientes,

como pilares instituintes e não como uma rede aprisionante e aniquiladora do novo e da surpresa.

Um exemplo disso foi ter começado a pesquisa focada principalmente na confluência dos percursos teóricos de Freud, Sabina Spielrein, a partir da análise do texto precursor do conceito de pulsão de morte de Spielrein, *A destruição como causa do devir* e, a partir da análise dos textos posteriores de Spielrein sobre a origem da linguagem, encontrar uma confluência dos percursos teóricos de Sabina Spielrein, Freud e Jean Piaget.

A primeira referência teórico-conceitual trazida pelo enfoque psicanalítico foi, portanto, o conceito de *a posteriori*, que desenvolvo a seguir.

Tive a felicidade de cursar uma matéria de pós-graduação coordenada pela prof. Marilena Chauí sobre a construção do conceito de história do séc. XVI até a contemporaneidade. A partir dele, encontrei as duas referências teórico-conceituais que me permitiram, junto com o conceito psicanalítico de *a posteriori*, formular o enquadre conceitual que meu objeto de análise vinha pedindo.

Portanto, os conceitos de arqueologia do saber em Michel Foucault, de ruína tal como concebido pela concepção de História de Walter Benjamin e de *a posteriori* (*Nachträglichkeit*) em Sigmund Freud auxiliaram-me na formulação de uma arqueologia do documento tomado enquanto ruína, abordagem metodológica que se formulou para mim neste trabalho, à medida que meu objeto de análise ia se constituindo.

Ela me levou a privilegiar, como técnica, a análise dos textos de Sabina Spielrein. Especialmente para o primeiro texto analisado *A destruição como causa do devir*, as cartas entre Freud, Jung e Sabina e seu diário foram de uma importância muito grande para a compreensão das condições de emergência deste texto.

Renato Mezan¹²⁶(2002) faz um diagrama de abordagem do objeto psicanalítico que me parece ser contemplado por este trabalho sobre a vida e obra de Sabina Spielrein e sua importância para o pensamento psicanalítico: 1) análise histórica do contexto científico cultural no qual surgem as idéias psicanalíticas. 2) história interna da teoria com seus diversos desenvolvimentos e rupturas. 3) análise epistemológica dos enunciados e dos conceitos. 4) discussão do processo terapêutico. 5) estudo da história e da sociologia do movimento analítico como horizonte da prática. 6) estudo do contexto social e cultural no qual se inscreve a prática psicanalítica.

A posteriori percebo que procurei montar a complexa conjunção de fatores pessoais (pensamento de Spielrein ancorado também na sua vida psíquica e emocional como de qualquer outro criador) e fatores objetivos, como o estado dos conhecimentos científicos da época e as suas decisões metodológicas e teóricas que engendram determinadas consequências. É desse “entrelaçamento extremamente sutil” que surgem conceitos e hipóteses (p. 491-492). Nesse sentido, Freud é fonte de um modo específico de pensar que foi apropriado e ampliado por Spielrein como central, mas em conexão a outros modos de pensar gerando o seu próprio modo de pensar que faz com que a psicanálise não seja “a obra de um homem só”(p.492). Como sugerem Mezan e Gurfinkel, análise conceitual e epistemológica, historicidade, vida pessoal fantasmática e emocional são os fios da trama de constituição do objeto teórico psicanalítico que tem e são tecidos na temporalidade *a posteriori*.

A POSTERIORI (NACHTRÄGLICHKEIT)

¹²⁶ Agradeço a Decio Gurfinkel pelo uso de seu artigo Da pulsão à relação de objeto: algumas diretrizes para uma história das idéias em psicanálise, parte de sua pesquisa de pós-doutorado, que me permitiu aprofundar a leitura da proposta histórico – epistemológica de Mezan.

É do funcionamento do psiquismo que podemos retirar o substrato que permitirá entender a importância destes documentos-ruína. Segundo Laplanche e Pontalis (1970), o termo *a posteriori* (posterioridade, *deffered action*, *après-coup*, *posterioridad*) é utilizado em relação com a sua concepção de temporalidade e de causalidade psíquicas: há experiências, impressões, traços mnésicos que são ulteriormente remodelados em função de experiências novas, do acesso a outro grau de desenvolvimento. Pode, então, ser-lhes conferida, além de um novo sentido, uma eficácia psíquica. O uso da forma substantiva indica que faz parte do aparelho conceitual de Freud, mesmo que ele não apresente uma definição ou teoria de conjunto do termo. A noção impossibilita uma interpretação sumária que reduzisse a concepção psicanalítica da história do indivíduo a um determinismo linear que considere apenas a ação do passado no presente. Freud acentuou desde logo que a pessoa modifica posteriormente os acontecimentos passados e que esta modificação lhes confere um sentido e uma eficácia ou um poder patogênico.

Na carta 52 a Fliess (FREUD, 1983), ele escreve: “...trabalho na hipótese de que o nosso mecanismo psíquico se tenha estabelecido por estratificação: os materiais presentes sob a forma de traços mnésicos sofrem, de tempos em tempos, em função de novas condições, uma reorganização uma reinscrição”. Ele fala, portanto, do funcionamento do aparelho psíquico e dos traços de memória, mostrando como há todo um realocamento destes quando uma nova inscrição psíquica é feita, à maneira daqueles painéis antigos das chegadas e partidas dos vôos nos aeroportos. Quando chegava ou partia um vôo e mudava todo painel, toda a sequência mudava de lugar, um após o outro, como um baralho sendo embaralhado. No aeroporto das memórias, não há volta das viagens realizadas a não ser o reencontro inesperado e intemporal com os traços da memória afetiva que presentifica os encontros passados.

Laplanche e Pontalis (1970) apontam que esta idéia freudiana poderia levar a pontos de vista segundo os quais todos os fenômenos que encontramos em psicanálise se situam sob o signo da retroatividade e mesmo da ilusão retroativa, como a concepção de Jung de fantasmas retroativos. Nessa concepção, o adulto interpreta o seu passado nos seus fantasmas que constituem outras tantas expressões simbólicas dos seus problemas atuais. Nela, a reinterpretação é para o indivíduo um meio de afugentar para um passado imaginário as “exigências da realidade” presente. Mas eles argumentam que a concepção de posterioridade apresenta-se de forma muito mais definida: em primeiro lugar, não é a vivência em geral que é remodelada posteriormente, mas antes o que, no momento em que foi vivido, não pode integrar-se plenamente num contexto significativo. O modelo dessa vivência é o acontecimento traumatizante. Em segundo lugar, a remodelação posterior é acelerada pelo aparecimento de acontecimentos ou situações, ou por uma maturação orgânica, que vão permitir ao indivíduo o acesso a novos tipos de significações e a reelaboração das suas experiências anteriores. E em terceiro lugar, o caminho em que se desdobra a sexualidade favorece eminentemente, pelas defasagens temporais que implica no homem, o fenômeno da posterioridade.

Dois textos ilustram bem o uso do termo *nachträglichkeit*: o caso Emma apresentado no *Projeto para uma psicologia para Neurólogos* e o caso do Homem dos Lobos apresentado em *História de uma neurose infantil*. No primeiro, da época dita pré-psicanalítica, anterior à descoberta da sexualidade infantil, portanto, sob o signo da teoria da sedução, a noção de *a posteriori* está ligada à primeira elaboração da noção de defesa psíquica: “o aparecimento tardio da puberdade torna possíveis processos primários *póstumos*” (FREUD, 1973q). O segundo, com a sexualidade infantil já tendo sido descoberta, o processo do *a posteriori* é evocado para dar conta da defasagem dos

primeiros anos infantis. Assim, o sonho dos lobos na história dessa neurose infantil, sonhado aos quatro anos, é o momento desencadeador de uma fobia, pois ele confere à observação do coito dos pais, à idade de um ano e meio, uma eficácia posterior. Laplanche e Pontalis (1970) dizem que Freud acrescentou, em 1917, duas longas discussões à observação do Homem dos Lobos (FREUD, 1973h), em que se mostra abalado pela tese junguiana do fantasma retroativo. Admite que, sendo na análise a consumação de uma reconstrução, a cena originária poderia muito bem ter sido construída pelo próprio indivíduo, mas nem por isso mantém com menos insistência que a percepção forneceu pelo menos indícios, ainda que não passasse de uma cópula de cães. Mas, sobretudo, no mesmo momento em que parece atenuar as suas pretensões quanto à segurança que pode ser fornecida por uma base de realidade, que tão frágil parece ao exame, introduz uma noção nova, a dos protofantasmas, isto é, um aquém, uma estrutura, que, em última análise, fundamenta o fantasma, transcendendo simultaneamente o vivido individual e o imaginado.

Lis Moller (1991) apresenta-nos uma tese em relação ao *a posteriori* freudiano a partir do comentário de Laplanche, que muito contribuiu para a compreensão do meu uso metodológico do *a posteriori* e sua relação com os outros dois eixos, que apresento a seguir.

Ela irá propor que coexistem dois modelos de leitura e interpretação em Freud. Um deles se apóia na metáfora arqueológica. Ela é proeminente e parece estar ligada inestrincavelmente à idéia da psicanálise como hermenêutica profunda. Esta teria analogia com o trabalho arqueológico de escavação e reconstrução de um passado. O texto de Freud sobre a Gradiva (FREUD, 1973s) seria paradigmático deste modelo da psicanálise como arqueologia da alma. O passado seria como Pompéia queimada que precisaria ser escavada e reconstruída. O outro, se apóia na carta 52, no conceito de retranscrição dos traços de

memória de acordo com novas circunstâncias, sendo esta retranscrição o mecanismo do *a posteriori* e, sobretudo, no caso do Homem dos Lobos, com a construção da cena primária. Esta descortina a ficcionalidade da interpretação psicanalítica, o “como se”, a hipótese sobre o passado que só é verificável no presente. O passado aí não é escavado, reconstruído, mas rearranjado com as novas circunstâncias. A autora escreve que a auto-imagem de Freud como arqueólogo o coloca face uma verdade histórica, enquanto que a verdade que a psicanálise produz é uma verdade narrativa. Na primeira concepção, a verdade só pode ser entendida como um efeito de realidade. Já na segunda concepção, ela só pode ser deduzida hipoteticamente de um efeito no presente. Na cura analítica, quando um sintoma desaparece, está implícito que algum tipo de verdade foi atingida. Moller coloca que, no caso do Homem dos Lobos, Freud se defronta com a inverificabilidade da origem, inverificabilidade da cena primária, apontada numa construção interpretativa, ora como fato histórico reproduzido como traço de memória, hora como fantasia, ora como protofantasia. Para ela, o termo ação diferida é uma tradução insuficiente e até equivocada do termo *Nachträglichkeit*. *Nachträglich* quer dizer suplementar, adicional, *a posteriori*, subsequente. O termo em alemão enfatiza que algo novo, um suplemento, foi incluído. Não é só uma reação *a posteriori*, mas uma ação suplementar. É uma figura temporo-espacial que desafia o modelo espaço-temporal do psiquismo derivado da arqueologia e compele a uma revisão da ausência do tempo no inconsciente. A construção analítica só é compreensível como uma instância do *a posteriori*. Ela propõe que a concepção de *Nachträglichkeit* não é apenas a de um fenômeno isolado na história da formação da neurose, mas um mecanismo psíquico e textual. Esta teoria implícita da dinâmica da construção em análise desafia o modelo arqueológico. A realidade que o psicanalista busca está dispersa na linguagem, mais do que escondida nas profundezas da alma. É pelo *a*

posteriori que um traço de memória se torna um trauma e é reprimido. Ao retomar o caso em *Análise Terminável e Interminável*, Freud sugere que novos enredos sempre podem ser criados os quais, de acordo com a lógica do *a posteriori*, podem alterar o significado do papel do passado esquecido bem como seus efeitos presentes. A autora finaliza, dizendo que uma implicação de tudo isso é uma compreensão do processo analítico que coloca em questão a história da psicanálise como arqueologia da psique. A metáfora arqueológica é substituída pela metáfora do “no entre” (*in between*). A verdade está situada entre os eventos do passado e a “retranscrição” significativa desses eventos.

Em *O mal-estar na civilização* (FREUD, 1973ad), Freud começa o texto retomando a descoberta psicanalítica e, num determinado momento, fala exatamente da conservação no psíquico do primitivo, junto com o evoluído a que este primitivo deu origem. Na vida psíquica, nada do que foi uma vez formado pode desaparecer; tudo se conserva de alguma maneira e pode tornar a surgir em circunstâncias favoráveis, como, por exemplo, mediante uma regressão de suficiente profundidade. Somente no terreno psíquico é possível esta persistência de todos os estágios prévios junto à forma definitiva. Esse fenômeno não pode ser representado graficamente. A conservação do passado é a regra, muito mais do que a exceção, na vida psíquica. Freud deixa possibilidades levantadas e enigmas quanto à destruição do passado e aos seus efeitos: muitos elementos arcaicos ficam apagados ou consumidos em tal medida que nenhum processo pode restabelecê-los ou reanimá-los. A conservação deles depende de certas condições favoráveis.

Mas há um modo do negativo na ação do passado no presente pela compulsão à repetição¹²⁷. Como dar passagem à existência do sofrimento psíquico produzido por aquilo

¹²⁷ Devo a Nelson da Silva Junior e a Maria Inês Fernandes a ocasião e o incentivo para desenvolver essas idéias sobre a negatividade na psicanálise.

que poderia ter sido, mas nunca foi, portanto, nunca existiu, nem existirá, e, no entanto, produz efeitos psíquicos? Como dar acesso a estes *paquets en souffrance*¹²⁸, como na França se denomina, nos correios, a seção de pacotes que foram enviados e jamais chegaram a seu destinatário e ficam à espera? E, no entanto, reconhecer e nomear estes pacotes psíquicos do registro em negativo do que nunca existiu, nem existirá, do que poderia ter sido, mas não foi e nunca será, pode ter o sentido de uma passagem para a consciência de algo que fazia sofrer na sua negatividade e que só pode deixar de fazer sofrer quando nomeado e apropriado pelo trabalho psíquico, que deixa passar do negativo para o positivo, passagem de um trabalho de criação de imagem, de figurabilidade, como o do surgimento do negativo fotográfico a partir do filme opaco e do positivo da imagem fotográfica a partir do negativo da foto. Esta concepção do efeito do passado, do efeito da memória do passado alucinada negativamente, à maneira de um buraco negro, só é possível, ao meu ver, a partir da formulação da última teoria pulsional freudiana e da reformulação do aparelho psíquico subsequente a ela.

A noção de *a posteriori* e do estatuto de verdade a que ela conduz nos levam a pensar numa hermenêutica da abertura, tal como propõe Nelson da Silva Jr (SILVA JUNIOR, 1999).

A hipótese fundamental de interpretação do texto freudiano do autor opõe um modelo fechado a um modelo aberto de subjetividade. *Fechado* e *aberto* referem-se assim à questão da identidade como fundamento do modelo de subjetividade. Ambos são provenientes da experiência clínica. Em seus últimos textos, Freud opera com conceitos absolutamente incompatíveis com a idéia de um sujeito essencialmente idêntico a si

¹²⁸ Expressão utilizada por Nelson da Silva Junior, inspirada numa leitura de Roland Barthes do vocábulo *Espera* em *Fragments de um discurso amoroso*.

mesmo. A lógica dos conceitos implica o que o autor denominou uma *concepção aberta da subjetividade*. A partir de 1920, com a pulsão de morte, uma pulsão *sem representação*, podemos considerar a nova versão freudiana da subjetividade como uma subjetividade *aberta* em seus fundamentos. Ou, dito de outro modo, como uma *subjetividade sem a representação como origem*. Com a pulsão de morte, Freud atribui uma eficácia própria a um *nada* que se coloca além deste cerne de representações. Esta *eficácia do negativo* é ainda mais fundamental que a *eficácia do desejo*, essencialmente ligada ao princípio de prazer. Este novo e último modelo de subjetividade na teoria freudiana, reformulado a partir da nova concepção etiológica das neuroses, tem conseqüências no domínio da técnica analítica. Freud introduz aqui a noção de *construção* enquanto substituto da noção de interpretação. A *construção* coincide com o novo modelo de subjetividade aberta em dois pontos: pelo fato da construção ser um trabalho *preliminar*, e, enquanto tal, ser *essencialmente fragmentária*. Para falar da construção, Freud retoma a conhecida analogia entre o trabalho do analista e o trabalho do arqueólogo. Ambos devem reconstruir algo destruído do passado a partir de indícios e de restos. Aqui, contudo, o mais importante da analogia freudiana é o momento em que ela encontra seu limite, e onde o trabalho analítico se afirma enquanto um modo autônomo de investigação, com suas regras, meios e objetivos próprios. Freud começa por diferenciar os tipos de destruição em jogo em cada um dos ofícios.

A verdade histórica é em si mesma uma criação do inconsciente durante o processo analítico, que não pode ser totalmente lembrada e dita. Enquanto criação pelo processo analítico, **a historicidade do sujeito freudiano é essencialmente não um dado concreto, mas sim um produto do sentido** (o grifo é meu). Diferentemente da historiografia material, a historicidade psicanalítica funda-se em sua *abertura iminente* para

um *passado imprevisível*. A iminência de tal possibilidade, nada mais é que a abertura para a transformabilidade imprevisível dos sentidos do cotidiano e do destino. Assim, podemos dizer que a alteração do outro em análise é uma possibilidade iminente, mas imprevisível e, sobretudo, indomável. Durante a situação analítica, a finalidade é *cuidar desta abertura*, isto é, conservar aberta a possibilidade de uma passagem entre a realidade e as lembranças. Exigir certezas seria aqui perder de antemão a possibilidade de tal abertura. Construir a própria história enquanto mero fragmento de história, sem pretensão à certeza, arriscando o incerto. Este é um momento de transformação da cultura pela psicanálise; não mais efeito exclusivamente terapêutico, mas sim cena do discurso, com suas regras e leis próprias, cena que se inscreve na cultura ocidental deste século, ao abrir o “romance subjetivo” para novas possibilidades narrativas.

WALTER BENJAMIN

A concepção de Benjamin do documento como **ruína** permitiu que eu pudesse formular uma arqueologia da ruína como método. Ela incorpora a temporalidade de maneira semelhante à desenvolvida por Freud como **a posteriori**.

Walter Benjamin é um pensador da Escola de Frankfurt. O pensamento dos autores Adorno, Horkheimer e Benjamin, organiza-se entre a Primeira Grande Guerra e Auschwitz. A Primeira Grande Guerra é a primeira guerra da técnica, que inaugura a morte em massa, a destruição do valor da vida, seja pelos bombardeios aéreos das populações civis, que morrem sem batalha, seja pela guerra de trincheiras. Auschwitz é a experiência emblemática do mal radical que assolou, através do nazismo, na Segunda Grande Guerra. O campo de concentração destrói a cultura e faz tábula rasa dos valores. A cultura deu ensejo

à Barbárie e está contaminada e comprometida por ela. O diagnóstico da cultura contemporânea destes autores é também radical: é barbárie. (MATTOS, 2003)

Adorno e Horkheimer fazem uma reflexão do mundo genocida da razão instrumental, onde tudo está logicamente administrado e esta é instrumento de dominação e não de emancipação. Se Horkheimer aprofunda a crítica da razão instrumental, a pergunta de Adorno é: era necessário que os homens, para vencer o medo, dominassem a natureza e os outros homens? É possível a reabertura do processo civilizatório que não implique na servidão voluntária? A redenção se daria pela rememoração da natureza reprimida, contrariada. A natureza se tornando não objeto, mas parceira no jogo. Além disso, haveria um reencantamento do mundo possível pela arte. Este programa filosófico requer paciência, adiamento; temporalidade da irrupção do tempo messiânico do possível e não do irrealizado. A utopia como o possível, no concreto o mais próximo. (MATTOS, 2003)

Benjamin faz um caminho bastante pessoal, embora dentro do espírito comum da Escola de Frankfurt de crítica da dominação no mundo contemporâneo e de crítica do conceito de progresso. Ele vai estudar o que é contar uma história, histórias, a História em seu escrito *Sobre o conceito de história*, de 1940, conhecido como as “teses sobre a história”. Segundo seu amigo Gershom Scholem, ele o escreveu sob o impacto do acordo de não agressão de agosto de 1939 entre Stalin e Hitler. (GAGNEBIN, 1993) Vejamos suas principais idéias neste escrito em que faz a crítica do historicismo burguês e da visão progressista da história. Para romper com o mecanicismo destas duas visões da história, refilosofiza o pensamento marxista, atribuindo ao historiador materialista histórico uma nova construção da história. Se a história é devir, transformação, é importante reconhecer a dialética como devir perpétuo, não perder os valores, receber a tradição como sobrevida dos valores. Acompanhem algumas passagens de seu próprio texto:

“O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Existe um encontro secreto marcado entre as gerações precedentes e a nossa.(...) Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente” (tese dois). (BENJAMIN, 1993, p. 222)

“O cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado” (tese três). (BENJAMIN, 1993, p. 223)

“Articular historicamente o passado, não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja num momento de perigo ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo é entregar-se às classes dominantes como seu instrumento. O dom de despertar, no passado, as centelhas de esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer” (tese seis). (BENJAMIN, 1993, p. 224)

No historicismo, a empatia é com o vencedor, que beneficia os dominadores de todos os tempos, já que os vencedores são seus herdeiros. "Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe" (BENJAMIN, 1993, p. 225)

Os despojos são os bens culturais, cuja origem contempla-se com horror, pois devem sua existência não só aos gênios que os criaram, mas a corvéia anônima de seus contemporâneos. "Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um

monumento da barbárie. E assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapêlo"(tese sete) (BENJAMIN, 1993, p. 225). O historicismo essencializa o acontecimento. Para Benjamin é possível voltar para o passado e reabri-lo. O materialismo histórico rompe com o método da empatia, historicista, onde se identifica, aderindo-se completamente ao passado. A empatia nasce da preguiça do coração, pela paralisia da alma triste, pela identificação com os mortos, cadáveres insepultos do passado, de um passado que se recusa a morrer, que se torna um fantasma, um morto-vivo, no sentido marxista dos fantasmas do passado que vêm perturbar o cérebro dos vivos. (MATTOS, 2003)

“A concepção da história que toma como sua norma o progresso é insustentável” (tese oito). (BENJAMIN, 1993, p. 226) O *Angelus Novus*, quadro de Paul Klee ilustra esta crítica ao mostrar do que é feito o progresso: um afastar-se das ruínas e destroços da barbárie que jazem sob os monumentos da cultura. Este quadro representa “um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada e suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula, incansavelmente, ruína sobre ruína, e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força, que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso" (tese nove). (BENJAMIN, 1993, p. 226)

Benjamin faz a crítica da noção da história que orientou a teoria e a prática da social democracia alemã da República de Weimar. Esta concepção, segundo ele, provocará uma avaliação equivocada do fascismo e a incapacidade de desenvolver uma luta eficaz contra sua ascensão. “Ela foi baseada em um conceito dogmático de progresso, sem qualquer vínculo com a realidade. Primeiramente, o progresso aparece como progresso da humanidade em si e não de suas capacidades e conhecimentos. Em segundo lugar, aparece com um processo sem limites, idéia correspondente à da perfectibilidade infinita do gênero humano. Em terceiro lugar é um processo essencialmente automático, percorrendo irresistível uma trajetória em flecha ou em espiral. A idéia de um progresso da humanidade na história é inseparável da idéia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da idéia de progresso tem como pressuposto a crítica da idéia dessa marcha” (tese treze). (BENJAMIN, 1993, p. 229)

“A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras”. Há, em Benjamin, “uma explosão do *continuum* da história” (tese quatorze). (BENJAMIN, 1993, p. 229) “O historicista apresenta a imagem ‘eterna’ do passado, o ‘era uma vez’, (...) o materialista histórico faz desse passado uma experiência única, (...) saltando pelos ares o *continuum* da história” (tese dezesseis). (BENJAMIN, 1993, p. 230)

“O historicismo culmina na história universal. Em seu método, a historiografia materialista se distancia dela talvez mais radicalmente do que qualquer outra. A história universal não tem qualquer armação teórica. Seu procedimento é aditivo. Ela utiliza a massa dos fatos para com eles preencher o tempo homogêneo e vazio. Ao contrário, a historiografia marxista tem em sua base um princípio construtivo. Pensar não inclui apenas o movimento das idéias, mas também sua imobilização. Quando o pensamento pára,

bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhes comunica um choque, através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada. Nessa estrutura, ele reconhece o sinal de uma imobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido. Ele aproveita essa oportunidade para extrair uma época determinada do curso homogêneo da história; do mesmo modo ele extrai da época uma vida determinada e, da obra composta durante essa vida, uma obra determinada. Seu método resulta em que, na obra, o conjunto da obra, no conjunto da obra, a época e, na época, a totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos. O fruto nutritivo do que é compreendido historicamente contém em seu interior o tempo, como sementes preciosas, mas insípidas” (tese dezessete). (BENJAMIN, 1993, p. 231)

“O ‘agora’, que como modo do messiânico abrevia num resumo incomensurável a história de toda humanidade, coincide rigorosamente com o lugar ocupado no universo pela história humana” (tese dezoito). (BENJAMIN, 1993, p. 231-2)

O historicismo se contenta em estabelecer um nexos causal entre vários momentos da história. Mas nenhum fato, meramente por ser causa, é só por isso um fato histórico. Ele se transforma em fato histórico postumamente, graças a acontecimentos que podem estar separados dele por milênios¹²⁹. O historiador consciente disso renuncia a desfiar entre os dedos os acontecimentos, como as contas de um rosário. Ele capta a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada (o grifo é meu). Com isso, ele funda um conceito de presente como um "agora" no qual se infiltram traços do messiânico (apêndice 1). (BENJAMIN, 1993, p. 232) Há aí uma crítica profunda do historicismo, cuja contraparte está no positivismo. Ambos, historicismo e

¹²⁹ Vemos aqui a própria definição de *a posteriori* de Freud, exposta acima.

positivismo são duas formas de não compreender o tempo histórico, ao essencializar o passado objetivando-o numa imagem eterna.

“Certamente os adivinhos que interrogavam o tempo para saber o que ele ocultava em seu seio não o experimentavam nem como vazio, nem como homogêneo. Sabe-se que era proibido aos judeus investigar o futuro. Ao contrário, a Torá e a prece ensinam a rememoração. Para os discípulos, a rememoração desencantava o futuro, ao qual sucumbiam os que interrogavam os adivinhos. Mas nem por isso o futuro se converteu para os judeus num tempo homogêneo e vazio. Pois nele, cada segundo era a porta estreita pela qual podia penetrar o Messias” (apêndice 2). (BENJAMIN, 1993, p. 232) O acontecimento histórico verdadeiro tem o brilho fulgurante do instante. É necessário saber ler os sinais e não esperar que as leis históricas se cumpram em etapas. Para Benjamin, não existe separação entre sujeito e objeto. O tempo histórico e aquele que conhece são inseparáveis. Cada um de nós é uma história. História é interrupção, luz fugidia. Deve-se interpretar sinais que façam surgir o inteiramente novo, a poeira do futuro. (MATTOS, 2003)

Em Benjamin, portanto, a história é aberta. Não se baseia numa temporalidade linear, aditiva, no interior de um tempo vazio, homogêneo, e causal, mas é causalidade complexa, **ressignificação *a posteriori*, onde uma configuração da própria época do historiador entra em contato com uma época passada bem determinada** (o grifo é meu). Na narrativa tradicional, essa abertura se apóia na plenitude do sentido e, portanto, na sua profusão ilimitada. Em Benjamin, com a alegoria, a profusão do sentido, ou antes, dos sentidos, vem, ao contrário, de seu não acabamento essencial. Ele quer identificar esse movimento de abertura na própria estrutura da narrativa tradicional. Movimento interno, representado na figura de Scherazade, movimento infinito da memória notadamente popular. Memória infinita, cuja figura moderna e individual será a imensa tentativa

proustiana, tão decisiva para Benjamin. Cada história é o ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta, etc.; essa dinâmica ilimitada da memória é a constituição de um relato, com cada texto chamando e suscitando outros textos. Um segundo movimento que, se está inscrito na narração, aponta para mais além do texto, para a atividade da leitura e interpretação. A força do relato de Heródoto, o pai da história, é que ele sabe contar sem dar explicações definitivas, é que ele deixa que a história admita diversas interpretações diferentes, que, portanto, ela permaneça aberta, disponível para uma continuação de vida que cada leitura futura renova. O que foi tantas vezes criticado em Heródoto, a ausência de um esquema global de interpretação e de explicação, como teremos em Tucídides, é para Benjamin, não uma falha, mas uma riqueza. Uma sobriedade na explicação é recomendada para o historiador verdadeiramente atento ao passado, principalmente aos seus elementos decretados negligenciáveis e fadados ao esquecimento. (GAGNEBIN, 1993)

A história é também objeto de uma construção. É aí que ele valoriza o documento, em detrimento do monumento. A memória da classe dominante é a memória oficial celebrativa dos monumentos que testemunham os êxitos da classe dominante. Já o documento fica como fragmento, resíduo, desordem das lembranças. É a nota de rodapé dos compêndios grandiosos que se afigura como o desvio, o fragmento, o recessivo. É ela que permite a construção da tradição do dominado. Por isso, a história é objeto de construção, plena de agoridade, manutenção do presente no presente do instante, o que o arranca do *continuum* monótono e homogeneizador.

A história é também citação. Mas citação deslocada, descontextualizada. Evoca o texto de onde procede embora violentamente arrancada. Há uma simultaneidade dos tempos, uma contemporaneidade das épocas. Há camadas arqueológicas da história

simultaneamente existindo. Há virtualidades, excedentes de significado do passado, que não chegaram a se realizar. Benjamin critica a história universal no sentido hegeliano daquela que julga os homens. Os homens é que julgam a história que, até agora, é a da identificação com o poder. História da troca dos dominantes. O acontecimento relembado é infinito e os vencidos trazem a sombra possível de uma outra história. Apelo dos possíveis dos vencidos. Os possíveis são tão bons ou melhores do que o que venceu. Há uma poesia que vem do passado. Em *A imagem de Proust*, ele dirá: "Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois" (BENJAMIN, 1993, p. 37).

Benjamim trabalha a contraposição entre a linguagem poética e a dialógica. A primeira traz uma conversação feminina, visual, alusiva e tátil. A segunda é autoritária, busca as definições. O aumento da vontade de poder sobre a natureza e sobre o outro vem desde o *logos* grego. Ele procura ampliar as possibilidades interpretativas através de um luta intelectual contra o pensamento dualista e dialético. Ele fala da busca de uma história outra com relação à história patriarcal e do imaginário em relação ao feminino. Se ele alude ao matriarcado é por ver nele, não o poder, mas a democracia. Busca o próprio do feminino. (MATTOS, 2003)

MICHEL FOUCAULT

Neste autor encontrei a formulação da **arqueologia** do saber que me permitiu formular o meu método como arqueologia da ruína. O conceito de arqueologia é

transtornado pela reflexão foucaultiana e reinventado num sentido que incorpora a temporalidade de maneira semelhante à desenvolvida por Freud com o **a posteriori**.

A influência da Escola de Frankfurt sobre o pensamento de Foucault foi apontada por ele mesmo, junto com a leitura de Heidegger e Nietzsche. (FOUCAULT, 19984) De fato, podemos constatar nos textos pesquisados a mesma crítica ao historicismo, ao conceito de progresso, a mesma atribuição a Marx de um papel inaugural. No entanto, o quase meio século que separa as duas reflexões, além da procedência do ambiente intelectual francês do pensamento de Foucault, colocam-no menos diante da social democracia da República de Weimar e sua história progressista e mais diante do existencialismo, da fenomenologia heideggeriana e do estruturalismo. Mas, é sobretudo a psicanálise, a etnologia e a lingüística - campos de saber ainda nascentes no tempo dos principais textos benjaminianos - que terão uma influência decisiva, além das novas maneiras de fazer história - a nova história - na formulação de uma nova concepção do campo dos saberes, a arqueologia do saber.

Finitude

Em Foucault, é a finitude do homem o ponto de inflexão incontornável que organiza sua contribuição inédita. Poderíamos até arriscar a dizer que a nova história desconstrói tudo o que pudesse - após a morte dos deuses e de Deus como centro organizador do pensamento, mostrando que são criaturas, mais do que criadores - trazer a ilusão de um centralismo do homem criador. Foucault mostra que o homem é uma criação recente que, assim como surgiu no final do século XVIII, deve desaparecer. Daí a problematização da antropologia e do humanismo. Nem sempre a morte e a própria morte estiveram sempre presentes para o pensamento do homem. Antes, constituíam obstáculo intransponível. As diversas formulações, os diversos princípios organizadores e catalizadores, nas diversas

formulações da e sobre a história tiveram vários protagonistas: os deuses para um homem - herói da narrativa poética dos grandes feitos; Deus, na interpretação teológica da história; o homem, que emerge desde o século XVII, nas várias figuras da razão humana rumo a um progresso iluminador de si e do mundo, de um sujeito transcendental que faz história cosmopolita de seu pensamento e do mundo como progresso para a realização infinita do reino dos fins ou da Liberdade, de um eu idealista e subjetivo que põe o mundo, de um eu positivista que ordena a realidade na idéia de progresso do conhecimento, do Espírito Absoluto que quer reconciliar-se consigo mesmo, no advento teleológico do Estado, do sujeito da ação política, da alienação e da dialética, do Ser, da Consciência (CHAUI, 2003). Se o tempo emerge como categoria do conhecimento desde o século XVIII¹³⁰, se a finitude já está posta como questão, é apenas em Foucault, talvez, reverberando de uma outra maneira a problemática estruturalista de Lévi-Strauss, que ela está colocada como geradora de conhecimento, o ponto de inflexão - termo melhor do que sujeito da história, já que essa noção está problematizada pela arqueologia do saber - que irá possibilitar as concepções de descontinuidade da história, dispersão da história, positivities da história, solo de uma concepção arqueológica do saber. É o próprio pensamento, na sua historicidade e em seu “impoder”, contra toda a sua onipotência, contra qualquer totalização da verdade, que aparecem tematizados no plano de sua finitude. É o limite do pensamento e sua expressão pela palavra que fulgura. Assim, finalizando a *Arqueologia do saber*, ele diz, a respeito de seu próprio pensamento: “Seria preciso que eu supusesse que em meu discurso não está assegurada a minha sobrevivência? E, que falando dele não conjuro minha morte, mas que a estabeleço; ou, antes, suprimo toda interioridade nesse exterior que é tão indiferente à

¹³⁰ na querela do novo mundo, verdadeiro acontecimento intelectual, que faz o homem se situar no tempo, tempo concebido como reconciliação ou afastamento definitivo da natureza, subsolo para a concepção histórica decadentista de Rousseau e progressista de Voltaire.

minha vida, e tão neutro, que não faz diferença entre a minha vida e a minha morte? ” (FOULCAULT, 1966, p. 255). Falando dos que creem que sua palavra ou escrita únicas poderiam dar sentido à vida, carregá-la para mais longe e por mais tempo, despossuídos que já estão de tantas certezas ele coloca: "O discurso não é a vida: o tempo dele não é o seu; nele, vocês não se reconciliarão com a morte; é possível que vocês tenham matado Deus sob o peso de tudo que disseram; mas não pensem que farão, com tudo o que vocês dizem, um homem que viverá mais que ele ” (FOULCAULT, 1966, p.256). *No prefácio de As palavras e as coisas* dirá: “O homem não passa de uma invenção recente, uma figura que não conta mais de dois séculos, uma simples inflexão no nosso saber e que há de desaparecer logo que este tenha encontrado uma forma nova ” (FOULCAULT, 1966, p.12). e , na sua parte final: “ O homem é uma invenção recente – séc. XVI – tal como a arqueologia de nosso pensamento o mostra facilmente. E talvez ela nos indique também o seu próximo fim” . (FOULCAULT, 1966, p. 501-2)

No prefácio de *As palavras e as coisas*, ele anuncia seu projeto de uma arqueologia do saber que é diferente de uma história no sentido tradicional:

“ Uma tal análise como se vê, não releva da história das idéias ou das ciências: é antes um estudo que se esforça por saber a partir de que coisa é que foram possíveis teorias e conhecimentos; segundo que espaço de ordem se constituiu o saber; com base em que a priori histórico e em que elemento de positividade puderam surgir idéias, constituir-se ciências, refletir-se experiências em filosofias, formar-se racionalidades, para talvez se desarticulem e bem depressa se desvanecerem”. (FOULCAULT, 1966, p.10)O que se pretende trazer à luz é o campo epistemológico, a episteme onde os conhecimentos, encarados fora de todo o critério que se refira a seu valor universal ou às suas formas

objetivas, enraízam a sua positividade e manifestam assim uma história que não é a da sua perfeição crescente, mas antes a das suas condições de possibilidade e suas configurações.

A arqueologia, “dirigindo-se ao espaço geral do saber, às suas configurações e ao modo de ser das coisas que nele aparecem, define sistemas de simultaneidade, assim como a série das mutações necessárias e suficientes para circunscrever o limiar de uma positividade nova” (FOULCAULT, 1966, p.11).

A História

Foucault dirá que o homem não é, ele próprio histórico: uma vez que o tempo não procede senão do próprio homem, ele só se constitui como sujeito de História mediante a sobreposição da história dos seres, da história das coisas, da história das palavras. “*Quanto mais a História aceita a sua relatividade, tanto mais mergulha no movimento que é comum ao que ela conta, tanto mais tende à exigüidade da narrativa; e todo conteúdo positivo de que se assenhoreara através de todas as ciências se dissipa*” ((FOULCAULT, 1966, p.481/482). O surgimento do homem na sua positividade é logo limitado pelo ilimitado da História. Descobrimos a lei do tempo como limite externo das ciências humanas, a História mostra que tudo o que é pensado o será ainda por um pensamento que ainda não veio à luz.

Se Benjamin elaborou uma contraposição entre o Historicismo e o materialismo histórico com sua visão messiânica da História, Foucault trabalhará a contraposição entre o historicismo e a analítica da finitude.

Ser finito seria, muito simplesmente, ser atingido pelas leis de uma perspectiva que, a um tempo, permite uma certa captação – do tipo da percepção ou da compreensão – e impede que esta seja jamais intelecção universal e definitiva. Todo o conhecimento se enraíza numa vida, numa sociedade, numa linguagem que têm uma história; e nessa história mesmo se encontra o elemento que lhe permite comunicar com outras formas de vida, outros tipos de sociedade, outras significações: é por isso que o historicismo implica sempre uma certa metodologia da compreensão viva (no

elemento da Lebenswelt), da comunicação inter- humana (tendo por fundo as organizações sociais) e da hermenêutica (como recuperação, através do sentido manifesto de um discurso, de um sentido a um tempo secundário e primordial, isto é, mais oculto, mas mais fundamental). Por aí, as diferentes positivities formadas pela História e nela depositadas podem entrar em contato umas com as outras, envolverem-se segundo o modo e conhecimento, libertarem o conteúdo que nelas dormita; não são então os próprios limites que surgem no seu rigor imperioso, mas totalidades parciais, totalidades que se acham limitadas, de fato, totalidades a que se pode, até certo ponto, alterar as fronteiras, mas que jamais hão de elevar-se também até a totalidade absoluta. É por isso que a análise da finitude não cessa de reivindicar contra o historicismo a parte que este desprezara. Essa análise tem por projeto fazer surgir, no fundamento de todas as positivities, e antes delas, a finitude que as torna possíveis; lá onde o historicismo procurava a possibilidade e justificação de relações concretas entre totalidades limitadas, cujo modo de ser era dado antecipadamente pela vida, pelas formas sociais ou pelas significações da linguagem, a analítica da finitude pretende interrogar essa relação do ser humano com o ser que, designando a finitude, torna possíveis as positivities no seu modo de ser concreto. (FOULCAULT, 1966, p.483-4)

A psicanálise

A psicanálise e a etnologia ocupam no nosso saber um lugar privilegiado. Nos confins de todos os conhecimentos sobre o homem, formam por certo um perpétuo princípio de inquietude, de retificação, de crítica e de contestação do que porventura pode ter parecido, por outro lado, definitivamente adquirido.

Propondo-se a tarefa de fazer falar através da consciência o discurso do inconsciente, a psicanálise avança na direção dessa região fundamental onde estão em jogo as relações da representação e da finitude. Ela “encaminha-se para o momento – inacessível, por definição, a todo o conhecimento teórico do homem, a toda apreensão contínua em termos de significação, de conflito ou de função – em que os conteúdos da

consciência se articulam com a finitude do homem, ou antes, ficam abertos a ela” (FOULCAULT, 1966, p.485).

Nessa região, “onde a representação fica em suspenso à beira de si mesma, aberta de algum modo sobre o fechamento da finitude” (FOULCAULT, 1966, p.486), desenham-se as três figuras pelas quais a vida, com suas funções e as suas normas, vem fundar-se: 1) A Morte, na sua repetição muda 2) O Desejo, que na sua abertura desnudada se exprime nos conflitos e regras e 3) A LEI, nas suas significações e sistemas de linguagem. Os psicólogos e filósofos chamaram a isso de mitologia freudiana, o que é compreensível, já que um saber que se aloja no representável, o que margina e define no exterior a possibilidade mesma da representação não pode ser senão uma mitologia. Essas são as formas mesmas da finitude, tal como é analisada no pensamento moderno. “não é porventura a morte, aquilo a partir de que o saber geral é possível, de tal maneira que seria, no tocante à psicanálise, a figura desse redobramento empírico-transcendental que caracteriza na finitude o modo de ser do homem? Não é acaso o desejo o que permanece sempre impensado no âmago do pensamento? E essa Lei-Linguagem (ao mesmo tempo palavra e sistema de palavra) que a psicanálise se esforça por fazer falar não será aquilo em que toda a significação adquire uma origem mais longínqua do que ela mesma, mas também aquilo cujo retorno é prometido no próprio ato da análise? É bem certo que nem essa Morte, nem esse Desejo, nem essa Lei podem encontrar-se no interior do saber que percorre na sua positividade o domínio empírico do homem”. (FOULCAULT, 1966, p.486-7)

A relação entre a psicanálise e as ciências humanas têm outra consequência. Não se desenrola como puro conhecimento especulativo ou teoria geral do homem, mas o saber se dá na abertura no interior de uma prática onde é o próprio homem que está empenhado, o

homem com a morte que atua no seu sofrimento, o Desejo que perdeu seu objeto e a linguagem pela qual, através da qual se articula silenciosamente sua Lei. Na relação entre dois indivíduos, “um escuta a linguagem do outro, libertando assim o seu desejo do objeto que perdeu (dando-lhe a entender que o perdeu) e libertando-o da vizinhança sempre repetida da morte (dando-lhe a entender que um dia ele há de morrer). Eis porque nada é mais estranho à psicanálise do que alguma coisa como uma teoria geral do homem ou uma antropologia”. (FOULCAULT, 1966, p.488)

A etnologia

A etnologia suspende “o longo discurso ‘cronológico’ pelo qual tentamos refletir a nossa própria cultura no interior dela mesma, para fazer surgir correlações sincrônicas em outras formas culturais” (FOULCAULT, 1966, p.489). Ela mostra como se faz numa cultura a normalização das grandes funções biológicas, as regras que tornam possíveis ou obrigatórias todas as formas de troca, de produção ou de consumo, os sistemas que se organizam em torno ou segundo o modelo das estruturas lingüísticas. O problema geral de toda etnologia é bem o das relações de continuidade ou de descontinuidade entre a natureza e a cultura. Mas, neste modo de interrogação, “o problema da história acha-se invertido: porque se trata então de determinar, segundo os sistemas simbólicos utilizados, segundo as regras prescritas, segundo as normas funcionais escolhidas e assentes, a espécie de devir histórico de que cada cultura é suscetível” (FOULCAULT, 1966, p.490).

A etnologia, como a psicanálise,

interroga não o homem, ele próprio, tal como pode surgir nas ciências humanas, mas a região que torna possível em geral um saber acerca do homem: tal como a psicanálise, ela atravessa todo o campo desse saber num movimento que tende a atingir os seus limites. Mas a psicanálise serve-se da relação particular da transferência para descobrir nos confins exteriores da representação o Desejo, a Lei, a Morte, que desenham, no extremo da linguagem e

da prática analíticas as figuras concretas da finitude; a etnologia, essa, aloja-se no interior da relação particular que a ratio ocidental estabelece com as outras culturas; e a partir daí contorna as representações que os homens, numa dada civilização, elaboraram sobre si mesmos, sobre as suas necessidades, sobre significações depositadas na sua linguagem. O privilégio da etnologia e da psicanálise, a razão do seu profundo parentesco e da sua simetria – não se deve, portanto, procurá-los numa certa preocupação, que uma e outra teriam em penetrar o profundo enigma, a parte mais secreta da natureza humana: de fato o que lampeja no espaço do seu discurso, é muito mais o a priori histórico de todas as ciências do homem – as grandes cesuras, os trilhos, as partilhas que, na episteme ocidental, desenharam o perfil do homem e o dispuseram para um saber possível. Era por isso necessário que ambas fossem ciências do inconsciente; não porque atinjam no homem o que está por debaixo da sua consciência, mas porque se dirigem para o que, fora do homem, permite que se saiba, com um saber positivo, o que se dá ou furta à sua consciência”. (FOULCAULT, 1966, p.490-1)

Em relação à psicanálise e à etnologia, ele dirá que nenhuma ciência humana pode certificar-se de não lhes dever alguma coisa, nem ser por completo independente do que elas descobriram, estar segura de não depender delas de uma maneira ou de outra. Elas dissolvem o homem, são contra-ciências. “Compreende-se, enfim, que a psicanálise e a etnologia se tenham estabelecido uma em face da outra, numa correlação fundamental; desde Totem e Tabu, a instauração de um campo que lhes seria comum, a possibilidade de um discurso que poderia ir de uma a outra sem descontinuidade; a dupla articulação da história dos indivíduos com o inconsciente das culturas e da historicidade destas, com o inconsciente dos indivíduos, levantam sem dúvida os problemas mais gerais que podem pôr-se a propósito do homem”. (FOULCAULT, 1966, p.492)

Foucault apontará o prestígio e a importância de uma etnologia que “em vez de se definir primeiro, como o fez até aqui pelo estudo das sociedades sem história, procurasse deliberadamente o seu objeto no campo dos processos inconscientes que caracterizam o sistema de uma dada cultura; ela poria em jogo assim a relação de historicidade,

constitutiva de toda a etnologia em geral, no interior da dimensão onde sempre se desenrolou a psicanálise. Ao proceder assim, ela definiria como sistema dos inconscientes culturais, o conjunto das estruturas formais que tornam significantes os discursos místicos, dão coerência e necessidade às regras que regem as necessidades, fundam de um modo diverso do que na natureza e sobre outras bases que não as puras funções biológicas, as normas de vida” (FOULCAULT, 1966, p.493).

A lingüística

Entretecida com a etnologia e a psicanálise, uma terceira contra-ciência viria percorrer, animar, inquietar todo o campo constituído das ciências humanas, transbordando-o, tanto no lado das positivities como no da finitude, formando a sua contestação mais geral. Tal como as outras duas contra-ciências, ela faria surgir, segundo um modo discursivo,

“as formas – limites das ciências humanas; tal como essas duas, alojaria a sua experiência nessas regiões iluminadas e perigosas onde o saber do homem estabelece, sob as formas do inconsciente e da historicidade, a sua relação com o que as torna possíveis. Todas três põem em risco aquilo mesmo que permitiu ao homem ser conhecido. Assim se tece sob os nossos olhos o destino do homem, mas tece-se às avessas; nesses estranhos fusos, o homem é reconhecido às formas do seu nascimento, à pátria que o tornou possível. Mas, uma vez que a lingüística já não fala do homem, ele próprio, tal como a psicanálise ou a etnologia, não é isso uma maneira de o conduzir a seu fim?” (FOULCAULT, 1966, p.494)

A análise lingüística é mais uma percepção que uma explicação, é constitutiva de seu objeto mesmo. “Do interior da linguagem experimentada e percorrida como linguagem,

no jogo de suas possibilidades levadas ao extremo, o que se anuncia é que o homem é finito, e que ao chegar ao cimo de toda a palavra possível não é ao âmago de si mesmo que ele chega, mas à beira do que o limita: nessa região onde paira a morte, onde o pensamento se extingue, onde a promessa da origem indefinidamente recua”. (FOULCAULT, 1966, p. 497)

“E, no entanto, a impressão de acabamento e de fim, o sentimento surdo que sustenta, anima o nosso pensamento, o adormece talvez assim com a facilidade de suas promessas, e que nos faz crer que alguma coisa de novo está em vias de começar, alguma coisa de que apenas se suspeita, um leve risco de luz na base do horizonte – esse sentimento e essa impressão talvez não sejam infundados. Em nossos dias, e mais uma vez Nietzsche indica de longe o ponto de inflexão, não é tanto a ausência ou a morte de Deus que é afirmada como o fim do homem (esse tênue, esse imperceptível desnível, esse recuo na forma da identidade que fazem com que a finitude do homem se tenha tornado seu fim). O homem que mata deus é o último homem, responsável pela sua finitude. Mas como é na morte de Deus que ele fala, pensa e existe, o seu assassinio está condenado a desvanecer-se. Nietzsche anuncia o fim desse assassinio. O homem está em vias de perecer à medida que brilha cada vez mais intensamente no nosso horizonte o ser da linguagem”. (FOULCAULT, 1966, p.499)

A arqueologia do saber

Na introdução de *A Arqueologia do saber*, Foucault (1985) descreverá a mutação epistemológica da história e suas quatro consequências.

Se as grandes narrativas tradicionais expunham uma camada de acontecimentos em sucessões lineares, até então o objeto de pesquisa, através de novos instrumentos de análise,

os historiadores puderam distinguir, no campo da história, camadas sedimentares diversas, sendo agora o objeto de pesquisa um jogo de rompimentos em profundidade. Os níveis de análise, então, se multiplicaram. No lugar da ligação, da seqüência, da continuidade e da totalidade, que compunham as questões da análise tradicional, novas interrogações surgem na visão arqueológica da história: isolar estratos, instaurar uma série, definir critérios de periodização da série, estabelecer e descrever um sistema de relações de uma série a outra, através de hierarquia, dominância, escalonamento, determinação unívoca, causalidade circular, estabelecer séries de séries, pode-se estabelecer, além de definir, em que quadro, de cronologia ampla, pode-se determinar seqüências distintas de acontecimentos.

Além disso, a partir de Bachelard e Canguilhem, o conhecimento acumulativo, totalitário, abstrato, geral, de uma racionalidade progressiva e grandiosa, presente, até então, na história das idéias, das ciências, da filosofia e do pensamento e da literatura, se desloca para os fenômenos de ruptura, para a incidência de interrupções.

O que importa na história de um conceito são os diversos campos de constituição e de validade, a de suas regras sucessivas de uso, dos meios teóricos múltiplos em que prosseguiu e se acabou sua elaboração, redistribuições recorrentes que fazem aparecer vários passados, várias formas de encadeamento, várias hierarquias de importância, várias redes de determinações, várias teleologias, para uma única e mesma ciência à medida que seu presente se modifica: de maneira que as descrições históricas se ordenam necessariamente pela atualidade do saber, multiplicam-se com suas transformações e não deixam por sua vez de romper com elas próprias.

É aí que se introduz a *história como descontinuidade*¹³¹, onde nas análises históricas não é mais a tradição, o rastro, o fundamento que se perpetuam e sim, o recorte e o limite, as transformações que valem o fundar e renovar das fundações. Um novo campo de questões se abre: como especificar os diferentes conceitos que permitem pensar a descontinuidade (limiar, ruptura, corte, mutação, transformação)?

A história mudou sua posição também em relação ao documento¹³². Ele não é mais matéria inerte, rastro, mas é trabalho no seu interior, elaboração, muito mais do que interpretá-lo, ou saber se ele diz a verdade, ou qual é seu valor expressivo. A história procura definir, no próprio tecido documental, as unidades, conjuntos séries e relações. O documento não é o feliz instrumento de uma história que seria nela mesma e de pleno direito, memória milenar; e coletiva; a história é, para uma sociedade, uma certa maneira de dar estatuto de elaboração à massa documental, permanências espontâneas ou organizadas das quais não se separa. Se a história, em sua forma tradicional, empreendia memorizar os monumentos do passado, transformá-los em documentos e fazer falar estes traços que, por si mesmos, raramente são verbais, ou dizem em silêncio coisa diversa do que dizem, em nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos. Onde se “decifravam traços deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, desdobra uma massa de elementos que se trata de isolar, de agrupar, de tornar pertinentes, de estabelecer relações, de constituir conjuntos. Era um tempo em que a arqueologia, como disciplina dos monumentos mudos, dos traços inertes, dos objetos sem contexto e das coisas deixadas pelo passado, se voltava para a história e só tomava sentido pelo restabelecimento de um discurso histórico; poder-se-ia dizer, jogando um pouco com

¹³¹ Há aqui um rompimento com a linearidade como em Benjamin.

¹³² Há aqui uma valorização do documento como fonte de trabalho e elaboração como em Benjamin.

as palavras, que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia; para a descrição intrínseca do monumento”. (FOULCAULT, 1985, p.14)

Foucault enumera quatro consequências dessa mutação:

A primeira consequência é produzir o desmanche da totalização, da linearidade, da cronologia, do progresso e teleologia da razão ou da evolução do pensamento humano. Conduziu à individualização de séries diferentes, que se justapõem, se sucedem, se sobrepõem, se entrecruzam sem que se possa reduzi-las a um esquema linear, a uma consciência que adquire, progride e tem memória.

A segunda consequência é que a noção de descontinuidade toma um lugar fundamental na análise histórica e não mais, como na forma clássica, aquilo que era ao mesmo tempo, o dado e o impensável; o que se oferecia sob a capa dos acontecimentos dispersos e que devia ser, pela análise, contornado, reduzido, apagado para que aparecesse a continuidade dos acontecimentos. A descontinuidade era o estigma da dispersão temporal que o historiador se encarregava de suprimir da história. Ela se tornou agora um dos elementos fundamentais da análise histórica, em um triplo papel: constitui de início uma operação deliberada do historiador, pois ele deve distinguir os níveis possíveis de análise, os métodos que são próprios a cada um, as periodizações que lhe convém. Ela é também resultado da sua descrição, pois ele empreende descobrir os limites de um processo, o ponto de inflexão de uma curva, a inversão de um movimento regulador, os limites de uma oscilação, o limiar de um funcionamento, o instante de funcionamento irregular de uma causalidade circular. Ela é enfim, o conceito que o trabalho não deixa de especificar. Noção paradoxal esta de descontinuidade que é ao mesmo tempo instrumento e objeto de pesquisa, delimita o campo de que é o efeito, permite individualizar os domínios, mas só pode estabelecer isto por comparação. “Um dos traços mais essenciais da história nova é este

deslocamento do descontínuo; sua passagem do obstáculo à prática, sua integração no discurso do historiador no qual não desempenha mais o papel de uma fatalidade exterior que é preciso reduzir, e sim, de um conceito operatório que se utiliza; ele não é mais o negativo da leitura histórica, mas o elemento positivo que determina seu objeto e valida sua análise”. (FOULCAULT, 1985, p.17)

A terceira consequência, é que o tema e a possibilidade de uma história global - que procura reconstituir a forma de conjunto de uma civilização, o princípio -material ou espiritual - de uma sociedade, a significação comum a todos os fenômenos de um período, a lei que explica sua coesão, o que se poderia chamar metaforicamente o rosto de uma época - começam a se apagar e vê-se esboçar o desenho muito diferente do que se poderia chamar uma historia geral. Sua tarefa se dá “através do problema de determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre estas diferentes séries, que sistema vertical elas são suscetíveis de formar, qual é de umas para as outras o jogo das correlações e dominâncias de que efeitos podem ser os deslocamentos, as temporalidades diferentes, as diversas permanências; em que conjuntos distintos certos elementos podem figurar simultaneamente; em resumo, não somente que series, mas que series de series, que quadros é possível constituir. Uma descrição global cinge todos os fenômenos em torno de um centro único. Uma historia geral, ao contrário desdobraria o espaço de uma dispersão”. (FOULCAULT, 1985, p.14)

A quarta consequência é que a historia nova reencontra um certo número de problemas metodológicos que a caracteriza: a constituição de *corpus* coerentes e homogêneos de documentos, o estabelecimento de um princípio de escolha, a definição do nível de análise e dos elementos que lhe são pertinentes, a especificação de um método de análise, a delimitação dos conjuntos e subconjuntos que articulam o material estudado, a

determinação das relações que permitem caracterizar um conjunto, problemas que fazem parte agora do campo metodológico da história.

Esta mutação epistemológica da história caminha do hábito de procurar as origens e os antecedentes reconstituindo tradições e curvas evolutivas a uma projeção teleológica para o pensamento da diferença que descreve afastamentos e dispersões e dissocia a forma tranquilizadora do idêntico. Foucault dirá que é como se desses conceitos de limiares, mutações, sistemas independentes, séries limitadas, tivéssemos dificuldade em fazer teoria, em tirar as conseqüências gerais e mesmo em derivar todas as implicações possíveis. *“É como se tivéssemos medo de pensar o Outro no tempo de nosso próprio pensamento”*. (FOUCAULT, 1985, p.20)

A razão disso é que a história do pensamento, correlato indispensável À função fundadora do sujeito, não é mais o abrigo privilegiado para o pensamento. A consciência humana não é mais o sujeito originário de todo o devir e de toda prática. O uso ideológico da história assegurava que ela é viva e contínua, o lugar do repouso, da certeza, da reconciliação.

Foucault dirá que a arqueologia do saber fala do discurso para fazer aparecer, na espessura das performances verbais, a diversidade dos níveis possíveis de análise, para mostrar que, ao lado dos métodos de estruturação lingüística ou dos da interpretação, podia-se estabelecer uma descrição específica dos enunciados, de sua formulação e das regularidades próprias do discurso. O avanço do pensamento arqueológico é libertar a história do pensamento, de sua sujeição transcendental: descontinuidade, dispersão, anonimato e abertura temporal. Tratava-se de despojá-la de todo um narcisismo transcendental, libertá-la do ciclo da origem perdida e reencontrada em que estava presa, de

mostrar que a história do pensamento não podia ter o papel revelador do momento transcendental.

Discurso arqueológico é discurso sobre discursos: mas não pretende encontrar neles, uma lei oculta, uma origem recoberta que ele não teria mais que libertar. Trata-se de desenvolver uma dispersão que nunca se pode conduzir a um sistema único de diferenças, uma dispersão que não se relaciona a eixos absolutos de referência; trata-se de operar um descentramento que não permite privilégio a nenhum centro.

Tal discurso não tem por papel dissipar o esquecimento, reencontrar, no mais profundo das coisas ditas, e onde elas se calam, o momento de seu nascimento (quer se trate de sua criação empírica ou do ato transcendental que lhes dá origem); não tenta ser recolhimento do imaginário ou lembrança da verdade. Tem, pelo contrário, que fazer as diferenças: constituí-las como objeto, analisá-las e definir o conceito de tais diferenças. Opera sem cessar as diferenciações, é diagnóstico.

A arqueologia designa somente uma das linhas de ataque para a análise das performances verbais: especificação de um nível; o do enunciado e do arquivo; determinação e esclarecimento de um domínio: as regularidades enunciativas, as positivities; emprego de conceitos como os de regra de formação, de derivação arqueológica, de *a priori* histórico. se a As descrições arqueológicas, em seu desenrolar e os campos que percorrem, articulam-se com outras disciplinas: procurando definir, fora de qualquer referência a uma subjetividade psicológica ou constituinte, as diferentes posições de sujeito que podem implicar os enunciados, a arqueologia cruza uma questão que é feita hoje pela psicanálise; tentando fazer aparecer as regras de formação dos conceitos, os modos de sucessão, de encadeamento e de coexistência dos enunciados, ela reencontra o problema das estruturas epistemológicas; estudando a formação dos objetos, os campos nos

quais emergem e se especificam, estudando também as condições de apropriação dos discursos, reencontra a análise das formações sociais. Finalmente, a arqueologia como análise das regras próprias às diferentes práticas discursivas encontrará o que se poderia chamar a sua teoria envolvente.

Trata-se de fazer surgir um domínio específico para a arqueologia, situada entre tantos outros discursos já constituídos, que tem suas condições de formação no arquivo, nas formações discursivas, nas positivities dos enunciados. A arqueologia representa o papel de um instrumento que permite articular de maneira menos imprecisa do que no passado, a análise das formações sociais e as descrições epistemológicas; ou que permite ligar uma análise das posições do sujeito a uma teoria da história das ciências; ou que permite situar o lugar de entrecruzamento entre uma teoria geral da produção e uma análise gerativa dos conceitos. A arqueologia é o nome dado a uma certa parte da conjuntura teórica de hoje.

As positivities que Foucault tentou estabelecer não devem ser compreendidas como um conjunto de determinações que se impõem do exterior ao pensamento dos indivíduos ou moram no seu interior e como que antecipadamente. Trata-se de fazer aparecer as práticas discursivas em sua complexidade e em sua espessura; mostrar que falar é fazer alguma coisa – diferente de exprimir o que se pensa, traduzir o que se sabe, algo diferente também de empregar as estruturas de uma língua; mostrar que somar um enunciado a uma série pré-existente de enunciados é fazer um gesto complicado e custoso, que implica em condições e que comporta regras. Uma “mudança na ordem do discurso, não supõe idéias novas, um pouco de invenção e criatividade, uma mentalidade diferente, mas transformações em uma prática, eventualmente nas que estão próximas a ele e em sua articulação comum”. (FOUCAULT, 1985, p.14) Foucault retirou o direito exclusivo e instantâneo à soberania do sujeito, sem negar a possibilidade de mudar o discurso. É árido

tratar os discursos, não a partir da doce, muda e íntima consciência que aí se exprime, mas de um obscuro conjunto de regras anônimas.

APÊNDICE B

ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM: FREUD, SAUSSURRE, JAKOBSON E LACAN

Sigmund Freud e o estudo das afasias

A noção de aparelho sustenta toda a obra de Freud. Mas ele não aparece inicialmente como aparelho psíquico, mas como aparelho de linguagem, num texto que ele não considera como um texto psicanalítico, embora *a posteriori* seja possível tira-lo do campo da neurologia, onde foi inscrito inicialmente, e liga-lo estrategicamente ao campo psicanalítico, à possibilidade epistemológica da descoberta do inconsciente. É no texto de 1891. *Para uma concepção das afasias: um estudo crítico* (FREUD, 1977), que ele inicia sua formulação de um aparelho de linguagem. Ele passa em revista de maneira crítica, o conjunto da questão neurológica das afasias. Segundo Garcia Rosa (GARCIA-ROSA, 1991), é um texto surpreendente, no qual o aparelho de linguagem produzido por Freud transborda seus próprios limites para se constituir no primeiro modelo de aparelho anímico. No entanto permaneceu desconhecido e ignorado tanto pela Neurologia como pela Psicologia científica. Nele aparece a importante idéia de escritura psíquica que ressurgirá na carta 52 a W. Fliess, de 1896, texto que fará a passagem das *Afasias* e do *Projeto* para *A Interpretação dos sonhos*, texto inaugural da Psicanálise. Até então, o pensamento neurológico ao longo do séc. XIX buscava a localização cerebral das faculdades cerebrais, ponto por ponto, através de provas anatomopatológicas. Se Bouillard anunciou a localização da faculdade da linguagem articulada propondo os lobos anteriores como sua sede, em 1861, Broca definiu a correlação precisa das perturbações da linguagem com uma região do cérebro, descoberta completada por Wernicke em 1874 (as afasias de Broca e Wernicke são até hoje entidades

neurológicas). Para ele, “As grandes regiões do espírito correspondem às grandes regiões do cérebro”. Freud refuta a idéia de uma localização fragmentada da função da linguagem em proveito de uma localização global e articulada do aparelho de linguagem. Freud rejeitará as hipóteses segundo as quais o aparelho de linguagem é constituído de centros distintos, separados por regiões corticais sem função. Ele expõe a concepção segundo a qual a região cortical da linguagem é uma área contínua do córtex, em cujo interior se efetuam, com uma complexidade que desafia a compreensão, as associações sobre as quais repousam as funções da linguagem. A região da linguagem é uma área contínua, mas não deixa de ser articulada e diferenciada, mas em função de suas bordas e limites. Freud falará de centros que são na verdade encruzilhadas, nós, com os quais a função da linguagem estabelece relação com a função da visão, da audição e da motricidade.

A noção de aparelho de linguagem introduzida por Freud maracá que a linguagem é um efeito do funcionamento deste aparelho e não o aparelho um instrumento da linguagem. O fato deste aparelho dizer respeito à linguagem fará com que ele sirva de modelo para pensar o inconsciente, transforma-o no primeiro aparelho anímico. O que está em causa aqui é a idéia de que uma representação seja o efeito mecânico da estimulação periférica, a idéia de que o processo psicológico seja um epifenômeno ou uma duplicação mecânica do processo fisiológico. Aparece um aparelho funcionando em termos de processos. O próprio aparelho é unitário e indivisível. Ao texto psíquico corresponde como correlato, um texto fisiológico que lhe serve de suporte. Existe não uma relação de causalidade, mas um paralelismo entre o processo fisiológico sensorial, o processo nervoso no nível cortical e o processo psicológico que é o registro próprio da representação. (GARCIA-ROSA, 1991)

Freud homenageia Hughlings Jackson, que já denunciara, em 1879, a idéia do psicológico como um simples efeito mecânico do fisiológico além de apontar que o aparelho

de linguagem apresenta diferentes níveis funcionais sob diferentes condições patológicas. A partir dele, Freud entende a representação como a diferença entre duas séries de associações. Esta citação que Freud faz de Jackson é importante, pois Spielrein, em 1923, em seu texto sobre afasia, também se utilizará dos conceitos de Jackson para chegar a sua concepção psicanalítica da afasia e sua relação com o pensamento da criança e do subconsciente. Ela aparentemente não conhecia o texto de Freud e chega a muitas conclusões similares às dele.

Outro ponto importante que fará ponte do texto de Freud com o texto de Spielrein e com as concepções de Piaget sobre linguagem e pensamento é a colocação freudiana de que o aparelho de linguagem não está pronto desde o nascimento, mas que é algo que se constrói pela aprendizagem, numa relação com o outro, numa relação com outro aparelho de linguagem, que nos introduz no registro da troca simbólica. O aparelho de linguagem e a própria linguagem não tem por objetivo um saber sobre o mundo, mas um tornar possível articular com um outro, saberes que se constituem na e pela linguagem. “A aquisição da linguagem e, portanto, a construção do aparelho de linguagem se fazem por uma aprendizagem que integra o motor e o sensorial numa unidade indivisível. Essa aprendizagem Freud nos descreve em termos de etapas neurológicas de formação do aparelho de linguagem, e o ponto de partida da sua análise é a representação-palavra.” (GARCIA-ROSA, 1991)

Reencontraremos esta mesma idéia de nós na descrição do modo de trabalho psíquico do sonho, pelo deslocamento e pela condensação. O que é interessante deste texto é como ele antecipa em vinte e quatro anos a noção de representação de coisa e representação de palavra que só estariam conceituadas como tais, pela primeira vez, no texto *O inconsciente* (FREUD, 1973D) Neste texto, o recalque atuaria separando uma da outra. Até então, o recalque era colocado como separando o afeto da representação. Garcia-Roza esclarece que o que Freud

chama de representação-objeto no texto de 1891, corresponde a representação-coisa em 1915 e o que em 1915 ele chama de representação-objeto, é a articulação da representação-coisa com a representação-palavra.

Mas no texto das afasias, texto considerado pré-psicanalítico, Freud relaciona num esquema a representação de palavra com a representação de coisa. Garcia-Roza ressalta que o que Freud mostra no cap. VI de Afasias é que a ordem da aprendizagem da linguagem e a ordem de entrada em cena das partes do aparelho constituem uma lei de formação do próprio aparelho. A representação de palavra, unidade de base da função de linguagem, é um complexo representativo fechado formado de quatro termos: imagem acústica, imagem visual da letra, imagem motora da escritura e imagem motora de linguagem. A representação de objeto é um conjunto aberto de associações visuais, táteis, acústicas, etc. A representação de palavra está ligada de maneira privilegiada, por sua imagem acústica, à representação de coisa, que por sua vez se liga a ela de maneira privilegiada através de sua imagem visual. Assim, sonoridade verbal e manifestação escópica do objeto se encontram enlaçadas. A estrutura e o funcionamento do aparelho de linguagem resultam dos modos de associação colocados em jogo na relação com um outro aparelho de linguagem. É em termos de vias de associação que Freud vai pensar os modos pelos quais as representações vão se constituir como conteúdos do aparelho de linguagem. Representação e associação não podem ser isoladas uma da outra. A combinatória de processos de associação, Freud a denomina superassociação: uma aquisição nova está ligada à relação que o aparelho estabelece com um outro, fazendo com que a similaridade imposta pelo código se articule com o novo implicado na mensagem. Assim, o aparelho de linguagem é uma construção implicando uma perpétua reconstrução. O que Freud está recusando não é o neurológico, mas o anatômico entendido em termos de localizações elementares. O termo psicológico qualifica seu esquema da

representação da palavra com a ênfase na representação e nas associações das representações. Esta articulação de representações tem um efeito de sentido. O termo representação-objeto não designa o referente ou a coisa, mas seu significado. A significação resulta dos vários registros pelos quais se dá a representação. O aparelho de linguagem tem por função tornar possível a significação e não a representação-objeto. Freud separa os distúrbios de linguagem verificados na clínica em dois grupos: 1) afasia verbal, na qual a perturbação afeta as associações entre os elementos da representação-palavra e 2) afasia simbólica, na qual o que é perturbado é a associação entre a representação-palavra e a representação-objeto. Além disso, denominará de afasia agnósica a perturbação decorrente da agnosia, ou seja, a perturbação decorrente ao reconhecimento dos objetos, e não por um distúrbio de linguagem. Tanto a representação-palavra quanto a representação-objeto são representações e a representação-objeto não se constituiria como signo a não ser por sua ligação com a representação p-palavra. Garcia-Roza dirá que é o significante que é capaz de produzir o novo e é nessa medida que se diz que o significante produz o significado. “Esse foi o caminho pelo qual Lacan, mais de meio século depois, afirmou a autonomia do significante e a razão pela qual ele não fala em signo, mas em significante ou, ainda, em significante puro.” (GARCIA-ROSA, 1991). Nenhum ato de percepção pode escapar ao signo, nenhum se faz com total independência da linguagem.

O que está em jogo é o mal funcionamento do aparelho de linguagem não só nas afasias mas nas parafrasias. Estas eram consideradas, restos de linguagem, algo que se repete como resíduo da inscrição de traços mnêmicos. Afetos perturbadores podem ocasionar estes distúrbios funcionais em pessoas normais. Eles são considerados como um rebaixamento da eficiência do aparelho de associações da linguagem, que decorre não de uma lesão, mas da ação de afetos intensos sobre o aparelho de linguagem, como efeito da imposição de traços

mnêmicos, sem interferência da vontade consciente do sujeito. A parafrasia é um efeito de sujeito, similar a um ato, que faz desse sujeito um efeito de uma clivagem. Os restos de linguagem são efeitos sobredeterminados do funcionamento do aparelho de linguagem, e implicam uma divisão do sujeito que aponta inevitavelmente para o conceito de inconsciente. Garcia-Roza chama a atenção que três anos antes da escritura das *Afásias*, num verbete sobre Histeria para a Enciclopédia Villaret, Freud usará o termo substantivo inconsciente para determinar o lugar da atuação da causa desencadeante da incubação do sintoma histérico.

Há a produção de uma neurologia, inspirada em Hughlings Jackson, que rompe com a dos neurólogos alemães e que é capaz de servir de suporte para a proposta explícita de Freud de construção de um aparelho psíquico. Isso bastava para garantir a fantasia, que Freud definiu, então, como articulação entre o visto e o ouvido. Se Jackson propõe que os restos de linguagem pertencem à linguagem emocional e não à intelectual, Freud investigará o que pode ser a natureza mesma do que poderia ser a fala emocional. Há o reconhecimento de uma certa posição de angústia do sujeito na linguagem. Há dois tipos de restos de linguagem: 1) persistência de palavras que tinham para o sujeito um valor funcional ou emocional elevado e 2) um resto que demanda interpretação. No caso das afásias, Freud proporá que a análise do distúrbio de linguagem leve em conta o momento em que ocorreu a lesão. Cannappele em seu texto *Reaproximando afasia e psicanálise: pressupostos e estudo de um relato autobiográfico* (CANNAPPELE, 2006) dirá que a formação de sintomas na afasia é semelhante à histeria. Histeria e afasia pareciam clínicas dignas de serem compreendidas a partir de princípios teóricos que não eram de naturezas distintas. Poder-se-ia colocar a afasia do lado das neuroses sexuais não portadoras de significação que Freud colocou ao lado das psiconeuroses. No entanto, a clínica das afásias, enquanto realidade

limítrofe do campo do sentido, tocará a psicanálise justamente através do trauma, um estado afetivo causado por aparente situação real de perigo. Nela, o aparelho de linguagem não é somente aquele que adoece, mas também aquele que significa para si mesmo o evento da doença. O aparelho de linguagem enquanto grupo de representações associadas, forma palavras e expressões continuamente as quais, em um momento em que a integridade central – que não coincide com ele – é ameaçada, passa a representar o evento ameaçador. O que está em jogo é um certo funcionamento da linguagem diante de um perigo que, através desse funcionamento, pode formar um pressentimento, uma representação do que não coincide com ela mesma. Não se trata, portanto, de pesquisar o perigo da lesão, mas sim a função da linguagem nessa situação, função de adivinhação. Se o mecanismo de formação do sintoma neurótico sustenta-se na temporalidade do que se faz *a posteriori*, constituindo-se desde esse lugar o efeito de um trauma, na clínica das afasias afins aos traumas cerebrais, o sujeito se constituiria em um sentido traumático dado pelo tempo da adivinhação. A medida do traumático é efeito presente de significação que, em cada um dos casos, está voltado para uma das pontas da temporalidade: no caso da psicose, para o passado e no caso das afasias, para o futuro. A adivinhação que estruturaria o trauma nas lesões físicas implicaria justamente o apagamento da dimensão do vir a ser, do futuro enquanto pergunta em aberto; enquanto que a dinâmica do *a posteriori*, afim ao trauma da castração, deixaria justamente em aberto o vir a ser, o futuro enquanto dúvida.

Na vivência de dano cerebral, o sistema lingüístico pode pressentir um perigo, e tal pressentimento acompanhado de um incremento de excitação faz a linguagem formar palavras que adquirem pela associação a essa associação o caráter de compulsão. Para Freud, o funcionamento da linguagem desdobra-se como forma pela qual as palavras se apresentam e pela escolha das palavras. O incremento da excitação interna diante de um perigo, afim à

angústia, concorda com o funcionamento da linguagem que recoloca o pensamento sob a forma de um dito ou visto que se impõe como alucinação. Na lesão cerebral não se perderia um objeto simbólico, mas a própria possibilidade do simbólico. A perda da capacidade simbólica é a representante capital do perigo para a vida do sujeito trazido pela lesão cerebral e a desorganização da produção da excitação somática geradora das representações psíquicas na vida anímica que ela acarreta.

O autor coloca que, no esquema lacaniano, trata-se aqui da privação, enquanto operação onde o objeto perdido é simbólico. Assim, o perigo das afasias – a perda da capacidade de construção simbólica via representações lingüísticas – é paradigma de toda vivência em que o simbólico ocupa o lugar de objeto perdido. Se o que é perdido na castração é o corpo próprio apenas como lugar de prazer, onde se instala a falta do corpo próprio, o que se perde na privação é o simbólico no real e o corpo é o agente dessa perda. Há um excesso de corpo próprio.

Se a perda simbólica do corpo próprio conduz à cisão de um sujeito que nesse momento não se reconhece mais como idêntico a esse corpo imaginário (castração), a perda real do simbólico conduz à cisão do sujeito que não se reconhece mais como idêntico ao simbólico (privação). Do mesmo modo, se a perda da castração acrescenta ao estranhamento (diante do corpo imaginário) uma suposta identidade (do sujeito como sujeito simbólico), na privação também o estranhamento diante do simbólico em seu reverso constitui a identidade entre o sujeito e o real. Os quadros de afasia encontrados em lesões cerebrais apresentar-se-iam como vivências paradigmáticas da privação, compreendida como situação traumática na qual, por uma ação do corpo próprio, o sujeito perde sua suposta identidade com o simbólico e se reconhece no lugar do real enquanto buraco. Quando isso/simbólico acaba, o sujeito não está perante uma ação do real (tal como quando esse é o agente da castração), desde o lugar

em que ele opera o simbólico, mas sim no lugar mesmo em que opera o real, com o real enquanto o lugar nele em que se dá a perda. (CANAPPELE, 2006, P.20)

O simbólico acaba onde o sujeito, coincidindo com o real, acaba. Quando a privação não se perfaz em morte, algo retorna, enquanto o que persiste fora da coincidência com o real.

Entre um momento vazio de afetos e de palavras, no qual o sujeito a tudo é alheio, e um momento no qual uma certa palavra guarda para um sujeito o lugar de um sofrimento anímico, de um desprazer que estremece e dá medo, há uma oscilação. A palavra obstinada, sob a forma do que se impõe desde um outro, planta-se no sujeito pelas raízes de um afeto que persiste e no lugar onde ela resta, resta também a angústia.”... O sujeito encontra sua augusta morada: estreita, mínima, tomada de empréstimo a um outro, mas mesmo assim, morada” onde ele pode se interrogar sobre “o descaminho louco de um simbólico entregue aos lábios de um outro imaginário. (CANAPPELE, 2006, P.21)

Para Canappele, a afasia poderia nos auxiliar a compreender a precariedade de nosso exílio no simbólico na medida em que exporia de modo paradigmático o retorno do simbólico através do corpo espelhado do imaginário enquanto resto da privação no real. Investigar a especificidade dessa angústia para a psicanálise, é portanto, momento de encontro com os lugares heterogêneos pelos quais desliza seu sujeito e sua palavra e de reflexão sobre como a palavra composta na cena traumática já pode dizer sobre uma permissão ou impedimento de deslocamento entre eles.

Curiosamente, serão outros dois textos “escondidos”, não oficiais, que farão Freud avançar a concepção de aparelho psíquico, em especial, a de um lugar não-material, o inconsciente, que se instala entre a localização cerebral das funções da linguagem e a dimensão simbólica do discurso e da significação. Estes textos foram descobertos *a*

posteriori, publicados em 1950. Trata-se do manuscrito do *Projeto para uma psicologia para neurólogos* (FREUD, 1973q), feito a lápis em 1895, numa viagem de trem na qual Freud estava indo encontrar Fliess e da carta 52 (FREUD, 1973m), que trata da inscrição psíquica e do funcionamento da memória. Ambos os textos estavam na correspondência de Freud a Fliess, adquirida por Marie Bonaparte da sra Fliess e que Freud queria queimar, e só não o fez pela oposição veemente de Anna Freud. Portanto, quando estes textos vieram à tona, já havia ocorrido a revolução da lingüística estrutural, a partir de Saussure e consolidada por Jakobson. A importância destes textos, no arcabouço inicial da psicanálise, podia ser avaliada com justeza. Oficialmente, a noção de inconsciente, o modo de funcionamento do aparelho psíquico tem sua colocação metapsicológica inicial no capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*. (FREUD, 1973l)

O manuscrito do Projeto constituiu a última tentativa de Freud de tentar explicar os processos psíquicos segundo o quadro das ciências naturais. É no quadro de uma neuropsicologia fantástica que Freud tenta dar conta de determinar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais de “modo a torna-los evidentes e incontestáveis”. A intenção é “fornecer uma explicação para a memória”. Como vemos, ele tenta dar conta da complexidade de um funcionamento que já havia se evidenciado no texto sobre as afasias. Trata-se de imaginar um funcionamento que ultrapassa nossa compreensão e um aparelho que possa representa-lo. É pelo fracasso desse projeto neuropsicológico, que se apóia em neurônios-substratos, que foi possível retomar o duplo problema da distinção entre várias localizações psíquicas e a diferenciação dos processos primário e secundário em novos termos, na formalização do aparelho psíquico que foi criada em *A Interpretação dos Sonhos*.

No entanto, antes deste texto inaugural, Freud postula, na carta 52 a Fliess (FREUD, 1973m), a hipótese de que o mecanismo psíquico se constitui por estratificações, ou seja, de que de tempo em tempo o material dos traços mnêmicos existentes, inscrições psíquicas, sofre uma reordenação, segundo novas relações, uma mudança de escrita. Como coloquei anteriormente, a imagem que melhor evoca este processo é a daqueles antigos painéis de chegada e partida de vôos nos aeroportos, onde a cada vôo que entrava no painel, todos os outros mudavam de lugar. Memória e percepção se excluem. A consciência se prende às percepções. Portanto a consciência e a memória se excluem. “A memória não existe numa única versão, mas em várias, depositada em diferentes espécies de signos.” Freud não sabe quantas delas, mas postula pelo menos três. Freud ainda descreve em termos de neurônios: da inscrição inconsciente da percepção, da inconsciência (inscrição organizada segundo relações causais, lembranças conceituais inacessíveis à consciência) e da pré-consciência, ligada às representações de palavra, correspondendo a nosso eu oficial. “Se eu pudesse desenvolver completamente as características psicológicas da percepção e das três inscrições, teria descrito uma nova psicologia”. Esta nova psicologia é o que ele fará no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. Neste livro *princeps* ele examina as leis de formação do sonho como realização disfarçada de um desejo sexual infantil: condensação, deslocamento, condição de figurabilidade e elaboração secundária, trabalham sobre os traços mnêmicos, formando o sonho. A oposição consciente aos conteúdos de desejo infantil os deforma para dar conta de sua insistência em se expressar e ao mesmo tempo mantendo a força que os recalca. A partir daí, Freud hipotetiza e deduz um aparelho psíquico responsável pela formação do sonho. Suas instâncias são o inconsciente, pré-consciente e o consciente (sistema percepção-consciência).

Convém fazer aqui uma observação a respeito da sexualidade. Como sabemos, para além do problema das afasias, era a etiologia sexual das neuroses que interessava a Freud desvendar. Até a famosa carta 72 (FREUD, 1973m), Freud acreditava na teoria da sedução de uma criança por um adulto como estando na base das reminiscências não conscientes de que sofriam os neuróticos. Ainda no *Projeto para uma psicologia para neurólogos*, no caso Emma (*Próton Pseudos*, Primeira mentira) ele formula a concepção da ação *a posteriori* de uma sedução por um adulto de uma criança, cena esta sexual, mas que permaneceria como não sexual até que o aparelho sexual encontrasse sua maturação na puberdade, quando então a cena seria ressignificada como sexual e haveria, então, a ação do recalque, produzindo o sofrimento neurótico. Por várias razões, Freud dirá a Fliess nesta carta que já não acredita mais na sua teoria etiológica das neuroses. Nesta carta dirá que a sua teoria sobre os sonhos continua intacta, ou seja, a sua concepção sobre o funcionamento psíquico não mudou. Mas será na carta 75 (FREUD, 1973m), que ele dirá o seu *Eureka*. É quando produzirá uma espécie de esboço do que será o seu livro *Três ensaios para uma teoria sexual* (FREUD, 1973u). Será toda a sexualidade infantil que será postulada, o valor etiológico da fantasia sexual infantil. As crianças não serão mais anjos assexuados sobre as quais recai a sexualidade dos adultos, mas elas têm sua própria sexualidade perversa polimorfa, calcada nas vivências autoeróticas com as zonas erógenas. O recalque se dá então sobre estas vivências prazerosas infantis, já que a lembrança delas fede a atualidade e incita recalcar-las. Há, portanto, uma relação de causalidade *a posteriori* entre o aparelho psíquico e o aparelho sexual. A etiologia sexual das neuroses é determinada pela ação *a posteriori* das experiências sexuais infantis que deixam traços psíquicos, traços de memória.

Ferdinand de Saussure e o curso de lingüística geral

Nascido em Genebra, em 1957, Ferdinand de Saussure faz os seus primeiros estudos no colégio de Hafwyl, perto de Berna. Em 1870, entra para o Instituto Marline, onde complementa os conhecimentos que já detinha de francês, inglês e alemão com o estudo da língua grega. Em 1872, termina um manuscrito intitulado *Essai sur les langues*. Dois anos depois, começa a estudar o sânscrito. Oriundo de uma família com elevada cultura científica, inicia os seus estudos universitários na área das ciências exatas, em 1875. Porém, após dois semestres, abandona esta área, prosseguindo estudos lingüísticos em Leipzig, Berlim e Paris. Em 1877, antes de perfazer vinte anos de idade, já Saussure criava notoriedade apresentando à *Société de Linguistique de Paris* uma memória sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias. Aos vinte e dois anos de idade, apresenta, em Leipzig, como tese de doutoramento, um estudo sobre o emprego do genitivo absoluto em sânscrito. Inicia, então, a carreira de professor universitário, lecionando primeiramente a cadeira de Gramática Comparada na Escola de Altos Estudos de Paris (1881-1891) e, posteriormente, na Universidade de Genebra, as cadeiras de Lingüística Indo-europeia e Sânscrito (1891-1906) e Lingüística (1906-1912). Insatisfeito com explicações lingüísticas parciais tenta, durante largos anos, estabelecer princípios metodológicos coerentes, considerando-os, no entanto, sempre prematuros, razão pela qual nunca os comunica oficialmente. Em 1915, dois anos após a morte de Saussure, os seus discípulos Charles Bally e Albert Séchehayé publicam um apanhado de três cursos que este havia ministrado no âmbito da cadeira de Linguística, atribuindo-lhe o título "Cours de Linguistique Générale".

Com Saussure, nasce a lingüística e a semiologia modernas, enquanto campo de saber científico. Sua obra é um ponto central de origem do estruturalismo, uma vez que foi influência marcante e decisiva para Roman Jakobson e Claude Lévi-Strauss.

Alguns conceitos principais construídos na investigação de Saussure

O *Cours de lingüistique* (SAUSSURRE, 2002) concebia a linguagem como um sistema de significação, vendo seus elementos de uma forma relacional. Saussure distingue sua abordagem "científica" ou sincrônica do estudo diacrônico, histórico, das línguas, então dominante, ao fazer uma distinção entre *la parole* (a fala real ou os eventos de fala) e *la langue* (o sistema formal de linguagem que governa os eventos de fala). Saussure estava interessado na função dos elementos lingüísticos e não em sua causa. Por exemplo, ele definia a "palavra" como um "signo", formado por conceito e som - o significado e o significante. Nenhum deles causa o outro; em vez disso, eles estão funcionalmente relacionados: um depende do outro. A identidade é definida de forma relacional, puramente como uma função das diferenças no interior do sistema. A relação entre significado e significante é inteiramente arbitrária. Saussure fala da "natureza arbitrária do signo". Não existe nada no mundo que faça com que um som seja associado com um conceito particular, o que é demonstrado pelo fato de que diferentes línguas têm diferentes significantes para o mesmo significado (ou conceito). Uma das características que distingue a lingüística de Saussure, constituindo um avanço em relação à gramática comparativa da época, é sua ênfase na autonomia do sistema, visto como um todo que compreende e organiza elementos fônicos e semânticos não diretamente acessíveis à experiência sensorial. A concepção estruturalista de linguagem desenvolvida por Saussure não trata simplesmente do fato de que a língua é um sistema de elementos que são inteiramente definidos por suas mútuas relações

no interior do sistema, embora isso seja verdade, mas do fato de que o sistema lingüístico é constituído por diferentes níveis de estrutura; em cada nível, se podem identificar elementos que contrastam e se combinam com outros elementos para formar unidades de nível superior, mas os princípios estruturais em cada nível são fundamentalmente os mesmos.

Parte do legado saussureano consiste no fato de que, como o pai da lingüística moderna, Saussure estabeleceu uma ciência geral dos signos, dando ao estudo da linguagem, considerada como um sistema de signos, uma firme base metodológica e promovendo a semiologia - como disse ele, o "estudo da vida dos signos na sociedade" - a uma posição central nas ciências humanas. Foram, entretanto, Roman Jakobson e o vínculo que ele criou entre, de um lado, a lingüística e a Genebra de Saussure e, de outro, o formalismo que florescia em Moscou, que se mostraram os fatores decisivos para tornar as visões de Saussure mais amplamente conhecidas, fazendo nascer o estruturalismo do século XX.

A Língua e a fala

O conceito universal e objetivo de “língua” como sistema de comunicação, constituído por signos social e historicamente determinado, é, como se disse, um resultado bastante recente da ciência lingüística, que só na época moderna elaborou teorias e métodos capazes de assumir como objeto das suas análises os dados lingüísticos (escritos e falados) definíveis empiricamente.

Com Saussure, se dá o nascimento da Linguística e da semiologia modernas. É ele mesmo que aponta este nascimento ao fazer um breve apanhado da história da lingüística, nas notas de um estudante do terceiro curso de conferências em Lingüística Geral (1910-1911), em 28 de outubro de 1910, que se constituirá na introdução.

Para ele, essa ciência emergiu através de três fases distintas, ou três aproximações sucessivas adotadas por aqueles que tomaram uma língua como objeto de estudo. Só depois

surge a lingüística ciente de seu objeto. A primeira, inventada pelos gregos e tomada pelos franceses tem uma visão lógico-filosófica da língua. A segunda é o grande movimento da filologia clássica, que introduziu um novo princípio, o método de exame crítico dos textos. Os estudos da linguagem não estavam mais direcionados apenas para a gramática tradicional. Se o espírito era outro, ainda não era o da lingüística. Ele também não é evidente na terceira fase que descobriu que as línguas podiam ser comparadas umas às outras, encontrando um laço de relação mesmo entre as separadas geograficamente por longas distâncias. Há também grandes famílias de línguas, em especial a família indo-européia. Mas a perspectiva aqui é puramente comparativa.

A gramática comparativa foi englobada pela lingüística numa nova perspectiva pelo estudo das línguas românicas e germânicas, que exigiram uma perspectiva histórica. Que revelou como os fatos eram conectados. Assim, a influência dos estudos românicos foi muito salutar. Um estudo científico não se prenderá apenas à língua escrita, mas terá como objeto todo o tipo de variedade da linguagem humana. Não selecionará um período pelo renome dos autores ou pelo brilho literário. Prestará atenção em qualquer língua, *expert* ou não, educada e popular. A lingüística lida com a linguagem de qualquer período e em qualquer forma que assume. A tarefa do estudo científico das línguas será, se possível, traçar a história de todas as línguas conhecidas, o que só é possível numa extensão limitada e para poucas línguas. A partir daí, aparece o traçado da história das famílias de línguas, quando for relevante. Será necessário derivar da história de todas as línguas leis da maior generalidade. A lingüística terá que reconhecer leis operando universalmente na língua de maneira estritamente racional, separando os fenômenos gerais de um ramo da língua do outro.

É importante não confundir a linguagem com a língua. A primeira é multiforme e heteróclita; funcionando em vários campos, ela é ao mesmo tempo física e psíquica,

individual e social: não pertence a nenhuma categoria específica dos fatos humanos e não pode ser objeto de uma única disciplina. Na sua globalidade, a linguagem também não é classificável entre os fatos humanos, é incognoscível porque não é homogênea. Para Saussure, a linguagem é uma faculdade humana que torna possível a produção social de sistemas de signos que servem para comunicar: as línguas. O sistema lingüístico é um fenômeno social que deve ser estudado na sua estrutura, abstraíndo todas as relações históricas. A fala, como ato individual de utilização da língua num contexto particular, não é o objeto da lingüística.

“A língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, a fala precede sempre. Como seríamos capazes de associar uma idéia a uma imagem verbal se antes não tivéssemos surpreendido uma associação num ato de fala? **Por outro lado, é ouvindo os outros que aprendemos a nossa língua materna; ela só se instala no nosso cérebro após inúmeras experiências.** Por último, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvirmos os outros que modificam os nossos hábitos lingüísticos. Há, portanto, interdependência da língua e da fala; aquela é, ao mesmo tempo, o instrumento e o produto desta. Mas tudo isto não as impede de serem duas coisas absolutamente diferentes.” (SAUSSURE, 2002,p. 48-49)

Signo, significado e significante

No capítulo IV do Curso de Lingüística Geral, Saussure aborda o valor lingüístico. A língua é um sistema de valores puros; no seu funcionamento entram em jogo as idéias e os sons, mas tanto o pensamento como a substância fônica, são massas amorfas, indistintas, indeterminadas, e é a língua que introduz subdivisões contíguas nestes dois planos, colocando-se como intermediária entre som e pensamento, de modo que desta união derivam

delimitações recíprocas de unidades. A língua é o domínio das articulações, e em cada *articulus* ou pequeno membro fixa-se uma idéia num som, e o som torna-se o sinal de uma idéia. O som e o pensamento são como as duas faces de uma folha de papel: não se pode recortar figuras numa sem recorta-las também na outra. A sua combinação produz uma forma e não uma substância.

“Chamamos signo à combinação do conceito e da imagem acústica. Propomos manter a palavra signo para designar o total e substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante.”(SAUSSURE, 2002, p.123-124)

É importante perceber que a partir da arbitrariedade do signo, cada significação e cada fonia, em cada ato de palavra são realidades individuais irrepetíveis. Só podemos identificar duas repetições de um mesmo signo pela noção de valor. Os valores das fonias são os significantes e os valores das significações são os significados. Significantes e significados são arbitrários na medida em que não são determinados por fonias e significações, mas pela relação entre elas, e enquanto tais constituem um sistema. Tal sistema é uma forma abstrata: encontra-se justamente no plano da língua e não no dos atos de fala em particular e concretos. A língua é, portanto, um sistema formal de valores e a fala, manifestação fônico-acústica e psicológica.

Sincronia e Diacronia

Saussure dividiu em duas vertentes o estudo da linguagem: a sincrônica, que se limita a examinar uma linguagem particular num determinado período da sua existência (por exemplo, o português atual) e a diacrônica, que aborda o estudo histórico do desenvolvimento da linguagem (por exemplo, a evolução do português medieval até aos nossos dias).

“Na prática, um estudo da língua não é um ponto, mas um espaço de tempo, mais ou menos longo, durante o qual a quantidade de modificações ocorridas é mínima. Pode ser dez anos, uma geração, um século, mesmo mais. Por vezes, uma língua evolui lentamente durante um longo intervalo e, em seguida, sofre transformações consideráveis em poucos anos. De duas línguas coexistentes num mesmo período, uma pode evoluir muito e outra quase nada; no segundo caso, o estudo será necessariamente sincrônico, no outro diacrônico.” (SAUSSURE, 2002, 174)

Sintagma e associação

No capítulo V, Saussure explicará que num estado de língua tudo se fundamenta em relações. As relações e as diferenças entre termos lingüísticos desenvolvem-se em duas esferas diferentes. Por um lado, no discurso, as unidades contraem entre si, em virtude do seu encadeamento, relações que se baseiam no carácter linear da língua: elas dispõem-se uma após outra na cadeia da fala. Estas combinações de unidades consecutivas são os sintagmas. Fora do discurso, as unidades que tem algo em comum associam-se na memória, formando grupos no interior dos quais se exercem relações de outro tipo, não sintagmáticas (em presença), mas associativas (em ausência). A frase é o sintagma por excelência. Pertence à fala e não à língua. Mas as expressões idiomáticas, frases feitas, construídas segundo modelos regulares, que correspondem a tipos gerais que têm seu fundamento na língua, sob a forma de vestígios concretos, pertencem à língua. Na verdade, no domínio do sintagma não existe um domínio nítido entre fatos da língua, característicos do uso coletivo e fatos da fala que, pelo contrário, dependem da liberdade individual.

A língua é forçosamente social; a linguagem pode ser individual, é qualquer coisa de abstrato. Na parte executiva, o indivíduo é o padrão, já que a execução nunca será feita pela massa, é a fala individual. Mas nos diferentes indivíduos há uma parte receptiva e

coordenativa que forma um depósito idêntico em todos eles. Para Saussure, se pudéssemos examinar o depósito das imagens verbais de um indivíduo, conservadas e dispostas numa certa ordem e classificação, veríamos o vínculo social que constitui a língua. Esta parte social é puramente mental, psíquica. A língua é um produto social. Cada indivíduo possui em si este produto social que é a língua. Aqui, Saussure fala de algo que será muito caro a sua apropriação por Lacan para a psicanálise, Algo que é a base para o conceito de Outro enquanto tesouro significante. Saussure dirá que a língua é o tesouro depositado no nosso cérebro, completo na massa, mais ou menos completo no indivíduo.

Parte do legado saussureano consiste no fato de que, como o pai da lingüística moderna, Saussure estabeleceu uma ciência geral dos signos, dando ao estudo da linguagem, considerada como um sistema de signos, uma firme base metodológica e promovendo a semiologia - como disse ele, o "estudo da vida dos signos na sociedade" - a uma posição central nas ciências humanas. Foram, entretanto, Roman Jakobson e o vínculo que ele criou entre, de um lado, a lingüística e a Genebra de Saussure e, de outro, o formalismo que florescia em Moscou, que se mostraram os fatores decisivos para tornar as visões de Saussure mais amplamente conhecidas, fazendo nascer o estruturalismo do século XX.

Roman Jakobson e o estudo das afasias¹³³

Nascido em Moscou em 11 de outubro de 1896, onde quer que este lingüista tenha vivido ele foi um líder fundador. Roman Jakobson é uma figura central no desenvolvimento histórico da lingüística estrutural. Em 1914, Jakobson inscreveu-se no Departamento de Eslavística da Universidade de Moscou onde lingüística era disciplina básica. Os estudos de literatura abrangiam não só as manifestações da escrita, mas também a poesia oral e o folclore. Movido pela mesma paixão, tanto para o estudo da poesia oral como para o conhecimento da poesia experimental da nova geração da poesia simbolista, Jakobson amadureceu a idéia dos estudos interdisciplinares entre lingüística e poética. Os sons da língua eram um enigma a ser decifrado. É no caminho aberto pelos artistas de vanguarda que Jakobson começa a formar suas idéias teóricas. Data desse mesmo ano, o primeiro ensaio de Jakobson: uma carta aberta ao poeta V. Khliébnikov apreciando as ousadas experiências de jogos verbais e fonéticos de sua poesia. Dois anos mais tarde, Jakobson realiza uma experiência com a poesia *zaum*, explorando a relação som e sentido na linguagem. O conceito de fonema que seria formulado mais tarde nasce no bojo dessas investigações. Em 1915, os estudantes fundam o Círculo Lingüístico de Moscou. O objetivo era dar continuidade às pesquisas e sistematizar as descobertas sobre os problemas lingüísticos da linguagem prática e poética. Um ano depois, os então estudantes Jakobson, Victor B. Chklóvski (1893-1984), Boris Eikhenbaum (1886-1959) entre outros, iniciam alguns

¹³³ Jakobson, R. Lingüística e comunicação, Ed. Cultrix, São Paulo
 _____ Six lectures on Sound and Meaning, site
 Machado Irene, site
 Petres, M. Estruturalismo e pós estruturalismo, site

encontros que definiriam os rumos da Sociedade de Estudos da Linguagem Poética, a *Opoiaz* (*Óbchchestvo po izutchéníu poetítcheskovo iaziká*) na Universidade de Petersburgo. A atividade conjunta de críticos e criadores deu origem ao polêmico movimento chamado Formalismo Russo. Nele, Jakobson participou ativamente, até os trabalhos formalistas caírem no descrédito dos adversários.

Num clima de desagravo e desafeto, em 1920, Jakobson aceita o convite para ensinar na Universidade de Praga onde encontra um ambiente mais propício para continuar suas pesquisas. Dez anos depois, no acirramento das mesmas contradições, o poeta Maiakóvski despede-se da vida. No texto que escreveu sobre o suicídio do poeta e amigo querido, Jakobson exercita sua capacidade de ver concretamente a vida na história e a história na vida.

Os anos formativos de Jakobson foram bastante influenciados pela tradição da Escola Kazan, por Saussure (cujo trabalho foi levado a Moscou por Sergej Karcevskij, em 1917) e pela forte tradição russa das dialéticas hegeliana e pós-hegeliana.

Ao emigrar para Praga, em 1920, foi também um fundador da Escola de Teoria Lingüística de Praga, comumente chamado Círculo Lingüístico de Praga. Ele tinha amplos campos de interesse como fonologia, filologia, literatura e folclore eslávicos, lingüística geral, estética, mitologia comparativa, pintura *avant-garde* – alguns sugerem que a influência mais forte sobre o pensamento de Jakobson foi o agitado movimento artístico do início do século XX, sobretudo as obras literárias e artísticas de Picasso, Braque, Stravinsky, Joyce, Xlebnikov, Le Corbusier - poesia e métrica comparativa. Como visto, ele teve um impacto enorme em muitas áreas de estudo da época. A antropologia social e a psicanálise também fizeram parte delas. Em 1933, Jakobson tornou-se professor de Filologia Russa na Universidade Masarykova, em Brno, na Tchecoslováquia. Em 1939, Jakobson deixa a

Tchecoslováquia fugindo da invasão nazista e da perseguição aos judeus. Refugiou-se na Escandinávia e participa do Círculo Lingüístico de Copenhague, onde continua insistindo na necessidade de tratar rigorosamente a substância fônica da língua como objeto privilegiado de estudo na teoria fonológica. A ocupação da Noruega pelos nazistas impediu a realização do projeto. Na Suécia aproveitou o contato com médicos para estudar os avanços que a fisiologia realizava para desenvolver um estudo iniciado na década de 30: uma análise lingüística da afasia.

Em 1941, Roman decidiu mudar para os Estados Unidos. De 1942 a 1949, ele ensinou na Escola de Pesquisas de Nova York onde ele encontrou Claude Levi Strauss, cujo trabalho teve uma grande influência no seu próprio. Em 1941, ele ensinou na Columbia University, até 1949, onde as Conferências de Som e Sentido foram produzidas. De 1949 a 1967, Jakobson teve a posição de Professor de Linguas eslavas e Lingüística em Harvard. Sua vida terminou em 18 de julho de 1982, em Boston, Massachusetts, quando ele tinha 86 anos.

Jakobson ajudou, em 1926, a fundar o Círculo Lingüístico de Praga, tendo atuado como seu vice-presidente até sua partida da Tchecoslováquia, em 1939. Foi Jakobson que primeiramente cunhou, em 1929, o termo "estruturalismo", para designar uma abordagem estruturo-funcional de investigação científica dos fenômenos, cuja tarefa básica consistiria em revelar as leis internas de um sistema determinado. Jakobson (1973), após o sucesso do Primeiro Congresso Eslavo Internacional de Praga, expressou seu programa nestes termos:

Se tivermos que escolher um termo que sintetize a idéia central da ciência atual, em suas mais variadas manifestações, dificilmente poderemos encontrar uma designação mais apropriada que a de estruturalismo. Qualquer conjunto de fenômenos analisado pela ciência contemporânea é tratado não como um aglomerado mecânico, mas como um todo estrutural,

e sua tarefa básica consiste em revelar as leis internas - sejam elas estáticas, sejam elas dinâmicas - desse sistema. O que parece ser o foco das preocupações científicas não é mais o estímulo exterior, mas as premissas internas do desenvolvimento: a concepção mecânica dos processos cede lugar; agora, à pergunta sobre suas funções.

Jakobson enfatiza que o Círculo Lingüístico de Praga está estreitamente ligado às correntes contemporâneas tanto da Lingüística ocidental quanto da lingüística russa: "as realizações metodológicas da lingüística francesa", a fenomenologia alemã (Husserl) e a pretendida síntese das escolas polonesa (de Courtenay) e russa (Fortunatov).

Com seus colegas da Escola de Praga, Trubetskoy e Karcevskij, Jakobson anunciou, em 1928, sua crítica da posição estruturalista clássica de Ferdinand de Saussure. Enquanto este insistiu que o estudo das relações estruturais dentro e entre línguas, conforme elas existiam num dado tempo (estudo sincrônico) e o estudo de mudanças nos sons e suas relações ao longo do tempo (estudo diacrônico) eram completamente separados e mutuamente exclusivos, a Escola de Praga dizia que **“é a análise estrutural da linguagem no processo de desenvolvimento – a análise da linguagem das crianças e suas leis gerais – e a linguagem no processo de desintegração – linguagem afásica – que nos capacita a jogar luz na seleção de fonemas, nos traços distintivos e suas mútuas relações e chegar mais perto dos principais princípios desta seleção e dessa interdependência de forma a estar em uma posição de estabelecer e explicar as leis universais que estão sob a estrutura fonológica das línguas do mundo”** (Som e Sentido, 1942). É importante observar que Jakobson definiu sua teoria da estrutura da linguagem em contraste com a de Saussure, que ele considerava tanto demasiadamente abstrata quanto demasiadamente estática. Jakobson tratou as formulações dicotômicas (*langue/parole*, sincronia/diacronia) de Saussure de uma forma dialética, insistindo na estreita relação entre forma e significado, em

uma situação de sincronia dinâmica. Jakobson também sustentou que o *insight* chave de Saussure de que sons têm uma relação essencialmente arbitrária com o sentido, este sendo determinado pelas suas relações estruturais com outros sons que diferiam desta ou daquela forma era um exagero.

As três principais idéias em Lingüística desempenharam um papel principal no campo até hoje: Tipologia lingüística, Marcação e Universais lingüísticos. Tipologia é a classificação das línguas em termos de traços gramaticais compartilhados (como opostos à origem compartilhada). Marcação é o estudo de como certas formas de organização gramatical são mais naturais do que outras. Último, mas não menos importante, universais lingüísticos são o estudo das características gerais da língua no mundo.

Foi ao encontrar Jakobson, em Nova York, na New School for Social Science Research, no início dos anos 40, que Lévi-Strauss ficou conhecendo, por seu intermédio, a lingüística estrutural, publicando depois, em 1945, pela primeira vez, um artigo relacionando a lingüística estrutural com a etnologia, na recém-fundada revista de Jakobson, *Word*. Esse artigo se tornou um dos capítulos iniciais do livro *Anthropologie Structurale*, publicado em 1958, livro que era composto de uma coleção de artigos escritos em 1944 e 1957. Nesse livro, Lévi-Strauss reconhece sua dívida para com Saussure e Jakobson e trata de descrever seu método antropológico por meio da noção central de estrutura inconsciente: “Se, como cremos, a atividade inconsciente do espírito consiste em impor formas a um conteúdo, e se as formas são fundamentalmente as mesmas para todos os espíritos, antigo e moderno, primitivo e civilizado [...] é preciso e basta atingir a estrutura inconsciente, subjacente a cada instituição ou a cada costume para obter um princípio de interpretação válido para outras instituições e outros costumes.” Lévi-Strauss sugere que podemos chegar à estrutura inconsciente por meio do emprego do método estrutural desenvolvido pela lingüística

estrutural, argumentando que a fonologia (leia-se "lingüística estrutural") "não pode deixar de desempenhar perante as ciências sociais o mesmo papel renovador que a física nuclear, por exemplo, desempenhou no conjunto das ciências exatas". Ele define o método estrutural de acordo com a declaração programática feita por Nikolai Trubetzkoy (um dos membros da Escola Lingüística de Praga) em sua obra seminal *Princípios de fonologia*: "Em primeiro lugar; a fonologia lingüística estrutural passa do estudo dos fenômenos lingüísticos conscientes para o estudo sua infraestrutura inconsciente; em segundo lugar, ela se recusa a tratar os termos como entidades independentes, tomando, ao contrário, como base de sua análise as relações entre os termos; em terceiro lugar, ela introduz a noção de sistema; finalmente, ela visa à descoberta das leis gerais, quer encontradas por indução, quer deduzidas logicamente." Utilizando esse método, Lévi-Strauss sugere que as ciências sociais devem ser capazes de formular relações necessárias e que "novas perspectivas se abrem", permitindo que o antropólogo estude sistemas de parentesco da mesma forma que o lingüista estuda fonemas: "tal como os fonemas, os termos de parentesco são elementos de significação; tal como os fonemas, eles só adquirem esta significação sob a condição de se integrarem em sistemas". Os sistemas de parentesco, tal como os sistemas fonológicos, "são elaborados pelo espírito no estágio do pensamento inconsciente". Três anos mais tarde, em 1961, em suas conferências inaugurais no Collège de France, Lévi-Strauss reconhecerá publicamente sua dívida para com Saussure e definirá a antropologia como um ramo da semiologia.

Na primeira das conferências de Jakobson sobre som e significado ele fala do confronto direto com "o mistério da idéia encorpada no acontecimento fônico, o mistério da palavra, do símbolo lingüístico, do Logos, um mistério que requer elucidação". Como signo verbal, a palavra tem dois lados, o som, o lado material e o significado ou o lado inteligível

do outro. Toda a palavra ou signo verbal é uma combinação de significante e significado. Como o som representa sua função de veículo do sentido? Qual a relação entre som e significado dentro de uma palavra ou na língua? Trata-se de identificar os elementos fônicos básicos, ou as menores unidades carregando valor significante ou, colocado metaforicamente, é um assunto de identificar o *quanta* da linguagem. Apesar de antecedentes consistentes, é somente nos últimos dois séculos que nossa ciência se devotou realmente energicamente para o estudo detalhado dos sons lingüísticos. Primeiro ele derivou de objetivos práticos, como técnica de canto ou ensino de surdos-mudos. Mas, durante o séc. XIX, surge a ciência que iria lidar com os sons humanos, a fonética. A semântica, o estudo dos significados, permaneceu subdesenvolvida enquanto a fonética fez um rápido progresso e passou a ocupar um lugar central no estudo científico da língua.

Os sons lingüísticos considerados como fenômeno físico externo tem dois aspectos, o motor e o acústico. O objetivo imediato do ato fonatório é o fenômeno acústico, que tem significado social e intersubjetivo. O fenômeno motor, o aparato vocal é meramente um pré-requisito fisiológico do fenômeno acústico. O estudo dos sons lingüísticos foi substituído pela fonética histórica, por uma pesquisa dos protótipos em formas anteriores de cada língua. O inconsciente tem grande importância nas operações lingüísticas. O estudo dos sons lingüísticos no seu aspecto motor puro é só um instrumento auxiliar para a lingüística e é em outra direção que se deve procurar os princípios pelos quais se organiza o acontecimento fônico da linguagem. O caminho vai do ato fonatório ao som e deste para o significado. Não mais o território da fonética, que estuda os sons apenas no seu aspecto motor e acústico e sim o território da fonologia que estuda os sons da linguagem no seu aspecto lingüístico, ou seja, no seu valor como signos verbais.

Na conferência IV, Jakobson começa resumindo o que abordou anteriormente. Os sons da fala só podem ser entendidos, delimitados, classificados e explicados à luz das tarefas que eles desempenham na linguagem. A descrição acústica e auditiva do acontecimento fônico deve estar subordinada à análise estrutural dele. A fonética deve estar a serviço da fonologia que é uma parte integral da lingüística. A tarefa é investigar os sons da fala em relação a significados com os quais estão investidos, i.e., sons vistos como significantes e, sobretudo, jogar luz na estrutura da relação entre sons e significado. Ao analisar uma palavra do ponto de vista do aspecto fônico, nós a decomposmos numa seqüência de unidades distintivas ou fonemas. O fonema, embora seja um elemento a serviço do significado é ele mesmo despossuído de significado. O que o distingue de todos os outros valores lingüísticos e semióticos é que ele tem somente uma carga negativa. Cada signo lingüístico está localizado em dois eixos: o eixo da simultaneidade e o eixo da sucessão. O fonema é a menor entidade lingüística que dispõe destes dois eixos.

Jakobson dirá que a análise do fonema e das qualidades distintivas que são seus constituintes fez com que abandonasse o princípio do caráter linear do significante e reavaliasse o outro princípio, o da arbitrariedade do signo, da teoria de Ferdinand de Saussure. Émile Benveniste, no seu artigo ‘Natureza do signo lingüístico’ disse em oposição a Saussure que a conexão entre significante e significado não é arbitrária, ao contrário, é necessária, pois eles são mutuamente evocativos em todas as circunstâncias, havendo entre o conceito e a imagem acústica uma íntima simbiose, onde a alma da imagem acústica é o conceito.

Jakobson esclarece o que é a relação necessária entre a seqüência de fonemas e o significado. A relação necessária é que entre os dois há uma associação baseada na contigüidade e, portanto, numa relação externa, enquanto a associação baseada na

semelhança (numa relação interna) é somente ocasional. Um fonema isolado não significa nada. A nasalidade ou o fonema *n* não tem significado próprio. A intimidade da conexão entre os sons e o significado de uma palavra faz surgir um desejo dos falantes de adicionar uma relação interna à relação externa, semelhante à continuidade, para complementar o significado por uma imagem rudimentar. Pertencente às leis neuropsicológicas de sinestesia, as oposições fônicas podem elas mesmas evocar relações com sensações musicais, cromáticas, olfativas, táteis, etc. Por exemplo, a oposição entre agudo e grave tem a capacidade de sugerir uma imagem de claro e escuro, de pontudo e redondo, de fino e grosso, leve e pesado, etc. Este ‘simbolismo sonoro’, o valor interior das características distintas, embora latentes, é trazida à vida tão cedo ache uma correspondência no significado de um mundo dado e na nossa atitude emocional ou estética em relação a este mundo e mais ainda em direção a pares de palavras com dois significados opostos.

Na linguagem poética, na qual o signo enquanto tal toma um valor autônomo, este simbolismo sonoro se torna um fator real e cria uma espécie de acompanhamento ao significado. A pesquisa do valor simbólico dos fonemas, cada um tomado como um todo, corre o risco de aumentar interpretações ambíguas e triviais porque os fonemas são entidades complexas, feixes de traços distintivos. Estas últimas são investidas com um caráter puramente apositivo e cada uma destas oposições leva a si mesmo para ação da **sinestesia, o que é demonstrado de maneira a mais evidente na linguagem das crianças.**

Jakobson remete a Whitney, para quem tudo na formação de um signo lingüístico é arbitrário e fortuito, incluindo a seleção de elementos constitutivos. Para Saussure, diz ele, a respeito desta conexão, Whitney vai longe demais quando diz que os órgãos vocais são selecionados ao acaso e que os homens poderiam ter sido capazes tão bem quanto de escolher o gesto e usar imagens visuais ao invés de imagens acústicas. O mestre de Genebra

corretamente objeta que os órgãos vocais forma de certa maneira impostos a nós pela natureza. Mas dizia também que o lingüista americano acertava no ponto essencial de que **a linguagem é uma convenção e que a natureza do signo com a qual se está de acordo não faz diferença**¹³⁴. Discutindo as relações entre lingüística estática e lingüística evolutiva, Saussure e seus discípulos foram tão longe, a ponto de dizer que na ciência da linguagem não há lugar para dados naturais e para afirmar o caráter sempre fortuito de qualquer estado de qualquer linguagem bem como qualquer mudança ocorrida neste estado. O repertório dos elementos distintivos de qualquer linguagem dada só pode ser contingente e quaisquer desses elementos poderiam ser substituídos por outros que, mesmo faltando qualquer similaridade material com os primeiros, fossem investidos com o mesmo valor distintivo. Saussure identifica este estado de coisas com o jogo de xadrez no qual se pode substituir uma peça destruída ou derrubada por outra de tamanho completamente diferente, uma vez que se dê a ela o mesmo papel no jogo. A questão que permanece é se os traços distintivos ou o sortimento dos fonemas em operação são na realidade puramente arbitrários ou se este sortimento, embora obviamente um fenômeno social, não é, como o próprio fato de usar o aparelho vocal, de alguma maneira, imposto a nós pela natureza.

¹³⁴ Belitame (2006) apresenta a ideografia dinâmica de Pierre Levy como uma nova e insinuante tecnologia intelectual apontando para as mudanças que a realidade virtual abre, apregoando a possibilidade de um manejo que possa dispensar a linearidade significativa do alfabeto e estabelecer a possibilidade de comunicações que não necessitem tanto da fala e do alfabeto. Levy diz que até o presente momento, os computadores têm sido para seus usuários o suporte eficaz de antigas tecnologias intelectuais (escritas, alfabéticas, grafismos diversos, signos matemáticos, imagens animadas, etc.) acrescentando-lhes um toque de conforto e interatividade em tempo real. Em vez disso, a ideografia dinâmica funcionaria muito bem como nova tecnologia intelectual, pois, intrinsecamente relacionada à informática, se imbricaria diretamente com o sistema cognitivo de seus usuários. Para ele, esta nova tecnologia informacional estaria mais próxima da escrita chinesa do que da ocidental (que toma por modelo a dupla articulação da linguagem falada) tendo ainda esta ideografia virtual a imensa vantagem de não estar presa a um suporte estático e a um sistema de memória limitado – com a possibilidade de articular diretamente os órgãos dos sentidos à própria significação, traduzindo diretamente “um modelo mental com a mediação da imagem e do movimento”. Segundo o artigo de Belitame, Levy acha que a ideografia dinâmica poderá ser a primeira escrita a adquirir um estatuto equivalente ao de uma língua, já que poderá contar com uma imediatidade sensório-motora.

Jakobson recorda de que ressaltou que os traços distintivos dos fonemas são entidades estritamente apositivas. Segue daí que uma propriedade distintiva nunca permanece sozinha no sistema fonológico. Por causa da natureza lógica das oposições, cada uma destas propriedades implica a coexistência no mesmo sistema da propriedade oposta; longo não existiria sem curto, voz sem mudez, caracter agudo sem caracter grave e vice-versa. A dualidade das oposições não é arbitrária, portanto, mas necessária. As oposições elas mesmas também não ficam sozinhas no sistema fonológico. A existência de uma oposição implica, permite ou perclui a coexistência de tal ou qual outra oposição no mesmo sistema fonológico, da mesma forma que a presença de um traço distintivo particular implica a ausência ou a necessária ou provável presença de tal ou qual outras propriedades distintivas no mesmo fonema. Aqui, de novo, a arbitrariedade tem um escopo muito restrito.

Jakobson conclui dizendo que aparte o estudo tipológico da maior variedade dos sistemas de línguas do mundo, **é a análise estrutural da língua no processo de desenvolvimento – a análise da linguagem das crianças e suas leis gerais e da linguagem no processo de desintegração – linguagem afásica – que nos permite iluminar na seleção de fonemas, os traços distintivos e suas relações mútuas e de nos aproximar dos princípios fundamentais desta seleção e desta interdependência para estar numa posição de estabelecer e explicar as leis universais que subjazem na estrutura fonológica das línguas mundiais.** A investigação sistemática da maneira como recursos fonológicos são usados na construção de formas gramaticais, que foi iniciada pela escola de Baldouin e o Círculo de Praga sob o nome de Morfologia, promete construir uma ponte indispensável entre o estudo do som e do significado, bem como levar em conta a gama de níveis lingüísticos e o que é especificadamente fundamental para cada um deles.

Se desde os anos 30 Jakobson se interessa pela aproximação da linguagem das crianças e das afasias, como meios de atingir o estudo dos principais princípios de funcionamento da linguagem humana, o texto *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* trará as suas principais idéias a respeito da afasia e sua relação com a linguagem. Ao apresentar a afasia como problema lingüístico, diz que “a Lingüística interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos – pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução”(p.34). **Comentando o atraso do estudo das afasias pelos lingüistas, em comparação com o avanço do estudo da linguagem das crianças em vários países, aponta que “os espantosos progressos da Lingüística Estrutural dotaram os pesquisadores de instrumentos e métodos eficazes para o estudo da regressão verbal e, de outro lado, a desintegração afásica das estruturas verbais pode abrir para a Lingüística, perspectivas novas no tocante às leis gerais da linguagem”** (p.35-6). Jakobson dirá que há um nível de fenômenos afásicos em que notável acordo foi alcançado durante os últimos vinte anos entre os psiquiatras e os lingüistas que têm tratado destas questões, a saber, a desintegração do sistema fônico. Aqui é interessante notar que na bibliografia a respeito deste tema, em nota de rodapé, aparecem os trabalhos pioneiros de Marguerite Durand e de Jakobson, ambos em 1939.

É espantoso o título de um artigo seu, de 1942, pela proximidade com o título do artigo de Sabina Spielrein de 1923, que irei comentar logo abaixo. O de Spielrein é *Quaisquer analogias entre o pensamento da criança, o do afásico e o pensamento subconsciente (Einige analogien zwischen dem denken de kindes, dês aphasikers und dem unterbewussten denken)* o de Jakobson *Kindersprache, Aphasie und allgemeine Lautgesetze*. “Essa dissolução apresenta uma ordem temporal de grande regularidade. A regressão afásica se revelou um espelho da aquisição da fala pela criança; ela nos

mostra o desenvolvimento da criança ao inverso”(p.36). A comparação entre a linguagem infantil e a afasia nos permite estabelecer diversas leis de implicação. A pesquisa sobre a ordem das aquisições e das perdas e sobre as leis gerais de implicação não pode ser limitada ao sistema fonológico, mas deve estender-se também ao sistema gramatical (p.36-7).

Ao apresentar o duplo caráter da linguagem, Jakobson dirá que para ser eficiente o ato de fala exige o uso de um código comum por seus participantes. “Pode-se dizer que a concorrência de entidades simultâneas e a concatenação de entidades sucessivas são os dois modos segundo os quais nós, que falamos, combinamos os constituintes lingüísticos” (p.38). Para ele, existe na combinação de unidades lingüísticas, uma escala ascendente de liberdade. Na combinação de traços distintivos em fonemas a liberdade é quase nula, pois o código já estabeleceu todas as possibilidades que podem ser utilizadas na língua em questão. “A liberdade de combinar fonemas em palavras está circunscrita; está limitada à situação marginal de criação de palavras. Ao formar frases com palavras, o que fala sofre menor coação. E, finalmente, na combinação de frases em enunciados, cessa a ação das regras coercivas da sintaxe e a liberdade de qualquer indivíduo para criar novos contextos cresce substancialmente, embora não se deva subestimar o número de enunciados estereotipados” (p.39). Assim, todo signo lingüístico se arranja de duas maneiras: pela combinação (cada agrupamento de unidades lingüísticas se liga a outra unidade que lhe serve de contexto) e pela seleção (cada seleção implica a possibilidade de substituição de um termo por outro). Um signo, então está relacionado com outro conjunto de signos. A interpretação do signo precisa da referência ao código e ao contexto. Uma dada unidade significativa pode ser substituída por outros signos mais explícitos do mesmo código (alternância) por via de que

seu significado geral se revela, ao passo que seu sentido contextual é determinado por sua conexão com outros signos no interior da mesma seqüência (justaposição).

Jakobson passa a falar do distúrbio de similaridade. Distinguem-se dois tipos fundamentais de afasia – conforme a deficiência principal resida na seleção e substituição, enquanto a combinação e a contextura ficam relativamente estáveis; ou, ao contrário, resida na combinação e contextura, com uma retenção relativa das operações de seleção e substituição normais. Para os afásicos do primeiro tipo, o contexto constitui fator indispensável e decisivo e quanto mais seus enunciados dependam do contexto, melhor se verá ele em sua tarefa verbal. Jakobson detalha este distúrbio e cita Freud em seu texto sobre as afasias, quando este diz que um substantivo específico é substituído por outro bem genérico. Assim, somente a estrutura, os elos de conexão da comunicação são poupados nesse tipo de afasia em seu estado crítico. Esses doentes não chegam a passar de um índice ou ícone ao símbolo verbal correspondente. Jakobson explicará ainda a perda de metalinguagem na carência afásica da capacidade de denominar. A interpretação de um signo lingüístico por meio de outros signos da mesma língua, sob certo aspecto homogêneos, é uma operação metalingüística, que desempenha papel essencial na aprendizagem da linguagem pela criança, fazendo com que as conversas sobre a linguagem ocupem um lugar considerável no comportamento verbal das crianças em idade pré-escolar. Um afásico deste tipo não passa de uma palavra a seus sinônimos ou circunvoluções equivalentes nem a seus heterônimos, expressões equivalentes em outras línguas. O afásico considera o discurso do outro uma algaravia, algo enunciado numa língua desconhecida. “Das duas figuras polares de estilo, a metáfora e a metonímia, esta última, baseada na contigüidade, é muito empregada pelos afásicos cujas capacidades de seleção foram afetadas. Tais metonímias podem ser caracterizadas como projeções da linha de um contexto habitual sobre a linha de

substituição e seleção” (p.49). Jakobson conclui este primeiro tipo de afasia, dizendo que quando a capacidade de seleção é fortemente afetada e o poder de combinação pelo menos parcialmente preservado, a continuidade determina todo o comportamento verbal do doente e pode-se designar este tipo de afasia como distúrbio da similaridade.

O outro tipo de afasia é onde aparece a deficiência quanto ao contexto. É chamada de afasia por distúrbio de contigüidade, onde a extensão e a variedade das frases diminuem. Nela ocorre o agramatismo, isto é, a perda das regras que organizam as palavras em unidades mais altas, fazendo com que uma frase se degenere num monte de palavras, em ordem caótica, com dissolução dos vínculos de coordenação e subordinação gramatical, quer de concordância, quer de regência. O estilo telegráfico surge pelo desaparecimento das preposições, pronomes e artigos, palavras dotadas de funções gramaticais. O sujeito, palavra-núcleo, é o primeiro a desaparecer da frase no caso de distúrbios da similaridade e, inversamente, o menos destrutível no tipo oposto de afasia. Sobrevivem as pueris frases estereotipadas, frases “feitas”. “Na linguagem normal, a palavra é ao mesmo tempo parte integrante de um contexto superior, a frase, e por si mesma um contexto de constituintes menores, os morfemas (unidades mínimas dotadas de significação) e os fonemas” (p.53). No agramatismo, há efeitos da desordem da contigüidade na combinação de palavras em unidades superiores e na relação da palavra com seus constituintes, por exemplo, a abolição da flexão, o uso do infinitivo, o uso do pronome nominativo no lugar do oblíquo, etc. Na afasia atáxica, a palavra é a única realidade lingüística preservada, o paciente guarda somente uma imagem integral, indissolúvel das palavras familiares; quanto a todas as demais seqüências fônicas, ou lhe parecem estranhas e inescrutáveis, ou ele as funde com as palavras familiares, desprezando as diferenças fonéticas.

Jakobson concluirá que **a regressão gradativa do sistema fonológico nos afásicos mostra regularmente, sob forma inversa, a ordem das aquisições fonológicas da criança. Essa regressão acarreta uma inflação de homônimos e um empobrecimento do vocabulário.** “Quando esta dupla incapacidade, fonológica e léxica, se acentua ainda mais, os últimos resíduos de fala são enunciados reduzidos a uma só frase, uma só palavra, um só fonema: o paciente recai nas fases iniciais do desenvolvimento lingüístico da criança ou mesmo no estágio pré-lingüístico – é então a afasia universal, a perda total do poder de utilizar ou apreender a fala. A separação das duas funções – uma distintiva e a outra significativa – constitui um aspecto peculiar da linguagem, comparativamente a outros sistemas semióticos. Surge um conflito entre estes dois níveis da linguagem quando a carência do contexto, no afásico, revela uma tendência para abolir a hierarquia das unidades lingüísticas e a reduzir sua gama a um só nível” (p.54-5). O último nível conservado é, ou a classe de valores significativos, a palavra, ou a classe dos valores distintivos, os fonemas. Neste último caso, o paciente ainda é capaz de distinguir identificar e reproduzir os fonemas, mas não tem mais a capacidade de fazer o mesmo com as palavras. De maneira intermediária, as palavras podem ser apreendidas como conhecidas, mas não compreendidas. Em tal caso a palavra perde sua função significativa normal e assume a função puramente distintiva que pertence normalmente ao fonema.

Na última parte de seu texto, Jakobson estenderá as reflexões sobre os dois tipos de distúrbios afásicos para a consideração dos pólos metafóricos e metonímicos constituintes do plano semântico da linguagem. A metáfora é incompatível com o distúrbio de similaridade e a metonímia com o distúrbio da contigüidade. Um discurso que se desenvolve segundo um tema pode levar a outro por similaridade, por um processo metafórico, ou por contigüidade, por um processo metonímico. “No comportamento verbal normal, ambos os processos estão

constantemente em ação, mas uma observação atenta mostra que, sob a influência dos modelos culturais, da personalidade e do estilo verbal, ora um, ora outro processo goza de preferência. Manipulando esses dois tipos de conexão (similaridade e contigüidade) em seus dois aspectos (posicional e semântico) – por seleção, combinação e hierarquização – um indivíduo revela seu estilo pessoal, seus gostos e preferências verbais” (p.56). Ele passa a exemplificar a interação desses dois elementos e a escolha entre eles na poesia e na arte da linguagem em geral, e também na pintura e no cinema. Jakobson termina comparando a metáfora e a metonímia aos processos de condensação e deslocamento na formação dos sonhos, presentes em *A interpretação dos sonhos*, de Freud e com os princípios que comandam os ritos mágicos resumidos por Fraser nos encantamentos baseados na lei da similaridade, a magia simpática homeopática ou imitativa e naqueles baseados na associação por contigüidade, a magia por contágio.

Jacques Lacan e a lingüística

Freud marca muito pouco interesse pelo método da lingüística científica, o que é um enigma da história das ciências, uma vez que a psicanálise e a Lingüística moderna foram criações quase simultâneas. No entanto há nele um interesse muito grande às eventuais propriedades da linguagem, enquanto esclarecem propriedades do inconsciente. Por exemplo, o estudo de Freud sobre os sentidos opostos nas palavras primitivas.

Já Jacques Lacan, por sua parte, proclama um interesse muitíssimo grande pela Lingüística na sua forma pós-saussureana e, mais especialmente, estruturalista. Lacan se interessa somente do fato geral de que a linguagem tem propriedades que foram estabelecidas pela lingüística estruturalista. A sua famosa formulação “ *O inconsciente é estruturado como uma linguagem*”, pode ser interpretada como, admitindo que uma

linguagem tem propriedades de estrutura, e isso é demonstrado pela lingüística, o inconsciente tem as mesma propriedades, pouco importando os procedimentos pelos quais estas propriedades são estabelecidas. O inconsciente estruturado como linguagem é aquele que funciona através da cadeia significante cujas propriedades são a metáfora e a metonímia. Só há cadeia de significantes, só há organização de significantes em cadeia. Assim, não é enquanto ele é uma língua que o Inconsciente conhece a metáfora e a metonímia, mas enquanto ele é estruturado.

Deixo apenas apontados estes elementos, deixando para um outro momento o aprofundamento da articulação original que Lacan fez da lingüística com a psicanálise e com a antropologia, através do estruturalismo comum a elas.

De qualquer forma, o que é muito surpreendente para mim é a percepção de que a origem psicanalítica da linguagem que Spielrein tenta explicitar em dois textos, não apenas faz a ligação psicanálise e lingüística já em 1920, como traz algumas das respostas às problemáticas apontadas apenas em 1939, por Jakobson. Ela antecipa a ligação entre psicanálise e Lingüística que Lacan faria a partir do final dos anos 40. Certamente, trabalhando em 1919, em Genebra, no principal centro do mundo em estudo de distúrbios de Linguagem, ela deveria conhecer o curso de lingüística geral, recentemente editado em Genebra. Sendo russa e tendo seus irmãos, intelectuais de destaque morando lá, certamente ela também já teria ouvido falar de Roman Jakobson e as inovações que trazia.

Numa nota ap final da tradução francesa do texto “A origem das palavras infantis mamãe e papai”(GUIBAULT; NOBÉCOURT, 1881, p.342), os editores dizem que, no momento em que a obra estava sendo impressa, Julia Kristeva lhes contou que Roman Jakobson testemunhou ter encontrado em 1915 um M. Spielrein a quem iniciou em fonética no Instituto de Psicologia da Universidade de Moscou. Em 1929, Jakobson publicou na

Slawische Rundschau, da qual foi editor depois de 1929, um artigo de Spielrein com o título de “A linguagem do soldado do exército vermelho”. Spielrein desapareceu em seguida nos expurgos stalinistas, nos anos 30, por causa dos seus escritos. De sua família Roman Jakobson só sabia da existência de sua mãe e de uma irmã.

ANEXOS

A DESTRUIÇÃO COMO CAUSA DO DEVIR

SABINA SPIELREIN

TRADUÇÃO LIVRE DE RENATA UDLER CROMBERG

§1-No curso do meu trabalho sobre diversos problemas relativos à sexualidade, uma questão reteve meu interesse de maneira bem particular: como acontece que uma pulsão (trieb) assim imperiosa como a pulsão (trieb) de procriação possa suscitar, paralelamente aos afetos positivos os quais se esperam, numa primeira abordagem, também afetos negativos tais como angústia e aversão, que constituem de fato, igualmente, obstáculos, que um indivíduo deve suplantar antes de poder aceder a um comportamento adequado? É naturalmente, sobretudo, nos neuropatas que esta atitude negativa do indivíduo face a face com sua sexualidade foi observada atentamente. Até onde eu sei, certos pesquisadores procuraram a explicação de uma tal resistência no estado de nossos costumes e educação, que se esforçam em assinalar os limites à pulsão, ensinam cada criança que ela deve considerar a satisfação do desejo sexual como qualquer coisa de mal, de interdito. Outros autores ficaram bem surpreendidos com a frequência pela qual se encontram representações de morte associadas aos desejos sexuais, mas a morte agora lhes parece apenas como um símbolo do pecado moral. (Stekel). Gross vê a origem do sentimento de aversão inspirado pelas secreções sexuais, pela vizinhança com as matérias excrementícias mortas. Freud

explica os fenômenos de resistência e de angústia apenas pelo recalçamento dos desejos sexuais, que em si mesmo só comportam afetos positivos. Bleuler vê na defesa, o elemento negativo que deve inevitavelmente ainda comportar toda representação geradora de um afeto positivo.

§2-Em Jung eu encontro a seguinte passagem:

O desejo passional, quer dizer, a libido, comporta dois aspectos: ele representa esta potência que embeleza toda coisa, mas que pode também, em certas circunstâncias, tudo destruir. Frequentemente finge-se não compreender bem no que uma tal potência geradora pode se revelar destrutiva: uma mulher que se abandona à paixão logo se aperceberá disto, principalmente no contexto cultural moderno. Convém de se esquecer um pouco de seu universo de ser civilizado para se dar conta do sentimento de total insegurança ao qual se devota aquele que se abandona sem reservas a seu destino. Nossa fecundidade, ela mesma, nos condena à autodestruição, porque o advir de uma geração inaugura o declínio da geração precedente: nossos descendentes se tornam assim nossos mais temíveis inimigos, aos quais nós jamais levaremos ao fim, porque eles nos sobreviverão e terminarão por despojar o poder de nossas mãos enfraquecidas. É inteiramente compreensível que o destino erótico se revele uma fonte de angústia, porque escapa a toda previsão; tudo o que está destinado, de uma maneira geral, esconde perigos desconhecidos, e a constante hesitação do neuropata de aceitar os riscos da existência se explica pelo seu desejo de se por afastado, afim de não ter que se engajar nesta perigosa luta que é a existência. Quem quer que renuncie ao risco de viver deve sufocar em si o desejo, por uma sorte de suicídio. Assim se explica os fantasmas de morte que acompanham tão frequentemente a renúncia ao desejo erótico. (C.G.Jung, “Metamorfose e símbolos da libido”, *Jornal de psicanálise*, v. 3.)

§3- Se eu reproduzo assim longamente as palavras de Jung, é que esta observação que ele faz, de um perigo desconhecido ligado ao ato sexual, corrobora no melhor os resultados que eu obtive de minha parte; mais, o fato que um homem possa, ele também, ser sensível a um perigo outro que puramente social, é, do meu ponto de vista, extremamente importante. No entanto, Jung considera representações sexuais e representações de morte irreduzíveis umas às outras, antitéticas.

Continuação do §3-Da minha parte, a experiência que adquiri junto a jovens mulheres me permite de afirmar que em regra geral, logo que a eventualidade de ver o desejo sexual se realizar aparece pela primeira vez, é, sobretudo, um sentimento de angústia que suscita o recalcamento, uma angústia muito particular porque é em si mesmo que o indivíduo adivinha o inimigo, é sua própria febre amorosa que lhe impõe, sem escapatória possível, aquilo que ele recusa: ele pressente, de fato, a evanescência, a finitude, e ele gostaria, para se proteger, de achar refúgios insuspeitados, em vão. “Só existe isso?”, pergunta-se ele. Só existe este instante supremo, sem nada para além? No que o próprio ato sexual induz no indivíduo uma tal atitude?

DADOS BIOLÓGICOS

§4- Desde a concepção, uma célula macho une-se a uma célula fêmea: cada célula, do fato desta união, é destruída enquanto unidade e é desta destruição que surge em seguida uma vida nova. Certos animais inferiores, como, por exemplo, os efêmeros, só podem se reproduzir às custas de sua existência e eles morrem tão cedo e depressa assim que a nova geração aparece. Para tais seres, criação é sinônimo de desaparecimento, enquanto tal, é o que o ser vivente mais teme. O indivíduo, portanto, pode desejar sua própria desaparecimento, logo que esta sirva à criação nova. Posto que, no caso dos animais superiores, não consistam

mais em uma célula única, é claro que o indivíduo inteiro não se aniquila no ato sexual. Contudo, as células sexuais que, nesta ocasião, desaparecem enquanto unidades, são elementos não indiferentes ao organismo, elementos primordiais e profundamente conectados com toda existência do indivíduo: elas contem em efeito, sob uma forma condensada, o progenitor inteiro, do qual sua evolução depende constantemente, e que inversamente elas influenciam constantemente na sua evolução. A fecundação destrói os elementos essenciais do indivíduo. O ato de geração, ao mesmo tempo em que conduz à união das células sexuais, une dois indivíduos da maneira mais estreita, um penetrando o outro. A diferença só é quantitativa: só uma parte e não a totalidade, do indivíduo se encontra aqui absorvido, parte que neste instante vale por todo o organismo. O elemento macho se converte no elemento fêmea que, de sua parte, se encontra afetada, modificada por este corpo estrangeiro. A reviravolta toca o conjunto do organismo: os processos de destruição e reconstrução que, mesmo em tempo normal se realizam sem cessar, se precipitam. O organismo se descarrega de suas secreções sexuais como ele se descarrega dos seus excrementos. Será verdadeiro dizer improvável que tais processos retem sem efeitos sobre o psiquismo do indivíduo, não despertando aí ao menos sentimentos particulares. E, com efeito, sendo que é na própria pulsão de procriação que se enraizam os sentimentos de felicidade que inspiram a todo ser vivente o devir, ao mesmo tempo os sentimentos de defesa tais como a angústia e repulsa, que suscita esta mesma pulsão, não são nem o resultado do colocar-se em relação aberrante com as matérias excrementícias vizinhas, nem a expressão negativa de uma renúncia à sexualidade: são sentimentos que correspondem ao componente destrutivo da própria pulsão sexual.

CONSIDERAÇÕES DE PSICOLOGIA INDIVIDUAL

§5- A afirmação segundo a qual nós não vivemos nada, do ponto de vista psíquico, no instante presente, pode parecer paradoxal, mas nem por isso deixa de ser verdadeira. Nós não ligamos afeto a um acontecimento a não ser na medida em que ele revele em nós conteúdos (acontecimentos) vividos anteriormente, aos quais o afeto já está ligado e que permanecem desaparecidos no inconsciente. Continuação do §5- Um exemplo os fará compreender melhor: uma garota tem um prazer extremo em ler histórias de bruxas. Averigua-se que quando ela era criança, uma de suas preocupações favoritas era justamente brincar de bruxa e a análise revela que é sua própria mãe, objeto de sua identificação, que a criança representa imaginariamente pela bruxa. Ela só tem prazer nas histórias de bruxas na medida em que a existência de sua mãe, que ela gostaria de experienciar, é prazerosa para ela. As histórias de bruxas só são metáforas (alegorias) que substituem o objeto de desejo, a existência já conduzida pela mãe, metáforas sobre as quais os valores afetivos são deslocados. Sem sua experiência da sua mãe, as histórias perderiam toda sua potência afetiva.

(Continuação do §5-a) Neste sentido, “tudo é transitório”¹³⁵ só é a metáfora de algum acontecimento original desconhecido a nós, que só procura os análogos no presente: podemos dizer que não vivemos no presente, mas que só projetamos um certo valor afetivo no presente. No exemplo que eu proponho, a consciência só dispõe da representação presente, a bruxa, ao passo que no inconsciente se faz a assimilação com o passado (história da bruxa = história da mãe), passado sobre o fundo do qual se detecta e se diferencia o

¹³⁵ Fausto, parte 2: “O que é transitório é somente um símbolo; o que parece irrealizável, aqui é visto como não feito; o que é indescritível aqui se torna fato; Mulher, eternamente, mostra-nos o caminho.” (Atkins) ou “O que é destrutível, é só uma parábola; o que decai inelutavelmente O indeclarável, aqui foi visto, aqui foi ação; O Eterno Feminino induz à perfeição.” (Kaufmann) – citado por Stuart K. Wiit, tradutor em inglês do texto de Sabina Spielrein.

presente. Cada conteúdo consciente de pensamento ou de representação é acompanhado de seu homólogo inconsciente, que transpõe os resultados do pensamento consciente para a linguagem peculiar do inconsciente;

(Continuação do §5-b) é nos estados de fadiga descritos por Silberer que este curso paralelo de pensamentos inconscientes aparece melhor. Silberer fornece dois exemplos esclarecedores:

Ex. 1 = “Eu me digo que será preciso tomar uma passagem onde o estilo é rebuscado” Símbolo: Eu me vejo num trem aplainando um pedaço de madeira.

Ex 2 = “Eu penso na progressão do espírito humano neste domínio obscuro que são as mães. (Fausto II)¹³⁶. Símbolo: “Eu estou numa praia de seixos que, deserta, avança longe num mar obscuro. No horizonte o céu negro e misterioso, quase que se confunde com o mar, de uma mesma tinta de insondável profundidade”.

Interpretação: o avanço no mar obscuro corresponde à progressão no problema obscuro. O fato que céu e mar se confundem, que ele não é mais nem alto nem baixo, significará (assim como em Mefistófeles) que nas Mães, o tempo e o lugar são confundidos, que o limite entre o alto e o baixo são apagados, o que faz dizer a Mefistófeles vendo Fausto pronto a partir: “Enterre-se você, então, no abismo. Eu poderia também bem dizer: escale as alturas?”

§6- Estes exemplos são muito instrutivos: vê-se aí de que maneira os pensamentos moldados no instante presente se encontram assimilados, no inconsciente, aos

¹³⁶ Mefistófiles manda Fausto numa jornada perigosa, protegido por uma chave mágica, para mandar vir Helena e Paris para a diversão do imperador: “Você me força a revelar um grande mistério. – Deusas majestosas entronadas em solidão fora do espaço, fora do tempo – para falar delas eu fico embaraçado – essas são as Mães!...E estranhas elas são. Nenhum mortal conhece essas deusas, de quem nós ainda relutamos em nomear. Você terá que mergulhar nas mais baixas profundezas para achar seus lares, mas é por sua causa que precisamos da ajuda delas” Fausto, Parte 2, Ato I, S. Atkins, trans. (1984), p.159, segundo citação de Witt, *ibid.*

acontecimentos sobrevindos ao curso de numerosas gerações passadas. Falar do estilo rebuscado de uma obra é fazer uso de uma metáfora tirada de um outro conteúdo de representação, aquele do rebuscado de uma peça de madeira. O sentido desta expressão se vê na consciência, adaptado ao presente e logo diferenciado, relativamente a sua origem. O inconsciente mesmo liga estas palavras a seu conteúdo original, aquele de uma passagem difícil do rebuscado sobre a madeira, e transforma assim a tarefa presente de melhora de um trabalho escrito em operação tradicional de aplainamento da madeira.

§7- O segundo exemplo apresenta o interesse de associar, como os povos antigos, o mar à mãe (o elemento líquido maternal e criador, onde toda vida é descendente). O mar (a mãe), dentro do qual se avança, representa o problema obscuro, o estado no qual não há nem lugar, nem tempo, nem contrários (nem alto, nem baixo), que é ainda um estado de indiferenciação, de não-criação, uma Qualquer Coisa imutável. A imagem do mar (da mãe) é ao mesmo tempo a imagem dos abismos do inconsciente¹³⁷, o qual vive simultaneamente no passado, no presente e no futuro, quer dizer, fora do tempo, pelo qual todos os lugares são confundidos (no lugar original) e os contrários, idênticos¹³⁸.

(Continuação do §7)-Cada representação, obtida por diferenciação a partir desta mãe original (o inconsciente) tende a retornar a ela, quer dizer, a voltar ao estado de indiferenciação. Se a doente que eu analisei¹³⁹ diz, por exemplo, “a terra foi transpassada” ao invés de dizer “eu fui fecundada”, é que a terra representa para cada povo, conscientemente ou não, a mãe original, e é nessa mãe original, onde ela mesma foi concebida, que a mãe (paciente) se transforma. Não é por acaso que certos filósofos gregos,

¹³⁷ Nota de Spielrein – Segundo Freud, o inconsciente é intemporal, uma vez que ele consiste em desejos que ele representa como efetivamente realizados (A interpretação dos sonhos).

¹³⁸ Nota de Spielrein – Freud- “Da ambivalencia das palavras primitivas”

¹³⁹ Nota de Spielrein – “O conteúdo psicológico de um estado de esquizofrenia”

como, por exemplo, Anaxágoras, procuraram no processo de diferenciação do ser a partir de elementos originais, a fonte de todos os males que afligem o universo. Estes consistem justamente naquilo que cada partícula de nosso ser tende a retornar a sua origem, processo a partir do qual nasce um novo devir.

§8- Freud explica nossos sentimentos amorosos posteriores, quer eles sejam diretos, quer eles sejam sublimados, pelas experiências de nossa infância e as primeiras sensações de prazer que nos proporcionaram as pessoas a cujos cuidados fomos confiados. São sempre as mesmas sensações que em seguida nós procuramos e o inconsciente permanece assim, ainda longo tempo depois que a consciência liberou um fim sexual normal, atado às representações que nos proporcionaram prazer na nossa primeira infância. Frequentemente os adversários de Freud se indignam de que ele sexualize os inocentes prazeres da infância. Mas para quem quer que seja que já praticou a análise, é claro que são, com efeito, as zonas erógenas da criança inocente que, conscientemente ou não, se tornam, mais tarde, para o adulto, as fontes do prazer sexual. Este pode muito bem, em zonas privilegiadas, ser determinado pela constituição do indivíduo, no entanto, e isto é perfeitamente claro nos casos de neuroses, é sempre a zona particular onde a criança retirou seus primeiros prazeres que, com a simbólica inconsciente apropriada, torna-se a sede de sua reação sexual às influências de seu entorno. Isto é o que nos autoriza a afirmar, com Freud, que as fontes do prazer infantil contém em germe as fontes do prazer sexual do adulto. Isto me faz remarcar, nas discussões sobre o papel da sexualidade que se poderia muito bem, se assim se desejasse, fazer da pulsão de nutrição o princípio original. Falta-me citar, a este propósito, a opinião de um autor francês, para o qual todas as manifestações espirituais derivam de fato da pulsão de auto-conservação. Ele afirma, entre outras coisas, que se a mãe ama sua criança é porque esta, ao mamar, alivia a glândula mamária e que se ama um homem ou

uma fêmea é amada, é porque o coito permite ao organismo eliminar ou neutralizar as secreções inoportunas. A sensação de prazer é em seguida transferida ao objeto que tornou possível este alívio. Tais objeções não contradizem em nada a teoria freudiana: o objetivo de Freud não é de forma alguma procurar em que consiste a sensação de prazer, nem como ela nasce. No estado do qual ele parte, a sensação de prazer já está dada e nesta óptica, ele é claro de que o prazer infantil constitui um degrau para o prazer sexual posterior. É segundo este mesmo princípio que se toma afeição pela mão benévola da enfermeira que satisfaz nossa necessidade nutritiva. Não há dúvidas de que a pulsão de nutrição ou de auto-conservação é estreitamente ligada à pulsão de conservação da espécie e, portanto, à pulsão sexual. É um fato da experiência, que em um indivíduo em estado de excitação sexual, a nutrição pode oferecer um substituto ao coito. O que faz intervir dois fatores: de uma parte o prazer que procura o ato de nutrição e de outra parte o aumento do apetite decorrente da excitação geral. O caso inverso se encontra igualmente: é verdade que o coito não pode satisfazer inteiramente a necessidade de nutrição, mas é bem freqüente nas pessoas fracas, de pouco apetite, que a pulsão sexual é a mais desenvolvida.

(Continuação do §8-a) - Na medida onde é bem a causa motriz de nosso eu consciente e inconsciente que nós desejamos determinar, parece que Freud tem razão de fazer do princípio da procura do prazer e da repressão do desprazer o fundamento de toda produção psíquica. Nesta óptica se dirá que o prazer reenvia às fontes infantis.

(Continuação do §8-b) Mas a questão é saber se toda nossa vida psíquica pode se limitar a esta via do eu: será que não escondemos forças pulsionais capazes de mover nosso psiquismo independentemente de todo sentimento de prazer ou sofrimento que o eu possa aí encontrar?

(Continuação do §8-c) As pulsões de conservação fundamentais clássicas, a pulsão de auto-conservação e a pulsão de conservação da espécie desempenham o mesmo papel para o conjunto da vida psíquica que para a única vida do Eu, quer dizer são elas absolutamente a origem de todo o prazer e de todo o desprazer? Minha convicção é que a psique do Eu compreendida inconscientemente, se encontra submetida aos movimentos em que a causa é bem mais profunda e que se inquietam tão pouco do mundo como da maneira com que reagimos a suas injunções. Só há verdadeiramente prazer ao Eu em obedecer estas injunções profundas e é assim que nós podemos obter prazer imediatamente a uma desgraça ou sofrimento que, neles mesmos, só comportam um violento desprazer; todo o sofrimento é, com efeito, um atentado feito ao indivíduo, e o papel da pulsão de auto-conservação é justamente o de proteger o indivíduo contra tais atentados. Assim, há qualquer coisa no fundo do indivíduo que, por mais paradoxal que possa parecer numa primeira abordagem, impulsiona a fazer dano em si mesmo, que o faz aí ter prazer. Um tal desejo de sofrimento e de dor permanece rigorosamente incompreensível ao considerar-se que o Eu só persegue, com efeito, seu prazer.

(Continuação do §8-d) Mach sustenta que o Eu representa qualquer coisa de perfeitamente inconsistente, nada mais do que uma certa constelação efêmera de sensações elementares, que elas sim são eternas. É enquanto filósofo que ele se atem a este esquema. Jung, que é aos meus olhos muito próximo de Mach, também considera a psique como estando composta de uma multitude de unidades singulares: ele emprega, com efeito, a noção de “autonomia do complexo”, da qual decorre que, nós não possuímos um Eu feito de um só bloco, mas diversos complexos que disputam constantemente a vantagem. A melhor confirmação desses pontos de vista nos é fornecida pelos casos de *dementia praecox*, que ressentem tanto a potência destes complexos isolados, cindidos do eu, que

eles consideram seus próprios desejos inconscientes (minha paciente chama tais desejos de “conjecturas”), por assim dizer, como de seres nocivos, capazes de tomar vida. “A conjectura poderá bem se realizar a fim de manifestar seu direito à existência”, diz-me a paciente durante a análise.

§9- Convém-me admitir que a característica principal do indivíduo é que ele é um “dividido”. Quanto mais nós nos dirigimos em direção ao pensamento consciente, mais nossas representações são diferenciadas e, inversamente, quanto mais nós chafurdamos no inconsciente, mais as nossas representações se fazem gerais, típicas. O mais profundo de nossa psique não conhece mais o “Eu”, só conhece a somação, o “Nós”, ou o Eu atual se torna, considerado como um objeto, subordinado a outros objetos semelhantes.

Continuação do §9- Assim, ao curso de uma trepanação, o operado, tendo perdido gradualmente, ao mesmo tempo a sensibilidade à dor, toda consciência de si, pode, todavia, de tal maneira continuar a receber as impressões do mundo exterior, que ele se porá a gritar “Entre!”, assim que o cirurgião ataque sua caixa craniana. Ele continua muito bem a perceber sua caixa craniana, mas sob o aspecto de um objeto exterior ao Eu, aparentemente de um quarto. Assiste-se assim à objetivação das diversas partes da personalidade. No exemplo seguinte, é, ao contrário, toda a personalidade que se encontrará objetivada: minha paciente ¹⁴⁰ me conta que, sob o efeito da narcose, chegou a não perceber a dor causada pela operação, a ponto de acreditar assistir ao sofrimento de soldados feridos, pelo qual ela se afligia de todo coração. É também sobre tais fenômenos que repousa a pequena fórmula de que se utilizam as crianças, quando elas querem conjurar uma dor: é o cachorro, o gato, etc que tem um mal, não é a criança. Em lugar de ligar o ferimento a seu próprio dedo, ela se reporta assim ao dos outros que não ela, ela faz de “seu dedo” a representação de um

¹⁴⁰ Nota de Sabina- minha paciente de *O conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia*.

dedo qualquer. Acontece de freqüentemente nos consolarmos de uma infelicidade pessoal, com o pensamento de que não somos os primeiros aos quais isto acontece, que todo mundo deve passar por isso, como se o fato de saber que um tal fenômeno é normal, de eliminar o que ele poderia conter de pessoal, de excepcional, aliviasse nossa dor. Aquilo que sempre foi o lote de todo mundo não constitui mais uma infelicidade, é apenas um fato objetivo. Eu entendo que a dor supõe uma representação do Eu já diferenciada, isolada, uma representação particular ligada à consciência do Eu. É um fato conhecido que a piedade nasce daquele que se substitui em pensamento à pessoa que sofre. Ora, isso que marca justamente nos casos de *dementia praecox*, onde as representações do Eu são transformadas em representações objetivas ou da espécie, é uma reação afetiva inadequada, a indiferença, esta desaparece desde que nós restabelecamos a relação ao eu, que fará, por exemplo, dizer à paciente “eu estou suja pelo ato sexual” mais do que “a terra está suja pela urina”¹⁴¹ Este é, na minha opinião, o sentido do modo de expressão simbólico. O símbolo significa, com efeito, a mesma coisa que a representação penosa que ele traduz, mas a forma é menos diferenciada, menos individualizada: a representação “uma mulher” comporta bem mais atualizações possíveis, estas estando ordenadas somente a uma determinação muito geral, que a representação individual bastante mais precisamente determinada “Martha N.” A isto se poderá objetar que logo que um sonhador faz ocupar outra pessoa de seu próprio papel, esta pessoa não é menos nitidamente diferenciada que aquela do sonhador, ele mesmo. Isto não é exato de um ponto de vista objetivo: cada um só considera a existência de outras pessoas na medida em que ela é acessível a sua própria psique, o outro não existe a nossos olhos a não ser por isso que nele nos reenvia a nós mesmos. Logo que um sonhador

¹⁴¹ Nota de Sabina- A representação da terra suja podendo ela também comportar um potente afeto negativo, segundo a conexão terra=Eu seja sentida ou não

substitui uma outra pessoa à sua própria, não é jamais para dar uma imagem bem precisa, ao contrário: ele opera um amálgama de várias pessoas, não se preocupando em caracterizar-lhe a não ser por aquilo que se presta à realização de seu próprio desejo. Se, por exemplo, o sonhador deseja ser invejado pelo seu olhar extraordinário, ele utilizará o recurso a um amálgama de diversas pessoas que um tal olhar caracteriza, de forma que resultará aqui também um tipo, que virá se substituir ao indivíduo; os estudos feitos sobre os sonhos e os casos de dementia praecox, nos ensinam de que tais tipos correspondem a um modo de pensamento arcaico.

§10- A histeria, que é um caso de hipertrofia do Eu, desenvolve no doente uma sensibilidade ainda maior. Será nada menos rigorosamente falso atribuir uma via psíquica mais rica aos histéricos que aos doentes sofrendo de demência precoce: é, com efeito, nestes últimos casos que se encontra os pensamentos os mais significativos. A única consequência da atividade restritora do Eu, característica desta doença, é que o pensamento só se exerce no seu modo arcaico, analógico.

(Continuação do §10) Freud sustenta que a dementia praecox recobre um fenômeno de retração da libido, depois de seu retorno, e enfim, do conflito entre investimento e retração da libido. Minha opinião é, ao contrário, que se trata de um conflito entre as duas correntes opostas da psique do eu e da psique da espécie. Esta quer reduzir a representação do eu a uma representação típica, impessoal, enquanto que a psique do eu reage contra uma tal dissolução se reportando ao valor afetivo do complexo que está em vias de desaparecer, sobre uma associação secundária qualquer, à qual se fixa o Eu (afeto inadequado). No entanto, os doentes se apercebem eles mesmos de que o valor afetivo não concorda mais com a representação sobre a qual ele foi relatado, que eles só “imitam” o afeto passado. Compreende-se assim que, bem freqüentemente, eles zombam, ao mesmo tempo, de seu

próprio sofrimento e não vêem na sua doença mais do que uma comédia que eles atuam. Os inícios da doença são freqüentemente acompanhados de estados depressivos, de profunda angústia, porque a uniformização das diversas partes, afetivamente valorizadas do Eu, é ressentida pelo indivíduo como um obstáculo a sua necessidade de relação individual às coisas, a sua necessidade de se integrar ao presente. Tudo se passa como se os valores afetivos completos não tivessem desaparecido totalmente ainda, enquanto que os objetos exteriores escapam já de toda relação com o Eu. Tem-se agora o sentimento de que o mundo mudou, terrivelmente estranho, como uma cena de teatro, e ao mesmo tempo a idéia surge de que se é assim perfeitamente estrangeiro a si mesmo. Os pensamentos são despersonalizados, eles aparecem ao doente como “imitados”, por esta razão precisamente que eles lhes vêm de profundezas que escapam ao Eu, de profundezas que fizeram do eu um “nós”, ou talvez um “eles”. O afeto, ainda existindo, não podendo encontrar seu objeto, só pode se exprimir de maneira patética, à maneira de um orador que, na falta das representações correspondentes, coloca diretamente em cena os próprios conteúdos afetivos. A angústia persiste enquanto afeto; não tendo ainda desaparecido, impõe-se ao doente, que prova, então ainda, tendo a necessidade de uma relação individual às coisas, o sentimento da ruína (potência estrangeira) de seu Eu; esta angústia, com o progresso da doença, dará lugar à indiferença que se sabe: os doentes não se sentem pessoalmente concernidos ao que quer que seja, e mesmo que eles continuam a dizer “eu” eles só se consideram como simples objetos, não havendo nenhum Eu a significar, nenhuma vontade individual. Assim, uma mulher, desejando vivamente ter numerosas crianças, pode ridicularizar sobre esses 22000 meninos, como se ela não tivesse tal desejo. Chega-se, portanto, a que os doentes conhecem os verdadeiros sentimentos adequados, eu tive a prova em numerosas ocasiões, onde a relação direta, não simbólica ao Eu se encontrou restaurada.

Mas nos casos que se apresentam a nós, a perturbação é visivelmente de tal forma avançada que o doente tomba imediatamente numa relação inadequada com o mundo; o futuro dirá se a análise pode grande coisa em tais casos.

§11- Assim, a debilitação dos sentimentos de prazer e desprazer não entranha nela a desapareição de toda a vida psíquica: é verdade que a necessidade de diferenciação e de realização de seus desejos pessoais decresce, mas, em revanche, se assiste a um fenómeno de assimilação de representações individuais diferenciadas às representações arcaicas que modelaram culturas inteiras, quer dizer, a um fenómeno de dissolução das representações individuais e sua transformação em representações típicas, comuns a toda a espécie. Tais representações, das quais povos inteiros se formaram, e que não possuem mais nenhum valor afetivo, nos informam sobre o conteúdo exato de nossos movimentos pulsionais. O Eu só quer procurar seu prazer, mas a psique da espécie nos ensina o que nós queremos verdadeiramente por isso, o que verdadeiramente apela em nós um valor positivo ou negativo: nós nos apercebemos agora que os desejos que nos vêm da espécie não correspondem absolutamente aos desejos que nos vem do Eu, e que a psique da espécie quer se integrar à mais recente psique do Eu, enquanto que o eu, cada parcela do Eu, se esforça de se conservar sobre sua forma atual (força de inércia).

(Continuação do §11)- A psique da espécie que assim se coloca como a negação do Eu atual, ao mesmo tempo o regenera por esta negação mesma, porque a parcela do eu que foi absorvida, aparecerá sobre novas representações, mais ricamente adornada do que nunca.

§12- É nas obras de arte que este fenómeno é maravilhosamente ilustrado. Podemos dizer que a regressão nela mesma consiste em sempre querer reviver os acontecimentos de sua infância, aos quais se liga um sentimento de prazer, mas resta agora se perguntar por

que se liga um tal prazer aos acontecimentos da infância? Porque esta “alegria do reconhecimento do conhecido”¹⁴²? Por que esta severa censura se esforça sempre a recomençar nossa experiência, longo tempo ainda depois que nós escapamos da tutela parental? Por que nós não vivemos, não reproduzimos sempre os mesmos acontecimentos?¹⁴³ Há em nós, portanto, paralelamente ao desejo de permanência, um desejo de transformação, que dissolve os conteúdos de representações individuais em um material similar, tomado de tempos antigos, e que se torna assim, às custas do indivíduo, um desejo típico, quer dizer, próprio da espécie que, projetado em direção ao exterior, aparece sob a forma de uma obra de arte. Procura-se um duplo, parente ou ancestral, no qual o Eu possa se dissolver e desaparecer insensivelmente, sem aniquilamento brutal. E, portanto o que significa esta desapareição para o Eu senão a morte? Certo, ele reaparece sob uma forma nova, talvez mais bela, no entanto, ele não será mais o mesmo Eu, mas um Outro, criado às custas do primeiro, exatamente da mesma maneira que o grão e a árvore que dele provém podem ser idênticos do ponto de vista da espécie, mas são outros do ponto de vista do indivíduo; dependerá, portanto, do ponto de vista adotado, que se veja no novo produto antes de tudo a continuação da existência antiga, ou bem o seu fim, e que se note positivamente ou negativamente a desapareição do complexo do Eu. Encontram-se, assim, exemplos de neuropatas aos quais as relações sexuais inspiram angústia, pela razão de que eles vêem na ejaculação uma morte parcial do indivíduo.

§13- Tudo que nos move pede para ser comunicado e compreendido ou sentido.

Toda representação transmitida a nossos semelhantes, seja diretamente, seja como obra de

¹⁴² Nota de Sabina- Freud, *O chiste e suas relações com o inconsciente*.

¹⁴³ Nota de Sabina- por que tal pintor, ao invés de sempre reproduzir o retrato de sua mãe adorada, lhe representará pelo dia, por exemplo, num quadro da Renascença? A censura não nos interdita de amar nossa mãe numa forma sublimada.

arte, é produzida por diferenciação a partir de experiências primárias que constituem nossa psique. Partamos de um acontecimento já diferenciado, digamos, um belo dia de primavera. Numerosas gerações antes da nossa já viveram um tal acontecimento com alegria: se nós o queremos reproduzir, por nossa vez, nós deveremos diferenciar a representação, caracterizando as árvores, a grama, o céu, tal qual nós temos atualmente consciência.

§14- Não nos ocupamos de um dia de primavera qualquer, mas daquele em particular, com sua claridade única. E, inversamente: o produto desta diferenciação chegando à psique de um segundo indivíduo sofre uma nova transformação. O destinatário, com efeito, soma a representação que lhe foi transmitida a uma elaboração consciente pessoal, que dá ainda ao dia de primavera, todo um outro caráter; enfim, a representação, paralelamente a esta elaboração consciente, é submetida a uma elaboração inconsciente que lhe outorga toda característica singular atual, a recondução às “mães”, e a dissolve. No inconsciente, agora, nós veremos talvez este dia de primavera, decomposto em seus elementos constitutivos: sol, céu, plantas e estes, eles mesmos transformados, ou talvez mais exatamente, retransformados em símbolos mitológicos, semelhantes àqueles que conhece a psicologia dos povos.

(Continuação do §14-a) Desde o instante em que formulamos um pensamento, onde nós damos a ver uma representação, nós nos liberamos a um trabalho de generalização, porque as palavras não são outra coisa que símbolos, servindo para exprimir o individual de maneira compreensível e comumente acessível aos homens, quer dizer, a outorgar-lhe características individuais. Aquilo que é estritamente individual é absolutamente incomunicável e não há nada de espantoso nisso que Nietzsche, em quem a consciência de si era particularmente desenvolvida, conclui: “Nós só temos a linguagem a fim de enganar e nos enganar”. E, entretanto a expressão, a transformação de uma representação individual

em uma representação comum a toda espécie nos traz um real alívio e o artista, não obstante, encontra felicidade ao criar seus “produtos de sublimação”, simplesmente trazendo a luz o típico, mais que o individual.

(Continuação do §14-b) Todas nossas representações procuram, por assim dizer, um material não idêntico, mas similar a elas mesmas, no qual se aniquilar e se metamorfosear. Um tal material nos é fornecido pela compreensão, fundada sobre a comunidade dos conteúdos de representação, que elas despertam no seu destinatário; esta compreensão, em retorno, provoca em nós um sentimento de simpatia, que não é outro que o desejo que nós experimentamos de dar ainda mais de nós mesmos, em direção àquele que se pende, particularmente quando se trate de uma pessoa de sexo oposto; intensifica-se a tal ponto, que se deseja abandonar sem a menor reserva (o Eu todo inteiro). Esta fase da pulsão de procriação (de transformação), extremamente temível para o Eu, apela, portanto, em nós, aos sentimentos de felicidade, na medida em que é no ser amado (no amor), semelhante a si, que alguém se aniquila.

§15- Porque são seus próprios pais que se ama através da pessoa querida, é claro que o que se procura assim viver, é o destino de seus ancestrais, e particularmente o de seus pais¹⁴⁴ (cf. Jung “Significação do pai para o destino do indivíduo”). O acaso só intervém na existência na medida em que ele ativa, dá vida ao acontecimento da nossa vida sexual ao qual nossa psique de antemão nos consagrou, ou ao contrário, que ele deixe simplesmente subsistir em nós a virtualidade dele. O complexo, no primeiro caso se vê satisfeito, mas no segundo, o elemento gerador de tensão não é descartado e ele é constrangido a liberar sem cessar os conteúdos de representação que, por analogia com o acontecimento ao qual a

¹⁴⁴ Nota de Spielrein- Nós experienciamos, com efeito, ou melhor, nós só tomamos em consideração e chamamos experiência de vida, aquilo que já foi experienciado pelos nossos ancestrais.

psique continua predisposta, lhe assaltam, se renovando continuamente. A realização do acontecimento só tem assim uma ação negativa sobre a vida psíquica, ela só isola tal conteúdo de representação e a tensão correspondente. Suponhamos, por exemplo, que a união desejada com o objeto sexual foi atingida. Assim que a realidade retoma seus direitos, tão logo as palavras se tornam fatos, tão logo o grupo de representações correspondente se dissolve provocando um sentimento de descanso benfazejo; nestes momentos, o indivíduo é, do ponto de vista psíquico, perfeitamente improdutivo. Mais uma representação tende em direção à sua concretização, mais ela é vivaz; o momento de sua realização é o momento de sua destruição. Isto só significa que a realização de um potente complexo de representações deve parar toda a atividade psíquica: um complexo só constitui uma parcela bem pequena, bem efêmera, do acontecimento original a partir do qual ele foi diferenciado. Este acontecimento original, único verdadeiro, cria constantemente novos produtos de diferenciação, que a psique transforma em seguida, seja por simples abreação, seja pela criação artística. O que é muito importante de sublinhar aqui, é que os desejos sublimados não oferecem, em seu conteúdo, nenhuma contradição com os desejos “baixamente materialistas” que inspira a pulsão de procriação. Se eles podem parecer incompatíveis, é apenas porque os primeiros são menos adaptados às circunstâncias presentes, menos diferenciados e que sua forma ressalta mais o tipo: assim, por exemplo, as representações de um amor “superior” pela Natureza ou por Cristo. Jung mostra que pelo símbolo do Sol, é a própria libido, o pai que se leva escondido em si, que se adora.¹⁴⁵ Tais representações, não podendo ser aniquiladas pela realização, persistem na psique, sob a forma de um violento desejo de retorno à origem, e em particular no desejo de se aniquilar em seus criadores (este último ponto será justificado pelo que se segue). Compreende-se,

¹⁴⁵ Nota de Spielrein- Jung, *Símbolos e metamorfoses da libido*, Jahrbuch, III, 1ª parte.

assim, que a religião, enquanto valor supremo, possa tão facilmente se tornar o símbolo do valor o mais baixo, a saber, a sexualidade, como nos mostra os exemplos do conde von Zinzerdorf, analisado por Pfister ou de Mme M. analisado por mim mesma. Negando pura e simplesmente todo objeto exterior ao Eu, só se chega a se constituir a si mesmo em objeto de sua própria libido, com tudo que isso comporta de autodestruição.

§16- Stekel, nas “Contribuições” à interpretação dos sonhos, escreve:

“O sonho não conhece a negação da vida, da mesma forma que ele não conhece qualquer forma de negação. No sonho, a morte só significa a vida mesma, e bem freqüentemente, é a alegria de viver a mais intensa que se exprime sob a forma de um desejo de morte. O suicídio também pode ser explicado de maneira análoga, e a escolha do procedimento decorre, notadamente, de certos fantasmas eróticos. Estas idéias foram expressas pelos poetas de maneiras repetidas e os filósofos também iluminaram estes laços que unem Eros e Thanatos. A morte, ela mesma, no sonho como bem freqüente na realidade, é, antes de mais nada, uma morte sexual e só representa um ato sexual de caráter sádico, fortemente marcado”.

§17- Até aqui eu adoto o ponto de vista de Stekel; no entanto ele prossegue: “É freqüente que as jovens façam o seguinte sonho, típico: a pessoa em questão se encontra nua, em plena rua, e ela se vê agredida por um homem vigoroso, que lhe enfia uma faca no ventre. Aqui, a morte serve para ilustrar a defloração violenta, a perda irremediável da virtude: a virgindade é exposta à morte, mas é por esta morte que a mulher acede à existência.” Ora, eu não encontro qualquer indício nestes sonhos, que permite aí relacionar a morte a um assassinato moral. Stekel é o primeiro a ver na morte apenas um ato sexual de caráter sádico fortemente marcado. A jovem, que nisso não se distingue da fêmea adulta, se vê, em sonho, vítima de um ato sexual sádico, pela única razão que o corpo da fêmea se

encontra efetivamente transpassado no curso do ato sexual. Explica-se, assim, que as experiências de guerra se revelem tão propícias à eclosão das neuroses, já que a causa delas, nelas mesmas, resida apenas numa perturbação da vida sexual. A guerra, por excelência, provoca as representações de destruição. Daí que, uma imagem apelando uma outra similar, a via das devastações da guerra suscitará representações ligadas ao componente destrutivo da pulsão de procriação. Um ser normal pode repugnar-se da própria existência de tais representações, que lhe parece em seguida como qualquer coisa de vã e fútil: com razão mais forte um neuropata, em quem as representações de morte sobrepujam de todas as maneiras as representações de vida e que só espera dispor de símbolos apropriados para dar livre curso a seus fantasmas de destruição. É freqüente em pessoas jovens, particularmente nas moças, de se ver em sonho imóvel no seu caixão. Freud nos ensina que a estada no caixão simboliza a estada da criança no ventre de sua mãe (caixão=ventre materno), o que Stekel completa muito pertinentemente, dizendo que esta também é a significação da tumba, “em relação à qual ‘escavar’ toma todo seu sentido ao mesmo tempo de ‘ penetrar’ e de ‘nascer’ (cavar e enterrar). É assim, que o túmulo representa também o céu, o que coincide com aquela crença que os homens tem numa passagem, pela morte, da tumba ao céu”. Para madame M.¹⁴⁶, que dispõe de uma abundante simbólica, é a morte de Jesus Cristo, que conforme a fé cristã é a condição de seu renascimento a uma vida nova. Os numerosos fantasmas desta paciente provam que ela concebe a morte como união sexual, e logo, segundo isso que dissemos, que ela se identifica ao Cristo (o ser amado), que ela devém o Cristo. Isto é perfeitamente claro em seu comportamento e pude vê-la se estender em terra, membros estirados, dizendo que ela foi crucificada, que ela quer curar todos os doentes; enfim ela é toda como Cristo, a

¹⁴⁶ Nota de Sabina- cf. meu estudo citado anteriormente.

sepultura (morte) geradora. Prof. Forel (= Dr. J), o qual é objeto de transferência para ela, vem à câmara funerária (seu quarto de dormir), semelhante a Cristo; é “enterrado vivo” , depois vem à luz sob o aspecto de um sarmento de vinho. Este sarmento, que representa a vida nova, é para interpretar como uma criança. Às vezes, a paciente diz que ela mesma se transformou num pequeno Forel, ela se tornou um pequeno Forel, por causa de maus tratamentos, de violências nas quais ela foi o objeto, quer dizer, ainda uma vez, pela destruição. Uma outra vez é um caixão de vidro ou um prato de porcelana quebrado, que representa o organismo (o órgão) pelo qual ela produz a criança. Ela te mostra agora os ossos da criança nascida morta; Os fragmentos de porcelana devem ser moídos com os restos da criança e de outras matérias fecundas, tudo isso deve ser cozido junto, etc... para que, enfim, uma criança seja constituída. O ponto essencial é que a vida só pode ser obtida ao preço da morte, e que conforme a fé cristã, o que é morto, só pode ser animado pela ação da morte ela mesma. É perfeitamente claro, por pouco que se interesse pela questão, no pensamento mitológico, sepultamento é sinônimo de fecundação.

§18- “É todo o corpo, diz minha paciente, que deve se preparar ao engendramento da nova geração: é da cabeça (psiche) e do desenvolvimento espermatozoidal no corpo do animal, que nasce a nova geração” – “O Novozoon é uma matéria de morte”.

§19- Esta última frase nos mostra que o esperma é considerado como uma matéria excremental morta. No caso Irma, analisado por Binswanger, o coito e a necrofagia são para a doente o objeto de uma mesma repulsão. Se, no entanto, para ela, o coito equivale ao ato de nutrição, é que, paralelamente, ela assimila o esperma absorvido a uma espécie de cadáver. Irma também teceu uma vasta simbólica em torno da imagem do túmulo, mas, contrariamente às pessoas normais, tais representações só lhe inspiram um profundo terror: para uma jovem normal, a idéia de seu sepultamento devém, com efeito, uma idéia

maravilhosa, uma vez que é no ser amado que ela quer destruir-se. Binswanger relata o propósito de uma jovem que lhe dizia que “sua maior felicidade seria de poder habitar no corpo de seu bem-amado.” Irma pensa também que “a morte é um belo homem”, mas são apenas curtos instantes e as representações de pura e simples destruição tomam totalmente o cenário, com toda angústia que isso comporta. Irma descreve este sentimento como “um sentimento de selvageria, o sentimento de romper todos os seus diques, de se abandonar, de ser submergida: não se sabe mais nem o que se faz, nem o que acontecerá.”

§20- Recebe-se o esperma como um veneno (o que explica que a serpente, com sua forma alongada, seja o animal sexual por excelência), fica-se gravemente doente, como se deduz da simbólica de Mme. M. e de outros neuropatas e, enfim, se é, durante a gravidez, destruída pela sua própria criança, que como uma úlcera perniciosa, se desenvolve às custas da mãe. Minhas colegas de medicina dispõem de um abundante material, oferecido à representação simbólica de um tal processo e seu inconsciente aí bebe amplamente nas fontes. É assim que uma delas sonha que seu pequeno irmão (ideal da personalidade) foi acometido de uma “úlcera pombal” no estômago (a pomba sendo símbolo da inocência): finalmente uma pomba saiu de sua boca. Uma outra se viu acometida de um abscesso no pescoço, igual Mme. M. Uma outra ainda teve inúmeros sonhos onde apareciam tumores cancerosos nos dedos, onde ela era questionada por um professor - objeto de uma “transferência” de sua parte - sobre os tumores cancerosos (sonho de exibicionismo); outras se vêem acometidas de escarlatina. Todo símbolo sexual tem, tanto no sonho como na mitologia, a dupla significação do deus que traz tanto a vida como a morte. Um exemplo que vale por todos: o cavalo, símbolo sexual bem conhecido, como animal do deus solar, é

uma fonte de vida, bem como um animal da morte, um símbolo da morte¹⁴⁷.

§21- É muito instrutivo estudar as representações de morte que acompanham diversas formas de auto-satisfação. Nietzsche, assim, nos oferece um caso exemplar de auto-erotismo psíquico: tendo estado solitário toda sua vida, toda sua libido se encontra concentrada sobre sua própria pessoa. Como Nietzsche desde então concebeu o amor, ou mais que tudo, como o sentiu? O poeta foi tão torturado pela solidão que ele se deu um amigo ideal, Zarathustra, ao qual ele se identifica. A necessidade que ele experimentava de encontrar um objeto para seu amor fez com que ele cindisse a si em homem e mulher e se tornasse Zarathustra no qual se reúnem estas duas personalidades.

§22- “Porque já a aurora eleva-se ardente - seu amor pela terra aproxima! Todo amor do sol é inocência e desejo de criador. Olhe, então, como a aurora passa impaciente, sobre o mar! Não sente a sede e o hálito quente de seu amor? Ela deseja aspirar o mar e beber suas profundezas: e o desejo do mar se eleva com suas mil tetas. Pois o mar quer ser beijado e aspirado pelo sol alterado; ele quer se tornar ar e altura e senda de luz, e a própria luz. Na verdade, semelhante ao sol, eu amo a vida e todos os mares profundos. E isso é para mim o conhecimento: tudo o que é profundo deve subir a minha altura! Assim falou Zarathustra.”¹⁴⁸

§23- Igual ao amor, o conhecimento consiste para Nietzsche em aspirar nele, semelhante ao sol, o mar profundo e só representa uma necessidade de amor, de criação. Semelhante a um amante, o sol mama o mar e este, excitado, tomado de desejo, lhe estende suas mil tetas, se oferece a seus beijos, como uma mulher louca de amor. O fato que o sol seja imaginado bebendo ao seio do mar, indica que ele mantém ao mesmo tempo uma

¹⁴⁷ Nota de Sabina- Cf. Negelein, *Das Pferd im Seelenglauben und Totenkult*.

¹⁴⁸ Nietzsche, Assim falou Zarathustra, segunda parte, “Do conhecimento imaculado. Nota de Spielrein.

relação filial com este. Ora, Silberer, também, representa o país das Mães como um mar, no segundo exemplo que ele dá do fenômeno hipnagógico. Zaratustra, adquirindo o conhecimento, aspira nele a profundidade (o mar profundo), da mesma forma que o sol aspira nele o mar. A sede de conhecimento que atormenta o poeta é apenas seu desejo pela mãe que ele mantém no fundo de si; ora, isso representando o mais profundo de si mesmo, o desejo de união com ela é para ser compreendido simultaneamente como desejo auto-erótico de união consigo mesmo. Ademais, Nietzsche zomba daqueles que pregando o pretendido “amor puro”, o conhecimento imaculado, desprendidos de todo desejo, enganam-se a si mesmos dissimulando a serpente sob a máscara de um deus (cf. Jung: divindade-libido própria-serpente).

§24- “Na verdade -escreve ele- você não ama a terra como os criadores, os geradores, contentes de criar. Onde está a inocência? Lá onde há vontade de engendrar. E aquele que quer criar aquilo que o ultrapassa, este possui, aos meus olhos, a vontade mais pura. Onde está a inocência? Lá onde falta que eu deseje de toda minha vontade; onde eu quero amar e desaparecer, para que uma imagem não perdue uma simples imagem” (c.f. a discussão precedente: a realização de um conteúdo psíquico dado, de uma “imagem”, se destrói e sua destruição a realiza). “Amar e desaparecer: isso se admite após as eternidades. Querer amar, é também estar pronto para a morte”¹⁴⁹.

§25- Nietzsche, por sua união amorosa com sua mãe, devém ele mesmo criador, fecundo, semelhante ele mesmo a uma mãe esperando sua criança. Isto é ainda mais nitidamente expresso na passagem seguinte:

§27- “Vós que criais, homens superiores! Quem quer que deva engravidar é doente; e aquele que engravidou é impuro. Perguntem às mulheres: não se engravida porque isso dá

¹⁴⁹ Nota de Spielrein Ibid.

prazer. A dor faz cacarejar as galinhas e os poetas. Vós que criais, há em vós muito de impurezas. Porque seria necessário que fosseis mães.”¹⁵⁰

§28- Parece que nós estamos agora na medida de compreender melhor Nietzsche, e eu estou persuadida de que o processo descrito aqui nos permitirá também trazer à luz aquele componente homossexual que nós reencontramos com frequência, para não dizer sistematicamente, nos doentes acometidos de *dementia praecox*¹⁵¹, pois eles também vivem num tal recolhimento auto-erótico. Nietzsche, identificando-se com sua mãe e a absorvendo em si, se torna ele mesmo mulher, ao qual contribui o fato de que, pelo seu isolamento e do caráter auto-erótico de sua sexualidade, mesmo sua vida consciente, enraizada na sua própria profundidade, desenvolve-se para fora do presente, e restaura ainda este tempo onde a criança, na qual a vida sexual ainda não é suficientemente diferenciada, adota, ao mamar, um comportamento passivo, feminino, face a face a sua mãe. Ora, se Nietzsche devem fêmea, sua mãe, inversamente, terá, a seu olhar, um papel masculino, o mesmo com a “profundidade” que substituirá em seguida a instância maternal, o mesmo também com seu “pensamento vertiginoso”, do qual nós voltaremos a falar mais tarde, e com o qual ele se bate como consigo mesmo. Sua mãe, para Nietzsche não é outra que ele mesmo, e ele não é ele mesmo outro que sua mãe.

§29- Cada amor comporta dois eixos de representações diferentes, que se deve saber distinguir: o primeiro corresponde à maneira como se ama, o segundo, à maneira como se é amado. Relativamente ao primeiro eixo, se é o sujeito e se ama um objeto projetado no exterior; relativamente ao segundo, alguém se torna a pessoa amada e é a si mesmo que se ama como seu próprio objeto. No homem, ao qual compete o papel ativo de conquistar a

¹⁵⁰ Nota de Spielrein- Ibid, 4ª parte, “Do homem superior”.

¹⁵¹ O uso oscilante do termo *Dementiae Praecox* ou *esquizofrenia* parece se dever à ainda recente introdução do termo esquizofrenia cunhado por Bleuler, do qual ela foi a primeira a se apropriar num trabalho escrito.

mulher, são representações ativas que predominam, enquanto que na mulher, onde o papel, ao inverso, é de seduzir o homem, as representações predominantes são em geral passivas, relacionadas a si. É o que explica a proverbial “coqueteria” feminina, assim como a importância do componente homossexual e auto-erótico na mulher¹⁵², que devem, antes de mais nada, se inquietar sobre de que maneira ela poderia fazer prazer “a ele”; substituindo-se assim a seu bem amado a mulher deve naturalmente se sentir, até um certo ponto, virilizada, e ela pode, desde então, enquanto objeto sexual do homem, apaixonar-se dela mesma ou de outra jovem representando seu “ideal de personalidade”, que é tal como ela gostaria que seu bem-amado a visse, bela, bem entendido. Um dia eu encontrei uma de minhas colegas, sentada, num estado de total exasperação, diante de toda uma série de envelopes redigidos por sua mão: ela tentava em vão reencontrar a bela escritura que lhe veio no primeiro envelope. Isto não me era desconhecido. Eu perguntei a minha colega o que esta escritura significava para ela e ela percebe, bruscamente, que era aquela de seu noivo. Ela experimentou uma tal necessidade de se identificar a seu bem-amado, que ela não suportava não parecer com ele em todos os pontos. Nós assistimos um fenômeno idêntico em Tristão e Isolda: Tristão: “Tu, Tristão – não mais Tristão, mas Eu (Moi)-Isolda”, Isolda: “Tu Isolda – não mais Isolda, mas Eu (Moi) Tristão”. A sexualidade da criança é ela também de caráter auto-erótico, aquela ocupando em face de seus pais um papel passivo: ela é constrangida a se ligar em satisfazer seus pais, a lutar por seu amor; ele deve representar de que maneira ele será o mais amado, então se colocar no lugar de seus pais. Ao longo dos anos a menina verá em sua mãe uma rival, mas também seu “ideal de personalidade”, que como tal, ela ama; será o mesmo com o menino em relação a seu pai.

¹⁵² Nota de Spielrein-O que revelam suficientemente os beijos e as carícias apaixonadas que as jovens tem o hábito freqüente de se trocar entre elas. Tais manifestações de amizade, correntes nas mulheres, seriam chocantes nos homens.

Assim que a criança for contrariada por seus pais, uma reação normal, tal como a vingança, é-lhe interdita e, sua cólera se expande agora sobre o primeiro objeto que vem, ou bem, no seu furor, ela não encontra outro recurso que se prender a si mesmo, por exemplo, arrancando os cabelos, o que é para ela uma maneira de se vingar de seus pais, substituindo-se a eles. No “Revizor” de Gogol, se nos descreve o personagem de um governador que tomado de uma presunção ultrajante, explora seus sujeitados de uma maneira odiosa. Finalmente, ele próprio será roubado por um jovem escroque, que se fará passar por um inspetor do qual se espera a passagem, à leitura da carta, onde todos tomam conhecimento e na qual o escroque triunfante transtorna o mundo em ridículo, o governador, que naturalmente não é poupado, ataca a si mesmo, chamando-se de “velho imbecil”, etc. Nós vemos aqui também a agressão, tornada impossível, provocar a inversão da série de representações, quer dizer, o investimento da instância ativa da zombaria, e a objetivação de sua própria posição, à passividade daquele que se gostaria de escapar. O homem, estando mais disposto ao papel ativo, possui também, do fato do componente destrutivo da pulsão sexual, mais desejos sádicos: ele quer destruir a mulher que ele ama, e a mulher, que se considera mais objeto deste amor, quer ser destruída. Bem entendido, a delimitação não é jamais assim nítida, já pelo fato de que todo ser humano é de fato bissexual e que se encontra também representações ativas nas mulheres, bem como representações passivas no homem; assim, a mulher encerra também as tendências sádicas, da mesma forma que o homem, as tendências masoquistas. Se as representações passivas, do fato da identificação à pessoa amada, se intensificam fora de medida, então, o amor que se tem a si mesmo pode conduzir a formas de auto-destruição tais como a mortificação, o martírio e até a destruição total da própria sexualidade, à castração. Estas não são, com

feito, senão diversos graus e diversas manifestações de um mesmo processo de autodestruição.

§30- O ato sexual mesmo é uma forma de autodestruição, como o indicam as palavras de Nietzsche:

§31- Zaratustra ensina que “o homem é qualquer coisa que deve ser superada afim que apareça o Super-homem”. “ e se doravante todas as escadas te faltam, será preciso que você monte na sua própria cabeça: como você poderia fazer de outra forma para alcançar mais alto?”¹⁵³

§32- Isso significa: te falta saber te superar (te destruir). De que outra maneira você poderia realizar este fim superior que é a criança? Zaratustra no capítulo ‘Da beatitude involuntária’, se coloca:

§33- “Mas eu estou acorrentado ao amor pelas minhas crianças: é o desejo que me retém por este cordão, o desejo do amor, para que eu me tornasse a vítima de minhas crianças e me perdesse por elas.”¹⁵⁴

§34- A criança de Zaratustra, o “pensamento vertiginoso” do eterno retorno das coisas, ameaça morrer nele, sem mesmo ter visto o dia; Zaratustra, no entanto, conseguiu apelar à vida.

§35- “ Você se agita, você se alonga, você se estertora? De pé! De pé! Não é estertorar- é falar que te falta! Zaratustra te apela, Zaratustra o ímpio! Eu Zaratustra, o afirmador da vida, o afirmador da dor, o afirmador do círculo eterno,” - “ Ó Alegria! Você vem,- eu te espero! Meu abismo fala. Eu virei em direção à luz minha última profundeza! Ó alegria! Vem aqui! Dê-me a mão - Ah! Deixe! Ah! Ah! Desgosto! desgosto! desgosto!- Infelicidade à mim?”¹⁵⁵

§36- Zaratustra no presente “vira em direção à luz” aquilo que ele guarda no mais profundo de si mesmo, da mesma maneira que enquanto sol (valor supremo), ele “aspirou nele” o mar profundo (o sol enquanto um análogo do amor). Ora, nós sabemos que a luz (a altura) representa o próprio Nietzsche, que absorve sua mãe (o mar profundo). Com esta união com sua mãe, Nietzsche

¹⁵³ Nota de Spielrein- Zaratustra, 3ª parte “O viajante”.

¹⁵⁴ Nota de Spielrein- Ibid “Da beatitude involuntaria”

¹⁵⁵ Nota de Spielrein- Ibid “O convalescente”

devém ele mesmo uma mãe que engravida: é também neste sentido que ele vira sua profundidade em direção sua própria luz, colocando-a no mundo como sua criança. O que se chama mito da fonte da juventude, a qual tem o poder de mudar os defuntos em pequenas crianças e de as fazer renascer sob esta forma. Wünsche faz em algum lugar a seguinte observação, que ele apóia com numerosos exemplos: “As almas defuntas que sobem ao céu no reino de Holda, só podem voltar à terra após terem sido regeneradas à sua fonte. Segundo ele, se trata aí, na base da crença segundo a qual os recém-nascidos seriam tirados das fontes e tanques, a idéia de que toda vida, animal ou vegetal, provém do mundo subterrâneo. Isto é perfeitamente exato, mas se o inconsciente recorre agora à simbólica do crescimento vegetal para descrever o fenômeno do nascimento humano, é que os dois processos tem entre si uma relação de analogia essencial: se faz vir as crianças do tanque porque é efetivamente em um tanque (o líquido amniótico) que a criança permanece antes de vir ao mundo. É assim que Jung mostra na sua obra *Os conflitos da alma infantil* como a pequena Anna, vivamente preocupada com a questão do nascimento das crianças, procura a solução no reino vegetal. Ela se pergunta como dois olhos, uma boca e os cabelos puderam brotar nela e, finalmente, como seu irmãozinho Fritz pode brotar do ventre de sua mãe (a mamãe representa a terra). Ela pergunta assim a seu pai: “Mas como Fritz entrou na mamãe? Alguém o plantou lá? Alguém colocou lá uma semente?” Seu inconsciente lhe faz ainda remarcar outros processos análogos no reino vegetal, que se prestam particularmente à representação simbólica do mistério que lhe ocupa. Aos três anos, Anna diz que as crianças são pequenos anjos que habitam o céu e que chegam a terra pelas cegonhas. Um dia ela pergunta à avó:

Anna: “Vovó, porque você tem tantas rugas em torno dos olhos?”

Vovó: “Porque eu sou bem velha”.

Anna: “Mas você vai se tornar jovem em seguida?”

Vovó: “Não, você sabe que eu vou envelhecer aos poucos e depois vou morrer”.

Anna: “E em seguida você se tornará um bebê?”

§37- É extremamente interessante de ver a idéia de que sua avó possa se tornar um bebê vir tão naturalmente à pequena Anna. Esta, por si própria, e antes mesmo que sua avó lhe tivesse falado da morte e dos anjinhos (que disse que a criança havia entendido dizer, desciam sobre a terra), lhe pergunta se ela se tornará jovem; com efeito, não somente ela se espanta de aprender que sua avó se transformará em um anjo, mas ela logo completa esta resposta no sentido de uma retransformação inversa. Nós conhecemos suficientemente exemplos de doentes, que desejando ter crianças, se imaginam eles mesmos transformados em criança. Uma bela ilustração é dada por Riklin, com a “freira no templo de Amida”. É assim que Mme M. tendo realizado o ato sexual com o prof. Forel, torna-se, ela mesma, uma pequena Forel. Rank, por sua parte, sublinha que em certos sonhos, é uma simbólica inversa da natalidade que se encontra posta em jogo: assim, a criança, ao invés de ser tirada da água, aí será, por exemplo, afundada. Uma tal inversão da simbólica resulta do processo de identificação. Uma colega (doutora) me fazendo saber uma noite de seu desejo de ter uma criança, teve, na mesma noite, o seguinte sonho: Ela precisava rastejar através de uma estreita passagem, que não tinha nenhuma abertura, só desembocava (como o útero no corpo da mãe) sobre uma outra parede. Assim que eu pedi a ela que me descrevesse sua progressão através deste canal, ela se recorda que seus gestos reproduziam exatamente aqueles de uma criança nos diversos estágios de seu trabalho empenhado no colo do útero. Ela temia por não mais poder retroceder o caminho, a passagem era demasiado estreita e se estreitava sempre antes, a tal ponto que ela se sentia quase esmagada entre estas paredes. Minha paciente Mme. M. (dementia praecox), se vê abandonada com as crianças a beira d’água; em seguida as almas são salvas por Cristo, quer dizer, retornam ao mundo sob o aspecto de criancinhas (a destruição desembocando sobre o devir). Uma simbólica semelhante da destruição é atestada em Nietzsche, relativamente ao engendramento de seu pensamento, o qual, nele, substitui a criança. Zarathustra se defende do ato sexual com todas as manifestações de nojo o mais profundo, como se a procriação fosse qualquer coisa de impura. o que nos remete suas palavras ao espírito: “ Quem quer que deva engravidar é doente; e quem engravidou é impuro.” O pensamento que se substituiu à criança, deverá, bem evidentemente,

comportar, ao mesmo tempo, o mais desejável e o mais detestável, a fim de poder satisfazer esta necessidade que experimenta Zaratustra, de se perder por suas crianças. O que é efetivamente o caso: seu pensamento comporta simultaneamente a afirmação suprema, o eterno retorno do Super-homem, e a afirmação a mais baixa, o eterno retorno do último homem. Ora, Nietzsche se consagrando sem relaxar à afirmação suprema da vida, seu pensamento ideal lhe diz, ao mesmo tempo, que uma tal afirmação não pode ir sem negação, que o mais baixo está necessariamente contido no mais alto. Este terrível componente negativo é capaz de aterrorizar, no sentido próprio, Zaratustra que, durante sete dias, jaz imóvel, como morto; falta-lhe a mais, lutar com um animal assustador, que simboliza sua própria profundidade, sua própria personalidade sexual. Este é finalmente vencido e Zaratustra corta-lhe a cabeça de seus dentes espessos, quer dizer que ele mata sua própria sexualidade, mata a si mesmo; por este ato, Nietzsche ressuscitou e seu “pensamento vertiginoso” acede à vida mais intensa.

§38- Um caso interessante nos é fornecido pela lenda russa do príncipe Oleg. Foi profetizado a ele que seu cavalo favorito seria causa de sua morte. A fim de conjurar este perigo, Oleg se desfez de seu cavalo, e o confiou aos cuidados vigilantes de seus servidores. Algum tempo mais tarde ele sabe que seu cavalo morreu. Ele se prostra ao pé da tumba, gemendo e maldizendo o falso profeta. Neste momento, uma serpente surge do crânio do animal e de sua mordida fatal, sucumbe o herói. O cavalo, aqui, representa a sexualidade de Oleg: ela perece, e com ela, Oleg, que sucumbe vítima de seu próprio desejo sexual (a serpente).

§39- A destruição, neste caso, não desemboca em nada de outro, não engendra, como no caso de Nietzsche, a criação, bem ao contrário, é o objeto o mais querido, o animal sexual dispensador de vida, que se revela ser uma fonte de morte. É surpreendente perceber quantas vezes os autores apaixonados morrem voluntários em suas obras. Tomemos por exemplo o Romeu e Julieta de Shakespeare: o tema do amor nascente entre dois jovens onde os pais são mortalmente inimigos é em si já revelador. De um certo ponto de vista, com efeito, a raiva e o amor são dois fenômenos equivalentes, e podem todos os dois impulsionar qualquer um aos mesmos atos. A raiva,

relativamente à consciência atual, relativamente à realização, é o negativo do amor. Mas na medida mesmo onde ela se opõe ao aniquilamento, pela sua realização, dos conteúdos de representação, ela conserva, no inconsciente da pessoa que ela habita, representações amorosas extremamente vivazes. Se uma libido normalmente dominada só comporta fracas representações de destruição, se exprimindo sob a forma de implicâncias, de pequenos golpes (justificando o provérbio: “quem ama, implica”), a violenta paixão de um sádico, ao contrário, se exprimirá em cenas assustadoras, podendo mesmo levar até a morte sexual. Da mesma maneira, se a supressão dos obstáculos que bloqueiam as representações libidinais positivas podem transformar uma ligeira antipatia em uma não menos ligeira inclinação, a liberação de representações onde uma raiva violenta impedia até então a realização pode desembocar em uma ardente paixão. Uma tal paixão é necessariamente destrutiva, porque, muito potente, ela deixa o indivíduo indiferente à sua própria existência. Este é o objeto da peça de Shakespeare: seus heróis são possuídos de um tal amor, que eles não podem ter uma satisfação parcial de sua libido, como requereria uma união amorosa normal. Eles acumulam as dificuldades, a fim de extravasar sua sede de destruição, mas nenhum obstáculo é suficiente à sua paixão, que só pode ser apaziguada pela destruição total, pela morte do indivíduo. Assim como uma fixação demasiadamente forte da libido sobre os pais impede toda transferência posterior sobre o mundo exterior, este só podendo substituir inadequadamente este primeiro objeto, da mesma forma a libido, insatisfeita, retorna sobre os pais: vemos agora aparecer os fantasmas incestuosos, dirigidos contra a realidade, ou então sintomas fantasmáticos mais sublimados, sob a forma, por exemplo, de um culto da natureza, ou sintomas religiosos. Paralelamente, a necessidade de destruição inerente à pulsão sexual, não estando satisfeita, se intensifica e dá, ela também, lugar aos fantasmas de morte, mais ou menos concretos, mais ou menos sublimados. De qualquer modo, a representação de morte que é ligada ao desejo incestuoso não significa: “Eu morro antes de cometer tal pecado”; Aqui “Eu estou morto” equivale a “Eu retorno, assim como o desejei, em meu criador, eu me abismo nele”. No amor incestuoso, menos nitidamente diferenciado, o caráter muito fortemente marcado do desejo de destruição só faz refletir a potência do desejo de vida. Os numerosos sonhos e mitos nos

quais os indivíduos se põem a fazer crianças pelos seus parentes mais próximos, e que exprimem, então, fantasmas de vida, testemunham suficientemente que não é a idéia de incesto enquanto tal que suscita as representações de morte. Freud, mostrando que todo sonho significa, ao mesmo tempo, seu contrário, reencontra, no presente, esta noção, de uma “ambivalência das palavras primitivas” no domínio da lingüística. O conceito mesmo de ambivalência que utiliza Bleuler, da mesma forma que aquele da bipolaridade, de Stekel, significa que uma impulsão positiva é sempre duplicada por uma impulsão negativa, e, segundo Jung, se nós não sentimos alguma, nem positiva, nem negativa, é que as duas se compensam exatamente; de qualquer modo é suficiente que uma das duas sobrepuje, por pouco que seja, a outra, para que nos pareça a experimentar exclusivamente. Esta teoria nos oferece uma explicação notável da ocultação da pulsão de morte pela pulsão sexual: em tempos normais, as representações de vida são ligeiramente predominantes pelo simples fato de que a vida é o resultado da morte, que ela é condicionada por esta, e que é mais fácil de se satisfazer dos efeitos, felizes, de que ir buscar as causas. No entanto, precisa de pouco, particularmente nas crianças e nas pessoas emotivas, para que as representações de destruição tomem vantagem. Nos casos da neurose, é assim o componente destrutivo que vence e que se exprime por todos os sintomas de resistência à vida e ao destino natural.

Recapitulação

§40- Todo conteúdo psíquico que aparece na consciência é o produto de uma diferenciação, efetuada a partir de outros conteúdos mais antigos. Este conteúdo está, agora, adaptado ao presente, e recebe uma tinta específica, que o caracteriza por si na sua relação com o Eu. Está, portanto, aí uma tendência à diferenciação que se manifesta em nós. Mas, logo que nós empreendemos tornar acessível aos outros um tal conteúdo, o qual até o presente somente nós tínhamos acesso, nós o submetemos a uma operação inversa de indiferenciação: nós tiramos dele todo o caráter específico individual, para exprimir sob sua forma geral, valendo para toda a espécie, a forma simbólica. Dessa forma nós obedecemos a uma segunda tendência em nós, oposta à primeira, uma tendência à

assimilação e à dissolução. É através desse trabalho de assimilação que uma unidade valendo pelo “Eu” pode devir uma unidade valendo pelo “Nós”. A dissolução e assimilação de uma experiência individual, sob a forma de uma obra de arte, de um sonho ou de uma formação patológica, de fato uma experiência vivida por toda a espécie, faz do “Eu” um “Nós”. Um sentimento de prazer ou desprazer só pode aparecer em função da instauração ou da desapareção da relação ao Eu. Uma vez que a nossa experiência individual é transformada em uma experiência comum a toda espécie, nós só a consideraremos enquanto espectadores, que só são tocados pela representação na medida em que ela lhes oferece uma possibilidade de identificação. É esta atitude de espectador que caracteriza os casos de *dementia praecox*, e que, mais geralmente é de todo sonhador. A tendência à diferenciação, à qual se junta a força de inércia pela qual as partículas diferenciadas do Eu, ou bem todo o Eu inteiro, tendem a persistir neste estado de cristalização depende da pulsão de auto-conservação. A pulsão de conservação da espécie, por sua parte, sendo um pulsão de procriação, é a ela que reenvia a tendência psíquica à dissolução e à assimilação (transformação do Eu em Nós) do novo processo de diferenciação que nascerá deste retorno à “matéria originária”. Assim que reina o amor, o Eu este obscuro tirano, perece. Para a pessoa que ama, a dissolução do Eu no ser amado representa ao mesmo tempo a suprema afirmação de si, uma nova vida do Eu na pessoa do outro. Mas na ausência do amor, a modificação psíquica e física do indivíduo sob a ação de uma potência exterior, tal como a que comporta o ato sexual, só pode engendrar representações de destruição e morte.

§41- A pulsão de auto-conservação é uma pulsão simples, consistindo de um elemento positivo, enquanto que a pulsão de conservação da espécie, a qual deve destruir o ser antigo, antes de criar o novo, consiste, ao mesmo tempo, em um elemento positivo e um elemento negativo, ela é essencialmente ambivalente; é a razão pela qual é impossível fazer intervir seu componente positivo sem, ao mesmo tempo, também colocar em jogo seu componente negativo e inversamente. A pulsão de auto-conservação é uma pulsão “estática”, na medida em que seu papel consiste em proteger o indivíduo, no seu estado atual, contra toda influência exterior, enquanto que a pulsão de

conservação da espécie é uma pulsão “dinâmica”, que tem por fim a modificação do indivíduo, sua “ressurreição” sob uma nova forma. Ora, nenhuma modificação pode ter lugar sem a destruição do estado anterior.